



MEMÓRIAS DE UMA  
GUEIXA

Arthur Golden



IMAGO

5ª EDIÇÃO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

# MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA

Arthur Golden

Título original: *Memoirs of a Geisha*  
Tradução de Helena Barbas

Idioma: português - PT

Epub: SCS

## Nota introdutória

Uma tarde, na Primavera de 1936, quando eu ainda era um rapaz de catorze anos, o meu pai levou-me a um espetáculo de dança em Quioto. Só me lembro de duas coisas. A primeira, é que ele e eu éramos os únicos ocidentais no público; tínhamos chegado da Holanda, onde morávamos, há apenas umas semanas, por isso ainda não me tinha adaptado ao isolamento cultural, e sofria-o profundamente. A segunda, era que após meses de estudo intensivo da língua japonesa me senti feliz por descobrir que conseguia perceber fragmentos das conversas que ia ouvindo. Quanto às jovens mulheres japonesas a dançar no palco diante de mim, não me lembro de nada sobre elas a não ser de uma vaga impressão de quimonos de cores berrantes. Era certo que não tinha possibilidades de saber que, num tempo e num espaço tão distantes quanto a cidade de Nova Iorque a cerca de cinquenta anos no futuro, uma delas se iria tornar uma minha boa amiga, e ditar-me as suas memórias extraordinárias.

Como historiador, sempre considerei as Memórias como uma fonte de material. As Memórias proporcionam não tanto um registro do memorialista, como do mundo do memorialista. Diferem da biografia pelo fato de que um memorialista nunca consegue atingir a perspectiva que um biógrafo possui como coisa natural. A autobiografia, se de fato existe semelhante coisa, é como pedir a um coelho que nos diga com o que é que ele se parece a saltar pelas ervas do campo. E como é que ele o poderia saber? Por outro lado, se queremos ouvir falar sobre coisas do campo, ninguém estará em melhores circunstâncias para no-las contar - desde que tenhamos em mente que estamos a perder todas aquelas que o coelho não estaria em condições de observar.

Digo isto com a certeza de um acadêmico que fundou a sua carreira em tais distinções. No entanto, devo confessar que as memórias da minha querida amiga Nitta Sayuri me compeliram a repensar as minhas posições. Sim, ela elucida-nos sobre o muito secreto mundo em que viveu - a perspectiva do campo dada pelo coelho, se quiserem. Pode bem não existir um registro melhor da estranha vida de uma gueixa do que aquele que Sayuri nos oferece. Mas ela deixa também igualmente um registro de si própria que é muito mais completo, mais acurado, e mais vigoroso do que o longo capítulo que examina a sua vida no livro *Glittering Jewels of Japan*, ou nos variados artigos que sobre ela apareceram em revistas ao longo dos anos. Parece que, pelo menos no caso deste invulgar tema, ninguém conhecia tão bem a memorialista como ela própria.

Que Sayuri tivesse alcançado a proeminência foi em grande parte um acaso da sorte. Outras mulheres tiveram vidas idênticas. A famosa Kato Yuki - uma gueixa que conquistou o coração de George Morgan, sobrinho de J. Pierpont, e se tornou a sua noiva no exílio durante a primeira década deste século - pode ter vivido uma vida nalguns aspectos ainda mais invulgar que a de Sayuri. Mas só Sayuri documentou tão completamente a sua própria saga. Por muito tempo acreditei que a sua opção para o fazer tinha sido um acidente fortuito. Se ela tivesse ficado no Japão, a sua vida teria sido demasiado cheia para que pudesse considerar a hipótese de compilar as suas memórias. Porém, em 1956, circunstâncias da sua vida levaram Sayuri a emigrar para os Estados Unidos. Durante os restantes quarenta anos residiu nas Torres Waldorf, na cidade de Nova Iorque, onde criou para si uma suíte elegante em estilo japonês no trigésimo segundo andar. Mesmo nessa altura a sua vida continua a um ritmo frenético. Na sua suíte viam-se mais do que uma quantidade normal de artistas, intelectuais, homens de negócios japoneses - até ministros do governo e um gangster ou dois. Eu só a conheci quando um amigo comum nos apresentou em 1985. Enquanto estudioso do Japão, já tinha encontrado o nome de Sayuri, embora não soubesse quase nada sobre ela. A nossa amizade cresceu, e ela passou a confiar em mim cada vez mais. Um dia perguntei-lhe se alguma vez permitiria que a sua história viesse a ser contada.

- Bom, Jakob-san, se fores tu a registrá-la, talvez - disse-me.

Foi assim que começamos o nosso trabalho. Sayuri deixou claro que queria ditar as suas memórias em vez de as escrever ela própria, porque, como explicou, estava tão habituada a falar cara-a-cara que dificilmente saberia como agir sem ninguém na sala para a escutar. Concordei, e o manuscrito foi-me ditado no decurso de dezoito meses. Nunca estive tão consciente do dialeto de Quioto que Sayuri usava - em que as próprias gueixas são chamadas de «geiko», e os quimonos às vezes denominados de «obebe» - senão quando comecei a perguntar-me como poderia transmitir as cambiantes na tradução. Mas logo desde o primeiro momento me senti perdido no mundo dela. Quase sempre nos encontrávamos à noite, à exceção de algumas pequenas ocasiões; devido a um hábito de longos anos, era este o momento em que a mente de Sayuri estava mais desperta. Normalmente preferia trabalhar na sua suíte nas Torres do Waldorf, mas de vez em quando encontrávamo-nos na sala privada de um restaurante japonês em Park Avenue, onde era bem conhecida. Geralmente, as nossas sessões duravam duas a três horas. Embora gravássemos cada sessão, a secretária dela também estava presente para transcrever o que ditava, o que era feito com grande fidelidade. Mas Sayuri nunca falava nem para o gravador nem para a secretária; falava sempre para mim. Quando tinha dúvidas sobre como prosseguir, era eu quem a estimulava. Considerava-me o alicerce sobre o qual se fundava a empresa, e sentia que a história dela nunca teria sido contada se eu não lhe tivesse conquistado a confiança. Agora" vejo que a verdade pode ser outra. Sayuri escolheu-me como seu amanuense, com certeza, mas pode ter estado sempre à espera de que o candidato correto se apresentasse.

O que nos traz à questão principal: porque é que Sayuri queria a sua história contada? As gueixas podem não fazer um voto formal de silêncio, mas a sua existência é predicada pela particular convenção japonesa de que o que ocorre durante a manhã no escritório, e o que acontece durante a noite por detrás de portas cerradas, não têm qualquer relação entre si, e deve sempre ficar compartimentado e separado. As gueixas pura e simplesmente não falam para gravadores sobre as suas experiências. Como as prostitutas, as suas equivalentes de classe baixa, as gueixas estão muitas vezes na posição invulgar de saber se determinada figura pública veste as calças uma perna de cada vez como toda a gente. Provavelmente fica a seu crédito que estas borboletas da noite entendam o seu papel como uma espécie de confiança pública, mas de qualquer modo, uma gueixa que viole essa confiança coloca-se numa posição insustentável. As circunstâncias de Sayuri ao contar a sua história eram invulgares, na medida em que ninguém no Japão tinha já qualquer poder sobre ela. Os seus laços com a terra natal haviam sido cortados. Isto pode dizer-nos, pelo menos em parte, porque não mais se sentia constrangida ao silêncio, mas não nos diz porque é que decidiu falar. Eu temia abordar esta questão com ela; e se, ao examinar os seus próprios escrúpulos sobre o assunto, ela mudasse de idéia? Mesmo depois de o manuscrito estar pronto, senti-me relutante em fazer a pergunta. Só depois de ela ter recebido um avanço por parte do editor é que me senti seguro para interrogar: porque tinha ela querido documentar a sua vida?

- Que mais posso fazer com a minha vida nestes tempos? - respondeu.

Quanto ao fato de as suas motivações serem assim tão simples como esta, deixo a decisão ao leitor. Embora estivesse ansiosa para ter a sua biografia por escrito, Sayuri insistiu em pôr várias condições. Queria que o manuscrito fosse publicado só depois da sua morte, e da morte de vários homens que tinham figurado de modo proeminente na sua vida. O que aconteceu foi que todos a precederam. Um dos grandes cuidados de Sayuri era que ninguém viesse a ficar embaraçado pelas suas revelações. Sempre que possível, deixei os nomes sem os alterar, embora Sayuri tivesse escondido as identidades de alguns homens, até mesmo de mim, usando uma convenção, bastante comum entre as gueixas, que é a de se referirem aos clientes por meio de um epíteto. Quando nos deparamos com personagens como o Sr. Chuveiro-de-Neve - cuja alcunha se auto-sugere, dado ter caspa -, o leitor que pense que Sayuri esteja apenas a tentar divertir-nos, pode ter compreendido mal a verdadeira intenção dela.

Quando pedi permissão a Sayuri para usar o gravador, tencionava servir-me dele apenas como uma segurança contra quaisquer possíveis erros de transcrição por parte da sua secretária. Porém, desde a morte dela no ano passado, tenho-me perguntado se não teria também um outro motivo - nomeadamente, preservar-lhe o som da voz, que tinha uma expressividade como raro encontrei. Habitualmente falava num tom suave, como se pode esperar de uma mulher que fez carreira a entreter homens. Mas quando queria dar vida à cena e trazê-la diante de mim, a voz dela podia fazer-me pensar que estavam ali na sala umas seis ou oito pessoas. As vezes ainda ouço as fitas à noite no meu escritório e descubro que é muito difícil acreditar que já não esteja viva.

Jakob Haarhuis  
Professor de História japonesa  
na Arnold Rusoff Universidade de Nova Iorque.

## Memórias de uma gueixa

Imagine que estávamos os dois sentados numa sala silenciosa com vista para um jardim, a conversar e bebericar das nossas taças de chá verde enquanto falávamos de algo que tinha acontecido há muito tempo, e eu lhe dizia: «Naquela tarde quando encontrei fulano... foi a melhor tarde da minha vida, e também a pior.» Calculo que pousaria a sua chávena para dizer: «Bom, então foi o quê? A melhor ou a pior? Porque é impossível que tenha sido as duas coisas!» Normalmente, ter-me-ia rido de mim e concordado consigo. Mas a verdade é que a tarde em que conheci o Sr. Tanaka Ichiro foi de fato a melhor e a pior da minha vida. Achava-o tão fascinante, que até o cheiro a peixe nas mãos dele me parecia uma espécie de perfume. Se nunca o tivesse conhecido, tenho a certeza de que nunca me teria tornado numa gueixa.

Eu não nasci nem fui criada para ser uma gueixa de Quioto. Nem sequer tinha nascido em Quioto. Sou filha de um pescador de uma pequena cidade chamada Yoroido no Mar do Japão. Em toda a minha vida podem contar-se pelos dedos de uma mão as pessoas a quem alguma vez falei de Yoroido, ou da casa em que cresci, ou sobre a minha mãe e o meu pai, ou a minha irmã mais velha - e de certeza que nunca sobre a maneira como me tornei uma gueixa, ou o sobre o que era ser uma gueixa. A maior parte das pessoas preferiria continuar a alimentar as suas fantasias de que a minha mãe e a minha avó teriam sido gueixas, e de que eu começara o meu treino na dança assim que desmamada, e por aí fora. De fato, um dia, há muitos anos, estava a deitar saquê numa taça para um homem que, por acaso, mencionou que tinha estado em Yoroido apenas na semana anterior. Bom, senti-me como se deve sentir um pássaro quando voou a atravessar o oceano e encontra uma criatura que lhe conhece o ninho. Fiquei tão chocada que não consegui impedir-me de dizer:

- Yoroido! Curioso, foi aí que cresci!

O pobre homem! A cara dele passou pela mais notável série de transformações. Fez o seu melhor esforço para sorrir, embora não lhe tivesse saído bem porque não conseguia apagar da cara a expressão de choque.

- Yoroido? - disse ele. - Não pode ser.

Há muito que, com a prática, eu desenvolvera um sorriso a que chamo o meu «sorriso Nô», porque se assemelha a uma máscara de Nô, de expressão gelada. Tem a vantagem de os homens o poderem interpretar como quiserem; nem imaginam quantas vezes confiei nele. Decidi que o melhor era usá-lo exatamente naquela altura, e claro que funcionou. Ele expirou todo o ar e emborcou a taça de saquê que eu lhe havia enchido antes de dar uma estrondosa gargalhada, que tenho a certeza foi suscitada mais por alívio do que por qualquer outra coisa.

- Mas que idéia! - disse, com outra enorme gargalhada. - Tu a cresceres numa pocilga como Yoroido. É como fazer chá num balde! - E depois de se ter rido outra vez, disse-me: - É por isso que és tão divertida, Sayuri-san. Às vezes quase me fazes acreditar que as tuas gracinhas são verdade.

Não gosto muito de pensar em mim como uma chávena de chá feita num balde, mas acho que, de uma certa maneira, pode ser verdade. Apesar de tudo, cresci mesmo em Yoroido, e ninguém poderia dizer que se trata de um lugar encantador. Aliás, muito dificilmente alguém o visitaria. Quanto às pessoas que lá vivem, nunca têm a oportunidade de partir. Provavelmente estão a pensar como é que eu própria consegui vir-me embora. E aí que começa a minha história.

Em Yoroido, na nossa pequena aldeia de pescadores, eu vivia no que costumava chamar de uma «casinha bêbada». Erguia-se junto a um rochedo onde o vento do mar soprava sempre. Enquanto criança, achava que era como se o mar tivesse apanhado uma tremenda constipação, porque estava sempre com um respirar de asmático e havia momentos em que soltava um enorme espirro - o que quer dizer que



havia uma rajada de vento que lançava tremendas borrifadelas. Convenci-me de que, de vez em quando, a nossa casinha se deveria sentir ofendida pelo mar a espirrar-lhe na cara, e resolvia inclinar-se para trás porque se queria desviar. Provavelmente ter-se-ia desmoronado se o meu pai não tivesse cortado uma prancha de um barco de pesca naufragado para escorar as caleiras, o que fazia a casa parecer um velhote embriagado apoiando-se na sua muleta.

Dentro desta casa bêbada eu vivia uma espécie de vida lateral. Porque desde os meus primeiros anos que era muito parecida com a minha mãe, e nada como o meu pai ou a minha irmã mais velha. A minha mãe dizia que era porque tínhamos sido feitas iguais, ela e eu - e era verdade, tínhamos ambas um mesmo tipo estranho de olhos de uma espécie que quase nunca se encontra no Japão. Em vez de serem castanho escuros como os de toda a gente, os olhos da minha mãe eram de um cinzento translúcido, e os meus exatamente iguais. Quando era muito nova, disse à minha mãe que achava que alguém tinha feito um buraco nos olhos dela e a tinta havia escorrido toda, ao que ela achou muita graça. Os adivinhos diziam que os olhos dela eram assim tão pálidos por ter demasiada água na sua personalidade, tanta que os outros quatro elementos estavam praticamente ausentes - e era por causa disto, explicavam eles, que as características dela eram tão pouco harmoniosas. As pessoas da aldeia diziam muitas vezes que poderia ter sido muito atraente, porque os pais dela o eram. Bom, um pêsego tem um ótimo sabor, e um cogumelo também, mas não podemos misturar os dois; foi esta a partida que a natureza lhe pregou. Tinha a boca proeminente da mãe mas o maxilar anguloso do pai, o que dava a impressão de um retrato delicado com uma moldura demasiado pesada. E os seus belos olhos cinzentos estavam cercados de espessas pestanas que deveriam ter sido espantosas no pai mas, no caso dela davam apenas a impressão de estar constantemente espantada.

A minha mãe dizia sempre que tinha casado com o meu pai porque ela tinha demasiada água na sua personalidade, e ele tinha demasiada madeira na dele. As pessoas que conheciam o meu pai entendiam logo de que é que ela estava a falar. A água escorre rapidamente de um lugar para o outro e encontra sempre uma brecha através da qual passar. Por outro lado, a madeira agarra-se com força à terra. No caso do meu pai isto era uma coisa boa, porque era pescador, e um homem com madeira na sua personalidade está à vontade no mar. De fato, o meu pai estava mais à vontade no mar do que em qualquer outro sítio, e nunca o deixava muito longe de si. Cheirava como o mar mesmo depois de ter tomado banho. Quando não estava a pescar, sentava-se no chão na nossa escura sala da frente a remendar as redes de pesca. E se a rede de pesca fosse um animal a dormir, ele nem sequer o teria acordado, dado a lentidão com que trabalhava. Fazia tudo assim, vagarosamente. Mesmo quando ensaiava um olhar de concentração, era possível sair a correr e esvaziar a banheira durante o tempo em que ele demorava a reorganizar as feições. Tinha a cara muito carregada de rugas, e em cada ruga havia guardado uma ou outra preocupação, de modo que já não era mais de fato a cara dele, mas antes uma árvore que tivesse ninhos de pássaros em todos os ramos. Precisava de lutar constantemente para a gerir, e parecia ficar sempre estafado com o esforço.

Quando eu tinha seis ou sete anos, descobri uma coisa sobre o meu pai que nunca soubera. Um dia perguntei-lhe: «Paizinho, porque és assim tão velho?». Ele ergueu as sobranceiras à pergunta, de maneira a formarem uma espécie de guarda-chuva velho por cima dos olhos e deixou sair um longo suspiro. Abanou a cabeça e disse: «Não sei.» Quando me virei para a minha mãe ela lançou-me um olhar a querer dizer que me responderia à pergunta noutra altura. No dia seguinte, sem uma palavra, levou-me pelo monte abaixo em direção à aldeia e virou por um caminho adentro de um cemitério no bosque. Conduziu-me junto de três campas, num canto, com três postes de marcação brancos muito mais altos do que eu. Estavam escritos de cima a baixo com caracteres de aspecto severo, mas eu ainda não tinha ido à escola da nossa pequena aldeia o tempo suficiente para perceber onde é que um começava e acabava o outro. A minha mãe apontou para eles e leu: «Natsu, mulher de Sakamoto Minoru.» Sakamoto Minoru era o nome

do meu pai. «Morta com a idade de vinte e quatro anos, no décimo nono ano de Meiji.» Depois apontou para o seguinte, que era idêntico a não ser pelo nome, Masao, e a idade, que era três anos. Levei algum tempo a compreender que o meu pai já tinha sido casado antes, há muito tempo, e que toda a sua família havia morrido. Regressei àquelas campas não muito depois e descobri enquanto ali estava que a tristeza era uma coisa muito pesada. O meu corpo ficou a pesar o dobro do que pesara apenas um momento antes, como se aquelas campas me puxassem para baixo, para si.

Com toda aquela água e toda aquela madeira, os dois deveriam ter conseguido um bom equilíbrio e produzido filhos com uma distribuição adequada dos elementos. Tenho a certeza de que foi uma surpresa para eles terem acabado com um exemplar de cada. Porque não era apenas o fato de eu me parecer com a minha mãe e ainda de lhe ter herdado os olhos; a minha irmã, Satsu, era o mais parecida com o meu pai que alguém pudesse ser. Satsu era seis anos mais velha do que eu, e claro que, sendo a mais velha, podia fazer coisas que eu ainda não podia. Mas Satsu tinha uma admirável capacidade de fazer tudo de uma maneira que parecia ser um mero acidente. Por exemplo, se lhe pedisse para encher uma taça de uma panela sobre o fogão, ela levava o trabalho a cabo, mas de um modo que parecia que tinha entornado o conteúdo na taça por mera sorte. Uma vez até se cortou com um peixe, e não quero dizer com uma faca que estivesse a usar para limpar um peixe. Ela trazia um peixe embrulhado em papel, vinha da aldeia monte acima quando escorregou e caiu com o peixe de encontro à perna de tal maneira que lhe fez um corte com uma das barbatanas.

Os nossos pais poderiam ter tido outros filhos além de Satsu e eu, particularmente dado que o meu pai sonhava ter um rapaz para levar à pesca consigo. Mas quando eu tinha sete anos a minha mãe ficou muitíssimo doente com o que provavelmente seria cancro dos ossos, embora na altura eu não fizesse qualquer idéia de que é que ela sofria. A sua única fuga ao desconforto era dormir, o que começou a fazer da mesma maneira que um gato - o que quer dizer mais ou menos constantemente. À medida que os meses iam passando, ela ia dormindo a maior parte do tempo, e em breve começou a resmungar sempre que a acordavam. Eu sabia que havia qualquer coisa nela que estava a mudar rapidamente, mas dado que tinha tanta água na sua personalidade, isto não me parecia digno de preocupação. As vezes ficava magra em poucos meses, mas depois ficava forte à mesma velocidade. Pela altura em que eu tinha nove anos, os ossos na cara dela começaram a ficar salientes, e depois disso nunca mais conseguiu voltar a engordar. Não me apercebi de que a água estava a escorrer dela por causa da doença. Tal como as algas, naturalmente empapadas em água, se tornam quebradiças quando secam, a minha mãe estava a perder cada vez mais a sua essência.

Depois, uma tarde, estava eu sentada no chão picado da nossa escura sala da frente, a cantar para um grilo que tinha encontrado nessa manhã, quando uma voz me chamou à porta.

- Olá, abre. É o Dr. Miura!

O Dr. Miura vinha à nossa aldeia de pescadores uma vez por semana, e tinha feito questão de subir o monte para ver a minha mãe desde que a doença dela se tinha declarado. O meu pai estava em casa nesse dia porque se aproximava uma tremenda tempestade. Sentava-se no seu lugar habitual no chão, com as duas mãos a parecerem aranhas embaraçadas numa rede de pesca. Ainda levou um bocado até apontar os olhos para mim e erguer um dos dedos. Isto significava que queria que eu fosse abrir a porta.

Dr. Miura era um homem muito importante - ou assim acreditávamos na nossa aldeia. Tinha estudado em Tóquio e constava que sabia mais caracteres chineses que outra pessoa qualquer. Era demasiado orgulhoso para dar atenção a uma criatura como eu. Quando lhe abri a porta principal, descalçou os sapatos e passou para dentro da casa sem me ver.

- Oh, Sakamoto-san - disse a meu pai. - Como eu gostava de ter a sua vida, lá fora no mar a

pescar o dia inteiro. Que glorioso! E depois, nos dias violentos, descansar. Vejo que a sua mulher ainda está a dormir - continuou. - Que pena. Achei que a podia examinar.

- Oh? - disse o meu pai.

- Não vou estar cá na próxima semana, sabe. Talvez pudesse acordá-la para eu a ver?

Meu pai demorou um bocado a desembaraçar as mãos da rede, mas por fim lá se levantou.

- Chiyo-chan - disse-me -, traz ao doutor uma taça de chá.

O meu nome então era Chiyo. Eu só viria a ser conhecida pelo meu nome de gueixa, Sayuri, anos mais tarde.

Meu pai e o médico entraram no outro quarto onde a minha mãe estava a dormir. Tentei escutar à porta, mas só conseguia ouvir a minha mãe a gemer, e nada do que eles diziam. Ocupei-me a fazer o chá, e em seguida o médico saiu a esfregar as mãos uma na outra e com um olhar muito severo. O meu pai veio reunir-se a ele e sentaram-se juntos à mesa no centro da sala.

- Chegou a hora de lhe dizer uma coisa, Sakamoto-san - começou o Dr. Miura. - Vai ter que falar com uma das mulheres da aldeia, talvez a Sra. Sugi. Peça-lhe para fazer um belo vestido novo para a sua mulher.

- Não tenho dinheiro para isso, doutor - disse o meu pai. - Ficamos todos mais pobres ultimamente.

- Compreendo o que quer dizer. Mas deve isso à sua mulher. Ela não devia morrer dentro daquele vestido velho que tem usado.

- Então ela vai morrer em breve?

- Talvez mais algumas semanas. Tem dores terríveis. A morte liberta-la-a.

Depois disto, já não consegui ouvir mais as vozes deles; porque os meus ouvidos foram inundados por um som como as asas dos pássaros a baterem em pânico. Talvez fosse o meu coração, não sei. Mas se alguma vez viram um pássaro apanhado dentro da grande sala de um templo, a tentar encontrar uma saída, bom, era assim que a minha mente estava a reagir. Nunca me tinha ocorrido que a minha mãe não continuasse simplesmente a manter-se doente. Não quer dizer que nunca tivesse pensado no que poderia acontecer se ela morresse; pensava de fato nisso, da mesma maneira que pensava no que poderia acontecer se a nossa casa fosse engolida num terremoto. Dificilmente poderia continuar a haver vida depois de tal acontecimento.

- Pensei que eu iria morrer primeiro - ia dizendo o meu pai.

- É um homem velho, Sakamoto-san. Mas a sua saúde é boa. Pode ter ainda uns quatro ou cinco anos. Vou deixar-lhe mais alguns desses comprimidos para a sua mulher. Pode dar-lhe dois de cada vez, se for preciso.

Falaram sobre os comprimidos mais um pedaço, e depois o Dr. Miura saiu. O meu pai continuou sentado em silêncio durante um grande bocado, de costas para mim. Não usava camisa, mas apenas a pele larga e pendurada; quanto mais olhava para ele, tanto mais me parecia uma coleção curiosa de amostras e texturas. A espinha dele era um caminho de nós. A cabeça, com as nódoas descoloridas, poderia ter sido um fruto tocado. Os braços eram paus embrulhados em couro antigo, pendurado de dois altos. Se a minha mãe morresse, como é que eu poderia continuar a viver na casa com ele? Não queria ser afastada dele; mas quer ele estivesse ali ou não, a casa iria ficar sempre igualmente vazia quando a minha mãe a deixasse. Por fim o meu pai disse o meu nome num murmúrio. Aproximei-me e ajoelhei-me junto a ele.

- Uma coisa muito importante - disse ele.

Tinha a cara muito mais pesada do que era costume, com os olhos a rolar em volta quase como se lhes tivesse perdido o controle. Pensei que estava a lutar para me dizer que a minha mãe ia morrer em breve, mas tudo o que lhe saiu foi:

- Vai à aldeia. Traz incenso para o altar.

O nosso pequeno altar budista descansava numa velha armação ao lado da entrada para a cozinha; era a única coisa de valor na nossa casinha bêbada. Diante de uma tosca escultura de Amida, o Buda do Paraíso do Ocidente, estavam pequenas tabuinhas mortuárias com os nomes budistas dos nossos antepassados já falecidos.

- Mas, pai... não havia outra coisa?

Esperava que ele respondesse, mas só fez um gesto com a mão a significar que eu devia partir. O caminho da nossa casa seguia a aresta dos rochedos do mar antes de virar terra adentro em direção à aldeia. Fazê-lo num dia como aquele era difícil, mas lembro-me de me sentir grata por o vento feroz me desviar a mente das coisas que me preocupavam. O mar estava violento, com ondas como pedras lascadas em lâminas, suficientemente afiadas para cortar. Parecia-me que o próprio mundo se sentia como eu me estava a sentir. Não seria a vida mais do que uma tempestade que constantemente destruía aquilo que estivera ali apenas um momento antes, e deixasse para trás qualquer coisa de estéril e irreconhecível? Nunca tivera um pensamento destes antes. Para fugir dele, corri pelo caminho fora até que a aldeia ficou à vista diante de mim. Yoroido era uma pequena vila, mesmo na abertura de uma enseada. Normalmente a água estava semeada de pescadores, mas hoje podiam ver-se apenas alguns barcos a regressar - parecendo-me, como sempre achava, como insetos da água a dar pontapés na superfície. A tempestade chegava agora aplicada; podia ouvir-lhe o rugir. Os pescadores na baía começaram a acalmar-se enquanto se desvaneciam dentro da cortina de chuva, e depois desapareceram completamente. Podia ver a tempestade a subir a encosta em direção a mim. As primeiras gotas feriram-me como ovos de codorniz, e em poucos segundos estava tão molhada como se tivesse caído ao mar.

Yoroido tinha apenas uma estrada, levando a direito até à porta principal da Companhia de Pesca Costeira japonesa; estava traçada por um número de casas cujas salas da frente eram usadas como lojas. Corri através da rua em direção à casa Okada, onde se vendiam produtos secos; mas então algo me aconteceu - uma dessas coisas triviais com enormes consequências, como perder o pé e cair diante de um comboio. A estrada de terra batida ficara escorregadia com a chuva, e os meus pés tropeçaram. Caí para a frente sobre um lado da cara. Penso que me devo ter aleijado até ficar meio atordoada, porque só me lembro de uma espécie de dormência e da sensação de ter qualquer coisa na minha boca que me apetecia cuspir. Ouvi vozes e senti que me viravam de costas; pegaram-me ao colo e levaram-me. Podia dizer que me estavam a levar para Companhia de Pesca Costeira japonesa, porque senti o cheiro do peixe a embrulhar-se em torno de mim. Ouvi um som de palmadas, enquanto empurravam um cesto de peixe de uma das bancadas de madeira para o chão e me pousaram na sua superfície escorregadia. Sabia que estava molhada da chuva, e também ensanguentada, que estava descalça e suja, e vestia roupa de camponesa. O que eu não sabia era que este era o momento em que tudo ia mudar. Porque foi nestes preparos que dei comigo a olhar para a cara do Sr. Tanaka Ihhiro.

Já tinha visto o Sr. Tanaka na nossa aldeia muitas vezes antes. Vivia numa vila muito maior ali perto, mas vinha todos os dias, porque a sua família era proprietária da Companhia de Pesca Costeira japonesa. Não usava roupa de camponês como os pescadores, mas antes um quimono masculino, com calças de quimono que a mim o faziam parecer igual às ilustrações que podem ter visto dos samurais. A pele era macia e esticada como a de um tambor; os maxilares eram como outeiros brilhantes, como a pele

estaladiça de um peixe grelhado. Sempre o achara fascinante. Quando estava na rua a jogar ao saco de feijões com as outras crianças e acontecia que o Sr. Tanaka saísse a passear da Companhia de Pesca, parava sempre o que estava a fazer para o observar.

Eu estava ali deitada naquela bancada escorregadia enquanto o Sr. Tanaka me observava o lábio puxando-o para baixo com os seus dedos, e tocando-me na cabeça aqui e ali. Logo de imediato reparou nos meus olhos cinzentos, que lhe estavam fixados na cara com tanta fascinação que eu nem conseguia fingir que não tinha estado a olhar esbugalhada para ele. Não me fez um sorriso escarninho, como a dizer que eu era uma rapariga insolente, e não desviou os olhos como se não fizesse qualquer diferença o sítio para onde eu olhava, ou o que é que eu pensava. Ficamos a olhar fixamente um para o outro durante um longo bocado - tão longo que me deu um arrepio mesmo ali no ar quente e úmido da Companhia de Pescas.

- Eu conheço-te - disse ele por fim. - Tu és a rapariguinha do velho Sakamoto.

Mesmo sendo criança podia dizer que o Sr. Tanaka via o mundo à volta dele como era realmente; nunca tinha o olhar ensombrado como o meu pai. Para mim, ele parecia ver a resina a sangrar dos troncos dos pinheiros, e o círculo de brilho no céu onde o Sol ficava sufocado pelas nuvens. Vivia no mundo que era visível, mesmo que nem sempre lhe agradasse estar nele. Eu sabia que reparava nas árvores, e na lama, e nas crianças na rua, mas não tinha qualquer motivo para acreditar que alguma vez tivesse reparado em mim. Talvez tenha sido por isto que quando me falou, as lágrimas me chegaram picantes aos olhos. O Sr. Tanaka colocou-me na posição de sentada. Pensei que ele me ia dizer para me ir embora, mas em vez disso disse:

- Não engulas esse sangue, menina. A não ser que queiras fazer uma pedra no teu estômago. Eu se fosse a ti cuspi-o para o chão.

- Sangue de uma rapariga, Sr. Tanaka? - disse um dos homens. - Aqui, para onde trazemos o peixe? Sabem que os pescadores são terrivelmente supersticiosos. Não gostam especialmente que as mulheres tenham alguma coisa a ver com a pesca. Um homem da nossa aldeia, o Sr. Yamamura, numa manhã, descobriu a filha a brincar-lhe no barco. Bateu-lhe com um pau, e depois lavou o barco com saquê e lixívia tão forte que fez desbotar tiras da tinta da madeira. Mesmo assim, isto não foi o suficiente, e o Sr. Yamamura fez com que o padre Shinto viesse e o benzesse. Tudo isto porque a filha não tinha feito mais do que brincar onde os peixes eram apanhados. E aqui o Sr. Tanaka estava a sugerir que eu cuspi sangue para o chão da sala em que os peixes eram amanhados.

- Se tens medo que o cuspe dela possa lavar algumas das tripas do peixe - disse o Sr. Tanaka - leva-as para casa contigo. Tenho ali muitas mais.

- Não é por causa das tripas do peixe, senhor.

- Eu diria que o sangue dela é a coisa mais limpa que tocou este chão desde que tu ou eu nascemos. Vá lá - disse o Sr. Tanaka, desta vez a falar para mim. - Cospe lá isso.

Ali estava eu sentada na mesa escorregadia, incerta quanto ao que fazer. Pensei que seria terrível desobedecer ao Sr. Tanaka, mas não tenho a certeza se teria encontrado a coragem para cuspir se um dos homens não se tivesse inclinado para o lado e pressionasse a narina com um dedo para se assoar para o chão. Depois de ver isto, não era capaz de conservar nada na boca nem mais um momento, e cuspi o sangue tal como o Sr. Tanaka me tinha dito para fazer. Todos os homens se afastaram enojados, exceto o assistente do Sr. Tanaka, chamado Sugi. O Sr. Tanaka disse-lhe para ir chamar o Dr. Miura.

- Não sei onde o encontrar - disse Sugi, embora o que ele de fato queria dizer, penso eu, era que não estava muito interessado em ajudar.

Eu disse ao Sr. Tanaka que o médico tinha estado na nossa casa há uns minutos.

- Onde é a tua casa? - perguntou-me o Sr. Tanaka.

- É uma casinha bêbada pequenina ali no cimo dos rochedos.

- O que é que queres dizer com... casinha bêbada?

- É a casa que está inclinada de lado, como se tivesse bebido de mais.

O Sr. Tanaka parecia não saber o que fazer com isto.

- Bom, Sugi, vais subir até à casa bêbada do Sakamoto e procurar pelo Dr. Miura. Não vais ter dificuldade em encontrá-lo. Basta-te ficar à escuta dos gritos dos doentes enquanto ele os examina.

Eu achava que o Sr. Tanaka iria voltar ao seu trabalho assim que Sugi saísse; mas em vez disso ficou de pé junto à bancada muito tempo a olhar para mim. Senti a cara começar a arder. Por fim ele disse uma coisa que eu achei que era muito inteligente.

- Tens uma berinjela a nascer-te na cara, filhinha de Sakamoto.

Foi até uma gaveta e tirou um pequeno espelho para mo mostrar. Tinha o lábio inchado e azul tal como ele dissera.

- Mas o que eu quero mesmo saber - continuou - é como é que conseguiste arranjar uns olhos tão extraordinários, e porque é que não és mais parecida com o teu pai?

- Os olhos são da minha mãe - disse eu. - Mas o meu pai, ele está tão enrugado que nunca soube bem como é que ele é.

- Tu também terás rugas um dia.

- Mas algumas das rugas dele são da maneira que ele é feito - disse eu. - A parte de trás da cabeça dele é tão velha como a parte da frente, mas é macia como um ovo.

- Isso não é uma coisa respeitosa para se dizer de um pai - falou-me o Sr. Tanaka. - Mas calculo que seja verdade.

Depois disse uma coisa que fez a minha cara ficar corada, tão vermelha, que tenho a certeza que os lábios me pareciam pálidos.

- Então como é que um homem velho e enrugado com uma cabeça de ovo é pai de uma rapariga tão bela como tu?

Nos anos posteriores a isto, tenho sido chamada de bela mais vezes do que consigo recordar. Embora, claro, as gueixas sejam sempre chamadas de belas, mesmo as que não o são. Mas quando o Sr. Tanaka me disse, antes ainda de ter ouvido o que quer que fosse sobre as gueixas, quase conseguia acreditar que era verdade.

Depois de o Dr. Miura me ter tratado do lábio, e de eu ter o incenso que o meu pai me tinha mandado comprar, caminhei até casa num tal estado de agitação, que não acho que pudesse haver mais atividade dentro de mim se eu fosse um formigueiro. Teria sido tarefa fácil se as minhas emoções estivessem a puxar todas na mesma direção, mas não era assim tão simples. Teria sido assoprada por ali como um pedaço de papel a voar ao vento. Algures, por entre os vários pensamentos sobre a minha mãe - algures para lá do incômodo que me causava o lábio - aninhava-se um pensamento agradável a que tentava fixar-me vez após vez. Era sobre o Sr. Tanaka. Parei nos rochedos e fiquei a olhar para o mar, onde as ondas mesmo depois da tempestade estavam ainda como pedras afiadas, e o céu tinha adquirido a cor castanha da lama. Assegurei-me de que ninguém me estava a observar, e depois agarrei com força o incenso de encontro ao peito e disse o nome do Sr. Tanaka ao vento que assobiava, vezes sem conta, até

que me senti satisfeita por ter ouvido a música de cada sílaba. Sei que parece tolo da minha parte - e de certo que seria. Mas eu era apenas uma rapariguinha confusa.

Depois de termos acabado de jantar e de o meu pai ter ido até à aldeia para ver os outros pescadores a jogar xadrez japonês, Satsu e eu limpamos a cozinha em silêncio. Tentei recordar-me de como o Sr. Tanaka me tinha feito sentir, mas no silêncio frio da casa tinha fugido de mim. Em vez disso, sentia um terror gelado, persistente, ao pensar na doença da minha mãe. Dei comigo a imaginar quanto tempo faltaria até ela ser enterrada no cemitério da aldeia junto com a outra família do meu pai. O que seria de mim depois disso? Com a minha mãe morta, Satsu tomaria o lugar dela, achava eu. Observava a minha irmã a esfregar a panela de ferro em que cozinhará a nossa sopa; mas embora estivesse ali mesmo diante dela - mesmo tendo ela os olhos fixados na coisa - eu podia dizer que ela não a estava a ver. Continuou a esfregá-la muito depois de já estar limpa. Por fim disse-lhe:

- Satsu-san, eu não me sinto bem.

- Vai até lá fora e aquece o banho - disse-me, e afastou dos olhos o cabelo desordenado com uma das mãos molhadas.

- Não quero tomar banho - disse. - Satsu, a mãezinha vai morrer...

- Esta panela está rachada. Olha!

- Não está rachada - disse eu. - Essa risca esteve sempre aí.

- Mas como é que a água saiu agora mesmo?

- Tu salpicaste-a para fora. Eu estava a ver-te.

Por um momento poderia dizer que Satsu estava a sentir alguma coisa de maneira muito forte, o que se traduzia na cara dela como uma expressão de confusão extrema, tal como acontecia com muitos dos seus sentimentos. Mas não me disse nada mais. Pegou apenas na panela, tirou-a do fogão, e saiu para a deitar fora.

Na manhã seguinte, para desviar a minha cabeça dos meus problemas, fui nadar num lago ali dentro da terra no meio de um pinhal mesmo junto da nossa casa. As crianças da aldeia iam até lá quase todas as manhãs quando o tempo estava bom. Satsu também vinha às vezes, usando um fato de banho que arranhava, que ela fizera com roupas velhas de pescar do pai. Não era um fato de banho muito bom, porque lhe ficava pendurado no peito de cada vez que se inclinava, e um dos rapazes gritava sempre: «Olhem! Podemos ver os montes Fuji!». Mas ela continuava a usá-lo na mesma.

Por volta do meio dia, decidi voltar para casa para comer qualquer coisa. Satsu tinha partido muito mais cedo com o rapaz Sugi, que era o filho do assistente do Sr. Tanaka. Comportava-se como um cão atrás dele. Quando ia a um lado qualquer, ele olhava por cima do ombro para lhe fazer sinal para ela o seguir, e lá ia ela sempre. Não esperava voltar a vê-la antes da hora do jantar, mas à medida que me aproximava da casa avistei-a no caminho mais à frente, encostada a uma árvore. Se tivessem visto o que estava a acontecer, poderiam ter compreendido tudo imediatamente; mas eu era apenas uma rapariguinha. Satsu tinha o fato de banho que arranhava levantado até aos ombros, e o rapaz estava a brincar com os «montes Fuji» dela, como lhe chamavam os outros.

Logo desde o princípio, de quando a nossa mãe adoeceu, a minha irmã tinha ficado um bocado rechonchuda. E tinha os seios tão desalinhados como o cabelo. O que mais me espantava era parecer ser exatamente esta irregularidade o que o rapaz Sugi encontrava de fascinante neles. Pesava-os com a mão, e empurrava-os para um lado para os ver balançar para o outro, e descansarem-lhe de encontro às costelas. Sabia que não devia estar a espreitar, mas não conseguia imaginar o que mais podia fazer comigo enquanto o caminho ali à minha frente estivesse bloqueado. E depois, subitamente, ouvi uma voz

de homem dizer atrás de mim:

- Chiyo-chan, porque é que estás aí agachada atrás dessa árvore?

Considerando que eu era uma rapariguinha de nove anos, vinda de um lago em que estivera a nadar; e considerando que até então não tinha formas ou texturas no meu corpo a esconder de ninguém... é fácil adivinhar o que eu trazia vestido. Quando me virei - ainda de gatas no caminho, e cobrindo a minha nudez com os braços o melhor que podia - ali estava de pé o Sr. Tanaka. Não poderia ter ficado mais embaraçada.

- Aquela deve ser a tua casa bêbada ali em cima - disse ele. - E ali em baixo, parece-me ser o rapaz Sugi. De fato parece atarefado! Quem é a rapariga que está com ele?

- Bom, pode ser a minha irmã, Sr. Tanaka. Estou à espera que eles se vão embora.

O Sr. Tanaka pôs as mãos em concha à volta da boca e gritou, e então ouvi o som do rapaz Sugi a correr pelo caminho abaixo. A minha irmã também deve ter fugido, porque o Sr. Tanaka disse-me que já podia ir para casa e vestir qualquer coisa.

- Quando vires essa tua irmã - disse-me ele -, quero que lhe dês isto.

Entregou-me um pacote embrulhado em papel de arroz, com o tamanho de uma cabeça de peixe. «São umas ervas chinesas» disse-me ele.

- Não liguem ao Dr. Miura se ele vos disser que são inúteis. Manda a tua irmã fazer chá com elas e dá-o à tua mãe para aliviar as dores. São ervas preciosas. Tem cuidado e não as desperdices.

- Nesse caso, é melhor ser eu a tratar disso, senhor. A minha irmã não é muito boa a fazer chá.

- O Dr. Miura disse-me que a tua mãe está doente - disse ele. - Agora dizes-me que não se pode confiar na tua irmã nem para fazer chá! Com o teu pai tão velho, o que é que te vai acontecer, Chiyo-chan? E quem é que toma conta de ti neste momento?

- Acho que sou eu que tenho tomado conta de mim nestes dias.

- Eu conheço um certo homem. Agora está mais velho, mas quando era um rapaz com a tua idade, morreu-lhe o pai. No ano imediatamente a seguir morreu-lhe a mãe, e depois o irmão mais velho fugiu para Osaca e deixou-o sozinho. Está a parecer-se um bocado contigo, não está?

O Sr. Tanaka deitou-me um olhar como se a dizer que eu não me atrevesse a discordar.

- Bom, o nome desse homem é Tanaka Ichiro - continuou ele. Sim, eu... embora nessa altura o meu nome fosse Morihashi Ichiro. Fui levado para a família Tanaka aos doze anos. Quando fiquei um pouco mais velho, casaram-me com a filha e adotaram-me. Agora ajudo a gerir a companhia de pescas da família. Por isso, no fim, as coisas até acabaram em bem para mim, sabes. Talvez alguma coisa no gênero te venha a acontecer a ti.

Por um momento olhei para o cabelo grisalho do Sr. Tanaka e para as rugas na testa como sulcos na casca de uma árvore. Parecia-me o homem mais sábio e com mais conhecimentos no mundo. Acreditava que ele sabia coisas que eu nunca viria a saber; e que tinha uma elegância que nunca iria ter; e que o quimono azul dele era mais fino do que qualquer coisa que eu alguma vez pudesse vir a ter oportunidade de usar. Sentava-me diante dele, nua, com as ancas na terra, o cabelo embaraçado e a cara suja, com o cheiro da água do lago na pele.

- Não acredito que alguém alguma vez me queira adotar - disse eu.

- Não? És uma rapariga esperta, não és? A chamar à tua casa uma casa bêbada. A dizer que o teu pai tem uma cabeça de ovo!



- Mas parece um ovo.

- Não teria sido uma coisa inteligente de dizer se fosse o contrário. Agora, corre, Chiyo-chan - disse ele. - Queres almoçar, não queres? Talvez se a tua irmã estiver a comer sopa, possas deitar-te no chão e beber o que ela entorna.

A partir desse exato momento comecei a ter fantasias de que o Sr. Tanaka me iria adotar. Às vezes esqueço-me de como me sentia atormentada nesse período. Calculo que me teria agarrado a qualquer coisa que me oferecesse conforto. Muitas vezes, quando me sentia perturbada, descobria a minha mente a regressar à mesma imagem da minha mãe, de muito antes de ela sequer ter começado a gemer de manhã com as dores dentro de si. Tinha quatro anos de idade, no festival de obon na nossa aldeia, na altura do ano em que damos as boas-vindas aos espíritos dos mortos. Depois de algumas noites com cerimônias no cemitério, e fogos cá fora à entrada das habitações para guiar os espíritos até casa, na última noite do festival reunimo-nos junto do nosso templo Shinto, que está sobre rochas virado para a enseada. Logo a seguir ao portão do templo havia uma clareira, que nessa noite estava decorada com lanternas coloridas de papel amarradas às árvores por fios. A minha mãe e eu dançamos as duas durante um bocado junto com o resto dos aldeãos, ao som da música dos tambores e de uma flauta; mas por fim comecei a ficar cansada, e ela embalou-me ao colo à borda da clareira. Subitamente levantou-se vento vindo dos rochedos e uma das lanternas incendiou-se. Observamos a chama a arder pelo fio, e a lanterna veio a flutuar até ao chão, até o vento a apanhar outra vez e a fazer rolar pelo ar mesmo direito a nós, com um rasto de poeira dourada a riscar o céu. A bola de fogo pareceu instalar-se no chão, mas a minha mãe e eu ficamos a observar depois quando se levantou na corrente do vento, flutuando direito a nós. Senti que a minha mãe me soltava, e de repente, lançou os braços para o fogo para o espalhar. Por um momento ficamos as duas cobertas de fagulhas e chamas; mas depois os farrapos do fogo desviaram-se para as árvores e consumiram-se, e ninguém ficou ferido - nem sequer a minha mãe.

Uma semana ou pouco mais tarde, quando as minhas fantasias de adoção já tinham tido tempo mais do que suficiente para amadurecerem, cheguei a casa uma tarde para encontrar o Sr. Tanaka à pequena mesa da nossa casa sentado diante do meu pai. Sabia que estavam a falar de qualquer coisa muito séria, porque nem sequer repararam em mim quando pus o pé na ombreira. Fiquei ali gelada a ouvi-los.

- Então, Sakamoto, o que é que pensa da minha proposta?

- Não sei, senhor - disse o meu pai. - Não consigo imaginar as raparigas a viverem noutro sítio.

- Compreendo, mas elas iam ficar muito melhor, e você também. Trate apenas de conseguir que elas venham à aldeia amanhã à tarde.

Com isto, o Sr. Tanaka levantou-se para partir. Eu fingi que estava a acabar de chegar para assim nos encontrarmos à porta.

- Estava a falar com o teu pai sobre ti, Chiyo-chan - disse-me. - Eu vivo do outro lado da serra na vila de Senzuru. É maior que Yoroido. Acho que irias gostar. Porque é que tu e Satsu não vão até lá amanhã? Podem ver a minha casa e conhecer a minha filhinha. Talvez possam ficar para passar a noite? Só uma noite, compreendes; e depois trago-vos de volta para vossa casa de novo. O que achas?

Eu disse que iria ser muito bom. E fiz o meu melhor para fingir que não me tinha sido sugerido nada de extraordinário. Mas na minha cabeça era como se tivesse ocorrido uma explosão. Tinha as idéias em fragmentos que dificilmente conseguia juntar. Era evidente que uma parte de mim ansiava desesperadamente ser adotada pelo Sr. Tanaka depois de a minha mãe morrer; mas outra parte de mim estava com muito medo. Sentia-me terrivelmente envergonhada por sequer imaginar que podia viver noutro sítio qualquer que não fosse a minha casinha bêbada. Depois de o Sr. Tanaka sair, tentei ocupar-

me na cozinha, mas sentia-me um bocado como Satsu, porque me era difícil conseguir ver as coisas diante de mim. Não sei quanto tempo passou. Por fim ouvi o meu pai fazer um barulho de fungar, que eu achei ser de choro e que me fez corar de vergonha. Quando por fim me forcei a olhar na direção dele, vi-o com as mãos já embaraçadas numa das suas redes de pesca, mas de pé à entrada da porta que levava ao quarto dos fundos, onde a minha mãe apanhava Sol em cheio, com o lençol colado a ela como uma pele.

No dia seguinte, a preparar-me para o encontro com o Sr. Tanaka na aldeia, esfreguei os meus tornozelos sujos e fiquei de molho durante algum tempo na banheira, que em tempos tinha sido a caldeira de um velho barco a vapor que alguém abandonara na nossa aldeia; o topo fora serrado e a parte de dentro forrada a madeira. Fiquei sentada durante muito tempo a olhar para o mar ao longe sentindo-me muito independente, porque pela primeira vez na minha vida estava na eminência de ver alguma coisa do mundo fora da pequena aldeia.

Quando Satsu e eu chegámos à Companhia de Pesca Costeira Japonesa, ficámos a observar os pescadores a descarregar os cestos no pontão. O meu pai estava entre eles, a agarrar nos peixes com as suas mãos nodosas e a deitá-los nos cestos. A dada altura ele olhou em direcção a mim e a Satsu, e depois limpou a cara na manga da camisa. De alguma maneira as feições dele pareceram-me mais pesadas do que o costume. Os homens carregavam os cestos cheios para a carroça puxada a cavalos do Sr. Tanaka e arrumavam-nos na parte de trás. Eu subi para a roda para ver melhor.

Na maioria, os peixes fixava-nos com olhos de vidro, mas de vez em quando um deles mexia a boca, no que me parecia ser um pequeno grito. E eu procurava acalmá-los dizendo:

- Vocês vão para a cidade de Senzuru, peixinhos! Vai correr tudo bem.

Não vi que bem lhes faria dizer-lhes a verdade.

Por fim, o Sr. Tanaka saiu para a rua e disse a Satsu e a mim para subirmos para o banco da carroça com ele. Sentei-me no meio, suficientemente perto para sentir o tecido do quimono do Sr. Tanaka contra a minha mão. Não conseguia impedir-me de corar por isso. Satsu estava mesmo a olhar para mim, mas não parecia notar nada e apresentava a sua habitual expressão confusa.

Passei grande parte da viagem a olhar para trás, para os peixes enquanto escorregavam por ali nos seus cestos. Quando subimos e ultrapassámos o pico deixando Yoroido longe, a roda passou por cima de uma pedra e a carroça inclinou-se de súbito para um lado. Uma das percas foi atirada para fora e bateu no chão com tanta força que ressuscitou. Vê-la saltar e arfar era mais do que eu aguentava. Virei-me com lágrimas nos olhos, e embora as tentasse esconder do Sr. Tanaka, ele de qualquer maneira reparou nelas. Depois de ter apanhado o peixe e estarmos de novo a caminho, perguntou-me o que é que tinha acontecido.

- Coitadinho do peixe! - disse eu.

- Tu és como a minha mulher. Eles estão praticamente mortos quando os vê, mas se tem que cozinhar um caranguejo, ou qualquer coisa que ainda esteja viva, fica com as lágrimas nos olhos e cantalhes.

O Sr. Tanaka ensinou-me uma pequena canção - de facto, era quase uma oração - que eu achei que a mulher dele tinha inventado. Ela cantava-a para os caranguejos, mas nós mudámos as palavras para os peixes:

*Suzuki yo suzuki! Jobutsu shite kure!*

Percazinha, oh percazinha! despacha-te até chegares a Buda!

Depois ele ensinou-me outra música, uma canção de embalar que eu nunca tinha ouvido antes. Cantámo-la para uma solha lá atrás, sozinha num cesto, com os dois olhos de botão no lado da cabeça a moverem-se à roda:

*Nemure yo, ii karei yo! Niwa ya makiba ni Tori mo hitsuji mo*

*Minna nemureba Hoshi wa mado kara Gin no hikari o Sosogu, kono yoru!*

Vai dormir, ó boa solha! Todos estão já a dormir - Até pássaros e ovelhas

Nos jardins e nos campos - As estrelas esta. noite Derramam a luz dourada Pela janela.

Alcançámos o topo alguns momentos mais tarde, e a cidade de Senzuru surgiu diante de nós. O dia estava pesado, tudo com sombras cinzentas. Era o meu primeiro olhar para o mundo fora de Yoroido, e não achava que andasse a perder muito. Podia ver os telhados de palha da cidade em torno de uma enseada, por entre montes sem interesse, e para além deles o mar cor de metal, cortado por cacos de branco. Para o lado da terra, a paisagem poderia ter sido atraente se não fossem os carris do comboio a cruzá-la como uma cicatriz.

Senzuru era, em grande parte, uma cidade suja e malcheirosa. Mesmo o mar tinha um odor terrível, como se todo o peixe nele estivesse a apodrecer. À volta das colunas do pontão, bocados de legumes inchavam como as alforrecas na nossa pequena enseada. Os barcos estavam riscados, com algumas das tábuas rachadas; pareciam-me como se tivessem andado a lutar uns contra os outros.

Satsu e eu ficámos sentadas no pontão durante um grande bocado, até que por fim o Sr. Tanaka nos chamou para o quartel general da Companhia de Pesca Costeira japonesa, e nos levou por um grande corredor. O corredor não podia ter cheirado pior a tripas do que se estivéssemos de facto dentro de um peixe. Mas lá no fundo, para minha surpresa, havia um escritório, muito bonito para os meus olhos de nove anos. Passada a ombreira da porta, Satsu e eu estávamos de pé descalças sobre um chão de pedra escorregadia. Diante de nós, um degrau levava a uma plataforma coberta com tapetes tatami. Talvez fosse isto que tanto me impressionou; o chão elevado fazia tudo parecer mais grandioso. De qualquer maneira, considerei-a como a sala mais bonita que alguma vez vira - embora agora me faça rir pensar que o escritório de um armazenista de peixe numa pequena sala sobre o Mar do Japão pudesse impressionar assim quem quer que seja.

Sobre a plataforma, numa almofada, sentava-se uma mulher velha que se levantou quando nos viu e veio até à borda para se arranjar de joelhos. Era velha e mal-encarada, e acho que seria difícil encontrar alguém que estivesse a mexericar mais. Quando não estava a endireitar o quimono, estava a limpar qualquer coisa do canto do olho, ou a coçar o nariz, suspirando o tempo todo como se lamentasse haver tantas mexidelas para fazer.

O Sr. Tanaka disse-lhe:

- Esta é Chiyo-chan e a irmã mais velha, Satsu-san.

Eu fiz uma pequena vénia, à qual a Sra. Mexericas correspondeu com um aceno. Depois deu o maior suspiro que lançara até ali, e começou a escarafunchar com uma mão numa crosta do pescoço. Gostava de poder ter desviado os olhos, mas não parava de me fixar.

- Oprimo! Tu és Satsu-san, não és? - disse ela. Mas continuava a olhar para mim.

- Eu sou Satsu - disse a minha irmã.

- Quando é que nasceste?

Satsu ainda parecia insegura quanto a qual de nós a Sra. Mexericas se dirigia, por isso respondi por ela. «Ela é do ano da Cabra» disse eu.

A velha esticou-se e deu-me uma palmadinha com os dedos. Mas fê-lo da maneira mais estranha, enfiando-mos por várias vezes no queixo. Eu sabia que a intenção dela era que fosse uma palmadinha, porque ela fazia uma expressão bondosa.

- Esta aqui é bastante bonita, não é? Que olhos invulgares! E pode-se ver que é esperta. Basta olhar-lhe para a testa. Aqui virou-se de novo para a minha irmã e disse - Ora bem. O ano da Cabra; quinze anos de idade; o planeta Vénus; seis, branco. Hummm... Chega-te aqui mais perto.

Satsu fez o que lhe mandavam. A Sra. Mexericas começou a examinar-lhe a cara, não apenas com os olhos, mas com os dedos. Passou um grande bocado a verificar o nariz de Satsu a partir de variados ângulos, e as orelhas dela. Beliscou-lhe os lóbulos uma série de vezes, depois largou um grunhido para indicar que tinha acabado com Satsu e virou-se para mim.

- Tu és do ano do Macaco. Posso dizê-lo só por olhar para ti. E que grande quantidade de água que tens! Oito, branco; o planeta Saturno. E que rapariga bonita que és. Aproxima-te.

E passou a fazer a mesma coisa a mim, a beliscar-me as orelhas e por aí fora. Eu não conseguia deixar de pensar que ela tinha acabado de coçar a crosta do pescoço exactamente com aqueles dedos. A seguir levantou-se e desceu para o mesmo chão de pedra em que nós estávamos. Demorou algum tempo até conseguir enfiar os seus pés encarquilhados nas sandálias zori, mas por fim virou-se para o Sr. Tanaka e lançou-lhe um olhar que ele pareceu compreender imediatamente, porque deixou a sala, fechando a porta atrás de si.

A Sra. Mexericas desabotoou a camisa de camponesa que Satsu usava e tirou-lha. Mexeu um pouco nos seios de Satsu, olhou-lhe para debaixo dos braços, depois virou-a e mirou-lhe as costas. Eu estava em tal estado de choque, que quase não conseguia observar. Seguramente que já tinha visto Satsu nua antes, mas a maneira como a Sra. Mexericas lhe manipulava o corpo parecia-me ainda mais indecente do que quando Satsu levantara o fato de banho para o rapaz Sugi. Depois, como se ainda não bastasse, a Sra. Mexericas soltou as calças de Satsu que caíram no chão, olhou-a de cima abaixo, e fê-la dar meia volta até ficar de frente outra vez.

- Sai de dentro das calças - disse ela.

Há muito tempo que não via a cara de Satsu assim tão confusa, mas ela saiu de cima das calças deixando-as no chão viscoso. A Sra. Mexericas agarrou-a pelos ombros e fê-la sentar-se no estrado. Satsu estava completamente nua; tenho a certeza de que não fazia mais ideia do que eu porque é que devia estar ali sentada. Mas também não teve tempo para se preocupar com isso porque, num instante, a Sra. Mexericas tinha posto as mãos nos joelhos de Satsu para lhe abrir as pernas. E sem qualquer hesitação estendeu a mão por entre as pernas de Satsu. Depois disto já não conseguia olhar. Penso que Satsu deve ter resistido, porque a Sra. Mexericas deu um grito e ao mesmo tempo ouvi um grande estalo, que era a Sra. Mexericas a dar uma palmada na perna de Satsu - como mais tarde pude verificar pela mancha vermelha na pele. A Sra. Mexericas acabou rapidamente e disse a Satsu para se vestir outra vez. Enquanto se vestia, Satsu deu um grande suspiro. Poderia estar a chorar, mas eu não ousava olhar para ela.

Depois, a Sra. Mexericas veio direita a mim, e num instante as minhas próprias calças estavam-me à volta dos joelhos, e a camisa tinha-me sido tirada tal como acontecera à de Satsu. Eu não tinha seios para a velha mexericar, mas olhou debaixo dos meus braços da mesma maneira que fizera com a minha irmã, e também me virou, antes de me sentar na plataforma e me tirar as calças das pernas. Estava terrivelmente assustada com o que ela pudesse fazer, e depois ela tentou afastar-me os joelhos, e teve que me dar uma palmada na perna tal como tinha acontecido com Satsu, o que fez com que a garganta me começasse a arder do esforço para controlar as lágrimas. Pôs-me um dedo entre as pernas e deu-me o que

me pareceu ser um beliscão, de tal maneira que gritei. Quando me disse para me voltar a vestir, senti-me como se deve sentir uma barragem a aguentar um rio inteiro. Mas estava com medo que se Satsu ou eu começássemos a soluçar como crianças pequenas, pudéssemos ficar mal vistas aos olhos do Sr. Tanaka.

- As raparigas são saudáveis - disse ela ao Sr. Tanaka quando regressou à sala - e muito apropriadas. Ambas estão intactas. A mais velha tem madeira a mais, mas a mais nova tem uma boa quantidade de água. E também é bonita, não acha? A irmã mais velha parece uma camponesa ao lado dela!

- Tenho a certeza que são ambas raparigas atraentes, cada uma à sua maneira - disse ele. - Porque é que não falamos disso enquanto a acompanho até à saída? As raparigas esperam aqui por mim.

Quando o Sr. Tanaka fechou a porta atrás de si, virei-me para ver Satsu sentada na beira do estrado, a olhar espedada para o tecto. Por causa da forma da cara dela, as lágrimas caíam-lhe pelos vincos ao lado das narinas, e eu própria rebentei num choro no momento em que a vi perturbada. Sentia-me culpada pelo que tinha acontecido, e limpei-lhe a cara com a ponta da minha camisa de camponesa.

- Quem era essa mulher horrível? - perguntou-me ela.

- Deve ser uma adivinha. Provavelmente o Sr. Tanaka quer saber o mais que pode acerca de nós...

- Mas porque é que ela tinha que nos ver daquela maneira horrível!

- Satsu-san, não compreendes? - disse eu. - O Sr. Tanaka está a planear adoptar-nos.

Quando ela ouviu isto, Satsu começou a piscar como se um insecto lhe tivesse entrado no olho.

-De que é que estás a falar? - disse ela. - O Sr. Tanaka não nos pode adoptar.

- O pai está tão velho... e agora que a mãe está doente, acho que o Sr. Tanaka está preocupado com o nosso futuro. Não vai haver mais ninguém para tomar conta de nós.

Satsu levantou-se, de tal modo ficou agitada ao ouvir isto. Num momento os olhos tinham-lhe começado a ficar vesgos, e podia ver que estava a fazer um grande esforço para se obrigar a crer que nada nos podia arrancar da nossa casinha bêbeda. Ela estava a espremer as coisas que eu lhe tinha dito da mesma maneira que se pode espremer água de uma esponja. Devagarinho, a cara dela começou a descontraír-se de novo, e sentou-se mais uma vez na beira do estrado. Em poucos instantes lançava os olhos em volta da sala como se não tivesse havido qualquer conversa entre nós.

A casa do Sr. Tanaka ficava no fim de um campo logo à saída da cidade. O bosque de pinheiros que a cercava cheirava tão bem como o mar lá nos rochedos da nossa casa; e quando pensei no mar e como estava a trocar um cheiro pelo outro, senti um vazio terrível, do qual tive de me afastar, da mesma maneira que se tem de recuar de um rochedo depois de se espreitar sobre a borda. A casa era maior do que qualquer coisa em Yoroido, com abas enormes como o templo da nossa aldeia. E quando o Sr. Tanaka pôs os pés na sua entrada, deixou os sapatos mesmo ali onde os tinha descalçado, porque veio uma criada e lhos guardou numa prateleira. Satsu e eu não tínhamos sapatos para guardar, mas quando me preparava para entrar na casa, senti qualquer coisa a bater-me levemente nas costas, e uma pinha caiu no chão entre os meus pés. Virei-me para ver uma criança da minha idade, com o cabelo muito curto, correndo para se esconder por detrás de uma árvore. Espreitou de lado para me sorrir, com um triângulo de espaço vazio entre os dentes da frente, e depois fugiu, a olhar por cima do ombro, como para ter a certeza de que eu a perseguia. Pode parecer estranho, mas nunca tivera a experiência de realmente me encontrar com outra rapariguinha. Claro que conhecia as raparigas da minha aldeia, mas tínhamos crescido juntas e nunca acontecera nada que pudesse ser chamado de um encontro. Mas Kuniko - porque era esse o nome da filha do Sr. Tanaka - fora tão amigável desde o primeiro instante em que a vi, que pensei que me iria ser fácil mudar-me de um mundo para o outro.

As roupas de Kuniko eram muito mais elegantes do que as minhas, e ela usava zori; mas mesmo sendo a rapariga da aldeia que eu era, corri atrás dela descalça até que a alcancei perto de uma casinha de brincar feita dos ramos serrados de uma árvore morta. Ela tinha disposto pedras e pinhas para fazer as salas. Numa fingiu que me servia chá a partir de uma taça rachada; noutra fizemos turnos a embalar um boneco dela, um bebé chamado Taro que de facto não era mais do que um saco de lona cheio de terra. Taro adorava estranhos, disse Kuniko, mas estava muito assustado com as minhocas; e por uma coincidência muito particular, Kuniko também. Quando encontrámos uma, Kuniko assegurou-se de que eu lhe pegava com os meus próprios dedos para a deitar fora antes que o pobre Taro desatasse a chorar.

Estava deliciada com a possibilidade de ter Kuniko por irmã. De facto, em comparação com as árvores majestosas e o cheiro dos pinheiros - até o Sr. Tanaka - todos me começaram a parecer quase insignificantes. Entre a vida aqui na casa de Tanaka e a vida em Yoroido, a diferença era tão grande como entre o cheiro de algo a ser cozinhado e a boca cheia de comida deliciosa.

À medida que escurecia, lavámos os pés e as mãos no poço, e fomos para dentro para ocuparmos os nossos assentos no chão à volta da mesa quadrada. Estava espantada por ver o vapor a sair da comida que nos preparávamos para comer, a erguer-se até às vigas de um tecto lá em cima sobre mim, com luzes eléctricas penduradas sobre as nossas cabeças. O brilho da sala era surpreendente; nunca tinha visto nada daquilo antes. Em breve os criados trouxeram o nosso jantar - perca do mar salgada e grelhada, conservas, sopa, e arroz cozido a vapor - mas no momento em que começámos a comer, as luzes apagaram-se. O Sr. Tanaka riu-se; aparentemente isto acontecia muitas vezes. Os criados andaram por ali a acender lanternas penduradas em tripés de madeira.

Ninguém falou muito enquanto comíamos. Eu esperava que a Sra. Tanaka fosse encantadora, mas parecia uma versão mais velha de Satsu, com a diferença de que sorria bastantes vezes. Depois do jantar, ela e Satsu começaram a jogar um jogo de Go, e o Sr. Tanaka levantou-se e chamou uma criada para lhe trazer o casaco do quimono. Num instante o Sr. Tanaka saiu, e depois de um pequeno intervalo, Kuniko fez-me gestos para que a seguisse lá para fora. Ela calçou uns zori de palha e emprestou-me um par sobressalente. Perguntei-lhe onde é que íamos.

-Silêncio! - disse ela. - Estamos a seguir o meu pai. Faça-o sempre que ele sai. É um segredo.

Fomos a direito pelo campo e virámos na rua principal em direcção à cidade de Senzuru, seguindo o Sr. Tanaka a alguma distância. Alguns minutos depois estávamos a andar pelas ruas entre as casas da cidade, e então Kuniko agarrou-me no braço e puxou-me por uma rua lateral abaixo. No fim de um caminho empedrado entre duas casas, chegámos a uma janela coberta com persianas de papel que brilhavam com a luz do interior. Kuniko encostou um olho a um buraco rasgado mesmo à altura dela numa das persianas. Enquanto ela espreitava, ouvi os sons de risos e conversas, e de alguém a cantar ao som de um shamisen. Ao fim de algum tempo afastou-se para que eu pudesse encostar o meu olho ao buraco. Metade da sala lá dentro estava-me escondida por um biombo, mas podia ver o Sr. Tanaka sentado nos tapetes com um grupo de três ou quatro homens. Um velho, ao lado dele, contava uma história sobre ter segurado uma escada para uma mulher e espreitar-lhe por debaixo do vestido; riram todos menos o Sr. Tanaka, que olhava fixamente em frente em direcção à parte da sala que me ficava escondida. Uma mulher mais velha, num quimono, veio trazer-lhe um copo, que ele segurou enquanto ela lhe servia cerveja. O Sr. Tanaka deu-me a impressão de uma ilha no meio do mar, porque embora todos os outros se estivessem a divertir com a história - até a mulher velha que deitava a cerveja - o Sr. Tanaka continuou apenas a olhar fixamente para a outra ponta da mesa. Tirei o olho do buraco para perguntar a Kuniko que tipo de lugar era este.

- É uma casa de chá - disse-me ela - onde as gueixas entretêm os homens. O meu pai vem aqui quase todas as noites. Não sei porque é que gosta tanto disto. As mulheres servem bebidas, e os homens

contam histórias - quando não cantam cantigas. Acabam todos bêbedos.

Voltei a colocar o olho no buraco a tempo de ver uma sombra cruzar a parede, e então apareceu-me uma mulher no meu campo de visão. Tinha o cabelo ornamentado com um rebento verde de salgueiro que pendia, e usava um quimono cor-de-rosa pálido com flores brancas aplicadas em toda a superfície. O largo obi atado à volta da cintura era laranja e amarelo. Nunca tinha visto roupa tão elegante. Nenhuma das mulheres em Yoroido possuía algo de mais sofisticado do que um vestido de algodão, ou talvez linho, com um padrão simples em azul. Mas ao contrário da sua roupa, a mulher em si não era nada bonita. Tinha os dentes tão saídos que os lábios quase não lhos conseguiam cobrir, e a estreiteza da cabeça dela fez-me pensar se não teria sido prensada entre duas tábuas quando era bebé. Podem achar que sou cruel ao descrevê-la assim tão rudemente; mas impressionou-me como estranho que, embora ninguém pudesse tê-la considerado uma beleza, os olhos do Sr. Tanaka se fixassem nela como um trapo num prego. Continuava a observá-la enquanto todos os outros riam, e quando ela se ajoelhou ao lado dele para lhe deitar mais umas gotas de cerveja no copo, ela levantou os olhos para ele de uma maneira que sugeria que se conheciam um ao outro muito bem.

Foi a vez de Kuniko espreitar de novo pelo buraco; e depois voltámos para casa dela, e sentámo-nos juntas a tomar o banho perto da ponta do bosque de pinheiros. O céu estava extravagante de estrelas, à excepção da metade que me era escondida pelos membros dela em cima de mim. Poderia ter ficado ali sentada muito mais tempo a tentar compreender tudo o que tinha visto naquele dia e as mudanças que se preparavam para me confrontar... mas Kuniko ficara tão sonolenta com a água quente que logo vieram as criadas ajudar-nos a sair.

Satsu já estava a ressonar quando Kuniko e eu estendemos os futon ao lado dela, com os nossos corpos espremidos juntos e de braços entrelaçados. Um sentimento caloroso de alegria começou a inchar dentro de mim, e murmurei a Kuniko: «Sabias que eu venho viver contigo?» pensei que as notícias a iriam chocar e obrigá-la a abrir os olhos, ou talvez até sentar-se. Mas não a acordei da sonolência. Deixou sair um resmungo, e um momento mais tarde a respiração dela era quente e húmida, com o chocalhar do sono a ecoar nela.

De regresso a casa, a minha mãe parecia ter ficado mais doente por aquele dia em que eu tinha estado fora. Ou talvez fosse apenas por eu ter conseguido esquecer quão doente ela realmente estava. A casa do Sr. Tanaka cheirava a fumo e pinheiro, mas a nossa cheirava à doença dela de uma maneira que nem suporto descrever. Satsu tinha ficado a trabalhar na aldeia durante a tarde, por isso a Sra. Sugi veio ajudar-me a dar banho à minha mãe. Quando a trouxemos para fora da casa, tinha a caixa das costelas mais larga que os ombros, e até os brancos dos olhos estavam enevoados. Eu só conseguia aguentar vê-la assim se me recordasse de como me tinha sentido uma vez a sair do banho com ela, quando ela era forte, quando o vapor se tinha levantado da nossa pele pálida como se fôssemos dois bocados de rabanete cozido. Achei difícil imaginar que esta mulher, cujas costas eu tinha esfregado tantas vezes com uma pedra, e cuja carne me tinha sempre parecido mais firme e macia que a de Satsu, pudesse estar morta antes ainda do fim do Verão.

Nessa noite, enquanto estava deitada no meu futon, tentei imaginar a totalidade da situação que me confundia a partir de todos os ângulos, para me persuadir de que, de alguma maneira, as coisas acabariam em bem. Para começar, pensei, como podíamos nós continuar a viver sem a minha mãe? Mesmo que sobrevivêssemos e o Sr. Tanaka nos adoptasse, a minha própria família iria deixar de existir? Por fim, decidi que o Sr. Tanaka não nos iria adoptar apenas a mim e à minha irmã, mas também ao meu pai. Ele não podia esperar que o meu pai ficasse a viver sozinho, depois de tudo. Normalmente, não era capaz de adormecer antes de conseguir convencer-me de que isto era verdade, com o resultado de que acabei por não dormir lá muito durante essas semanas, e as manhãs se tornaram uma mancha desfocada.

Numa dessas manhãs, durante o calor do Verão, no caminho de regresso de ter ido buscar um pacote de chá à aldeia, ouvi uns estalidos atrás de mim. Descobri que era o Sr. Sugi - o assistente do Sr. Tanaka - a correr pela estrada acima. Quando me alcançou, demorou um grande bocado até conseguir controlar a respiração, arquejando, e agarrando-se ao lado como se tivesse acabado de vir a correr desde Senzuru. Estava vermelho e brilhante como uma passa, embora o dia ainda não houvesse aquecido. Por fim disse:

- O Sr. Tanaka quer que tu e a tua irmã... venham lá até à aldeia... o mais depressa possível.

Eu tinha achado estranho que o meu pai não tivesse ido pescar nessa manhã. Agora sabia porquê: Era hoje o dia.

- E o meu pai? - perguntei. - O Sr. Tanaka não disse nada acerca do meu pai?

- Vê lá mas é se te despachas, Chiyo-chan - disse-me ele. - E vai buscar a tua irmã.

Não gostei disto, mas corri para casa e descobri o meu pai sentado à mesa, a retirar a fuligem da madeira com uma das unhas. Satsu punha lascas de carvão no forno. Parecia que ambos estavam como que à espera que qualquer coisa de horrível acontecesse.

Eu disse:

- Pai, o Sr. Tanaka quer que a Satsu e eu vamos lá abaixo à aldeia.

Satsu tirou o avental, pendurou-o num gancho, e saiu porta fora. O meu pai não respondeu, mas piscou os olhos umas poucas de vezes, fixando o ponto onde estivera Satsu. Depois virou-os pesadamente em direcção ao chão e assentiu com a cabeça. Ouvi a minha mãe gritar no seu sono no quarto das traseiras.

Satsu já quase tinha chegado à aldeia quando eu a consegui apanhar. Andara a imaginar este dia há semanas, mas nunca tinha esperado sentir-me tão assustada como me sentia. Satsu não parecia aperceber-se de que esta viagem até à aldeia fosse em qualquer aspecto diferente da que tinha feito no dia anterior. Nem sequer se tinha dado ao trabalho de limpar o carvão das mãos; e quando desviara o cabelo para trás acabou com uma mancha na cara. Eu não queria que ela se fosse encontrar com o Sr. Tanaka nestes preparos, por isso aproximei-me para lhe esfregar a mancha como o poderia ter feito a nossa mãe. Satsu sacudiu-me a mão com uma palmada.

Cá fora, na Companhia de Pesca Costeira do Japão fiz a vénia e disse bom dia ao Sr. Tanaka, esperando que ele se mostrasse contente por nos ver. Em vez disso revelou-se estranhamente frio. Suponho que

esta deveria ter sido a minha primeira pista de que as coisas não iam acontecer exactamente da maneira que eu tinha imaginado. Quando nos levou para a carroça puxada a cavalos, achei que provavelmente nos quereria conduzir até à sua casa para que a mulher e a filha estivessem na sala quando nos contasse sobre a adopção.

- O Sr. Sugi vai sentado à frente comigo - disse ele - por isso é melhor que tu e Shizu-san se sentem atrás.

Foi apenas isto que ele disse: «Shizu-san». Achei muito rude da parte dele ter-se enganado no nome da minha irmã daquela maneira, mas ela nem pareceu reparar. Ela trepou para a parte de trás da carroça e sentou-se no chão entre os cestos de peixe vazios, pondo uma das mãos, de palma para baixo, nas pranchas peganhentas. E depois, com essa mesma mão, enxotou uma mosca da cara, deixando um rasto brilhante na face. Eu não era tão indiferente à viscosidade como Satsu. Não conseguia pensar noutra coisa senão no cheiro, e de como me sentiria satisfeita por poder lavar as mãos e mesmo a roupa quando



chegássemos a casa do Sr. Tanaka.

Durante a viagem, Satsu não disse uma palavra, até que ultrapassámos o cume do monte sobranceiro a Senzuru e subitamente falou:

- Um comboio.

Olhei para ver um comboio à distância, a seguir o seu caminho em direcção à cidade. O fumo enrolava-se a favor do vento de uma maneira que me parecia a pele a ser retirada a uma cobra. Achei que isto era inteligente e tentei explicá-lo a Satsu, mas ela não parecia estar interessada. O Sr. Tanaka tê-lo-ia apreciado, pensei, e Kuniko também. Decidi que o explicaria a ambos quando chegássemos a casa do Sr. Tanaka.

Depois apercebi-me de que não nos estávamos nada a encaminhar na direcção da casa do Sr. Tanaka.

A carroça acabou por parar alguns minutos mais tarde num remendo de terra ao lado dos carris do comboio, mesmo à saída da cidade. Um grupo de pessoas estava de pé com sacos e grades empilhadas em torno de si. E ali, num dos lados, de pé, estava a Sra. Mexericas, ao lado de um homenzinho particularmente estreito que usava um quimono rígido. Tinha cabelo preto macio como o pêlo de um gato, e numa das mãos segurava um saco de pano pendurado por um fio. Impressionou-me como deslocado em Senzuru, particularmente ali ao lado dos lavradores e pescadores com as suas grades, e uma velha marreca a vestir uma serapilheira de inhame. A Sra. Mexericas disse-lhe qualquer coisa, e quando ele se virou e olhou para nós, decidi imediatamente que tinha medo dele.

O Sr. Tanaka apresentou-nos a este homem, cujo nome era Bekku.

O Sr. Bekku não disse absolutamente nada, mas limitou-se a olhar mais de perto para mim, e parecia surpreendido com Satsu.

O Sr. Tanaka disse-lhe:

- Trouxe Sugi comigo de Yoroido. Gostaria que ele o acompanhasse? Ele conhece as raparigas, e posso dispensá-lo por um dia ou dois.

- Não, não - disse o Sr. Bekku, acenando com a mão.

Seguramente que eu não tinha esperado nada disto. Perguntei aonde é que íamos, mas ninguém pareceu ouvir-me, por isso inventei uma resposta para mim. Resolvi que o Sr. Tanaka ficara aborrecido com o que quer que a Sra. Mexericas lhe tinha dito a nosso respeito, e que este homem curiosamente estreito, o Sr. Bekku, planeava levar-nos para qualquer lado para que as nossas fortunas fossem lidas mais completamente. Depois seríamos devolvidas ao Sr. Tanaka.

Enquanto fazia o meu melhor para me consolar com estes pensamentos, a Sra. Mexericas, usando um sorriso agradável, levou-me a mim e a Satsu a alguma distância pela plataforma de terra. Quando estávamos demasiado longe para os outros nos ouvirem, o sorriso desapareceu-lhe e ela disse:

- Agora ouçam-me bem. São as duas muito más! - Olhou em volta para confirmar que ninguém estava a ver e depois bateu-nos no topo das cabeças. Não me aleijou, mas gritei de surpresa. - Se fizerem alguma coisa para me arranjam complicações - disse, - façam-vos pagar por isso! O Sr. Bekku é um homem severo; têm de prestar atenção ao que ele diz! Se ele vos mandar rastejar para debaixo do assento do comboio, vocês fazem-no. Compreendem?

Pela expressão na cara da Sra. Mexericas, percebi que lhe devia responder ou ela bater-me-ia. Mas estava em tal estado de choque que não podia falar. E então, tal como eu temera, esticou o braço e começou a dar-me beliscões tão fortes no lado do meu pescoço que eu nem conseguia dizer que parte de

mim me doía. Sentia-me como se tivesse caído numa banheira cheia de criaturas que me estavam a morder de todos os lados, e ouvi-me soluçar. A coisa seguinte de que me apercebi foi de que o Sr. Tanaka estava ao nosso lado.

- O que é que está a acontecer aqui? - disse ele. - Se tens mais alguma coisa a dizer a estas raparigas, di-lo enquanto eu estou aqui. Não há motivo para que as trates dessa maneira.

- Tenho a certeza que temos muito mais coisas para conversar. Mas vem aí o comboio - disse a Sra. Mexericas. E era verdade: podia vê-lo a curvar e descer não longe à distância.

O Sr. Tanaka conduziu-nos de novo para cima da plataforma onde os lavradores e as mulheres velhas começavam a pegar nas suas coisas. Em breve o comboio abrandou, parando diante de nós. O Sr. Bekku, no seu quimono engomado, encaixou-se entre mim e Satsu e conduziu-nos pelos ombros para dentro da carruagem. Ouvi o Sr. Tanaka dizer qualquer coisa, mas estava demasiado confusa e perturbada para o entender. Não conseguia perceber o que tinha ouvido. Poderia ter sido:

- *Mata yo!* «Voltaremos a encontrar-nos de novo!»

Ou isto:

*Matte yo!* «Esperem!»

Ou até isto:

*Ma... deyo!* «Bom, vamos embora!»

Quando espreitei para fora da janela, vi o Sr. Tanaka a andar de volta em direcção à sua carroça e a Sra. Mexericas a limpar as mãos pelo quimono abaixo.

Passado um momento, a minha irmã disse: - *Chiyo-chan!*

Escondi a cara nas mãos; e honestamente teria mergulhado em angústia atravessando até o chão do comboio se pudesse. Porque a maneira como a minha irmã disse o meu nome, nem precisava de dizer mais nada.

- Sabes para onde é que vamos? - perguntou-me.

Penso que tudo o que ela queria por resposta era um sim ou um não. Provavelmente não lhe importava qual era o nosso destino - desde que alguém soubesse o que estava a acontecer. Mas, claro que eu não sabia. Perguntei ao homem estreito, ao Sr. Bekku, mas não me ligou nenhuma. Estava ainda a olhar fixamente para Satsu como se nunca tivesse visto nada como ela antes. Por fim, espremeu a cara numa expressão de nojo e disse:

- Peixe! Que cheirete, vocês as duas!

Tirou um pente do seu saco fechado por um fio e começou a passá-lo pelo cabelo dela. Tenho a certeza de que a deve ter aleijado, mas podia ver que observar o campo a passar do lado de fora da janela ainda lhe fazia doer mais. Um momento depois os lábios de Satsu curvaram-se num beicinho, e ela começou a chorar. Mesmo que me tivesse batido e gritado comigo, não me teria ferido tanto como feriu quando lhe observei a cara toda a tremer. Era tudo culpa minha. Uma mulher do campo, velha e com os dentes à mostra como os de um cão, aproximou-se com uma cenoura para Satsu, e depois de lha dar perguntou-lhe para onde é que ia.

- Quioto - respondeu o Sr. Bekku.

Senti-me tão doente de preocupação ao ouvir isto, que não conseguia mais obrigar Satsu a olhar para mim. Já a cidade de Senzuru parecia remota, um lugar distante. Quanto a Quioto, soava-me tão estranho como Hong Kong, ou mesmo Nova Iorque, de que uma vez tinha ouvido o Dr. Miura falar. De

tudo o que sabia, eles castigam as crianças em Quioto, e dão-nas a comer aos cães.

Estivemos nesse comboio durante muitas horas, sem nada para comer. A visão do Sr. Bekku a retirar uma folha de lótus do saco, e a desembrulhá-la para revelar uma bola de arroz salpicada de sementes de sésamo, decerto que me chamou a atenção. Mas quando ele lhe pegou com os seus dedos ossudos e a empurrou para a sua boquinha mesquinha sem sequer olhar minimamente para mim, senti-me como se não pudesse suportar mais um momento de tortura. Por fim saímos do comboio numa grande cidade, que eu pensei ser Quioto; mas depois de algum tempo outro comboio parou na estação, e entrámos nele. Este é que nos levou até Quioto. Estava muito mais cheio do que o primeiro, por isso ficámos de pé. Na altura em que chegámos, com a noite a descer, senti-me tão dorida como uma rocha se deve sentir depois de a cascata a martelar durante o dia inteiro.

Pouco se podia ver da cidade enquanto nos aproximávamos da estação de Quioto. Mas a seguir, para minha surpresa, tive um vislumbre dos cimos dos telhados que alcançavam tão longe quanto a base dos montes à distância. Nunca poderia ter imaginado uma cidade tão grande. Mesmo até este dia, a vista de ruas e edifícios a partir de um comboio muitas vezes me faz lembrar o terrível vazio e o medo que senti nesse dia curioso quando pela primeira vez saí de minha casa.

Naquela altura, por volta de 1930, ainda operava em Quioto um número considerável de riquexós. De facto, havia tantos alinhados diante da estação, que eu imaginei que ninguém ia a lado algum nesta grande cidade a não ser de riquexó - o que não poderia estar mais longe da verdade. Talvez quinze ou vinte deles estivessem parados, inclinados para a frente sobre os paus de apoio, enquanto os condutores andavam por ali, de cócoras, a fumar ou comer; alguns dos condutores estavam deitados enrolados a dormir ali mesmo na sujidade da rua.

O Sr. Bekku conduziu-nos de novo agarrando-nos pelos ombros, como se fôssemos um par de baldes que trouxesse do poço. Provavelmente pensou que eu teria fugido se me largasse por um momento; mas não fugiria. Para onde quer que ele nos fosse levar, eu preferia-o a ser abandonada ali sozinha naquela grande extensão de ruas e edifícios, tão estranhos para mim como o fundo do mar.

Subimos para um riquexó, com o Sr. Bekku espremido entre nós no meio do banco. Era muito mais ossudo debaixo daquele quimono do que eu poderia suspeitar. Demos um balanço para trás quando o condutor pegou nos paus, e então o Sr. Bekku disse:

- Tominaga-cho, em Gion.

O condutor não deu resposta, e com um encontrão no riquexó para o fazer arrancar, partiu a trote. Após um quarteirão ou dois, reuni toda a minha coragem e disse ao Sr. Bekku:

-Por favor, não é capaz de nos dizer para onde é que vamos?

Ele parecia que não ia responder, mas depois de um bocado disse:

- Para a vossa nova casa.

Com isto, os olhos encheram-se-me de lágrimas. Ouvia Satsu a chorar no outro lado do Sr. Bekku e estava quase a deixar sair um soluço muito meu quando o Sr. Bekku subitamente lhe bateu, fazendo-a arfar. Eu mordi o lábio e obriguei-me a suspender o choro tão depressa que penso que as próprias lágrimas devem ter parado de me correr pela cara abaixo.

Em breve virámos para uma avenida que parecia tão larga como toda a aldeia de Yoroido. Dificilmente podia ver o outro lado dado a quantidade de gente, bicicletas, carros e camiões. Nunca vira um carro antes. Já tinha visto fotografias, mas lembro-me de ter ficado surpreendida pelo modo tão... bom, cruel, era assim que me pareciam no meu estado de terror, como se estivessem mais desenhados para ferir as pessoas do que para as ajudar. Todos os meus sentidos estavam em sobressalto. Os camiões

ribombavam tão perto ali ao lado que podia cheirar o odor a borracha queimada dos pneus. Ouvi um guincho horrível, que se revelou ser um eléctrico a passar nos carris pelo centro da avenida.

Sentia-me mais aterrorizada à medida que a noite se instalava à nossa volta; mas nunca tinha ficado tão surpreendida por qualquer outra coisa em toda a minha vida como pelo meu primeiro vislumbre das luzes da cidade. Nunca antes tinha visto electricidade a não ser durante parte do nosso jantar em casa do Sr. Tanaka. Aqui, as janelas acendiam-se ao longo de edifícios para cima e para baixo, e as pessoas nos passeios erguiam-se no meio de charcos de brilho amarelo. Podia ver pontinhos de luz até ao fundo mais afastado da avenida. Virámos por outra rua, e pela primeira vez vi o Teatro Minamiza erguendo-se no lado oposto de uma ponte à nossa frente. O seu telhado de cerâmica era tão grandioso, que pensei ser um palácio.

Passado um bocado, o riquexó virou por uma alameda abaixo, ladeada de casas de madeira. Do modo como estavam todas amontoadas e juntas, pareciam partilhar uma fachada contínua - o que mais uma vez me deu a sensação terrível de estar perdida. Vi mulheres em quimono correndo por ali com grande pressa através da ruazinha. Pareciam-me muito elegantes; embora, como mais tarde percebi, fossem apenas criadas.

Quando parámos por fim diante de uma entrada, o Sr. Bekku mandou-me sair. Entrou atrás de mim, e depois, como se o dia não tivesse já sido difícil que bastasse, aconteceu o pior de tudo. Porque, quando Satsu também tentou sair, o Sr. Bekku virou-se e empurrou-a com o seu braço comprido.

- Fica aqui - disse-lhe. - Tu vais para outro lado.

Olhei para Satsu, e Satsu olhou para mim. Deve ter sido a primeira vez que de facto compreendemos completamente os sentimentos uma da outra, porque quando dei por mim os meus olhos tinham-se enchido de lágrimas de tal maneira que quase não conseguia ver. Senti-me ser arrastada para trás pelo Sr. Bekku; ouvi vozes de mulheres e alguma confusão. Estava a pontos de me atirar para a rua quando subitamente a boca de Satsu se escancarou com algo que ela viu na entrada da porta atrás de mim.

Eu estava numa entrada estreita com um poço de aspecto antigo num dos lados, e algumas plantas no outro. O Sr. Bekku tinha-me arrastado para o interior, e agora puxava-me para que me pusesse de pé. Ali, no degrau da porta de entrada, acabando de enfiar os pés dentro dos seus zori lacados, mostrava-se uma mulher extraordinariamente bela, usando o quimono mais bonito que eu alguma vez imaginara. Tinha ficado impressionada pelo quimono usado pela jovem gueixa com dentes de cavalo do Sr. Tanaka na cidade de Senzuru; mas este era azul água, com linhas espiraladas em tom de marfim a imitar a corrente num regato. Reluzentes trutas de prata brilhantes saltavam na corrente, e a superfície da água mostrava anéis de ouro sempre que tocada pelas folhas verdes suaves de uma árvore. Não tinha dúvidas de que o vestido fora tecido de seda pura, e também o obi, bordado em verdes e amarelos pálidos. E a roupa não era a única coisa extraordinária acerca dela; tinha a cara pintada com uma espécie de branco rico, como a parede de uma nuvem quando iluminada pelo Sol. O cabelo, penteado em bandós, brilhava tão negro como laca, e estava decorado com ornamentos esculpidos em âmbar, e com um travessão do qual caíam tirinhas de prata a balançar, que lançavam reflexos quando ela se movia.

Foi esta a minha primeira visão de Hatsumomo. Na altura, ela era uma das gueixas mais famosas do bairro de Gion; embora, como é evidente, não soubesse nada disto na altura. Era uma mulher pequenina; o topo do penteado dela não chegava mais alto que o ombro do Sr. Bekku. Eu estava tão surpreendida com o aparecimento dela que me esqueci das boas maneiras - não que então tivesse ainda algumas maneiras - e fiquei a olhar fixa e directamente para a cara dela. Ela sorria para mim, embora não de uma maneira bondosa. E depois disse:

- O Sr. Bekku, importa-se de pôr o lixo na rua mais tarde? Gostava de continuar o meu caminho.

Não havia qualquer lixo na entrada; ela falava de mim. O Sr. Bekku disse que achava que Hatsumomo tinha espaço suficiente para passar.

- Você pode não se importar de estar tão perto dela - disse Hatsumomo. - Mas quando vejo porcaria num lado da rua, atravesso para o outro lado.

Subitamente, uma mulher mais velha, alta e ossuda, como uma estaca de bambu, apareceu na porta por detrás dela.

- Não sei como é que te conseguem aturar, Hatsumomo-san - disse a mulher.

Mas fez um gesto para o Sr. Bekku me puxar para a rua de novo, o que ele cumpriu. Depois disto, ela desceu os degraus da entrada de uma maneira muito desajeitada - porque uma das ancas fazia uma grande proeminência e tornava-lhe difícil o andar - e atravessou até um pequeno armário na parede. Tirou dele uma coisa que me pareceu um bocado de sílex, junto com uma pedra rectangular como a que os pescadores usam para afiar as facas, e depois bateu a pederneira contra a pedra, fazendo com que um pequeno cacho de faíscas saltasse para as costas de Hatsumomo. Não percebi nada disto; mas sabem, as gueixas ainda são mais supersticiosas que os pescadores. Uma gueixa nunca sai de casa para a noite sem que alguém lhe tenha feito saltar faíscas nas costas para dar sorte.

Depois disto, Hatsumomo foi-se embora, dando passinhos tão pequeninos que parecia deslizar junto com a bainha do respectivo quimono flutuando apenas um pouco. Na altura eu não sabia que ela era uma gueixa, porque estava galáxias acima da criatura que eu tinha visto em Senzuru umas poucas de semanas antes. Conclui que devia ser alguma espécie de artista de teatro. Todos ficámos a observá-la a ir-se embora a flutuar, e depois o Sr. Bekku entregou-me à mulher mais velha na entrada. Ele voltou a trepar para o riquexó com a minha irmã, e o condutor levantou os paus. Mas nunca cheguei a vê-los partir, porque tinha caído à entrada desfeita em lágrimas.

A mulher mais velha deve ter tido pena de mim; durante um longo tempo deixou que eu ficasse ali a soluçar na minha infelicidade sem ninguém me tocar. Até a ouvi mandar calar uma criada que tinha vindo do interior da casa a falar com ela. Por fim, ajudou-me a pôr de pé, e secou-me a cara com um lenço que tirou de uma das mangas do seu simples quimono cinzento.

- Vá lá, vá lá, rapariguinha. Não há motivos para estares tão preocupada. Ninguém te vai comer.

Falou com o mesmo sotaque estranho que tinha o Sr. Bekku e Hatsumomo. Soava tão diferente do japonês falado na minha aldeia, que tive muita dificuldade em compreendê-la. Mas de qualquer maneira, as palavras dela eram as mais bondosas que alguém me dirigira durante todo o dia, por isso decidi fazer o que ela me aconselhava. Disse-me para lhe chamar Tia. E depois olhou para mim, de frente na cara, e disse numa voz rouca:

- Céus! Que olhos espantosos! És uma rapariga amorosa, não és? A Mãe vai ficar entusiasmada.

Pensei logo que a mãe desta mulher, quem quer que fosse, deveria ser muito velha, porque o cabelo da Tia, apertado num carrapito na parte detrás da cabeça, estava quase todo cinzento, e só lhe restavam umas madeixas de negro.

A Tia levou-me porta dentro, onde me descobri de pé num corredor de terra entre duas estruturas muito próximas, dando para um pátio nas traseiras. Uma das estruturas era uma residência como a minha casa em Yoroido - dois quartos com chão de terra batida; revelou-se ser a zona das criadas. A outra era uma casa pequena, elegante, erguida sobre uma fundação de pedras de tal maneira que um gato poderia rastejar por debaixo delas. O corredor entre elas abria-se para o céu azul-escuro acima, que me dava a sensação de estar de pé em algo mais parecido com uma aldeia em miniatura do que uma casa - dado que por fim podia ver vários outros pequenos edifícios ao fundo do pátio. Não o sabia na altura, mas esta era

uma residência muito típica para a secção de Quioto em que se encontrava. As construções no pátio, embora dessem a impressão de outro grupo de habitações pequeninas, eram apenas um telheiro para as casas de banho e um armazém de dois andares com um escadote no exterior. Toda a residência podia encaixar numa área mais pequena que a casa do Sr. Tanaka no campo, e abrigava só oito pessoas. Ou antes nove, agora que eu tinha chegado.

Depois de ter abarcado a disposição peculiar de todos os pequenos edifícios, reparei na elegância da casa principal. Em Yoroido, as estruturas de madeira eram mais cinzentas que castanhas, e corroídas pelo sal do mar. Mas aqui o chão de madeira e postes brilhavam com a luz amarela de lâmpadas eléctricas. Abrindo-se a partir do átrio de entrada existiam portas de correr com janelas de papel, bem como uma escada que parecia subir na vertical. Uma destas portas estava aberta, de modo que eu podia ver um armário de madeira com um altar budista. Estas salas elegantes vieram a revelar-se como destinadas ao uso da família - e também de Hatsumomo, embora, como viria a compreender, ela não fosse de modo algum um membro da família. Quando os membros da família queriam ir para o pátio, não passavam pelo pequeno corredor de terra como os criados, mas tinham a sua própria rampa de madeira polida correndo ao longo dos lados da casa. Tinham até casas de banho à parte - uma no andar superior para a família, e outra no inferior para as criadas.

Eu teria ainda de descobrir a maioria destas coisas, embora as viesse a aprender dentro de um dia ou dois. Mas fiquei ali no corredor um grande bocado, imaginando que tipo de lugar seria aquele e sentindo muito medo. A Tia tinha desaparecido na cozinha e falava com voz rouca para alguém. Por fim esse alguém saiu. Acabou por se revelar ser uma rapariga da minha idade, a carregar um balde de madeira com água, tão pesado que deixou um rasto de lama pelo chão de terra. Tinha o corpo magro; mas a cara era gorda e quase perfeitamente redonda, de modo que me parecia um melão enfiado num pau. Estava a fazer um grande esforço para carregar o balde, e a língua saía-lhe espetada da boca, exactamente como o pé sai de uma abóbora. Como depressa o soube, era um costume dela. Esticava a língua para fora quando mexia a sopa de miso, ou vazava arroz numa taça, ou até ao atar o cinto do vestido. E a cara dela era tão verdadeiramente gorda e macia, com aquela língua espetada curvando-se como um pé de abóbora, que em poucos dias lhe tinha dado a alcunha de Abóbora, e toda a gente acabou por lhe vir a chamar assim - até os clientes, muitos anos mais tarde quando se tornou gueixa em Gion.

Depois de ter pousado o balde junto a mim, a Abóbora recolheu a língua, e prendeu uma madeixa de cabelo por detrás da orelha enquanto me olhava de alto a baixo. Pensei que ia dizer alguma coisa, mas continuou apenas a olhar, como se estivesse a tentar decidir-se se iria ou não tirar-me um bocado com uma dentada. De facto, parecia esfomeada; e então, por fim, inclinou-se e disse num murmúrio:

- De onde raio é que tu vieste?

Achei que não ia ajudar dizer que tinha vindo de Yoroido; dado que o acento dela me era tão estranho como o de todas aquelas outras pessoas, tive a certeza que não reconhecera o nome da minha aldeia. Em vez disso, disse que tinha acabado de chegar.

- Pensei que nunca mais ia ver nenhuma outra rapariga da minha idade - disse-me. - Mas o que é que aconteceu com os teus olhos?

Nesse exacto momento a Tia saiu da cozinha, e depois de enxotar a Abóbora, pegou no balde, num trapo, e levou-me pátio abaixo. Tinha um belo aspecto musgoso, com pedras a conduzir para um armazém na parte detrás; mas cheirava terrivelmente por causa das casas de banho no pequeno telheiro ao longo de um dos lados. A Tia disse-me para me despir. Tinha medo que ela me fizesse alguma coisa como o que a Sra. Mexericas me fizera, mas em vez disso apenas me despejou água pelos ombros e me esfregou com o trapo. Depois deu-me um vestido, que não era mais que algodão rudemente tecido com o mais simples

padrão azul-escuro, mas era seguramente mais elegante que qualquer coisa que alguma vez usara. Uma mulher velha, que se veio a revelar ser a cozinheira meteu-se pelo corredor com várias criadas velhotas para me espreitarem. A Tia disse-lhes que teriam tempo de sobra para ficarem especadas noutra dia e mandou-as para onde tinham vindo.

- Bom, agoraouve rapariga - disse-me a Tia, quando ficámos sós. - Nem sequer quero saber o teu nome por enquanto. A última rapariga que veio, a Mãe e a Avó não gostaram ela, e só cá ficou um mês. Estou demasiado velha para continuar a aprender nomes novos, até que elas decidam se vão ficar contigo ou não.

- O que é que acontece se elas não quiserem ficar comigo? - perguntei.

- É melhor para ti que queiram ficar.

- E posso perguntar, minha senhora... o que é este lugar?

- É uma okiya - disse ela. - É onde vivem as gueixas. Se trabalhares muito, crescerás para seres tu própria uma gueixa. Mas não conseguirás chegar nem sequer até à próxima semana se não me ouvires com muita atenção, porque a Mãe e a Avó vão descer as escadas dentro de momentos para te verem. E é melhor que elas gostem do que vêem. A tua tarefa é fazeres uma vénia até tão baixo quanto puderes, e não as olhares nos olhos. A mais velha, aquela a quem chamamos Avó, nunca gostou de ninguém na vida, por isso não te preocupes com o que ela disser. Se te fizer uma pergunta, nem sequer respondas, por amor de Deus! Eu responderei por ti. Aquela a quem tens que impressionar é a Mãe. Não é de má raça, mas só lhe interessa uma coisa.

Não tive oportunidade de descobrir o que era essa coisa, porque ouvi um estalido vindo da direcção do átrio da entrada principal, e em breve as duas mulheres chegavam deslizando até à passagem exterior. Não ousei olhar para elas. Mas o que podia ver pelo canto do olho fez-me pensar em dois lindíssimos ramos de seda a flutuar ao longo de um regato. Em pouco tempo estavam a pairar sobre o estrado diante de mim, onde se deixaram afundar e alisaram os respectivos quimonos sobre os joelhos.

- Umeko-san! - gritou a Tia, porque era este o nome da cozinheira. - Traz chá para a Avó.

- Não quero chá - ouvi uma voz zangada dizer.

- Vá lá, Avó - disse uma voz mais áspera, que calculei ser a da Mãe. - Não tem que o beber. A Tia só quer ter a certeza de que está confortável.

- Não há maneira de estar confortável com estes meus velhos ossos - resmungou a mulher mais velha. Ouvia-a inspirar para dizer mais qualquer coisa, mas a Tia interrompeu.

- Esta é a nova rapariga, Mãe - disse ela, e deu-me um pequeno empurrão, que tomei como sinal para fazer a vénia. Pus-me de joelhos e fiz uma vénia tão baixo, que podia cheirar o mofo do ar vindo debaixo das fundações. Depois ouvi a voz da Mãe outra vez.

- Levanta-te e chega-te aqui mais perto. Quero olhar para ti.

Tinha a certeza de que ela me ia dizer mais alguma coisa depois de me ter aproximado dela, mas em vez disso tirou do obi, onde o tinha guardado, um cachimbo com uma chaminé de metal e uma longa haste de bambu. Pousou-o a seu lado sobre o estrado, e depois tirou do bolso da manga um saco de seda fechado com um fio, do qual retirou uma grande pitada de tabaco. Empurrou o tabaco com o dedo pequenino, manchado com uma cor de ferrugem, o laranja-queimado do inhame torrado, e depois pôs o cachimbo na boca e acendeu-o com um fósforo tirado de uma pequenina caixa de metal.

Só então me olhou pormenorizadamente pela primeira vez, a dar puxadas no cachimbo enquanto a mulher velha a seu lado suspirava. Achava que não deveria olhar directamente para a Mãe, mas sentia a

impressão do fumo a sair da cara dela como vapor de uma racha na terra. Fiquei com tanta curiosidade que os meus olhos adquiriram vida própria e começaram a precipitar-se em volta. Quanto mais via dela, mais fascinada ficava. O quimono era amarelo, com ramos de salgueiro suportando adoráveis folhas verdes e laranja; era feito de escumilha de seda tão delicada como a teia de uma aranha. O obi era-me em todos os pormenores igualmente espantoso. Também de uma textura de névoa adorável, mas tinha um aspecto mais pesado, em cor de ferrugem e castanho-escuro com fios de ouro entretecidos.

Quanto mais olhava para as roupas dela, menos tinha a impressão de estar ali de pé no chão de terra batida, ou de pensar no que tinha acontecido à minha irmã - e à minha mãe, e ao meu pai - e no que me iria acontecer. Cada detalhe do quimono desta mulher era o suficiente para me fazer esquecer de mim. E depois tive um choque tremendo: porque acima do colarinho do seu elegante quimono estava uma cara tão incompatível com a roupa que era como se eu tivesse estado a fazer festinhas nas costas de um gato, apenas para descobrir que se tratava da cabeça de um buldogue. Era uma mulher com um aspecto horroroso, embora muito mais nova do que a Tia, o que eu não esperara. Vim a saber que a Mãe era de facto a irmã mais nova da Tia - embora se tratassem uma à outra por Mãe e Tia, tal como todas as outras pessoa na okiya faziam. De facto, não eram irmãs de verdade da maneira que Satsu e eu o éramos. Não tinham nascido na mesma família; mas a Avó tinha-as adoptado às duas.

Estava tão aturdida ali de pé, com tantos pensamentos a correr-me na cabeça, que acabei a fazer exactamente aquilo que a Tia me tinha dito para não fazer. Olhei directamente para os olhos da Mãe. Quando o fiz, ela tirou o cachimbo dos lábios, o que lhe fez cair o queixo e abrir a boca como um alçapão. E ainda que eu soubesse que deveria a todo o custo baixar os olhos outra vez, os peculiares olhos dela eram-me tão chocantes na sua feiura, que não podia fazer mais nada senão ficar ali de pé a olhar fixamente para eles. Em vez de alvo e claro, o branco dos olhos dela tinha uma horrível sombra amarela, e fez-me logo pensar numa retrete em que alguém tivesse acabado de urinar. Eram debruados pelo rude lábio das pálpebras, nas quais se acumulava uma humidade enevoada; e em toda a volta deles a pele estava pendurada.

Levei os olhos para baixo, tão longe quanto a boca dela, que ainda estava aberta. As cores da cara estavam todas misturadas; os bordos das pálpebras eram vermelhos como carne, e as gengivas e a língua cinzentas. E para tornar as coisas mais horríveis, cada um dos dentes de baixo parecia ancorado numa pequena piscina de sangue nas gengivas. Isto devia-se a uma qualquer deficiência na dieta da Mãe durante os últimos anos, como depois soube; mas não conseguia deixar de sentir, quanto mais olhava para ela, que era como uma árvore que tinha começado a perder as folhas. Estava tão chocada pelo efeito total que penso que terei dado um passo para trás, ou deixado sair o som de engolir em seco, ou de alguma maneira ter-lhe dado uma pista dos meus sentimentos, porque me disse de imediato na sua voz rouca:

- Para onde é que estás a olhar?

- Lamento muito, minha senhora. Estava a olhar para o seu quimono - disse-lhe. - Acho que nunca vi nada igual.

Esta deve ter sido a resposta certa - se haveria uma resposta certa - porque deixou escapar algo parecido com uma gargalhada, embora soasse como tosse.

- Então gostas dele, gostas? - disse, continuando a tossir, ou rir, não podia dizer qual. - Tens alguma ideia de quanto custou?

- Não, minha senhora.

- Mais do que tu, isso é certo.

Aqui a criada apareceu com o chá. Enquanto o serviam aproveitei a oportunidade para lançar uma



olhadela à Avó. Se a Mãe era mais para o gordinho, com dedos como cepos e pescoço largo, a Avó era velha e enrugada. Era pelo menos tão velha como o meu pai, mas tinha o aspecto de quem passara os anos a estufar-se até atingir um estado de mesquinhez. O cabelo cinzento fazia-me pensar num emaranhado de fios de seda, porque podia ver-lhe o escalpe através deles. E mesmo o couro cabeludo me parecia mesquinho, por causa de manchas da idade em que a pele se coloria de vermelho ou castanho. Não estava exactamente a franzir as sobrancelhas, mas a boca tinha sempre uma forma repuxada.

Deu uma inspiração profunda a preparar-se para falar; e então, quando expirou outra vez, resmungou:

- Não disse que não queria chá nenhum? - Depois disto, suspirou e abanou a cabeça, e perguntou - Quantos anos tens, rapariguinha?

- Ela é do ano do Macaco - respondeu por mim a Tia.

- A maluca da cozinheira é Macaco - disse a Avó.

- Nove anos de idade - disse a Mãe. - O que pensas dela, Tia?

A Tia deu uns passos até ficar diante de mim e inclinou-me a cabeça para trás para olhar para a minha cara.

- Ela tem uma boa dose de água.

- Bonitos olhos - disse a Mãe. - Já viste, Avó?

- A mim parece-me uma tonta - disse a Avó. - De qualquer modo, não precisamos de outro Macaco.

- Oh, tenho a certeza que tens razão - disse a Tia. - Se calhar ela é o que dizes. Mas parece-me uma rapariga muito esperta, e adaptável; pode ver-se pela forma das orelhas.

- Com tanta água na personalidade - disse a Mãe - provavelmente será capaz de cheirar um fogo antes ainda de ter começado. Não era bom, Avó? Deixa de ter que se preocupar que o seu armazém venha a arder com todos os seus quimonos lá dentro.

A Avó, como acabei por entender, tinha mais medo do fogo que a cerveja de um homem com sede.

- De qualquer maneira, é bem bonita, não acha? - acrescentou a Mãe.

- Há demasiadas raparigas bonitas em Gion - disse a Avó. - O que nós precisamos é de uma rapariga esperta, não de uma rapariga bonita. Aquela Hatsumomo é das mais bonitas, e vê que tola que é!

Depois disto a Avó levantou-se, com a ajuda da Tia, e fez o caminho de regresso passagem acima. Embora deva dizer que ao observar o passo desajeitado da Tia - por causa da anca dela a sair mais acima que a outra - não era completamente óbvio qual das duas mulheres tinha mais facilidade em andar. Em breve ouvi o som da porta do átrio da frente a deslizar, a abrir-se e fechar outra vez, e a Tia voltou.

- Tens piolhos, rapariguinha? - perguntou-me a Mãe. - Não - disse eu.

- Vais ter que aprender a falar de maneira mais educada que isso. Tia, faz o favor de lho aparares só para ficarmos seguras.

A tia chamou uma criada e pediu-lhe um par de tesouras.

- Bom, rapariguinha - disse-me a Mãe - agora estás em Quioto. Aprenderás a comportar-te, ou apanharás uma tarefa. E é a Avó quem dá as tarefas por aqui, por isso vais arrependerte. O meu conselho para ti é: trabalho muito duro, e nunca abandones a okiya sem autorização. Faz o que te mandam; não arranjes muitos sarilhos; e podes vir a começar a aprender as artes de uma gueixa dentro de dois ou três

meses. Não te trouxe para aqui para seres uma criada. Mando-te embora se não fores mais que isso.

A Mãe deu umas passas no cachimbo e manteve os olhos fixos sobre mim. Não ousei mexer-me até que mo mandasse. Dei comigo a imaginar se a minha irmã estaria assim diante de alguma outra mulher cruel, noutra casa algures nesta cidade horrível. E tive uma imagem súbita na minha cabeça da minha pobre e doente mãe, a erguer-se com esforço sobre um dos cotovelos no seu futon e a olhar em volta para ver onde tínhamos ido. Não queria que a Mãe me visse a chorar, mas os olhos encheram-se-me de lágrimas antes que conseguisse pensar em como fazê-las parar. Com os olhos enevoados, o quimono amarelo da Mãe tornava-se cada vez mais claro, até que parecia fazer faíscas. Depois ela assoprou uma baforada do fumo, e desapareceu completamente.

Durante os primeiros dias naquele estranho lugar, não creio que pudesse ter-me sentido pior do que se tivesse perdido os braços e as pernas, em vez da minha família e da minha casa. Não tinha dúvidas de que a vida nunca mais voltaria a ser a mesma. Tudo aquilo em que podia pensar era sobre a minha confusão e infelicidade; e perguntava-me dia após dia quando voltaria a ver Satsu outra vez. Estava sem o meu pai, sem a minha mãe - e até sem a roupa que sempre tinha usado. Porém, de alguma maneira, o que mais me espantava, depois de terem passado uma semana ou duas, era que tinha de facto sobrevivido. Lembro-me de um momento, estava eu a limpar taças de arroz na cozinha, quando de repente me senti tão desorientada que tive que parar o que estava a fazer para olhar para as minhas mãos durante muito tempo; porque dificilmente conseguia compreender que esta pessoa que limpava a loiça, e secava as taças, era de facto eu. A Mãe tinha-me dito que poderia começar o meu treino dentro de poucos meses se trabalhasse arduamente e me portasse bem. Como entretanto o soube pela Abóbora, começar o meu treino significava ir para uma escola noutra secção de Gion, para frequentar classes de coisas como música, dança, e a cerimónia do chá. Todas as raparigas que estudavam para ser gueixas iam às aulas nessa mesma escola. Tive a certeza de que aí iria encontrar Satsu quando por fim me permitissem lá ir; por isso, pelo final da minha primeira semana, já me tinha resolvido a ser tão obediente quanto uma vaca puxada por uma corda, com a esperança de que a Mãe me mandasse logo para a escola.

A maioria das minhas tarefas eram básicas. Arrumava os futon de manhã, limpava os quartos, varria o corredor de terra batida, e por aí fora. Às vezes era enviada ao farmacêutico para ir buscar pomada para a sarna da cozinheira, ou a uma loja na Avenida Shijo para trazer as bolachas de arroz que a Tia tanto gostava. Felizmente, as incumbências piores, como limpar as casas de banho, eram da responsabilidade de uma das criadas mais velhas. Mas mesmo trabalhando eu o mais afincadamente que sabia, nunca parecia causar a boa impressão que esperava, porque as minhas tarefas diárias eram sempre mais do que eu poderia vir realmente a acabar; e o problema era muito agravado pela Avó.

Tomar conta da Avó não era realmente um dos meus deveres - não dos que a Tia me determinou. Mas quando a Avó me chamava não podia exactamente ignorá-la, porque tinha mais senioridade na okiya que qualquer outra pessoa. Um dia, por exemplo, estava a preparar-me para levar o chá à Mãe escadas acima quando ouvi a Avó chamar:

- Onde é que está essa rapariga! Mandem-ma cá!

Tive que pousar a bandeja da Mãe e correr até à sala onde a Avó estava a almoçar.

- Não consegues ver que esta sala está quente de mais? - Disse-me depois de lhe ter feito a vénia de joelhos. - Devias ter vindo cá primeiro abrir a janela.

- Desculpe, Avó. Não sabia que estava com calor.

- Não se vê que estou com calor?

Estava a comer um pouco de arroz, e alguns dos grãos tinham-lhe ficado colados ao lábio inferior.

Achei que parecia mais mesquinha do que encalorada, mas fui direita à janela e abri-lha. Assim que o fiz, entrou uma mosca que começou a zumbir em torno da comida da Avó.

- O que é que se passa contigo? - disse, afastando a mosca com os pauzinhos. - As outras criadas não deixam entrar as moscas quando abrem a janela!

Pedi desculpa, e disse-lhe que ia buscar um mata-moscas.

- Para matares a mosca para dentro da minha comida? Oh, não, não vais não! Ficas aqui enquanto eu estou a comer a enxotá-la para longe de mim.

Por isso tive que ficar ali enquanto a Avó comia o almoço, a ouvi-la contar-me coisas sobre Ichimura Uzaemon XIV, o grande actor Kabuki, que lhe tinha pegado na mão durante uma festa de olhar a lua quando ela tinha apenas catorze anos. No momento em que por fim fui autorizada a partir, o chá da Mãe já estava tão gelado que não lho podia levar. Tanto a cozinheira quanto a Mãe ficavam zangadas comigo.

A verdade era que a Avó não gostava de ser deixada sozinha. Mesmo quando precisava de ir à casa de banho, obrigava a Tia a ficar do lado de fora junto à porta, a pegar-lhe nas mãos para a ajudar a equilibrar-se na posição de cócoras. O cheiro era tão insuportável que a pobre Tia quase quebrava o pescoço a tentar manter a cabeça o mais distante dele possível. Eu não tinha tarefas tão mas quanto esta, mas a Avó chamava-me muitas vezes para lhe dar massagens enquanto limpava os ouvidos com uma colherzinha de prata; e a tarefa de a massajar era muito pior do que poderão imaginar. Quase fiquei agoniada da primeira vez que ela abriu o vestido e o despiu nos ombros, porque a pele, ali e no pescoço, tinha altos e era amarela como a de uma galinha crua. O problema, como mais tarde vim a saber, era que nos seus tempos de gueixa usara uma espécie de maquilhagem a que chamamos Argila Chinesa, feita à base de chumbo. A argila chinesa revelou-se venenosa, para começar, o que em parte justificaria a má disposição da Avó. Mas também enquanto mulher mais jovem a Avó tinha ido muitas vezes para as termas quentes ao Norte de Quioto. Isto teria sido óptimo, mas o caso era que a maquilhagem à base de chumbo era muito difícil de tirar; os restos dela combinaram-se com uma qualquer espécie de químico presente na água para fazer um corante que lhe arruinou a pele. A Avó não era a única a sofrer deste problema. Mesmo durante os primeiros anos da Segunda Grande Guerra, podiam ainda ver-se nas mulheres velhas de Gion os pescoços amarelos com as peles penduradas.

\* \* \*

Um dia, depois de eu já estar na okiya há três semanas, subi muito mais tarde do que o habitual para arrumar o quarto de Hatsumomo. Andava aterrorizada com Hatsumomo, embora raramente a visse dado a vida ocupada que levava. Preocupava-me o que me poderia fazer se me apanhasse sozinha, por isso tentava sempre limpar-lhe o quarto na altura em que ela abandonava a okiya para ir às lições de dança. Infelizmente, nessa manhã a Avó tinha-me mantido ocupada quase até ao meio-dia.

O quarto de Hatsumomo era o maior da okiya, com uma área superior ao da minha casa toda em Yoroido. Não conseguia imaginar porque é que seria tão maior do que o de toda a gente, até que uma das criadas mais velhas me disse que, embora Hatsumomo fosse agora a única gueixa da okiya, no passado tinham dormido ali umas três ou quatro juntas naquele quarto. Hatsumomo bem podia viver sozinha, mas garanto-vos que fazia lixo suficiente para quatro pessoas. Quando subi ao quarto dela naquele dia, para além das costumeiras revistas atiradas por ali, e escovas abandonadas no tapete junto da comodazinha de maquilhagem, descobri um caroço de maçã e uma garrafa de whisky vazia debaixo da mesa. A janela estava aberta, e o vento devia ter deitado abaixo o cabide de madeira em que ela pendurara o quimono usado na noite anterior - ou talvez o houvesse pisado antes de ir embriagada para a cama e não se tivesse dado ao trabalho de o levantar. Normalmente, a Tia já teria levado o quimono, porque era da sua

responsabilidade tratar da roupa na okiya, mas por um motivo qualquer não o tinha feito. Exactamente no momento em que estava a levantar o cabide, a porta deslizou abrindo-se de repente, e virei-me para ver Hatsumomo ali de pé.

- Ah, és tu - disse ela. - Pensei que tinha ouvido um ratinho ou qualquer coisa parecida. Vejo que estás a arrumar o meu quarto! És tu quem se entretém a mudar-me o lugar aos meus frascos de maquilhagem? Porque insistes em fazer isso?

- Peço muita desculpa, minha senhora - disse eu. - Só lhes mexo para limpar o pó por debaixo deles.

- Mas se lhes tocas - disse ela - ficam a cheirar como tu. E então os homens vão dizer-me: «Hatsumomo-san, porque é que cheiras tão mal como uma rapariga ignorante de uma aldeia de pescadores?». Com certeza que compreendes isto, não compreendes? Mas vamos ouvir-te repeti-lo para mim só para ter a certeza. Porque é que eu não quero que tu toques na minha maquilhagem?

Quase não conseguia dizê-lo. Mas por fim respondi-lhe.

- Porque vão começar a cheirar como eu.

- Muito Bem! E o que é que os homens vão dizer?

- Vão dizer: «Oh, Hatsumomo-san, cheiras exactamente como uma rapariga de uma aldeia de pescadores.»

- Hummm... há qualquer coisa na maneira como o disseste de que eu não gosto. Mas acho que chega. Não sei porque é que raparigas como vocês das aldeias de pescadores cheiram tão mal. Aquela tua irmã horrível esteve aqui no outro dia à tua procura, e o cheirete dela era quase tão mau como o teu.

Até ali tinha mantido os olhos no chão; mas quando ouvi estas palavras, olhei directamente para a cara de Hatsumomo para ver se estava a dizer a verdade ou não.

- Pareces tão surpreendida! - disse-me ela. - Não te tinha já dito que ela tinha vindo cá? Queria que eu te entregasse uma mensagem sobre o sítio em que está a viver. Provavelmente quer que a vás procurar, para que vocês as duas possam fugir juntas.

- Hatsumomo-san...

- Queres que te diga onde é que ela está? Bom, vais ter que ganhar a informação. Quando pensar como, digo-to. Agora sai.

Não ousei desobedecer-lhe, mas imediatamente antes de abandonar o quarto parei, pensando talvez que a pudesse persuadir.

- Hatsumomo-san, eu sei que não gosta de mim - disse. - Se pudesse ser muito amável e dizer-me o que eu quero saber, prometo que nunca mais a voltarei a incomodar.

Hatsumomo mostrou-se encantada quando ouviu isto e veio até mim com uma felicidade luminosa na cara. Sinceramente, nunca tinha visto uma mulher tão surpreendentemente bela. Os homens na rua às vezes paravam e tiravam os cigarros da boca para a olharem embasbacados. Eu pensei que ela vinha segredar-me ao ouvido; mas depois de ter parado por cima de mim a sorrir por um momento, fez recuar a mão e deu-me uma bofetada.

- Disse-te para saíres do meu quarto, não disse?

Estava demasiado atordoada para saber como reagir. Mas devo ter cambaleado para fora do quarto, porque do que me lembro a seguir é de estar afundada no chão de madeira do átrio, com a mão a segurar a cara. Num instante a porta da Mãe abriu-se.

- Hatsumomo! - Disse a Mãe, e veio ajudar-me a levantar. - O que é que fizeste à Chiyo?

- Ela estava a falar em fugir, Mãe. Resolvi que era melhor se lhe batesse por si. Achei que provavelmente estaria demasiado ocupada para o fazer.

A Mãe chamou uma criada e pediu várias fatias de gengibre fresco, depois levou-me para o quarto e sentou-me à mesa dela enquanto acabava de fazer um telefonema. O único telefone da okiya para fazer chamadas para o exterior de Gion estava montado no quarto dela, e mais ninguém tinha autorização para o usar. Havia deixado o auscultador pousado de lado na prateleira, e quando lhe pegou de novo, parecia estar a espremê-lo com tanta força com os seus dedos nodosos, que pensei que algum fluido ainda ia gotejar para o tapete.

- Desculpe - disse para o bocal na sua voz rouca. - Hatsumomo anda outra vez a esbofetear as criadas.

Durante as minhas primeiras semanas na okiya senti uma afeição pouco razoável pela Mãe - qualquer coisa como a que um peixe pode sentir pelo pescador que lhe puxa o anzol dos lábios. Provavelmente isto era porque não a via mais do que alguns minutos cada dia enquanto lhe limpava o quarto. Encontrava-se sempre ali, sentada à mesa, normalmente com um livro de contabilidade da prateleira aberto diante de si, e os dedos de uma mão a fazer faiscar as contas de marfim do seu ábaco. Poderia ser organizada quanto a manter os livros de contas, mas em todos os outros aspectos era ainda mais desarrumada que Hatsumomo. Sempre que pousava o cachimbo em cima da mesa com um clique, voavam dele faúlhas de cinza e de tabaco, e deixava-as ficar onde caíssem. Não gostava que ninguém tocasse no seu futon, nem sequer para mudar os lençóis, por isso o quarto todo cheirava a roupa suja. E as persianas de papel sobre as janelas estavam terrivelmente manchadas por causa do fumo, o que dava um aspecto sombrio ao quarto.

Enquanto a Mãe continuava a falar ao telefone, uma das criadas mais velhas entrou com várias tiras de gengibre acabado de cortar para que eu as pusesse de encontro à minha cara no sítio em que Hatsumomo me batera. A perturbação da porta a abrir e fechar acordou o cãozinho da Mãe, Taku, que era uma criatura mal-humorada com um focinho esborrachado. Parecia que só tinha três passatempos na vida - ladrar, rressonar, e morder as pessoas que lhe tentassem fazer festas. Depois de a criada ter saído outra vez, Taku veio e deitou-se atrás de mim. Este era um dos seus pequenos truques; gostava de se pôr onde eu o pudesse pisar por acidente, e depois mordida-me assim que o fazia. Estava a começar a sentir-me como um rato espremido numa porta deslizante, entalada ali entre a Mãe e Taku, quando por fim a Mãe desligou o telefone e se veio sentar à mesa. Ficou a olhar fixamente pára mim com os seus olhos amarelos e disse por fim:

- Agora escuta-me, rapariguinha. Talvez tenhas ouvido Hatsumomo mentir. O facto de ela se conseguir safar, não significa que tu o possas. Quero saber... porque é que ela te bateu?

- Ela queria que eu saísse do quarto dela, Mãe - disse. - Peço imensa desculpa.

A Mãe obrigou-me a repetir tudo de novo num apropriado sotaque de Quioto, o que eu achava difícil de fazer. Quando por fim o disse suficientemente bem para que ficasse satisfeita, continuou:

- Não me parece que tenhas compreendido qual é o teu trabalho aqui na okiya. Todas nós só pensamos numa única coisa - como poderemos ajudar Hatsumomo a ter êxito como gueixa. Até a Avó. Pode parecer-te uma mulher velha e difícil, mas de facto passa o dia inteiro a pensar nas maneiras de ser útil a Hatsumomo.

Não fazia a mínima ideia do que é que a Mãe estava a falar. Para

dizer a verdade, não me parece que conseguisse enganar um trapo sujo e levá-lo a acreditar que a

Avó de alguma maneira era útil a quem quer que fosse.

- Se alguém com a senioridade da Avó trabalha duro o dia inteiro para tornar mais fácil a tarefa de Hatsumomo, pensa quanto mais ainda não terás tu que trabalhar.

- Sim, Mãe, vou continuar a trabalhar muito.

- Não quero ouvir dizer outra vez que perturbaste Hatsumomo. A outra rapariguinha consegue estar longe do caminho dela; tu também o podes fazer.

- Sim, Mãe... mas antes de me ir embora, posso fazer uma pergunta? Tenho andado a pensar se alguém saberá onde está a minha irmã. Sabe, esperava poder mandar-lhe uma carta.

A Mãe tinha uma boca peculiar, demasiado grande para a cara e que lhe ficava pendurada aberta grande parte do tempo; mas agora fez com ela uma coisa que eu nunca antes tinha visto, que foi rilhar os dentes juntos como se quisesse que eu os visse bem. Era o seu modo de sorrir - embora eu não me tivesse apercebido disso senão quando ela começou a fazer aquele outro ruído de tosse que era a sua maneira de rir.

- Porque raio haveria eu de te dizer uma coisa dessas? - disse.

Depois disto, tossiu o seu riso mais umas poucas de vezes, antes de me acenar com a mão e dizer que podia abandonar o quarto.

Quando saí, a Tia estava à espera no patamar de cima das escadas com uma tarefa para mim. Deu-me um balde e mandou-me por um escadote acima através de uma porta de alçapão até ao telhado. Ali, sobre escoras de madeira estava um tanque para recolher a água da chuva. Com a força da gravidade, a chuva caía para servir de autoclismo à segunda pequena casa de banho junto ao quarto da Mãe, porque nesse tempo não havia canalizações, nem sequer na cozinha. Ultimamente o tempo tinha estado seco, e a retrete começara a cheirar mal. A minha tarefa era atirar a água para o tanque a fim de que a Tia pudesse puxar o autoclismo umas poucas de vezes para a limpar.

Aqueles ladrilhos ao Sol da tarde pareciam-me caçarolas de metal; enquanto esvaziava o balde, não podia deixar de pensar na água fria do lago em que costumávamos nadar lá na nossa aldeia junto à praia. Tinha estado nesse lago apenas há algumas semanas; mas parecia-me tudo tão distante agora, ali sobre o telhado da okiya. A Tia chamou-me para apanhar as sementes que tinham caído entre as telhas antes de descer. Olhei em volta o calor enevoado caindo sobre a cidade e os montes a rodearem-nos como os muros de uma prisão. Ali algures sob um daqueles telhados, a minha irmã estaria provavelmente a cumprir os seus trabalhos forçados tal como eu. Pensava nela quando por acaso dei um encontrão no tanque, e a água se entornou salpicando e escorrendo em direcção à rua.

Cerca de um mês depois de eu ter aportado à okiya, a Mãe disse-me que tinha chegado a hora de começar com a escola. Eu teria que acompanhar a Abóbora na manhã seguinte para ser apresentada aos professores. Depois, Hatsumomo levar-me-ia a um lugar chamado «Registo», de que nunca tinha ouvido falar, e ao fim da tarde iria observá-la a fazer a maquilhagem e vestir o quimono. Era uma tradição na okiya para uma rapariga, no dia em que começa o seu treino, observar assim a gueixa mais antiga.

Quando a Abóbora ouviu que me ia levar à escola na manhã seguinte, ficou muito nervosa.

- Tens que estar pronta para partir assim que acordares - disse-me ela. - Se chegamos atrasadas, bem nos podemos afogar no esgoto...

Já tinha visto a Abóbora arrastar-se para fora da okiya todas as manhãs cedo, os olhos ainda remelosos; e muitas vezes à saída parecia-me à beira das lágrimas. De facto, quando trotava pelo chão da cozinha nos seus sapatos de madeira, achava que às vezes a podia ouvir chorar. Ela não se tinha dado

bem com as lições - nada bem, na verdade. Tinha chegado à okiya perto de seis meses antes de mim, mas só começara a ir para a escola mais ou menos uma semana depois de eu ter chegado. Na maior parte dos dias, quando regressava por volta da hora de almoço, escondia-se directamente nos aposentos das criadas para que ninguém a visse perturbada.

Na manhã seguinte acordei ainda mais cedo que o costume e pela primeira vez vesti a roupa azul e branca que usavam as estudantes. Não era mais do que algodão sem linho, decorado com um padrão infantil de quadrados; tenho a certeza de que não parecia mais elegante que um hóspede de uma estalagem vestindo um roupão a caminho do banho. Mas nunca antes tinha posto algo de tão encantador sobre o meu corpo.

A Abóbora estava à minha espera com uma expressão preocupada na cara. Ia começar a meter os pés nos sapatos quando a Avó me chamou ao quarto dela.

- Não! - disse a Abóbora baixinho; e na verdade, a cara desmanchou-se-lhe como cera a derreter-se. - Vou chegar atrasada outra vez. Vamos já embora e fingimos que não a ouvimos!

Gostaria de ter feito o que a Abóbora sugeria; mas a Avó já estava à porta, fitando-me ameaçadoramente através do átrio principal da entrada. Aconteceu que a Avó não me demorou mais do que dez ou quinze minutos; mas nessa altura as lágrimas inchavam nos olhos da Abóbora. Quando finalmente partimos, a Abóbora começou logo a andar tão depressa que dificilmente a conseguia acompanhar.

- Aquela velha é tão cruel! - disse. - Vê se não te esqueces de pôr as mãos num prato com sal depois de ela te obrigar a esfregares-lhe o pescoço.

- Para que havia de fazer isso?

- A minha mãe costumava dizer-me: «o Mal espalha-se no mundo através do toque». E eu também sei que é verdade, porque uma manhã, a minha mãe passou de raspão de encontro a um demónio que se cruzou com ela na rua, e foi por causa disso que morreu. Se não purificas as mãos, vais transformar-te numa conserva engelhada tal como a Avó.

Considerando que a Abóbora e eu éramos da mesma idade e estávamos na mesma posição peculiar na vida, tenho a certeza de que teríamos conversado mais vezes as duas, se pudéssemos. Mas as nossas tarefas mantinham-nos tão ocupadas que mal tínhamos tempo até para comer - e a Abóbora tomava as refeições antes de mim porque era mais antiga na okiya. Sabia que a Abóbora havia chegado apenas seis meses antes de mim, como já mencionei. Mas sabia muito pouco acerca dela. Por isso perguntei:

- Abóbora, tu és de Quioto? Pelo sotaque parece que és.

- Nasci em Sapporo. Mas a minha mãe morreu quando eu tinha cinco anos, e o meu pai mandou-me para aqui para viver com um tio. No ano passado o meu tio perdeu o negócio, e aqui estou eu.

- Porque é que não foges para Sapporo outra vez?

- Rogaram uma praga ao meu pai e morreu no ano passado. Não posso fugir. Não tenho nenhum sítio para onde ir.

- Quando encontrar a minha irmã - disse eu - podes vir connosco. Fugimos juntas.

Considerando as dificuldades que a Abóbora estava a ter com as aulas, esperava que se sentisse feliz com a minha oferta. Mas não disse nada. Entretanto já tínhamos chegado à Avenida Shijo e atravessámo-la em silêncio. Esta era a mesma avenida que estivera tão cheia de gente no dia em que o Sr. Bekku nos trouxera, a Satsu e a mim, da estação. Agora, tão cedo na manhã, podia ver apenas um carro eléctrico à distância e alguns ciclistas por aqui e ali. Quando alcançámos o outro lado, subimos por uma

rua estreita, e depois a Abóbora parou pela primeira vez desde que abandonáramos a okiya.

- O meu tio era um homem muito bom - disse. - E foi isto a última coisa que o ouvi dizer antes de me mandar embora. «Algumas raparigas são espertas, e algumas são estúpidas» disse-me ele. - «Tu és uma boa rapariga, mas pertences às estúpidas. Não vais conseguir safar-te sozinha no mundo. Vou mandar-te para um sítio onde as pessoas te vão dizer o que tens de fazer. Faz o que te mandarem, e tomarão conta de ti para sempre.» Por isso, se te queres ir embora sozinha, Chiyo-chan, vai. Mas eu descobri um lugar para passar a minha vida. Trabalharei o que for preciso para que não me mandem embora. Mas mais depressa me deitava de um rochedo abaixo do que perderia a oportunidade de vir a ser uma gueixa como Hatsumomo.

Aqui a Abóbora interrompeu-se. Estava a olhar para qualquer coisa atrás de mim, no chão.

- Oh meu Deus, Chiyo-chan - disse ela - não te faz fome?

Virei-me para dar comigo a olhar para a entrada de outra okiya. Numa prateleira dentro da porta estava uma miniatura de um templo Shinto com a oferta de um bolo de arroz doce. Perguntei-me se seria isto o que a Abóbora tinha visto; mas os olhos dela apontavam para o chão. Alguns fetos e um pouco de musgo pavimentavam o caminho de pedra levando para uma porta interior, mas não conseguia ver nada ali. E depois os olhos caíram-me em cima dele. Fora da entrada, mesmo à beira da rua, estava um espeto de madeira com um resto de choco grelhado, o suficiente para uma dentada. Os homens vendiam-nos à noite, em carrinhos. O cheiro do molho doce e gorduroso era um tormento para mim, porque as criadas como nós eram alimentadas com nada mais que arroz e conservas à maioria das refeições, com sopa uma vez por dia, e pequenas porções de peixe seco duas vezes por mês. Mesmo assim, não havia nada neste bocado de choco no chão que eu achasse apetitoso. Duas moscas voavam em círculos por cima dele tão casualmente como se tivessem ido dar um passeio ao parque.

A Abóbora parecia uma daquelas raparigas que pode facilmente engordar, se lhe derem oportunidade. Já às vezes lhe tinha ouvido o estômago, com a fome, a fazer ruídos que pareciam uma porta enorme a deslizar aberta. Todavia, não achava que se estivesse mesmo a preparar para comer o choco, até que a vi olhar rua acima e abaixo para ter a certeza de que não vinha ninguém.

- Abóbora - disse - se estás com fome, por amor de Deus, come o bolo de arroz doce daquela prateleira. As moscas já tomaram conta do choco.

- Sou maior do que elas - disse. - Além disso, seria um sacrilégio comer o bolo de arroz doce. É uma oferenda.

Depois disto inclinou-se para apanhar o choco.

É verdade que eu tinha nascido num lugar em que as crianças experimentavam comer tudo o que se mexia. E admito que uma vez comi um grilo quando tinha quatro ou cinco anos, mas só porque me pregaram uma partida. Mas ver a Abóbora ali de pé a segurarr naquele bocado de choco no espeto, com lixo da rua agarrado a ele, com as moscas em volta... Ela soprou-o para tentar ver-se livre delas, mas apenas se afastaram para manter o equilíbrio.

- Abóbora, não podes comer isso - disse eu. - É como se estivesses a lamber as pedras da calçada!

- E o que é que as pedras da calçada têm de mal? - disse.

E com isto, não teria acreditado se não o tivesse visto, a Abóbora ajoelhou-se, pôs a língua de fora, e deu uma longa e cuidadosa lambidela a todo o comprimento do chão. Fiquei de boca aberta com o choque. Quando a Abóbora se levantou, tinha o ar de que nem ela própria acreditava bem no que tinha acabado de fazer. Mas limpou a língua com a palma da mão, cuspiu algumas vezes, e depois pôs o



bocado de choco entre os dentes e fez deslizar o espeto.

Deve ter sido um bocado de choco bem duro, a Abóbora mastigou-o por todo o caminho outeiro acima até ao portão de madeira do recinto da escola. Eu sentia um nó no estômago quando entrei, porque o jardim me parecia tão grandioso. Arbustos persistentes e pinheiros retorcidos cercavam um lago cheio de carpas. Para lá da parte mais estreita do lago havia uma laje de pedra. Duas mulheres velhas em quimonos de seda estavam sobre ela, usando sombrinhas lacadas para se protegerem do Sol matinal. Quanto aos edifícios, não compreendia o que estava a ver naquela altura, mas sei agora que apenas uma parte mínima do recinto era dedicada à escola. O edifício maciço na parte de trás era de facto o Teatro Kaburenjo - onde as gueixas de Gion executam as Danças da Velha Capital todas as Primaveras.

A Abóbora apressou-se até à entrada de um edifício comprido que eu pensei ser a secção dos criados, mas que se revelou ser a escola. Assim que pus o pé na entrada, reparei no cheiro particular a folhas de chá torradas, o que ainda hoje me pode fazer sentir um nó no estômago como se fosse a caminho das aulas outra vez. Tirei os sapatos para os pôr no cacifo mais à mão, mas a Abóbora fez-me parar; havia uma regra não escrita sobre qual o armário a usar. A Abóbora estava entre as raparigas mais novas, e tinha que trepar pelos outros cacifos para pôr os seus sapatos no cimo. Dado que esta era a minha primeira manhã eu ainda tinha menos antiguidade, tinha de usar o cacifo acima do dela.

- Tem muito cuidado para não pisares os outros sapatos quando trepares - disse-me a Abóbora, embora só lá estivessem uns poucos de pares. - Se os pisas e uma das raparigas te vê a fazê-lo, levas um raspanete tão violento que até te nascem bolhas nas orelhas.

O interior do prédio da escola parecia-me tão velho e poeirento como uma casa abandonada. Lá no fundo do átrio comprido estava um grupo de seis a oito raparigas. Senti um choque quando pousei os olhos nelas, porque pensei que uma poderia ser Satsu; mas quando se viraram para nos olharem, tive um desapontamento. Todas usavam o mesmo penteado - o wareshinobu da jovem aprendiz de gueixa - parecia-me que sabiam muito mais sobre Gion do que tanto eu como a Abóbora alguma vez poderíamos saber.

A meio caminho do átrio entrámos numa sala de aula espaçosa em estilo japonês tradicional. Ao longo de uma das paredes estava pendurado um grande quadro de madeira com ganchos a segurar muitas placas também de madeira mas pequeninas; em cada placa estava escrito um nome com pinceladas grossas e negras. A minha escrita e leitura ainda eram fracas; fora à escola, de manhã, em Yoroido, e desde que viera para Quioto passara uma hora todas as tardes a estudar com a Tia, mas conseguia ler muito poucos dos nomes. A Abóbora foi até ao quadro e tirou, de uma caixa rasa sobre os tapetes, uma placa com o seu nome escrito, que pendurou no primeiro gancho vazio. Sabem que o quadro na parede era como um relógio de ponto.

Depois disto, fomos para várias outras classes para marcar o ponto exactamente da mesma maneira para as outras aulas da Abóbora. Ela ia ter quatro nessa manhã - shamisen, dança, cerimónia do chá, e uma maneira de cantar a que chamamos nagauta. A Abóbora estava tão preocupada por causa de ser a última de todas as classes que começou a torcer a bainha do vestido quando deixámos a escola para ir tomar o pequeno almoço à okiya. Mas exactamente quando nos enfiávamos nos nossos sapatos, outra rapariguinha da nossa idade veio a correr através do jardim com o cabelo despenteado. A Abóbora pareceu ficar mais calma depois de a ver.

Comemos uma taça de sopa e regressámos à escola tão depressa quanto podíamos, a fim de que a Abóbora pudesse ajoelhar-se no fundo da classe para montar o seu shamisen. Se nunca viram um, podem achá-lo um instrumento de aspecto peculiar. Algumas pessoas chamam-lhe a guitarra japonesa, mas de facto é bem mais pequeno que uma guitarra, com um fino braço de madeira com três grandes cavilhas no

topo para afinação. O corpo é apenas uma pequena caixa de madeira com pele de gato esticada por cima do tampo como um tambor. O instrumento pode ser todo desmontado e guardado numa caixa ou num saco, e é assim que se transporta. De alguma maneira, a Abóbora lá montou o shamisen dela e começou a afiná-lo, com a língua a espreitar fora da boca, mas lamento dizer que tinha o ouvido fraco, e as notas subiam e desciam como um barco sobre as ondas, sem nunca pararem no local em que era suposto fixarem-se. Em breve a sala estava cheia de raparigas com os seus shamisen, distribuídas espaçadamente e tão certinhas como chocolates numa caixa. Fiquei de olho na porta com a esperança de ver Satsu chegar de repente através dela, mas não veio.

Um momento mais tarde entrou a professora. Era uma mulher velha e pequenina com voz aguda. O nome dela era Professora Mizumi, e era assim que lhe chamávamos diante dela. Mas o sobrenome de Mizumi soa muito próximo de neumi- «rato»; por isso, por detrás das costas dela chamávamos-lhe Professora Nezumi - Professora Rato.

A Professora Rato ajoelhou-se numa almofada de frente para a classe e não esboçou qualquer esforço para parecer amigável. Quando as alunas lhe fizeram a vénia em conjunto e lhe disseram bom-dia em coro, limitou-se a mostrar-lhes os dentes de volta sem falar uma palavra. Por fim olhou para o quadro na parede e chamou o nome da primeira aluna.

Esta primeira aluna parecia ter uma alta opinião de si própria. Depois de ter deslizado para a frente da sala, fez uma vénia à professora e começou a tocar. Um minuto ou dois depois a Professora Rato mandou a rapariga parar e disse-lhe todo o tipo de coisas desagradáveis sobre o modo como tocava; depois fez estalar o leque fechado e acenou com ele para a rapariga a despedi-la. Ela agradeceu-lhe, fez a vénia outra vez, e regressou ao seu lugar, e a Professora Rato chamou o nome da aluna seguinte.

Isto continuou assim por mais de uma hora, até que por fim foi chamado o nome da Abóbora. Podia ver que ela estava nervosa e de facto, no momento em que começou a tocar, tudo pareceu correr mal. Primeiro a Professora Rato fê-la parar e pegou no shamisen para afinar as cordas ela própria. Depois a Abóbora tentou outra vez, mas todas as alunas começaram a olhar umas para as outras, porque ninguém conseguia adivinhar que peça estaria ela a tentar tocar. A Professora Rato deu uma palmada muito forte na mesa e disse-lhes a todas para olharem em frente; e depois usou o seu leque de abrir e fechar para bater o ritmo para a Abóbora seguir. Não ajudou muito, por isso finalmente a Professora Rato resolveu antes trabalhar no modo como a Abóbora pegava no plectrum. Pareceu-me que ela quase fez uma entorse em cada um dos dedos da Abóbora, a tentar obrigá-la a segurá-lo na posição correcta. Por fim até disso desistiu e deixou o plectrum cair no tapete com repugnância. A Abóbora apanhou-o e voltou para o seu lugar com as lágrimas nos olhos.

Depois disto percebi porque é que a Abóbora se tinha mostrado tão preocupada quanto a ser a última aluna. Porque agora a rapariga com o cabelo despenteado, que tínhamos visto a correr para a escola no momento em que havíamos saído para tomar o pequeno almoço, chegou à frente da classe e fez uma vénia.

- Não percas o teu tempo a tentar ser cortês comigo! - guinchou-lhe a Professora Rato. - Se não tivesses ficado a dormir até tão tarde esta manhã, poderias ter chegado aqui a horas de aprender alguma coisa.

A rapariga pediu desculpa e começou logo a tocar, mas a professora não lhe ligou nenhuma. Só disse:

- Dormes até tarde de mais. Como esperas que eu te ensine, quando nem sequer te dás ao trabalho de vir para a escola como as outras raparigas e assinar o ponto convenientemente? Vai para o teu lugar. Não quero maçar-me contigo.

Mandou embora as alunas dando a classe por terminada, e a Abóbora levou-me para a frente da sala, onde ambas fizemos uma vénia à Professora Rato.

- Permite-me que lhe apresente a Chiyo, Professora? - disse a Abóbora - e posso pedir-lhe que se digne instruí-la, porque é uma rapariga com muito pouco talento?

A Abóbora não estava a insultar-me; isto era apenas o modo como as pessoas falavam então, quando queriam ser delicadas. A minha própria mãe tê-lo-ia dito da mesma maneira.

A Professora Rato ficou em silêncio durante um bom bocado, e limitou-se a olhar para mim de alto a baixo e depois disse:

- Tu és uma rapariga esperta. Vejo-o só por olhar para ti. Talvez possas ajudar a tua irmã mais velha nas lições dela.

Claro que estava a falar da Abóbora.

- Põe o teu nome no quadro todas as manhãs o mais cedo que puderes - disse-me ela. - Fica calada nas aulas. Não suporto quaisquer conversas! E tens de manter os olhos fixos na frente. Se fizeres estas coisas, ensinar-te-ei o melhor que puder.

E com isto, despediu-nos.

Nos átrios, entre as aulas, mantive-me de olhos abertos a ver se descobria Satsu, mas não a encontrei. Comecei a ficar preocupada, talvez nunca mais a voltasse a ver, e fiquei tão perturbada que uma das professoras, mesmo antes do início da classe, mandou calar toda a gente e disse-me:

- Tu aí! O que é que tens?

- Oh, nada minha senhora. Mordi o lábio sem querer - disse eu.

E para tornar isto credível - por causa das raparigas que estavam à minha volta a olhar embasbacadas - dei uma forte dentada no lábio e provei o gosto do sangue.

Foi um alívio para mim que as outras aulas da Abóbora não fossem tão dolorosas de observar como havia sido a primeira. Na classe de dança, por exemplo, as alunas praticavam os movimentos em conjunto, com o resultado de que nenhuma se distinguia das outras. A Abóbora não era de modo algum a pior das bailarinas, e até tinha uma certa graça desajeitada na maneira como se movia. A classe de canto, mais tarde na manhã, foi mais difícil para ela porque não tinha ouvido; mas aí de novo, as alunas praticavam em coro, por isso a Abóbora era capaz de esconder os seus erros a mexer muito a boca enquanto cantava baixinho.

No fim de cada uma das suas aulas, ela apresentava-me à professora. Uma delas disse-me:

- Vives na mesma okiya que a Abóbora não é?

- Sim minha senhora - disse eu - a okiya de Nitta - porque Nitta era o nome da família da Avó e da Mãe e também da Tia.

- Isso quer dizer que vives com Hatsumomo-san.

- Sim minha senhora. Neste momento Hatsumomo é a única gueixa na nossa okiya.

- Vou fazer o meu melhor para te ensinar a cantar - disse - desde que consigas manter-te viva!

Depois disto, a professora riu-se como se tivesse dito uma grande piada, e mandou-nos embora.

Naquela tarde Hatsumomo levou-me ao Registo de Gion. Estava à espera de algo de grandioso, mas revelou-se pouco mais do que várias salas com tatami escuros no segundo andar de uma escola, cheias com secretárias e livros de contabilidade e a cheirar horrivelmente a tabaco. Um funcionário

olhou-nos através da nuvem de fumo e acenou para o seguirmos até uma sala nos fundos. Ali, a uma mesa com pilhas de papéis, sentava-se o homem maior que alguma vez vira na minha vida. Não o sabia na altura, mas já fora lutador de Sumo; e na verdade, se tivesse saído e atirado com o seu peso de encontro ao próprio edifício, todas aquelas secretárias teriam seguramente caído dos estrados dos tatami para o chão. Não havia sido um lutador de Sumo suficientemente bom para ficar com um epíteto para a reforma, como acontece com alguns deles; mas ainda gostava de ser chamado pelo nome que tinha usado nos seus dias de competição, que era Awajiumi. Algumas das gueixas encurtavam-no na brincadeira para Awaji, como alcunha.

Assim que entrámos, Hatsumomo pôs o seu encanto a trabalhar. Era a primeira vez que a via fazer isto. Disse-lhe: «Awaji-san!» Mas a maneira como falou, eu não teria ficado surpreendida que tivesse ficado sem fôlego no meio, porque soava assim:

- *Awaaa-j ü-saaaannnnnnnn!*

Era como se ela estivesse a ralhar com ele. Ele pousou a caneta quando ouviu a voz dela, e as suas duas bochechas enormes ergueram-se-lhe até às orelhas, que era a sua maneira de sorrir.

- Hummm... Hatsumomo-san - disse - se ficares mais bonita, não sei o que farei!

Soava como um murmúrio alto quando ele falou, porque os lutadores de sumo muitas vezes ficam com as cordas vocais arruinadas por esmagarem as gargantas uns dos outros como o fazem.

Ele podia bem ser do tamanho de um hipopótamo, mas Awajiumi vestia-se de maneira muito elegante. Usava um quimono de riscas preso por um alfinete e calças de quimono. O trabalho dele era assegurar que todo o dinheiro que passava por Gion se encaminhasse para onde deveria; e um afluente desse rio de dinheiro escorria directamente para as suas algibeiras. Isto não quer dizer que ele roubasse; era apenas a maneira como o sistema funcionava. Considerando que Awajiumi tinha um emprego tão importante, era conveniente para qualquer gueixa mantê-lo feliz, e era por isso que ele tinha uma reputação de gastar tanto tempo fora como dentro das suas elegantes roupagens.

Ela e Awajiumi falaram durante um grande bocado, e por fim Hatsumomo disse-lhe que tinha vindo para me registar para as aulas na escola. Awajiumi ainda não havia sequer olhado para mim, mas aqui virou a sua cabeça gigantesca. Um momento depois levantou-se para abrir um dos estores de papel por cima da janela para ter mais luz.

- Olha, achei que os meus olhos me tinham enganado - disse ele. - Devias ter-me dito antes que tinhas trazido contigo uma rapariguinha tão bonita. Os olhos dela... são da cor de um espelho!

- Um espelho? - disse Hatsumomo. - Um espelho não tem cor, Awaji-san.

- Claro que tem. É cinzento faiscante. Quando tu olhas para um espelho, tudo o que vês é a ti própria, mas eu reconheço uma cor bonita quando a vejo.

- Vês? Bom, a mim não me parecem assim tão bonitos. Uma vez vi um morto a ser pescado do rio, e tinha a língua exactamente da mesma cor dos olhos dela.

- Talvez tu própria sejas demasiado bonita para seres capaz de ver a beleza noutra lado - disse Awajiumi, abrindo um livro de contabilidade e pegando na caneta. - De qualquer maneira, vamos lá registar a rapariga. Bom... Chiyo, não é? Diz-me qual é o teu nome completo, Chiyo, e o sítio onde nasceste.

No momento em que ouvi estas palavras, veio-me à cabeça uma imagem de Satsu a olhar fixamente para Awajiumi, cheia de confusão e medo. Ela deve ter estado nesta mesma sala numa altura qualquer; se eu tinha que ser registada, decerto que ela também o tivera que ser.

- O meu último nome é Sakamoto - disse eu.- E nasci na aldeia de Yoroido. Já deve ter ouvido falar nela, senhor, por causa da minha irmã mais velha Satsu?

Pensei que Hatsumomo iria ficar furiosa comigo; mas para minha surpresa, quase pareceu contente com a pergunta que eu fizera.

- Se ela é mais velha do que tu, já se devia ter registado - disse Awajiumi. - Mas não me apareceu ainda. Não creio que esteja sequer em Gion.

Agora o sorriso de Hatsumomo já fazia sentido para mim; ela sabia antecipadamente o que Awajiumi iria dizer. Se eu tivesse quaisquer dúvidas quanto ao facto de ela ter falado com a minha irmã como dizia, desapareceram de todo. Havia outros bairros de gueixas em Quioto, porém eu não sabia muito acerca deles. Satsu estava algures num deles, e eu estava determinada a encontrá-la.

Quando regresssei à okiya, a Tia estava à espera para me levar à casa dos banhos ao fundo da passagem. Já lá tinha estado antes, embora apenas com as criadas mais velhas, que normalmente me passavam uma pequena toalha e um resto de sabão, e depois se agachavam no chão de tijoleira para se lavarem enquanto eu fazia o mesmo. A Tia era muito mais bondosa, e ajoelhou-se por cima de mim para me esfregar as costas. Estava surpreendida por ela não ter qualquer pudor, e atirar por ali os seios tubulares como se não fossem mais que garrafas. Até me bateu com um no ombro várias vezes sem querer.

Depois ela levou-me de volta para a okiya e vesti-me com o primeiro quimono de seda que usei, de um azul brilhante com folhas de erva verdes a acompanhar a bainha, e flores amarelo claro através do peito e mangas. Depois levou-me escadas acima até ao quarto de Hatsumomo. Antes de entrar, fez-me um severo aviso para não perturbar Hatsumomo de maneira nenhuma, ou fazer o que quer que fosse que a levasse a zangar-se. Não o compreendi na altura, mas agora sei perfeitamente porque estava ela tão preocupada. Porque, sabem, quando uma gueixa acorda de manhã é como outra mulher qualquer. Pode ter a cara gordurosa do sono, e o hálito desagradável. Será verdade que usa um penteado espantoso mesmo quando luta para abrir os olhos; mas em todos os outros aspectos é uma mulher como qualquer outra, e muito pouco gueixa. Só quando se senta diante do seu espelho para aplicar a maquilhagem na cara começa a parecer-se com uma. É neste momento que também começa a pensar como uma.

No quarto, foi-me ordenado que me sentasse à distância de um braço para o lado de Hatsumomo e mesmo atrás dela, de onde podia ver-lhe a cara no espelho da comodazinha de maquilhagem. Ela estava ajoelhada numa almofada, usava um roupão de algodão que se pendurava nos ombros, e segurava na mão uma meia-dúzia de pincéis de formas variadas. Alguns deles eram largos como leques, enquanto outros pareciam um pauzinho com um ponto de pelo macio na ponta. Por fim, virou-se e mostrou-mos.

- Estes são os meus pincéis - disse ela. - E lembras-te disto? - Retirou de uma das gavetas da comodazinha de maquilhagem um boião de vidro com a pasta branca e acenou com ele no ar para eu ver. - Isto é a maquilhagem que te disse para nunca tocares.

- Eu não lhe toquei - disse eu.

Ela cheirou por várias vezes o pote fechado e disse.

- Não, acho que não mexeste.

Depois pousou a maquilhagem e pegou em três pauzinhos de pigmento, que me mostrou na palma da mão.

- Estes são para as sombras. Podes olhar para eles.

Peguei num dos paus de pigmento que me oferecia. Tinha o tamanho de um dedo de bebé, mas era

duro e macio como pedra, de modo que não deixou traço de cor na minha pele. Uma das extremidades estava embrulhada num delicado papel de prata que se estava a descascar pelas pressões do uso.

Hatsumomo pegou nos paus de pigmento outra vez e mostrou-me o que parecia ser um ramo de madeira queimado numa das pontas.

- Isto é um belo bocado de madeira de paulónia - disse ela - para desenhar as minhas sobrancelhas. E isto é cera.

Retirou duas barras de cera meio-usadas do seu papel de embrulho e pegou-lhes para mas mostrar.

- Agora, porque é que achas que eu te mostrei estas coisas?

- Para que eu compreenda como fazes a tua maquilhagem disse eu.

- Céus, não! Mostrei-tas para que vejas que não há nada de mágico em torno delas. Que pena para ti! Porque significa que a maquilhagem apenas não será suficiente para transformar a pobre Chiyo em qualquer coisa de belo.

Hatsumomo virou-se de costas, encarando o espelho e cantou baixinho para si própria enquanto abria um boião de creme amarelo claro. Podem não me crer quando digo que este produto era feito de excrementos de rouxinol, mas é verdade. Muitas gueixas o usavam antigamente como creme para a cara, porque se acreditava que era muito bom para a pele; mas era tão caro que Hatsumomo pôs apenas uns pontinhos à volta dos olhos e junto à boca. Depois retirou um bocadinho de cera de uma das barrinhas e após a ter amolecido com a ponta dos dedos, aplicou-a na pele da cara, e a seguir no pescoço e no peito. Demorou algum tempo a esfregar as mãos num trapo para as limpar, e seguidamente humedeceu um dos seus pincéis de maquilhagem chatos num prato com água e esfregou-o na maquilhagem até obter uma pasta de cal branca. Usou isto para pintar a cara e o pescoço, mas deixou um espaço à volta dos olhos, bem como do nariz e da boca. Se alguma vez viram uma criança a cortar buracos num papel para fazer uma máscara, era assim que Hatsumomo parecia, até que mergulhou uns pincéis mais pequenos e os usou para preencher os espaços cortados. Depois disto tinha o aspecto de quem tivesse caído de frente num recipiente com farinha, porque tinha a cara branca como um fantasma. Ficara parecida com o demónio que era, mas mesmo assim, eu estava doente de ciúmes e inveja. Porque sabia que dentro de uma hora ou duas, os homens iriam ficar a olhar maravilhados para aquela cara; e eu iria ficar aqui na okiya, parecendo suada e feia.

Agora ela molhava os pauzinhos de pigmento e usava-os para pintar umas rosetas coradas nas faces. Durante o meu primeiro mês na okiya, já havia visto Hatsumomo com a maquilhagem pronta muitas vezes; deitava-lhe olhares sempre que podia sem parecer malcriada. Tinha reparado que ela usava uma grande variedade de tons para os maxilares, dependendo da cor dos quimonos. Não havia nada de invulgar nisto; mas o que eu não sabia e só descobri anos mais tarde é que Hatsumomo escolhia sempre um tom muito mais avermelhado do que qualquer outra poderia usar. Não posso dizer porque o fazia, talvez para obrigar as pessoas a pensar em sangue. Mas Hatsumomo não era tonta; sabia como fazer surgir a beleza na sua cara.

Quando acabou de aplicar o carmesim, ainda não tinha sobrancelhas nem lábios. Mas para já deixou ficar a cara como uma estranha máscara branca e pediu à Tia para lhe pintar a parte de trás do pescoço. Tenho que vos contar umas coisas acerca dos pescoços no Japão, se não o sabem; nomeadamente, que os homens japoneses, por norma, sentem relativamente ao pescoço e peito de uma mulher o mesmo que os ocidentais podem sentir quanto às pernas. É por isto que as gueixas usam as golas dos quimonos tão descaídas nas costas que as saliências das primeiras vértebras ficam visíveis; suponho que é o mesmo que uma mulher em Paris a usar uma saia curta. A Tia pintou na parte de trás do pescoço

de Hatsumomo um desenho chamado sanbon-ashi - «três pernas». Forma uma figura muito dramática, porque nos sentimos como se estivéssemos a olhar para a pele nua do pescoço através de pequenos pontos cónicos de uma vedação branca. Levei muitos anos até perceber o efeito erótico que tem sobre os homens; mas de alguma maneira, é como uma mulher a espreitar por detrás dos seus dedos. De facto, uma gueixa deixa uma pequena margem de pele livre à volta da linha do cabelo, fazendo parecer a maquilhagem ainda mais artificial, assim como uma máscara de um drama Nô. Quando um homem se senta ao lado dela e lhe vê a maquilhagem como uma máscara, fica muito mais consciente da pele nua debaixo dela.

Enquanto Hatsumomo lavava os pincéis, olhou várias vezes para o meu reflexo no espelho. Por fim disse-me:

- Sei o que estás a pensar. Estás a pensar que nunca irás ser tão bonita. Bom, é perfeitamente verdade.

- Gostaria que soubesses - disse a Tia - que algumas pessoas acham a Chiyo uma rapariga bastante bonita.

- Algumas pessoas gostam do cheiro a peixe podre - disse Hatsumomo.

E com isto, mandou-nos sair do quarto para poder vestir a combinação.

A Tia e eu saímos para o patamar, onde o Sr. Bekku estava à espera junto de um espelho de corpo inteiro, a olhar da mesma maneira que o fizera no dia em que nos trouxe, a Satsu e a mim, da nossa casa. Como aprendi durante a minha primeira semana na okiya, a sua verdadeira ocupação não era andar a roubar raparigas das suas casas; era um vestidor, o que quer dizer que vinha até à okiya todos os dias para ajudar Hatsumomo a vestir o seu elaborado quimono.

O fato que Hatsumomo iria usar naquela noite estava pendurado num cavalete junto ao espelho. A Tia ficou a alisá-lo até que Hatsumomo saiu usando uma combinação de uma bela cor de ferrugem, com um padrão de folhas amarelo profundo. O que aconteceu a seguir fez pouco sentido para mim na altura, porque o complicado fato do quimono é confuso para pessoas que não estão habituadas a ele. Mas a maneira como é usado faz todo o sentido se for devidamente explicado.

Para começar, têm que compreender que uma dona de casa e uma gueixa usam o quimono de maneiras muito diferentes. Quando uma dona de casa veste um quimono, usa todo o tipo de chumaços para impedir o fato de blusar de maneira pouco atraente na cintura, com o resultado de ficar a parecer perfeitamente cilíndrica, como uma coluna de madeira no átrio de um templo. Mas uma gueixa usa um quimono tão frequentemente que raro precisa de chumaços, e o blusado nunca parece ser um problema. Tanto uma dona de casa quanto uma gueixa começarão por retirar os roupões de maquilhagem e enfiar umas cuecas de seda até às ancas nuas; chamamos a isto um koshimaki - «envolvedor de ancas». É seguido por uma camisa interior de quimono, de mangas curtas, apertada na cintura, e depois os chumaços, que parecem pequenas almofadas curvas com fitas cosidas para serem atadas no lugar. No caso de Hatsumomo, com a sua tradicional figura esguia de salgueiro, de ancas estreitas, e uma experiência até então de anos a usar quimono, não era preciso qualquer chumaço.

Até aqui, tudo o que a mulher enfiar ficará escondido das vistas quando estiver completamente vestida. Mas a peça seguinte, a combinação, não é de modo alguma roupa interior. Quando uma gueixa faz uma dança, ou às vezes quando anda pela rua, pode levantar a bainha do seu quimono na mão esquerda para o manter fora do caminho. Isto tem o efeito de expor a combinação abaixo dos joelhos; por isso, sabem que o padrão e o tecido da combinação tem de estar a condizer com o quimono. E, de facto, também se vê o colarinho da combinação, tal como o colarinho da camisa de um homem quando usa um fato de negócios. Parte do trabalho da Tia na okiya era coser todos os dias um colarinho de seda na

combinação que Hatsumomo planeasse usar, e depois retirá-lo na manhã seguinte para ser lavado. Uma aprendiz de gueixa usa um colarinho vermelho, mas claro que Hatsumomo não era uma aprendiz; o seu colarinho era branco.

Quando Hatsumomo saiu do quarto, trazia todas as peças que descrevi - embora não pudéssemos ver mais nada senão a combinação, mantida fechada por um cordão à volta da cintura. Usava também meias brancas, a que chamamos tabi, que são abotoadas de lado ficando muito justas. Nesta altura ela estava pronta para o Sr. Bekku a vestir. Ao vê-lo a trabalhar, teriam compreendido imediatamente porque é que esta ajuda é necessária. Os quimonos são todos do mesmo comprimento independentemente de quem os usa, por isso, à excepção das mulheres mesmo muito altas, o excesso de tecido tem que ser dobrado por debaixo do cinto. Quando o Sr. Bekku dobrou o tecido do quimono na cintura e lhe atou um cordão para o manter no lugar, não se via a menor prega. Ou se alguma aparecesse, ele dava-lhe um puxão aqui ou ali, e tudo se endireitava. Quando acabava a sua tarefa, o vestido ficava sempre a obedecer maravilhosamente aos contornos do corpo.

O trabalho principal do Sr. Bekku enquanto vestidor era atar o obi, o que não é uma incumbência tão simples como pode soar. Um obi como o que Hatsumomo usava é duas vezes mais longo do que a altura de um homem, e quase tão largo como os ombros de uma mulher.

Enrolado à volta da cintura, cobre a área desde o osso do esterno bem até abaixo do umbigo. A maioria das pessoas que não sabe nada de quimonos parece pensar que o obi é apenas atado nas costas como se fosse um cordão; mas nada poderia estar mais longe da verdade. Uma meia dúzia de cordões e molas são precisos para o manter no lugar, e uma certa quantidade de chumaços deverá também ser igualmente usada para dar forma ao nó. O Sr. Bekku levou uns poucos de minutos para atar o obi de Hatsumomo. Quando acabou, não se via nem sequer uma ruga em qualquer parte do tecido, espesso e pesado como era.

Pouco percebi do que estava a ver no patamar naquele dia; mas parecia-me que o Sr. Bekku atava fitas e aconchegava o tecido a uma velocidade frenética, enquanto Hatsumomo não fazia nada mais do que manter os braços abertos e olhar a sua imagem no espelho. Senti-me muito infeliz de inveja, a observá-la. O quimono era de brocado em tons de castanho e ouro. Abaixo da cintura, veados numa rica cor de Outono esfregavam os focinhos, com ouros e ferrugens por detrás deles num padrão de folhas caídas no chão de uma floresta. O obi era cor de ameixa, entretecido com fios de prata. Não o sabia na altura, mas a vestimenta que usava custava provavelmente tanto quanto um polícia ou um lojista poderiam ganhar num ano inteiro. E no entanto, a olhar para Hatsumomo ali de pé, quando ela rodava para se ver detrás no espelho livre e nu, teriam pensado que nenhum dinheiro no mundo poderia ter feito uma mulher parecer tão encantadora quanto ela parecia.

Tudo o que restava fazer eram os últimos retoques na maquilhagem e pôr-lhe os ornamentos no cabelo. A Tia e eu seguimos Hatsumomo de novo até ao quarto dela, onde se ajoelhou diante da comodazinha de maquilhagem e retirou uma pequena caixinha de laca com vermelhão para os lábios. Usou um pincelzinho para o colocar. A moda na altura era deixar o lábio de cima sem pintura, o que fazia o lábio inferior parecer mais cheio. A maquilhagem branca provoca toda a espécie de ilusões curiosas; se uma gueixa pintasse a superfície total dos seus lábios, a sua boca acabaria a parecer como duas enormes postas de atum. Por isso, a maioria das gueixas prefere desenhar uma forma mais pequena, mais como um botão de violeta. A não ser que tenha logo à partida os lábios daquele formato - e muito poucas gueixas os têm - quase sempre pinta uma boca mais circular do que de facto possui. Mas como disse, a moda naquele tempo era pintar apenas o lábio de baixo, e foi isto que Hatsumomo fez.

Então Hatsumomo pegou no pauzinho de paulóvnia que me tinha mostrado antes e acendeu-o com um fósforo. Depois de o ter deixado arder por uns segundos, assoprou-o, arrefeceu-o com as pontas dos



dedos, e regressou ao espelho para desenhar as sobrancelhas com o carvão. Fazia um belíssimo tom de cinzento claro. A seguir foi até um armário e escolheu alguns ornamentos para o cabelo, incluindo um de tartaruga, e um invulgar conjunto de pérolas presas no final de um alfinete comprido. Quando acabou de os colocar no cabelo, aplicou um pouco de perfume na pele nua da base do pescoço, e depois arrumou um espalmado contentor de madeira dentro do obi, para o caso de vir a precisar dele outra vez. Também pôs um leque fechado no obi e colocou um lenço na manga direita. E com isto virou-se para olhar-me lá de cima. Usava o mesmo sorriso ligeiro que pusera antes, e então a Tia teve que suspirar, dado o aspecto extraordinário com que Hatsumomo se apresentava.

O que quer que alguma de nós pensasse sobre Hatsumomo, ela era como uma imperatriz na nossa okiya dado que era ela que ganhava os proventos que nos permitiam a todos viver. E por ser uma imperatriz teria ficado muito aborrecida, aquando do seu regresso tarde na noite, se encontrasse o seu palácio às escuras e todos os seus súbditos a dormir. Isto quer dizer que, quando ela chegava a casa demasiado bêbeda para desabotoar as meias, alguém tinha que as desabotoar por ela; e caso se sentisse com fome, decerto que não iria dar um passeio até à cozinha para preparar ela própria qualquer coisa para si - tal como um umeboshi ochazuke, que era uma refeição leve sua favorita, feita com restos de arroz e conserva de ameixas em vinagre, encharcado em chá quente. De facto, a nossa okiya não era muito diferente das outras neste aspecto. O trabalho de ficar à espera a pé e fazer a vénia, e dar as boas vindas à gueixa quando chegava a casa, cabia sempre à mais jovem dos «casulos» - como eram muitas vezes chamadas as jovens gueixas a serem treinadas. E a partir do momento em que comecei a ir às aulas na escola, o casulo mais novo na nossa okiya era eu. Muito antes da meia-noite, a Abóbora e as duas criadas mais velhas já estavam a dormir profundamente nos seus futon, à distância de apenas um metro ou pouco mais do chão de madeira do átrio principal; mas eu tinha que continuar ali ajoelhada, a lutar para me manter acordada às vezes até tão tarde quanto as duas da manhã. O quarto da Avó era ali perto, e ela dormia de luz acesa e com a porta uma nesga aberta. A barra de luz que caía sobre o meu futon vazio fazia-me pensar num dia, não muito antes de Satsu e eu termos sido levadas da nossa aldeia, quando tinha espreitado pelo quarto das traseiras da nossa casa para ver ali a minha mãe adormecida. O meu pai havia dobrado as redes de pesca por cima dos estores de madeira para escurecer o quarto, mas parecia tão sombrio que decidi abrir uma das janelas; e quando o fiz, uma tira de Sol brilhante caiu através do futon da minha mãe e mostrou-me a mão dela extremamente pálida e ossuda. Ver o raio de luz amarela vindo do quarto da Avó a listrar o meu futon... Levava-me a interrogar se a minha mãe estaria ainda viva. Nós éramos tão parecidas, que tive a certeza de que saberia se ela já tivesse morrido; mas claro que não tinha qualquer sinal de uma coisa ou outra.

Numa noite, quando o Outono começava a arrefecer, acabara de adormecer de encontro a um pilar quando ouvi a porta exterior rolar aberta. Hatsumomo iria ficar muito zangada se me apanhasse a dormir, por isso fiz o meu melhor para parecer alerta. Mas quando a porta interior se abriu, fiquei surpreendida por ver um homem usando um fato tradicional, um casaco de trabalhador largo, apertado sobre a anca, e um par de calças de camponês - embora não tivesse o aspecto de um trabalhador ou de um camponês. Tinha o cabelo penteado para trás com óleo num modo muito moderno, e usava uma barba aparada que lhe dava o ar de um intelectual. Inclinou-se, pegou na minha cara com as mãos para me olhar de frente nos olhos.

- Vejam lá, és bem bonitinha - disse-me numa voz baixa. - Como é que te chamas?

Tive a certeza de que era um trabalhador, embora não pudesse imaginar porque é que tinha vindo a uma hora tão tarde na noite. Estava com medo de lhe responder, mas consegui balbuciar o meu nome, e depois ele molhou a ponta de um dedo na língua e tocou-me na cara - para apanhar uma pestana, como depois se viu.

- A Yoko ainda cá está? - perguntou-me.

Yoko era uma jovem mulher que passava todos os dias da parte da tarde até à chegada da noite sentada no quarto das nossas criadas. Naqueles tempos, as okiya e as casas de chá em Gion estavam todas ligadas entre si por um sistema de telefone privado, e Yoko era mantida ocupada mais do que qualquer outro habitante da okiya a responder a esse telefone para fazer as marcações dos compromissos de Hatsumomo, às vezes para banquetes ou festas com seis meses a um ano de antecedência. Normalmente, a escala de Hatsumomo não se enchia completamente senão na manhã anterior, e os telefonemas continuavam durante a tarde das casas de chá cujos clientes desejavam que ela lá aparecesse se tivesse tempo. Mas o telefone não tinha estado a tocar muito nesta noite, e pensei que provavelmente Yoko teria adormecido tal como eu. O homem não esperou que eu respondesse, mas fez um gesto para que ficasse calada, e encaminhou-se sozinho pelo corredor de terra batida em direcção aos aposentos das criadas.

A coisa que ouvi a seguir foi Yoko a pedir desculpa - porque tinha de facto adormecido - e depois estive numa longa conversa com a telefonista da central. Teve de ser posta em contacto com várias casas de chá antes de por fim localizar Hatsumomo e deixar uma mensagem: que o actor de Kabuki, Onoe Shikan, tinha chegado à cidade. Não o sabia ao tempo, mas não existia nenhum Onoe Shikan; era apenas um código.

Depois disto, Yoko foi-se embora. Não parecia preocupada por ter deixado um homem à espera no quarto das criadas, por isso eu decidi não dizer nada a ninguém. Isto veio a revelar-se uma coisa positiva, porque quando Hatsumomo apareceu vinte minutos mais tarde, parou no átrio de entrada para me dizer:

- Ainda não tentei fazer-te a vida verdadeiramente infeliz. Mas se alguma vez mencionares que um homem veio aqui, ou sequer que eu parei antes do fim da noite, isso vai mudar.

Estava a crescer para mim enquanto o dizia, e quando procurou qualquer coisa na manga, pude ver mesmo à luz ténue que tinha os antebraços vermelhos. Foi até aos aposentos das criadas e fez a porta deslizar encerrando-a atrás de si. Ouvi uma conversa breve e abafada, e depois a okiya ficou silenciosa. Ocasionalmente achei que ouvia um murmúrio leve, ou um gemido, mas os sons eram tão suaves que não conseguia ter a certeza. Não diria que sabia ao certo o que estavam ali a fazer, mas pensei na minha irmã a levantar o fato de banho para o rapaz Sugi. E senti uma tal combinação de repugnância e curiosidade que, mesmo que tivesse a liberdade de abandonar o meu canto, não creio que tivesse sido capaz.

Uma vez por semana, mais ou menos, Hatsumomo e o seu namorado - que se acabou por descobrir ser cozinheiro num restaurante de noodles ali próximo - vinha até à okiya e fechavam-se no quarto das criadas. Também se encontravam outras vezes, noutros lugares. Sei porque pediam muitas vezes a Yoko que entregasse mensagens, e às vezes ouvia. Todas as criadas sabiam o que Hatsumomo andava a fazer; e é uma medida da dimensão do poder que ela tinha sobre nós o facto de nenhuma ter dito uma palavra à Mãe, à Tia ou à Avó. Hatsumomo teria seguramente ficado em maus lençóis por ter um namorado, e mais ainda por trazê-lo para a okiya. O tempo que gastava com ele não dava lucros, e ainda por cima afastava-a das festas nas casas de chá onde estaria de outro modo a ganhar dinheiro. Além disso, qualquer homem rico que pudesse estar interessado numa relação cara, a longo prazo, iria seguramente desconsiderá-la e mesmo mudar de ideias se soubesse que andava com o cozinheiro de um restaurante de noodles.

Uma noite, tinha eu acabado de chegar de tomar um copo de água retirada do poço no pátio, quando ouvi a porta exterior a abrir-se contra a ombreira com um estrondo.

- Cuidado, Hatsumomo-san - disse uma voz grave - vais acordar toda a gente...

Nunca compreendi realmente porque é que Hatsumomo correu o risco de trazer o namorado de

volta para a okiya - embora provavelmente fosse o risco em si que a excitava. Mas nunca antes fora assim tão descuidada para fazer tanto barulho. Apressei-me a ir para o meu posto de joelhos, e em poucos instantes Hatsumomo estava no átrio principal, segurando dois pacotes embrulhados em papel de linho. Logo de seguida entrou outra gueixa atrás dela, tão alta que tinha de se curvar para passar pela ombreira baixa. Quando se pôs direita e me olhou do alto, os lábios dela pareciam-me invulgarmente grandes e pesados na ponta da cara comprida. Ninguém lhe poderia chamar bonita.

- Esta é a tonta da nossa criada menor - disse Hatsumomo. - Tem um nome, acho eu, mas porque é que não lhe chamas apenas Menininha Estúpida?

- Bom, Menininha Estúpida - disse a outra gueixa -, porque é que não vais buscar a tua irmã mais velha para me trazer qualquer coisa para beber? - Afinal de contas, a voz profunda que tinha ouvido era dela, e não a do namorado de Hatsumomo.

Normalmente, Hatsumomo gostava de beber uma espécie particular de saqué chamada amakuchi - a qual era muito leve e doce. Mas o amakuchi era fermentado só no Inverno, e parece que se nos tinha acabado. Em vez dele, enchi dois copos de cerveja e trouxe-os. Hatsumomo e a amiga já tinham ido para o pátio, e estavam de pé, com sapatos de madeira no corredor de terra batida. Podia ver que estavam muito embriagadas, e a amiga de Hatsumomo tinha os pés demasiado grandes para os nossos sapatinhos, por isso quase não conseguia dar um passo sem que as duas se escangalhassem a rir. Devem recordar-se que uma passagem de madeira corria ao longo da parte exterior da casa. Hatsumomo tinha acabado de pousar os dois pacotes nessa plataforma e estava a começar a abrir um deles quando entreguei a cerveja.

- Não estou com disposição para cervejas - disse, e inclinou-se para esvaziar os dois copos para debaixo dos alicerces da casa.

- Eu estou - disse a amiga, mas já era demasiado tarde. - Porque é que deitaste fora a minha?

- Oh, cala-te Korin! - disse Hatsumomo. - De qualquer maneira já não precisas de beber mais. Mas olha-me para isto, porque vais morrer de felicidade quando o vires!

E aqui, Hatsumomo desatou os cordéis que seguravam o papel de linho de um dos pacotes, e estendeu sobre a passagem um maravilhosos quimono em diferentes tons empoeirados de verde, com um motivo de vinhas de folhas vermelhas. De facto, era uma gloriosa escumilha de seda - embora com consistência para o Verão, e seguramente pouco apropriada para os tempos do Outono. Korin, a amiga de Hatsumomo, admirou-o tanto que inspirou com força e quase se engasgou na sua própria saliva - o que fez com que ambas explodissem a rir outra vez. Decidi que tinha chegado o momento de me retirar. Mas Hatsumomo disse:

- Não te vás embora, Menininha Estúpida. - E depois virou-se de novo para a amiga dela e disse-lhe, - chegou a hora de nos divertirmos, Korin-san. Adivinha de quem é este quimono?

Korin ainda estava a tossir bastante, mas assim que foi capaz de falar, disse. - Bem gostava que fosse meu!

- Bom, mas não é. Pertence a ninguém mais do que à gueixa que nós as duas odiamos mais do que qualquer outra pessoa na terra.

- Oh, Hatsumomo.... és um génio. Mas como é que apanhaste o quimono de Satoka?

- Não estou a falar de Satoka! Estou a falar da... Menina Perfeita!

- Quem?

- Da Menina - Tio-Bem-Melhor-do-que-Tu-És... ela mesma!

Fez-se uma pausa longa, e depois Korin disse:

- Mameha! Oh! meu Deus, é o quimono de Mameha. Nem consigo acreditar que não o reconheci! Como é que fizeste para lhe deitares a mão?

- Há alguns dias atrás deixei uma coisa no Teatro Kaburenjo durante um ensaio - disse Hatsumomo. - E quando voltei para trás para a ir buscar, ouvi o que achei que eram gemidos a subirem pelas escadas da cave. Por isso pensei, «Não é possível! Era divertido de mais!». E quando desci pé ante pé e acendi as luzes, imagina quem eu encontrei ali, deitados como dois bocados de arroz colados no chão?

- Não posso acreditar! A Mameha?

- Não sejas tola. Ela é demasiado peneirenta para fazer uma coisa dessas. Era a criada dela, com o guarda do teatro. Sabia que faria tudo para me impedir de a denunciar, por isso fui ter com ela mais tarde e disse-lhe que queria este quimono de Mameha. E começou a chorar quando se apercebeu qual era o que eu estava a descrever.

- E o que é este outro? - perguntou Korin, apontando para o segundo embrulho que estava sobre a passagem, com os cordéis ainda atados.

- Este obriguei a rapariga a comprá-lo com o seu próprio dinheiro, e agora pertence-me.

- O dinheiro dela? - disse Korin. - Mas que criada terá dinheiro que chegue para comprar um quimono?

- Bom, se ela não o comprou como me disse, não quero saber de onde veio. De qualquer modo, a Menininha Estúpida vai guardá-los no armazém para mim.

- Hatsumomo-san, não tenho autorização para entrar no armazém - disse eu de imediato.

- Se queres saber onde está a tua irmã mais velha, não me faças repetir as coisas esta noite. Tenho planos para ti. Depois podes fazer-me uma única pergunta e eu responder-te-ei.

Não digo que acreditei nela; mas claro, Hatsumomo tinha o poder de tornar a minha vida num inferno de todas as maneiras que lhe aprouvesse. Não tinha alternativa senão obedecer.

Ela pôs o quimono - embrulhado no papel de linho - nos meus braços, e levou-me até ao armazém no pátio. Ali abriu a porta e deu um toque num interruptor que se acendeu com um estalo alto. Podia ver as prateleiras cheias de lençóis e almofadas, bem como várias cómodas fechadas e alguns futon enrolados. Hatsumomo agarrou-me pelo braço e apontou para um escadote ao longo da parede exterior.

- Os quimonos ficam lá em cima - disse ela.

Trepei até lá acima e abri uma porta de madeira deslizante no topo. O sótão-armazém não tinha prateleiras como no rés-do-chão. Em vez disso, as paredes estavam forradas com caixas de laca vermelha empilhadas umas por cima das outras, quase tão alto quanto o tecto. Um corredor estreito passava entre estas duas paredes de caixas, com janelas de tabuinhas nas pontas, cobertas com estores para ventilação. O espaço estava escassamente iluminado tal como em baixo, mas de maneira muito mais brilhante; de modo que quando entrei ali, podia ler os caracteres negros gravados nas partes da frente das caixas. Diziam coisas como Kata-Komon, Ro - «desenhos a escantilhão, Escumilha de Seda de Trama Aberta»; e Kuromontsuki, Awase - «Vestidos Formais Debruados a Negro, com Forro.» Para dizer a verdade, não conseguia compreender os caracteres todos na altura, mas lá me desembarcei para descobrir a caixa com o nome de Hatsumomo, numa prateleira superior. Deu-me algum trabalho trazê-la para baixo, mas por fim lá acrescentei o novo quimono aos outros também embrulhados em papel de linho, e repus a caixa onde a tinha encontrado. Por mera curiosidade, abri outra das caixas muito rapidamente e descobri que estava atestada até ao topo com talvez uns quinze quimonos, e as outras cujas

tampas levantei eram iguais. Ao ver aquele sótão atafalhado de caixas, percebi imediatamente porque é que a Avó andava tão aterrada com medo do fogo. A colecção de quimonos era provavelmente duas vezes mais valiosa que a aldeia de Yoroido e a vila de Senzuru todas juntas. E como soube muito mais tarde, os mais caros ficavam guardados noutra sítio. Eram usados apenas pela gueixa aprendiz; e uma vez que Hatsumomo já não os podia vestir, estavam seguramente guardados num cofre alugado até que fossem precisos de novo.

Pela altura em que regresssei ao pátio, Hatsumomo já havia ido ao quarto buscar uma pedra e uma barra de tinta, bem como um pincel de caligrafia. Pensei que talvez quisesse escrever uma nota e enfiá-la dentro do quimono quando o voltasse a embrulhar. Tinha tirado alguma água do poço e salpicado a pedra e agora sentava-se na passagem de madeira a moer a tinta. Quando ficou boa e negra, mergulhou nela um pincel e alisou-lhe a ponta de encontro à pedra - para que a tinta fosse toda absorvida pelo pêlo e não pingasse. Depois pôs-mo na mão, e segurou-ma por cima do quimono bonito e disse-me:

- Pratica a tua caligrafia, Chiyozinha.

Este quimono pertencente à gueixa chamada Mameha - de quem nunca tinha ouvido falar até àquela altura - era uma obra de arte. A abrir o seu caminho da bainha para a cintura tinha uma parreira maravilhosa feita de fios pesadamente lacados amarrados juntos como um cabo fino e cosidos no lugar. Era parte do tecido, porém pareciam-se tanto com uma videira a crescer mesmo ali, que tinha a sensação que lhe podia pegar com os meus dedos se o quisesse, e arrancá-la como uma erva daninha do chão. As folhas, curvando-se a partir dela, pareciam estar a perder a cor e a secar como no tempo do Outono, e até mesmo a tomar tons de amarelo.

- Não sou capaz, Hatsumomo-san! - gritei eu.

- Mas que pena, minha queridinha - disse-me a amiga dela - Porque se obrigas Hatsumomo a dizer-to outra vez, perdes a oportunidade de encontrares a tua irmã.

- Oh, cala-te Korin. Chiyo sabe que tem que fazer o que eu lhe mando. Escreve qualquer coisa no tecido, Menina Estúpida. Não me interessa o quê.

Quando o pincel pela primeira vez tocou no quimono, Korin estava tão excitada que deixou escapar um guincho que acordou uma das criadas mais velhas, que veio espreitar ao corredor com um pano na cabeça, e a camisa de dormir pendurada em torno de si. Hatsumomo bateu o pé, e fez uma espécie de movimento de trote, como um gato, o que foi o suficiente para enviar a criada de volta para o seu futon. Korin não estava contente com os poucos traços incertos que eu tinha feito na seda verde de poalha, por isso Hatsumomo instruiu-me onde marcar o tecido e que tipo de marcas fazer. Não tinham qualquer sentido; Hatsumomo estava apenas a tentar ser artística à sua moda. Depois voltou a embrulhar o quimono no seu papel de linho e atou os cordéis outra vez. Ela e Korin regressaram à entrada principal para porem de novo nos pés os seus zori lacados. Quando deslizou a porta da rua para a abrir, Hatsumomo mandou-me segui-las.

- Hatsumomo-san, se eu sair da okiya sem autorização, a Mãe vai ficar muito zangada, e...

- Eu estou a dar-te autorização - interrompeu Hatsumomo. - Temos que devolver o quimono, não temos? Espero que não estejas a preparar-te para me fazeres esperar.

Portanto, não podia fazer outra coisa senão enfiar os meus sapatos e segui-la pela ruela acima até uma rua que corria paralela ao estreito ribeiro de Shirakawa. Naqueles dias, as ruas e ruelas em Gion ainda estavam maravilhosamente pavimentadas com pedras. Lá fomos andando ao luar durante um quarteirão ou dois, ao lado das cerejeiras e salgueiros que caíam sobre a água negra, e finalmente através de uma ponte de madeira arqueando-se adentro de uma secção de Gion que eu nunca antes vira. A

margem do ribeiro era de pedra, a maior parte dela coberta com manchas de musgo. Ao longo do seu topo, as traseiras das casas de chá e das okiya ligavam-se entre si para formarem uma parede. Persianas de junco sobre as janelas cortavam a luz amarela em pequenas tiras que me obrigavam a pensar no que a cozinheira tinha feito a um rabanete de conserva ao princípio do dia. Podia ouvir o riso de um grupo de homens e gueixas. Algo de muito engraçado deveria estar a acontecer numa das casas de chá, porque cada onda de riso era mais alta que a anterior, até que por fim esmoreceram e deixaram apenas o tanger de um shamisen de outra festa. Naquela altura, podia imaginar que Gion provavelmente seria um lugar alegre para algumas pessoas. Não conseguia deixar de me perguntar se Satsu poderia andar nalguma daquelas festas, apesar de Awajiumi, no Registo de Gion, me ter dito que ela nem sequer estava em Gion.

Logo a seguir, Hatsumomo e Korin fizeram uma paragem diante de uma porta de madeira.

- Tu vais levar este quimono escadas acima para o dares lá à criada - disse-me Hatsumomo. - Ou se a Menina Perfeita ela própria abrir a porta, podes dar-lho a ela. Não digas nada; entrega-lho apenas. Nós ficamos aqui em baixo a observar-te.

Com isto, pôs-me o quimono embrulhado nos braços, e Korin fez a porta deslizar diante de mim. Degraus de madeira polida subiam conduzindo à escuridão. Eu tremia tanto de medo, que não consegui subir mais do que metade deles sem fazer uma paragem. Depois ouvi Korin dizer para a escada num murmúrio alto:

- Vá lá, rapariguinha! Ninguém te vai comer a não ser que desças com o quimono ainda nas mãos, e aí podemos comer-te. Não é, Hatsumomo?

Hatsumomo deixou sair um suspiro, mas não disse nada. Korin estava a franzir os olhos escuridão adentro, tentando ver-me; mas Hatsumomo, que não chegava sequer ao ombro de Korin, roía uma das unhas sem ligar nenhuma. Mesmo então, por entre todos os meus medos, não conseguia deixar de reparar como era extraordinária a beleza de Hatsumomo. Podia ser tão cruel como uma aranha, mas era mais adorável a roer a unha do que a maioria das gueixas em pose para fotografia. E o contraste com a amiga Korin era como comparar uma pedra ao longo da estrada com uma jóia. Korin mostrava-se desconfortável no seu penteado formal com todos os belos ornamentos, e o quimono parecia estar sempre a atrapalhá-la. Enquanto Hatsumomo usava o quimono como se fosse a sua pele.

No patamar, no topo das escadas, ajoelhei-me na escuridão e chamei:

- Desculpe, se faz favor!

Esperei, mas nada aconteceu.

- Mais alto - disse Korin. - Elas não estão à tua espera.

Por isso chamei outra vez: - Faz favor!

- Só um momento! - ouvi uma voz abafada dizer; e logo a porta se abriu. A rapariga ajoelhada no outro lado não era mais velha que Satsu, mas magra e nervosa como um pássaro. Passei-lhe o quimono no seu embrulho de papel de linho. Ficou muito surpreendida, e pegou-lhe quase desesperadamente.

- Quem está aí, Asami-san? - perguntou uma voz de dentro do apartamento.

Podia ver uma única lanterna de papel num suporte antigo a arder junto a um futon acabado de fazer. O futon era para a gueixa Mameha; podia dizê-lo por causa dos lençóis engomados e a elegante cobertura de seda, bem como a takamakura - «almofada alta» - exactamente do tipo que Hatsumomo usava. Não era realmente uma almofada mesmo, mas um suporte de madeira com o assento almofadado para o pescoço; era desta única maneira que uma gueixa conseguia dormir sem estragar o seu penteado elaborado.

A criada não respondeu, mas abriu o embrulho à volta do quimono tão silenciosamente quanto possível, e apalpou-o daqui e dali para apanhar o reflexo da luz. Quando vislumbrou a tinta a estragá-lo, engoliu em seco e tapou a boca com a mão. As lágrimas saltaram-lhe instantaneamente para a cara, e depois a voz chamou:

- Ami-san! Quem está aí?

- Oh, ninguém, Menina! - gritou a criada.

Senti uma terrível pena dela ao vê-la a secar os olhos rapidamente a uma manga. Enquanto se levantava para empurrar a porta e a fechar, tive um vislumbre da patroa dela. Pude ver imediatamente porque é que Hatsumomo chamava a Mameha «Menina Perfeita». Tinha a cara de um oval perfeito, igual à de uma boneca, e tão macia e frágil quanto uma peça de porcelana, mesmo sem a maquilhagem. Veio em direcção à porta, a tentar espreitar para o poço das escadas, mas não vi nada mais dela antes que a criada rapidamente fechasse a porta.

Na manhã seguinte, depois das aulas, voltei à okiya para descobrir que a Mãe, a Avó e a Tia se tinham fechado juntas na sala de recepções do primeiro andar. Tive a certeza de que estavam a falar do quimono; e seguramente, no momento em que Hatsumomo entrou vinda da rua, uma das criadas foi avisar a Mãe, que saiu para o átrio de entrada e a interceptou no seu caminho escadas acima.

- Tivemos uma pequena visita de Mameha e da criada dela hoje de manhã - disse-lhe.

- Oh, Mãe, sei exactamente o que vai dizer. Sinto-me horrivelmente por causa do quimono. Tentei fazer a Chiyo parar antes de lhe pôr a tinta, mas era tarde de mais. Deve ter pensado que era meu! Não sei porque é que me odeia tanto desde que aqui chegou... E pensar que ela arruinou um quimono tão bonito só com a esperança de me ferir!

Por esta altura, a Tia já tinha coxeado até ao átrio. Ela gritou, «Matte mashita!» Eu compreendi perfeitamente as palavras; queriam dizer «Esperámos por ti!» mas eu não fazia ideia do que queria dizer com elas. De facto, era uma coisa bastante inteligente para dizer, porque isto é o que o público às vezes grita quando uma grande estrela faz a sua entrada numa peça de Kabuki.

- Tia, está a sugerir que eu tenho alguma coisa a ver com a destruição daquele quimono? - disse Hatsumomo. - Porque é que eu faria uma coisa dessas?

- Toda a gente sabe que odeias a Mameha - disse-lhe a Tia. - Odeias todos os que têm mais êxito do que tu.

- Quer isso dizer que eu gosto muito de si, Tia, sendo um fracasso tão completo?

- Não quero conversas dessas - disse a Mãe. - Agora, escuta-me, Hatsumomo. Não debes pensar realmente que temos todas a cabeça tão vazia que vamos acreditar na tua historia. Não vou permitir este tipo de comportamento na okiya, nem mesmo de ti. Tenho um grande respeito por Mameha. E não quero que outra cena como esta volte acontecer. Quanto ao quimono, alguém vai ter que pagar por ele. Não sei o que aconteceu a noite passada, mas não há dúvidas quanto a quem estava a segurar o pincel. A criada viu a rapariga a fazê-lo. A rapariga pagará por ele - disse a Mãe, e repôs o cachimbo na boca.

Entretanto a Avó saiu da sala de visitas e chamou uma criada para ir buscar o pau de bambu.

- Chiyo já tem dívidas que chegue - disse a Tia. - Não sei porque há-de pagar também pelas de Hatsumomo.

- Já falámos disto que baste - disse a Avó. - A rapariga deverá ser espancada e obrigada a pagar o preço do quimono, e assunto acabado. Onde está o pau de bambu?

- Bato-lhe eu mesma - disse a Tia. - Não vou permitir que as suas articulações fiquem inflamadas

outra vez, Avó. Vamos, Chiyo.

A Tia esperou até que a criada trouxesse o pau e depois levou-me para o fundo do pátio. Estava tão zangada que as narinas lhe pareciam maiores que o costume, e os olhos inchados como punhos. Tinha sido cuidadosa desde que chegara à okiya para não fazer nada que conduzisse a uma tarefa. Senti-me subitamente quente, e as pedras a meus pés ficaram enevoadas. Mas em vez de me bater, a Tia encostou o pau ao armazém e depois coxeou até mim para me dizer baixinho:

- O que é que fizeste a Hatsumomo? Ela está determinada a destruir-te. Tem de haver uma razão, e quero saber qual é.

- Garanto-lhe Tia, ela tem-me tratado assim desde que cheguei. Não sei o que lhe posso ter feito.

- A Avó pode chamar tonta à Hatsumomo, mas acredita-me, a Hatsumomo não é tonta. Se ela quiser arruinar bastante a tua carreira, fá-lo-á. O que quer que tenhas feito para a irritar, deves deixar de o fazer.

- Não fiz nada, Tia, garanto-lhe.

- Nunca deves confiar nela, nem mesmo se ela te tentar ajudar. Neste momento já te carregou com tantas dívidas que podes nunca conseguir pagá-las com trabalho.

- Não compreendo... - disse eu - umas dívidas?

- A brincadeira de Hatsumomo com aquele quimono vai custar-te mais dinheiro do que alguma vez imaginaste na tua vida. É isso que quero dizer quanto a dívidas.

- Mas... como é que vou pagar?

- Quando começares a trabalhar como gueixa, pagarás por isso de volta à okiya, junto com tudo o mais que deves - as tuas refeições, as aulas; se ficares doente, o preço dos médicos. És tu própria quem paga tudo. Porque é que pensas que a Mãe passa o dia inteiro no quarto a escrever números naqueles livrinhos? Deves à okiya até o preço que pagaram ao comprarem-te.

Durante os meus meses em Gion, decerto que calculara que tinha passado dinheiro de mão em mão antes que Satsu e eu fôssemos retiradas da nossa casa. Muitas vezes pensei na conversa que tinha ouvido sem querer entre o Sr. Tanaka e o meu pai, e no que a Sra. Mexericas tinha dito sobre Satsu e eu sermos «adequadas». Perguntei-me, com horror, se o Sr. Tanaka tinha ganho algum dinheiro a ajudar a vender-nos, e quanto teríamos custado. Mas nunca imaginara que eu própria o tivesse que pagar.

- Só passarás a pagar quando fores uma gueixa há bastante tempo - continuou ela. - E nunca conseguirás pagar tudo se acabares numa gueixa falhada como eu. É assim que queres gastar o teu futuro?

Naquele momento não me interessava muito como iria gastar o meu futuro.

- Se queres arruinar a tua vida em Gion, há uma dúzia de maneiras para o fazeres - disse a Tia. - Podes tentar fugir. Assim que o fizeres, a Mãe vai considerar-te um mau investimento; não vai gastar mais dinheiro com alguém que pode desaparecer a qualquer momento. Isso iria significar o fim das lições, e não podes ser uma gueixa sem treino. Ou podes tornar-te impopular com as tuas professoras, de modo a que não te dêem a ajuda de que precisas. Ou podes crescer e tornares-te uma mulher feia como eu. Eu não era uma rapariga assim tão pouco atraente como isso quando a Avó me comprou aos meus pais, mas não cresci bem, e a Avó sempre me odiou por isso. Uma vez bateu-me tanto por algo que eu tinha feito que me partiu uma das ancas. Foi aí que deixei de ser uma gueixa. E é essa a razão porque prefiro ser eu a fazer a tarefa de te bater do que deixar a Avó pôr-te as mãos em cima.

Levou-me até à passagem e fez-me deitar de barriga para baixo. Não me interessava muito se ela me ia bater ou não; parecia-me que nada podia piorar a minha situação. De cada vez que o meu corpo



saltava sob o pau, gritei tão alto quanto ousava, e imaginei a bela cara de Hatsumomo a sorrir-me. Quando a tarefa terminou, a Tia deixou-me ali a chorar. Em breve senti a passagem tremer com os passos de alguém e sentei-me para descobrir Hatsumomo de pé diante de mim.

- Chiyo, ficaria tão grata se saíesses do meu caminho.

- Prometeste dizer-me onde podia encontrar a minha irmã, Hatsumomo - disse-lhe.

- Pois disse! - Ela inclinou-se até ficar com a cara junto à minha. Pensei que ia dizer-me que eu ainda não tinha feito o bastante, que quando ela pensasse noutra coisa qualquer para eu fazer, me diria. Mas não foi isto que aconteceu.

- A tua irmã está numa jorou-ya chamada Tatsuyo - disse-me ela - no distrito de Miyagawa-cho, mesmo a sul de Gion.

Quando acabou de falar, deu-me um pequeno encontrão com o pé, e eu saí do caminho dela. Nunca antes tinha ouvido a palavra Jorou-ya; por isso, na noite seguinte, quando a Tia deixou cair um cesto de costura no chão do átrio de entrada e me pediu ajuda para apanhar as coisas, perguntei-lhe:

- Tia, o que é uma jorou-ya?

A Tia não respondeu, mas continuou apenas a enrolar uma bobine de linha.

- Tia? - disse eu outra vez.

- E o tipo de sítio onde Hatsumomo irá acabar, se alguma vez receber o que merece - disse ela.

Não me parecia inclinada a querer revelar mais, por isso não tive alternativa senão deixar cair o assunto. A minha pergunta seguramente não tinha sido respondida; mas criei a impressão de que Satsu poderia estar a sofrer ainda mais do que eu. Por isso comecei a pensar como poderia eu escapulir-me até àquele local chamado Tatsuyo da próxima vez que tivesse uma oportunidade. Infelizmente, parte do meu castigo por estragar o quimono de Mameha foi o fechamento na okiya por cinquenta dias. Era-me autorizado ir à escola enquanto a Abóbora me acompanhasse; mas já não me era mais permitido fazer recados. Calculo que poderia ter disparado porta fora em qualquer momento se quisesse, mas sabia que era melhor não fazer uma coisa tão estúpida. Para começar, não tinha a certeza de como iria encontrar o Tatsuyo. E o que era pior, no momento em que dessem pela minha falta, o Sr. Bekku ou outra pessoa qualquer seria enviada à minha procura. Uma criada jovem tinha fugido da okiya ao lado apenas uns meses antes, e haviam-na trazido logo na manhã seguinte. Bateram-lhe tanto durante dias que a gritaria que ela fazia era horrível. Às vezes eu tinha de tapar os ouvidos para não a escutar.

Decidi que não tinha alternativa senão esperar até que acabassem os meus cinquenta dias de reclusão. Entretanto, esforcei-me no meu melhor para descobrir maneiras de retribuir a crueldade a Hatsumomo e à Avó. A Hatsumomo paguei-lhe raspando excrementos de pombo sempre que era suposto limpá-los das pedras do pátio, e misturando-os com o creme facial dela. O creme já continha unguento de excrementos de rouxinol, como já disse; por isso, talvez não lhe fizesse mal, mas deu-me bastante satisfação. À Avó paguei-lhe a esfregar o trapo de limpar as retretes pelo interior da camisa de noite dela; e fiquei muito contente por vê-la cheirar-se surpreendida, embora nunca a chegasse a despir. Em breve descobri que a cozinheira tinha considerado tarefa sua punir-me mais ainda por causa do incidente do quimono - mesmo sem ninguém lho ter encomendado - cortando as minhas rações bimensais de peixe seco. Não conseguia pensar na maneira de lhe retribuir por isto até que um dia a vi perseguir um rato pela passagem fora com um maço. Odiava mais os ratos que os próprios gatos, como descobri. Por isso juntei caganitas de rato que tinha retirado debaixo das fundações da casa principal, e espalhei-as por aqui e ali na cozinha. Uma vez até peguei num dos pauzinhos de comer e fiz um furo no fundo de um saco de arroz, a fim de que ela tivesse que esvaziar as despensas todas à procura de sinais de roedores.

Numa noite, enquanto esperava por Hatsumomo, ouvi o telefone tocar e Yoko saiu logo a seguir e subiu as escadas. Quando regressou, trazia o shamisen de Hatsumomo desmontado no seu estojo de transporte.

- Vais ter que levar isto à casa de chá Mizuki - disse-me. - Hatsumomo perdeu uma aposta e tem de pagar com uma canção no shamisen. Eu não sei o que é que lhe deu, mas não quer usar o que lhe emprestaram na casa de chá. Acho que está só a empatar, porque ela não pega num shamisen há anos.

Aparentemente, Yoko não sabia que eu estava retida na okiya, o que, de facto, não era de surpreender. Raramente lhe era permitido sair dos aposentos das criadas para o caso de não vir a perder alguma chamada importante, e não estava de modo algum envolvida na vida da okiya. Peguei no shamisen que me entregava enquanto vestia o casaco do quimono para se ir embora por aquele dia. E depois de me ter explicado onde poderia encontrar a casa de chá Misuki, enfiei os meus sapatos que estavam na entrada, a tremer de nervoso que alguém me pudesse impedir. As criadas e a Abóbora - mesmo as três mulheres velhas - estavam todas a dormir, e Yoko já teria partido dentro de alguns minutos. Parecia-me que, por fim, tinha chegado a oportunidade para ir tentar encontrar a minha irmã.

Ouvi o trovão a ressoar por cima da cabeça, e o ar cheirava a chuva. Por isso apressei-me ao longo das ruas, passando grupos de homens e gueixas. Alguns deles lançavam-me olhares estranhos, porque nesses tempos ainda tínhamos homens e mulheres em Gion que ganhavam a vida como transportadores de shamisen. Muitas vezes eram velhotes; seguramente nenhuns deles eram crianças. Não me teria surpreendido que algumas das pessoas por quem eu tinha passado pensassem que eu tinha roubado aquele shamisen e estivesse a fugir com ele. Quando cheguei à casa de chá Mizuki a chuva começara a cair, mas a entrada era tão elegante que tive medo de lhe pôr o pé dentro. As paredes, para além da pequena cortina pendurada na ombreira da porta, eram de um tom de laranja suave debruadas a madeira escura. Um caminho de pedras polidas conduzia até um jarrão enorme suportando um arranjo floral de ramos torcidos de ácer com as suas brilhantes folhas outonais vermelhas. Por fim, reuni a minha coragem e passei para o outro lado da pequena cortina. Junto ao vaso, uma entrada espaçosa abria-se para um dos lados, com um chão de granito rudemente polido. Lembro-me de ter ficado maravilhada por toda a beleza que eu tinha visto não estar sequer na entrada da casa de chá, mas apenas no caminho que conduzia à entrada. Era de uma beleza extraordinária - como de facto deveria ser; porque embora eu não o soubesse, estava a ver pela primeira vez uma das mais requintadas casas de chá de todo o Japão. E uma casa de chá, como sabem, não é para tomar chá; é o local onde os homens vão para serem entretidos pelas gueixas. No momento em que pus o pé na entrada, a porta diante de mim deslizou e abriu-se. Uma jovem criada, de joelhos no chão mais elevado lá de dentro, olhou para baixo, para mim; devia ter ouvido os meus sapatos de madeira nas pedras. Estava vestida com um maravilhoso quimono azul-escuro com um padrão simples em cinzento. Um ano antes eu teria achado que ela seria a jovem dona de um lugar tão extraordinário, mas agora, depois de alguns meses em Gion, reconheci imediatamente que o quimono dela - embora mais belo do que qualquer outra coisa em Yoroido - era demasiado simples para uma gueixa ou para a senhora de uma casa de chá. E claro, o penteado também era simples. No entanto, era muito mais elegante do que eu, e olhou-me de alto com desprezo.

- Entra pelas traseiras - disse ela.

- Hatsumomo mandou pedir...

- Vai pelas traseiras! - disse ela de novo, e fez a porta deslizar até ficar fechada sem esperar pela minha resposta.

A chuva estava a cair com mais força agora, por isso corri, mais do que andei, através de uma passagem estreita ao longo da casa de chá. A porta das traseiras deslizou abrindo-se quando eu cheguei, e

a mesma criada ajoelhava-se ali à minha espera. Não disse uma palavra, e apenas me retirou das mãos a caixa do shamisen.

- Menina - disse eu, - posso perguntar... pode dizer-me onde é o bairro de Miyagawa-cho?
- Porque é que lá queres ir?
- Tenho de ir buscar uma coisa.

Olhou para mim de uma maneira estranha, mas depois disse-me para seguir ao longo do rio até ter passado o Teatro Minamiza, e encontrar-me-ia em Miyagawa-cho. Decidi abrigar-me debaixo dos beirais da casa de chá até que a chuva parasse. Enquanto estava ali a olhar em volta, descobri uma ala do edifício visível por entre as ardósias da vedação a meu lado. Encostei o olho à vedação e descobri-me a espreitar através de um jardim belíssimo para uma janela de vidro. Dentro de uma adorável sala de tatami, banhada em luz laranja, sentava-se um grupo de homens e gueixas à volta de uma mesa com taças de saqué e copos de cerveja espalhados em cima. Hatsumomo também estava ali, e um velho de olhos remelosos que parecia a meio de uma história. Hatsumomo estava divertida com algo, embora evidentemente não com o que o homem estaria a dizer. Não parava de olhar para outra gueixa de costas para mim. Dei comigo a recordar-me da última vez que tinha espreitado para uma casa de chá, com Kuniko, a filhinha do Sr. Tanaka, e comecei a sentir a mesma sensação de peso que experimentara há tanto tempo diante das campas da família do meu pai - como se a terra me estivesse a puxar para si. Um certo pensamento começava a crescer na minha cabeça, a crescer até que eu já não o podia ignorar mais. Queria desviar-me dele; mas era tão impotente para impedir esse pensamento de me ocupar a mente quanto o vento se pode proibir a si próprio de soprar. Por isso dei um passo atrás e deixei-me cair no degrau de pedra da entrada, com a porta contra as minhas costas, e comecei a chorar. Não conseguia deixar de pensar no Sr. Tanaka. Tinha-me tirado à minha mãe e ao meu pai, vendido como escrava, vendido a minha irmã para algo ainda pior. Tinha achado que ele era um homem bondoso. Tinha achado que era tão elegante, tão mundano. Que criança estúpida fora! Nunca voltaria a Yoroido, decidi. Ou se voltasse, seria para dizer ao Sr. Tanaka quando o odiava. Quando por fim me pus de pé e limpei os olhos no meu vestido molhado, a chuva tinha-se aliviado em nevoeiro. As pedras da calçada na ruela brilhavam douradas com o reflexo das lanternas. Fiz o caminho de volta através da secção Tominaga-cho de Gion até ao Teatro Minamiza, com o seu enorme telhado de ladrilho que me tinha feito pensar num palácio no dia em que o Sr. Bekku me trouxera a mim e a Satsu da estação dos comboios. A criada na casa de chá Mizuki tinha-me dito para caminhar ao lado do rio para além do Minamiza; mas a estrada ao longo do rio parava junto ao teatro. Portanto, em vez disso, segui pela rua por detrás do Minamiza. Após alguns quarteirões, descobri-me numa área sem luzes na rua e quase sem pessoas. Não o sabia na altura, mas as ruas estavam vazias em grande parte por causa da Grande Depressão; em qualquer outra, Miyagawa-cho poderia ser ainda mais atarefada do que Gion. Naquela noite parecia-me um lugar muito triste - o que, segundo penso, sempre tem sido. As fachadas de madeira pareciam-se com as de Gion, mas o local não tinha árvores, nenhum ribeiro adorável como o de Shirakawa, nenhuns portais bonitos. A única iluminação vinha de lâmpadas nas portas de entrada abertas, onde velhas se sentavam em bancos, às vezes com duas ou três mulheres que supus serem gueixas ao lado delas na rua. Usavam quimonos e ornamentos do cabelo semelhantes aos das gueixas, mas tinham o obi atado à frente em vez de ser atrás. Nunca antes tinha visto aquilo e não o compreendi, mas era a marca da prostituta. Uma mulher que tem que tirar a sua faixa vezes sem conta durante toda a noite, não pode ter que se preocupar com atá-la atrás uma e outra vez.

Com a ajuda de uma destas mulheres, descobri o Tatsuyo num beco sem saída, junto com apenas três outras casas. Estavam todas marcadas com cartazes junto das portas. Não posso descrever como me senti quando vi o anúncio com as letras a dizer «Tatsuyo», mas direi que o meu corpo parecia vibrar em

todo o lado, tanto que senti que podia explodir. Na porta de entrada do Tatsuyo estava sentada uma velha, a conversar com uma mulher muito mais jovem num banco do outro lado da ruela - embora de facto fosse a mulher mais velha quem falasse o tempo todo. Sentava-se encostada contra a ombreira da porta, com um vestido cinzento pendurado meio aberto e os pés espetados de fora enfiados num par de zori. Estes eram zori rudemente tecidos de palha, do tipo que se poderiam encontrar em Yoroido, e muito diferentes dos belos zori lacados que Hatsumomo usava com o seu quimono. Mais que isso, esta velha tinha os pés nus, em vez de calçados com as suaves tabi de seda. E no entanto, esticava-os exibindo-os com as unhas cortadas de modo desigual, exactamente como se estivesse orgulhosa do seu aspecto e quisesse ter a certeza que reparávamos neles.

- Mais umas três semanas, sabes, e já não volto mais - estava ela a dizer. - A patroa pensa que volto, mas não volto. A mulher do meu filho vai tomar bem conta de mim, sabes. Não é muito esperta, mas trabalha muito. Nunca a encontraste?

- Se encontrei, não me lembro - disse a mulher mais jovem do outro lado da ruela. - Está aí uma rapariguinha a querer falar contigo. Não a vês?

Com isto, a mulher mais velha olhou para mim pela primeira vez. Não disse nada, mas acenou com a cabeça para me dizer que estava a ouvir.

- Por favor, minha senhora - disse eu - têm aqui uma rapariga chamada Satsu?

- Não temos aqui nenhuma Satsu - disse ela.

Fiquei demasiado chocada para saber o que responder a isto; mas de qualquer maneira, a mulher mais velha de repente ficou muito alerta, porque um homem acabava de me ultrapassar em direcção à porta. Pôs-se de lado e fez-lhe várias vénias com as mãos nos joelhos, e disse-lhe: «Bem vindo!». Quando ele entrou, sentou-se outra vez no banco e esticou de novo os pés.

- Porque é que ainda estás aqui? - disse-me a velha. - Já te disse que não tenho nenhuma Satsu.

- Tens sim - disse a mulher mais nova do outro lado da ruela. - A tua Yukiyo. O nome dela costumava ser Satsu, ainda me lembro.

- Isso pode ter sido - respondeu a velha. - Mas não temos nenhuma Satsu para esta rapariga. Não me vou meter em sarilhos por conta de nada.

Não sabia o que ela queria dizer com isto, até que a mulher mais nova murmurou que eu não tinha o aspecto de ter nem um único sen comigo. E estava muito certa. Um «sen» - que valia apenas um centésimo de um iene - ainda era vulgarmente usado naqueles tempos, embora um único deles não comprasse sequer um copo vazio a um vendedor. Nunca tinha tido na mão uma moeda de qualquer espécie desde que chegara a Quioto. Quando fazia os recados, pedia que os artigos fossem debitados à okiya Nitta.

- Se é dinheiro que queres - disse eu - Satsu vai-te pagar.

- Porque é que ela me haveria de pagar por falar com alguém como tu?

- Eu sou a irmã mais nova dela.

Fez-me sinal com a mão para que me chegasse; e quando me aproximei, pegou-me pelo braço e fez-me dar uma volta.

- Olha para esta rapariga - disse para a mulher do outro lado da ruela. - Achas que se parece com a irmãzinha de Yukiyo? Se a nossa Yukiyo fosse tão bonita como esta, seríamos a casa mais concorrida da cidade! És uma mentirosa, é o que tu és. - E com isto, deu-me um encontrão de volta à ruela.

Admito que estava assustada. Mas estava mais determinada que assustada, e já que tinha vindo até aqui, seguramente que não me iria embora só porque esta mulher não acreditava em mim. Por isso virei-me outra vez, fiz-lhe uma vénia, e disse-lhe:

- Peço desculpa se pareço ser uma mentirosa, minha senhora. Mas não sou. Yukiyo é minha irmã. Seria muito amável da sua parte se lhe fosse dizer que está aqui Chiyo, ela pagar-lhe-á o que quiser.

Isto deve ter sido a coisa certa para dizer, porque por fim virou-se para a mulher mais nova do outro lado da ruela.

- Vai tu lá acima por mim. Não estás ocupada esta noite. Além disso, dói-me o pescoço. Eu fico aqui de olho nesta rapariga.

A mulher mais nova levantou-se do banquinho e atravessou na direcção do Tatsuyo. Ouvi-a subir as escadas lá dentro. Por fim voltou para baixo e disse:

- Yukiyo está com um cliente. Quando acabar, alguém lhe dirá para vir cá abaixo.

A mulher mais velha enviou-me para as sombras do lado oposto da porta, mandando-me agachar onde não pudesse ser vista. Não sei quanto tempo passou, mas ficava cada vez mais preocupada que alguém na okiya pudesse descobrir que eu não estava lá. Tinha uma desculpa para me ausentar, embora a Mãe fosse ficar zangada comigo na mesma; mas não tinha uma desculpa para me demorar na rua. Por fim um homem saiu, a palitar os dentes com um pauzinho. A mulher mais velha pôs-se de pé para fazer uma vénia e agradecer-lhe por ter vindo. E então ouvi o som mais aprazível desde que viera para Quioto.

- Mandou-me chamar, Senhora?

Era a voz de Satsu. Pus-me de pé num salto e corri para onde ela estava à entrada da porta. A pele dela parecia pálida, quase cinzenta - embora talvez fosse porque ela usava um quimono de amarelos e vermelhos berrantes. E tinha a boca pintada com um batom muito vivo do tipo dos que a Mãe usava. Estava a acabar de atar a sua faixa à frente, como as mulheres que tinha visto no meu caminho até ali. Senti um alívio tão grande ao vê-la, e uma tal excitação, que mal conseguia conter a vontade de lhe correr para os braços e Satsu também deixou sair um grito e tapou a boca com a mão.

- A patroa vai ficar zangada comigo - disse a mulher mais velha.

- Volto já - disse-lhe Satsu, e desapareceu de novo no interior do Tatsuyo. Um momento ou dois mais tarde estava de volta, e deixou cair várias moedas na mão da mulher, que lhe disse para me levar para o quarto livre no primeiro andar.

- E se me ouvires tossir - acrescentou ela - quer dizer que a patroa vem aí. Agora despacha-te.

Segui Satsu para dentro do sombrio átrio de entrada do Tatsuyo. A luz era mais castanha que amarela, e o ar cheirava a suor. Por debaixo da escada havia uma porta deslizante que tinha saltado da calha. Satsu deu-lhe um encontrão para a abrir, e com dificuldade conseguiu fechá-la atrás de nós. Estávamos de pé numa minúscula sala de tatami só com uma janela, coberta com um paravento de papel. A luz de fora era suficiente para eu ver a forma de Satsu, mas não as suas feições.

- Oh, Chiyo - disse ela, e depois levantou a mão para coçar a cara. Ou, pelo menos, pensei que ela estava a coçar a cara, porque não podia ver bem. Demorei um momento a perceber que chorava. Depois disto, eu própria não consegui fazer mais nada para conter as lágrimas.

- Lamento tanto, Satsu! - disse-lhe. - A culpa é toda minha.

De uma maneira atabalhoada tropeçámos em direcção uma à outra no escuro até que nos abraçámos. Descobri que tudo o que podia pensar agora era como ela se tinha tornado tão ossuda. Fez-me festas no cabelo de uma maneira que me lembrou a minha mãe, o que fez com que os olhos se me

enchessem tanto de lágrimas que bem poderia estar debaixo de água.

- Fica calada, Chiyo-chan - murmurou ela para mim. Com a cara dela tão perto à minha, o hálito dela tinha um odor pungente quando ela falava. - Vou apanhar uma tarefa se a patroa descobre que tu estiveste aqui. Porque é que demoraste tanto?

- Oh, Satsu, lamento tanto! Sei que vieste à minha okiya...

- Há meses.

- A mulher com quem falaste ali é um monstro. Ficou sem me entregar a mensagem o máximo de tempo possível.

- Tenho que me ir embora, Chiyo. Não posso ficar neste lugar mais tempo.

- Eu vou contigo!

- Tenho um horário dos comboios escondido debaixo do colchão do tatami lá em cima. Tenho andado a roubar dinheiro sempre que posso. Tenho o suficiente para pagar à Sra. Kishino. Ela apanha uma tarefa de cada vez que uma rapariga foge. Não me vai deixar partir a não ser que lhe pague primeiro.

- A Sra. Kishino... quem é ela?

- A velha à entrada da porta. Ela vai-se embora. Não sei quem vai ficar no lugar dela. Não posso esperar mais! Isto é um lugar horrível. Nunca acabes num lugar como este, Chiyo! Agora é melhor partires. A patroa pode chegar a qualquer momento.

- Mas espera. Quando é que fugimos?

- Espera ali no canto, e não digas uma palavra. Eu tenho que ir lá acima.

Fiz como ela me mandou. Enquanto ela estava ausente ouvi a mulher à porta a cumprimentar um homem, e depois os passos pesados dele a subir as escadas por cima da minha cabeça. Em breve alguém desceu de novo apressadamente, e a porta abriu-se. Senti pânico por um momento, mas era apenas Satsu, com um aspecto muito pálido.

- Terça-feira. Fugimos na terça-feira, tarde na noite, a cinco dias de agora. Eu tenho que subir, Chiyo. Chegou um homem para mim.

- Mas espera, Satsu. Onde nos encontramos, a que horas?

- Não sei... uma da manhã. Mas não sei onde.

Sugeri que nos encontrássemos perto do Teatro Minamiza, mas Satsu achou que seria muito fácil para as pessoas nos encontrarem ali. Concordámos em encontrarmo-nos no sítio exatamente em frente do outro lado do rio.

- Agora tenho que ir - disse ela.

- Mas Satsu... e se eu não me puder escapar? E se não nos encontrarmos?

- Limita-te a estar lá, Chiyo. Só vou ter uma oportunidade. Esperei o máximo que podia. Agora tens que te ir embora antes que a patroa regresse. Se ela te apanha aqui, nunca mais poderei fugir.

Havia tantas coisas que eu lhe queria contar, mas ela levou-me para o átrio e fechou a porta com força atrás de nós. Eu teria ficado a vê-la subir as escadas, mas num instante a mulher da entrada tinha-me agarrado por um braço e puxado para a escuridão da rua.

Corri a fugir de Miyagawa-cho e fiquei aliviada por descobrir a okiya tão silenciosa como a tinha deixado. Entrei pé ante pé e ajoelhei-me na luz esbatida do átrio de entrada, secando o suor da fronte e do pescoço com pequenas pancadas da manga do meu vestido e a tentar controlar a respiração. Estava a

começar a acalmar, agora que tinha conseguido não ser apanhada. Mas então olhei para a porta do quarto das criadas e vi que tinha ficado aberta uma nesga, o suficiente para enfiar um braço através dela, e senti-me gelar. Nunca ninguém a deixava assim. A não ser no tempo quente, normalmente ficava completamente fechada. Agora enquanto a observava, tive a certeza de ouvir um som sussurrante vindo do interior. Esperava que fosse um rato; porque se não fosse um rato, era Hatsumomo com o namorado dela outra vez. Comecei a desejar não ter ido até Miyagawa-cho. Desejava-o com tanta força que se uma coisa dessas fosse possível, penso que o próprio tempo teria começado a andar para trás só com a energia de todo aquele meu desejo. Pus-me de pé e fui silenciosamente até à passagem de terra batida, a sentir-me tonta com a preocupação, e com a garganta mais seca que um bocado do chão poeirento. Quando alcancei a porta dos aposentos das criadas, pus os olhos no intervalo para espreitar lá para dentro. Não podia ver bem. Por causa do tempo úmido, Yoko naquela noite tinha acendido mais cedo o carvão da braseira posta no solo; só restava um brilho ténue, e nessa luz ténue, algo de pequeno e pálido estava a mover-se. Quase deixei sair um grito quando o vi, porque tinha a certeza que era um rato, com a cabeça de lado como se a mastigar qualquer coisa. Para meu horror quase podia ouvir os sons úmidos e estalinhos da boca dele. Parecia estar de pé em cima de qualquer coisa, não conseguia dizer o quê. Esticados em direção a mim estavam dois montes do que eu pensei serem provavelmente rolos de tecido, o que me dava a impressão de que o rato tinha roído o seu caminho entre eles, afastando-os enquanto o fazia. Devia estar a comer qualquer coisa que Yoko teria deixado no quarto. Estava quase a fechar a porta, porque receava que pudesse vir a correr para o corredor comigo, quando ouvi o gemido de uma mulher. Depois, subitamente, para além do sítio em que o rato mastigava, levantou-se uma cabeça e Hatsumomo estava a olhar diretamente para mim. Saltei da porta. O que eu pensava que eram montes de tecido eram as pernas dela. E o rato não era rato algum. Era a mão pálida do namorado dela a sair-lhe da manga.

- O que é que se passa? - Ouvi a voz do namorado dizer. - Está aí alguém?

- Não é nada - murmurou Hatsumomo. - Está aí alguém.

- Não é ninguém - disse ela. - Parecia-me ter ouvido qualquer coisa, mas não é ninguém.

Não havia dúvida na minha mente que Hatsumomo me tinha visto. Mas aparentemente não queria que o namorado soubesse. Apressei-me a ajoelhar-me no átrio, sentindo-me tão abalada como se tivesse estado na eminência de ser atropelada por um carro elétrico. Ouvi gemidos e barulhos vindo do quarto das criadas durante algum tempo, e depois pararam. Quando Hatsumomo e o namorado por fim saíram para o corredor, o namorado dela olhou de frente para mim.

- E a rapariga do átrio de entrada - disse ele. - Ela não estava aqui quando entrei.

- Oh, não lhe liguês. Ela foi uma rapariga má esta noite e saiu da okiya sem autorização. Tratarei dela mais tarde.

- Então sempre havia alguém a espiar-nos. Porque é que me mentiste?

- Koichi-san - disse ela, - estás tão mal disposto esta noite!

- Tu não estás minimamente surpreendida por vê-la. Tu sabias o tempo todo que ela estava aqui.

O namorado de Hatsumomo deu grandes passadas até ao átrio da entrada principal e parou para me olhar ameaçadoramente antes de sair para a porta. Mantive os olhos no chão, mas podia sentir-me corar de um vermelho brilhante. Hatsumomo apressou-se para lá de mim a ajudá-lo com os sapatos. Ouvi-a falar-lhe como nunca a tinha ouvido a falar com ninguém antes, numa voz implorante, quase lamentosa.

- Koichi-san, por favor - dizia ela - acalma-te. Não sei o que te deu esta noite! Volta amanhã outra vez...

- Amanhã não te quero ver.

- Odeio que me faças esperar tanto. Vou encontrar-me contigo onde quiseres, até no fundo do rio.

- Não tenho qualquer sítio para me encontrar contigo. A minha mulher já me anda a espiar que baste.

- Então volta aqui. Temos o quarto das criadas...

- Sim, se gostas de andar por aí às escondidas e a ser espiada! Deixa-me mas é ir embora, Hatsumomo. Quero ir para casa.

- Por favor não fiques zangado comigo Koichi-san. Não sei porque é que ficas assim! Diz-me que vais voltar, mesmo que não seja amanhã.

- Um dia não volto mais - disse ele. -já estou farto de to dizer.

Ouvi a porta exterior deslizar para se abrir, e depois fechar-se outra vez; algum tempo depois Hatsumomo regressou pelo átrio de entrada principal e ficou a espreitar para o nada pelo corredor abaixo. Por fim virou-se para mim e limpou a humidade dos olhos.

- Bom, pequena Chiyo - disse ela. - Foste visitar aquela tua irmã feiosa, não foste?

- Por favor, Hatsumomo-san - disse eu.

- E depois regressaste para aqui para me espiares! - Hatsumomo disse isto tão alto, que acordou uma das criadas mais velhas, que se levantou num dos ombros para nos espreitar. Hatsumomo gritou-lhe - Volta a dormir, velha estúpida! - e a criada abanou a cabeça e voltou a deitar-se.

- Hatsumomo-san, faço tudo o que quiseres que eu faça - disse eu. - Não quero arranjar sarilhos com a Mãe.

- Claro que vais fazer tudo o que eu quiser que tu faças. Isso nem sequer se discute! E já estás metida em sarilhos.

- Tive que sair para ir entregar o teu shamisen.

- Isso já foi há mais de uma hora. Tu foste à procura da tua irmã, e fizeste planos para fugir com ela. Pensas que sou estúpida? E depois voltaste para aqui para me espiares!

- Por favor, desculpa-me - disse eu. - Eu não sabia que tu estavas ali! Pensei que era...

Queria dizer-lhe que tinha pensado que tinha visto um rato, mas não achei que ela o fosse tomar pacificamente. Ficou a espreitar para mim durante algum tempo e depois foi para cima para o quarto dela. Quando voltou a descer, segurava qualquer coisa no punho.

- Queres fugir com a tua irmã, não queres? - disse ela. - Acho que isso é uma ótima ideia. Quanto mais cedo te fores embora da okiya, melhor para mim. Algumas pessoas pensam que eu não tenho coração, mas não é verdade. E comovente imaginar-te a ti e àquela vaca gorda a fugirem para tentarem refazer a vida num sítio qualquer, as duas sozinhas no mundo! Quanto mais cedo saíres daqui, melhor para mim. Levanta-te.

Levantei-me, embora com medo do que ela me pudesse fazer. O que quer que ela estivesse a segurar no punho, queria enfiá-lo por debaixo da faixa do meu vestido; mas quando dava uns passos em direcção a mim, eu recuava.

- Olha - disse, e abriu a mão. Estava a segurar um número de notas dobradas, mais dinheiro do que eu alguma vez vira, embora não soubesse quanto. - Trouxe isto do meu quarto para ti. Não precisas de me agradecer. Toma-o apenas. Podes retribuir-me pondo-te fora de Kioto de maneira que nunca mais



tenha que te ver.

A Tia tinha-me dito para nunca confiar em Hatsumomo, mesmo que ela se oferecesse para me ajudar. Mas quando me lembrei de quanto Hatsumomo me odiava, percebi que não estava de facto a ajudar-me de modo algum; estava a ajudar-se a si própria a ver-se livre de mim. Fiquei quieta enquanto ela alcançava o meu vestido e me enfiava as notas debaixo da faixa. Senti-lhe as unhas de vidro a roçar de encontro à minha pele. Ela fez-me dar uma volta para atar a faixa de novo a fim de que o dinheiro não escorregasse, e depois fez a coisa mais estranha de todas. Virou-me de novo para a encarar outra vez, e começou a fazer-me festas no lado da cabeça com a mão, mostrando um olhar quase maternal. A própria ideia de Hatsumomo se comportar bondosamente para comigo era tão estranha, que senti como se uma cobra venenosa tivesse aparecido ali e começado a esfregar-se de encontro a mim tal um gato. Depois, antes de eu perceber o que ela estava a fazer, enfiou os dedos por entre o meu cabelo; e de repente, cerrou os dentes numa fúria e arrancou-me uma mão cheia de cabelo, e atirou-me para o lado com tanta força que caí de joelhos e gritei. Não conseguia entender o que estava a acontecer; mas em breve Hatsumomo me tinha posto de pé outra vez, e começado a empurrar-me escadas acima puxando-me pelo cabelo para aqui e para ali. Gritava-me irada, enquanto eu gritava tão alto que não teria ficado surpreendida se tivesse acordado as pessoas rua acima e abaixo. Quando chegou ao topo das escadas, Hatsumomo bateu na porta da Mãe e chamou-a. A Mãe abriu-a muito depressa, atando a faixa pela cintura e parecendo zangada.

- O que se passa com vocês as duas! - perguntou ela.

- As minhas jóias! - disse Hatsumomo. - Esta estúpida desta rapariga! - E aqui ela começou a bater-me.

Não podia fazer mais nada senão enrolar-me numa bola no chão e gritar-lhe para que parasse até que a Mãe de alguma maneira conseguiu fazê-la desistir. Nessa altura, a Tia já se lhe tinha vindo juntar no patamar.

- Oh Mãe - disse Hatsumomo - no meu caminho de volta para a okiya esta noite, pensei ter visto a pequena Chiyo no fim da rua a falar com um homem. Não liguei ao assunto porque sabia que não podia ser ela. Ela não tem autorização para sair da okiya. Mas quando subi para o meu quarto, descobri a minha caixa de jóias mexida, e corri escadas abaixo mesmo a tempo de ver a Chiyo dar uma coisa qualquer ao homem. Ela tentou fugir mas apanhei-a.

A Mãe ficou num silêncio total durante um enorme bocado, olhando para mim.

- O homem fugiu - continuou Hatsumomo - mas acho que Chiyo pode ter vendido algumas das minhas jóias para arranjar dinheiro. Ela está a planear fugir da okiya. Mãe, é isso que eu penso... depois de termos sido tão boas para ela!

- Está bem, Hatsumomo - disse a Mãe. -já chega. Tu e a Tia vão até ao teu quarto e vejam se descobrem o que falta.

No momento em que fiquei sozinha com a Mãe, olhei para ela do sítio em que me ajoelhava no chão, e murmurei - Mãe, não é verdade... a Hatsumomo estava no quarto das criadas com o namorado dela. Está zangada por causa de qualquer coisa, e resolveu vingar-se em mim. Eu não lhe roubei nada!

A Mãe não falou. Eu nem sequer tinha a certeza se ela me tinha ouvido. Em breve Hatsumomo regressou e disse que lhe faltava um alfinete usado para decorar a frente de um obi.

- O meu alfinete de esmeralda, Mãe! - continuava ela a dizer, e a chorar como uma ótima atriz. - Ela vendeu o meu alfinete de esmeraldas àquele homem horrível! Era o meu alfinete! Quem pensa ela que é para me roubar uma coisa daquelas?

- Revista a rapariga - disse a Mãe.

Uma vez, quando era uma rapariguinha de mais ou menos seis anos, vi uma aranha a tecer a teia num canto da casa. Antes que a aranha tivesse sequer acabado a sua tarefa, um mosquito voou diretamente adentro da teia e foi apanhado ali. A aranha não deu qualquer atenção a princípio, mas continuou o que estava a fazer; só depois de terminar foi pé ante pé nos seus sapatos de salto alto e enfiou o ferrão no pobre do mosquito até o matar. Enquanto eu estava ali sentada naquele chão de madeira e observava Hatsumomo a tentar alcançar-me com os seus dedos delicados, sabia que estava apanhada numa teia que ela tinha tecido para mim. Eu não podia fazer nada para explicar as notas que levava debaixo da minha faixa. Quando ela mas tirou, a Mãe retirou-lhas e contou-as.

- És uma idiota em vender um alfinete de esmeralda por tão pouco dinheiro - disse-me. - Particularmente dado que te vai custar muito mais substituí-lo.

Enfiou o dinheiro na sua camisa de noite, e depois disse a Hatsumomo:

- Tiveste um namorado hoje aqui na okiya.

Hatsumomo foi apanhada de surpresa por isto, mas não hesitou em responder:

- O que lhe deu tal ideia, Mãe?

Houve uma longa pausa, e depois a Mãe disse à Tia:

- Segura-lhe nos braços.

A Tia agarrou em Hatsumomo pelos braços e segurou-a por detrás, enquanto a mãe começou a abrir as costuras do quimono de Hatsumomo junto à coxa. Pensei que Hatsumomo iria resistir, mas não o fez. Olhou para mim com olhos frios enquanto a Mãe levantava o koshimaki e lhe afastou os joelhos. Depois a Mãe alcançou-a entre as pernas, e quando a mão dela saiu outra vez tinha os dedos molhados. Esfregou o polegar e os dedos juntos durante algum tempo, e depois cheirou-os. A seguir a isto, afastou a mão e deu uma bofetada na cara de Hatsumomo, deixando um rasto húmido.

Hatsumomo não era a única que estava zangada comigo no dia seguinte, porque a Mãe tinha ordenado que a todas as criadas fossem retiradas as doses de peixe seco durante seis semanas em castigo por terem tolerado a presença do namorado de Hatsumomo na okiya. Não acho que as criadas pudessem ter ficado mais zangadas comigo se eu lhes tivesse realmente roubado a comida das suas taças com as minhas próprias mãos; e quanto à Abóbora, começou a chorar quando descobriu o que a Mãe tinha ordenado. Mas para dizer a verdade, não me sentia assim tão mal, como poderão imaginar, por ter toda a gente a olhar para mim com olhos ameaçadores e por ter o preço de um alfinete de esmeralda que nunca tinha visto, e menos ainda tocado, acrescentado às minhas dívidas.

Não acho que a Mãe realmente acreditasse que eu tinha roubado o alfinete do obi, embora seguramente se tivesse sentido contente por poder comprar um às minhas custas se tal tornasse Hatsumomo feliz. Mas não tinha dúvidas nenhuma de que eu tinha deixado a okiya quando não devia, porque Yoko confirmou-o. Senti-me quase como se a minha vida me estivesse a fugir quando descobri que a Mãe havia ordenado que a porta da frente fosse fechada à chave para impedir que eu saísse de novo. Agora como é que ia fugir da okiya? Só a Tia tinha a chave, e mantinha-a à volta do pescoço mesmo quando estava a dormir. Como medida extra, a tarefa de ficar sentada junto à porta nas noites foi-me retirada e passou a ser atribuída à Abóbora, que tinha de ir acordar a Tia para abrir a porta quando Hatsumomo chegasse. Cada noite ficava deitada no meu futon a inventar esquemas; mas tão tarde quanto segunda-feira, o dia imediatamente antes da data que Satsu e eu tínhamos combinado para fugir, ainda não possuía qualquer plano para me escapar. Fiquei tão desanimada que nem tinha qualquer energia para desempenhar as minhas tarefas, e as criadas embirravam comigo por andar a arrastar o meu trapo ao

longo da madeira que deveria estar a polir, e empurrar uma escova pelo corredor que era suposto eu varrer. Passei um tempo imenso na segunda-feira à tarde a fingir arrancar as ervas do pátio enquanto na verdade apenas me agachava sobre as pedras preocupada. Depois, uma das criadas deu-me o trabalho de lavar o chão de madeira no quarto delas, onde Yoko se sentava junto ao telefone, e uma coisa extraordinária aconteceu. Espremi um trapo cheio de água para o chão, mas em vez de escorregar direito à porta como deveria, correu para um dos cantos traseiros do quarto.

- Yoko, olha - disse eu. - A água está a subir o monte.

Claro que não era realmente monte acima. Só que a mim pareceu-me ser assim. Fiquei tão surpreendida por isto que espremi mais água e fiquei a olhá-la correr de novo para o canto. E então... bom, não posso dizer exactamente como aconteceu; mas imaginei-me a flutuar escadas acima até ao patamar do segundo andar; e dali pelo escadote, através do alçapão, e pelo telhado ao lado do tanque alimentado pela gravidade.

O telhado! Estava tão surpreendida com o pensamento, que me esqueci completamente do que me rodeava; e quando o telefone junto de Yoko tocou, quase gritei de susto. Não tinha a certeza do que iria fazer assim que chegasse ao telhado, mas se conseguisse descobrir um caminho para descer dali, afinal de contas ainda podia ir ter com Satsu.

Na noite seguinte dei um grande espectáculo de bocejos quando fui para a cama e atirei-me para cima do futon como se fosse um saco de arroz. Quem me observasse teria pensado que fiquei a dormir num instante, mas de facto não podia estar mais acordada. Fiquei ali deitada durante um tempo enorme a pensar na minha casa e a imaginar que expressão se formaria na cara do meu pai quando levantasse os olhos da mesa para me ver ali na entrada. Provavelmente as bolsas sob os olhos cair-lhe-iam para baixo e ele começaria a chorar, ou então a boca ficaria com aquela forma esquisita que era a maneira dele de sorrir. Não me permiti imaginar a minha mãe assim tão vividamente; apenas o pensamento de a voltar a ver era o suficiente para me trazer lágrimas aos olhos. Por fim as criadas foram-se arrumando nos seus futon a meu lado no chão, e a Abóbora tomou a sua posição para esperar por Hatsumomo. Ouvi a Avó cantar as suas sutras, o que fazia todas as noites antes de se deitar. Depois observei-a através da porta meio aberta enquanto estava ao lado do seu futon e vestia a camisa de noite. Fiquei horrorizada com o espectáculo quando o roupão lhe escorregou dos ombros, porque nunca antes a tinha visto completamente nua. Não era só a pele de galinha do pescoço e dos ombros; o corpo dela fazia-me pensar numa pilha de roupa amarrotada. Tinha um aspecto estranhamente digno de piedade para mim, enquanto se atarefava a desdobrar a camisa de dormir que tinha tirado da mesa. Tudo nela descaía, até os bicos do peito se lhe dependuravam como pontas de dedos. Quanto mais a observava, tanto mais sentia que ela, naquela sua mente enevoada de velha senhora, deveria estar a lutar com pensamentos da sua própria mãe e pai - que provavelmente a haviam vendido para a escravatura quando era uma rapariguinha - tal como eu estivera a lidar com os pensamentos sobre os meus próprios pais. Talvez ela também tivesse perdido uma irmã. Seguramente que eu nunca tinha pensado na Avó assim. Dei comigo a perguntar-me se ela teria começado a vida da mesma maneira que eu. Não fazia diferença que fosse uma velha má e eu apenas uma rapariguinha a estrebuchar. Não poderia o modo de vida errado tornar mau qualquer um? Lembrava-me muito bem de que um dia, lá em Yoroido, um rapaz me tinha empurrado para um arbusto com espinhos junto ao lago. Na altura em que me tinha conseguido desvencilhar estava suficientemente enlouquecida para morder até madeira. Se uns poucos minutos de sofrimento me podiam pôr tão zangada, o que não fariam anos? Até uma pedra pode ser desgastada com chuva suficiente. Se não estivesse já decidida a fugir, tenho a certeza de que ficaria aterrada a pensar no sofrimento que provavelmente ainda estaria à minha espera em Gion. Decerto que me iria tornar no tipo de velha em que a Avó se tinha tornado. Mas consolava-me com o pensamento de que no dia seguinte poderia começar a esquecer até as minhas

recordações de Gion. Já sabia como chegar ao telhado; como iria descer dali para a rua... bom, não tinha bem a certeza. Não teria alternativa senão correr os meus riscos às escuras. Mesmo que conseguisse chegar ao chão sem me ferir, alcançar a rua seria apenas o começo dos meus problemas. Por mais que a vida em Gion fosse uma luta, a vida depois de fugir seria seguramente bastante mais do que uma luta. O mundo era simplesmente demasiado cruel; como poderia eu sobreviver? Fiquei ali deitada no meu futon, angustiada durante um momento, a calcular se realmente teria a força para o fazer... mas Satsu esperava-me. Ela sabia o que fazer. Passou ainda bastante tempo antes que a Avó descansasse no seu quarto. Nessa altura as criadas já ressonavam alto. Fingi virar-me no meu futon a fim de lançar um olhar à Abóbora, ajoelhada no chão ali não muito longe. Não podia ver bem a cara dela, mas tinha a impressão de que estava a ficar sonolenta. Inicialmente tinha planeado esperar até que ela adormecesse, mas já não fazia ideia de que horas eram; e além disso, Hatsumomo poderia regressar a qualquer momento. Sentei-me o mais silenciosamente que pude, a pensar que se alguém desse por mim iria simplesmente à casa de banho e voltaria outra vez. Mas não me ligaram nenhuma. Um vestido para eu usar no dia seguinte estava dobrado no chão ali perto. Agarrei nele e fui directamente para as escadas. Fora da porta da Mãe, esperei um bocadinho à escuta. Normalmente ela não ressonava, por isso não podia ter qualquer ideia a partir do silêncio, a não ser que não estava a falar ao telefone nem a fazer qualquer outra espécie de barulho. De facto, o quarto não estava completamente em silêncio por causa do cãozinho dela, Taku, cada vez mais asmático a dormir. Quanto mais escutava, tanto mais a respiração arquejante dele me parecia alguém a chamar o meu nome: «CHI-yo! CHI-yo!» Não estava preparada para me escapular da okiya enquanto não tivesse a certeza de que a Mãe estava a dormir, por isso decidi fazer a porta deslizar e dar uma espreitadela. Se ela estivesse acordada, diria simplesmente que achava que me tinham chamado. Tal como a Avó, a Mãe dormia com a lâmpada da mesa de cabeceira acesa; por isso, quando abri uma nesga da porta e espreitei, podia ver-lhe as solas manchadas dos pés a sair debaixo dos lençóis. Taku deitava-se entre os pés dela com o peito a subir e descer, a fazer aquele ruído asmático que me soava tanto como o meu nome. Fechei a porta outra vez, mudei de roupa no átrio superior. A única coisa que me faltava agora eram sapatos - e nunca tinha pensado em fugir sem eles, o que vos pode dar uma ideia de quanto tinha mudado desde o Verão. Se a Abóbora não estivesse sentada no átrio principal, teria levado um par dos sapatos de madeira que usava para andar ao longo do corredor de terra batida. Em vez disso, levei as sandálias reservadas para uso na casa de banho superior. Eram de muito má qualidade, com uma única tira de couro no topo para as segurar no sítio. A tornar as coisas piores, eram grandes de mais para mim; mas não tinha alternativa.

Depois de fechar silenciosamente o alçapão atrás de mim, encaixei a camisa de dormir debaixo do tanque alimentado pela gravidade e consegui trepar e pôr-me a cavalo na aresta do telhado. Não quero pretender que não estava assustada; as vozes das pessoas na rua seguramente que me pareciam a uma grande distância abaixo de mim. Mas não tinha tempo a perder com medos, porque me parecia que a qualquer momento uma das criadas, ou até mesmo a Tia ou a Mãe, poderiam aparecer através do alçapão à minha procura. Pus os sapatos nas mãos para evitar que caíssem e comecei a investigar o meu caminho ao longo da aresta, o que se provou ser mais difícil do que eu pensava. As telhas eram tão espessas que formavam quase um pequeno degrau nos sítios em que se sobrepunham, e faziam barulho umas contra as outras quando mudava o meu peso, a não ser que me movesse muito devagar. Cada ruído que eu fazia ecoava pelos outros telhados ali mais próximos. Levei vários minutos para atravessar só para o outro lado da nossa okiya. O telhado do edifício ao lado era um passo mais baixo do que o nosso. Desci para ele e parei um momento para procurar um caminho para a rua; mas apesar do luar, só podia ver um lençol de escuridão. O telhado era demasiado alto e íngreme para considerar a hipótese de escorregar ao calhas. Não estava de todo segura que o telhado seguinte fosse melhor; e comecei a sentir-me um bocado em pânico. Mas continuei em frente de pico em pico até que dei comigo, perto do fim do quarteirão, a olhar

para baixo num dos lados, para um pátio aberto. Se conseguisse fazer o meu caminho até ao algeroz, poderia escapar deixando-me escorregar por ele até chegar ao que eu pensava ser provavelmente um telheiro dos banhos. Do cimo do telheiro, poderia facilmente descer até ao pátio. Não me agradava muito a ideia de me deixar cair no meio da casa de outra pessoa qualquer. Não tinha dúvidas de que se tratava de uma okiya; todas as casas ao lado da nossa o eram. Com toda a probabilidade, alguém estaria junto à porta de entrada à espera que a gueixa regressasse, e agarrar-me-ia pelo braço quando eu tentasse fugir. E se a porta principal estivesse trancada como a nossa? Não teria sequer considerado esta via de fuga se houvesse qualquer outra alternativa. Mas achei que o caminho para baixo me parecia mais seguro do que qualquer outro que até então vira. Sentei-me na borda por um bom bocado enquanto escutava a ver se recebia alguns sinais do pátio abaixo. Tudo o que podia ouvir eram risos e conversas da rua. Não fazia ideia do que iria encontrar no pátio quando caísse lá em baixo, mas resolvi que era melhor avançar antes que alguém da minha okiya descobrisse que eu tinha fugido. Se fizesse alguma ideia do prejuízo que estava na iminência de causar ao meu futuro, teria dado meia volta naquele beiral tão rapidamente como pudesse, e escapulido directamente de volta ao sítio de onde viera. Mas não sabia nada do que estava a pôr em jogo. Era apenas uma criança que achava que ia embarcar numa grande aventura. Lancei a perna para fora, de modo que por um momento fiquei pendurada ao longo da inclinação do telhado, agarrando-me apenas ligeiramente à aresta. Apercebi-me, com algum pânico, de que era muito mais íngreme do que eu pensara. Tentei içar-me de novo para cima, mas não o consegui fazer. Com os sapatos de ir à casa de banho nas mãos, não me conseguia agarrar de modo algum à aresta do telhado, mas só segurar-me com os pulsos como se fossem ganchos. Sabia que me tinha comprometido, porque nunca mais conseguiria trepar lá para cima de novo, mas parecia-me que no exacto momento em que me largasse, iria escorregar por aquele telhado abaixo sem qualquer controle. A minha cabeça lidava com estes pensamentos a grande velocidade, mas antes que tomasse a decisão de me soltar da aresta, foi ela que me soltou. A princípio escorreguei mais devagar do que teria esperado, o que me deu algumas expectativas de conseguir fazer-me parar um pouco mais abaixo, onde o telhado se curvava para fora a formar o beiral. Mas nesse momento o meu pé soltou uma das telhas, que escorregou até lá abaixo com um ruído de loiça e se quebrou no chão do pátio. O que soube a seguir, é que perdi um dos sapatos de casa de banho que me ultrapassou a escorregar também. Ouvi o silencioso «plop» quando aterrou lá em baixo, e depois um som muito pior - o som de passos a virem por uma passagem de madeira até ao pátio. Já tinha visto muitas vezes a maneira como as moscas ficam numa parede ou num tecto como se estivessem em chão direito. Quer o conseguissem por ter os pés peganhentos, ou por serem muito leves, não fazia ideia, mas quando ouvi o som de alguém a andar lá em baixo, resolvi que o que quer que eu fizesse seria descobrir uma maneira de me colar àquele telhado tal como uma mosca o poderia fazer, e teria que o descobrir imediatamente. De outro modo, iria acabar esparramada naquele pátio nos segundos seguintes. Tentei cravar os dedos dos pés no telhado, e depois os ombros e os joelhos. Num último ato de desespero fiz a coisa mais idiota de todas - enfiei o sapato da outra mão e tentei obrigar-me a parar fazendo pressão com as palmas das mãos contra as telhas. Devia ter as palmas das mãos a escorrer suor, porque em vez de me travarem, comecei a ganhar velocidade no momento em que tocaram o telhado. Ouvi-me escorregar com um som sibilante; e depois, subitamente, o telhado já não estava ali. Durante um momento não ouvi nada; só um silêncio assustador, o vazio. Enquanto caía pelo ar tive tempo para formar um pensamento claro na minha cabeça: vi a imagem de uma mulher a sair para o pátio, a olhar para baixo a ver a telha partida no chão, e depois a olhar para o telhado mesmo a tempo de me ver cair do céu exactamente em cima dela; mas claro que não foi isto o que aconteceu. Virei-me enquanto caía, e caí de lado no chão. Tive a sensação de ter tentado proteger a cabeça com um braço; mas mesmo assim, aterrei com tanta força que fiquei atordoada num nevoeiro. Não sei onde é que estava a mulher, ou sequer se estava no pátio na altura em que caí do céu. Mas deve ter-me visto tombar, porque enquanto estava ali atordoada no chão ouvi-a dizer:

- Deus do céu! Está a chover rapariguinhas!

Bom, gostaria de me ter posto de pé rapidamente e de ter fugido, mas não era capaz de o fazer. Tinha todo um dos lados do meu corpo mergulhado em dor. Devagarinho tomei consciência de duas mulheres ajoelhadas sobre mim. Uma dizia qualquer coisa continuamente, mas não percebi o que era. Falavam entre si e depois apanharam-me da relva e sentaram-me na passagem de madeira. Só me lembro de um dos fragmentos da conversa delas.

- Estou a dizer-lhe, ela caíu do telhado, Minha Senhora.

- Porque carga d'água é que trazia com ela sapatos de ir à casa de banho? Foste lá acima para usar a casa de banho, rapariguinha? Consegues ouvir-me? Mas que coisa tão perigosa que fizeste! Tens sorte em não teres ficado toda partida quando caíste!

- Ela não a consegue ouvir, Minha Senhora. Veja os olhos dela.

- Claro que me pode ouvir. Diz qualquer coisa, rapariguinha!

Mas eu não conseguia dizer nada. Tudo o que podia fazer era pensar em Satsu à minha espera em frente do Teatro Minamiza, e eu que nunca lhe iria aparecer. A criada foi enviada rua acima a bater nas portas até descobrir de onde é que eu viera, enquanto eu ficava ali enrolada numa bola em estado de choque. Chorava sem lágrimas e segurava o meu braço, que me doía horrivelmente, quando de súbito me senti ser posta de pé à força e esbofetada.

-Grande tonta, rapariga tonta! - dizia uma voz. A Tia estava de pé diante de mim enraivecida, e depois puxou-me para fora daquela okiya e atrás dela rua acima. Quando alcançámos a nossa okiya encostou-me de encontro a uma porta de madeira e deu-me mais uma bofetada na cara.

- Sabes o que fizeste? - disse-me ela, mas eu não conseguia responder. - Em que é que estavas a pensar! Bom, arruinaste tudo para ti... de entre todas as coisas estúpidas! Que tonta, rapariga tonta!

Nunca imaginei que a Tia pudesse estar tão zangada. Arrastou-me para o pátio e atirou-me para o chão de barriga para baixo. Comecei a chorar a sério agora, porque sabia o que me esperava. Mas desta vez, em vez de me bater com pouca vontade como o tinha feito antes, a Tia atirou-me com um balde de água por cima do vestido para fazer o pau morder ainda mais, e depois bateu-me com tanta força que eu nem conseguia respirar. Quando acabou de me bater, atirou com o pau para o chão e virou-me de costas.

- Agora nunca virás a ser uma gueixa - gritava ela. - Eu avisei-te para não fazeres uma asneira destas! E agora não há nada que eu ou outra pessoa qualquer possa fazer para te ajudar.

Não ouvi mais nada do que ela me disse por causa dos gritos terríveis mais acima na passagem. A Avó estava a espancar a Abóbora por não me ter vigiado melhor. Como se percebe, pela maneira como aterrara no pátio tinha partido o braço. Na manhã seguinte veio um médico e levou-me a uma clínica próxima. Era já tardinha quando me trouxeram de volta à okiya com gesso no braço. Ainda estava com dores horríveis, mas a Mãe chamou-me imediatamente ao quarto dela. Durante um bocado enorme ficou a olhar-me, a acariciar Taku com uma mão e a segurar o cachimbo na boca com a outra.

- Sabes quanto é que eu paguei por ti? - disse-me por fim.

- Não Minha Senhora - respondi eu. - Mas vai dizer-me que pagou mais do que eu valho.

Não diria que isto era uma resposta delicada. De facto, achei que a Mãe poderia dar-me uma bofetada por causa dela, mas estava para além de me ralar. Parecia-me que nada no mundo iria ficar em ordem outra vez. A Mãe cerrou os dentes e deu alguns soluços de tosse naquele estranho riso dela.

- Quanto a isso podes estar certa! - disse ela. - Meio iene pode ter sido mais do que tu vales. Bom, tive a impressão de que eras esperta. Mas não és suficientemente esperta para saberes o que é bom

para ti.

Voltou a dar mais umas passas no cachimbo por um momento, e depois disse:

- Paguei setenta e cinco ienes por ti, foi isso o que eu paguei. Depois foste arruinar um quimono, e roubar um alfinete, e agora partiste o braço, por isso também vou acrescentar as despesas médicas às tuas dívidas. Além disso tens as refeições e as aulas, e esta manhã mesmo ouvi da patroa do Tatsuyo, ali em Miyagawa-cho, que a tua irmã mais velha fugiu. A patroa dali ainda não me pagou o que me deve. Agora diz-me que não vai pagar! Terei de acrescentar isso à tua dívida também, mas que diferença vai fazer? Já me deves mais do que alguma vez poderás pagar.

Então Satsu tinha fugido. Tinha passado o dia a perguntar-me isso, e agora tinha a minha resposta. Queria sentir-me feliz por ela, mas não podia.

- Calculo que o pudesses pagar depois de dez ou quinze anos como gueixa - continuou ela - se acontecesse teres êxito. Mas quem iria investir mais um sen numa rapariga que foge?

Não sabia bem o que responder a tudo isto, por isso disse à Mãe que lamentava. Ela tinha estado a falar comigo de uma maneira relativamente agradável até então, mas depois das minhas desculpas, pôs o cachimbo sobre a mesa e esticou o queixo tanto - calculo que de raiva - que me deu a impressão de um animal pronto a atacar.

- Lamentas, é? Em primeiro lugar fui uma estúpida em investir tanto dinheiro em ti. Provavelmente és a criada mais cara em todo Gion! Se eu pudesse vender os teus ossos para pagar parte das tuas dívidas, sem dúvidas, arrancava-tos do corpo!

Com isto, ela mandou-me sair do quarto e pôs o cachimbo de novo na boca. Tinha o lábio a tremer quando saí, mas controlei os meus sentimentos; porque ali no patamar estava Hatsumomo. O Sr. Bekku esperava para acabar de lhe atar o obi enquanto a Tia, com um lenço na mão, diante de Hatsumomo, lhe espreitava os olhos.

- Bom, está tudo borrado - dizia a Tia. - Não há mais nada que eu possa fazer. Tens que acabar com a tua choraminguice e refazeres a maquilhagem depois.

Sabia exactamente porque é que Hatsumomo estava a chorar. O namorado tinha deixado de a ver, agora que ela tinha sido proibida de o trazer para a okiya. Soubera isto na manhã anterior, e tive a certeza que Hatsumomo ia acabar por me culpar dos problemas dela. Estava ansiosa para descer as escadas antes que ela desse por mim, mas era já demasiado tarde. Ela tirou bruscamente o lenço da mão da Tia e fez um gesto a chamar-me. Era certo que eu não queria ir, mas não podia recusar.

- Não tens nada a tratar com a Chiyo - disse-lhe a Tia. - Vai mas é para o teu quarto e retoca a tua maquilhagem.

Hatsumomo não respondeu, mas puxou-me para o quarto dela e fechou a porta atrás de si.

- Tenho passado dias a pensar como posso exactamente arruinar-te a vida - disse-me ela. - Mas agora tentaste fugir, e fizeste-o por mim! Não sei se me hei-de sentir contente. Ansiava poder fazê-lo eu própria.

Era muito mal educado da minha parte, mas fiz uma vénia a Hatsumomo e afastei a porta para sair sem lhe responder. Ela podia ter-me batido pelo que fiz, mas limitou-se a seguir-me para o átrio e dizer-me:

- Se tens curiosidade em saber o que será seres uma criada para toda a tua vida, só tens de falar com a Tia! Já são as duas parecidas como as duas pontas da mesma peça de cordel. Ela tem a anca dela partida; tu tens o braço partido. Talvez um dia até te pareças com um homem exactamente como a Tia se

parece!



- Lá estás tu, Hatsumomo - disse a Tia. - Isso, mostra-nos esse teu famoso encanto.

Antes, quando eu era uma rapariguinha de cinco ou seis anos, sem ter sequer a amostra de um pensamento sobre Quioto em toda a minha vida, conheci um rapazinho chamado Noboru na nossa aldeia. Tenho a certeza que era um rapaz simpático, mas cheirava muito mal, e acho que era por isso que era tão pouco popular. Sempre que falava, nenhuma das outras crianças lhe dava mais atenção do que a um pássaro que tivesse chilreado ou a uma rã que houvesse coachado, e o pobre Noboru sentava-se muitas vezes directamente no chão e chorava. Nos meses a seguir à minha fuga falhada, acabei por perceber o que de fato tinha sido a vida para ele; porque ninguém me falava a não ser que fosse para me dar uma ordem. A Mãe sempre me tinha tratado como se fosse apenas uma nuvem de fumo, porque tinha coisas mais importantes com que se preocupar. Mas agora todas as criadas, e a cozinheira, e a Avó faziam o mesmo. Durante todo esse Inverno frio e amargo, me perguntei o que teria acontecido a Satsu, e o que seria feito do meu pai e da minha mãe. A maior parte das noites quando me deitava no meu futon ficava agoniada de ansiedade, e sentia um poço dentro de mim tão grande e oco como se o mundo inteiro não fosse mais do que um átrio gigante vazio de gente. Para me consolar fechava os olhos e imaginava-me a passear pelo caminho ao lado dos rochedos sobre o mar em Yoroido. Conhecia-o tão bem que podia imaginar-me ali tão vividamente como se tivesse realmente fugido com Satsu e voltado de novo para casa. Na minha mente apressava-me para a nossa casinha bêbeda a segurar a mão de Satsu - embora nunca lhe tivesse pegado na mão antes - sabendo que dentro de poucos momentos estaríamos de novo junto do nosso pai e mãe. Nunca consegui chegar até à casa nessas fantasias; talvez tivesse demasiado medo do que ali viesse encontrar e, de qualquer maneira, parecia ser a viagem pelos rochedos que me confortava. Depois, num ponto qualquer ouvia a tosse de uma das criadas junto a mim, ou o som embaraçante de escutar a Avó a lançar vento com um gemido, e nesse instante, o cheiro a maresia dissolvia-se, a terra rude ,do caminho sob os meus pés transformava-se nos lençóis do meu futon mais uma vez, e eu era deixada onde tinha começado com nada mais que a minha própria solidão.

Quando chegou a Primavera, as cerejeiras ficaram em flor no Parque de Maruyama, e ninguém em Quioto parecia falar de outra coisa. Hatsumomo andava mais ocupada do que o costume durante o dia por causa de todas as festas para ver as florescências. Eu invejava-lhe a vida azafamada que a via planear para cada tarde. Já havia começado a abandonar as minhas esperanças de acordar uma noite para descobrir que Satsu tinha entrado às escondidas na nossa okiya para me salvar, ou que de alguma outra maneira pudesse receber uma palavra da minha família em Yoroido. Então, uma manhã, enquanto a Mãe e a Tia se estavam a preparar para levar a Avó a um piquenique, desci as escadas para descobrir um pacote no chão do átrio da entrada principal. Era uma caixa do comprimento do meu braço, embrulhada em papel grosso e atada com um cordel desfiado. Sabia que não pertencia às minhas tarefas; mas dado que não estava ali ninguém para me observar, aproximei-me para ler o nome e a morada em caracteres pesados na frente. Dizia: Sakamoto, Chiyo clo Nitta Kayoko Gion Tominaga-cho Cidade de Quioto, Prefeitura de Quioto

Fiquei tão surpreendida que durante um grande bocado a mão não deixou de me tapar a boca, e tenho a certeza de os olhos se me terem tornado redondos como chávenas de chá. O endereço do remetente, por debaixo de um monte de selos, era do Sr. Tanaka. Não fazia ideia do que poderia estar no embrulho, mas ao ver o nome do Sr. Tanaka ali... podem achar absurdo, mas sinceramente esperava que talvez ele tivesse reconhecido o seu erro em ter-me enviado para este local terrível, e me enviara pelo correio qualquer coisa para me libertar da okiya. Não posso calcular que pacote poderia libertar uma rapariguinha da escravatura; tinha dificuldade em imaginá-lo mesmo naquela altura. Mas no meu coração acreditava verdadeiramente que, de alguma maneira, quando a embalagem fosse aberta, a minha vida mudaria para sempre. Antes que pudesse pensar no que fazer a seguir, a Tia desceu as escadas e enxotou-me do pé da caixa, apesar de nela estar o meu nome. Gostaria de a ter aberto eu própria, mas ela pediu

uma faca para cortar o fio e depois demorou um bocado a desembrulhar o papel grosso. Debaixo dele estava uma camada de serapilheira cosida com grossa linha de pescador. Cosido à serapilheira pelos cantos estava um envelope com o meu nome. A tia libertou o envelope com a faca e depois cortou a serapilheira para mostrar uma caixa de madeira preta. Comecei a ficar excitada quanto ao que poderia encontrar lá dentro, mas quando a Tia abriu a tampa, senti-me imediatamente a ficar muito pesada. Porque ali, aconchegadas entre pregas de linho branco, estavam as pequenas tabuletas mortuárias que antes haviam estado diante do altar na nossa casinha bêbeda. Duas delas, que eu nunca antes tinha visto, pareciam mais novas do que as outras e tinham nomes budistas pouco familiares, escritos em caracteres que eu não conseguia entender. Estava com medo sequer de pensar porque é que o Sr. Tanaka mas tinha enviado. Para já, a Tia deixou a caixa ali no chão, com as tabuinhas muito bem arrumadas no interior, e tirou a carta do envelope para a ler. Eu fiquei de pé pelo que me pareceu imenso tempo, cheia dos meus medos, e sem ousar sequer pensar. Por fim, a Tia suspirou profundamente e pegou-me no braço para me conduzir à sala de recepções. Tinha as mãos a tremer no colo quando me ajoelhei diante da mesa, provavelmente por causa do esforço de tentar impedir todos os meus pensamentos terríveis de virem à superfície da minha mente. Talvez fosse de fato um sinal de esperança que o Sr. Tanaka me tivesse enviado as tabuinhas mortuárias. Não seria possível que a minha família se estivesse a mudar para Quioto, que fossemos todos juntos comprar um altar novo para as colocar diante dele? Ou talvez Satsu tivesse pedido que elas me fossem enviadas porque estava no seu caminho de regresso. E depois a Tia interrompeu-me os pensamentos.

- Chiyo, vou-te ler uma coisa enviada por um homem chamado Tanaka Ichiro - disse ela numa voz estranhamente pesada e lenta. Acho que não respirei um momento enquanto ela estendeu o papel sobre a mesa.

Querida Chiyo: Duas estações passaram desde que tu deixaste Yoroido, e em breve as árvores darão nascimento a uma nova geração de botões. As flores que crescem onde as velhas murcharam servem para nos recordar que a morte um dia nos chegará a todos. Como alguém que já foi ele próprio uma criança órfã, esta humilde pessoa lamenta ter que te informar do fardo terrível que terás que suportar. Seis semanas depois de tu partires para a tua nova vida em Quioto, o sofrimento da tua honorável mãe chegou ao seu fim, e apenas algumas semanas depois o teu honorável pai também abandonou este mundo. Esta humilde pessoa lamenta muitíssimo a tua perda e espera que fiques descansada porque os restos de ambos os teus honoráveis pais se encontram em relicário no cemitério da aldeia. Os serviços foram conduzidos no Templo de Hoko-ji em Senzuru, e além disso as mulheres em Yoroido cantaram sutras. Esta humilde pessoa está confiante que ambos os teus honoráveis pais encontraram o seu lugar no paraíso. O treino como aprendiz de gueixa é um caminho árduo. No entanto, esta humilde pessoa está cheia de admiração por aqueles que são capazes de remoldar o seu sofrimento e tornar-se grandes artistas. Há alguns anos, durante uma visita a Gion, tive a honra de ver as danças da primavera e depois de assistir a uma festa numa casa de chá, e a experiência deixou-me a mais profunda impressão. Dá-me um certo consolo saber que um lugar seguro neste mundo foi encontrado para ti, Chiyo, e que não serás obrigada a sofrer durante anos de incerteza. Esta humilde pessoa já viveu o tempo suficiente para ver duas gerações de crianças crescerem, e sabe quão raro é pássaros vulgares darem nascimento a um cisne. O cisne que continua a viver na árvore dos seus pais morrerá; é por isto que aqueles que são belos e talentosos suportam o fardo de ter que descobrir o seu próprio caminho no mundo. A tua irmã, Satsu, passou por Yoroido no fim do Outono último, mas fugiu imediatamente com o filho do Sr. Sugi. O Sr. Sugi espera ferventemente voltar a ver o seu amado filho outra vez ainda nesta vida, e pede portanto que por favor o notifiques imediatamente se receberes palavra da tua irmã. Muito sinceramente teu Tanaka Ichiro

Muito antes de a Tia ter acabado de ler a carta, as lágrimas tinham começado a fluir de mim como água de um pote que ferve por fora. Porque teria sido suficientemente mau saber que a minha mãe tinha

morrido, ou que o meu pai tinha morrido. Mas saber num único momento que ambos, o meu pai e a minha mãe, tinham morrido e me tinham abandonado, e também que a minha irmã estava perdida para mim para sempre... de imediato a minha cabeça parecia como um vaso quebrado que não se aguentava de pé. Sentia-me perdida mesmo na sala à minha volta. Devem achar que era muito ingénuo da minha parte ter mantido viva a esperança durante tantos meses de que a minha mãe pudesse ainda estar viva. Mas de fato eu tinha tão poucas coisas que me dessem esperança, que calculo que me teria agarrado a qualquer possibilidade. A Tia foi muito bondosa para mim enquanto eu tentava encontrar pé. Vezes sem conta dizia-me:

- Aguenta, Chiyo, aguenta. Não há nada mais que qualquer de nós possa fazer neste mundo.

Quando por fim estava capaz de falar, perguntei à Tia se ela não se importava de colocar as tabuletas algures onde eu não as pudesse ver, e rezasse por mim - porque me causaria dor demais fazê-lo. Mas ela recusou, e disse-me que eu deveria ter vergonha de virar as costas aos meus próprios antepassados. Ajudou-me a colocar as tabuinhas numa prateleira perto da base do vão da escada, onde poderia rezar diante delas todas as manhãs.

- Nunca as esqueças, Chiyo-san - disse-me ela - São tudo o que resta da tua infância.

À volta do meu sexagésimo quinto aniversário, uma amiga enviou-me um artigo que tinha encontrado algures, chamado «As Vinte Maiores Gueixas do Passado de Gion». Ou talvez fosse as trinta maiores gueixas, não me lembro. Mas ali estava eu na lista, com um pequeno parágrafo dizendo algumas coisas a meu respeito, incluindo que tinha nascido em Quioto - o que é claro que não tinha. Posso assegurar-vos que também não era uma das maiores gueixas de Gion; algumas pessoas têm dificuldade em dizer a diferença entre qualquer coisa de grande e aquilo de que simplesmente ouviram falar. De qualquer maneira, teria tido sorte se acabasse como nada mais que uma má gueixa e bem infeliz, como tantas outras pobres raparigas, se o Sr. Tanaka nunca me tivesse escrito a dizer-me que os meus pais tinham morrido e que provavelmente nunca mais voltaria a ver a minha irmã. Tenho a certeza de que se recordam de eu ter dito que na tarde em que pela primeira vez vi o Sr. Tanaka foi a melhor tarde da minha vida, e também a pior. Provavelmente, não necessitarei de explicar porque foi a pior; mas podem estar a perguntar-se como poderia eu imaginar que alguma coisa de bom pudesse vir dali. É verdade que até este momento da minha vida o Sr. Tanaka não me trouxera nada mais que sofrimento; mas também mudou os meus horizontes para sempre. Nós levamos as nossas vidas como água a correr por um monte abaixo, indo mais ou menos numa direção, até que embatemos nalguma coisa que nos obriga a procurar um novo curso. Se nunca tivesse encontrado o Sr. Tanaka, a minha vida teria sido um simples regato correndo da nossa casinha bêbeda até ao oceano. O Sr. Tanaka mudou tudo isso quando me enviou para o mundo. Mas ter sido enviada para o mundo não é necessariamente a mesma coisa que deixar a nossa casa para trás. Já estava em Gion há mais de seis meses; e no entanto, durante esse tempo, nem por um momento tinha abandonado a crença de que um dia iria encontrar uma vida melhor noutra sítio, com pelo menos parte da família que sempre conhecera. Estava a viver apenas metade em Gion; a outra metade de mim vivia nos meus sonhos de regressar a casa. É por isso que os sonhos podem ser coisas tão perigosas; continuam acesos mesmo sem chama, e às vezes consomem-nos completamente. Durante o resto da Primavera e todo o Verão a seguir à carta, senti-me como uma criança perdida num lago no meio do nevoeiro. Os dias derramavam-se um após o outro numa desordem. Só me lembro de bocadinhos de coisas, para além de um sentimento constante de infelicidade e medo. Uma noite fria, depois de o Inverno ter chegado, fiquei sentada um grande pedaço no quarto das criadas a ver a neve cair silenciosamente no pequeno pátio da okiya. Imaginava o meu pai a tossir à mesa solitária da sua casa solitária, e a minha mãe tão frágil no seu futon que o corpo dela quase não se afundava no colchão. Cambaleei até ao pátio para tentar fugir à minha infelicidade, mas claro que nunca podemos fugir da infelicidade que está dentro de nós. Depois, no

princípio da Primavera, um ano inteiro após as notícias terríveis sobre a minha família, aconteceu uma coisa. Foi no Abril seguinte, quando as cerejeiras ficaram em flor mais uma vez. Podia ter passado um ano e um dia sobre a chegada da carta do Sr. Tanaka. Tinha perto de doze anos nessa altura e estava a começar a parecer quase uma mulherzinha, apesar de a Abóbora ainda parecer muito uma rapariguinha. Cresci quase tudo o que iria crescer. O meu corpo iria ficar magro e ossudo como um ramo durante mais um ano ou dois, mas a minha cara tinha já abandonado a sua suavidade de criança e era agora aguda em torno do queixo e das maçãs do rosto, e tinha alargado de uma maneira a dar uma verdadeira forma amendoada aos meus olhos. No passado, quando me viam na rua, os homens não me ligavam mais do que a um pombo; agora começavam a observar-me quando passava por eles. Descobri como era estranho ser o objecto de atenções depois de ter sido ignorada durante tanto tempo. De qualquer maneira, muito cedo numa manhã desse Abril, bem cedo, acordei de um sonho muito estranho com um homem de barba. A barba dele era tão cerrada que as feições eram para mim uma mancha, como se alguém as tivesse censurado do filme. Estava de pé diante de mim dizendo-me qualquer coisa de que não me recordo, e então de repente abriu o paravento de papel diante de uma janela ao lado dele com um sonoro «claque». Acordei pensando que tinha ouvido um barulho no quarto. As criadas suspiravam no seu sono. A Abóbora estava quieta com a sua cara redonda pendurada sobre almofada. Tudo parecia exactamente igual a sempre, tenho a certeza, mas os meus sentimentos eram estranhamente diferentes. Senti como se estivesse a olhar para um mundo que de alguma maneira tinha mudado relativamente ao que tinha visto na noite anterior - a espreitar, quase, através da mesma janela que se tinha aberto no meu sonho. Não poderia de modo algum explicar o que isto significava. Mas continuei a pensar no assunto enquanto varria as pedras no pátio nessa manhã, até que comecei a sentir uma espécie de zunido na minha cabeça que vem de um pensamento a circular e a circular sem nenhum sítio para onde ir, tal como uma abelha dentro de um jarro. Em breve pousei a escova e fui-me sentar no corredor de terra batida, onde o ar frio vindo de baixo das fundações da casa deslizava sobre as minhas costas acalmando-me. E então uma coisa me veio à mente em que eu não tinha pensado desde a minha primeira semana em Quioto. Não tinha pensado sobre aquela traça desde então; mas no momento em que me veio à mente pus-me de joelhos e olhei para debaixo da casa até que a encontrei. Tantas coisas na minha vida tinham mudado, até o meu aspecto; mas quando desembrulhei a traça do seu sudário do funeral, era a mesma espantosamente bela criatura que no dia em que a enterrara. Parecia estar a usar um vestido em tons suaves de cinzento e castanhos, como a Mãe usava quando ta para os seus jogos de Mah-jong à noite. Tudo acerca dela parecia belo e perfeito, e tão completamente imutável. Se apenas uma coisa na minha vida tivesse sido a mesma durante aquela minha primeira semana em Quioto... Enquanto pensava nisto a minha mente começou a girar como um turbilhão. Impressionou-me que nós - a traça e eu - fôssemos dois extremos opostos. A minha existência era tão instável como a de um ribeiro, mudando de todas as maneiras; mas a traça era como uma peça de pedra, não mudando em nada. Enquanto pensava este pensamento, estiquei um dedo para sentir a superfície aveludada da traça; mas quando a esfreguei com a ponta do dedo, mudou-se imediatamente numa pilha de cinzas sem um som sequer, sem sequer um momento em que eu a pudesse ver desmoronar-se. Estava tão surpreendida que deixei escapar um grito. O carrossel na minha mente parou; senti como se tivesse entrado no centro de uma tempestade. Deixei o pequeno sudário e a sua pilha de cinzas flutuar até ao chão; e agora compreendi a coisa que tinha andado a intrigar-me durante toda a manhã. O ar bafiento foi-se embora lavado. O passado tinha desaparecido. O meu pai e a minha mãe estavam mortos e não havia nada que eu pudesse fazer para mudar isso. Mas suponho que durante o último ano também tinha andado morta. E a minha irmã... sim, ela tinha-se ido embora; mas eu não. Não tenho a certeza se isto fará algum sentido para vós, mas senti como se me tivesse virado para olhar numa direcção diferente, de maneira que já não olhava para trás, para o passado, mas para a frente em direcção ao futuro. E agora a pergunta que me confrontava era esta: o que iria ser esse futuro? No momento em que esta pergunta se me formou na mente, soube com tanta certeza quanto alguma vez terei relativamente a

qualquer coisa que, nalgum momento durante aquele dia, eu iria receber um sinal. Fora por isso que o homem da barba me abriu a janela no sonho. Ele dizia-me: «Fica à espera da coisa que se te vai mostrar. Porque essa coisa, quando a descobrires, será o teu futuro.» Não tive tempo para mais pensamentos antes que a Tia me chamasse:

- Chiyo, vem cá!

Bom, percorri aquele corredor de terra batida como se em transe. Não me teria surpreendido que a Tia me tivesse dito: «Queres saber o teu futuro? Muito bem, ouve com atenção...» Mas em vez disso ela limitou-se a mostrar-me dois ornamentos de cabelo num pano quadrado de seda branca.

- Toma-os - disse-me ela. - Os deuses sabem o que Hatsumomo andou a fazer a noite passada; voltou para a okiya com os ornamentos de outra rapariga. Deve ter bebido mais do que a sua dose habitual de saqué. Vê se a encontras na escola, pergunta de quem são, e devolve-os.

Quando peguei nos ornamentos, a Tia deu-me também um bocado de papel com uma série de outros recados escritos e disse-me para regressar à okiya assim que os terminasse todos. Usar os ornamentos de outra pessoa trazendo-os para casa à noite pode não soar muito estranho, mas de fato é o mesmo que voltar para casa com a roupa interior de outra pessoa. Como sabem, as gueixas não lavam o cabelo todos os dias, por causa dos seus penteados tão elaborados. Por isso, um ornamento de cabelo é um objeto muito íntimo. A Tia nem sequer queria tocar neles, e foi por isso que os segurava num quadrado de seda. Embrulhou-os para mos dar, de uma maneira que se pareciam exatamente com o sudário da traça que eu tinha estado a segurar uns minutos antes. Claro que, um sinal não quer dizer nada, a não ser que o saibamos interpretar. Fiquei ali especada a olhar para o embrulho de seda na mão da Tia, até que ela me disse: «Pega-lhe lá, por amor de deus!» Mais tarde, a caminho da escola, desembulhei-os para dar outra olhadela aos ornamentos. Um era um pente de laca negra com a forma do Sol a pôr-se, com um desenho de flores em ouro a contornar o exterior; o outro era um pau de madeira dourada com duas pérolas no fim a segurar uma minúscula esfera de âmbar. Esperei fora do edifício da escola até que ouvi o «dong» da campainha a assinalar o fim das aulas. Em breve raparigas nos seus vestidos azuis e brancos começaram a sair em catadupa. Hatsumomo deu por mim antes ainda de eu a ter visto, e veio direita a mim com outra gueixa. Podem perguntar-se porque é que ela estava na escola, uma vez que era já uma bailarina perfeita e seguramente sabia tudo o que precisava quanto a ser uma gueixa. Mas mesmo as gueixas mais afamadas continuam a ter lições avançadas em dança durante as suas carreiras, algumas delas até aos cinquenta e sessenta anos.

- Oh, olha - disse Hatsumomo à amiga. - Penso que deve ser uma erva daninha. Olha como está tão alta! - Isto era a maneira dela de me ridicularizar por ter crescido mais um dedo do que ela.

- A Tia mandou-me aqui, minha senhora - disse eu - para descobrir de quem são os ornamentos de cabelo que roubou ontem à noite.

O sorriso de Hatsumomo desapareceu. Ela arrancou o pequeno embrulho da minha mão e abriu-o.

- Olha, estes não são meus... - disse ela. - Onde é que os arranjaste?

- Oh, Hatsumomo-san! - disse a outra gueixa. - Não te lembras? Tu e Kanako tiraram os ornamentos do cabelo enquanto estavam a fazer aquele jogo estúpido com o juiz Uwazumi. Kanako deve ter ido para casa com os teus ornamentos de cabelo, e tu com os dela.

- Que nojo - disse Hatsumomo. - Quando é que achas que Kanako lavou o cabelo pela última vez? De qualquer maneira, a okiya dela é ao lado da tua. Leva-lhos por mim, não te importas? Diz-lhe que eu passo por lá para ir buscar os meus mais tarde, e é melhor que ela não tente ficar com eles.

A outra gueixa pegou nos ornamentos de cabelo e foi-se embora.

- Oh, não te vás embora, pequena Chiyo - disse-me Hatsumomo. - Há uma coisa que eu te quero mostrar. É aquela rapariguinha ali, a que está a passar o portão. O nome dela é Ichikimi.

Olhei para Ichikimi, mas Hatsumomo não parecia ter mais nada a dizer acerca dela.

- Não a conheço - disse eu.

- Não, claro que não. Não é nada de especial. Um bocadinho estúpida, e tão desajeitada como um deficiente. Mas pensei que acharias interessante saber que ela vai ser uma gueixa, e tu nunca o serás.

Não creio que Hatsumomo pudesse encontrar alguma coisa de mais cruel para me dizer. Durante um ano e meio até agora tinha sido condenada à servidão de uma criada. Sentia a minha vida a estender-se como um longo caminho conduzindo a lado nenhum. Não diria que queria tornar-me numa gueixa; mas com certeza que não queria continuar a ser uma criada. Fiquei no jardim da escola durante um grande bocado, a observar as rapariguinhas da minha idade a conversar umas com as outras enquanto me ultrapassavam. Podiam ir apenas a caminho do almoço, mas para mim iam de uma coisa importante para outra, com vidas com objetivo enquanto, por outro lado, eu iria regressar a nada mais interessante do que esfregar as pedras do pátio. Quando o jardim ficou vazio, fiquei preocupada que talvez fosse este o sinal de que eu estava à espera - que outras raparigas em Gion iriam avançar nas suas vidas e deixar-me para trás. Este pensamento causou-me um susto tal que não consegui mais ficar sozinha no jardim. Caminhei até à Avenida Shijo e virei em direção ao rio Kamo. Bandeiras gigantes no Teatro Minamiza anunciavam a exibição de uma peça Kabuki naquela tarde intitulada Shibaraku, que é uma das nossas peças mais famosas, embora não soubesse nada sobre Kabuki naquela altura. Multidões faziam fila escadas acima adentro do teatro. Por entre os homens nos seus fatos escuros de estilo ocidental ou em quimono, destacavam-se várias gueixas em cores brilhantes tal como folhas outonais nas águas lamacentas de um rio. Aqui de novo, vi a vida em todo o seu brilho e excitação passar por mim e deixar-me para trás. Apressei-me a afastar-me da avenida, por uma rua lateral conduzindo ao longo do ribeiro de Shirakawa, mas até ali, os homens e as gueixas apressavam-se nas suas vidas tão cheias de objetivo. Para afastar a dor destes pensamentos virei-me em direção ao Shirakawa, mas cruelmente, até as suas águas brilhavam em movimento com objetivo - em direção ao rio Kamo e dali até à baía de Osaka e o Mar Interior. Parecia-me que a mesma mensagem esperava por mim em todo o lado. Atirei-me para a pequena parede de pedra à beira do ribeiro e chorei. Era uma ilha abandonada no meio do oceano, sem passado, seguramente, mas também sem futuro. Em breve me senti chegar a um ponto em que pensei que nenhuma voz humana me podia alcançar - até que ouvi a voz de um homem dizer isto:

- Então, está um dia demasiado bonito para estares tão infeliz!

Normalmente um homem nas ruas de Gion não repararia numa rapariga como eu, em particular enquanto eu estivesse a fazer a triste figura de chorar. Se ele reparasse em mim, sem dúvida que não me iria falar, a não ser que fosse para me mandar sair da sua frente, ou qualquer coisa parecida. Porém, não apenas este homem se tinha dado ao trabalho de me falar, como de fato me tinha falado com bondade. Tinha-se-me dirigido de uma maneira que parecia sugerir que eu seria uma jovem de boas famílias - a filha de um bom amigo, talvez. Por um breve momento imaginei um mundo completamente diferente daquele que eu sempre conhecera, um mundo em que eu fosse tratada com franqueza, até bondade - um mundo em que os pais não vendessem as suas filhas. O barulho e confusão de tantas pessoas a viver a sua vida com objetivos à minha volta, parecera parar; ou, pelo menos, eu parei de ter consciência dele. E quando levantei a cabeça para olhar para o homem que tinha falado, tive a sensação de ter deixado a minha infelicidade atrás de mim ali na parede de pedra. Teria muito prazer em descrevê-lo, mas só posso pensar numa maneira de o fazer - contando-vos acerca de uma certa árvore que estava à beira dos penhascos em Yoroido. Esta árvore era tão macia como balsa por causa do vento, e quando eu era uma rapariguinha de quatro ou cinco anos, um dia descobri nela a cara de um homem. Isto quer dizer, descobri

um bocado macio tão grande como um prato, com duas saliências bicudas no exterior a fazer as bochechas. Elas lançavam sombras a sugerir as órbitas, e por debaixo das sombras levantava-se a suave saliência de um nariz. A cara toda tombava um bocadinho para um lado, olhando para mim inquisidoramente; parecia-me como um homem com tanta certeza quanto ao seu lugar no mundo quanto o tem uma árvore. Qualquer coisa nele era tão meditativo, que imaginava ter encontrado a cara de um Buda. O homem que se me tinha dirigido ali na rua tinha aquele mesmo tipo de cara larga e doce. E o que era mais, as suas feições eram tão suaves e serenas, que tinha a sensação que ele iria continuar ali calmamente até que eu não me sentisse mais infeliz. Provavelmente tinha cerca de quarenta e cinco anos, com o cabelo cinzento penteado para trás a direito a partir da testa. Mas eu não conseguia olhar para ele durante muito tempo. Parecia-me tão elegante que corei e desviei os olhos. Dois homens mais novos estavam ao lado dele; uma gueixa do outro lado. Ouvei a gueixa dizer-lhe calmamente:

- Olhem, ela é apenas uma criada! Provavelmente aleijou o dedo do pé a correr para algum recado. Tenho a certeza de que em breve irá chegar alguém para a ajudar.

- Gostaria de ter a tua fé nas pessoas, Izuko-san - disse o homem.

- O espectáculo vai começar dentro de alguns momentos. Com franqueza, Diretor, acho que não devia perder mais tempo...

Quando fazia recados em Gion, muitas vezes tinha ouvido homens serem chamados por títulos como «Chefe de Departamento» ou ocasionalmente, «Vice-Diretor». Mas só muito raramente ouvira o título «Diretor». Normalmente, os homens a quem se dirigiam como «Diretor» tinham as cabeças carecas e rugas, e balançavam-se pela rua abaixo com grupos de executivos mais jovens a correr-lhes atrás em passinhos pequeninos. Este homem diante de mim era tão diferente dos directores do costume que, embora eu fosse uma rapariguinha com uma limitada experiência do mundo, sabia que a companhia dele não deveria ser uma daquelas terrivelmente importantes. Um homem com uma companhia importante não iria parar para falar comigo.

- Estás a dizer-me que é uma perda de tempo ficar aqui e ajudá-la - disse o Diretor.

- Oh, não - disse a gueixa. - É mais uma questão de não termos tempo a perder. Já devemos estar atrasados para a primeira cena.

- Vá lá, Izuko-san, seguramente que já alguma vez estiveste no mesmo estado que esta rapariguinha está. Não podes fingir que a vida de uma gueixa é sempre simples. Acho que tu, mais do que ninguém...

- Que eu já estive no estado em que ela está? Director, quer dizer... a dar um espectáculo destes em público?

Com isto, o Director virou-se para os dois homens mais novos e pediu-lhes para irem levando Izuko para o teatro. Eles fizeram uma vénia e seguiram o seu caminho enquanto o Director ficava para trás. Olhou para mim durante um grande bocado, embora eu não ousasse retribuir-lhe o olhar. Por fim eu disse:

- Por favor, Senhor, o que ela diz é verdade. Sou apenas uma rapariga tonta... por favor, não se atrase por minha causa.

- Levanta-te um momento - disse-me ele.

Não ousei desobedecer-lhe, embora não fizesse ideia do que é que ele queria. Como resultado, tudo o que ele fez foi tirar o lenço do bolso para limpar a sujidade que se tinha agarrado à minha cara, quando a pousara sobre o muro de pedra. De pé ali tão perto dele, podia sentir o cheiro a pó de talco na sua pele macia, o que me fez recordar o dia em que o sobrinho do Imperador Taisho fora à nossa aldeia

de pescadores. Não tinha feito nada mais do que sair do carro, ir até à baía e voltar, acenando à multidão que se ajoelhava diante dele, usando um fato à moda ocidental, o primeiro que eu alguma vez vira - porque eu tinha espreitado para o ver, mesmo que não devesse. Também me lembro que o bigode dele estava cuidadosamente aparado, ao contrário dos pêlos na cara dos homens da nossa aldeia, que cresciam selvagens como as ervas daninhas ao longo de um caminho. Ninguém com alguma importância estivera alguma vez na nossa aldeia antes desse dia. Penso que nos sentimos todos tocados pela nobreza e grandeza. Ocasionalmente, na vida, acontecem-nos coisas que não conseguimos compreender porque nunca vimos nada de igual. O sobrinho do Imperador seguramente que me afetou dessa maneira; e também o Director. Depois de ele ter limpo a sujidade e as lágrimas da minha cara, empurrou-me a cabeça para cima.

- Pronto, já está... uma rapariga tão bonita com nada que a possa fazer envergonhar - disse ele. - E no entanto estás com medo de olhar para mim. Alguém foi cruel para ti... ou talvez a vida tenha sido cruel.

- Não sei, Senhor - disse eu, embora claro que o muito bem.

- Nenhum de nós consegue encontrar neste mundo tanta bondade quanta deveríamos - disse-me ele, e estreitou os olhos por um momento como a dizer que eu deveria pensar seriamente sobre o que ele acabara de dizer.

Queria mais do que tudo ver a pele macia da cara dele mais uma vez, com a sua testa larga, e as pálpebras como estojos de mármore sobre os seus olhos doces; mas havia um tal abismo de estatutos sociais entre nós! Deixei por fim que os meus olhos fizessem um movimento súbito para cima, embora corasse e os desviasse tão depressa que ele poderia nem ter sabido que eu tinha enfrentado o olhar dele. Mas como posso descrever o que vi naquele instante? Ele olhava para mim como um músico poderia olhar para o seu instrumento exactamente antes de começar a tocar, com compreensão e mestria. Senti que ele podia ver dentro de mim como se eu fosse parte dele. Como adoraria ter sido o instrumento para ele tocar! Num instante, meteu a mão no bolso e tirou qualquer coisa.

- Gostas mais de ameixa doce ou de cereja? - disse ele.

- Senhor? Quer dizer... para comer?

- Passei por um homem há um momento, a vender fatias de gelo com xarope. Nunca provei nenhum antes de ser adulto, mas teria gostado deles quando era criança. Pega nesta moeda e compra um. Leva também o meu lenço, para que possas limpar a tua cara a seguir - disse ele. E com isto, meteu a moeda no meio do lenço, embrulhou-o num molho, e entregou-mo.

Desde o primeiro momento em que o Director me tinha falado, que eu me tinha esquecido de que estava à procura de um sinal sobre o meu futuro. Mas quando vi o embrulho que ele segurava na mão, parecia-se tanto com a traça no sudário, que eu sabia por fim que o sinal tinha chegado. Peguei no embrulho e fiz uma vénia profunda para lhe agradecer, e tentei dizer-lhe como estava grata - embora tenho a certeza que as minhas palavras não conseguiam traduzir a dimensão dos meus sentimentos. Não lhe estava a agradecer pela moeda, ou sequer pelo trabalho que tinha tido em parar para me ajudar. Estava a agradecer-lhe por... bem, por algo que não tenho a certeza de conseguir explicar até mesmo hoje. Por me ter mostrado que se podia encontrar outra coisa no mundo para além da crueldade, acho eu. Fiquei a observá-lo a afastar-se com o coração doente - embora fosse uma agradável espécie de doença, se tal existe. Quero dizer que se alguma vez viveram uma noite mais excitante que qualquer outra na vossa vida, ficam tristes por vê-la acabar; e no entanto ainda se sentem gratos por ela ter acontecido. Naquele breve encontro com o Diretor, tinha mudado de uma rapariga perdida enfrentando uma vida cheia de vazio para uma rapariga com um objetivo na sua vida. Talvez pareça estranho que um encontro



casual na rua pudesse ter provocado tal mudança. Mas às vezes a vida é assim, não é? E na verdade penso que se tivessem estado lá para ver o que eu vi, e sentir o que eu senti, o mesmo vos poderia ter acontecido. Quando o Director desapareceu da minha vista, corri pela rua acima em busca do vendedor de gelo. O dia não estava particularmente quente, e eu não gostava muito de placas de gelo; mas comê-las daria continuidade ao encontro com o Director. Por isso comprei um cone de papel de placas de gelo com xarope de cereja por cima, e voltei a sentar-me outra vez no mesmo muro de pedra. O gosto do xarope parecia extraordinário e complexo, penso que apenas por os meus sentidos estarem tão alerta. Se eu fosse uma gueixa como a que se chamava Izuko, pensei eu, um homem como o Director poderia passar tempo comigo. Nunca tinha imaginado que poderia invejar uma gueixa. Claro que tinha sido trazida para Quioto com o objectivo de me tornar numa; mas até então teria fugido num instante se pudesse. Agora compreendia a coisa que eu havia descurado; a questão não era tornar-me numa gueixa, mas ser uma. Tornar-me numa gueixa... bom, isso só dificilmente seria um objectivo na vida. Mas ser uma gueixa... podia vê-lo agora como um degrau para outra coisa. Se eu estava certa quanto à idade do Director, provavelmente não teria mais que quarenta e cinco anos. Muitas gueixas tinham alcançado um êxito tremendo pela idade de vinte anos. A gueixa Izuko ela própria provavelmente não teria mais do que vinte cinco. Eu ainda era uma criança, perto dos doze... mas mais doze anos e estaria nos vinte. E então o Director? Por essa altura não seria mais velho que o Sr. Tanaka neste momento. A moeda que o Director me tinha dado valia muito mais do que eu precisava para um simples cone de placas de gelo. Tinha na minha mão o troco do vendedor - três moedas de diferentes tamanhos. A princípio pensara guardá-las para sempre; mas agora apercebia-me que poderiam ser úteis para um objectivo muito mais importante. Apressei-me pela Avenida Shijo acima e corri o caminho todo até ao fim na ponta ocidental de Gion, onde se erguia o Templo de Gion. Subi os degraus, mas senti-me demasiado intimidada para passar por debaixo da grande entrada do portão de dois andares com o seu telhado de beiral, e em vez disso dei a volta. Para lá do pátio de cascalho e mais um lance de escadas acima, passei pelo portão torü adentro do próprio templo. Ali atirei com as moedas para a caixa do ofertório - moedas que poderiam ter sido o suficiente para me levarem para fora de Gion - e anunciei a minha presença aos deuses com o bater as palmas três vezes e fazer uma vénia. Com os olhos fechados com força e de mãos postas, rezei para que, de alguma maneira, me permitissem vir a ser uma gueixa. Sofreria a duração de qualquer treino, suportaria todas as vicissitudes por uma oportunidade de atrair de novo a atenção de um homem como o Director. Quando abri os olhos, ainda podia ouvir o trânsito na Avenida Higashi-Oji. As árvores assobiavam com um toque de vento tal como antes. Nada tinha mudado. Quanto ao fato de os deuses me terem ouvido, não tinha maneira de saber. Não podia fazer mais que guardar o lenço do Director dentro do meu vestido e levá-lo comigo de regresso à okiya.

Numa manhã, alguns meses mais tarde, quando estávamos a guardar as combinações ro - as feitas de escumilha de seda muito leve para o tempo quente - e a trazer para fora as combinações hitoe para as substituir - as que não têm forro, usadas em Setembro - senti um cheiro na entrada tão terrível que deixei cair a braçada de roupa que levava. O cheiro vinha do quarto da Avó. Corri escada acima para chamar a Tia, porque soube de imediato que alguma coisa terrível devia ter acontecido. A Tia coxeou escadas abaixo tão depressa quanto podia e entrou para descobrir a Avó morta no chão; e ela morrera da maneira mais estranha. A avó tinha o único aquecedor elétrico da nossa okiya. Usava-o todas as noites excepto no Verão. Agora que o mês de Setembro tinha começado e estávamos a guardar as combinações de tecido de Verão, a Avó tinha começado a usar o seu aquecedor outra vez. Isso não quer dizer que o tempo estivesse necessariamente frio; nós mudamos a espessura da nossa roupa pelo calendário, não pela verdadeira temperatura exterior, e a Avó usava o aquecimento da mesma maneira. Estava irracionalmente ligada a ele, provavelmente porque tinha passado tantas noites da sua vida a sofrer miseravelmente com o frio. A rotina habitual da Avó de manhã, era enrolar o fio à volta do aquecedor antes de o empurrar de encontro

à parede. Com o tempo, o metal quente queimou o fio, abrindo caminho até ao arame, de modo que por fim o cobre ficou em contacto com o metal, e a coisa ficou toda electrificada. A polícia disse que quando a Avó tocou nele naquela manhã deve ter ficado imediatamente imobilizada, talvez até tivesse morrido instantaneamente. Quando escorregou para o chão, ficou com a cara comprimida de encontro à superfície de metal quente. Foi isto que causou o cheiro horrível. Felizmente não a vi depois de ela ter morrido, a não ser as pernas, que estavam visíveis da porta e pareciam ramos de árvores compridos embrulhados em seda amarrotada. Durante uma semana ou duas depois de a Avó ter morrido, andámos o mais atarefadas que podem imaginar, não apenas com o limpar a casa de cima abaixo - porque segundo o Shinto, a morte é a mais impura de todas as coisas que podem acontecer - mas a preparar a casa pondo velas, travessas com oferendas de comida, lanternas na entrada, mesas com chá, travessas para o dinheiro que traziam os visitantes, e por aí fora. Estávamos tão ocupadas que uma noite a cozinheira ficou doente e o médico foi chamado; o único problema dela acabou por ser o não ter dormido mais que duas horas na noite anterior, não se ter sentado durante o dia todo, e só ter comido uma taça de caldo. Também fiquei surpreendida por ver a Mãe a gastar dinheiro quase sem restrições, a fazer planos para que sutras fossem cantadas em favor da Avó no Templo de Chion-in, a comprar ao cangalheiro arranjos de botões de lótus - tudo isto no meio da Grande Depressão. Perguntava-me, a princípio, se o comportamento dela seria um testamento para mostrar quão profundamente sentia a perda da Avó; mas mais tarde apercebi-me o que de fato significava: praticamente Gion em peso iria entrar pela nossa okiya para apresentar os seus respetos à Avó, e iria ao funeral no templo mais tarde nessa semana; a Mãe tinha de preparar o espectáculo adequado.

Durante alguns dias, Gion em peso veio de facto até à nossa okiya, ou pelo menos assim pareceu; e nós tínhamos que os alimentar a todos a chá e doces. A Mãe e a Tia recebiam as patroas das várias casas de chá e das okiya, bem como um número de criadas que estavam relacionadas com a Avó; também lojistas, fabricantes de perucas e cabeleireiros, a maioria dos quais eram homens; e, claro, dúzias e dúzias de gueixas. As gueixas mais velhas conheciam a Avó dos seus tempos de profissional, mas as mais novas nunca sequer tinham ouvido falar dela; vinham por respeito à Mãe - ou, nalguns casos, porque tinham uma relação de um tipo ou outro com Hatsumomo. O meu trabalho durante este período de azáfama era conduzir os visitantes à sala de recepções, onde a Mãe e a Tia os esperavam. Era uma distância de apenas alguns passos; mas os visitantes não podiam de modo algum entrar sozinhos; e além disso, tinha que registar quais as caras que pertenciam a que sapatos, porque era tarefa minha levar os sapatos para o quarto das criadas para que a entrada não ficasse demasiado desarrumada, e depois trazê-los outra vez no momento adequado. Ao princípio tinha problemas com isto. Não podia espreitar diretamente para os olhos dos nossos visitantes sem parecer mal-educada, mas um simples vislumbre das caras deles não era o suficiente para me fazer recordá-los. Em breve aprendi a olhar com atenção para o quimono que traziam.

Por volta da segunda ou terceira tarde a porta deslizou abrindo-se, e ali entrou um quimono que me impressionou imediatamente como o mais bonito que tinha visto qualquer das nossas visitas usar. Era escuro por causa da ocasião - um simples vestido negro usando um debrum - mas o padrão de folhas de erva verdes e douradas varrendo-se à volta da bainha, parecia tão rico, que dei comigo a imaginar como não ficariam espantadas as mulheres e filhas dos pescadores lá em Yoroido se vissem uma coisa assim. A visitante também trazia uma criada consigo, o que me fez pensar que talvez fosse a patroa de uma casa de chá ou de uma okiya - porque muito poucas gueixas poderiam pagar tal despesa. Enquanto ela olhava para o pequeno templo Shinto na nossa entrada, aproveitei a oportunidade para lançar uma espreitadela à cara dela. Era de um oval tão perfeito que eu pensei imediatamente num certo rolo no quarto da Tia, uma pintura à pena de uma cortesã do período Heian mil anos mais cedo. Ela não era uma mulher tão espampanante como Hatsumomo, mas as feições eram tão correctas que de imediato comecei a sentir-me

ainda mais insignificante do que o costume. E depois, subitamente, apercebi-me de quem ela era. Mameha, a gueixa cujo quimono Hatsumomo me tinha feito arruinar. O que tinha acontecido ao quimono dela não fora de fato culpa minha; mas mesmo assim, eu cederia o vestido que usava para não ter dado de caras com ela. Baixei a cabeça para me esconder enquanto a levava mais à criada até à sala de recepções. Não me parecia que ela me pudesse reconhecer, dado que tinha a certeza de que não me tinha visto a cara quando devolvi o quimono; e mesmo que tivesse, já tinham passado dois anos desde o caso. A criada que a acompanhava agora não era a mesma rapariga que recebera o quimono naquela noite e cujos olhos se tinham enchido de lágrimas. Apesar disto, fiquei aliviada quando chegou o momento de eu fazer a minha vénia e as deixar na sala de recepções. Vinte minutos mais tarde, quando Mameha e a sua criada estavam prontas para sair, fui buscar os sapatos delas e coloquei-os no degrau na entrada, ainda mantendo a cabeça baixa e sentindo-me em cada momento tão nervosa quanto estivera antes. Quando a criada dela fez deslizar a porta para a abrir, achei que a minha provação tinha acabado. Mas em vez de sair, Mameha continuou ali de pé. Comecei a ficar preocupada; e receio que os meus olhos e a minha mente não estivessem a comunicar bem, porque mesmo sabendo que não o devia fazer, deixei-os espreitar para cima. Fiquei horrorizada por ver que Mameha espreitava para baixo, para mim.

- Como é que te chamas, rapariguinha? - perguntou ela, num tom que me pareceu muito severo.

Respondi-lhe que o meu nome era Chiyo.

- Ergue-te por um momento, Chiyo. Gostava de olhar para ti.

Levantei-me e pus-me de pé como ela mo tinha ordenado; mas se tivesse sido possível fazer a minha cara encolher-se e desaparecer, assim como o chupar de um noodle, tenho a certeza que o teria feito.

- Vá lá, quero olhar para ti! - disse ela. - E estás aí a comportar-te como se estivesse a contar os dedos dos pés.

Levantei a cabeça, embora não os olhos, e depois Mameha deixou sair um longo suspiro e ordenou-me que olhasse para ela.

- Mas que olhos tão fora do vulgar! - disse ela. - Pensei que o tinha imaginado. De que cor lhe chamarias, Tatsumi?

A criada dela regressou à entrada e lançou-me um olhar.

- Azuis-acinzentados, Minha Senhora - respondeu.

- Era exatamente isso que eu diria. Agora, quantas raparigas em Gion achas que têm olhos como aqueles?

Não sabia se Mameha estava a falar comigo se com Tatsumi, mas nenhuma de nós respondeu. Ela olhava para mim com uma expressão peculiar - a concentrar-se em algo, segundo me parecia. E depois, para meu grande alívio, despediu-se e saiu.

O funeral da Avó teve lugar uma semana mais tarde, numa manhã escolhida por um adivinho. Depois começámos a pôr a okiya de novo em ordem, mas com algumas alterações. A Tia mudou-se para o rés-do-chão para o quarto que tinha sido da Avó, enquanto a Abóbora - que em breve deveria começar a sua aprendizagem como gueixa - ficou no quarto do segundo andar onde a Tia tinha vivido. Além disto, chegaram duas novas criadas na semana seguinte, ambas de meia-idade e muito enérgicas. Pode parecer estranho que a Mãe tenha acrescentado criadas embora a família fosse agora menor em número; mas de facto a okiya tinha tido sempre empregadas a menos porque a Avó não podia suportar multidões. A transformação final foi que as tarefas da Abóbora lhe foram retiradas. Em vez disso, mandaram-na passar o tempo a praticar as várias artes das quais teria que depender enquanto gueixa. Normalmente às

raparigas não eram dadas tantas oportunidades para praticar, mas a pobre Abóbora era lenta a aprender e se alguém precisava de tempo extra era ela. Era-me penoso observá-la quando se ajoelhava na passagem de madeira todos os dias, a praticar no seu shamisen durante horas, com a língua a espreitar do lado da boca como se estivesse a tentar lambe-la bochecha. Ela lançava-me pequenos sorrisos sempre que os nossos olhos se encontravam; e na verdade, a disposição dela era o mais doce e amável possível. Mas já naquela altura se me tornava difícil suportar o fardo da paciência na minha vida, à espera de uma pequenina oportunidade que poderia nunca chegar e que seria certamente a única hipótese a ser-me dada. Agora tinha de ficar a ver enquanto a porta da oportunidade era mantida escancarada para outra pessoa. Algumas noites, quando ia para a cama, pegava no lenço que o Director me tinha dado e deitava-me no meu futon a cheirar o seu aroma rico a talco. Limpava a minha mente de tudo exceto a imagem dele, e da sensação do Sol quente na minha cara e o muro de pedra dura onde me sentara no dia em que o conhecera. Ele era o meu bodhisattva com mil braços que me iria ajudar. Não conseguia imaginar como essa ajuda me poderia chegar, mas rezava para que chegasse. Perto do fim do primeiro mês depois da morte da Avó, uma das nossas novas criadas veio um dia até mim para me dizer que tinha uma visita à porta. Fora de estação, estava uma quente tarde de Outubro, e todo o meu corpo estava úmido de suor por ter andado a usar o nosso aspirador manual para limpar os colchões dos tatami lá em cima no novo quarto da Abóbora, que até há pouco fora o da Tia; a Abóbora tinha a mania de roubar bolachas de arroz e escondê-las, por isso o tapete precisava de ser limpo com frequência. Enxuguei-me com uma toalha húmida tão depressa como pude, e apressei-me escada abaixo para descobrir uma mulher jovem na entrada, vestida num quimono de criada. Pus-me de joelhos e fiz-lhe uma vénia. Só quando olhei para ela uma segunda vez a reconheci como a criada que tinha acompanhado Mameha à nossa okiya umas semanas antes. Estava muito infeliz por vê-la ali. Tive a certeza de que me tinha metido em sarilhos. Mas quando ela me fez um gesto para descer para a entrada, enfiei os pés nos sapatos e segui-a até à rua.

- Costumam mandar-te fazer recados, Chiyo? - perguntou-me.

Tinha passado tanto tempo desde que eu tentara fugir que já não estava de castigo confinada à okiya. Não fazia ideia porque é que ela o perguntava; mas disse-lhe que sim.

- Ótimo - disse ela. - Trata de ver se te mandam fazer qualquer coisa amanhã às três da tarde, e vem ter comigo à pontezinha que se arqueia sobre o ribeiro de Shirakawa.

- Sim, Senhora - disse eu - mas posso perguntar porquê?

- Amanhã descobres, não descobres? - respondeu com um encolher de nariz que me fez achar que troçava de mim.

Era verdade que não estava lá muito satisfeita que a criada de Mameha quisesse que eu a acompanhasse a um lado qualquer - provavelmente até Mameha, pensei eu, para que ralhe comigo pelo que eu tinha feito. Mas de qualquer modo, no dia seguinte convenci a Abóbora a mandar-me fazer um recado que de facto não era preciso. Estava com medo de se meter em sarilhos, até que lhe prometi que descobriria uma maneira de lhe retribuir. Por isso, às três da tarde, ela chamou-me do pátio:

- Chiyo-san, por favor podias sair e comprar-me algumas cordas para o shamisen e umas revistas de Kabuki? - Tinham-lhe ordenado que lesse revistas de Kabuki por causa da educação dela. Depois ouvi-a dizer numa voz ainda mais alta - Não se importa, Tia? - Mas a Tia não respondeu, porque estava lá em cima a dormir a sesta.

Deixei a okiya e fui ao longo do ribeiro de Shirakawa até à ponte arqueada que conduzia à secção Motoyoshi-cho de Gion. Com o tempo tão quente e agradável, um grande número de homens e gueixas passeavam por ali, admirando as cerejeiras e salgueiros cujos rebentos caíam sobre a superfície da água. Enquanto esperava junto à ponte, observava um grupo de turistas estrangeiros que tinham vindo ver o

famoso bairro de Gion. Não eram os únicos estrangeiros que eu observara em Quioto, mas seguramente que me pareciam esquisitos, as mulheres de narizes compridos com os seus vestidos longos e os cabelos de cores berrantes, os homens tão altos e confiantes, com saltos que faziam barulho ao bater no chão. Um dos homens apontou para mim e disse qualquer coisa numa língua estrangeira, e todos se viraram para olhar. Senti-me tão embaraçada que fingi encontrar uma coisa no chão a fim de poder agachar-me e esconder-me. Por fim a criada de Mameha chegou; e tal como eu temera, conduziu-me por cima da ponte e ao longo do ribeiro para a mesma porta onde Hatsumomo e Korin me tinham entregue o quimono e enviado escadas acima. Parecia-me terrivelmente injusto que este mesmo incidente estivesse na eminência de me causar mais sarilhos - e depois de passado tanto tempo. Mas quando a criada fez a porta deslizar para mim, subi para a luz cinzenta das escadas. No topo ambas descalçámos os nossos sapatos e entrámos no apartamento.

- Chiyo está aqui, Minha Senhora! - gritou ela.

Depois ouvi Mameha a responder do quarto dos fundos:

- Está bem, muito obrigada, Tatsumi!

A jovem mulher levou-me até uma mesa junto de uma janela aberta, onde me ajoelhei numa das almofadas e tentei não parecer muito nervosa. Logo a seguir outra criada entrou com um copo de chá para mim - porque, como descobri, Mameha não tinha uma criada, mas duas. Seguramente que não estava à espera que me servissem chá; e de facto, nada como isto me acontecera desde o jantar em casa do Sr. Tanaka anos antes. Fiz uma vénia para lhe agradecer e dei alguns golinhos, para não parecer mal-educada. Depois descobri-me sentada sem nada para fazer a não ser escutar o som da água a passar sobre uma cascata com altura de um joelho no ribeiro de Shirakawa lá fora.

O apartamento de Mameha não era grande, mas era extremamente elegante, com belos tapetes de tatami que obviamente eram novos, porque tinham um brilho adorável amarelo-esverdeado e cheiravam ricamente a palha. Se alguma vez olharem suficientemente de perto para um tapete de tatami, podem reparar que o bordo à roda deles é debruado em tecido, normalmente só uma tira de algodão ou linho escuro; mas estes estavam debruados com uma tira de seda com um padrão de verde e ouro. Não muito longe, numa alcova estava pendurado um rolo escrito numa caligrafia lindíssima, que segundo descobri se tratava de uma dádiva a Mameha do famoso calígrafo Matsudaira Koichi. Por baixo dele, na base de madeira da alcova, um arranjo de ramos de cornizo em flor erguiam-se a partir de um prato raso de forma irregular com um vidro estalado do negro mais profundo. Achei-o muito estranho, mas de facto tinha sido dado a Mameha por nada menos que Yoshida Sakuhei, o grande mestre do estilo de cerâmica setoguro que se tornou um tesouro nacional vivo nos anos a seguir à Segunda Grande Guerra. Por fim Mameha saiu do quarto dos fundos, elegantemente vestida com um quimono creme com um desenho de água na bainha. Virei-me e fiz uma vénia profunda sobre os tapetes enquanto ela deslizava até à mesa; e após ali ter chegado, ajoelhou-se diante de mim, deu um golinho no chá que a criada lhe serviu, e depois disse isto:

- Agora... Chiyo, não é? Porque é que não me dizes como é que te conseguiste escapar da okiya esta tarde? Tenho a certeza de que a Sra. Nitta não gosta que as suas criadas tratem de assuntos pessoais a meio do dia.

Não esperava este tipo de pergunta. De facto, não conseguia pensar em mais nada para dizer, mesmo que soubesse que era falta de educação não responder. Mameha apenas bebia o chá e olhava-me com uma expressão benigna na sua face de um oval perfeito. Por fim ela disse:

- Pensas que estou a tentar ralhar contigo. Mas só estou interessada em saber se te meteste em sarilhos para vir aqui.

Fiquei muito aliviada por ouvi-la dizer isto.

- Não, Minha Senhora - disse eu. - É suposto estar a fazer um recado a comprar revistas de Kabuki e cordas de shamisen.

- Oh, bom, tenho muito disso - disse ela, e depois chamou a criada e disse-lhe para ir buscar alguns e pô-los na mesa diante de mim. - Quando voltares para a tua okiya, leva-os contigo, e ninguém irá perguntar onde estiveste. Agora, conta-me. Quando eu fui à tua okiya a dar os pêsames, vi outra rapariga da tua idade.

- Deve ter sido a Abóbora. Com uma cara muito redonda?

Mameha perguntou-me porque é que eu lhe chamava Abóbora, e quando lho expliquei ela deu uma gargalhada.

- Esta rapariga, a Abóbora - disse Mameha - como é que ela e Hatsumomo se dão?

- Bom, Minha Senhora - disse eu. - Acho que Hatsumomo não lhe liga mais do que a uma folha que flutuou para o pátio.

- Mas que poético... uma folha que flutuou para o pátio. É assim que Hatsumomo te trata a ti também?

Abri a boca para falar, mas a verdade é que não sabia o que dizer. Sabia muito pouco acerca de Mameha, e teria sido inconveniente dizer mal de Hatsumomo a alguém de fora da okiya. Mameha pareceu sentir o que eu estava a pensar porque me disse:

- Não precisas de responder. Sei perfeitamente bem como Hatsumomo te trata: da mesma maneira que uma serpente trata a sua próxima refeição, suponho.

- Se posso perguntar, minha senhora, quem é que lhe disse?

- Ninguém mo disse - disse ela - Hatsumomo e eu já nos conhecemos desde que eu era uma rapariga de seis anos e ela de nove. Quando se observa uma criatura a portar-se mal durante um período assim tão longo, não é segredo saber o que irá fazer a seguir.

- Não sei o que fiz para que me odiasse tanto - disse eu.

- Hatsumomo não é mais difícil de entender que um gato. Um gato está feliz desde que esteja esticado ao sol sem mais gatos em volta. Mas se imaginar que algum outro está a investigar junto ao prato da comida... Já alguém te contou a história de como Hatsumomo correu com a jovem Hatsuoki para fora de Gion?

Disse-lhe que ninguém mo contara.

- E que rapariga atraente que era a Hatsuoki - começou Mameha. - E uma grande e querida amiga minha. Ela e a tua Hatsumomo eram irmãs. Isto quer dizer, que tinham ambas sido treinadas pela mesma gueixa - neste caso, a grande Tomihatsu, que era já uma mulher velha na altura. A tua Hatsumomo nunca gostou da jovem Hatsuoki, e quando ambas se tornaram aprendizes de gueixa, não suportava tê-la como rival. Por isso começou a espalhar o boato em Gion que Hatsuoki tinha sido apanhada numa ruela pública numa noite a fazer algo de muito impróprio com um jovem polícia. Claro que não havia qualquer verdade nisto. Se Hatsumomo tivesse simplesmente dado umas voltas a contar a história, ninguém em Gion teria acreditado nela. As pessoas sabiam como ela tinha inveja de Hatsuoki. Então olha o que ela fez: sempre que chegava junto de alguém já muito embriagado - uma gueixa, ou uma criada, ou até um homem de visita a Gion, não interessava - segredava-lhe a história sobre Hatsuoki de tal maneira que no dia seguinte a pessoa que a tinha ouvido não se lembrava que a fonte tinha sido Hatsumomo. Em breve a reputação da pobre Hatsuoki estava tão arruinada, que foi tarefa fácil para Hatsumomo montar e pôr em

acção mais um dos seus truquezinhos e correr com ela.

Senti um estranho alívio ao ouvir que alguém além de mim tinha sido monstruosamente tratado por Hatsumomo.

- Ela não suporta ter rivais - continuou Mameha. - E por isso que te trata assim.

- Seguramente que Hatsumomo não me considera uma rival, Minha Senhora - disse eu. - Sou tão rival para ela como uma poça para o oceano.

- Talvez não nas casas de chá de Gion. Mas dentro da tua okiya... Não achas estranho que a Sra. Nitta nunca tenha adoptado Hatsumomo como sua filha? A okiya Nitta deve ser a mais rica em Gion sem uma herdeira. Ao adotar Hatsumomo, a Sra. Nitta não só resolvia esse problema, mas todos os ganhos de Hatsumomo seriam então guardados pela okiya, sem que um único sen fosse pago à própria Hatsumomo. E Hatsumomo é uma gueixa de grande sucesso! Era lógico que a Sra. Nitta já a tivesse adotado há muito tempo. Ela deve ter uma razão muito forte para não o fazer, não achas?

Era certo que nunca tinha pensado em nada disto antes, mas depois de ouvir Mameha sabia exactamente qual era o motivo.

- Adoptar Hatsumomo - disse eu - seria como libertar o tigre da sua jaula.

- Seria de facto. Tenho a certeza que a Sra. Nitta sabe perfeitamente que tipo de filha adoptiva Hatsumomo se revelaria; o tipo que descobre uma maneira de correr com a Mãe de casa. De qualquer maneira, Hatsumomo tem menos paciência que uma criança. Não acredito que ela pudesse manter nem um grilo vivo numa gaiola de vime. Depois de um ano ou dois, provavelmente venderia a colecção de quimonos da okiya e reformar-se-ia. Isso, jovem Chiyo, é o motivo por que Hatsumomo te odeia tanto. Essa rapariga, a Abóbora, não acredito que Hatsumomo se sinta muito preocupada quanto à Sra. Nitta poder adoptá-la.

- Mameha-san - disse eu - tenho a certeza que se lembra do seu quimono que foi arruinado...

-Vais dizer-me que foste tu a rapariga que lhe pôs tinta.

- Bom... sim, Minha Senhora. E mesmo embora eu esteja certa que sabe que Hatsumomo estava por detrás daquilo, espero que algum dia eu lhe possa mostrar como lamento o que aconteceu.

Mameha ficou a olhar para mim um grande bocado. Não fazia ideia do que ela estava a pensar até que disse:

- Podes pedir-me desculpa, se quiseres.

Eu recuei afastando-me da mesa e fiz uma vénia profunda até aos tapetes; mas antes que tivesse uma hipótese de dizer o que quer que fosse, Mameha interrompeu-me.

- Isso seria uma vénia muito bonita, mas só se fosses um lavrador a visitar Quioto pela primeira vez - disse ela. - Mas dado que queres parecer culta, debes fazê-la assim. Olha para mim; afasta-te mais da mesa. Está bem, estás de joelhos; agora estica os braços e põe a ponta dos dedos no tapete diante de ti. Só a ponta dos dedos; não a mão toda. E não debes de modo algum abrir os dedos; ainda vejo espaço entre eles. Muito bem, põe-nos sobre o tapete... as mãos juntas... isso! Isso parece muito bonito. Inclina-te o mais que puderes, mas mantém o pescoço sempre direito, não deixes a cabeça descair assim. E por amor de Deus, não ponhas peso nas mãos, ou vais parecer um homem! Muito bem. Agora podes tentar outra vez.

Por isso fiz-lhe uma vénia de novo, e disse-lhe outra vez como lamentava profundamente por ter desempenhado aquele papel no arruinar do seu belíssimo quimono.

- Era um quimono belíssimo, não era? - disse ela. - Bom, agora vais esquecer isso. Quero saber porque é que deixaste de ir treinar para ser uma gueixa. As tuas professoras na escola disseram-me que ias muito bem até ao momento em que deixaste de ir às aulas. Tu devias estar a caminho de uma carreira de sucesso em Gion. Porque é que a Sra. Nitta iria interromper o teu treino?

Contei-lhe das minhas dívidas, incluindo o quimono e o alfinete que Hatsumomo me tinha acusado de roubar. Mesmo depois de eu ter acabado, ela continuou a olhar friamente para mim. Por fim disse:

- Há mais qualquer coisa que não me estás a dizer. Considerando as tuas dívidas, calculo que a Sra. Nitta só se sentiria mais determinada ainda para te ver ter êxito como gueixa. Seguramente nunca lhe pagarás a trabalhar como criada.

Quando ouvi isto, devo ter baixado os olhos com vergonha, sem me aperceber; por um instante, Mameha parecia capaz de ler os meus próprios pensamentos.

- Tentaste fugir, não foi?

- Sim, Minha Senhora - disse eu. - Eu tinha uma irmã. Nós tínhamos sido separadas mas conseguimos voltar a ver-nos. Combinámos encontrar-nos numa certa noite para fugir... mas depois eu caí do telhado e parti o braço.

- Do telhado? Deves estar a brincar. Foste lá acima para lançar um olhar de despedida a Quioto?

Expliquei-lhe porque o tinha feito.

- Sei que foi loucura da minha parte - disse depois. - Agora a Mãe não vai investir outro sen no meu treino, dado que está com medo de que eu fuja outra vez.

- Há mais do que isso. Uma rapariga que foge dá má reputação à patroa da okiya. É assim que as pessoas pensam aqui em Gion. «Meu Deus, ela nem sequer consegue impedir que as suas próprias criadas fujam!» Esse tipo de coisas. Mas agora o que é que vais fazer contigo, Chiyo? Tu não me pareces uma rapariga que queira passar o resto da vida como criada.

- Oh, Minha Senhora... dava tudo para desfazer os meus erros - disse eu. - Já passaram mais de dois anos. Tenho esperado com tanta paciência na expectativa de que alguma oportunidade possa aparecer...

- Esperar pacientemente não te fica bem. Posso ver que tens uma grande quantidade de água na tua personalidade. A água nunca espera. Muda de forma e escorre à volta das coisas, e descobre os caminhos secretos em que mais ninguém pensou - o burquinho através do telhado ou no fundo de uma caixa. Não há dúvida de que é o mais versátil dos quatro elementos. Pode lavar a terra; pode apagar o fogo; pode desgastar uma peça de metal e varrê-la. Até a madeira, que é o seu complemento natural, não pode sobreviver sem ser alimentada pela água. E no entanto, tu não fostes buscar essas forças para viveres a tua vida, pois não?

- Bom, de facto, Minha Senhora, foi a água a escorrer que me deu a ideia de me escapular pelo telhado.

- Tenho a certeza de que és uma rapariga esperta, Chiyo, mas não acho que esse tenha sido o teu momento mais brilhante. Aqueles de nós que temos água nas nossas personalidades, não escolhemos os sítios para onde escorrer. Tudo o que podemos fazer é fluir para onde a paisagem da nossa vida nos levar.

- Calculo que eu seja um rio que embateu numa barragem, e essa barragem é Hatsumomo.

- Sim, provavelmente isso é verdade - disse ela olhando para mim calmamente. - Mas às vezes os rios rebentam com as barragens.



Desde o momento em que tinha chegado ao apartamento dela, tinha estado a pensar porque é que Mameha me tinha chamado. Já tinha percebido que não tinha nada a ver com o quimono; mas foi só agora que os meus olhos finalmente se abriram para o que tinha estado ali sempre diante de mim. Mameha devia ter tomado a decisão de me usar na busca da sua vingança contra Hatsumomo. Era óbvio para mim que eram rivais; por que outro motivo teria Hatsumomo destruído o quimono dela dois anos antes? Sem dúvida, Mameha tinha estado à espera do momento exato, e agora, parecia que ela o tinha encontrado. Ela ia usar-me no papel de uma erva daninha que abafa as outras plantas no jardim. Não estava simplesmente à espera de vingança; a não ser que eu estivesse enganada, ela queria ver-se completamente livre de Hatsumomo.

- Em qualquer caso - Mameha continuou - nada irá mudar até que a Sra. Nitta te mande treinar outra vez.

- Não tenho muitas esperanças - disse eu - de alguma vez a vir a persuadir.

- Não te preocupes agora quanto a persuadi-la. Preocupa-te em encontrar o tempo próprio para o fazeres.

Certamente que já tinha aprendido muitas e grandes lições da vida até ali; mas não sabia nada acerca da paciência - nem sequer o suficiente para compreender o que Mameha queria dizer quanto a encontrar o tempo apropriado. Disse-lhe que se ela me quisesse sugerir o que eu devia dizer, estaria pronta a falar com a Mãe no dia seguinte.

- Bom, Chiyo, andar aos tropeções na vida não é uma boa maneira de avançar. Tens que aprender a encontrar o tempo e o lugar para as coisas. Um rato que quer enganar o gato não se põe simplesmente a fugir do buraco sempre que lhe dá na vontade. Não sabes como consultar o teu almanaque?

Não sei se alguma vez viram um almanaque. Ao abrir um e passar as folhas, vê-se que está atafalhado com os mapas mais complicados e os caracteres mais obscuros. As gueixas são uma gente muito supersticiosa, como disse. A Tia e a Mãe, e até a cozinheira e as criadas, raramente tomam uma decisão tão simples como comprar um par de sapatos novos sem consultarem um almanaque. Mas eu nunca consultara nenhum na minha vida.

- Não me espanta os desastres da fortuna que te aconteceram - disse-me Mameha. - Queres dizer que tentaste fugir sem sequer o consultares para saber se o dia era auspicioso?

Contei-lhe que a minha irmã tinha tomado a decisão de quando partirmos. Mameha queria saber se eu me podia lembrar da data, o que consegui depois de ter consultado um calendário com ela; tinha sido na última terça-feira de Outubro de 1929, apenas uns meses depois de Satsu e eu termos sido retiradas da nossa casa.

Mameha disse à criada para trazer o almanaque desse ano; e então, depois de me perguntar qual o meu signo - o ano do macaco - passou algum tempo a verificar e contra-verificar variados mapas, bem como uma página que dava a minha perspectiva geral para o mês. Por fim leu em voz alta:

- Um tempo dos menos auspiciosos. Agulhas, comidas invulgares, e viagens devem ser evitadas a todo o custo. - Aqui parou para olhar para mim. - Ouves isto? Viagens. Depois disso continua a dizer que tu deves evitar as seguintes coisas... vejamos... «banhar-te durante a hora do Galo», «adquirir roupas novas», «embarcar em novos empreendimentos», e ouve-me esta, «mudanças de residência». - Aqui Mameha fechou o livro e ficou a olhar para mim. - Tiveste cuidado com alguma daquelas coisas?

Muitas pessoas têm dúvidas quanto a este tipo de adivinhação; mas algumas dúvidas que pudessem ter teriam seguramente sido varridas se tivessem estado lá para ver o que aconteceu a seguir. Mameha perguntou qual era o signo da minha irmã e procurou as mesmas informações para ela.

- Bom - disse ela depois de procurar durante algum tempo - diz: «Um dia auspicioso para pequenas mudanças.» Talvez não o .melhor dia para qualquer coisa de tão ambicioso como fugir, mas certamente melhor do que os outros dias dessa semana ou da seguinte. - E depois veio a coisa surpreendente. - Continua a dizer: «Um bom dia para viajar na direcção do Carneiro» - leu Mameha.

E quando trouxe um mapa e descobriu Yoroido, estava a norte-noroeste de Quinto, o que é de facto a direcção correspondendo ao signo do Zodíaco do Carneiro. Satsu tinha verificado o seu almanaque. Provavelmente era isso que ela tinha ido fazer quando me deixou ali no quarto debaixo das escadas no Tatsuyo durante alguns minutos. E seguramente que tinha tido razão para o fazer; ela tinha escapado, enquanto eu não. Foi este o momento em que compreendi como tinha sido descuidada - não apenas quanto a planear fugir, mas em tudo o resto. Nunca tinha compreendido como as coisas andavam tão relacionadas umas com as outras. E não é só do Zodíaco que falo. Nós, os seres humanos, somos apenas uma parte de uma coisa muito mais vasta. Quando caminhamos por aí, podemos pisar um besouro ou simplesmente causar uma mudança no ar de maneira que uma mosca acabe num sítio onde nunca deveria ter ido parar de outro modo. E se nós pensarmos no mesmo exemplo, mas conosco no papel do inseto, e o grande universo no papel que acabámos de desempenhar, fica perfeitamente claro que somos afectados todos os dias por forças sobre as quais não temos mais controle do que o pobre do besouro tem sobre o nosso pé gigantesco quando lhe cai em cima. O que podemos fazer? Devemos usar todos os métodos que pudermos para compreender o movimento do universo em volta de nós, e calcular o tempo para as nossas ações a fim de que não lutemos contra as correntes, mas nos movamos com elas.

Mameha pegou de novo no meu almanaque e desta vez seleccionou várias datas nas semanas seguintes que seriam auspiciosas para uma mudança significativa. Perguntei-lhe se deveria tentar falar com a Mãe numa das datas, e o que deveria dizer exactamente.

- Não é minha intenção que vás tu própria falar com a Sra. Nitta -disse ela. - Ela vai recusar-te num instante. Se eu fosse a ela, faria o mesmo! Tanto quanto ela sabe, não há ninguém em Gion que estivesse disposta a ser a tua irmã mais velha.

Fiquei muito triste por ouvi-la dizer isto.

- Nesse caso, Mameha-san, o que devo fazer?

- Deves voltar para a tua okiya, Chiyo - disse ela - e não dizer a ninguém que falaste comigo.

Depois disto, lançou-me um olhar que significava que deveria fazer a vénia e desculpar-me ali mesmo, o que eu fiz. Estava tão excitada que parti sem trazer as revistas de Kabuki e as cordas de shamisen que Mameha me tinha dado. A criada dela teve que vir a correr rua abaixo com elas.

Devo explicar o que Mameha queria exactamente dizer por «irmã mais velha», mesmo se ao tempo, eu própria pouco soubesse sobre o assunto. Quando chega o momento em que uma rapariga está pronta para fazer o seu debute como aprendiz, precisa de já ter estabelecido uma relação com uma gueixa mais experiente. Mameha tinha mencionado a irmã mais velha de Hatsumomo, a grande Tomihatsu, que era de facto uma mulher velha quando treinou Hatsumomo; mas as irmãs mais velhas nem sempre são assim tão mais velhas do que as gueixas que treinam. Qualquer gueixa pode actuar como irmã mais velha para uma rapariga mais nova, desde que tenha pelo menos um dia a mais de antiguidade. Quando duas raparigas se unem como irmãs, faz-se uma cerimónia que é como um casamento. Depois vêem-se uma à outra quase como membros da mesma família, chamando-se mutuamente «Irmã Mais Velha» e «Irmã Mais Nova» tal como o fazem os membros de famílias verdadeiras. Algumas gueixas podem não levar o papel tão a sério como deveriam, mas uma irmã mais velha que cumpre a sua tarefa adequadamente torna-se na figura mais importante da vida de uma jovem gueixa. Faz muito mais do que garantir que a irmã mais nova aprenda a maneira certa de misturar o embaraço com o riso quando um homem conta uma anedota

ordinária, ou ajudá-la a escolher o grau correto de cera para usar sob a maquilhagem. Tem também de assegurar que sua irmã mais nova atraia a atenção das pessoas que lhe irá ser necessário conhecer. Faz isto levando-a a passear por Gion e apresentando-a às patroas das casas de chá apropriadas, ao homem que faz as perucas para as representações teatrais, aos chefes de mesa dos restaurantes importantes, e por aí fora. Há seguramente muito trabalho nisto tudo. Mas apresentar a sua irmã mais nova à volta de Gion durante o dia é apenas metade do que uma irmã mais velha deve fazer. Porque Gion é como uma estrela pálida que só brilha em todo o seu esplendor depois do pôr-do-sol. De noite, a irmã mais velha deve levar a sua irmã mais nova consigo para entreter, a fim de a apresentar aos clientes e patronos que foi conhecendo ao longo dos anos. Ela diz-lhes: «Oh, já conhecem a minha irmã mais nova, Fulana-de-Tal? Por favor, não se esqueçam do nome dela, porque vai ser uma grande estrela! E por favor, permitam-lhe que ela vos visite da próxima vez que vierem a Gion.» Claro que poucos homens pagam altos preços para passarem a noite a conversar com uma rapariga de catorze anos; por isso, provavelmente, este cliente, de facto, não irá convocar a jovem rapariga na sua próxima visita. Mas a irmã mais velha e as patroas da casa de chá continuarão a insistir com ele até que o faça. Se se descobre que por algum motivo não gosta dela... bom, isso é outra história; mas caso contrário, com o tempo acabará também por ser patrono dela, e também gostará muito dela - tal como da irmã mais velha.

Assumir o papel de irmã mais velha muitas vezes pode ser sentido como o carregar de um saco de arroz de um lado para o outro da cidade. Porque não apenas uma irmã mais nova é tão dependente da sua irmã mais velha como um passageiro o é do comboio em que viaja; mas quando a rapariga se comporta mal, é a irmã mais velha que deve arcar com as responsabilidades. O motivo pelo qual uma gueixa de sucesso se dá a todo este trabalho por uma rapariga mais nova, deve-se ao facto de toda a gente em Gion beneficiar quando uma aprendiz alcança o êxito. Claro que a própria aprendiz beneficia por poder pagar as suas dívidas com o tempo; e se tem sorte, acabará como amante de um homem rico. A irmã mais velha beneficia por receber uma porção do salário da irmã mais nova - como acontece com as patroas das várias casas de chá onde a rapariga entretém. Até o fabricante de perucas, e a loja onde se vendem os ornamentos de cabelo, e a loja de doces onde a aprendiz de gueixa de vez em quando comprará prendas para os seus patronos... podem nunca receber directamente uma porção dos ganhos da rapariga; mas seguramente todos beneficiam pelo patronizar de mais uma gueixa com êxito, que pode trazer clientes para gastarem dinheiro em Gion. É honesto afirmar que, para uma jovem rapariga em Gion, quase tudo depende da sua irmã mais velha. E porém poucas raparigas têm alguma palavra a dizer quanto a quem poderá ela vir a ser. Uma gueixa já instalada seguramente não vai pôr a sua reputação em risco aceitando uma irmã mais nova que ela ache que é aborrecida, ou alguém de quem os seus patronos não gostarão. Por outro lado, a senhora de uma okiya que investiu uma grande quantidade de dinheiro no treino de uma determinada aprendiz não ficará sentada nem esperará que alguma gueixa aborrecida apareça e se ofereça para a treinar. Por isso, em resultado, uma gueixa de sucesso acaba com muitos mais pedidos do que os que pode gerir. Alguns poderá recusar, e outros não... o que me traz ao motivo pelo qual a Mãe provavelmente achava - tal como Mameha sugeriu - que não haveria uma única gueixa em Gion que quisesse actuar como minha irmã mais velha.

Logo no início da época em que cheguei à okiya, provavelmente a Mãe teria em mente Hatsumomo para actuar como minha irmã mais velha. Hatsumomo poderia ter sido o tipo de mulher que morde uma aranha logo de volta, mas quase todas as aprendizas se teriam sentido felizes por ser a sua irmã mais nova. Hatsumomo já tinha sido irmã mais velha de pelo menos duas jovens gueixas de renome em Gion. Em vez de as torturar como fizera comigo, portara-se bem. Era opção sua aceitá-las, e fê-lo pelo dinheiro que lhe trariam de volta. Mas no meu caso, já não se podia contar com Hatsumomo para me ajudar em Gion, e depois ficar satisfeita com os poucos ienes extra que lhe traria - tanto como se poderia contar que um cão acompanhasse um gato rua abaixo sem lhe dar uma dentada num beco. Certamente que

a Mãe poderia ter obrigado Hatsumomo a ser a minha irmã mais velha - não apenas porque Hatsumomo vivia na nossa okiya, mas também por ela ter tão poucos quimonos seus e estar dependente da coleção da casa. Mas não acredito que qualquer força no mundo pudesse ter obrigado Hatsumomo a treinar-me correctamente. Tenho a certeza de que, no dia em que lhe pedissem para me levar à casa de chá Mizuki, e apresentar-me à patroa do local, ela ter-me-ia antes levado para as margens do rio Kamo e dito: «Rio Kamo, já conhece a minha irmã mais nova?» e depois atirava-me lá para dentro. Quanto à ideia de uma outra gueixa aceitar a tarefa de me treinar... bom, poderia significar ter de enfrentar Hatsumomo. Poucas gueixas em Gion eram suficientemente corajosas para fazer tal coisa.

Pelo final de uma manhã, algumas semanas depois do meu encontro com Mameha, estava a servir chá à Mãe e a uma visita na sala de recepções, quando a Tia abriu a porta.

-Desculpa interromper - disse a Tia - mas pergunto-me se te importarias de te ausentar apenas por um momento, Kayoko-san. - Sabem, Kayoko era o verdadeiro nome da Mãe, mas nós raramente o usávamos na nossa okiya.

- Temos uma visita à porta.

A Mãe deu um dos seus risos tossidos quando ouviu isto.

- Deves estar a ter um dia aborrecido, Tia - disse ela - para vires tu própria anunciar uma visita. As criadas já por si não trabalham com afinco, e agora resolveste fazer o trabalho delas.

- Achei que gostarias mais de o saber por mim - disse a Tia - que a nossa visitante é Mameha.

Eu já começava a andar preocupada de que nada viesse a acontecer em resultado do meu encontro com Mameha. Mas ouvir que ela tinha aparecido subitamente à nossa porta... bom, o sangue subiu-me à cara com tanta intensidade que me senti como uma lâmpada que tivesse acabado de ser acendida. A sala ficou completamente em silêncio durante um bom bocado, e depois a convidada da Mãe disse:

- Mameha-san... bom! Eu vou-me embora, mas só se prometeres dizer-me amanhã exactamente de que é que se trata.

Aproveitei a oportunidade para me escapular da sala enquanto a convidada da Mãe saía. Depois, no átrio de entrada principal, ouvi a Mãe dizer qualquer coisa à Tia que nunca imaginara ouvi-la dizer. Estava a esvaziar o cachimbo com pequenas batidas no cinzeiro que tinha trazido da sala de recepções, e enquanto me passava o cinzeiro, disse: «Tia, vem aqui e arranja-me o cabelo, se fazes o favor.» Nunca antes a tinha visto preocupar-se com a sua aparência. É verdade que usava roupas elegantes. Mas tal como o quarto dela, que apesar de estar cheio de belos objetos não deixava de ser desesperadamente sombrio, ela própria poderia andar embrulhada em tecidos extraordinários, mas os olhos eram tão oleosos como um bocado de peixe velho e malcheiroso... e de facto, parecia considerar o cabelo da mesma maneira que um comboio se preocupa com o rasto de fumo: era apenas a coisa que por acaso estava no cimo.

Enquanto a Mãe atendia a porta, eu fiquei no quarto das criadas a limpar o cinzeiro. E fiz um esforço tão grande para ouvir Mameha e a Mãe que não me teria surpreendido se tivesse feito uma distensão em todos os músculos dos ouvidos. Primeiro a Mãe disse:

- Lamento tê-la deixado esperar, Mameha-san. Mas que honra ter uma visita sua!

Depois Mameha disse: «Espero que me perdoe por aparecer assim tão inesperadamente, Sra. Nitta.» Ou qualquer coisa igualmente cinzenta. E continuaram assim durante um bocado. Todo o meu trabalho forçado para bisbilhotar tinha sido tão recompensador como um homem que arrasta com dificuldade uma cómoda monte acima só para descobrir que está cheia de pedras.

Por fim lá fizeram o caminho do átrio de entrada principal até à sala de recepções. Estava tão desesperada para ouvir a conversa delas que apanhei um trapo no quarto das criadas e comecei a lustrar o chão do átrio de entrada com ele. Normalmente a Tia não me teria permitido que trabalhasse ali enquanto um convidado estivesse na sala de recepções, mas andava tão preocupada em bisbilhotar quanto eu. Quando a criada saiu depois de ter servido o chá, a Tia encostou-se para um lado de onde não pudesse ser vista e assegurou-se de que ficava uma greta da porta aberta a fim de que pudesse ouvir. Eu tinha estado a escutar a conversa fiada com tanta atenção que devo ter perdido a noção do que acontecia à minha volta, porque subitamente levantei os olhos para dar com a cara redonda da Abóbora a olhar fixamente para a minha. Ela estava de joelhos a puxar o lustro ao chão, apesar de eu também o estar a fazer e não se esperar já que ela cumprisse este tipo de tarefas.

- Quem é Mameha? - murmurou-me ela.

Obviamente devia ter ouvido as criadas a falar entre si; podia vê-las juntas no corredor de terra batida mesmo à beira da passagem de madeira.

-Ela e Hatsumomo são rivais - murmurei eu. - Foi no quimono dela que Hatsumomo me obrigou a pôr a tinta.

A Abóbora olhou para mim como se estivesse na eminência de perguntar qualquer outra coisa, mas então ouvimos Mameha dizer:

-Sra. Nitta, espero que me perdoe por vir perturbá-la num dia tão ocupado, mas gostaria de lhe falar rapidamente acerca da sua criada Chiyo.

- Oh, não - disse a Abóbora, e olhou-me nos olhos a mostrar como se sentia pelos sarilhos em que em breve eu iria estar.

- A nossa Chiyo às vezes pode ser um problema - disse a Mãe. - Espero que não a tenha andado a incomodar.

- Não, nada disso - disse Mameha. - Mas reparei que ela não tem ido à escola nestas últimas semanas. Estou tão habituada a cruzar-me com ela de vez em quando na entrada... E ontem tomei consciência de que ela poderia estar terrivelmente doente! Há pouco conheci um médico muito capaz, quer que lhe peça para a vir ver?

- É muita bondade da sua parte - disse a Mãe - mas deve estar a pensar noutra rapariga. Não poderia ter encontrado a nossa Chiyo na entrada da escola. Há dois anos que ela não vai lá às aulas.

- Estaremos a pensar na mesma rapariga? Bonitinha, com uns extraordinários olhos azuis-acinzentados?

- Ela tem olhos invulgares. Mas deve haver duas raparigas semelhantes em Gion... Quem o teria imaginado!

- Não consigo acreditar que tenham passado dois anos desde que a vi lá - disse Mameha. - Talvez ela me tenha causado uma impressão tão forte que ainda me parece ser recente. Se lhe posso perguntar, Sra. Nitta... ela está bem?

- Oh, sim. Tão saudável como um rebento de árvore, e igualmente rebelde, se ousar dizê-lo.

- E no entanto ela já não está a ir às aulas? Que curioso.

- Para uma jovem gueixa tão popular como a Mameha, tenho a certeza que Gion lhe deve parecer um bom local para ganhar facilmente a vida. Mas sabe, os tempos estão difíceis. Não posso arriscar investir dinheiro em qualquer uma. Assim que me apercebi de como a Chiyo era pouco dotada...

- Tenho quase a certeza de que estamos a falar de duas raparigas diferentes - disse Mameha. - Não consigo imaginar que uma mulher de negócios tão astuta como a senhora, Sra. Nitta, chamasse a Chiyo de pouco dotada...

- Tem a certeza que o nome dela é Chiyo? - perguntou a Mãe.

Nenhuma de nós se apercebeu disso, mas enquanto dizia estas palavras, a Mãe estava a levantar-se da mesa e a atravessar a pequena sala. Um momento depois fez a porta deslizar para se abrir e deu consigo a olhar directamente para o ouvido da Tia. A Tia saiu do caminho como se nada tivesse acontecido; e suponho que a Mãe ficou satisfeita por fingir o mesmo, porque não fez mais do que olhar para mim e dizer:

- Chiyo-san, vem cá um momento.

No instante em que eu acabava de fechar a porta atrás de mim e me ajoelhei no tapete do tatami para fazer uma vénia, a Mãe já se tinha sentado de novo à mesa.

- É mesmo nesta rapariga que eu estava a pensar! - disse Mameha. - Como estás, Chiyo-san? Estou contente por teres um ar tão saudável! Tinha acabado de dizer à Sra. Nitta que já estava a ficar preocupada contigo. Mas pareces-me muito bem.

- Oh, sim, Minha Senhora, estou muito bem.

- Muito obrigada, Chiyo - disse-me a Mãe. Fiz uma vénia para me despedir, mas antes que me pudesse levantar, Mameha disse:

- Ela é mesmo uma rapariga adorável, Sra. Nitta. Tenho de dizer que houve momentos em que tinha pensado vir pedir-lhe a sua permissão para fazer dela a minha irmã mais nova. Mas agora, dado que ela já não está a ter aulas...

A Mãe deve ter entrado em estado de choque ao ouvir isto, porque embora estivesse na eminência de tomar um golinho de chá, a mão parou-lhe a caminho da boca e ficou imóvel ali durante o tempo que eu levei a abandonar a sala. Estava quase de volta ao meu posto no chão da entrada quando ela por fim reagiu.

- Uma gueixa tão popular como a senhora, Mameha-san... podia ter qualquer aprendiz de Gion'como sua irmã mais nova.

- É verdade que muitas vezes mo pedem. Mas há mais de um ano que eu não tomo uma nova irmã mais nova. Pensar-se-ia que com esta Depressão terrível, os clientes se deveriam ter reduzido a uma minoria, mas na verdade, nunca tive tanto trabalho. Calculo que os ricos continuam a ser na mesma ricos, mesmo em tempos como este.

- Precisam das suas alegrias agora mais do que nunca - disse a Mãe. - Mas estava a dizer...

- Sim, o que é que eu estava a dizer? Bom, não tem grande importância. Não lhe devo roubar mais do seu tempo. Estou muito contente por Chiyo, afinal de contas, estar de boa saúde.

- De óptima saúde, sim. Mas, Mameha-san, espere um momento antes de partir, se não se importa. Estava a dizer que quase considerou tomar Chiyo como sua irmã mais nova?

- Bom, agora ela já está há tanto tempo sem treinar... - disse Mameha. - De qualquer maneira, tenho a certeza de que terá um ótimo motivo para a decisão que tomou, Sra. Nitta. Não ousaria contrariá-la.

- É de partir o coração, as escolhas que as pessoas são obrigadas a fazer nestes tempos. Simplesmente, eu já não podia pagar mais o treino dela! No entanto, se acha que ela tem potencial,

Mameha-san, tenho a certeza de que qualquer investimento que possa querer fazer quanto ao futuro dela seria amplamente recompensado.

A Mãe estava a tentar aproveitar-se de Mameha. Nenhuma gueixa alguma vez pagou o custo das lições de uma irmã mais nova.

- Gostaria que tal fosse possível - disse Mameha - mas com esta Depressão terrível...

- Talvez houvesse alguma maneira de contornar o problema - disse a Mãe. - Embora Chiyo seja um bocadinho teimosa, e as dívidas delas já sejam consideráveis. Muitas vezes pensei como seria chocante se nunca conseguisse pagá-las.

- Uma rapariga tão atraente? Acharia chocante que ela não o pudesse.

- De qualquer modo, há mais coisas na vida do que dinheiro, não é verdade? - disse a Mãe. - Uma pessoa gostaria de fazer o melhor que pode por uma rapariga como a Chiyo. Talvez eu conseguisse descobrir uma maneira de investir um pouco mais nela... apenas para as lições, compreende. Mas aonde iria tudo isto conduzir?

- Tenho a certeza de que as dívidas de Chiyo são consideráveis - disse Mameha. - Mas mesmo assim, acho que as teria pago todas quando chegasse aos vinte anos.

- Aos vinte! - disse a Mãe. - Não creio que alguma rapariga em Gion alguma vez tivesse conseguido tal coisa. E no meio desta Depressão...

- Sim, há a Depressão, é verdade.

- Seguramente que me parece que a nossa Abóbora é um investimento mais seguro - disse a Mãe. - Tanto mais que, no caso de Chiyo, tendo-a a si como irmã mais velha, as dívidas dela só piorarão antes de melhorarem.

A Mãe não estava só a falar do custo das minhas lições; falava das verbas que teria que pagar a Mameha. Uma gueixa com o estatuto de Mameha normalmente recebe uma maior percentagem dos ganhos da irmã mais nova do que levaria uma gueixa vulgar.

- Mameha-san, se pode dar-me mais um momento - continuou a Mãe - pergunto-me se tem alguma proposta em mente. Se a grande Mameha diz que Chiyo irá liquidar as suas dívidas pela idade de vinte anos, como poderei duvidar que não seja verdade? Claro que, uma rapariga como Chiyo não terá sucesso sem uma irmã mais velha como a senhora, e no entanto a nossa okiya está a ter que poupar até aos seus limites neste momento. Não posso de modo algum oferecer-lhe as condições a que está habituada. O máximo que lhe poderia propor sobre os ganhos futuros de Chiyo poderia bem não ser mais do que metade do que normalmente esperaria.

- Neste momento estou a considerar várias ofertas muito generosas - disse Mameha. - Se vou tomar uma irmã mais nova, não poderia de modo algum aceitar fazê-lo a um preço reduzido.

- Ainda não acabei, Mameha-san - respondeu a Mãe. - Eis aqui a minha proposta. É verdade que posso pagar metade daquilo que normalmente esperaria. Mas se Chiyo conseguir de facto pagar as suas dívidas pelos vinte anos, como prevê, eu pagar-lhe-ia o restante daquilo que entretanto deveria receber, mais um adicional de trinta por cento. A longo prazo acabaria por receber mais dinheiro.

- E se Chiyo chega aos vinte sem ter pago as suas dívidas? - perguntou Mameha.

-Lamento dizer que, nesse caso, o investimento teria sido muito mau para nós as duas. A okiya não teria possibilidade de lhe pagar os custos em dívida.

Houve um silêncio, e depois Mameha suspirou.

- Não percebo nada de números, Sra. Nitta. Mas se entendi correctamente, gostaria que eu me empenhasse numa tarefa que a senhora considera ser impossível, por uma verba inferior ao habitual. Uma quantidade de rapariguinhas prometedoras em Gion dariam ótimas irmãs mais novas para mim, sem qualquer risco. Receio ter que declinar a sua oferta.

- Tem toda a razão - disse a Mãe. - Trinta por cento é um pouco baixo. Ofereço-lhe antes o dobro, se tiver êxito.

- Mas nada, se eu falhar.

- Por favor, não pense nisso como nada. Já estaria a receber uma parte dos ganhos de Chiyo o tempo todo. Simplesmente, a okiya é que não seria capaz de lhe pagar o montante adicional que lhe deveria a si.

Estava certa que Mameha iria dizer que não. Em vez disso, retorquiu:

- Primeiro gostaria de descobrir quão volumosa é de facto a dívida de Chiyo.

- Eu vou-lhe buscar os livros de contabilidade.

Não consegui ouvir mais nada da conversa delas, porque nesta altura a Tia perdeu a paciência por eu estar ali a bisbilhotar, e enviou-me para fora da okiya com uma lista de recados. Toda essa tarde senti-me tão agitada como uma pilha de rochedos com um terramoto; porque, claro, não fazia ideia de como as coisas iriam acabar. Se a Mãe e Mameha não conseguissem chegar a um acordo, eu continuaria uma criada para o resto da minha vida tão certamente como uma tartaruga continua uma tartaruga.

Quando regresssei à okiya, a Abóbora estava ajoelhada na passagem de madeira junto ao pátio, a fazer uns barulhos terríveis a dedilhar o shamisen. Parecia muito contente quando me avistou, e chamou-me.

- Vê se arranjas uma desculpa qualquer para ires ao quarto da Mãe - disse. - Ela tem estado lá a tarde toda de roda do ábaco. Tenho a certeza que te vai dizer qualquer coisa. Depois tens de correr até aqui para me contares!

Achei que isto era uma óptima ideia. Um dos meus recados tinha sido comprar creme para a sarna da cozinha, mas na farmácia estava esgotado. Por isso decidi subir e pedir desculpas à Mãe por ter voltado para a okiya sem ele. Ela não se iria importar, claro; provavelmente nem sequer sabia que me tinham mandado buscá-lo. Mas pelo menos far-me-ia entrar no quarto dela. Ao contrário do que esperava, a Mãe estava a ouvir um espectáculo teatral na rádio. Normalmente, se eu a perturbasse numa altura destas, ela despedir-me-ia com um aceno de mão e concentraria imediatamente a sua atenção de novo na rádio - a rever os livros de contabilidade e a dar umas passas no cachimbo. Mas hoje, para surpresa minha, desligou o rádio e fechou o livro de contabilidade com uma palmada no momento em que me viu. Eu fiz-lhe uma vénia e fui ajoelhar-me à mesa.

- Enquanto Mameha esteve aqui - disse ela - reparei que andavas pela entrada principal a dar lustro ao chão. Estavas a tentar ouvir a nossa conversa?

- Não, minha senhora. Havia uns riscos nas tábuas. A Abóbora e eu andávamos a tentar fazê-los desaparecer o melhor que podíamos.

- Só espero que consigas vir a ser uma melhor gueixa do que és mentirosa - disse ela, e começou a rir, mas sem tirar o cachimbo da boca, pelo que acidentalmente assoprou ar pelo cano e fez com que as cinzas saltassem para fora da pequena taça de metal. Algumas das partículas de tabaco ainda estavam a arder quando lhe caíram no quimono. Ela pousou o cachimbo sobre a mesa e deu umas palmadas em si própria até se sentir satisfeita por tê-las ter apagado todas.



- Agora, Chiyo, tu já estás aqui na okiya há mais de um ano - disse ela.

- Há mais de dois anos, minha senhora.

- Durante esse tempo, quase não te liguei nenhuma. E hoje, entra por aqui uma gueixa como a Mameha a dizer-me que quer ser a tua irmã mais velha! Que raio, como é que posso entender isto?

Como eu o via, Mameha estava de fato mais interessada em prejudicar Hatsumomo do que em me ajudar a mim. Mas claro que não podia dizer uma coisa destas à Mãe. Estava quase a dizer-lhe que não fazia ideia porque é que Mameha se tinha interessado por mim; mas antes que pudesse falar, a porta do quarto da Mãe deslizou abrindo-se, e ouvi a voz de Hatsumomo dizer:

- Desculpe, Mãe, não sabia que estava ocupada a descompor uma criada!

- Ela não vai continuar a ser criada por muito mais tempo - disse-lhe a Mãe. - Tivemos hoje uma visita que te pode interessar.

- Sim, imagino que Mameha veio aqui para catar vairões para fora do aquário - disse Hatsumomo. Desviou-se e ajoelhou-se à mesa, tão perto que eu tive que me afastar para haver espaço para nós duas.

- Por uma razão qualquer - disse a Mãe - Mameha parece pensar que Chiyo conseguirá pagar as suas dívidas aos vinte anos.

A cara de Hatsumomo estava virada para mim. Ao ver o sorriso dela, poderiam pensar que era uma mãe a olhar derretida para o seu bebé. Mas foi isto o que ela disse:

- Talvez, Mãe, se a vender para uma casa de putas...

- Pára, Hatsumomo. Não te convidei para vires aqui para ter que ouvir este tipo de coisas. Quero saber o que é que fizeste a Mameha ultimamente para a provocar.

- Posso ter arruinado o dia da Menina Emproada ao passar por ela na rua durante o meu passeio, mas mais do que isso, não fiz nada.

- Ela tem qualquer coisa em mente, e eu gostava de saber o que é.

- Não há mistério nenhum, Mãe. Ela pensa que se vingará de mim usando aqui a Menininha Estúpida.

A Mãe não respondeu; parecia estar a considerar o que Hatsumomo lhe tinha dito.

- Talvez - disse ela por fim - ela pense realmente que a Chiyo pode vir a ser uma gueixa com mais êxito que a nossa Abóbora e gostasse de fazer algum dinheiro com ela. Quem pode criticá-la por isso?

- Realmente, Mãe... Mameha não precisa da Chiyo para fazer dinheiro. Acha que foi por acaso que ela escolheu perder o seu tempo com uma rapariga que calha viver na mesma okiya que eu? Provavelmente Mameha até estabeleceria relações com o seu cãozinho se soubesse que ajudaria a correr comigo de Gion.

- Vá lá, Hatsumomo. Porque é que ela quereria correr contigo de Gion?

- Porque eu sou mais bela. E precisa de melhor motivo? Ela quer humilhar-me dizendo diante de toda a gente: «Oh, por favor, conheça a minha nova irmãzinha mais nova. Ela vive na mesma okiya que Hatsumomo, mas é uma jóia tão grande que elas me enviaram antes a mim para a instruir.»

- Não consigo imaginar Mameha a comportar-se assim - disse a Mãe, quase para dentro.

- Se ela acha que pode tornar Chiyo numa gueixa com mais êxito do que a Abóbora - continuou Hatsumomo - vai ter uma grande surpresa. Mas fico muito contente que a Chiyo passe a usar um quimono e ande a ser mostrada por aí. É uma oportunidade perfeita para a Abóbora. Nunca viu um gato a atacar

uma bola de fio de cordel? A Abóbora será uma gueixa muito melhor depois de ter afiado os dentes nesta.

A Mãe pareceu gostar disto, porque ergueu os cantos da boca numa espécie de sorriso.

- Não imaginava que dia radioso ia ser o de hoje - disse. - Esta manhã, quando acordei, tinha duas raparigas inúteis a viver na okiya. Agora vão começar a lutar uma contra a outra... e com um par das gueixas mais proeminentes de Gion a servirem-lhes de treinadoras!

Na tarde imediatamente a seguir, Mameha mandou-me chamar para ir ao apartamento dela. Desta vez estava sentada à mesa à minha espera quando a criada abriu a porta. Tive o cuidado de fazer a vénia como deve ser antes de entrar na sala e depois de atravessar até à mesa e fazer uma nova vénia.

- Mameha-san, não sei o que a levou a tomar esta decisão... - comecei - mas não consigo exprimir toda a minha gratidão...

- Não fiques já grata - interrompeu-me ela. - Não aconteceu nada ainda. É melhor contares-me o que a Sr. Nitta te disse depois da minha visita de ontem.

- Bom - disse eu. - Acho que a Mãe estava um bocado confusa quanto ao ter reparado em mim... e para dizer a verdade, eu também estou. - Esperava que Mameha dissesse alguma coisa, mas não disse. - Quanto a Hatsumomo...

- Nem sequer gastes o teu tempo a pensar no que ela diz. Tu já sabes que ela ficaria entusiasmada para te ver falhar, tal como a Sra. Nitta.

- Não compreendo porque é que a Mãe me quereria ver falhar - disse eu - considerando que ganhará mais dinheiro se eu tiver sucesso.

- A não ser que tu pagues as tuas dívidas pela idade de vinte anos, ela vai ficar a dever-me uma boa quantidade de dinheiro. Ontem fiz uma espécie de aposta com ela - disse Mameha, enquanto a criada nos servia o chá. - Eu não teria feito a aposta se não tivesse a certeza de que tu ias ganhar. Mas se vou passar a ser a tua irmã mais velha, também podes saber que as minhas condições são muito severas.

Fiquei à espera que ela mas dissesse, mas limitou-se a olhar para mim com um ar ameaçador e disse:

- Francamente, Chiyo, pára de assoprar no teu chá dessa maneira. Pareces uma camponesa! Deixa-o sobre a mesa até ficar suficientemente frio para ser bebido.

- Desculpe - disse eu. - Não tinha consciência de que o estava a fazer.

- Já é altura de teres; uma gueixa tem que ser muito cuidadosa quanto à imagem que apresenta ao mundo. Agora, como dizia, tenho condições muito severas. Para começar, espero que faças o que eu peço sem me questionares ou duidares de mim seja no que for. Sei que de vez em quando desobedeceste a Hatsumomo e à Sra. Nitta. Podes achar que é compreensível; mas se me perguntares, acho que devias ter sido mais obediente em primeiro lugar, e talvez nenhuma destas coisas infelizes te viessem alguma vez a acontecer.

Mameha tinha razão. O mundo mudou bastante desde essa altura; mas quando eu era uma criança, uma rapariga que desobedecesse aos seus superiores era imediatamente colocada no seu lugar.

- Há alguns anos eu tomei duas irmãs mais novas - continuou Mameha. - Uma trabalhou muito, mas a outra desmazelou-se. Um dia eu trouxe-a aqui para o meu apartamento e expliquei-lhe que não iria mais tolerar que fizesse de mim uma idiota, mas não deu resultado. No mês seguinte mandei-a embora e disse-lhe que arranjasse outra irmã mais velha.

- Mameha-san, prometo-lhe que uma coisa dessas nunca acontecerá comigo - disse eu. - Graças a

si, sinto-me como um navio a descobrir o seu primeiro gosto do oceano. Nunca me perdoaria a mim própria se a desapontasse.

- Sim, está bem, isso é tudo muito bonito, mas eu não estou só a falar do trabalho árduo que tens de fazer. Tens que ser muito cuidadosa para não deixar que Hatsumomo te apanhe com os seus truques. E por amor de Deus, não faças nada que torne as tuas dívidas piores do que já estão. Não partas nem uma chávêna!

Prometi-lhe que não o faria; mas devo confessar que quando pensei na hipótese de Hatsumomo me voltar a pregar uma partida... bom, não tinha a certeza de que me saberia defender se ela o tentasse.

- Mais uma coisa - disse Mameha. - O que quer que tu e eu discutamos tem que ser mantido privado. Nunca debes dizer nada a Hatsumomo. Mesmo se tivermos apenas falado do tempo, compreendes? Se Hatsumomo te perguntar o que é que eu disse, debes responder-lhe: «Oh, Hatsumomo-san, Mameha-san nunca diz nada de interessante! Assim que acabo de o ouvir, desaparece-me logo da mente. É a pessoa mais aborrecida ao cimo do mundo!» Disse a Mameha que tinha compreendido.

- Hatsumomo é muito esperta - continuou ela. - Se lhe deres a mais pequena pista, ficarás surpreendida pela quantidade de coisas que ela pode descobrir sozinha.

Subitamente, Mameha inclinou-se para mim e disse numa voz zangada:

- De que é que vocês as duas estavam a falar ontem quando vos vi juntas na rua?

- De nada, minha senhora - disse eu. E embora ela continuasse a olhar para mim com ar ameaçador, fiquei tão surpreendida que não consegui dizer mais.

- Que queres dizer com nada? É melhor responderes-me, minha estúpida, ou enquanto estiveres a dormir deite-te tinta nos ouvidos!

Demorei ainda um bocado a perceber que Mameha procurava fazer uma imitação de Hatsumomo. Receio que não tenha sido uma imitação lá muito boa, mas agora que já tinha compreendido o que ela pretendia, disse:

- Sinceramente, Hatsumomo-san, Mameha-san está sempre a dizer as coisas mais aborrecidas! Nunca me consigo lembrar de uma única coisa. Derretem-se como flocos de neve. Tem a certeza de que nos viu falar ontem? Porque se chegámos a falar, não me consigo lembrar de nada...

Mameha continuou durante algum tempo com a sua fraca imitação de Hatsumomo, e no fim disse que eu tinha feito obra asseada. Eu não estava assim tão confiante quanto ela. Ser interrogada por Mameha, mesmo quando pretendia agir como Hatsumomo, não era a mesma coisa que manter a fachada diante da própria Hatsumomo.

Naqueles dois anos em que a Mãe me suspendera a ida às aulas, tinha-me esquecido de muito do que aprendera. E logo para começar, também não tinha aprendido muito, dado que andara com a cabeça ocupada noutras coisas. Foi por isso que, quando regresssei à escola depois de Mameha ter concordado em ser a minha irmã mais velha, senti sinceramente que estava a ter lições pela primeira vez. Tinha então doze anos, e era quase tão alta quanto Mameha. Ter crescido poderia parecer uma vantagem, mas garanto-vos que não era. A maioria das raparigas na escola tinham começado os seus estudos muito mais novas, e nalguns casos com a idade tradicional de três anos e três dias. Aquelas, poucas, que tinham começado assim tão novas eram normalmente as filhas das próprias gueixas, e haviam sido educadas de tal maneira que a dança e a cerimónia do chá formavam tanto parte da sua vida diária quanto o nadar no lago para mim.

Sei que já descrevi um bocadinho do que era estudar shamisen com a Professora Rato. Mas uma gueixa deve estudar muito mais artes além do shamisen. E de facto, o guei de gueixa significa «artes», por isso, a palavra «gueixa» na verdade tem o sentido de artesão ou artista. A minha primeira aula da manhã foi sobre um pequeno tambor do tipo a que chamamos tsutsumi. Podem interrogar-se porque é que uma gueixa se devia dar ao trabalho de estudar tambores, mas a resposta é muito simples. Num banquete ou qualquer outra espécie de reunião informal em Gion, uma gueixa usualmente dança nada mais nada menos que ao acompanhamento de um shamisen e talvez de uma cantora. Mas nas exposições em palco, tais como as Danças da Velha Capital em cada Primavera, seis ou mais tocadoras de shamisen juntam-se formando um conjunto, sendo acompanhadas por vários tipos de tambores e também uma flauta japonesa a que chamamos fue. Por isso, como vêm, uma gueixa deve exercitar a mão em todos estes instrumentos, mesmo que eventualmente venha a ser encorajada a especializar-se em apenas um ou dois.

Como ia dizendo, a minha primeira lição da manhã era sobre o pequeno tambor a que chamamos tsutsumi, que é tocado de joelhos tal como todos os outros instrumentos musicais que estudamos. O tsutsumi é diferente dos outros tambores porque é apoiado no ombro e tocado com a mão, ao contrário do maior, o okawa, que é apoiado na coxa, ou o tambor maior de todos, chamado taiko, que é posto de lado num suporte e tocado com grossas baquetas. Estudei-os a todos numa altura ou outra. O tambor pode parecer um instrumento que até as crianças sabem tocar, mas de facto há várias maneiras de bater em cada um deles, tais como - para o grande taiko - trazer o braço à frente do corpo e depois balançar a baqueta para trás, poder-se-ia dizer, a que nós chamamos uchikomi; ou bater com um braço enquanto se levanta o outro ao mesmo tempo, o que nós chamamos sarashi. Há também outros métodos, e cada um deles produz um som diferente, mas só depois de muita prática. Além disto, a orquestra está sempre à vista do público, pelo que aqueles movimentos têm não só que ser graciosos e atraentes, mas também de estar em uníssono com os das outras tocadoras. Metade do trabalho está em se fazer o som correcto; a outra metade em fazê-lo da maneira correcta.

Após os tambores, a minha lição matinal seguinte era de flauta japonesa, e depois disso sobre shamisen. O método para estudar todos estes instrumentos era mais ou menos o mesmo. A professora começava por tocar alguma coisa, e depois as alunas tentavam reproduzi-la. Às vezes soávamos como um bando de animais no zoo, mas não muitas, porque as professoras tinham o cuidado de começar com coisas simples. Por exemplo, na minha primeira lição de flauta, a professora tocou uma única nota e nós tentávamos, uma de cada vez, tocá-la de novo. Mesmo apesar de ser só uma nota, a professora ainda encontrava muito para corrigir.

- Fulana-de-tal, tens que manter o teu dedo pequenino para baixo, e não esticado no ar. Fulana-de-tal, será que a tua flauta cheira mal? Então porque é que franzes assim o nariz?

Era muito rígida, como a maioria das professoras, e naturalmente nós receávamos cometer erros. Não era incomum vê-la retirar a flauta a alguma pobre rapariga a fim de lhe bater com ela no ombro.

Depois dos tambores, da flauta e do shamisen, a minha aula seguinte era habitualmente de canto. No Japão, muitas vezes cantamos nas festas; e claro que é principalmente por causa das festas que os homens vêm a Gion. Mas mesmo que uma rapariga não consiga cantar uma ária e nunca venha a ser convidada para se exhibir diante de outros, deverá ainda assim estudar canto porque a ajudará a entender a dança. Isto porque as danças se fazem sobre algumas peças de música particulares, muitas vezes bailadas por uma cantora acompanhando-se a si própria com o shamisen.

Há muitos tipos de canções diversas - oh, muito mais do que eu poderia possivelmente enumerar - mas nas nossas lições estudávamos cinco tipos diferentes. Algumas eram baladas populares; outras eram longas peças do teatro Kabuki a contar uma história; outras ainda qualquer coisa como um pequeno poema musical. Não faria sentido que tentasse agora descrever essas canções. Mas deixem-me dizer-vos

que enquanto eu acho a maioria delas encantadoras, muitas vezes os estrangeiros parecem pensar que soam mais como gatos a gemer no pátio de um templo do que como música. É verdade que o canto tradicional japonês envolve uma grande quantidade de gorjeios e muitas vezes é cantado tão fundo na garganta que o som sai mais do nariz que da boca. Mas trata-se apenas de uma questão de hábito relativamente ao que ouvimos.

Em todas estas classes, a música e a dança eram apenas parte do que eu aprendia. Porque uma rapariga que domina todas as artes ainda ficará mal vista numa festa se não tiver aprendido a atitude e o comportamento adequados. É este um dos motivos porque as professoras insistem sempre nas boas maneiras e numa boa postura nas suas alunas, mesmo quando uma rapariga vai apenas a correr pelo átrio abaixo em direcção à casa de banho. Quando estamos a receber uma lição de shamisen, por exemplo, somos corrigidas por falar de alguma maneira que não seja com a linguagem mais elevada, ou por usar antes um sotaque regional em vez do de Quioto, ou por nos descontraírmos na posição do corpo, ou andarmos com passos pesados. De facto, o raspanete mais severo que uma rapariga pode receber provavelmente não será por tocar mal um instrumento ou por não conseguir decorar as letras de uma canção, mas antes por ter as unhas sujas, ou ser pouco respeitosa, ou qualquer coisa do género.

Algumas vezes, quando falei com estrangeiros sobre o meu treino, perguntavam-me: «Bom, quando é que estudaste o arranjo de flores?». A resposta é que eu nunca estudei tal coisa. Quem quer que se sente diante de um homem e comece a arranjar flores como meio de o entreter, tem hipóteses de olhar para cima e descobrir que ele pousou a cabeça sobre a mesa e adormeceu. Têm que ter em mente que uma gueixa, acima de tudo, é alguém que diverte e uma artista executante. Podemos servir saqué ou chá a um homem, mas nunca nos levantamos para ir buscar outra dose de conservas. E de facto, nós as gueixas somos tão mimadas pelas nossas criadas, que dificilmente saberemos como tomar conta de nós próprias ou manter os nossos quartos arrumados, quanto mais adornar com flores a sala de uma casa de chá.

A minha última lição da parte da manhã era sobre a cerimónia do chá. Trata-se de um tema sobre o qual já se escreveram muitos livros e por isso não entrarei em pormenores. Mas, basicamente, a cerimónia do chá é conduzida por uma ou duas pessoas que se sentam de frente para os seus convidados e preparam o chá de uma maneira muito tradicional, usando taças belíssimas e batedores de varinhas de bambu, e por aí fora. Até os convidados são parte da cerimónia porque devem pegar na taça de uma determinada maneira e beber dela de outra. Se pensam no assunto como uma reunião para tomar uma boa chávena de chá... bom, é mais como uma espécie de dança, ou mesmo uma meditação, conduzida enquanto ajoelhados. O chá em si é feito de folhas moídas até ficarem em pó e depois batidas com água fervida com a ajuda do batedor até se obter uma mistura verde com espuma a que chamamos matcha, que é muito impopular entre os estrangeiros.

Admito que pode parecer como água ensaboada verde e tem um gosto amargo a que demora algum tempo a habituarmo-nos.

A cerimónia do chá é uma parte muito importante do treino de uma gueixa. Não é raro que uma festa numa residência particular comece com uma breve cerimónia do chá. E aos convivas que vêm ver as danças sazonais em Gion, é-lhes primeiro servido um chá feito pelas gueixas.

A minha professora da cerimónia do chá era uma mulher jovem com talvez uns vinte e cinco anos, que não era uma gueixa lá muito boa, como mais tarde soube; mas era tão obcecada com a cerimónia do chá que a ensinava como se cada momento fosse absolutamente sagrado. Por causa do entusiasmo dela aprendi rapidamente a respeitar-lhe os ensinamentos, e devo dizer que era a lição perfeita para se ter no fim de uma longa manhã. A atmosfera era tão serena! Até mesmo agora, continuo a achar a cerimónia do chá tão agradável como uma boa noite de sono.

O que torna o treino de uma gueixa tão difícil não são simplesmente as artes que ela tem de aprender, mas o facto de a sua vida se tornar tão agitada. Depois de passar a manhã toda com as lições, ainda se espera que trabalhe durante as tardes e as noites muito da mesma maneira que sempre o tem feito. E ainda, não dorme mais que três a cinco horas cada noite. Durante esses anos de treino, mesmo que eu fosse duas pessoas, a minha vida seria demasiado atarefada. Teria ficado grata se a Mãe me tivesse libertado das minhas tarefas como o fizera com a Abóbora; mas tendo em conta a aposta com Mameha, não creio que alguma vez se lhe pusesse a hipótese de me ceder mais tempo para praticar. Algumas das minhas tarefas foram dadas às criadas, mas a maior parte dos dias eu era responsável por mais do que conseguia fazer, enquanto ainda por cima se esperava que praticasse shamisen durante uma hora ou mais durante a tarde. No Inverno, tanto a Abóbora quanto eu éramos obrigadas a endurecer as mãos mantendo-as em água gelada até gritarmos de dor, e depois praticávamos no exterior, no ar frígido do pátio. Sei que soa a uma terrível crueldade, mas era desta maneira que as coisas se faziam naquela altura. E de facto, endurecer as mãos assim ajudou-me de facto a tocar melhor. Sabem, o medo do palco retira toda a sensibilidade às mãos; e quando já nos habituámos a tocar com mãos dormentes e dolorosas, o medo do palco torna-se um problema muito menor.

No começo, a Abóbora e eu praticávamos shamisen juntas todas as tardes, imediatamente depois de uma lição de uma hora muito comprida dada pela Tia sobre ler e escrever. Tínhamos estudado japonês com ela desde a minha chegada, e a Tia insistia sempre no bom comportamento. Mas enquanto praticávamos o shamisen durante a tarde, a Abóbora e eu divertíamo-nos muito. Se ríamos alto a Tia ou uma das criadas aparecia para ralhar connosco; mas enquanto não fizéssemos muito barulho e dedilhássemos à toa nos nossos shamisen enquanto falávamos, podíamos safar-nos e gastar uma hora a gozar a companhia uma da outra. Era a hora do dia que eu mais ansiava que chegasse.

Então uma tarde, enquanto a Abóbora me ajudava com uma técnica para articular umas notas juntas, Hatsumomo apareceu no corredor diante de nós. Nem sequer a tínhamos ouvido chegar à okiya.

- Olhem, é a futura irmãzinha mais nova da Mameha! - disse-me ela. Acrescentou o «futura» porque Mameha e eu não seríamos irmãs oficialmente enquanto não chegasse o momento da minha iniciação como aprendiz de gueixa.

- Eu poderia chamar-te «Menininha Estúpida» - continuou ela - mas depois do que acabei de observar, acho que devo antes guardar isso para a Abóbora.

A pobre da Abóbora baixou o shamisen até ao colo tal como um cão a pôr o rabo entre as pernas.

- Fiz alguma coisa de mal? - perguntou.

Não tinha de olhar directamente para Hatsumomo para ver a cólera a florescer-lhe na cara. Fiquei cheia de medo pelo que poderia acontecer a seguir.

- Nada de nada! - disse Hatsumomo. - Eu só não me tinha apercebido de como és uma pessoa tão cuidadosa.

- Lamento, Hatsumomo - disse a Abóbora. - Estava a tentar ajudar a Chiyo a...

- Mas a Chiyo não quer a tua ajuda. Quando ela precisar de ajuda para o seu shamisen, ela vai pedir à professora. Essa tua cabeça é apenas uma cabaça?

E aqui Hatsumomo deu um beliscão tão forte no lábio da Abóbora que o shamisen lhe escorregou do colo para a passagem de madeira onde estava sentada, e dali caiu para o caminho de terra batida.

- Tu e eu temos que ter uma pequena conversa - disse-lhe Hatsumomo. - Vais guardar o teu shamisen, e eu fico aqui à espera para ter a certeza de que não fazes mais nenhuma estupidez.

Quando Hatsumomo a largou, a pobre da Abóbora desceu para apanhar o shamisen e começou a desmontá-lo. Lançou-me um olhar digno de dó, e pensei que iria acalmar. Mas de facto, o lábio começou a tremer-lhe; depois já lhe tremia a cara toda como o chão antes de um terramoto; e subitamente deixou cair as peças do shamisen na passagem de madeira e pôs a mão no lábio - que já tinha começado a inchar - enquanto as lágrimas lhe rolavam pelas bochechas. A cara de Hatsumomo adoçou-se como se o céu zangado se tivesse limpo, e virou-se para mim com um sorriso.

- Vais ter que descobrir outra amiguinha - disse-me. - Depois de a Abóbora e eu termos tido a nossa conversinha, ela vai aprender a não te dar mais uma palavra no futuro. Não é, Abóbora?

A Abóbora acenou com a cabeça, porque não tinha alternativa; mas podia ver como ela tinha pena. Nunca mais praticámos shamisen juntas.

Relatei este encontro a Mameha na vez seguinte em que a visitei no apartamento.

- Espero que tenhas levado muito a sério o que Hatsumomo te disse - falou-me ela. - Se a Abóbora não te pode dar uma palavra, tu também não lhe deves dirigir a palavra. Só lhe vais arranjar problemas. Além disso, ela vai ter que contar a Hatsumomo o que tu lhe disseres. Podes ter confiado na pobre da rapariga no passado, mas já não o podes mais fazer.

Senti-me tão triste ao ouvir isto que fiquei um grande bocado de tempo sem conseguir falar.

- Tentar sobreviver numa okiya com Hatsumomo - disse eu por fim - é como um porco a tentar sobreviver no matadouro.

Estava a pensar na Abóbora quando disse isto, mas Mameha deve ter achado que falava de mim.

- Podes estar certa - disse ela. - A tua única defesa é teres mais sucesso que Hatsumomo e correr com ela.

- Mas toda a gente diz que ela é uma das gueixas mais populares. Não consigo imaginar como poderei tornar-me mais popular do que ela é.

- Eu não disse popular. Disse ter sucesso. Ir a uma série de festas não é tudo. Eu vivo num apartamento espaçoso com duas criadas minhas, enquanto Hatsumomo - que provavelmente vai a tantas festas quanto eu - continua a viver na okiya Nitta. Quando digo ter sucesso, digo uma gueixa que conquistou a sua independência. Enquanto uma gueixa não tiver reunido a sua própria colecção de quimonos - ou não tiver sido adoptada como filha de uma okiya, o que é quase a mesma coisa - vai ficando sob o poder de alguém durante toda a sua vida. Já viste alguns dos meus quimonos, não viste? Como é que achas que os arranjei?

- Estava a pensar que talvez tivesse sido adoptada como filha de uma okiya antes de ter vindo viver neste apartamento.

- Eu vivi de facto numa okiya até há uns cinco anos. Mas a patroa tinha uma filha natural. Nunca iria adoptar outra.

- Então, se posso perguntar... comprou sozinha toda a sua colecção de quimonos?

- Quanto é que pensas que ganha uma gueixa, Chiyo! Uma colecção completa de quimonos não quer dizer dois ou três vestidos para cada uma das estações. A vida de alguns homens passa-se à volta de Gion. E ficam cansados se te vêem com a mesma coisa noite após noite.

Devo ter mostrado um ar tão intrigado quanto me sentia, porque Mameha deu uma gargalhada com a expressão da minha cara.

- Alegra-te, Chiyo-chan, há uma resposta para esta charada. O meu danna é um homem generoso e

comprou-me a maioria destas roupas. É por isso que tenho mais sucesso que Hatsumomo. Tenho um danna rico. E ela há anos que não tem nenhum.

Eu já estava em Gion há tempo suficiente para perceber um pouco o que Mameha queria dizer com danna. Este é o termo que as mulheres usam para designar os seus maridos, ou antes, era no meu tempo. Mas uma gueixa que se refere ao seu danna não está a falar de um marido. As gueixas nunca se casam. Ou pelo menos as que se casam, deixam de ser gueixas.

Sabem, às vezes depois de uma festa com gueixas, alguns homens não se sentem satisfeitos com todo o namoro e começam a ansiar por qualquer coisa mais. Alguns desses homens contentam-se em fazer o caminho até lugares como Miyagawa-cho, onde acrescentam o cheiro do seu próprio suor às casas desagradáveis que vi na noite em que encontrei a minha irmã. Outros homens arranjam coragem para se inclinar com olhos de carneiro mal-morto e murmurar à gueixa do lado uma pergunta sobre quanto poderiam ser os honordrios dela. Uma gueixa de classe-baixa pode aceitar perfeitamente uma tal combinação; provavelmente ficará feliz por receber qualquer lucro que lhe seja oferecido. Uma mulher deste tipo pode chamar-se a si própria uma gueixa e ser enlistada no Registo; mas acho que deveriam olhar a maneira como ela dança, e se toca bem o shamisen, e o que sabe sobre a cerimónia do chá antes de decidirem se ela é ou não uma gueixa a sério. Uma gueixa de verdade nunca sujará a sua reputação tornando-se disponível para um homem na base de uma única noite.

Não quero dizer que uma gueixa nunca ceda casualmente a um homem que ache atraente. Mas, que o faça ou não, é um assunto privado seu. As gueixas têm paixões como todas as outras pessoas, e cometem os mesmos erros. Uma gueixa que corre tal risco só pode esperar não ser descoberta. Seguramente que a sua reputação está em jogo; mas mais importante, também o está o seu estatuto junto do seu danna, se tiver um. Pior ainda, convida a ira da mulher que dirige a sua okiya. Uma gueixa determinada a seguir as suas paixões pode correr este risco; mas seguramente que não o fará para gastar dinheiro que pode ganhar com igual facilidade de uma maneira legítima.

Por isso, como vêem, uma gueixa de primeira ou segunda água, em Gion, não pode ser comprada para uma única noite, nem por qualquer um. Mas se o tipo certo de homem estiver interessado em mais qualquer coisa - não uma noite juntos, mas um período muito mais longo - e se estiver disposto a oferecer condições vantajosas, bom, nesse caso uma gueixa ficará feliz por aceitar um tal acordo. As festas e tudo o mais são muito bonitas; mas o dinheiro a sério, em Gion, vem de ter um danna, e uma gueixa sem um - tal como Hatsumomo - é como um gato vadio na rua sem um dono que o alimente.

Podem esperar que, no caso de uma mulher belíssima como Hatsumomo, um grande número de homens andariam ansiosos para se oferecerem como seus danna; e tenho a certeza de que muitos o fizeram. De facto, ela tivera um danna uma vez. Mas de uma maneira ou outra tinha feito zangar tanto a patroa da Mizuki, que era a sua principal casa de chá, que aos homens que se informavam passou a ser-lhes dito que ela não estava disponível - o que eles provavelmente consideravam como sendo por ela já ter um danna mesmo que não fosse verdade. Ao estragar a sua relação com a patroa, Hatsumomo não tinha ferido mais que a si própria. Como gueixa muito popular, fazia dinheiro suficiente para manter a Mãe feliz; mas como gueixa sem um danna, não ganhava dinheiro suficiente para conquistar a sua independência e sair da okiya de uma vez por todas. Nem podia simplesmente mudar o seu registo para outra casa de chá cuja patroa fosse mais obsequiosa para a ajudar a encontrar um danna; nenhuma das outras patroas queria estragar a sua relação com a Mizuki.

Claro que, uma gueixa média não está encurralada desta maneira. Em vez disso passa o seu tempo a seduzir os homens na esperança de que um deles eventualmente venha a fazer umas perguntas a seu respeito junto da patroa da casa de chá. Muitas destas inquirições não levam a lado nenhum; o homem quando investigado, pode descobrir-se que tem pouco dinheiro; ou pode ser ele a recuar quando alguém



lhe sugere que dê de prenda um quimono muito caro como gesto de boa vontade. Mas se as semanas de negociações chegam a uma conclusão feliz, a gueixa e o seu novo danná executam uma cerimónia igual à de quando duas gueixas se tornam irmãs. Na maioria dos casos este laço irá durar uns seis meses ou mais, talvez mais tempo - porque claro, os homens cansam-se tão rapidamente da mesma coisa! Os termos do acordo irão provavelmente obrigar o danná a pagar parte das dívidas da gueixa e cobrir muitas das suas despesas mensais - tais como o custo da maquilhagem e talvez uma parte das propinas das suas lições, e provavelmente também as despesas médicas. Coisas desse tipo. Apesar de todas as despesas extravagantes, ele continuará a pagar-lhe os habituais honorários à hora sempre que esteja com ela, tal como os seus outros clientes fazem. Mas também está intitulado a ter outros privilégios.

Estas seriam as disposições para uma gueixa média. Mas uma gueixa de elite, das quais provavelmente haveria umas trinta ou quarenta em Gion, esperaria muito mais. Para começar, nem sequer imaginaria manchar a sua reputação com uma série de danná, mas em vez disso poderia ter apenas um ou dois em toda a sua vida. E o seu danná irá pagar não apenas todas as suas despesas, tal como o preço do registo, das lições, e das refeições; mas mais ainda, proporcionar-lhe-á dinheiro para gastos, patrocinará festivais de dança em nome dela, e comprar-lhe-á prendas como quimonsos e jóias. E quando passa tempo com ela, não pagará o preço habitual à hora; provavelmente dará mais, como gesto de boa vontade.

Mameha era seguramente uma destas gueixas de elite; de facto, como vim a saber, era provavelmente uma das duas ou três gueixas mais conhecidas em todo o Japão. Já podem ter ouvido qualquer coisa sobre a famosa gueixa Mametsuki, que teve um caso com o primeiro ministro do Japão imediatamente antes da Primeira Grande Guerra o que causou algum escândalo. Era a irmã mais velha de Mameha - razão porque ambas tinha «Mame» nos seus nomes. É comum para uma gueixa jovem fazer derivar o seu nome do da irmã mais velha.

Ter uma irmã mais velha como Mametsuki era já o suficiente para assegurar a Mameha uma carreira com êxito. Mas nos princípios de 1920, a Repartição de Viagens do Japão começou a fazer a sua primeira campanha de publicidade. Os cartazes mostravam uma fotografia encantadora de pagodes do Templo de Toji a sudeste de Quioto, com uma cerejeira num lado e uma adorável aprendiz de gueixa no outro, parecendo muito tímida, graciosa e extraordinariamente delicada. Essa aprendiz de gueixa era Mameha.

Seria uma afirmação aquém da realidade dizer que Mameha ficou famosa. O cartaz foi exibido nas grandes cidades de todo o mundo, com as palavras «Venha Visitar a Terra do Sol Nascente» em todo o tipo de línguas estrangeiras - não apenas inglês, mas alemão, francês, russo e... oh, outras línguas de que nem sequer ouvi falar. Mameha tinha apenas dezasseis anos na altura, mas subitamente descobriu-se a ser convocada para encontrar todos os chefes de estado que vinham ao Japão, e todos os aristocratas de Inglaterra ou da Alemanha, e todos os milionários dos Estados Unidos. Serviu saque ao grande escritor alemão Thomas Mann, que depois, por intermédio de um intérprete, lhe contou uma longa e aborrecida história que continuava sem fim durante uma hora; bem como a Charlie Chaplin, e Sun-Yat-sen, e mais tarde Ernest Hemingway, que ficou muito embriagado e disse que os belos lábios vermelhos na face branca dela lhe faziam pensar em sangue na neve. Nos anos seguintes, Mameha acabou ainda mais famosa por ter produzido um número de recitais de dança muito publicitados no Teatro Kabukiza em Tóquio, normalmente frequentado pelo primeiro ministro e muitas outras luminárias.

Quando Mameha tinha anunciado a sua intenção de me tomar como sua irmã mais nova, eu não sabia nada destas coisas sobre ela, e ainda bem. Provavelmente ter-me-ia sentido tão intimidada, que não conseguiria fazer mais do que tremer na sua presença.

Mameha foi suficientemente bondosa para me mandar sentar e explicar muitas destas coisas naquele dia, no apartamento dela. Quando ficou convencida de que eu a tinha compreendido, disse:

- A seguir à tua iniciação, serás uma aprendiz de gueixa até à idade de dezoito anos. Depois disso irás precisar de um *danna* se queres pagar as tuas dívidas. Um *danna* muito substancial. A minha tarefa será garantir que por essa altura já sejas muito conhecida em Gion, mas cabe-te a ti trabalhar arduamente e tornares-te uma dançarina perfeita. Se não conseguires chegar sequer à quinta fila até à idade de dezasseis anos, nada do que eu possa fazer te ajudará, e a Sra. Nitta ficará deliciada por me ganhar a aposta.

- Mas Mameha-san - disse eu - Não compreendo o que é que a dança tem a ver com isso.

- A dança tem tudo a ver com isso - respondeu-me. - Se olhares em volta para as gueixas com mais êxito em Gion, cada uma delas é bailarina.

A dança é a mais reverenciada das artes das gueixas. Só as mais promissoras e mais belas são encorajadas a especializarem-se na dança, e nada, excepto talvez a cerimónia do chá, se pode comparar com a riqueza da sua tradição. A Escola de Dança Inoue, praticada pelas gueixas de Gion, deriva do teatro Nô. Dado que o Nô é uma arte muito antiga que tem sido sempre patronizada pela corte Imperial, as dançarinas de Gion consideram a sua arte superior à da escola de dança praticada no bairro de Pontocho do outro lado do rio, que deriva do Kabuki. Agora, sou uma grande admiradora de Kabuki, e de facto tive muita sorte em ter como amigos meus um número dos mais famosos actores de Kabuki deste século. Mas o Kabuki é uma forma de arte relativamente recente; não existia antes de 1700. E tem sempre sido gozada por pessoas vulgares mais do que patronizado pela corte Imperial. Simplesmente, não há comparação entre a dança em Pontocho e a da Escola Inoue de Gion.

Todas as aprendizas de gueixas têm que estudar dança, mas, como disse, só as mais promissoras e atraentes serão encorajadas a especializarem-se e a continuarem para virem a tornar-se verdadeiras bailarinas, em vez de tocadoras de shamisen ou cantoras. Infelizmente, o motivo porque a Abóbora, com a sua cara redonda e doce, gastava tanto do seu tempo a praticar shamisen, era porque não tinha sido seleccionada como bailarina. Quanto a mim, eu não era tão extraordinariamente bonita que não me tivessem sido dadas outras alternativas senão a dança, como a Hatsumomo. Parecia-me que me tornaria uma bailarina apenas se demonstrasse às minhas professoras que estava desejosa de trabalhar o mais que fosse necessário.

Porém, graças a Hatsumomo, as minhas lições começaram logo muito mal. A instrutora era uma mulher com cerca de cinquenta anos, conhecida entre nós como a professora Rabadilha, porque a pele dela juntava-se na garganta de tal maneira que fazia um pequeno traseiro ali mesmo debaixo do queixo. A professora Rabadilha odiava Hatsumomo tanto quanto qualquer pessoa em Gion. Hatsumomo sabia isto muito bem; e assim, o que é que pensam que ela fez? Foi ter com a professora - sei-o porque ela me revelou alguns anos mais tarde - e disse:

- Professora, permite-me que lhe peça um favor? Estou de olho numa das alunas da sua classe, que me parece ser uma rapariga muito talentosa. Ficaria extremamente grata se me pudesse dizer o que pensa dela. Chama-se Chiyo, e gosto imenso dela. Ficaria em grande dívida para consigo por qualquer ajuda especial que lhe pudesse dar.

Hatsumomo nunca mais precisou de dizer uma palavra depois disto, porque a professora Rabadilha deu-me todas as «ajudas especiais» que Hatsumomo esperara que desse. A minha dança não era má, na verdade, mas a professora Rabadilha começou logo a usar-me como exemplo de como as coisas não deveriam ser feitas. Por exemplo, lembro-me de uma manhã quando ela nos demonstrava um movimento, passando um braço diante do corpo e depois batendo com um pé no tapete. Esperava-se que todas imitássemos este movimento em uníssono; mas, porque éramos principiantes, quando acabámos e batemos com os pés no chão soou como se uma escudela carregada de sacos de feijões tivesse sido

entornada no solo, porque nem um único pé bateu no tapete ao mesmo tempo que outro. Posso garantir-vos que aqui não tinha feito pior que qualquer outra, mas a professora Rabadilha chegou-se diante de mim com aquele traseirinho debaixo do queixo a tremer, e bateu com o leque fechado contra a coxa umas poucas de vezes antes de o afastar e me bater com ele no lado da cabeça.

- Nós não batemos com o pé no chão em qualquer momento antigo - disse ela. - E nós não torcemos os nossos queixos.

Nas danças da Escola Inoue, a face tem que ser mantida completamente inexpressiva em imitação das máscaras usadas no teatro Nô. Mas no caso dela, protestar sobre o meu queixo torcido no exacto momento em que o dela tremia de cólera... bom, eu estava à beira das lágrimas porque ela me tinha batido, mas as outras alunas rebentaram a rir. A professora Rabadilha considerou-me culpada da explosão, e de castigo expulsou-me da sala.

Não posso dizer o que me teria acontecido sob os cuidados dela se, por fim, Mameha não tivesse ido ter uma conversa com ela e a ajudasse a perceber o que tinha acontecido de facto. Por muito que a professora Rabadilha odiasse Hatsumomo antes, tenho a certeza que a odiava ainda mais depois de perceber como Hatsumomo a tinha enganado. Fico contente por dizer que ela se sentiu tão mal quanto ao modo como me tinha tratado que em breve me tornei uma das suas alunas preferidas.

Não digo que teria um talento natural de algum tipo em particular, na dança ou outra coisa qualquer; mas estava certamente tão determinada como qualquer outra para trabalhar obcecadamente até atingir o meu objectivo. Desde que tinha encontrado o Director na rua, naquele dia da Primavera passada, não tinha desejado nada mais do que a oportunidade de me tornar uma gueixa e descobrir um lugar para mim no mundo. Agora que Mameha me tinha dado essa oportunidade, tinha intenção de alcançar o êxito. Mas com todas as minhas lições e tarefas, e com as minhas elevadas expectativas, senti-me completamente soterrada durante os meus primeiros seis meses de treino. Então, depois disso, comecei a descobrir pequenos truques para fazer tudo correr mais facilmente. Por exemplo, descobri uma maneira de estudar o shamisen enquanto fazia recados. Era assim, praticava uma canção na minha cabeça enquanto visualizava claramente como a minha mão esquerda se deveria mover sobre o braço, e como a palheta deveria bater na corda. Desta maneira, quando punha o instrumento real no colo, às vezes conseguia tocar uma canção bastante bem, mesmo que só tivesse tentado tocá-la apenas uma vez. Algumas pessoas pensavam que eu a tinha aprendido sem praticar, mas de facto, eu tinha-a praticado pelas ruelas de Gion acima e abaixo.

Usei um truque diferente para aprender as baladas e outras cantigas que estudávamos na escola. Desde a infância que tinha sido sempre capaz de ouvir uma peça de música uma vez, e lembrar-me dela bastante bem no dia seguinte. Não sei como, era qualquer coisa de especial na minha cabeça, acho eu. Por isso, deu-me para escrever as palavras num bocado de papel antes de me ir deitar. Depois, quando acordava, enquanto a minha mente estava ainda macia e impressionável, lia a página antes mesmo de me mexer no futon. Em princípio, isto era o suficiente, mas com a música que era mais difícil, usava um truque para inventar imagens que me recordassem da melodia. Por exemplo, um ramo a cair de uma árvore poderia fazer-me pensar no som de um tambor, ou um regato a correr sobre uma rocha podia fazer-me lembrar o dobrar uma corda no shamisen para fazer a nota subir de tom; e eu poderia imaginar a canção como uma espécie de passeio através de uma paisagem.

Mas claro que, o maior desafio de todos, e o mais importante para mim, era a dança. Durante meses tentei recorrer aos mais variados truques que tinha descoberto, mas eram de pouca ajuda. Então, um dia, a Tia ficou furiosa quando eu entornei chá sobre uma revista que ela estava a ler. A coisa mais estranha foi que eu tinha estado cheia de pensamentos amáveis em relação a ela no exacto momento em que se virou contra mim. Senti-me terrivelmente triste depois, e dei comigo a pensar na minha irmã, que

estaria algures no Japão sem mim; e na minha mãe, que eu agora esperava que estivesse em paz no paraíso; e no meu pai, que tinha sido tão rápido em vender-nos e viver o resto da sua vida sozinho. Enquanto estes pensamentos corriam pela minha cabeça, o meu corpo começou a ficar pesado. Por isso subi as escadas e fui para o quarto onde a Abóbora e eu dormíamos - porque a Mãe me tinha mudado para lá depois de Mameha ter visitado a nossa okiya. Em vez de me deitar sobre os tapetes do tatami a chorar, movi o meu braço numa espécie de movimento de varrer à frente do peito. Não sei porque o fiz; era um movimento de uma dança que tinha estudado naquela manhã, que me parecia a mim muito triste. Ao mesmo tempo pensei no Director e como a minha vida seria tão melhor se eu pudesse confiar num homem como ele. Enquanto observava o meu braço a varrer através do ar, a doçura daquele movimento parecia-me exprimir os sentimentos de tristeza e desejo. O meu braço passou através do ar com uma grande dignidade de movimento - não como uma folha a flutuar de uma árvore, mas como um navio dos oceanos a deslizar pela água. Calculo que por «dignidade» eu quisesse dizer uma espécie de autoconfiança, ou seguramente, de um tipo para a qual nem uma pequena brisa de vento nem o chapinhar de uma onda iriam fazer qualquer diferença.

O que eu descobri nessa tarde foi que, quando o meu corpo se sente pesado, me podia mover com grande dignidade. E se eu imaginasse o Director a observar-me, o meu gesto adquiria uma tal expressão de sentimento profundo que às vezes cada movimento de uma dança significava uma qualquer pequena interacção com ele. Dar uma volta com a cabeça ligeiramente inclinada num determinado ângulo poderia representar a pergunta: «Onde poderemos passar o nosso dia juntos, Director?» Estendendo o braço e abrindo o meu leque dobrado dizia quão grata eu me sentia por ele me ter honrado com a sua presença. E quando eu estalava o leque para se fechar mais tarde na dança, isso era quando eu lhe dizia que nada na vida me importava mais do que agradar-lhe.

Durante a Primavera de 1934, depois de estar em treinos por mais de dois anos, Hatsumomo e a Mãe decidiram que tinha chegado o momento de a Abóbora fazer a sua iniciação como aprendiz de gueixa. Claro que ninguém me tinha dito nada sobre o assunto, dado que a Abóbora tinha ordens para não falar comigo, e Hatsumomo e a Mãe não perderiam tempo sequer a considerar tal coisa. Só o descobri quando a Abóbora deixou a okiya cedo numa tarde e regressou ao fim do dia usando o penteado de uma jovem gueixa - o então chamado momoware, querendo dizer «pêssego partido». Quando a vi pela primeira vez assim que ela pôs o pé no átrio de entrada, fiquei doente de desapontamento e inveja. Os olhos dela não cruzaram os meus por mais do que o fragmento de um instante; provavelmente não podia impedir-se de pensar no efeito que a iniciação dela iria ter sobre mim. Com o cabelo assim puxado para trás das têmporas numa órbita tão bela, em vez de amarrado no pescoço como sempre o usara, parecia-se muito com uma jovem mulher, embora ainda tivesse a mesma cara de bebé. Durante anos ela e eu tínhamos invejado as raparigas mais velhas que usavam o cabelo de maneira tão elegante. Agora a Abóbora iria começar a demarcar-se como gueixa enquanto eu ficava para trás, incapacitada até de lhe fazer perguntas sobre a sua nova vida.

Depois chegou o dia em que pela primeira vez a Abóbora se vestiu como aprendiz de gueixa e foi com Hatsumomo até à casa de chá Mizuki para a cerimónia que as ligaria como irmãs. A Mãe e a Tia foram, embora eu não estivesse incluída. Mas fiquei junto a elas no átrio da entrada principal até que a Abóbora desceu as escadas acompanhada pelas criadas. Trajava um quimono magnífico, preto com a bainha da okiya Nitta e um obi cor de ameixa e ouro; a cara dela fora pintada de branco pela primeira vez. Poderiam esperar que, com os ornamentos no cabelo e o vermelho brilhante nos lábios, ela tivesse um aspecto orgulhoso e adorável; mas achei que parecia mais aborrecida que outra coisa qualquer. Tinha grande dificuldade em andar; as insígnias de uma aprendiz de gueixa são muito incómodas. A Mãe pôs uma câmara nas mãos da Tia e disse-lhe para sair e fotografar a Abóbora no momento em que, pela primeira vez, fizessem faiscar a pederneira para as costas dela, para lhe dar sorte. O resto de nós ficámos

amontoadas dentro do átrio de entrada, fora das vistas. As criadas seguravam os braços da Abóbora enquanto ela enfiava os pés nos altos sapatos de madeira, que uma aprendiz de gueixa sempre usa a que chamamos okobo. Depois a Mãe foi pôr-se ao lado da Abóbora em pose, como se estivesse na eminência de fazer faiscar a pederneira, mesmo que, na realidade, fosse sempre a Tia ou uma das criadas a realizar tal tarefa. Quando por fim a fotografia foi tirada, a Abóbora tropeçou durante alguns passos afastando-se da porta e virou-se para olhar para trás. As outras estavam a caminho para a acompanharem, mas foi para mim que ela olhou, com uma expressão que parecia dizer que lamentava imenso a maneira como as coisas tinham corrido.

Pelo fim desse dia, a Abóbora era oficialmente conhecida pelo seu novo nome de gueixa de Hatsumiyo. O «Hatsu» vinha de Hatsumomo, e mesmo que o facto de ter um nome derivado de uma gueixa tão conhecida como Hatsumomo tivesse ajudado a Abóbora, no fim não funcionou assim. Sabem que muito poucas pessoas alguma vez souberam o seu nome de gueixa; todos apenas lhe chamavam Abóbora como nós sempre o tínhamos feito.

\* \* \*

Eu estava muito ansiosa para contar a Mameha sobre a iniciação da Abóbora. Mas ultimamente ela tinha andado muito mais ocupada que o costume, a viajar com frequência até Tóquio a pedido do seu danna, com o resultado de que nós há quase seis meses que não nos víamos. Algumas semanas mais passaram antes que por fim ela tivesse tempo para me convocar para ir ao seu apartamento. Quando entrei, a criada arfou em sobressalto; e a seguir, um momento mais tarde, a própria Mameha vinda do quarto dos fundos também deixou sair uma exclamação de surpresa. Eu não conseguia imaginar o que se passava. E depois quando me ajoelhei para fazer a vénia a Mameha e lhe dizer como estava honrada por vê-la de novo, não me ligou nenhuma.

- Meu Deus, passou assim tanto tempo, Tatsumi? - disse para a criada. - Eu quase não a reconheci.

- Fico contente por ouvi-la dizer isso, Minha Senhora - respondeu Tatsumi. - Pensei que me tinha acontecido qualquer coisa aos olhos.

Na altura, seguramente que me perguntei de que é que elas estavam a falar. Mas era evidente que, durante os seis meses desde que as tinha visto pela última vez, eu tinha mudado mais do que pensava. Mameha disse-me para virar a cabeça de um lado, depois do outro, e continuava a repetir sem fim, «Meu Deus, ela transformou-se numa mulherzinha!» A dado momento, Tatsumi até me fez levantar e abrir os braços a fim de que pudesse medir-me a cintura e as ancas com as mãos, e depois disse-me, «Bom, não há dúvida de que um quimono encaixará no teu corpo como uma meia num pé.» Tenho a certeza de que a intenção dela era fazer um elogio, porque tinha uma expressão bondosa na cara quando o disse.

Por fim Mameha, pediu a Tatsumi para me levar para o quarto dos fundos e me vestir um quimono a preceito. Eu tinha chegado com vestido de algodão azul e branco que usara nessa manhã para ir às aulas na escola, mas Tatsumi mudou-me para um quimono de seda azul escura com um desenho de pequenas rodinhas de carruagem em tons de amarelo e vermelho vivos. Não era o quimono mais belo que alguma vez se vira, mas quando olhei para mim no espelho de corpo inteiro enquanto Tatsumi estava a tentar colocar no lugar o obi verde à volta da minha cintura, descobri que, à excepção do meu penteado simples, poderia ser tomada por uma jovem aprendiz de gueixa a caminho de uma festa. Senti-me bastante orgulhosa quando saí do quarto, e pensei que Mameha iria lançar outra exclamação de admiração, ou qualquer coisa parecida. Mas ela limitou-se a pôr-se de pé, enfiar um lenço na manga e ir directamente para a porta, onde enfiou os pés num par de zori lacados de verde. Olhou por cima do ombro em direcção a mim.

- Bom? - disse. - Então não vens?

Não fazia ideia onde é que íamos, mas estava entusiasmada com a ideia de ser vista na rua junto com Mameha. A criada tinha tirado um par de zori lacados para mim, de um cinza claro. Calcei-os e segui Mameha pelo túnel escuro da escada. Assim que pusemos o pé na rua, uma mulher velha abrandou para fazer a vénia a Mameha e depois, com quase o mesmo movimento, virou-se para me fazer a vénia a mim. Eu mal sabia o que pensar disto, porque muito raramente alguém dava por mim na rua. A luz brilhante do Sol tinha-me cegado tanto, que não conseguia perceber se a mulher me conhecia ou não. Mas fiz uma vénia em resposta, e num momento ela desapareceu. Pensei que provavelmente seria uma das nossas professoras, mas depois, um instante mais tarde, a mesma coisa aconteceu de novo - desta vez com uma jovem gueixa que eu admirara muitas vezes, mas que nunca se dignara alguma vez lançar sequer uma olhadela na minha direcção.

Fizemos o nosso caminho rua acima com quase todas as pessoas que nos cruzavam a trocaram breves palavras com Mameha, ou pelo menos a fazerem-lhe vénias, e depois a fazerem-me um pequeno aceno com a cabeça, ou também uma vénia. Por várias vezes parei para retribuir a vénia, com o resultado de ficar um passo ou dois atrás de Mameha. Ela viu as dificuldades que eu estava a ter, e levou-me para uma ruela sossegada para me mostrar a maneira correcta de andar. O meu problema, explicou-me ela, era que eu não tinha aprendido a movimentar a parte superior do corpo independentemente da parte de baixo. Quando precisava de fazer uma vénia a alguém, parava os pés. «Abrandar os pés é uma maneira de mostrar respeito» disse ela. «Quanto mais te atrasares, maior o respeito. Podes parar completamente para fazer uma vénia a uma das tuas professoras, mas para qualquer outra pessoa, por amor de Deus, não abrandes mais do que o necessário, ou nunca chegarás a lado nenhum. Caminha com um passo constante quando puderes, a dar passinhos pequenos para manter a bainha do teu quimono a flutuar. Quando uma mulher anda, deveria dar a ideia de ondas a formarem-se sobre uma superfície de areia.»

Ruela acima e abaixo, pratiquei aquela maneira de andar que Mameha me ensinou, olhando para os pés a ver se o meu quimono flutuava como deveria. Quando Mameha se mostrou satisfeita, partimos outra vez.

A maioria dos nossos cumprimentos, como descobri, caíam num ou dois padrões simples. As jovens gueixas, quando as cruzávamos, normalmente abrandavam o passo ou até mesmo paravam para fazer a Mameha uma vénia profunda, Mameha respondia com uma ou duas palavras amáveis e um pequeno aceno de cabeça; depois a jovem gueixa lançar-me-ia uma espécie de olhar intrigado e uma vénia incerta, a que eu respondia com muito mais profundidade - porque eu era inferior a todas as mulheres que encontrámos. Porém, quando passávamos por uma mulher de meia idade ou mais velha, Mameha quase sempre era a primeira a fazer a vénia; depois a mulher devolvia uma vénia respeitosa, mas não tão profunda quanto a de Mameha, e depois olhava-me de alto a baixo antes de me fazer um pequeno aceno de cabeça. Eu correspondia sempre a estes acenos com as vénias mais profundas que conseguia fazer enquanto mantinha os pés em movimento.

Naquela tarde contei a Mameha sobre o debute da Abóbora; e durante os meses seguintes esperei que ela me dissesse que também havia chegado o tempo para dar início à minha aprendizagem. Em vez disso, passou a Primavera e também o Verão sem que ela me dissesse nada sobre o assunto. Em contraste com a vida excitante que a Abóbora agora levava, eu tinha apenas as minhas lições e as tarefas do costume, além dos quinze a vinte minutos que Mameha gastava comigo durante as tardes, várias vezes por semana. Às vezes ficava sentada no apartamento dela enquanto me ensinava qualquer coisa que eu precisava de saber; mas na maioria das vezes, vestia-me um dos seus quimonos e passeava-me por Gion enquanto fazia recados ou visitava a cartomante, ou o fabricante de perucas. Mesmo quando chovia e ela não tinha recados a fazer, passeávamos sob sombrinhas Tacadas, fazendo o nosso caminho de loja em

loja para verificar quando chegaria um novo carregamento de perfume de Itália, ou se a reparação de um certo quimono estava terminada, embora só lho tivessem prometido como pronto na semana seguinte.

A princípio pensei que talvez Mameha me levasse consigo para me poder ensinar coisas como uma postura adequada - porque me batia constantemente com o leque fechado nas costas para mas fazer endireitar - ou como me comportar relativamente às pessoas. Mameha parecia conhecer toda a gente, e fazia sempre questão em sorrir ou dizer qualquer coisa de amável, mesmo às criadas mais novinhas, porque compreendia bem que devia a sua posição elevada às pessoas que tinham consideração por ela. Mas então, um dia quando íamos a sair de uma livraria, apercebi-me de repente do que ela estava de facto a fazer. Não tinha qualquer interesse particular em ir à livraria, ou ao fabricante de perucas, ou ao de papel. Os recados não eram particularmente importantes; e além disso, podia sempre enviar uma das suas criadas em vez de ir ela própria. Fazia estes recados só para que as pessoas de Gion nos vissem juntas a passear pelas ruas. Ela estava a demorar a minha iniciação para dar tempo a que toda a gente reparasse em mim.

Numa solarenga tarde de Outubro saímos do apartamento de Mameha e dirigimo-nos ribeiro abaixo ao longo da margem do Shirakawa, a observar as folhas das cerejeiras a flutuarem até às águas.

Um grande número de outras pessoas andavam por ali a passear exactamente pelo mesmo motivo, e como poderiam esperar, todos cumprimentavam Mameha. Em quase todos os casos, ao mesmo tempo que a cumprimentavam, cumprimentavam-me a mim.

- Já estás a começar a ficar bastante conhecida, não achas? - perguntou-me ela.

- Acho que a maioria das pessoas até cumprimentaria um carneiro, se andasse a passear ao lado de Mameha-san.

- Especialmente um carneiro - disse ela. - Isso seria muito invulgar. Mas de facto, ouço uma grande quantidade de pessoas a fazer perguntas sobre a rapariga com os adoráveis olhos cinzentos. Eles não sabem ainda o teu nome, mas isso não faz diferença. De, qualquer maneira não serás chamada de Chiyo por muito mais tempo.

- Quer Mameha-san dizer...

- Quero dizer que estive a falar com Waza-san - este era o nome do cartomante dela - e ele sugeriu-me o terceiro dia de Novembro como o tempo apropriado para a tua iniciação.

Mameha parou para me observar enquanto eu ficava ali espedada como uma árvore e com os olhos do tamanho de bolachas de arroz. Não gritei de alegria, nem bati palmas, mas estava tão contente que não podia falar. Por fim fiz uma vénia a Mameha e agradeci-lhe.

- Tu vais dar uma bela gueixa - disse-me ela - mas darás uma ainda melhor se puseres algum cuidado no tipo de afirmações que fazes com os teus olhos.

- Nunca tive consciência de que fazia quaisquer afirmações com os olhos - disse eu.

- São a parte mais expressiva do corpo de uma mulher, especialmente no teu caso. Fica aqui um momento que eu mostro-te.

Mameha passou a curva, deixando-me sossegada na ruela. Um momento mais tarde ela saiu a andar passando por mim e com os olhos virados para um lado. Eu tinha a impressão que ela sentia medo do que poderia acontecer se olhasse na minha direcção.

- Agora, se tu fosses um homem - disse - o que é que pensarias?

- Pensaria que estava a concentrar-se tanto para evitar encontrar-me que não conseguia pensar em mais nada.

- Não seria possível que eu estivesse apenas a olhar para as goteiras ao longo da base das casas?

- Mesmo que estivesse, pensei que estava a evitar olhar-me.

- É exactamente isso que eu quero dizer. Uma rapariga com um perfil espantoso nunca dará acidentalmente a um homem uma mensagem errada. Mas os homens vão reparar nos teus olhos, e imaginar que estás a enviar mensagens com eles mesmo que não estejas. Agora observa-me outra vez.

Mameha voltou de novo para lá da curva, e desta vez regressou com os olhos no chão, andando de uma maneira particularmente sonhadora. Depois, à medida que se ia aproximando de mim, levantou os olhos para encontrar os meus apenas por um instante, e muito rapidamente desviou-os outra vez. Devo dizer que senti um choque eléctrico; se eu tivesse sido um homem, teria pensado que muito brevemente ela cedera a sentimentos muito fortes que lutava para esconder.

- Se eu posso dizer coisas como estas com olhos vulgares como os meus - disse-me ela - imagina quanto mais tu não poderás dizer com os teus. Não me surpreenderia que fosses capaz de fazer um homem desmaiar redondo no meio da rua.

- Mameha-san! - disse eu. - Se eu tivesse o poder de fazer um homem desmaiar, tenho a certeza de que até agora já teria dado por isso.

- Fico muito surpreendida por não teres dado por isso. Concordemos, então, que estarás pronta para fazer a tua entrada na sociedade assim que fizeres parar um homem na rua só por lhe bateres as pestanas a olhar para ele.

Estava tão ansiosa para fazer a minha iniciação que mesmo que Mameha me tivesse desafiado para obrigar uma árvore a cair apenas por olhar para ela, tenho a certeza de que teria tentado. Perguntei-lhe se ela seria suficientemente amável para passear comigo enquanto eu fazia a experiência com alguns homens, e ela ficou contente por aceitar. O meu primeiro encontro foi com um homem tão velho que, de facto, parecia um quimono cheio de ossos. Fazia o seu caminho lentamente rua acima com a ajuda de uma bengala, e os óculos estavam tão sujos com gordura que não me teria surpreendido se tivesse embicado direito à esquina de um edifício. Nem sequer reparou em mim; por isso continuámos em direcção à Avenida Shijo. Em breve vi dois homens de negócios com fatos à ocidental, mas não tive mais sorte com eles. Penso que reconheceram Mameha, ou talvez simplesmente tivessem pensado que ela era mais bonita do que eu, porque, de qualquer modo, nunca tiraram os olhos dela.

Estava quase a desistir quando vi um rapazinho de entregas talvez com uns vinte anos, levando uma travessa carregada de caixas de almoço. Naqueles tempos, um número de restaurantes à volta de Gion fazia entregas e enviava um rapaz durante a tarde para recolher as caixas vazias. Normalmente eram empilhadas numa grade de madeira que tanto era levada à mão como amarrada a uma bicicleta; não sei porque é que este jovem usava uma bandeja. De qualquer maneira, estava a meio quarteirão de distância, a caminhar na minha direcção. Podia ver que Mameha olhava directamente para ele, e depois disse:

- Faz com que ele deixe cair a travessa.

Antes que eu pudesse decidir-me se estava a brincar, ela virou para uma rua lateral e desapareceu.

Não acredito que seja possível a uma rapariga de catorze anos - ou a uma mulher de qualquer idade - fazer um jovem deixar cair qualquer coisa só por se olhar para ele de uma determinada maneira; calculo que essas coisas podem acontecer nos filmes e nos livros. Eu teria desistido mesmo antes de tentar, se não tivesse reparado em duas coisas. Primeiro, o jovem estava já a olhar para mim como um gato esfomeado olha para um rato; e segundo, a maioria das ruas em Gion não tinham beirado nos passeios, mas esta sim, e o rapaz das entregas caminhava perto dele. Se eu o pudesse encurralar de



maneira a que tivesse que subir para o passeio e tropeçar no beiral, ele poderia deixar cair a bandeja. Comecei por manter o meu olhar no chão diante de mim, e depois tentei fazer exactamente a mesma coisa que Mameha me fizera uns minutos antes. Deixei os olhos erguerem-se até se encontrarem com os do jovem durante um instante e depois rapidamente desviei o olhar. Após mais alguns passos, fiz outra vez a mesma coisa. Por esta altura, ele estava a olhar-me com tal intensidade que provavelmente se tinha esquecido da travessa no braço, quanto mais do beiral junto aos pés. Quando já estávamos muito próximos, desviei o meu caminho tão ligeiramente para o começar a entalar, de modo que não fosse capaz de me cruzar sem passar por cima do beiral para o passeio, e depois olhei-o directamente nos olhos. Ele estava a tentar desviar-se do meu caminho; e tal como eu esperara, os pés emaranharam-se-lhe no beirado, e ele caiu para um lado espalhando as caixas dos almoços no passeio. Bom, eu não pude impedir-me de rir! E fico feliz por dizê-lo que o jovem também começou a rir. Ajudei-o a apanhar as caixas, dei-lhe um pequeno sorriso antes de ele me fazer a vénia mais profunda que algum homem alguma vez me fizera, e seguiu o seu caminho.

Encontrei-me com Mameha um momento mais tarde, que tinha observado tudo.

- Acho que agora talvez já estejas tão pronta quanto te seja preciso ficar - disse ela. E com isto, guiou-me pela avenida principal até ao apartamento de Waza-san, o seu adivinho, e pô-lo a trabalhar para descobrir datas auspiciosas para todos os variados acontecimentos que iriam conduzir à minha iniciação - tais como ir ao templo anunciar as minhas intenções aos deuses, ter o meu cabelo arranjado pela primeira vez e executar a cerimónia que nos tornaria irmãs, Mameha e eu.

\* \* \*

Não dormi durante toda essa noite. O que eu tinha desejado durante tanto tempo estava finalmente a começar a acontecer, e oh, como o estômago me dava voltas! A ideia de me vestir com roupas maravilhosas que eu admirava, e de me apresentar a uma sala cheia de homens era o suficiente para me fazer as palmas das mãos brilhar com suor. De cada vez que pensava no assunto, sentia o nervosismo mais delicioso que me fazia vibrar dos joelhos até ao peito. Imaginava-me dentro de uma casa de chá, a fazer deslizar a porta abrindo-a para uma sala de tatami. Os homens viravam as cabeças para me olharem; e claro, eu via ali o Director no meio deles. Às vezes imaginava-o sozinho na sala, a usar não um fato de negócios à ocidental, mas a vestimenta japonesa que tantos homens trajavam à noite para se descontraírem. Nos seus dedos, macios como balsa, segurava uma taça de saqué; mais do que tudo no mundo, queria encher-lha até à borda e sentir os olhos dele sobre mim enquanto o fazia.

Eu poderia não ter mais que catorze anos, mas parecia-me que já tinha vivido duas vidas. A minha nova vida estava ainda a começar, embora a minha vida velha já tivesse acabado há algum tempo. Vários anos tinham passado desde que recebera as tristes notícias sobre a minha família, e era espantoso para mim como a minha paisagem mental mudara tão completamente. Todos sabemos que um cenário de Inverno, embora possa estar coberto num dia, até com as árvores vestidas com xales de neve, ficará irreconhecível na Primavera seguinte. Porém, eu não imaginava que uma coisa semelhante pudesse acontecer dentro de nós próprios. Quando primeiro soube das notícias da minha família, foi como se tivesse ficado coberta por um cobertor de neve. Mas com o tempo a frialdade terrível tinha-se derretido para revelar uma paisagem que eu nunca antes conhecera, ou sequer imaginara. Não sei se isto vos fará sentido, mas a minha mente na véspera da minha iniciação era como um jardim em que as faces das flores apenas começaram a espreitar fora do chão, pelo que ainda é impossível dizer como as coisas irão parecer. Estava cheia até à borda de excitação; e neste meu jardim mental havia uma estátua, precisamente no centro. Era a imagem da gueixa que eu queria vir a ser.

\*

Já ouvi dizer que a semana em que uma jovem rapariga se prepara para a sua entrada na sociedade como aprendiz de gueixa é como quando uma lagarta se transforma em borboleta. É uma ideia encantadora; mas pela minha vida não consigo imaginar porque é que alguém alguma vez pensou em tal coisa. Uma lagarta tem apenas que tecer o seu casulo e dormir por um momento; enquanto no meu caso, tenho a certeza de que nunca tive uma semana tão cansativa. O primeiro passo foi ir arranjar o cabelo à maneira de uma aprendiz de gueixa, no estilo de «pêssego partido», que já referi. Gion tinha um grande número de cabeleiros naqueles tempos; o de Mameha trabalhava numa sala terrivelmente cheia por cima de um restaurante de enguias. Tive que passar quase duas horas à espera da minha vez com seis ou oito gueixas de joelhos aqui e ali, mesmo fora, no patamar do poço da escada. E lamento dizer que o cheiro a cabelo sujo era acabrunhante. Os penteados elaborados que as gueixas usavam naquela altura exigiam tanto esforço e dinheiro que ninguém ia ao cabeleiro mais do que uma vez por semana ou coisa assim; pelo fim desse período, até os perfumes que se punham no cabelo não ajudavam muito.

Quando por fim chegou o meu turno, a primeira coisa que o cabeleiro fez foi pôr-me sobre uma grande selha numa posição que me levou a interrogar-me se me iria cortar a cabeça. Depois deitou-me um balde de água quente sobre o cabelo e começou a esfregá-lo com sabão. De facto, «esfregar» não é uma palavra suficientemente forte, porque o que ele fez ao meu escalpe com os dedos era mais o que um trabalhador faz a um campo usando um ancinho. Olhando agora para o facto, percebo porquê. A caspa é um grande problema das gueixas, e muito poucas coisas são menos atraentes e fazem o cabelo parecer mais sujo. O cabeleiro poderia ter os melhores motivos, mas depois de uns momentos o meu escalpe sentia-se tão em carne viva que eu estava quase a chorar de dor. Por fim disse-me: «Vá lá, chora se tiver que ser. Porque é que pensas que te ponho em cima de uma selha?!»

Calculo que isto fosse a ideia dele quanto a uma piada inteligente, porque depois de o dizer riu-se muito alto.

Quando ficou cansado de raspar as unhas no meu couro cabeludo, sentou-me nos tapetes para um lado e arrastou-me um pente de madeira através do cabelo até que os músculos da cabeça me ficaram a doer de contrariar a força dele. Por fim, deu-se por satisfeito por achar que os nós tinham desaparecido, e então encheu-me o cabelo com óleo de camélia, que lhe deu um brilho encantador. Estava a começar a achar que o pior tinha acabado; mas depois ele pegou numa barra de cera. E devo dizer-vos que mesmo com o óleo de camélia a servir de lubrificante e um ferro quente para tornar a cera mole, o cabelo e a cera nunca foram inventados para andarem juntos. Diz muito sobre quão civilizados somos nós os seres humanos, que uma rapariguinha possa de boa vontade sentar-se e permitir que um homem adulto lhe penteie cera pelo cabelo abaixo sem fazer nada mais do que gemer baixinho para si própria. Se tentassem coisa semelhante com um cão, ter-vos-ia mordido tanto que seria possível verem através das vossas mãos.

Quando o meu cabelo já estava encerado por igual, o cabeleiro varreu a franja para trás e apanhou o resto para cima fazendo um enorme nó como uma almofada de alfinetes no topo da cabeça. Quando vista de trás, esta almofada tem uma racha ao meio, como se estivesse dividida em duas, o que dá ao penteado o nome de «pêssego partido».

Embora eu tivesse usado aquele penteado de pêssego partido durante uma série de anos, há uma coisa acerca dele que nunca me ocorreu senão muito mais tarde, quando um homem mo explicou. O nó - a que eu chamei «almofada» - é formado enrolando o cabelo à volta de um bocado de tecido. Na parte de trás o nó divide-se, e o tecido fica à vista; pode ser de qualquer padrão ou cor, mas no caso de uma aprendiz de gueixa - depois de um certo ponto na sua vida, pelo menos - é sempre de seda vermelha. Uma noite um homem disse-me:

- A maioria destas inocentes rapariguinhas não fazem ideia de como o penteado de pêssego

partido é, na verdade, provocador! Imaginem que vão a andar atrás de uma jovem gueixa, a pensar todo o tipo de pensamentos maldosos sobre o que lhe gostariam de fazer, e depois vê-se-lhe na cabeça esta forma de pêssego partido, com uma enorme mancha de vermelho dentro da racha... E em que é que vos faz pensar?

Bom, eu não pensava em nada de especial, e disse-lho.

- Não estás a usar a tua imaginação! - respondeu-me.

Um momento depois lá compreendi, e fiquei tão vermelha que ele se riu de mim.

\* \* \*

No caminho de regresso à okiya, já não me importava que o meu pobre couro cabeludo se sentisse da maneira que o barro se deve sentir depois de o oleiro o ter espicaçado com um pau afiado. De cada vez que apanhava um vislumbre de mim no vidro de uma loja, sentia-me como alguém a ser levado a sério; não mais uma rapariga, mas uma mulherzinha. Quando cheguei à okiya, a Tia obrigou-me a fazer uma passagem de modelos para mostrar o meu cabelo e disse todo o tipo de coisas amáveis. Até a Abóbora não conseguiu resistir em dar uma volta de admiração em torno de mim - embora Hatsumomo tivesse ficado zangada se soubesse. E como calculam que foi a reacção da Mãe? Pôs-se em bicos de pés para ver melhor - o que não a ajudou muito, porque eu já era mais alta do que ela - e depois resmungou que provavelmente eu deveria ter ido ao cabeleireiro de Hatsumomo em vez de ir ao de Mameha.

Toda a jovem gueixa a princípio pode ficar orgulhosa do seu penteado, mas fica a odiá-lo dentro de três a quatro dias. Porque, sabem, se uma rapariga chega a casa exausta do cabeleireiro e pousa a cabeça numa almofada para uma soneca tal como o fez na noite anterior, o seu cabelo ficará amachucado e perderá a forma. No momento em que acorda, terá que ir outra vez direita ao cabeleireiro. Por este motivo, uma jovem aprendiz de gueixa tem que inventar uma nova maneira de dormir depois de o seu cabelo ter sido penteado pela primeira vez. Deixa de ter uma almofada vulgar, e passa a usar uma takamakura - de que já falei antes. Não é tanto uma almofada mas antes uma espécie de berço para a base do pescoço. Muitas são almofadadas com um saco de barbas de milho, mas mesmo assim não é muito melhor do que pousar o pescoço numa pedra. Ficamos ali deitadas no nosso futon com o cabelo suspenso no ar, pensando que tudo está bem até que adormecemos; mas quando acordamos, descobrimos que nos mexemos de alguma maneira e que a cabeça nos pousou nos tapetes, e o penteado acaba tão chato como se não nos tivéssemos preocupado em usar senão uma almofada alta em primeiro lugar. No meu caso, a Tia ajudou-me a evitar isto pondo uma travessa de farinha de arroz nos tapetes por debaixo do meu cabelo. Sempre que a minha cabeça caía para trás enquanto eu dormia, o cabelo afundava-se-me na farinha de arroz, que se colava à cera e arruinava o penteado. Já observara a Abóbora passar pelo mesmo tormento. Agora era a minha vez. Durante algum tempo acordei todas as manhãs com o cabelo arruinado e tinha que ir para a fila do cabeleireiro esperar a minha vez de ser torturada.

Cada tarde, durante a semana que conduzia ao meu debute, a Tia vestia-me com todas as insígnias de uma aprendiz de gueixa e fazia-me andar para cima e para baixo no corredor de terra batida da okiya para me aumentar a resistência. No princípio quase não conseguia andar de todo, e preocupava-me que pudesse cair para trás. Sabem que as jovens raparigas se vestem de maneira muito mais ornamentada do que as mulheres mais velhas, o que significa cores mais vivas e padrões mais berrantes, mas também têm um obi mais comprido. Uma mulher madura usará o obi atado atrás de uma maneira que chamamos o «nó do tambor», porque faz a forma de uma caixinha arrumada; isto não exige muito tecido. Mas uma rapariga mais nova do que os vinte anos mais ou menos, usa o obi de uma maneira mais exibicionista. No caso de uma aprendiz de gueixa, isto significa a maneira mais dramática de todas, um darari-obi - um «obi pendente» - atado praticamente tão alto quanto as omoplatas, e com três pontas penduradas quase até ao

chão. Não interessa quão berrante seja o quimono, o obi é sempre ainda mais berrante. Quando uma aprendiz de gueixa descer a rua diante de vós, não reparem no quimono dela, mas antes no seu obi, brilhantemente colorido e pendurado - com apenas uma margem de quimono a mostrar-se nos ombros e dos lados. Para alcançar este efeito, o obi tem que ser tão longo que esticado chega de uma ponta à outra da sala. Mas não é o comprimento do obi que o torna difícil de usar; é o peso, porque quase sempre é feito de espesso brocado de seda. Só carregá-lo escadas acima é estafante, por isso podem imaginar como nos sentimos a usá-lo - a sua faixa espessa a espremer-nos no meio como uma dessas horríveis cobras, e o tecido pesado pendurado atrás, fazendo-nos sentir como se alguém tivesse acorrentado um baú de viagem às nossas costas.

Para tornar as coisas piores, o próprio quimono também é pesado, com mangas compridas e baloiçantes. Não quero dizer mangas que se drapeiam sobre a mão até ao chão. Podem ter reparado que, quando uma mulher usa um quimono e estica os braços, o tecido da parte de baixo da manga fica pendurado para formar uma espécie de bolsa. Este bolso-mala, a que chamamos furi, é a parte que é demasiado comprida no quimono de uma aprendiz de gueixa. Pode facilmente arrastar pelo chão se uma rapariga não for cuidadosa; e quando dança, seguramente tropeçará nas mangas se não as enrolar várias vezes à volta do antebraço para as manter fora do caminho.

Anos mais tarde, um famoso cientista da Universidade de Quioto, numa noite em que estava muito embriagado, disse uma coisa acerca do fato de uma aprendiz de gueixa que eu nunca me esqueci. «O mandril da África central é muitas vezes considerado o mais exibicionista dos primatas,» disse ele. «Mas creio que as aprendizas de gueixa de Gion são talvez as primatas mais coloridas de todas!»

\* \* \*

Por fim chegou o dia em que Mameha e eu tínhamos que executar o ritual que nos ligava como irmãs. Tomei banho cedo e gastei o resto da manhã a vestir-me. A Tia ajudou-me com os retoques finais na minha maquilhagem e no cabelo. Por causa da cera e da maquilhagem que me cobriam a pele, tinha a estranha impressão de ter perdido toda a sensibilidade na cara; de cada vez que tocava na bochecha, podia sentir apenas uma vaga sensação provocada pela pressão do meu dedo. Tentei tantas vezes que a Tia teve que me refazer a maquilhagem. Depois, quando me observei ao espelho, aconteceu uma coisa muito estranha. Eu sabia que a pessoa ajoelhada diante da comodazinha de maquilhagem era eu, mas havia uma rapariga desconhecida que me devolvia o olhar. Na verdade estendi o braço para lhe tocar. Ela usava a magnífica maquilhagem de uma gueixa. Os lábios eram botões vermelhos numa cara de goma branca, com os malares tingidos de um rosa suave. O cabelo estava ornamentado com flores de seda e rebentos de arroz não descascado. Usava um quimono formal negro, com a bainha da okiya Nitta. Quando por fim me consegui levantar, fui até ao patamar e olhei com espanto para mim no espelho de corpo inteiro. Começando na base do meu vestido, um dragão bordado elevava-se em espiral da bainha do quimono até meio da minha coxa. A sua juba tinha sido tecida em fios lacados com uma bela tinta vermelha. As garras e os dentes eram de prata, os olhos de ouro - ouro verdadeiro. Não consegui evitar que as lágrimas me saltassem dos olhos, e tive de olhar directamente para o tecto para impedir que me rolassem pelas faces. Antes de deixar a okiya, peguei no lenço que o Director me tinha dado e enfiei-o no meu obi para me dar sorte.

A Tia acompanhou-me até ao apartamento de Mameha, onde lhe exprimi a minha gratidão e jurei honrá-la e respeitá-la. Depois, nós as três, fomos até ao Templo de Gion, onde Mameha e eu batemos palmas e anunciámos aos deuses que em breve seríamos ligadas como irmãs. Rezei pelo seu favor para os anos seguintes, e depois fechei os meus olhos e agradei-lhes por me terem concedido o desejo que lhes tinha pedido três anos e meio antes: de que eu me pudesse tornar numa gueixa.

A cerimónia deveria ter lugar na casa de chá Ichiriki, que seguramente é a mais conhecida de todo

o Japão. Tem já uma história, em parte por causa de um famoso samurai que se escondeu ali nos inícios de 1700. Se alguma vez ouvirem a história dos Quarenta e Sete Ronin - que vingaram a morte do seu mestre e depois se mataram a si próprios por via do seppuku - bom, foi o seu chefe que se escondeu na casa de chá Ichiriki enquanto planeava a vingança. A maioria das casas de chá de primeira classe em Gion são invisíveis da rua, a não ser pelas suas entradas simples, mas a Ichiriki é tão óbvia como uma maçã numa árvore. Situa-se numa esquina proeminente da Avenida Shijo, cercada por uma parede macia cor de alperce com seu próprio telhado de tijoleira. A mim parecia-me um palácio.

Ali juntaram-se-nos duas das irmãs mais novas de Mameha, bem como a Mãe. Quando nos reunimos todas no jardim exterior, uma criada levou-nos pelo átrio de entrada e por um belo corredor abaixo, a fazer meandros até a uma pequena sala de tatami nos fundos. Nunca antes tinha estado num ambiente tão elegante. Cada peça de madeira talhada brilhava; cada parede de estuque era perfeita na sua suavidade. Senti o cheiro doce e fragante da poeira de kuroyaki - «carvão negro» - uma espécie de perfume conseguido ao queimar madeira moída numa poeira macia cinzenta. E muito antiquado, e até Mameha, que era uma gueixa tradicional como o irmão descobrir, preferia qualquer coisa mais ocidental. Mas todo o kuroyaki usado por gerações de gueixas ainda assombrava a Ichiriki. Eu ainda hoje tenho algum, que guardo num contentor de madeira; e quando o cheiro, vejo-me a mim ali de novo.

A cerimónia, a que assistiu a patroa da Ichiriki, durou apenas dez minutos. Uma criada trouxe uma bandeja com várias taças de saqué, e Mameha e eu bebemos juntas. Eu dei três golinhos de uma taça, e depois passei-lha a ela, e ela deu três golinhos. Fizemos isto com três taças diferentes, e depois acabou. Desse momento em diante, eu já não era mais conhecida como Chiyo. Era a gueixa noviça Sayuri. Durante o primeiro mês de aprendizagem, uma jovem gueixa é conhecida como «noviça» e não pode executar danças nem entreter por sua conta sem a sua irmã mais velha estar presente, e de facto pouco mais faz do que observar e aprender. Quanto ao meu nome, Sayuri, Mameha tinha trabalhado com o seu adivinho durante muito tempo para o escolher. Sabem que o som de um nome não é tudo o que interessa; o significado dos caracteres também é muito importante, e igualmente o número de pinceladas usadas para o escrever - porque há contagens de pinceladas felizes, e infelizes. O meu novo nome vinha de «sa» significando «juntos», «yu» do signo zodiacal da galinha - a fim de contrabalançar outros elementos na minha personalidade - e «ri» significando «compreensão». Infelizmente, todas as combinações envolvendo o nome de Mameha tinham sido consideradas como pouco auspiciosas pelo adivinho.

Achei que Sayuri era um lindo nome, mas era estranho não ser mais conhecida como Chiyo. Depois da cerimónia fomos juntas para outra sala, onde foi servido um almoço de «arroz vermelho», feito de arroz misturado com feijões encarnados. Eu depeniquei, sentindo-me estranhamente insegura e sem vontade nenhuma de celebrar. A patroa da casa de chá fez-me uma pergunta, e quando a ouvi chamar-me «Sayuri», apercebi-me do que me incomodava. Era como se a rapariguinha chamada Chiyo, a correr descalça da lagoa para a sua casinha bêbeda, já não existisse mais. Senti que esta nova rapariga, Sayuri, com a sua cara branca brilhante e os seus lábios vermelhos, a tinha destruído.

Mameha planeava passar o princípio da tarde a passear-me à volta de Gion para me apresentar às patroas das variadas casas de chá a okiya com quem mantinha relações. Mas não saímos assim que o almoço acabou. Em vez disso, levou-me a uma sala na Ichiriki e pediu-me para me sentar. Claro que uma gueixa nunca se «senta» realmente enquanto usa o quimono; o que nós chamamos sentar é provavelmente o que as outras pessoas chamariam ajoelhar-se. Em qualquer caso, depois de o ter experimentado, ela mostrou-me má cara e mandou-me repeti-lo. Os vestidos eram tão difíceis de usar que me levou várias tentativas até conseguir fazê-lo adequadamente. Mameha deu-me um pequeno ornamento na forma de uma cabaça e mostrou-me como o usar pendurado do meu obi. Sabem que se pensa que, sendo a cabaça oca e leve, contraria o peso do corpo, e muitas aprendizas azelhas se têm fiado nelas para as ajudar a evitar

que caiam.

Mameha falou comigo durante um bocado, e depois, mesmo quando estávamos prontas a sair, pediu-me que lhe servisse uma taça de chá. O bule estava vazio, mas disse-me para fingir na mesma que o deitava. Queria ver como é que eu mantinha a manga fora do caminho quando o fazia. Achei que sabia exactamente o que ela pretendia, e esforcei-me no meu melhor, mas Mameha não estava contente comigo.

- Primeiro de tudo - disse ela - estás a encher a taça de quem?

- A sua! - disse eu.

- Bom, por amor de Deus, não tens que me impressionar. Finge que eu sou outra pessoa qualquer. Sou um homem ou uma mulher?

- Um homem - disse eu.

- Muito bem. Então deita-me uma taça outra vez.

Assim fiz, e Mameha quase quebrou o pescoço a tentar espreitar pela minha manga acima enquanto eu esticava o braço.

- Então que é que achas disto? - perguntou-me. - Porque é exactamente o que vai acontecer se mantiveres o braço tão alto.

Tentei deitar outra vez com o meu braço um bocadinho mais baixo. Desta vez ela fingiu dar um bocejo e depois virou-se e fingiu também continuar uma conversa com uma gueixa imaginária sentada do outro lado dela.

- Acho que está a tentar dizer-me que a estou a aborrecer - disse. - Mas como é que eu a posso aborrecer apenas a deitar chá numa chávena?

- Tu podes não querer que eu olhe pela tua manga acima, mas isso não quer dizer que tenhas que agir de uma maneira púdica! Um homem está interessado apenas numa coisa. Acredita em mim, irás compreender demasiado depressa de que é que estou a falar. Entretanto, podes mantê-lo feliz deixando-o pensar que lhe foi permitido ver partes do teu corpo que mais ninguém consegue ver. Se uma aprendiz de gueixa age da maneira que tu fizeste à pouco - deitar o chá tal como o faria uma criada - o pobre homem perderá todas as esperanças. Tenta-o outra vez, mas primeiro mostra-me o teu braço.

Por isso arregacei a manga acima do cotovelo e estiquei o braço para ela o ver. Pegou nele e virou-o nas mãos para observar a parte de cima, e a de baixo.

- Tens um braço muito bonito; e uma pele muito boa. Devias garantir que cada homem que se senta a teu lado o vê pelo menos uma vez.

Por isso eu continuei a deitar chá vezes sem conta, até que Mameha se deu por satisfeita, porque eu tinha retirado a manga do caminho o suficiente para mostrar o braço sem ser demasiado óbvio o que fazia. Ficaria ridícula se arrebanhasse a manga até ao cotovelo; o truque era agir como se estivesse apenas a tirá-la da frente, enquanto ao mesmo tempo a puxava mais alguns dedos acima do pulso para dar um vislumbre do antebraço. Mameha disse que a parte mais bonita do braço era o lado de dentro, por isso eu tinha que estar certa de segurar o bule de tal maneira que um homem visse antes a parte de baixo do meu braço em vez da de cima.

Pedi-me que o fizesse outra vez, desta fingindo que o estava a servir à patroa da Ichiriki. Eu mostrei o meu braço exactamente da mesma maneira, e Mameha fez de imediato uma careta.

- Por amor de Deus, eu sou uma mulher - disse ela. - Porque é que me estás a mostrar o teu braço dessa maneira? Provavelmente estás apenas a tentar fazer-me zangar.

- Zangar?

- Que mais esperas que eu pense? Estás a mostrar-me quão jovem e bela és, quando eu já sou velha e decrépita. A não ser que o estivesse a fazer apenas para seres vulgar...

- Como é que isto é vulgar?

- Porque outro motivo fizeste questão que eu visse a parte de baixo do teu braço? Podes igualmente mostrar-me a sola do pé ou a parte de dentro da tua coxa. Se por acaso apanho um vislumbre de alguma coisa aqui ou ali, bom, isso está bem. Mas fazer tanta questão de o mostrares a mim!

Por isso deitei chá mais umas vezes, até que aprendi uma maneira mais composta e um método mais apropriado. Terminado isto, Mameha anunciou que estávamos prontas para sair juntas por Gion.

Já por esta altura eu andara a usar o conjunto completo de uma aprendiz de gueixa há várias horas. Agora tinha que tentar passear à volta de Gion toda, nos sapatos a que chamamos okobo. São bastante altos e feitos de madeira, com bonitas correias de couro lacado para segurar o pé no sítio. A maioria das pessoas acha muito elegante a maneira como tamborilam no chão como uma cunha, de modo que a pegada da sola é metade do equivalente à palmilha. Mas era-me difícil caminhar elegantemente em cima deles. Sentia-me como se tivesse telhados de tijoleira amarrados à sola dos pés.

Mameha e eu fizemos cerca de vinte paragens em várias okiya e casas de chá, embora não demorássemos mais que alguns minutos na maioria delas. Normalmente, uma criada atendia à porta, e Mameha pedia delicadamente para falar com a dona da casa; depois, quando a patroa chegava, Mameha dizia-lhe: «Gostaria de lhe apresentar a minha nova irmãzinha, Sayuri», e então eu fazia uma vénia profunda e dizia: «Peço-lhe a sua protecção, por favor, Minha Senhora.» A patroa e Mameha conversariam por um momento, e depois partíamos. Nalguns dos lugares éramos convidadas para o chá e ali passávamos talvez uns cinco minutos. Mas eu sentia-me muito relutante em beber chá, e em vez disso limitava-me a molhar os lábios. Ir à casa de banho quando se usa um quimono é uma das coisas mais difíceis de aprender, e não tinha a certeza de o ter treinado ainda convenientemente.

De qualquer maneira, numa hora fiquei tão exausta, que tudo o que podia fazer era evitar gemer enquanto continuava a andar. Mas mantivemos o nosso ritmo. Naqueles tempos, acho que haveriam umas trinta ou quarenta casas de chá de primeira classe em Gion, e uma centena mais ou menos de um grau um pouco inferior. Claro que não podíamos visitá-las todas. Fomos às quinze ou dezasseis onde Mameha costumava ir entreter os clientes. Quanto às okiya, deveria haver uma centena delas, mas só fomos àquelas com que Mameha mantinha algum tipo de relacionamento.

Logo a seguir às três da tarde tínhamos acabado. Não me apetecia mais do que voltar para a okiya e deixar-me cair a dormir por um bom bocado. Mas Mameha tinha planos para mim, exactamente para aquela noite. Era suposto que eu estivesse presente no meu primeiro compromisso como gueixa noviça.

- Vai tomar um banho - disse-me. -já suaste um bocado, e a tua maquilhagem não se está a aguentar.

Sabem, era um dia quente de Outono, e tinha trabalhado arduamente.

De volta à okiya, a Tia ajudou-me a despír e depois teve pena de mim e deixou-me fazer uma sesta de meia-hora. Eu tinha regressado às suas boas graças, agora que os meus erros estúpidos estavam atrás de mim e o meu futuro parecia ainda mais brilhante que o da Abóbora. Acordou-me depois da sesta e corri para a casa dos banhos tão depressa quanto pude. Pelas cinco horas, já tinha acabado de me vestir e refazer a maquilhagem. Estava terrivelmente excitada, como podem imaginar, porque durante anos tinha observado Hatsumomo, e ultimamente a Abóbora, a saírem à tarde e à noite com um aspecto maravilhoso, e agora por fim tinha chegado a minha vez. O acontecimento nessa noite, o primeiro a que eu ia assistir,

era para ser um banquete no Hotel Internacional Kansai. Os banquetes são ocasiões extremamente formais, com todos os convidados arrumados ombro com ombro numa disposição em forma de U à volta do exterior de um enorme tapete numa sala de tatami, e com as travessas de comida pousadas em pequenos suportes diante deles. As gueixas, que estão ali para os divertir, movem-se pelo centro da sala - o interior da forma em U, quer dizer a forma criada por todas as travessas - e só passam alguns minutos ajoelhando-se diante de cada convidado para servir saqué e conversar. Não é o que se poderia chamar um acontecimento excitante; e como noviça", o meu papel era ainda menos excitante que o de Mameha. Ficava ao lado dela como uma sombra. Sempre que ela se apresentava, eu fazia o mesmo, exibindo uma vénia muito profunda e dizendo, «O meu nome é Sayuri. Sou uma noviça e imploro a sua indulgência.» Depois disto, não dizia mais nada, e ninguém me respondia.

Para o fim do banquete, as portas de um lado da sala deslizaram para se abrirem, e Mameha e outra gueixa executaram uma dança juntas, conhecida como Chi-yo no Tomo - «Amigas para sempre». E uma peça adorável sobre duas mulheres devotadas que se reencontram passado um longa ausência. A maioria dos homens estava sentada a palitar os dentes durante a representação; eram executivos de uma grande companhia que fazia válvulas de borracha, ou qualquer coisa parecida, e que se tinham reunido em Quioto para o seu banquete anual. Não acho que um único deles tivesse sido capaz de dizer a diferença entre dança e o andar de um sonâmbulo. Mas pela minha parte, estava fascinada. As gueixas de Gion usam sempre um leque como adereço quando dançam, e Mameha em particular era mestra nos movimentos. A princípio fechava o leque e, enquanto virava o corpo a fazer um círculo, fazia-o ondular delicadamente com o pulso para sugerir o movimento do curso de água de um ribeiro a passar. Depois abria-o, e tornou-se na taça em que a sua companheira deitava saqué para ela beber. Como digo, a dança era adorável, e a música também, que era tocada no shamisen por uma gueixa extremamente magra com olhos pequenos e aquosos.

Um banquete formal normalmente não dura mais que duas horas; por isso, pelas oito da noite já estávamos na rua outra vez. Ia a virar-me para agradecer a Mameha e despedir-me, quando ela me disse:

- Bom, eu tinha pensado agora mandar-te para casa para a cama, mas pareces-me cheia de energia. Eu vou à casa de chá Komoriya.

Vem comigo e vais ter a tua primeira experiência de uma festa informal. Podemos começar já a mostrar-te por aí o mais depressa possível.

Não podia exactamente dizer-lhe que me sentia demasiado cansada para ir; por isso engoli os meus verdadeiros sentimentos e segui-a rua acima.

A festa, como ela me explicou durante o caminho, era para ser dada pelo homem que dirigia o Teatro Nacional em Tóquio. Ele conhecia todas as gueixas importantes em todos os bairros de gueixas no Japão; e embora pudesse ser muito cordial quando Mameha me apresentasse, não devia esperar que me falasse muito. A minha única responsabilidade era garantir que me mostrasse bonita e alerta o tempo todo. «Vê se consegues apenas não deixar acontecer o que quer que seja que te faça parecer mal.»

Entrámos na casa de chá e fomos conduzidas por uma criada até uma sala no segundo andar. Quase não ousava olhar lá para dentro quando Mameha se ajoelhou e abriu a porta, mas podia ver sete ou oito homens sentados em almofadas à volta da mesa, com talvez umas quatro gueixas. Fizemos a vénia e entrámos, e depois ajoelhámo-nos sobre o tapete e fechámos a porta atrás de nós - porque é desta maneira que uma gueixa entra numa sala. Cumprimentámos as outras gueixas primeiro, como Mameha me tinha dito para fazer, depois o anfitrião, a um canto da mesa, e por fim os outros convidados.

- Mameha-san! - disse uma das gueixas. - Chegaste mesmo a tempo para nos contares a história de Konda-san, o fabricante de cabeleiras.



- Oh, céus, não me consigo lembrar dela - disse Mameha, e todos se riram; eu não fazia a ideia onde estava a piada. Mameha levou-me em volta da mesa e ajoelhou-se ao lado do anfitrião. Eu segui-a e pus-me ao lado dela.

- Sr. Director, por favor permita-me que lhe apresente a minha nova irmãzinha - disse-lhe ela.

Isto era a minha deixa para fazer uma vénia e dizer o meu nome, e implorar a indulgência do director, etc. Era um homem muito nervoso, de olhos proeminentes e uma espécie de fragilidade do tipo dos ossos de galinha. Nem sequer olhou para mim, mas limitou-se a sacudir o cigarro no cinzeiro quase cheio diante de si e disse:

- Que conversa é essa toda sobre Konda-san o fabricante de cabeleiras? Toda a noite as raparigas têm estado a referir-se a ela, e nem uma quer contar a história.

- Sinceramente que não sei! - disse Mameha.

- O que quer dizer - disse outra gueixa - que ela se sente demasiado embaraçada para a contar. Bom, se ela não a conta, calculo que a tenha que contar eu.

A ideia pareceu agradar aos homens, mas Mameha apenas suspirou.

- Entretanto, eu darei a Mameha uma taça de saqué para lhe acalmar os nervos - disse o director, e lavou a sua própria taça de saqué numa bacia de água no centro da mesa, que estava ali para esse mesmo efeito, antes de lha oferecer.

- Bom - começou a outra gueixa - este fulano Konda-san é o melhor fabricante de cabeleiras em Gion, ou pelo menos toda a gente diz que sim. E durante anos Mameha-san foi cliente dele. Ela tem sempre o melhor de tudo, como sabem. Basta olhar para ela e vê-se logo.

Mameha fez uma cara a fingir estar zangada.

- Seguramente que tem a melhor expressão de desprezo - disse um dos homens.

- Durante uma exibição - continuou a gueixa - o fabricante de cabeleiras está sempre nos bastidores para ajudar às mudanças de roupa. Muitas vezes, quando uma gueixa tira um certo vestido e enfia outro, alguma coisa escorrega aqui ou ali, e depois subitamente... um seio nu! Ou... um bocadinho de pêlo! Sabem que estas coisas acontecem. E de qualquer maneira...

- E eu a trabalhar num banco estes anos todos! - disse um dos homens. - Quero ser fabricante de cabeleiras!

- Tem mais que se lhe diga para além de bisbilhotar mulheres nuas. De qualquer maneira, Mameha-san comporta-se sempre de maneira muito púdica e muda de roupa atrás de um biombo...

- Deixa-me contar a história - interrompeu Mameha. - Vais dar-me má reputação. Eu não estava a ser púdica. Konda-san é que estava sempre a olhar-me fixamente como se não pudesse esperar pela próxima mudança de roupa, por isso mandei vir um biombo. É de admirar que Konda-san não lhe tivesse queimado um buraco com os olhos, a tentar ver através dele da maneira como me fixava.

- Porque é que não lhe davas apenas um vislumbre de vez em quando - interrompeu o director. - Como é que te pode prejudicar o seres simpática?

- Nunca pensei nisso dessa maneira - disse Mameha. - Tem razão, Sr. Director. Que mal é que um pequeno vislumbre poderia fazer? Talvez nos queira dar um agora mesmo?

Todos na sala se desmancharam a rir com isto. E quando as coisas estavam a começar a acalmar, o director fez tudo começar de novo pondo-se de pé e começando a desatar a faixa do seu fato.

- Eu só irei fazer isto - disse a Mameha - se me deres um vislumbre em retorno...

- Nunca lhe fiz uma proposta desse tipo - disse Mameha.

- Não é muito generoso da tua parte.

- As pessoas generosas não se tornam gueixas - disse Mameha. Tornam-se patronos de gueixas.

- Então não faz mal - disse o director, e sentou-se de novo. Tenho que dizer que fiquei muito aliviada quando ele desistiu; porque embora todos os outros parecessem estar a divertir-se imensamente, eu sentia-me embaraçada.

- Mas onde ia eu? - disse Mameha. - Bom, um dia eu tinha mandado vir o biombo, e pensei que seria o suficiente para me proteger de Konda-san. Mas, a um dado momento, quando chegava, apressada da casa de banho, não o encontrei em lado nenhum. Comecei a ficar em pânico porque precisava da cabeleira para o acto seguinte; mas em breve demos com ele sentado num baú contra a parede, com um ar muito fraco e a suar. Perguntei-me se haveria qualquer coisa de errado com o coração dele! Tinha a minha cabeleira ao lado dele, e quando me viu, pediu desculpa e ajudou-me a colocá-la. Depois, mais tarde nesse dia, passou-me uma nota que tinha escrito...

Aqui a voz de Mameha abrandou. Pelo menos um dos homens disse: «Então? E o que é que dizia?»

Mameha cobriu os olhos com a mão. Estava demasiado embaraçada para continuar, e todos na sala se desmancharam a rir.

- Está bem, eu digo-vos o que ele escreveu - interrompeu a gueixa que tinha começado a história. - Era qualquer coisa no género: «Minha querida Mameha. Es a gueixa mais bela de todo Gion», e por aí fora. «Depois de teres usado uma cabeleira, eu acarinho-a muito, e guardo-a na minha loja para enfiar nela a minha cara e cheirar o perfume do teu cabelo muitas vezes por dia. Mas hoje, quando correste da casa de banho, deste-me o momento mais feliz da minha vida. Enquanto estavas lá dentro, escondi-me atrás da porta, e o maravilhoso som do tilintar, mais adorável que o de uma cascata... »

Os homens riam tanto que a gueixa teve que interromper antes de continuar de novo.

«e o maravilhoso som do tilintar, mais adorável que o de uma cascata, pôs-me duro e erecto onde eu próprio tilinto...»

- Ele não dizia assim - disse Mameha. - Ele escreveu, «o maravilhoso som do tilintar, mais adorável que uma cascata, fez com que eu inchasse e crescesse ao saber que o teu corpo estava nu...»

- Depois ele disse-lhe - continuou a outra gueixa - que a seguir tinha ficado incapaz de se pôr de pé por causa da excitação. E esperava que um dia pudesse voltar a experimentar um momento assim.

Claro que todos se riram, e eu também fingi que me ria. Mas a verdade é que estava a achar difícil acreditar que estes homens - que tinham pago tanto dinheiro para estarem ali, entre mulheres embrulhadas em vestidos tão caros - de facto queriam ouvir o mesmo tipo de histórias que as crianças lá do lago em Yoroido poderiam contar. Tinha imaginado sentir-me fora de pé numa conversa sobre literatura, ou Kabuki, ou qualquer coisa do género. E claro que havia festas desse tipo em Gion; só que aconteceu que a primeira a que assisti era das mais infantis.

Todo o tempo durante a história de Mameha, o homem a meu lado ficou sentado a esfregar a cara com as mãos e a dar-lhe pouca atenção. Entretanto olhou para mim durante um bom bocado e depois perguntou: «O que é que se passa com os teus olhos? Ou será que bebi de mais?»

Seguramente que tinha bebido de mais - embora eu não achasse que seria adequado dizer-lho. Mas antes que pudesse responder-lhe, as sobrancelhas começaram a tremer-lhe, e um momento depois levantou a mão e coçou a cabeça tanto que uma pequena nuvem de caspa se lhe espalhou sobre os

ombros. Como depois descobri, era conhecido em Gion como o «Sr. Chuveiro-de-Neve» por causa daquela sua caspa tremenda. Parecia ter-se esquecido da pergunta que me fizera - ou talvez esperasse que eu nunca lhe respondesse - porque entretanto perguntou-me a idade. Disse-lhe que tinha catorze anos.

- Tu és a rapariga de catorze anos mais velha que já vi. Vá, toma isto - disse ele, e passou-me a sua taça de saqué vazia.

- Oh, não, muito obrigada senhor - respondi eu - porque sou apenas uma noviça... - Fora isto que Mameha me ensinara a dizer, mas o Sr. Chuva não me ouviu. Segurou a taça no ar até que lhe peguei, e depois levantou um frasco de saqué para mo deitar na taça.

Eu não devia beber saqué, porque uma aprendiz de gueixa - particularmente uma ainda no seu noviciado - deveria parecer infantil. Mas não podia desobedecer-lhe. Peguei na taça erguida; mas ele coçou a cabeça outra vez antes de deitar o líquido e, horrorizada, vi algumas partículas pousarem na taça. O Sr. Chuva encheu-a com o saqué e depois disse-me. «Agora bebe. Vá lá. A primeira de muitas.»

Eu lancei-lhe um sorriso e tinha começado a levantar a taça lentamente até aos lábios - não sabendo que mais podia fazer - quando, graças aos céus, Mameha me salvou.

- É o teu primeiro dia em Gion, Sayuri. Vai parecer mal ficares embriagada - disse-me, embora falasse para o Sr. Chuva ouvir. - Basta-te molhar os lábios e pronto.

Por isso eu obedeci-lhe e molhei os lábios no saqué. E quando digo que molhei os lábios, quero dizer que os fechei com tanta força que quase fiz uma distensão na boca, e depois inclinei a taça de saqué até sentir o líquido de encontro à pele. Depois pus a taça apressadamente sobre a mesa e disse, «Hum, delicioso!» enquanto procurava pelo lenço no meu obi. Fiquei muito aliviada quando limpei os lábios com ele, e fico feliz por dizer que o Sr. Chuva nem sequer reparou, porque estava ocupado a olhar para a taça tal como a deixei, cheia na mesa diante dele. Após um momento, pegou nela com dois dedos e emborcou-a garganta abaixo, antes de se levantar e pedir desculpa para ir à casa de banho.

Espera-se que uma aprendiz de gueixa conduza um homem até à casa de banho e de volta, mas ninguém espera que uma noviça o faça. Quando não há uma aprendiz na sala, um homem normalmente vai sozinho, ou às vezes uma das gueixas acompanha-o. Mas o Sr. Chuva ficou ali a olhar fixamente para mim até que me apercebi que estava à espera que eu me levantasse.

Eu não conhecia os meandros da casa de chá Komoriya, mas o Sr. Chuva seguramente que sabia o caminho. Segui-o pelo átrio e à volta de uma esquina. Deu um passo ao lado enquanto eu lhe fazia deslizar a porta da casa de banho. Depois de lha ter fechado nas costas e ficar ali à espera no átrio, ouvi o som de alguém a subir as escadas mas não liguei. Em breve o Sr. Chuva tinha terminado e fizemos o nosso percurso de regresso. Quando entrei na sala, vi que outra gueixa se tinha juntado à festa, mais uma aprendiz. Estavam de costas para a porta, por isso não lhes vi as caras enquanto seguia o Sr. Chuva à volta da mesa e retomei o meu lugar. Podem imaginar como fiquei chocada quando as vi; porque ali, do outro lado da mesa, estava a mulher que eu daria tudo para evitar. Era Hatsumomo, a sorrir para mim, e ao lado dela sentava-se a Abóbora.

\*

Hatsumomo sorria quando estava feliz, como toda a gente; e nunca estava mais feliz do que quando se preparava para fazer alguém sofrer. Era por isso que mostrava um sorriso tão maravilhoso quando disse:

- Oh, meu Deus! Que coincidência. Vejam se não é a noviça! Eu de facto não deveria contar o resto desta história porque posso embaraçar a coitadinha.

Eu esperara que Mameha se despedisse e me levasse consigo. Mas limitou-se a lançar-me um

olhar ansioso. Podia ter achado que deixar Hatsumomo sozinha com estes homens seria como fugir de uma casa a arder; o melhor era ficarmos para controlar os estragos.

- De facto, não acho que haja coisa mais difícil do que ser uma noviça - dizia Hatsumomo. - Não achas, Abóbora?

Agora a Abóbora já era uma aprendiz com asas para voar; fora noviça há seis meses. Lancei-lhe um olhar a pedir simpatia, mas ela limitou-se a fixar os olhos sobre a mesa com as mãos no colo. Conhecendo-a como conhecia, compreendi que a pequena ruga no cimo do nariz significava preocupação.

- Sim Minha Senhora - disse ela.

- Um tempo tão difícil na vida - continuou Hatsumomo. - Ainda me recordo de como o achei difícil... Como é que te chamas, pequena noviça?

Felizmente, não tive que responder, porque Mameha falou.

- Seguramente que tens razão em achar que foi um tempo difícil para ti, Hatsumomo-san. Embora, claro, fosses mais desajeitada que a maioria.

- Quero ouvir o resto da história - disse um dos homens.

-E embaraçar a pobre noviça que acabou de se nos juntar? - disse Hatsumomo. - Só a conto se me prometerem que não vão pensar nesta pobre rapariga enquanto a ouvirem. Façam força para imaginarem qualquer outra rapariga nas vossas mentes.

Hatsumomo podia ser engenhosa no seu diabolismo. Antes os homens não poderiam associar a história comigo, mas agora com certeza que o iriam fazer.

- Vejamos, onde é que eu ia? - começou Hatsumomo. - Oh, sim. Bom, esta noviça a que eu me referia... não me recordo do nome dela, mas devo dar-lhe um para evitar que a confundam com esta pobre rapariga. Diz-me, pequena noviça... qual é o teu nome?

- Sayuri, minha senhora - disse. E sentia a cara tão vermelha do nervoso que não teria ficado surpreendida se a maquilhagem me tivesse começado a pingar para o colo.

- Sayuri. Que amoroso! De alguma maneira não te fica lá muito bem. Bom, chamemos a esta noviça da história «Mayuri». Vejamos, um dia, andava eu a passear ao longo da Avenida Shijo com Mayuri, íamos a caminho da okiya da sua irmã mais velha. Havia um vento terrível, daqueles que faz tremer as janelas, e a pobre Mayuri tinha muito pouca experiência a usar um quimono. Não era mais pesada que uma folha, e sabem que aquelas mangas enormes podem ser quase como velas. Quando estávamos a começar a atravessar a rua, ela desapareceu, e ouvi um sonzinho vindo por detrás de mim, como «Ah... ah», mas muito ténue...

Aqui Hatsumomo virou-se para olhar para mim.

- A minha voz não é suficientemente alta - disse. - Deixa-me ouvir-te dizê-lo. «Ah... ah».

Bom, o que é que eu podia fazer? Tentei imitar o som o melhor que sabia.

- Não, não, mais alto... oh, não interessa! - Hatsumomo virou-se para o homem ao lado dela e disse baixinho: - Ela não é lá muito esperta, pois não? - Abanou a cabeça por um momento e depois continuou. - De qualquer maneira, quando me virei para ver, a pobre da Mayuri estava a ser assoprada para trás rua acima, um bom quarteirão atrás de mim, com os braços e as pernas a agitarem-se tanto que parecia um insecto de pernas para o ar. Quase rebentei o meu obi de tanto rir, mas depois, subitamente, à volta da esquina, foi de encontro a uma zona mais movimentada exactamente no momento em que vinha um carro a acelerar. Graças aos céus que foi assoprada para cima da capota! As pernas levantaram-se-

lhe... e depois, se conseguem imaginar isto, o vento levantou-lhe o quimono, e... bom, não preciso de vos contar o que aconteceu.

- Ai isso é que precisas - disse um dos homens.

- Não têm qualquer imaginação? - retorquiu ela. - O vento soprou-lhe o quimono acima das ancas. Ela não queria que ninguém a visse nua; assim, para preservar a sua modéstia, deu um salto para trás e acabou com as pernas a apontar em duas direcções opostas, e as suas partes pudendas comprimidas de encontro ao vidro do pára-brisa, directamente sobre a cara do condutor...

Claro que os homens por esta altura estavam quase histéricos, incluindo o director, que batia com a taça de saqué no tampo da mesa como uma metralhadora e disse: «Porque é que nunca me acontecem estas coisas a mim?»

- Com franqueza, Sr. Director - disse Hatsumomo. - A rapariga era apenas uma noviça! Não é que o condutor tivesse chegado a ver qualquer coisa. Quero dizer, consegue imaginar-se a olhar para as partes pudendas daquela rapariga do outro lado da mesa? - Claro que falava de mim. - Provavelmente não é muito diferente de um bebé!

- As raparigas às vezes começam a ter pêlos logo aos onze anos - disse um dos homens.

- Quantos anos tens, pequena Sayuri-san? - perguntou-me Hatsumomo.

- Catorze anos, minha senhora - disse-lhe, tão delicadamente como podia. - Mas são uns catorze anos muito velhos.

Os homens entretanto gostaram disso, e o sorriso de Hatsumomo endureceu um pouco.

- Catorze? - disse ela. - Que maravilhoso! E claro que não tens quaisquer pêlos...

- Oh, mas tenho. Imensos! - e levantei uma mão para dar uma palmadinha na minha cabeça.

Calculo que isto tivesse sido uma coisa inteligente de fazer, embora não me tivesse parecido particularmente inteligente a mim. Os homens riram com mais força ainda do que tinham feito quando da história de Hatsumomo. Hatsumomo também se riu, e calculo que tenha sido para fingir que a piada não tinha sido às custas dela.

À medida que o riso esmoreceu, Mameha e eu retirámo-nos. Não tínhamos ainda acabado de fechar a porta atrás de nós quando ouvimos Hatsumomo despedir-se também. Ela e a Abóbora seguiram-nos escadas abaixo.

- Veja, Mameha-san - disse Hatsumomo - isto foi simplesmente divertido de mais! Nem sei porque é que não entretemos juntas mais vezes!

- Sim, foi divertido - disse Mameha. - Fico deliciada só em pensar no que o futuro nos reserva!

Depois disto, Mameha lançou-me um olhar muito satisfeito. Estava a deliciar-se com o pensamento de ver Hatsumomo destruída.

Nessa noite, depois de tomar banho e ter retirado a maquilhagem, estava de pé no átrio de entrada principal a responder às perguntas da Tia sobre como me corraera o dia, quando Hatsumomo entrou vinda da rua e se veio pôr ali à minha frente. Normalmente não regressava tão cedo, mas percebi, no momento em que vi a cara dela, que voltara só com a intenção de me enfrentar. Nem sequer usava o seu sorriso cruel, mas tinha os lábios comprimidos de uma maneira que a tornava quase feia. Ficou ali diante de mim apenas um momento, e depois lançou a mão para trás e deu-me uma bofetada. A última coisa que vi antes da mão dela me atingir foi um vislumbre dos dentes dela cerrados como uma fieira de pérolas.

Fiquei tão assarapantada que nem me consigo lembrar do que aconteceu imediatamente a seguir.

Mas a Tia e Hatsumomo devem ter começado a discutir, porque o que me recorde a seguir foi de ouvir Hatsumomo a dizer: «Se esta rapariga volta a envergonhar-me em público, ficarei feliz em dar-lhe outra bofetada na outra face.»

- Como é que eu te envergonhei a ti? - perguntei-lhe.

- Sabes perfeitamente bem o que queria dizer quando perguntei se tinhas pêlos, mas fizeste-me fazer figura de idiota. Devo-te uma, pequena Chiyo. E devolvo-ta em breve. Prometo.

A cólera de Hatsumomo parecia ter-se evaporado, e ela saiu outra vez da okiya para a rua, onde estava a Abóbora à espera para lhe fazer uma venha.

\* \* \*

Contei isto a Mameha na tarde seguinte, mas ela quase não me deu atenção.

- Qual é o problema? - disse. - Hatsumomo nem sequer te deixou a cara marcada, graças a Deus. Não esperavas que tivesse ficado contente com o teu comentário, ou esperavas?

- Só estou preocupada com o que possa acontecer da próxima vez que a voltemos a encontrar - disse eu.

- Eu digo-te o que vai acontecer. Damos meia volta e vimo-nos embora. O anfitrião pode ficar surpreendido por nos ver abandonar uma festa a que acabámos de chegar, mas é melhor do que dar a Hatsumomo outra oportunidade para te humilhar. De qualquer forma, se nos encontrarmos com ela, será uma bênção.

- Francamente, Mameha-san, não consigo ver por que seria uma bênção.

- Se Hatsumomo nos obrigar a sair de algumas casas de chá, acabamos a ir a mais festas, e é tudo. Assim serás conhecida em Gion muito mais depressa.

Senti-me descansada com a confiança de Mameha. De facto, quando mais tarde partimos para Gion, esperava que no fim da noite pudesse retirar a minha maquilhagem e descobrir a pele brilhante com a satisfação de uma longa jornada. A nossa primeira paragem foi numa festa de um jovem actor de cinema, que não parecia ter mais que dezoito anos, mas não tinha um único cabelo na cabeça, nem sequer pestanas ou sobrancelhas. Ele continuou a carreira e acabou por vir a ser muito famoso alguns anos mais tarde, mas só por causa do modo da sua morte. Suicidou-se com a espada depois de ter assassinado uma jovem criada em Tóquio. Em qualquer caso, achei-o muito estranho até que reparei que não parava de olhar para mim; eu tinha vivido uma parte tão grande da minha vida no isolamento da okiya, que devo admitir que me agradava a atenção. Ficámos mais de uma hora, e Hatsumomo não chegou a aparecer. Parecia-me que as minhas fantasias de triunfo poderiam realmente vir a concretizar-se.

A seguir parámos numa festa dada pelo chanceler da Universidade de Quioto. Mameha começou logo a falar com um homem que não via há já algum tempo, e deixou-me entregue a mim própria. O único espaço que conseguia encontrar na mesa era ao lado de um homem velho com uma camisa branca com nódoas, que deveria estar com muita sede, porque bebia continuamente de um copo de cerveja, a não ser quando o afastava da boca para arrotar. Ajoelhei-me ao lado dele e ia apresentar-me quando ouvi a porta lateral abrir-se. Esperava ver uma criada a entregar outra rodada de saqué mas, ali na entrada, ajoelhavam-se Hatsumomo e a Abóbora.

- Oh Deus do céu! - ouvi Mameha dizer ao homem com quem conversava. - O seu relógio está certo?

- Certíssimo - disse ele. - Acerto-o todas as tardes pelo relógio da estação de caminho-de-ferro.

- Receio que Sayuri e eu não tenhamos outra alternativa senão sermos incorrectas e despedirmo-

nos. Já devíamos estar noutra lado há mais de meia hora!

E com isto, levantámo-nos e saímos da festa no momento exacto em que Hatsumomo e a Abóbora entravam.

Quando estávamos a sair da casa de chá, Mameha puxou-me para uma sala de tatami vazia. Na penumbra indistinta não consegui ver claramente as feições dela, mas apenas a belíssima forma oval do rosto com a sua elaborada coroa de cabelo. Se eu não a podia ver, então ela também não me podia ver; deixei que os queixos me caíssem com a frustração e o desespero, porque me parecia que nunca iria conseguir ver-me livre de Hatsumomo.

- O que é que disseste hoje de manhã àquela mulher horrorosa? - disse-me Mameha.

- Absolutamente nada, Minha Senhora!

- Então como é que ela nos encontrou aqui?

- Nem eu própria sabia que viríamos aqui - disse eu. - Não podia ter-lho dito de maneira nenhuma.

- A minha criada sabe dos meus compromissos, mas não consigo imaginar... Bom, bom iremos a uma festa de que quase ninguém sabe. Naga Teruomi acabou de ser nomeado o novo maestro da Orquestra Filarmónica na semana passada. Veio à cidade esta tarde para dar a toda a gente a oportunidade de o idolatrar. Não me apetece muito ir, mas... pelo menos Hatsumomo não irá estar lá.

Atravessámos a Avenida Shijo e virámos por uma ruela estreita que cheirava a saqué e inhame torrado. Uma chuvada de riso caiu sobre nós vindo de cima, das janelas do segundo andar brilhantemente iluminadas. Dentro da casa de chá, uma jovem criada fez-nos entrar para uma sala no segundo andar, onde encontrámos o maestro sentado com o seu cabelo fino, penteado com óleo para trás, e os dedos a tamborilarem de cólera numa taça de saqué. Os outros homens da sala estavam a meio de um jogo de bebidas com duas gueixas, mas o maestro recusava-se a participar. Falou com Mameha durante algum tempo, e a seguir pediu-lhe que dançasse. Não creio que estivesse de facto interessado na dança; era apenas um pretexto para acabar com os jogos de bebidas e encorajar os convidados a darem-lhe de novo atenção. No momento em que a criada trouxe um shamisen para o entregar a uma das gueixas - antes ainda que Mameha se tivesse colocado a postos - a porta deslizou abrindo-se e... tenho a certeza de que sabeis o que vou dizer. Eram como cães que não paravam de nos seguir. Eram Hatsumomo e a Abóbora outra vez.

Deveriam ter visto a maneira como Mameha e Hatsumomo sorriram uma para a outra. Até poderiam pensar que estavam as duas a partilhar uma piada só delas - quando de facto, tenho a certeza de que Hatsumomo estava a gozar a sua vitória em nos ter encontrado, e quanto a Mameha... bom, acho que o sorriso dela era apenas uma maneira de esconder a cólera. Durante a dança, podia ver-lhe o queixo a espetar-se e as narinas a fremir. Ela nem sequer regressou à mesa depois, mas limitou-se a dizer ao maestro:

- Muito obrigada por nos ter deixado vir à sua festa! Mas é tão tarde... Receio que Sayuri e eu nos tenhamos que despedir já...

Não vos posso dizer como Hatsumomo parecia contente quando fechámos a porta atrás de nós.

Segui Mameha escadas abaixo. No último degrau ela fez uma paragem e esperou. Por fim uma jovem criada apressou-se até ao átrio de entrada principal para nos acompanhar - exactamente a mesma criada que nos tinha levado escadas acima antes.

- Mas que vida tão difícil que deves ter como criada! - disse-lhe Mameha. - Provavelmente

queres ter tantas coisas e tens tão pouco dinheiro para gastar. Mas diz-me, o que é que vais fazer com o dinheiro que acabaste de ganhar agora?

- Eu não ganhei dinheiro nenhum, minha senhora - disse ela. Mas ao vê-la engolir em seco com o nervoso, eu podia dizer que estava a mentir.

- Quanto dinheiro é que Hatsumomo te prometeu?

O olhar da criada caíu de imediato no chão. Foi só naquele momento que percebi o que Mameha estava a pensar. Como soubemos algum tempo depois, Hatsumomo tinha de facto subornado pelo menos uma das criadas de cada casa de chá de primeira classe em Gion. Era-lhes pedido que telefonassem a Yoko - a rapariga que atendia o telefone na nossa okiya - sempre que Mameha e eu chegássemos a uma festa. Claro que, na altura, não sabíamos ainda do envolvimento de Yoko; mas Mameha estava certíssima ao assumir que a criada desta casa de chá tinha enviado uma mensagem a Hatsumomo de uma maneira qualquer.

A criada não conseguia olhar para Mameha. Nem quando Mameha lhe levantou o queixo, a rapariga continuava a fixar o chão como se pesassem tanto quanto duas bolas de chumbo. Quando abandonámos a casa de chá, podíamos ouvir a voz de Hatsumomo vinda das janelas acima - porque era uma ruela tão estreita que tudo ecoava.

- Sim, como era o nome dela? - dizia Hatsumomo.

- Sayuko - disse um dos homens.

- Não era Sayuko. Sayuri - disse outro.

- Acho que era esse - disse Hatsumomo. - Mas de facto, é demasiado embaraçoso para ela... Não vos posso contar! Ela até parece ser boa rapariga...

- Não me deixou grande impressão - disse um homem. - Mas ela é muito bonita.

- Tem uns olhos tão estranhos! - disse uma das gueixas.

- Sabem o que eu ouvi um homem dizer acerca dos olhos dela noutra dia? - perguntou Hatsumomo. - Disse-me que eram da cor de minhocas esmagadas.

- Minhocas esmagadas... Nunca ouvi uma cor ser descrita dessa maneira assim.

- Bom, eu conto-vos o que ia dizer acerca dela - continuou Hatsumomo - mas têm que me prometer que não o vão repetir. Ela tem uma espécie qualquer de doença, e o peito dela é assim como o de uma velha, todo pendurado e enrugado, não é horrível!? Eu vi-a uma vez numa casa de banhos...

Mameha e eu tínhamos parado para escutar, mas quando ouvimos isto, ela deu-me um pequeno empurrão e saímos juntas das ruela. Mameha ficou um bocado a olhar para cima e para baixo da rua, e depois disse:,

- Estava a tentar imaginar onde poderíamos ir, mas... não consigo pensar num único local. Se aquela mulher nos encontrou aqui, calculo que nos poderá encontrar em qualquer sítio de Gion. Bem podes regressar à tua okiya, Sayuri, até que arranjemos um novo plano.

Numa tarde, durante a Segunda Grande Guerra, alguns anos depois destes acontecimentos que vos estou a contar agora, um oficial retirou a sua pistola do coldre durante uma festa debaixo dos ramos de um carvalho silvestre e pousou-a na esteira para me impressionar. Lembro-me de ter ficado de facto impressionada com a beleza do objecto. O metal tinha um brilho cinzento baço; as curvas eram perfeitas e macias. A madeira oleada do cabo era de um grão muito fino. Mas quando pensei na sua verdadeira utilidade enquanto ouvia as histórias dele, deixou completamente de me parecer bela e em vez disso



tornou-se-me em algo de monstruoso.

Foi exactamente isto que aconteceu com Hatsumomo a meus olhos depois de ela ter conseguido entrar o meu debute. Isto não quer dizer que não a tivesse considerado já monstruosa antes. Mas tinha-lhe sempre invejado a beleza, e agora já não invejava mais. Enquanto deveria estar a assistir a banquetes todas as noites, e dez ou quinze festas a seguir, era forçada a ficar sentada na okiya a praticar a dança e o shamisen tal como se nada na minha vida tivesse mudado desde o ano anterior. Quando Hatsumomo passava por mim corredor abaixo com todos os seus ornamentos, com a sua maquilhagem branca brilhando por cima dos vestidos escuros tal como a lua num nebuloso céu nocturno, tenho a certeza de que até um cego a teria achado bela. E no entanto, eu não sentia mais que ódio, e ouvia a pulsação a assobiar-me nos ouvidos.

Fui chamada ao apartamento de Mameha por várias vezes nos dias seguintes. De cada vez esperava que ela dissesse que tinha encontrado uma maneira de contornar Hatsumomo; mas só queria que eu lhe fizesse recados que não podia confiar à criada. Uma tarde perguntei-lhe se fazia alguma ideia do que me iria acontecer.

- Receio bem que sejas uma exilada, por agora, Sayuri-san - respondeu-me. - Espero que te sintas mais determinada do que nunca a destruir essa mulher má! Mas até eu ter pensado num plano, não será bom para ti seguires-me aqui por Gion.

Claro que eu ficara desapontada ao ouvir aquilo, mas Mameha tinha razão. O ridículo por parte de Hatsumomo iria prejudicar-me tanto aos olhos dos homens, e até mesmo aos olhos das mulheres em Gion, que o melhor era ficar em casa.

Felizmente, Mameha era muito inventiva e de vez em quando conseguia arranjar compromissos a que era seguro para mim ir. Hatsumomo podia ter-me fechado Gion, mas não conseguia fechar-me o mundo inteiro ali à volta. Quando Mameha deixava Gion por causa de um compromisso, normalmente convidava-me para ir consigo. Fiz uma viagem de comboio que durou um dia até Kobe, onde Mameha cortou a fita de inauguração de uma nova fábrica. Noutra altura juntei-me-lhe para acompanhar o anterior presidente da Companhia de Telefones e Telégrafo Nipónicos numa viagem de limusina por Quioto. Esta viagem impressionou-me bastante, porque era a primeira vez que via a grande cidade de Quioto que ficava para lá das fronteiras do nosso pequeno Gion, para não referir que era a primeira vez que andava de carro. Nunca tinha de facto compreendido como algumas pessoas viviam tão desesperadamente durante esses anos, até que rodámos ao longo do rio, ao sul da cidade, e vimos mulheres sujas a embalarem as suas crianças debaixo das árvores ao longo dos carris, e os homens agachados em sandálias de palha desfeitas entre as ervas daninhas. Não quero dizer que as pessoas pobres nunca viessem a Gion, mas muito raramente víamos alguém como estes camponeses esfomeados, demasiado pobres até para tomarem banho. Nunca poderia ter imaginado que eu - uma escrava aterrorizada pela maldade de Hatsumomo - tivesse vivido uma vida relativamente afortunada durante a Grande Depressão. Mas naquele dia apercebi-me de que era verdade.

Tarde numa manhã regresssei da escola para encontrar uma nota a dizer-me para levar a minha maquilhagem e me apressar até ao apartamento de Mameha. Quando cheguei, o Sr. Itchoda, que era um vestidor tal como o Sr. Bekku, estava na sala dos fundos a atar o obi de Mameha diante de um espelho de corpo inteiro.

- Despacha-te e põe a tua maquilhagem - disse-me Mameha. - Estendi um quimono para ti no outro quarto.

De acordo com os padrões de Gion, o apartamento de Mameha era enorme. Além da sala principal, com a área de seis tatami, ela tinha duas outras salas mais pequenas - uma área de vestir que

funcionava também como quarto das criadas, e o quarto em que dormia. Ali, no quarto dela, estava um futon recém feito, com um conjunto de quimono completo em cima, que a criada dela havia preparado para mim. Estava surpreendida com o futon. Os lençóis não eram seguramente aqueles em que Mameha dormira na noite anterior, porque se mostravam macios como neve fresca. Questionava-me sobre o assunto enquanto despia o vestido de algodão que trouxera. Quando ia começar a aplicar a minha maquilhagem, Mameha disse-me porque é que me tinha chamado.

- O Barão está de regresso à cidade - disse. - Vai vir aqui para almoçar. Quero que ele te conheça.

Ainda não tive oportunidade de mencionar quem era o Barão, mas Mameha referia-se ao Barão Matsunaga Tsuneyoshi - o danna dela. Já não temos barões e condes no Japão, mas tínhamos antes da Segunda Grande Guerra, e o Barão Matsunaga estava seguramente entre os mais ricos. A sua família controlava um dos maiores bancos do Japão, e era muito influente nas finanças. Originalmente, fora o irmão mais velho dele quem herdara o título de Barão, mas tinha sido assassinado quando servia como Ministro das Finanças no gabinete do Primeiro Ministro Inukai. O danna de Mameha, já nos seus trinta por aquela altura, havia não apenas herdado o título de barão mas todas as acções do irmão, incluindo uma grande propriedade em Quioto não muito longe de Gion. Os interesses dos seus negócios mantinham-no em Tóquio a maior parte do tempo; e algo mais o mantinha lá também - porque soube muitos anos mais tarde que ele possuía outra amante, no bairro de gueixas Akasaka em Tóquio. Poucos homens são suficientemente ricos para se poderem dar ao luxo de ter uma gueixa por amante, mas o Barão Matsunaga tinha duas.

Agora que eu sabia que Mameha iria passar a tarde com o seu danna, fiquei com uma ideia muito mais clara dos motivos porque o futon do quarto dela tinha sido feito com lençóis frescos.

Mudei-me depressa para as roupas que Mameha me tinha destinado - uma combinação verde-clara, e um quimono em ferrugem e amarelo, com um desenho de pinheiros na bainha. Neste momento, uma das criadas de Mameha regressava de um restaurante ali perto com uma enorme caixa de laca contendo o almoço do Barão. As comidas dentro dela, em pratos e taças, estavam prontas a ser servidas tal como num restaurante. O maior era um prato de laca direito com dois peixes ayu salgados grelhados, dispostos sobre a barriga como se estivessem a nadar juntos pelo rio abaixo. A um lado estavam dois caranguejos minúsculos cozidos a vapor, do tipo que se comem inteiros. Um rasto de linhas de sal curvavam-se ao longo da laca preta para sugerir a areia que teriam atravessado.

Uns minutos depois chegou o Barão. Espreitei por uma fenda na extremidade da porta de correr, e vi-o de pé ali mesmo no patamar, enquanto Mameha lhe desapertava os sapatos. A primeira impressão que tive foi de uma amêndoa ou outro tipo de noz, porque era pequenino e muito redondo, com uma certa dose de peso, particularmente à roda dos olhos. A barbas estavam na moda naquela altura, e o Barão usava um número de pêlos longos e macios no rosto, que calculo era suposto assemelharem-se a uma barba, mas pareciam-me mais como uma espécie qualquer de guarnição, tal como as finas tiras de algas que às vezes são semeadas sobre uma taça de arroz.

- Oh, Mameha,.. Estou exausto - ouvi-o dizer. - Como odeio estas longas viagens de comboio!

Por fim ele saiu dos sapatos e atravessou a sala com pequeninos passos enérgicos. Cedo na manhã, o cabeleireiro de Mameha tinha trazido uma cadeira estofada e um tapete persa do armário de um armazém do outro lado da entrada, e havia-os colocado junto à janela. O Barão sentou-se ali; mas quanto ao que aconteceu a seguir, não posso dizer, porque a criada de Mameha veio até mim e fez uma vénia a pedir desculpa antes de dar um empurrão final à porta para a fazer deslizar e fechar-se completamente.

Fiquei na pequena sala de vestir de Mameha durante uma hora ou mais enquanto a criada entrava

e saía a servir o almoço ao Barão. Ocasionalmente, ouvia o murmúrio da voz de Mameha, mas na maior parte era o Barão quem fazia a conversa. A um dado momento pensei que ele estava zangado com Mameha, mas por fim ouvi o suficiente para perceber que estava apenas a lamentar-se por causa de um homem que tinha conhecido no dia anterior, e que lhe fizera uma série de perguntas pessoais que o tinham deixado zangado. Por fim, depois de a refeição ter terminado, a criada levou taças de chá, e Mameha mandou-me chamar. Eu entrei e ajoelhei-me diante do Barão, sentindo-me muito nervosa - porque nunca antes tinha conhecido um aristocrata. Fiz a vénia, e pedi-lhe a benevolência, e pensei que talvez me dissesse qualquer coisa. Mas ele parecia estar a olhar em volta do apartamento, quase nem dando pela minha presença.

- Mameha - disse - o que é que aconteceu àquele rolo que costumavas ter na alcova? Era uma pintura a tinta de uma coisa qualquer - muito melhor do que o que ali tens agora.

- O rolo que agora ali está, Barão, é um poema pela mão do próprio Matsudaira Koichi. Tem estado pendurado nesta alcova há já quase quatro anos.

- Quatro anos? Não estava ali a pintura a tinta quando cá vim no mês passado?

- Não estava... mas de qualquer maneira, o Barão não me honra com uma visita há quase três meses.

- Não me admira que me sinta tão exausto. Estou sempre a dizer que tenho que passar mais tempo em Quioto, mas... bom, uma coisa leva a outra. Vamos dar uma olhadela àquele rolo de que estou a falar. Não posso crer que tenham passado quatro anos desde que o vi.

Mameha chamou a criada e pediu-lhe que trouxesse a pintura da arrecadação. Foi-me dada a tarefa de a desenrolar. Tinha as mãos a tremer tanto, que me escorregou dos dedos quando a erguia para o Barão olhar para ela.

- Cuidado, rapariga! - disse ele.

Fiquei tão envergonhada que, mesmo depois de ter feito a vénia e pedido desculpa, não conseguia impedir-me de olhar para ele uma vez atrás da outra para confirmar se tinha ficado zangado comigo. Enquanto erguia o rolo, ele parecia estar a olhar mais para mim do que para a pintura. Mas não era um olhar de reprovação. Após um momento, apercebi-me de que era curiosidade, o que me fez sentir ainda mais consciente de mim.

- Este rolo é muito mais atraente do que o que tu agora tens na alcova, Mameha - disse. Mas parecia continuar a olhar para mim, e não fez qualquer esforço para desviar os olhos quando lhe retribuí. - De qualquer maneira, a caligrafia é uma coisa tão antiquada - continuou. - Tens que tirar aquela coisa da alcova e pôr lá outra vez esta pintura.

Mameha não tinha alternativa senão fazer como o Barão sugeria; ela até conseguiu fingir parecer que achava que era uma ótima ideia. Quando a criada e eu acabámos de pendurar a pintura e enrolar o outro rolo, Mameha chamou-me para que servisse o chá ao Barão. Quem nos olhasse de cima, via que formávamos um pequeno triângulo - Mameha, o Barão e eu. Mas claro que a conversa era feita apenas por Mameha e pelo Barão; quanto a mim, não fazia nada mais de útil do que ajoelhar-me ali, sentindo-me tão fora do meu elemento como um pombo num ninho de falcões. Pensar que alguma vez me imaginasse digna de entreter os homens que Mameha recebia - não apenas grandes aristocratas como o Barão, mas o Director também. Até mesmo o director do teatro de há umas noites antes... ele nem sequer me olhara. Não diria que antes me sentiria digna da companhia do Barão; mas agora, não consigo deixar de achar, mais uma vez, que não era mais do que uma rapariga ignorante de uma aldeia de pescadores. Hatsumomo, se ela viesse a ganhar, iria manter-me tão baixo, que qualquer homem que entrasse em Gion ficaria para

sempre demasiado longe de mim para sempre. Por tudo o que sabia poderia nunca mais voltar a ver o Barão Matsunaga, e nunca voltar a encontrar o Director. Seria possível que Mameha não se apercebesse da miséria da minha situação e me deixasse a apodrecer na okiya como um pequeno quimono usado que parecera tão bonito na loja? O Barão - que, como começava a perceber, era um homem bastante nervoso - inclinou-se para a frente para raspar um risco na mesa de Mameha, e fez-me lembrar o meu pai no último dia em que o vira, a esgravatar na fuligem das gretas da mesa com as unhas. Perguntava-me o que é que pensaria o meu pai se pudesse ver-me ajoelhada ali, no apartamento de Mameha, usando um vestido mais caro do que qualquer coisa em que alguma vez tivesse posto os olhos, com um Barão do outro lado da mesa e uma das gueixas mais famosas do Japão a meu lado. Eu quase era indigna deste ambiente. E depois tomei consciência de toda a magnífica seda enrolada à volta do meu corpo, e tive o sentimento de que me poderia afogar em beleza. Naquele momento, a beleza em si feriu-me como uma espécie de melancolia dolorosa.

\*

Uma tarde em que Mameha e eu andávamos a passear pela ponte da Avenida Shijo para irmos buscar uns novos ornamentos de cabelo no bairro de Pontocho - porque Mameha nunca gostara das lojas que vendem ornamentos de cabelo em Gion -, parou bruscamente. Um velho rebocador fazia o seu caminho lançando algumas fumaças por baixo da ponte; pensei que Mameha estivesse apenas preocupada com os fumos negros, mas depois de um momento virou-se para mim com uma expressão que eu não conseguia entender.

- O que é que se passa, Mameha-san? - perguntei.

- Bem to posso dizer, porque não tarda que o oiças de outra pessoa qualquer - disse ela. - A tua amiguinha Abóbora acabou de ganhar o prémio de aprendiz. E espera-se também que o venha a ganhar uma segunda vez.

Mameha referia-se a um prémio que era atribuído à aprendiz que mais dinheiro ganhasse no mês anterior. Pode parecer estranho que um tal prémio existisse, mas havia uma razão muito boa. Encorajar as aprendizas a ganhar o máximo possível ajudava a transformá-las no tipo de gueixa mais apreciada em Gion - isto quer dizer, a que vai ganhar muito, não apenas para si própria, mas também para todos os outros.

Por várias vezes Mameha previra que a Abóbora iria lutar durante alguns anos e acabar no tipo de gueixa com alguns clientes fiéis - nenhum deles muito rico - e pouco mais. Era um retrato triste, mas fiquei contente por saber que a Abóbora se estava a governar melhor do que isso. Mas, ao mesmo tempo, senti a ansiedade a picar-me o estômago. A Abóbora agora parecia ser uma das aprendizas mais populares de Gion, enquanto eu continuava a ser uma das mais obscuras. Quando comecei a interrogar-me sobre o que isso poderia significar para o meu futuro, sinceramente que o mundo à minha volta pareceu tornar-se-me escuro.

A coisa mais espantosa quanto ao êxito da Abóbora, estava eu ali na ponte a pensar no assunto, era que ela tivesse conseguido ultrapassar uma rapariguinha lindíssima chamada Raiha, que tinha ganho o prémio durante os últimos meses. A mãe de Raiha tinha sido uma gueixa de renome, e o pai era membro de uma das famílias mais ilustres do Japão de riqueza quase ilimitada. Sempre que Raiha passava a meu lado, sentia-me como uma simples truta se deve sentir quando o salmão desliza por ela. Como teria a Abóbora conseguido ultrapassá-la? Certamente que Hatsumomo a teria obrigado a esforçar-se desde o dia da sua iniciação, tanto que ultimamente começara a perder peso e nem parecia ela própria. Mas independentemente da quantidade de trabalho que a Abóbora pudesse ter tido, poderia ela de facto ter-se tornado mais popular que Raiha?

- Oh, vá lá, anima-te - disse Mameha - não fiques tão triste. Deverias estar contente!

- Sim, é muito egoísta da minha parte - disse eu.

- Não é isso que eu quero dizer. Hatsumomo e a Abóbora vão pagar muito caro por este prémio de aprendizagem. Dentro de cinco anos ninguém mais se irá lembrar de quem era a Abóbora.

- Parece-me - disse - que toda a gente se irá recordar dela como a rapariga que ultrapassou a Raiha.

- Ninguém ultrapassou a Raiha. A Abóbora pode ter ganho a maior quantidade de dinheiro no mês passado, mas Raiha continua a ser a aprendiz mais popular em Gion. Vem que eu explico-te.

Em Gion, disse Mameha, uma gueixa muito popular pode sempre conseguir que a sua irmãzinha ganhe mais dinheiro que todas as outras - se estiver disposta a arriscar ferir a sua própria reputação. A razão disso tem a ver com o modo como o ohana, o «preço das flores», é pago. Antigamente, há cem anos atrás ou mais, de cada vez que uma gueixa chegava a uma festa para trabalhar, a patroa da casa de chá acendia um pau de incenso que durava uma hora - chamado um ohana, ou «flor». O salário da gueixa baseava-se no número de paus de incenso que tinham ardido até ao momento em que ela se ia embora.

O preço de um ohana era sempre fixado pelo Registo de Gion. Quando eu era aprendiz, custava 3 ienes, que era mais ou menos o correspondente a talvez duas garrafas de licor. Pode parecer muito, mas uma gueixa pouco popular a ganhar um ohana por hora tem uma vida sombria. Provavelmente passará a maior parte das noites sentada à volta da braseira de carvão à espera de um compromisso; mesmo quando está ocupada pode não ganhar mais do que 10 ienes numa noite, o que não será suficiente nem para lhe pagar as dívidas. Considerando toda a riqueza que entra em Gion, ela não é mais do que um insecto debicando no cadáver - em comparação com Hatsumomo ou Mameha, que são leas magníficas a festejar a matança, não apenas porque têm compromissos diários para a noite inteira, mas também porque levam muito mais caro. No caso de Hatsumomo, ela cobrava um ohana por cada quinze minutos, em vez de um por hora. E no caso de Mameha... bom, não havia mais ninguém como ela em Gion, debitava um ohana por cada cinco minutos.

Claro que nenhuma gueixa guarda para si todos os seus proventos, nem mesmo Mameha. A casa de chá em que ela ganha o salário fica-lhe com uma parte; depois, uma porção muito menor vai para a associação das gueixas; e uma parte para o vestidor; e por aí fora, incluindo o preço que ela possa ter de pagar a uma okiya em troca de lhe manter os livros de contabilidade e lhe controlar os compromissos. Provavelmente, só guardará pouco mais de metade do que ganha. No entanto, é ainda uma soma enorme quando comparada com os meios de subsistência de uma gueixa pouco popular, que dia a dia se enterra cada vez mais num poço.

Eis como uma gueixa como Hatsumomo poderia fazer a sua irmãzinha parecer ter mais êxito do que de facto teria.

Para começar, uma gueixa popular em Gion é bem acolhida em quase todas as festas, e irá a muitas delas por apenas cinco minutos. Os clientes ficarão contentes em lhe pagar o salário, mesmo que entre apenas para dizer olá. Sabem que da próxima vez que visitarem Gion provavelmente se lhes juntará à mesa durante um bocado para lhes dar o prazer da sua companhia. Uma aprendiz, por outro lado, não pode de modo algum governar-se com este tipo de comportamento. O papel dela é criar relacionamentos. Até se tornar, pelos dezoito anos, uma gueixa capaz de voar sozinha não pode considerar a hipótese de saltitar de festa em festa. Em vez disso, ficará durante uma hora ou mais, e só depois telefona para a okiya para saber onde está a sua irmã mais velha, a fim de poder ir até outra casa de chá e ser apresentada a uma nova rodada de convidados. Enquanto a sua popular irmã mais velha pode entrar e sair de tantas quanto umas vinte festas durante uma noite, uma aprendiz provavelmente não irá a mais do

que cinco. Mas não era isto o que Hatsumomo estava a fazer. Ela levava a Abóbora consigo a todo o sítio aonde ia.

Até à idade de dezasseis anos, uma aprendiz de gueixa cobra meio ohana por hora. Se a Abóbora ficasse numa festa apenas cinco minutos, ao convidado era cobrado o mesmo que se ela tivesse ficado a hora inteira. Por outro lado, ninguém esperava que a Abóbora ficasse apenas cinco minutos. Provavelmente, os homens não se importavam que Hatsumomo trouxesse a sua irmãzinha para uma breve visita numa noite, ou mesmo em duas. Mas depois de algum tempo deveriam começar a perguntar-se porque é que ela andava tão ocupada para não poder ficar mais tempo; e porque é que a sua irmãzinha não ficava para trás como se esperava. Como vêem, os ganhos da Abóbora podiam ter sido altos - talvez tão altos quanto três ou quatro ohana por cada hora. Mas era certo que iria pagar por isso com a sua reputação, e Hatsumomo também.

\* \* \*

- O comportamento de Hatsumomo só nos mostra o quanto ela está desesperada - concluiu Mameha. - Fará tudo para fazer com que a Abóbora pareça bem. E tu sabes porquê, não sabes?

- Não tenho bem a certeza, Mameha-san.

- Ela quer que a Abóbora pareça ter êxito a fim de que a Sra. Nitta a adopte. Se a Abóbora se tornar filha da okiya, o futuro dela fica assegurado, e também o de Hatsumomo. Apesar de tudo, Hatsumomo é a irmã da Abóbora; a Sra. Nitta seguramente não a iria expulsar. Compreendes o que estou a dizer? Se a Abóbora for adoptada, nunca mais te verás livre de Hatsumomo... a não ser que sejas tu a ser expulsa.

Senti-me como as ondas do mar se devem sentir quando as nuvens bloqueiam o calor do sol.

- Esperava poder ver-te como uma jovem e popular aprendiz em breve - continuou Mameha - mas Hatsumomo atravessou-se mesmo no teu caminho.

- Pois atravessou!

- Bom, pelo menos estás a aprender como conviver adequadamente com os homens. Tens sorte em ter sido apresentada ao Barão. Posso não ter ainda descoberto uma maneira de contornar Hatsumomo, mas para dizer a verdade... - E aqui ela interrompeu-se.

- Senhora? - disse eu.

- Oh, não interessa, Sayuri. Seria uma idiota se partilhasse os meus pensamentos contigo.

Fiquei sentida por ouvir isto. Mameha deve ter reparado nos meus sentimentos porque disse imediatamente:

- Tu estás a viver debaixo do mesmo tecto que Hatsumomo, não estás? Tudo o que eu te disser pode-lhe chegar a ela.

- Lamento imenso, Mameha-san, pelo que quer que tenha feito para merecer a sua fraca opinião a meu respeito - disse-lhe. - Pode realmente imaginar que vou a correr para a okiya para contar tudo a Hatsumomo?

- Não estou preocupada com o que tu faças. Os ratos não são comidos por irem a correr até ao sítio em que o gato está a dormir e acordarem-no. Sabes perfeitamente como Hatsumomo é cheia de expedientes. Tens apenas que ter confiança em mim, Sayuri.

- Sim minha Senhora - respondi; porque de facto, não havia mais nada que pudesse dizer.

- Mas vou dizer-te uma coisa - acrescentou Mameha, inclinando-se um bocadinho para a frente, o

que eu considere um sinal de excitação. - Tu e eu vamos as duas juntas a um encontro dentro de duas semanas, a um local onde Hatsumomo nunca nos encontrará.

- Posso perguntar onde?

- Claro que não! Nem sequer te direi quando. Mas tens que estar preparada. Saberás tudo o que precisas de saber quando o momento certo chegar.

\* \* \*

Quando regresssei à okiya nessa tarde, escondi-me lá em cima para consultar o meu almanaque. Destacava-se uma variedade de dias durante as próximas duas semanas. Um era a quarta-feira seguinte, que era um dia favorável para viajar para leste; pensei que Mameha talvez estivesse a planear levar-me para fora da cidade. Outro era a segunda-feira próxima, que acontecia ser também tai-an - o dia mais auspicioso da semana budista de seis dias. Por fim, o domingo a seguir mostrava uma leitura curiosa: «Um equilíbrio entre o bom e o mau pode abrir a porta ao destino.» Este parecia-me o mais intrigante de todos.

Não soube nada de Mameha na quarta-feira. Umas tardes depois, chamou-me ao apartamento dela - num dia que o meu almanaque considerava pouco favorável - mas apenas para discutir uma mudança na minha aula de cerimónia do chá na escola. Depois disto, passou uma semana inteira sem que recebesse uma palavra dela. E então, num domingo por volta do meio-dia, ouvi o deslizar da porta da okiya a abrir-se; pousei o shamisen na passagem de madeira onde estivera a praticar durante mais ou menos uma hora, e corri para a entrada. Esperava ver uma das criadas de Mameha, mas era apenas o homem da farmácia a fazer uma entrega de ervas chinesas para a artrite da Tia. Depois de uma das nossas criadas mais velhas ter levado os pacotes, ia regressar ao meu shamisen quando reparei que o homem das entregas estava a tentar captar-me a atenção. Segurava num bocado de papel numa das mãos, de maneira que só eu podia ver. A nossa criada estava na eminência de deslizar a porta para a fechar, mas ele disse-me: «Lamento incomodá-la, menina, mas importava-se de me deitar fora isto?». A criada achou que era esquisito, mas eu peguei no papel e fingi deitá-lo fora no quarto das criadas. Era uma nota, não assinada, com a letra de Mameha.

- Pede à Tia autorização para sair. Diz-lhe que eu tenho trabalho para tu fazeres no meu apartamento, vem até cá e não chegues mais tarde que a uma hora. Não deixes que mais ninguém saiba aonde vais.

Tenho a certeza que as precauções de Mameha eram muito sensatas, mas de qualquer maneira, a Mãe estava a almoçar com uma amiga, e Hatsumomo e a Abóbora já tinham saído para um compromisso durante a tarde. Não estava mais ninguém na okiya senão a Tia e as criadas. Fui lá acima direito ao quarto da Tia para a descobrir envolvida num pesado cobertor de algodão e deitada sobre o futon a preparar-se para dormir uma sesta. Tremia na camisa de noite enquanto eu falava com ela. No momento em que ouviu que Mameha me tinha mandado chamar, nem quis saber o motivo. Fez-me apenas um aceno com a mão e rastejou para dentro do cobertor para voltar a dormir.

\* \* \*

Mameha estava ainda ocupada com um compromisso matinal quando cheguei ao apartamento dela, mas a criada fez-me entrar para o quarto de vestir para me ajudar a fazer a maquilhagem, e depois trouxe o conjunto de quimono que Mameha me tinha destinado. Já me estava a habituar a usar os quimonos de Mameha, mas de facto, é invulgar para uma gueixa emprestar assim os vestidos da sua colecção. Duas amigas em Gion poderiam trocar de quimono por uma noite ou duas; mas é raro que uma gueixa mais velha mostre tamanha generosidade para com uma rapariga mais nova. E de facto, Mameha estava a ter uma série de trabalhos por minha causa; já não usava mais ela própria aqueles vestidos de mangas compridas e tinha que os mandar vir do armazém. Muitas vezes me perguntei se esperava que eu lhe retribuísse de alguma maneira.

O quimono que me tinha destinado naquele dia era o mais bonito de todos - de seda cor de laranja com uma queda de água em prata a correr dos joelhos para um oceano de um azul-escuro-mate. A cascata era dividida por rochedos castanhos, com ramos de madeira à deriva na base, bordados em fios lacados. Não me apercebi, mas o vestido era muito conhecido em Gion; as pessoas que o vissem provavelmente pensariam imediatamente em Mameha. Ao permitir-me usá-lo, penso que me estava a passar a mim alguma da sua aura.

Depois de o Sr. Itchoda me ter atado o obi - cor de ferrugem e castanho iluminado por fios dourados - dei os retoques finais na maquilhagem e pus os ornamentos no cabelo. Enfieei o lenço do Director - que tinha trazido da okiya como o fazia muitas vezes - dentro do meu obi, e fiquei de pé diante do espelho espantada comigo própria. Era já surpreendente para mim que Mameha tivesse preparado tudo para eu parecer tão bela; mas a culminar tudo isso, quando regressou ao apartamento, ela própria se mudou para um quimono relativamente pouco elaborado. Era um vestido da cor de batata da montanha, coberto com ligeiras manchas de cinzento, e o obi dela apresentava um padrão simples de losangos negros sobre um fundo azul-escuro. Tinha o brilho discreto de uma pérola, como sempre; mas quando caminhávamos rua abaixo juntas, as mulheres que faziam a vénia a Mameha ficavam a olhar para mim.

Do Templo de Gion, fomos de riquexó para norte durante uma meia hora, até uma zona de Quioto que eu nunca antes vira. Durante o caminho, Mameha disse-me que iríamos a uma exibição de Sumo como convidadas de Iwamura Ken, o fundador da Companhia Eléctrica Iwamura de Osaca - o qual, por coincidência, era o fabricante do aquecimento que tinha morto a Avó. O braço direito de Iwamura, Nobu Toshikazu, que era presidente da companhia, também estaria presente. Nobu era um grande apreciador de Sumo e tinha ajudado a organizar a exibição daquela tarde.

- Deveria contar-te - disse-me - que Nobu é... tem um aspecto peculiar. Causar-lhe-ás uma óptima impressão se te portares bem quando o encontrares. - Depois de ter afirmado isto, lançou-me um olhar como a dizer que ficaria muito desapontada comigo se não o conseguisse fazer.

Quanto a Hatsumomo, não teríamos que nos preocupar com ela. Os bilhetes para o espectáculo já tinham esgotado há semanas.

Descemos por fim do riquexó no campus da Universidade de Quioto. Mameha conduziu-me por



um caminho de terra ladeado de pequenos pinheiros. Edifícios à maneira ocidental contornavam-nos dos dois lados, com janelas divididas em pequenos quadradinhos de vidro por tiras de madeira pintada. Não me tinha apercebido de quanto Gion passara a significar como meu novo lar, até que me senti deslocada na Universidade. Todos os rapazes ali em volta tinham a pele macia e o cabelo de risco ao meio, alguns usando suspensórios para segurar as calças. Pareciam achar-me a mim e a Mameha tão exóticas que paravam para nos olharem quando nos cruzávamos, e até diziam piadas uns aos outros. Em breve passámos por um portão de ferro com uma multidão de homens mais velhos e um certo número de mulheres, incluindo um bom número de gueixas. Quioto tinha poucos lugares onde se pudesse levar a cabo uma exibição de Sumo sem ser ao ar livre, e um deles era o velho Auditório da Universidade de Quioto. O edifício já não existe hoje; mas naquela altura encaixava-se nas estruturas ocidentais à sua volta como um velho enrugado em quimono se encaixa num grupo de homens de negócios. Era um grande edifício em forma de caixa, com um telhado que não parecia suficientemente forte, e me fazia pensar numa tampa colocada no tacho errado. As portas enormes estavam tão empenadas que inchavam para fora dos varões de ferro aparafusados através delas. A sua irregularidade recordava-me tanto a minha casinha bêbeda, que por um momento fiquei triste.

Enquanto subia os degraus de pedra pelo edifício adentro, descobri duas gueixas a passear pelo pátio de cascalho, e fiz-lhes a vénia. Elas acenaram-me em resposta, e uma disse qualquer coisa à outra. Achei isto muito estranho - até que olhei para elas com mais cuidado. Caiu-me o coração aos pés; uma das mulheres era Korin, a amiga de Hatsumomo. Fiz-lhe outra vénia, agora que a tinha reconhecido, e esforcei-me o melhor que pude para sorrir. No momento em que desviaram os olhos, murmurei a Mameha:

- Mameha-san! Acabei de ver uma amiga de Hatsumomo!
- Não sabia que Hatsumomo tinha amigas.
- É Korin. Está ali... ou pelo menos estava há bocado, com outra gueixa.
- Conheço Korin. Porque é que estás tão preocupada com ela? O que é que ela te pode fazer?

Não tinha resposta para esta pergunta. Mas se Mameha não estava preocupada, não conseguia pensar num qualquer motivo para que eu o ficasse.

A minha primeira impressão, ao entrar no Auditório, foi a de um enorme espaço vazio que chegava ao tecto, debaixo do qual a luz do Sol entrava através de janelas altas com estores de papel por cima das cabeças. Aquela extensão enorme estava cheia com o barulho da multidão, e com o fumo dos bolos de arroz-doce torrados com a pasta de miso nos grelhadores do exterior. No centro havia uma elevação quadrada onde os lutadores iriam competir, dominado por um telhado ao estilo de um Templo de Shinto. Um padre andava à roda dentro dele, cantando bênçãos e abanando a sua varinha sagrada adornada com tiras de papel dobradas.

Mameha conduziu-me até uma fila da frente, onde tirámos os nossos sapatos e começámos a atravessar por uma pequena passagem de madeira com as meias de dedos divididos. Os nossos anfitriões estavam nesta fila, mas não fazia ideia de quem eram até que vislumbrei um homem a acenar com a mão para Mameha; soube imediatamente que aquele era Nobu. Não havia dúvida porque é que Mameha me tinha avisado quanto à aparência dele. Mesmo à distância, a pele da cara parecia uma vela derretida. Algures na sua vida sofrera queimaduras terríveis; a sua aparência total era tão trágica que nem conseguia imaginar as agonias por que teria passado. Já me estava a sentir esquisita por ter encontrado Korin; agora começava a preocupar-me que quando fosse apresentada a Nobu pudesse fazer-me passar por tonta sem saber exactamente porquê. Enquanto caminhava ali atrás de Mameha, concentrei a minha atenção não em Nobu, mas num homem muito elegante sentado ao lado dele no mesmo tapete de tatami,

usando um quimono masculino às riscas. Desde o momento em que pousei os olhos naquele homem senti uma estranha rigidez pousar sobre mim. Falava com alguém noutra camarote, pelo que só podia ver-lhe a parte de trás da cabeça. Mas era-me tão familiar que por um momento não conseguia dar sentido ao que via. Tudo o que sabia era que ele estava deslocado aqui no Auditório. Antes de sequer perceber porquê, vi uma imagem na minha mente dele a virar-se para mim nas ruas da nossa pequena aldeia...

E depois percebi: era o Sr. Tanaka!

Tinha mudado de alguma maneira que eu não conseguia descrever. Observei-o a levantar a mão para endireitar o cabelo cinzento e fiquei surpreendida pelo modo gracioso como movia os dedos. Porque é que eu achava tão peculiarmente calmante olhar para ele? Talvez eu tivesse ficado sonâmbula ao vê-lo e não percebesse bem como me sentia realmente. Bom, se odiava alguém neste mundo, odiava o Sr. Tanaka; tinha que me obrigar a lembrar-me disso. Não ia ajoelhar-me ao lado dele e dizer-lhe: «Oh, Sr. Tanaka, como me sinto honrada por vê-lo outra vez! O que é que o trouxe até Quioto?» Em vez disso descobriria alguma maneira de lhe mostrar os meus verdadeiros sentimentos, mesmo que nem remotamente fosse coisa apropriada para uma aprendiz fazer. Na verdade, tinha pensado muito pouco sobre o Sr. Tanaka nestes últimos anos. Mas ainda devia a mim própria não ser simpática para ele, não lhe despejar o saqué na taça se pudesse entornar-lho sobre uma perna. Sorrir-lhe-ia, como estava obrigada a sorrir; mas seria o sorriso que tantas vezes eu tinha visto sobre a face de Hatsumomo; e depois diria: «Oh, Sr. Tanaka, esse forte cheiro a peixe... faz-me ter tantas saudades de casa sentar-me aqui ao seu lado!» Como iria ficar escandalizado! ou talvez isto: «Veja lá, Sr. Tanaka, até tem um ar... distinto!». Embora na verdade, à medida que olhava para ele - porque entretanto quase tínhamos chegado ao camarote em que estava sentado - tivesse um ar distinto, mais distinto do que eu alguma vez poderia ter imaginado. Mameha estava mesmo a chegar, baixando-se até aos joelhos para fazer a vénia. Então ele virou a cabeça e, pela primeira vez, vi-lhe a cara larga e a agudeza dos ossos dos maxilares... e mais do que tudo, as suas pálpebras dobradas com tanta força no canto dos olhos e tão lisas e direitas. E subitamente tudo à minha volta pareceu ficar muito silencioso, como se ele fosse o vento que soprou e eu apenas uma nuvem levada por ele.

Ele era-me familiar, decerto - mais familiar em muitas maneiras do que a minha própria imagem no espelho. Mas não era o Sr. Tanaka de modo algum. Era o Director.

\*

Eu só tinha visto o Director durante um breve momento da minha vida; mas tinha passado muitos bons momentos desde então a imaginá-lo. Ele era como uma canção que eu tivesse ouvido uma vez em fragmentos, mas desde então a tivesse andado sempre a cantar na minha cabeça. Era evidente, claro, que as notas tinham mudado um bocadinho com o tempo - o que quer dizer que eu esperava que a frente dele fosse mais alta e que o cabelo fosse menos espesso. Quando o vi, tive um momento de hesitação e incerteza quanto a ser de facto o Director; mas senti-me tão apaziguada, que sabia com certeza que o tinha encontrado.

Enquanto Mameha cumprimentava os dois homens, fiquei atrás dela à espera da minha vez de fazer a vénia. E se a minha voz, quando eu tentasse falar, viesse a soar como um trapo a guinchar sobre madeira polida? Nobu, com as suas cicatrizes trágicas, observava-me, mas eu não tinha a certeza de que o Director tivesse sequer dado por mim; e era demasiado tímida para tentar lançar uma olhadela na direcção dele. Quando Mameha ocupou o seu lugar e começou a alisar o seu quimono sobre os joelhos, vi que o Director estava a olhar para mim com o que eu tomei por ser curiosidade. Perdi a coragem, e os pés ficaram-me gelados por causa do sangue todo que me aflorou à cara.

- Director Iwamura... Presidente Nobu - disse Mameha - esta é a minha nova irmãzinha Sayuri.

Tenho a certeza de que já ouviram falar do famoso Iwamura Ken, fundador da Companhia Eléctrica Iwamura. E provavelmente também ouviram falar de Nobu Toshikazu. Certamente que nenhuma sociedade de negócios no Japão foi alguma vez tão famosa quanto a deles. Eram como uma árvore e as suas raízes, ou um templo e o portão que existe diante dele. Mesmo sendo uma rapariga de catorze anos já tinha ouvido falar deles. Mas nunca imaginara nem por um momento que Iwamura Ken pudesse ser o homem que eu tinha encontrado nas margens do Ribeiro de Shirakawa. Bom, baixei-me de joelhos e fiz-lhe a vénia, dizendo as coisas habituais sobre o pedir-lhes a indulgência e por aí fora. Quando tinha acabado, fui ajoelhar-me no espaço entre os dois. Nobu ficou a conversar com um homem ao lado dele, enquanto o Director, no meu outro lado, se sentava com a mão à roda de uma taça de chá vazia sobre uma bandeja junto ao joelho. Peguei num pequeno bule e levantei a minha manga da maneira adequada para deitar o chá. Para minha surpresa, os olhos do Director deslizaram para o meu braço. Claro que me senti ansiosa por ver eu própria o que ele estaria a ver. Talvez por causa da iluminação sombria no Auditório, a parte de baixo do meu braço parecia brilhar com o resplendor macio de uma pérola, e ser de uma maravilhosa cor de marfim. Nenhuma parte do meu corpo alguma vez antes me parecera assim tão bela. Estava muito consciente de que os olhos do Director não se desviavam; e enquanto ele continuasse a olhar para o meu braço, certamente que eu não iria retirá-lo. E então, subitamente, Mameha ficou silenciosa. Parecia-me que ela tinha parado de falar porque o Director me observava o braço em vez de a escutar a ela. Mas depois apercebi-me do que se tratava de facto.

O bule de chá estava vazio. E mais ainda, já estava vazio quando lhe pegara.

Tinha-me sentido extremamente atraente um momento antes, mas agora murmurei uma desculpa e pousei o bule tão depressa quanto podia. Mameha riu-se. «Pode ver como ela é uma rapariga determinada, Director,» disse ela. «Se houvesse uma única gota de chá naquele bule, Sayuri tê-la-ia feito sair.»

- Aquele é seguramente um belo quimono que a tua irmãzinha traz, Mameha - disse o Director. - Será que me lembro de o ter visto em ti, nos tempos em que ainda eras aprendiz?

Se eu tivesse ainda algumas dúvidas sobre o facto de este homem ser o Director, perdi-as completamente depois de ouvir a bondade familiar na sua voz.

- Calculo que seja possível - respondeu Mameha. - Mas o Director já me viu usar tantos quimonos diferentes ao longo dos anos, que não consigo pensar que se lembre deles todos.

- Bom, não sou diferente de qualquer outro homem. A beleza nunca deixa de me impressionar. Mas no que toca aos lutadores de Sumo, não consigo distinguir um do outro.

Mameha inclinou-se diante do Director e sussurrou-me:

- O que o Director está a dizer é que não gosta particularmente de Sumo.

- Vá lá, Mameha - disse - se estás a tentar arranjar-me sarilhos com Nobu...

- Director, Nobu-san já sabe há anos o que o senhor sente acerca disso!

- No entanto, Sayuri, é este o teu primeiro encontro com o Sumo?

Eu tinha estado à espera de uma desculpa qualquer para falar com ele; mas antes que tivesse tempo sequer para inspirar, fomos todos surpreendidos por um enorme estrondo que fez abanar o grande edifício. As cabeças viraram-se e a multidão ficou silenciosa; mas não era mais do que o fechar de uma das portas gigantescas. Um momento depois podíamos ouvir as dobradiças a ranger e vimos a segunda porta arrastar-se pelo seu caminho em arco, empurrada por dois dos lutadores. Nobu tinha a cara virada para o outro lado; não consegui resistir a espreitar as terríveis queimaduras nos lados do rosto e no pescoço, e para a orelha, deformada. Depois vi que a manga do casaco estava vazia. Estivera tão

preocupada, que não reparara naquilo antes; dobrava-se em duas e fora presa ao ombro por um longo alfinete de prata.

Também vos posso dizer, se não o sabem já, que enquanto jovem tenente dos fuzileiros japoneses, Nobu tinha sido gravemente ferido num bombardeamento à saída de Seul em 1910, na altura em que a Coreia estava a ser anexada ao Japão. Eu não sabia nada sobre o heroísmo dele quando o conheci - embora de facto, a história fosse conhecida em todo o Japão. Se ele nunca se tivesse associado ao Director e eventualmente tornado Presidente da Companhia Eléctrica Iwamura, era provável que tivesse sido esquecido como herói de guerra. Mas como assim fora, os seus ferimentos terríveis tornavam muito mais notável a história do seu êxito, e por isso as duas eram normalmente referidas juntas.

Não sei muito de história - porque apenas nos ensinaram as artes na pequena escola - mas penso que o governo japonês ganhou controlo sobre a Coreia no final da Guerra Russo-Japonesa, e uns poucos anos depois tomou a decisão de incorporar a Coreia no Império crescente. Tenho a certeza que os coreanos não gostaram muito disso. Nobu foi até lá como parte de uma pequena força para manter as coisas na ordem. Ao fim de uma tarde ia a acompanhar o oficial em comando numa visita a uma aldeia perto de Seul. No caminho de regresso para o local onde tinham deixado os cavalos presos, os membros da patrulha foram atacados. Quando ouviram o guincho terrível de uma bomba a aproximar-se, o oficial em comando tentou enfiar-se num buraco, mas era um homem velho e movia-se à velocidade de uma bernaca, a descer vagarosamente uma rocha. Momentos antes de a bomba cair estava ainda a tentar equilibrar-se. Nobu deitou-se sobre o comandante num esforço para o salvar, mas o velhote levou isto a mal e tentou sair. Com algum esforço ergueu a cabeça; Nobu tentou puxar-lha para baixo, mas a bomba caiu, matando o comandante e ferindo gravemente Nobu. Na operação, mais tarde nesse ano, Nobu perdeu o braço acima do cotovelo.

Na primeira vez que vi a sua manga presa por um alfinete, não consegui evitar desviar os olhos assustada. Nunca antes observara alguém que tivesse perdido um membro - embora quando eu era pequenina, um assistente do Sr. Tanaka tivesse cortado a ponta de um dedo numa manhã quando limpava um peixe. No caso de Nobu, muitas pessoas achavam que o braço era o menor dos seus problemas, porque a pele dele era como uma enorme ferida. E difícil descrever-lhe o aspecto, e provavelmente seria cruel da minha parte sequer tentar. Limitar-me-ei a repetir o que ouvi uma vez outra gueixa dizer acerca dele: «De cada vez que olho para a cara dele, penso numa batata doce que ficou com bolhas no fogo.»

Quando as enormes portas se fecharam, virei-me para o Director para lhe responder à pergunta. Como aprendiz tinha a liberdade de ficar sentada tão silenciosa como um arranjo de flores, se quisesse; mas estava determinada a não perder esta oportunidade. Mesmo que lhe causasse uma mínima impressão, como o pé de uma criança sobre a poeira do solo, pelo menos seria um princípio.

- O Sr. Director perguntou se este era o meu primeiro encontro com o Sumo - disse. - De facto é, e ficaria muito grata por tudo o que o Sr. Director quisesse ter a amabilidade de me explicar.

- Se queres saber o que se está a passar - disse Nobu - é melhor falares comigo. Como é que te chamas, aprendiz? Não consegui ouvir bem com o barulho da multidão.

Virei-me do Director com tanta dificuldade quanto uma criança esfomeada se desvia de um prato com comida.

- O meu nome é Sayuri, Senhor.

- És a irmãzinha de Mameha; porque é que não te chamas «Mame» qualquer coisa? - continuou Nobu. - Não é essa uma das vossas tradições tontas?

- E, sim senhor. Mas, de acordo com o adivinho, todos os nomes com «Mame» se revelaram

pouco auspiciosos para mim.

- O adivinho - disse Nobu com desprezo. - Foi ele quem te escolheu o nome?

- Fui eu quem o escolhi - disse Mameha. - O adivinho não escolhe nomes; limita-se a dizer-nos se são aceitáveis.

- Um dia, Mameha - respondeu Nobu - ainda irás crescer e deixarás de dar ouvidos a idiotas.

- Vá lá, vá lá, Nobu-san - disse o Director - quem te ouvisse falar assim iria pensar que és o homem mais moderno da nação. E no entanto, não conheço ninguém que acredite mais no destino do que tu.

- Cada homem tem o seu destino. Mas quem precisa de ir a um adivinho para o descobrir? Será que vou falar com o cozinheiro para saber se tenho fome? - disse Nobu. - De qualquer maneira, Sayuri é um nome muito bonito, embora os nomes bonitos e as raparigas bonitas nem sempre andem juntos.

Estava a começar a perguntar-me se o seu comentário seguinte seria qualquer coisa do género: «Mas que irmãzinha mais feia que adoptaste Mameha!» ou algo de semelhante. Mas para alívio meu, ele disse:

- Eis aqui um caso em que o nome e a rapariga vão bem juntos. Creio que ela ainda há-de vir a ser mais bonita que tu, Mameha!

- Nobu-san! Nenhuma mulher gosta de ouvir que não é a criatura mais bonita presente.

- Especialmente tu, hem? Bom, é melhor começares a habituares-te a isso. Ela tem uns olhos particularmente bonitos. Volta-te para mim, Sayuri, para que eu os possa ver outra vez.

Não podia exactamente ficar a olhar para os tapetes, dado que Nobu queria ver-me os olhos. Nem podia retribuir-lhe o olhar directamente sem parecer demasiado ousada. Por isso, depois de deixar os olhos deambular um pouco, como a tentar encontrar no gelo um sítio para pôr o pé, deixei-os por fim pousar na região do queixo dele. Se eu tivesse podido impedir os meus olhos de o verem, seguramente que o teria feito; porque as feições de Nobu tinham a aparência de barro mal modelado. Devem recordar-se que eu ainda não sabia nada sobre a tragédia que o desfigurara. Quando me perguntava o que lhe poderia ter acontecido, não conseguia impedir aquele terrível sentimento de peso.

- Os teus olhos seguramente que brilham da maneira mais espantosa - disse.

Nesse momento uma pequena porta abriu-se na parte exterior do Auditório, e entrou um homem usando um quimono excepcionalmente formal com um chapéu preto alto na cabeça, parecendo ter saído directamente de uma pintura da Corte Imperial. Fez o seu caminho ao longo da coxia, conduzindo uma procissão de lutadores tão altos que tiveram que se baixar para passarem na ombreira da porta.

- O que é que sabes de Sumo, rapariguinha? - perguntou-me Nobu.

- Só que os lutadores são grandes como baleias, Senhor - disse eu. - Há um homem que trabalha em Gion que já foi lutador de Sumo.

- Deves querer dizer Awajiumi. Está sentado ali atrás, sabias?

- Com a sua única mão, Nobu apontou em direcção a outra fila onde se sentava Awajiumi, a rir-se de qualquer coisa, com Korin ao lado. Ela deve ter reparado em mim, porque fez um pequeno sorriso e depois inclinou-se para dizer qualquer coisa a Awajiumi, que olhou na nossa direcção.

-Nunca foi um grande lutador - disse Nobu. - Gostava de bater nos oponentes com o ombro. E como era estúpido, nunca funcionou, mas partiu a clavícula uma série de vezes.

Por agora os lutadores já tinham todos entrado no edifício e haviam-se colocado à volta do

quadrado. Os nomes deles iam sendo anunciados um a um, e subiram para o estrado, organizando-se num círculo de frente para o público. Mais tarde, quando fizeram o caminho de volta para fora do Auditório a fim de que os lutadores da equipa oposta pudessem começar a sua procissão, Nobu disse-me:

- Aquela corda em círculo no chão marca a arena. O primeiro lutador a ser empurrado para fora dela, ou que toque no chão com qualquer outra parte do corpo que não sejam os pés, perde. Pode parecer fácil, mas achas que gostarias de tentar empurrar um daqueles gigantes por cima daquela corda?

- Calculo que podia vir por detrás dele com taramelas de madeira - disse eu - e esperar assustá-lo tanto que ele saltasse sozinho.

- A sério - disse Nobu.

Não quero afirmar que isto fosse uma coisa particularmente inteligente da minha parte, mas foi um dos meus primeiros esforços para dizer piadas a um homem. Senti-me tão embaraçada, que não conseguia mais pensar no que falar a seguir. Então o Director inclinou-se para mim.

- Nobu-san não brinca quando se trata de Sumo - disse calmamente.

- Eu não brinco com as três coisas mais importantes da minha vida - disse Nobu - o Sumo, os negócios e a guerra.

- Meu Deus, eu acho que isso foi uma espécie de brincadeira - disse Mameha. - Quer isso dizer que costuma contradizer-se?

- Se estivesse a observar uma batalha - disse-me Nobu - ou, por outro lado, sentada numa mesa de reunião com homens de negócios, terias compreendido o que estava a acontecer?

Eu não tinha bem a certeza de ter percebido o que ele queria, mas podia ver pelo tom de voz que esperava que eu dissesse que não. «Oh, de modo nenhum», respondi eu.

- Exactamente. E também não podes esperar perceber o que se passa no Sumo. Por isso, podes rir-te das piadas de Mameha, ou podes escutar-me a mim e aprender o que isto significa.

- Há anos que ele anda a tentar ensinar-mo - disse-me calmamente o Director - mas sou um péssimo aluno.

- O Director é um homem brilhante - disse Nobu. - É um mau aluno de Sumo porque não lhe interessa. Nem sequer teria vindo aqui esta tarde, a não ser porque é suficientemente generoso para ter aceite a minha proposta de que a Companhia Eléctrica Iwamura fosse o mecenas desta exibição.

Entretanto as duas equipas já tinham terminado os seus rituais de entrada na arena. E seguiram-se duas outras cerimónias, uma para cada um dos dois yokozuna. Um yokozuna é o nível mais alto do Sumo - «tal como a posição de Mameha em Gion», como Nobu me explicou. Não tinha motivos para duvidar dele; mas se alguma vez para entrar numa festa Mameha levasse metade do tempo que estes yokozuna gastam para entrar na arena, certamente que nunca mais seria convidada. O segundo dos dois era mais pequeno, e tinha a cara mais impressionante - de modo nenhum flácida, mas ciselada como pedra, e com um maxilar que me fazia lembrar a proa quadrada que termina um barco de pesca. O público aplaudiu-o com tanta força que tive que tapar as orelhas. O nome dele era Miyagiyama, e se sabem alguma coisa de Sumo, compreenderão porque é que o aplaudiam assim.

- É o maior lutador que alguma vez vi - disse Nobu. Imediatamente antes de as sessões de luta começarem, o locutor anunciou os prémios para os vencedores. Um era uma considerável soma de dinheiro oferecida por Nobu Toshikazu, o Presidente da Companhia Eléctrica Iwamura. Nobu pareceu ficar muito aborrecido quando ouviu isto e disse: «Que tolo! O dinheiro não é meu, é da Companhia. Peço desculpa, Director. Vou pedir a alguém que chame o locutor para corrigir o erro».

- Não há qualquer erro, Nobu. Considerando a grande dívida que tenho para contigo, era o mínimo que poderia fazer.

- O Director é demasiado generoso - disse Nobu. - Fico-lhe muito grato. - E com isto, passou uma taça de saqué ao Director e encheu-a e beberam os dois juntos.

Quando os primeiros lutadores entraram na arena, esperava que a luta começasse logo. Em vez disso, eles passaram cinco minutos ou mais a atirar sal para o monte e a acorarem-se de maneira a inclinarem os corpos para um lado e erguerem uma perna alto no ar antes de baterem com o pé com força no chão. De tempos a tempos, agachavam-se, fixando os olhos brilhantes do outro, mas no momento em que pensava que iam atacar, um deles levantava-se e ia calmamente buscar outra mancheia de sal. Por fim, quando eu já não o esperava, aconteceu. Atiraram-se um ao outro, agarrando-se pelas tangas; mas num instante, um tinha empurrado o outro para o fazer perder o equilíbrio e o jogo tinha acabado. O público aplaudia e gritava, mas Nobu apenas abanou a cabeça e disse: «Má técnica.»

Durante os assaltos que se seguiram, senti muitas vezes que tinha uma orelha ligada à mente e outra ao coração; porque numa eu ouvia o que Nobu me dizia - e muito do que dizia era interessante. Mas o som da voz do Director, do outro lado, que continuava a falar com Mameha, distraía-me sempre.

Passou uma hora ou mais, quando o movimento de uma cor brilhante junto da zona onde estava Awajiumi me chamou a atenção. Foi o movimento de uma flor-de-laranjeira de seda no cabelo de uma mulher a tomar o seu lugar de joelhos. A princípio pensei que fosse Korin, e que ela tivesse mudado de quimono. Mas depois vi que não era nada Korin; era Hatsumomo.

Ao vê-la ali quando não esperava que viesse... senti um choque como se tivesse pisado um fio eléctrico. Certamente que seria uma questão de tempo antes que ela descobrisse uma maneira de me humilhar, mesmo aqui neste auditório gigantesco por entre centenas de pessoas. Eu não me importava que ela fizesse de mim uma tonta na frente de uma multidão, se tivesse que acontecer; mas não podia suportar o pensamento de parecer uma tonta diante do Director. Senti um tal sufoco na garganta, que nem sequer conseguia fingir estar a ouvir quando Nobu começou a contar-me qualquer coisa sobre dois lutadores que entretanto subiam para a arena. Quando olhei para Mameha, ela deume uma piscadela de olho em direcção a Hatsumomo, e depois disse: «Sr. Director, desculpe-me, mas tenho que me retirar por um momento. Ocorre-me que Sayuri pode querer fazer o mesmo.»

Ela esperou que Nobu acabasse a sua história, e depois seguiu-a para fora do auditório.

- Oh, Mameha-san... ela é pior que um demónio - disse eu.

- Korin já saiu há mais de uma hora. Ela deve ter encontrado Hatsumomo e mandou-a para cá. Na verdade, devias sentir-te lisonjeada tendo em consideração o trabalho a que Hatsumomo se dá apenas para te atormentar.

- Não poderia suportar que ela fizesse de mim uma tonta aqui diante de... bom, diante de toda esta gente.

- Mas se tu fizeres alguma coisa que ela ache ridículo, ela vai-te deixar em paz, não achas?

- Por favor, Mameha-san... não faça com que eu me sinta embaraçada.

Já tínhamos atravessado o pátio e estávamos a começar a subir os degraus adentro do edifício onde eram as casas de banho; mas em vez disso, Mameha conduziu-me mais além, passando debaixo de uma arcada coberta. Quando estávamos longe do alcance de todos ouvidos, ela falou-me baixinho:

- Nobu-san e o Director têm sido meus grandes patronos ao longo dos anos. Deus sabe que Nobu pode ser duro com as pessoas de quem não gosta, mas é tão leal para com os seus amigos quanto um

servo para com um senhor feudal; e nunca encontrarás homem que te mereça mais confiança. Achas que Hatsumomo entende estas qualidades? Tudo o que ela vê quando olha para Nobu é... «o Sr. Lagarto». E assim que ela lhe chama. «Mameha-san, eu vi-te com o Sr. Lagarto a noite passada! Oh, meu Deus, pareces estar toda cheia de manchas. Acho que ele te está a pegar.» Esse tipo de coisas. Agora, não me interessa o que pensas de Nobu-san neste momento. Com o tempo irás ver como é um homem bom. Mas Hatsumomo pode muito bem deixar-te em paz se achar que te interessas imenso por ele.

Eu não sabia como responder a isto. Nem sequer estava ainda segura do que Mameha me estaria a pedir para fazer.

- Nobu-san tem estado a falar contigo de Sumo a maior parte da tarde - continuou ela. - Por tudo o que se sabe, tu adora-lo. Agora prepara o espectáculo para os olhos de Hatsumomo. Deixa-a pensar que estás mais encantada com ele do que alguma vez estiveste por alguém. Provavelmente quererá que fiques mais tempo em Gion só para ver mais cenas.

- Mas, Mameha-san, como é que vou fazer Hatsumomo pensar que estou fascinada por ele?

- Se não consegues fazer uma coisas dessas, é porque eu não te treinei como deve ser.

Quando regressámos aos camarotes, Nobu tinha mais uma vez começado a conversar com um homem ao lado dele. Eu não podia interrompê-lo, por isso fingi estar interessada a observar os lutadores sobre a arena a prepararem-se para novo assalto. O público começava a ficar inquieto; Nobu não era o único a falar. Eu senti tanta vontade de me virar para o Director e perguntar-lhe se ele se lembrava de um dia, há alguns anos, quando tinha mostrado bondade para com uma rapariga... mas claro, nunca poderia dizer tal coisa. Além disso, seria desastroso para mim concentrar a minha atenção no Director enquanto Hatsumomo me estivesse a observar.

Em breve Nobu se virou para mim e disse, «Estes assaltos foram desinteressantes. Quando for a vez de Miyagiyama, então veremos a verdadeira arte. »

Isto, segundo me pareceu, era a minha oportunidade de me mostrar apaixonada por ele. «Mas as lutas que vi até agora têm sido tão impressionantes!» disse eu. «E as coisas que o Presidente Nobu tão amavelmente me tem ensinado são tão interessantes, que nem consigo imaginar não ter visto ainda sequer os melhores.»

- Não sejas ridícula - disse Nobu. - Nem um destes lutadores merece estar na mesma arena que Miyagiyama.

Por cima do ombro de Nobu, podia ver Hatsumomo numa fila mais para trás. Conversava com Awajiumi, e não parecia estar a olhar para mim.

- Sei que a pergunta pode parecer-lhe muito estúpida - continuei eu - mas como é que um lutador tão pequeno como Miyagiyama pode ser o melhor?

E se tivessem visto a minha cara, poderiam ter pensado que não havia no mundo assunto que mais me interessasse. Senti-me ridícula, por fingir estar absorvida por algo tão trivial; mas ninguém que nos visse poderia pensar que não estávamos a falar dos mais profundos segredos das nossas almas. Fico feliz por dizer que, nesse mesmo instante, tive um vislumbre de Hatsumomo a virar a cabeça em direcção a mim.

- Miyagiyama só parece pequeno porque os outros são muito mais gordos - estava Nobu a dizer. - Mas ele tem muito orgulho no seu tamanho. O peso e altura foram publicados no jornal correctamente há alguns anos; e no entanto, ficou tão ofendido que fez com que um amigo lhe batesse na cabeça com uma tábua, e depois empanturrrou-se de batatas doces e água, e foi até ao jornal para lhes provar que estavam enganados.



Provavelmente eu teria rido de quase tudo o que Nobu houvesse dito - em benefício de Hatsumomo, quero dizer. Mas de facto, era quase divertido imaginar Miyagiyama a espremer os olhos fechados e esperar que a tábua lhe viesse bater. Mantive essa imagem na minha mente e ri-me tão livremente quanto ousava, e em breve Nobu começou a rir-se comigo. Devemos ter parecido os melhores dos amigos a Hatsumomo, porque vi-a a bater as palmas de deleite.

Em breve me veio à cabeça a ideia de fingir que o próprio Nobu era o Director; de cada vez que ele falava, eu esquecia-me da sua brusquidão e em vez disso tentava imaginar a gentileza. Gradualmente dei comigo a ser capaz de lhe olhar para os lábios e de bloquear na minha mente a descoloração e as cicatrizes, e imaginar que eram os lábios do Director, e que cada variação da voz dele era algum comentário sobre os sentimentos que nutria a meu respeito. A dada altura, penso que me convenci de que nem sequer estava no Auditório, mas numa sala sossegada ajoelhada ao lado do Director. Que me lembrasse, há muito tempo que não sentia tanta felicidade. Como uma bola atirada ao ar que parece ficar suspensa sem movimento antes de começar a cair, sentia-me suspensa num estado de calma ausência de tempo. Quando lançava um olhar à volta do Auditório, via apenas a beleza das suas madeiras gigantescas e cheirava o aroma dos bolos de arroz doce. Achava que este estado podia nunca acabar; mas então, a dado momento, eu fiz um comentário de que nem sequer me lembro e Nobu respondeu:

- De que é que estás a falar? Só um tolo poderia pensar uma coisa tão ignorante!

O meu sorriso desfez-se antes que o conseguisse parar, tal como se os fios que o seguravam tivessem sido cortados. Nobu olhava para mim directamente nos olhos. Claro que Hatsumomo estava sentada à distância, mas eu tinha a certeza de que nos observava. E então ocorreu-me que se uma gueixa ou uma aprendiz ficassem com lágrimas nos olhos diante de um homem, não iria toda a gente pensar que era porque estava apaixonada por ele? Podia ter respondido ao comentário brusco com uma desculpa; em vez disso, tentei imaginar que era o Director que me tinha falado assim tão abruptamente; e num instante, tinha o lábio inferior a tremer. Baixei a cabeça e dei uma grande exibição de criancice.

Para minha surpresa, Nobu disse: «Feri-te, não foi?»

Não me era difícil fungar teatralmente. Nobu continuou a olhar para mim durante um grande bocado e depois disse: «És uma rapariga encantadora.» Tenho a certeza de que ele pretendia dizer mais qualquer coisa, mas nesse momento Miyagiyama entrou no Auditório e a multidão começou a rugir.

Durante imenso tempo Miyagiyama e o outro lutador que se chamava Saiho, pavonearam-se em cima do estrado, a escavar no sal e a atirá-lo para a arena, ou a bater com os pés como fazem os lutadores de sumo. De cada vez que se agachavam, de frente um para o outro, faziam-me pensar em dois rochedos prestes a rolarem. Miyagiyama parecia inclinar-se sempre um pouco mais para a frente do que Saiho, que era mais alto e muito mais pesado. Pensei que quando chocassem um com o outro, o pobre Miyagiyama seria certamente obrigado a recuar; não conseguia imaginar ninguém que pudesse arrastar Saiho através daquela arena. Eles tomaram as suas posições oito ou nove vezes sem qualquer deles atacar; então Nobu sussurrou-me:

- Hataki komi! Ele vai usar o Hataki komi. Olha só para os olhos dele.

Fiz o que Nobu sugeria, mas tudo o que percebi foi que Miyagiyama nunca olhava para Saibo. Não creio que Saibo gostasse de ser ignorado daquela maneira, porque olhava fixamente para o seu adversário, com tanta ferocidade quanto um animal. Os maxilares eram tão gigantescos que tinha a cabeça da forma de uma montanha; e pela cólera na cara tinha começado a ficar vermelho. Mas Miyagiyama continuava a agir como se quase nem desse por ele.

- Não vai durar muito mais - murmurou-me Nobu.

E de facto, na vez seguinte que se acocoraram sobre os punhos, Saibo atacou.

Se tivessem visto Miyagiyama inclinar-se para a frente como o fez, teriam pensado que se estava a preparar para atirar com todo o seu peso de encontro a Saiho. Mas em vez disso, ele usou a força do ataque de Saibo para se levantar e pôr de pé. Num instante, desviou-se do caminho como uma porta a abrir-se, e a mão desceu-lhe sobre a parte de trás do pescoço de Saiho. Por esta altura, o peso de Saibo estava de tal maneira lançado para a frente, que parecia alguém a cair de umas escadas. Miyagiyama deu-lhe um empurrão com toda a sua força, e Saibo passou a rasar por cima da corda a seus pés. Então, para minha surpresa, esta montanha de homem voou por cima da beira do estrado e veio aterrar de braços abertos direito na primeira fila do público. Os espectadores tentaram fugir da frente; mas quando terminou, um homem pôs-se de pé a arquejar porque um dos ombros de Saibo o tinha esmagado.

O encontro tinha durado pouco mais que um segundo. Saibo deve ter-se sentido humilhado pela derrota, porque fez a vénia mais abreviada possível de todos os perdedores naquele dia, e saiu do Auditório enquanto o público ainda estava na maior das excitações.

- Aquilo - disse-me Nobu - é o movimento chamado Hataki komi.

- Não é fascinante? - disse Mameha num assombro. Ela nem sequer terminou o pensamento.

- Não é fascinante o quê? - perguntou-lhe o Director. - O que Miyagiyama acabou de fazer. Nunca vi nada assim. -já viste sim. Os lutadores fazem estas coisas o tempo todo. -Bom, desta vez deu-me que pensar... - disse Mameha.

Mais tarde no riquexó, no caminho de regresso a Gion, Mameha virou-se para mim excitada.

- Aquele lutador de Sumo deu-me a ideia mais maravilhosa! - disse. - Hatsumomo nem sequer o sabe, mas já foi empurrada e está a perder o equilíbrio. E nem sequer o descobrirá senão quando for demasiado tarde.

- Já tem um plano? Oh, Mameha-san, por favor, conte-me!

- Achas que alguma vez o faria? - disse ela. - Nem sequer o vou contar à minha própria criada. Garante-me apenas que vais manter Nobu-san muito interessado em ti. Tudo vai depender dele, e do outro homem também.

- Que outro homem?

- Um homem a quem ainda não foste apresentada. Agora, não fales mais no assunto. Se calhar já disse mais do que devia. Foi uma coisa maravilhosa teres conhecido Nobu-san hoje. Ele pode vir a revelar-se o teu salvador.

Devo admitir que me senti enjoada por dentro quando ouvi isto. Se eu tinha que ter um salvador, queria que fosse o Director e mais ninguém.

\*

Agora que eu já conhecia a identidade do Director, comecei nessa mesma noite a ler todas as revistas antigas que conseguia encontrar com a esperança de vir a saber mais coisas sobre ele. No espaço de uma semana tinha acumulado no meu quarto um tal monte delas, que a Tia me olhava como se eu tivesse perdido o juízo. Encontrei de facto referências a ele numa série de artigos, mas apenas de passagem, e nenhum me dizia o tipo de coisas que eu queria verdadeiramente saber. Apesar disso, continuei a apanhar todas as revistas que encontrava nos cestos do lixo, até que um dia descobri um monte de papéis velhos amarrados num molho nas traseiras de uma das casas de chá. Enterrado lá no meio estava um exemplar antigo, de há dois anos, de uma revista de informação que, por acaso, trazia um artigo sobre a Companhia Eléctrica Iwamura.

Parecia então que a Companhia Eléctrica Iwamura celebrara o seu vigésimo aniversário em Abril de 1931. Até agora me surpreende pensar no assunto, mas foi exactamente nesse mês que eu me encontrei com o Director nas margens do Ribeiro de Shirakawa; poderia ter visto a cara dele em todas as revistas, caso tivesse sequer olhado para elas. Agora que sabia qual a data a procurar, com o tempo consegui descobrir mais artigos sobre o aniversário. A maioria deles veio de uma colecção de trastes deitados fora depois da morte da velha Avó que vivia numa okiya do outro lado da ruela.

O Director nascera em 1890, como depois o soube, o que quer dizer que, apesar dos seus cabelos cinzentos teria pouco mais de quarenta anos quando o conheci. Naquele dia tinha ficado com a impressão de que ele provavelmente seria director de uma companhia pouco importante, mas estava completamente enganada. A Companhia Eléctrica Iwamura não era tão grande como a Companhia Eléctrica Osaca - de acordo com todos os artigos, a sua principal rival no Oeste do Japão. Mas o Director e Nobu, por causa da sua célebre sociedade, eram muito mais conhecidos do que outros chefes de companhias maiores. Em qualquer caso, a Companhia Eléctrica Iwamura era considerada como mais inovadora e tinha melhor reputação.

Aos dezassete anos de idade, o Director tinha ido trabalhar para uma pequena companhia eléctrica em Osaca. Em breve se tornara supervisor da equipa que instalava os fios para a maquinaria das fábricas na área. E a procura de iluminação eléctrica nas casas particulares e escritórios crescia nessa altura, pelo que, durante as noites o Director desenhara um aparelhómetro para permitir o uso de duas lâmpadas num casquilho construído apenas para uma. Porém, o director da companhia onde ele trabalhava não o queria construir e assim, com a idade de vinte e dois anos, em 1912, pouco depois de ter casado, o Director saiu para estabelecer a sua própria fábrica.

Durante alguns anos as coisas tinham sido difíceis; então, em 1914, a nova Companhia do Director ganhou um contrato para a electrificação de um novo edifício numa base militar em Osaca. Nobu ainda estava no exército naquela altura, dado que as suas feridas de guerra lhe tornavam difícil encontrar um emprego em qualquer outro lado. Foi-lhe dada a tarefa de verificar o trabalho feito pela nova Companhia Eléctrica Iwamura. Ele e o Director em breve se tornaram amigos, e quando o Director lhe ofereceu um emprego no ano seguinte, Nobu aceitou-o.

Quanto mais lia acerca da sociedade deles, tanto melhor compreendia como estavam de facto bem adaptados um ao outro. Quase todos os artigos mostravam a mesma fotografia dos dois, com o Director trajando um fato elegante de calça, casaco e colete de lã pesada, segurando na mão o caixilho de cerâmica para duas lâmpadas que fora o primeiro produto da Companhia. Tinha o ar de que alguém acabara de lhe entregar o objecto e ele não sabia bem o que fazer com ele. A boca estava ligeiramente aberta, mostrando-lhe os dentes, e olhava fixamente para a câmara com um ar quase ameaçador, como se estivesse na eminência de atirar com o aparelhómetro. Por contraste, Nobu estava ao lado dele, meia cabeça mais baixo e em sentido, com a sua única mão fechada num punho ao lado. Usava casaca e calça listrada. A sua cara cheia de cicatrizes mostrava-se vazia de expressão, e os olhos pareciam sonolentos. O Director - talvez por causa do cabelo prematuramente grisalho e a diferença de tamanhos - podia quase passar por pai de Nobu, embora fosse apenas dois anos mais velho. Os artigos diziam que, enquanto o Director era responsável pelo crescimento e direcção da Companhia, Nobu era responsável pela gerência. Era o homem menos atraente com o trabalho menos atraente, mas aparentemente fazia-o tão bem que o Director dizia muitas vezes em público que a Companhia nunca teria sobrevivido a várias crises sem os talentos de Nobu. Fora Nobu quem trouxera à Companhia um grupo de investidores e a salvara da ruína no princípio dos anos vinte. «Tenho para com Nobu uma dívida que nunca poderei pagar», citavam o Director a dizer isto mais que uma vez.

Várias semanas passaram, e então um dia recebi uma nota para ir ao apartamento de Mameha na

tarde seguinte. Por esta altura já me tinha habituado aos conjuntos de quimono riquíssimos que a criada de Mameha normalmente me preparava; mas quando cheguei e comecei a mudar-me para uma seda com um peso de Outono, escarlate e amarela, que mostrava folhas espalhadas num campo de ervas douradas, fiquei aterrada por ter descoberto um rasgão na parte de trás suficientemente grande para fazer passar dois dedos. Mameha ainda não tinha regressado, mas peguei no vestido e fui falar com a criada sobre aquilo.

- Tatsumi-san - disse eu - a coisa mais horrorosa... este quimono está arruinado.

- Não está arruinado, menina. Precisa de ser arranjado e é tudo. A patroa pediu-o emprestado esta manhã a uma okiya ali ao fundo da rua.

- Ela não devia saber - disse eu. - E com a minha reputação de estragar quimono, provavelmente ela vai pensar...

- Oh, ela sabe que está roto - interrompeu-me Tatsumi. - De facto, a combinação também está rota, exactamente no mesmo sítio.

Eu já tinha vestido a combinação creme, e quando procurei atrás e toquei na zona da minha coxa, vi que Tatsumi tinha razão.

- No ano passado, por acidente, uma aprendiz de gueixa deixou-o prender-se num prego - disse-me Tatsumi. - Mas a Senhora foi muito clara quando disse que queria que o vestisse mesmo assim.

Isto não fazia qualquer sentido para mim; mas fiz o que Tatsumi mandou. Quando por fim Mameha entrou apressada, fui fazer-lhe perguntas sobre o assunto enquanto ela retocava a maquilhagem.

- Conte-te que, de acordo com o meu plano - disse ela - dois homens vão ser importantes para o teu futuro. Foste apresentada a Nobu há umas semanas. Até agora o outro homem tem estado fora da cidade, mas com a ajuda deste quimono roto, estás na eminência de o vires a conhecer. Aquele lutador de Sumo deu-me uma ideia tão maravilhosa! Mal posso esperar para ver como é que Hatsumomo vai reagir quando regressares dos mortos. Sabes o que é que ela me disse no outro dia? Que não me podia agradecer o suficiente por te ter levado ao Auditório. Tinha-lhe valido todo o trabalho que teve para lá chegar, disse ela, o simples facto de te ver a fazer olhinhos ao «Sr. Lagarto». Tenho a certeza que te vai deixar em paz enquanto o entretiveres, a não ser que seja para passar e confirmar com os seus próprios olhos. De facto, quanto mais falares de Nobu perto dela, melhor, embora não devas mencionar nem uma palavra sobre o homem que vamos encontrar esta tarde.

Comecei a sentir-me enjoada quando ouvi isto, mesmo esforçando-me por parecer contente com o que ela tinha dito; porque, como sabem, um homem nunca terá uma relação íntima com uma gueixa que tenha sido amante de um associado próximo. Uma tarde, numa casa de banhos, não muitos meses antes, tinha ficado à escuta enquanto uma jovem mulher tentava consolar outra gueixa que acabara de descobrir que o seu novo danna iria ser sócio de negócios do homem com quem ela sonhava. Enquanto a observava, nunca me ocorrera que eu própria, um dia, poderia estar nas mesmas circunstâncias.

- Minha senhora - disse - posso fazer-lhe uma pergunta? Faz parte dos seus planos que Nobu-san um dia se venha a tornar no meu danna?

Mameha respondeu-me baixando o pincel de maquilhagem e fixando-me através do espelho com um olhar que, honestamente, acho que teria feito parar um comboio.

- Nobu-san é um homem muito bom. Estás a sugerir que ficarias envergonhada de o ter por danna? - perguntou-me.

- Não, Minha Senhora, não queria dizer isso. Estava só a perguntar...

- Muito bem. Então só tenho duas coisas para te dizer. Primeiro, és uma rapariga de catorze anos sem qualquer tipo de reputação. Terás muita sorte se alguma vez vieres a tornar-te numa gueixa com estatuto suficiente para que um homem como Nobu considere a hipótese de se vir a propor como teu dannu. Segundo, Nobu-san nunca encontrou uma gueixa de que gostasse o suficiente para a tomar como amante. Se fores a primeira, espero que te sintas muito lisonjeada.

Corei, sentindo tanto calor na cara que quase podia pegar fogo. Mameha tinha razão; o que quer que me viesse a acontecer nos anos que me esperavam, teria muita sorte se sequer viesse a chamar a atenção de um homem como Nobu. Se Nobu estava para além do meu alcance, quanto tão mais inalcançável não deveria ser o Director. Apesar de depois de o ter encontrado no espectáculo de Sumo eu ter começado a pensar em todas as possibilidades que a vida me apresentava. Mas agora, depois das palavras de Mameha sentia-me a chapinhar num oceano de mágoa.

Vesti-me apressadamente, e Mameha conduziu-me rua acima até à okiya onde ela tinha vivido até há seis anos atrás, quando conquistara a sua independência. À porta fomos recebidas por uma criada velha, que chuchava os lábios e abanava a cabeça.

- Telefonámos para o hospital mais cedo - disse a criada. - O Médico hoje vai para casa às quatro horas. Veja lá, que já são quase três e meia.

- Nós telefonamos-lhe antes dele sair, Kazuko-san - respondeu Mameha. - Tenho a certeza de que vai esperar por mim.

- Espero que sim. Seria terrível deixar a pobre rapariga a sangrar.

- Quem é que está a sangrar? - perguntei alarmada; mas a criada limitou-se a olhar para mim com um suspiro e conduziu-nos escada acima até um pequeno átrio cheio de gente no segundo andar. Num espaço com o tamanho de cerca de dois tapetes de tatami estavam reunidas, não apenas Mameha e eu, e a criada que nos tinha mostrado o caminho, mas também outras três jovens mulheres e uma cozinheira, alta e magra, com um avental engomado. Olharam todas para mim circunspectamente, à excepção da cozinheira, que dobrou uma toalha por cima do ombro e começou a afiar uma faca do tipo usado para cortar as cabeças aos peixes. Senti-me como uma posta de atum que o merceiro tivesse acabado de trazer, porque podia ver agora que era eu quem ia sangrar.

- Mameha-san... - disse eu.

- Vá lá, Sayuri, sei o que vais dizer - interrompeu-me ela - o que era interessante, porque eu própria não fazia ideia do que ia dizer. - Antes de me tornar na tua irmã mais velha, não prometeste fazer exactamente tudo o que eu mandasse?

-Mas eu não sabia que isso incluía arrancarem-me os fígados...

- Ninguém te vai arrancar os fígados - disse a cozinheira, num tom que era suposto fazer-me sentir muito melhor, mas não fez.

- Sayuri, vamos fazer-te um pequeno corte na pele - disse Mameha. Uma coisa pequenina, para que possas ir ao hospital e encontrar um certo médico. Sabes o homem que te referi? É um médico.

- Não posso antes fingir que estou com uma dor de estômago?

Estava a falar perfeitamente a sério quando disse isto, mas todas pareceram achar que tinha dito uma piada muito engraçada, porque riram muito, incluindo Mameha.

- Sayuri, estamos todas a tratar do teu melhor interesse, do coração - disse Mameha. Só precisamos de fazer com que sangres um bocadinho, o suficiente para que o médico esteja disposto a tratar de ti.

Num momento a cozinheira acabou de afiar a faca e veio pôr-se diante de mim tão calmamente como se me viesse ajudar a retocar a maquilhagem - à excepção de que ela segurava numa faca, por amor de Deus! Kazuko, a criada velha que nos trouxera para cima, puxou-me o colarinho para o lado com as duas mãos. Comecei a sentir-me em pânico; mas felizmente Mameha falou.

- Vamos fazer-lhe o corte na perna - disse ela.

- Na perna não - disse Kazuko. - O pescoço é tão mais erótico.

- Sayuri, por favor vira-te e mostra a Kazuko o buraco na parte de trás do teu quimono - disse-me Mameha. Depois de ter feito como ela mandou, continuou. - Agora, Kazuko-san, como vamos explicar este rasgão na parte de trás do quimono dela se o golpe for no pescoço em vez de ser na perna?

- Como é que as duas coisas se relacionam? - disse Kazuko. - Ela está a usar um quimono rasgado, e tem um golpe no pescoço.

- Não sei porque é que Kazuko continua a tagarelar - disse a cozinheira. - Diga-me apenas onde é que quer que eu a corte, Mameha-san, e eu corto-a.

Tenho a certeza de que deveria ter ficado contente por ouvir isto, mas de algum modo não estava.

Mameha mandou uma das raparigas buscar um pau de pigmento vermelho, do tipo usado para pintar os lábios, e depois fê-lo passar através do buraco no meu quimono e, destramente, esfregou-o para fazer uma marca no cimo da parte de trás da minha coxa.

- Deves fazer o corte exactamente aqui - disse Mameha à cozinheira.

Eu abri a boca, mas antes que pudesse sequer falar, Mameha disse-me: -Deita-te e fica quieta, Sayuri. Se nos atrasares ainda mais, vou ficar muito zangada.

Estaria a mentir se dissesse que lhe queria obedecer; mas claro que não tinha outra escolha. Por isso deitei-me num lençol estendido no chão de madeira e fechei os olhos enquanto Mameha me puxava o vestido para cima até que eu fiquei exposta quase até à anca.

- Lembra-te de que se o corte precisar de ser mais fundo, podes sempre tentar outra vez - disse Mameha. - Começa com o corte mais superficial que puderes fazer.

Mordi o lábio no momento em que senti a ponta da faca. Receio que tenha deixado sair também um pequeno guincho, embora não possa ter a certeza. De qualquer maneira, senti uma pressão, e depois Mameha disse:

- Assim tão superficial não. Nem sequer cortaste a primeira camada de pele.

- Parecem uns lábios - disse Kazuko à cozinheira. - Fizeste uma linha exactamente no meio do borrão vermelho e parece um par de lábios. O médico vai-se rir.

Mameha concordou, e limpou a maquilhagem depois de a cozinheira lhe ter assegurado que conseguia encontrar o local. Momentos depois senti a pressão da faca outra vez.

Nunca fui boa a ver sangue. Podem recordar-se de como desmaiei depois de ter cortado o lábio no dia em que vi o Sr. Tanaka. Por isso, provavelmente, talvez possam imaginar como me senti quando me virei e vi um riacho de sangue serpentear pela perna abaixo até uma toalha que Mameha segurava de encontro ao interior da minha coxa. Caí num tal estado quando vi aquilo que não tenho qualquer recordação do que me aconteceu a seguir - de me ajudarem a entrar no riquexó, ou de qualquer coisa sobre a viagem, até que nos aproximámos do hospital e Mameha me abanou a cabeça de um lado para o outro para me chamar a atenção.

- Agora escuta-me! Tenho a certeza que ouviste vezes sem conta que o teu trabalho como

aprendiza é impressionar as outras gueixas, dado que serão elas quem te ajudarão na tua carreira, e não te preocupares com o que os homens pensam. Bom, esquece tudo isso! Não vai funcionar assim no teu caso. O teu futuro depende de dois homens, como eu te disse, e estás na eminência de conhecer um deles. Tu tens que lhe dar a impressão correcta. Estás a ouvir-me?

- Sim Minha Senhora, todas as palavras - murmurei.

- Quando te perguntarem como cortaste a perna, a resposta é que tu estavas a tentar ir à casa de banho com o quimono vestido, e caíste em cima de qualquer coisa afiada. Nem sequer sabes o que era porque desmaiaste. Inventa todos os pormenores que quiseres; apenas não te esqueças de que tens que soar muito infantil. E age como se estivesses indefesa, quando entrares lá para dentro. Mostra-me como o fazes.

Bom, eu deitei a cabeça para trás e deixei os olhos rolar para cima. Acho que era exactamente assim que me estava a sentir. Mas Mameha não ficou de modo algum satisfeita com o resultado.

- Eu não disse para pareceres morta. Eu disse para te mostrares indefesa. Assim..

Mameha pôs um ar espantado, como se não conseguisse resolver-se sequer para onde apontar os olhos, e punha a mão na cara como se estivesse a sentir que ia desmaiar. Obrigou-me a imitar aquele olhar até ficar satisfeita. Eu comecei a minha actuação no momento em que o condutor me ajudou a ir até à entrada do hospital. Mameha seguia a meu lado, ajeitando-me o vestido da direita e da esquerda para ter a certeza de que eu ainda tinha um aspecto atraente.

Entrámos através das portas rolantes de madeira e perguntámos pelo director do hospital; Mameha disse que ele estava à nossa espera. Por fim, uma enfermeira levou-nos por um longo átrio abaixo até uma sala poeirenta com uma mesa de madeira e um biombo liso a esconder as janelas.

Enquanto esperávamos, Mameha retirou a toalha que tinha enrolado à volta da minha perna e deitou-a para um caixote de lixo.

- Lembra-te, Sayuri - quase sibilou ela - nós queremos que o médico te veja com um ar tão inocente e indefeso quanto possível. Deita-te para trás e tenta parecer fraca.

Com isso não tinha dificuldade. Um momento depois a porta abriu-se e entrou o Dr. Caranguejo. Claro que o nome dele não era Caranguejo mas, se o vissem, tenho a certeza de que o mesmo nome vos teria ocorrido, porque tinha os ombros amarrecados para cima e os cotovelos tão espetados, que não poderia ter feito uma melhor imitação de um caranguejo se o tivesse estudado. Ele até avançava com um ombro para a frente quando andava, tal como um caranguejo a mover-se meio de lado. Tinha um bigode na cara, e ficou muito contente por ver Mameha, embora mais com uma expressão de surpresa nos olhos do que com um sorriso.

O Dr. Caranguejo era um homem metódico e organizado. Quando fechou a porta, primeiro virou o puxador para que a lingueta não fizesse barulho, e depois deu um empurrão extra para ter a certeza de que estava fechada. Depois disto, tirou uma caixa da algibeira do casaco e abriu-a muito cautelosamente, como se pudesse entornar qualquer coisa se não fosse cuidadoso; mas tudo o que ela continha era outro par de óculos. Depois de ter trocado os óculos que usava, voltou a colocar a caixa na algibeira e depois alisou o casaco com a mão. Por fim, espreitou para mim e fez um pequeno aceno brusco, altura em que Mameha falou:

- Lamento imenso incomodá-lo, Sr. Doutor. Mas Sayuri tem um futuro tão belo diante dela, e agora teve o azar de cortar a perna! Um problema com a possibilidade de ficar com cicatrizes, e arranjar infecções, e coisas assim, bom, achei que o senhor era a única pessoa que a podia tratar.

- Exactamente - disse o Dr. Caranguejo. - Agora talvez eu possa dar uma olhadela ao ferimento?

- Receio bem que Sayuri se sinta fraca com a visão do sangue, Sr. Doutor - disse Mameha. - Talvez fosse melhor se ela se virasse e o deixasse examinar a ferida. É na parte de trás da perna dela.

- Compreendo perfeitamente. Podia ser amável e pedir-lhe que se deite de barriga para baixo sobre a mesa de exames?

Não conseguia compreender porque é que o Dr. Caranguejo não mo pedia a mim directamente; mas para parecer obediente, esperei até ouvir as palavras vindas de Mameha. Depois, o médico levantou-me o quimono quase até às ancas, e trouxe um pano e uma espécie qualquer de líquido malcheiroso com que me esfregou a coxa antes de dizer: «Sayuri-san, por favor seja amável e diga-me como é que fez o ferimento.»

Inspirei exageradamente fundo, ainda a fazer o meu melhor para parecer o mais fraca possível. «Bom, estou um pouco embaraçada», comecei, «mas a verdade é que eu estava para ir... bebi muito chá esta tarde... »

- Sayuri está apenas a começar a sua aprendizagem - disse Mameha. - Eu andava a apresentá-la por Gion. Naturalmente, toda a gente a queria convidar para tomar chá.

- Sim, posso imaginar - disse o médico.

- De qualquer maneira - continuei eu - de repente senti que tinha que ir... bom, sabe...

- Beber quantidades excessivas de chá pode levar a uma necessidade urgente de aliviar a bexiga - disse o médico.

- Oh, muito obrigada. E de facto... bom, «necessidade urgente» é suave, porque já estava com medo de que tudo me comesse a parecer amarelo, se percebe o que eu quero dizer...

- Diz apenas o que aconteceu ao Sr. Doutor, Sayuri - disse Mameha.

- Desculpe - disse. - Eu só queria dizer que precisava mesmo de ir à casa de banho... tanto que quando por fim lá cheguei... bom, estava a tentar desembaraçar-me do quimono, e devo ter perdido o equilíbrio. Quando caí, a minha perna bateu em qualquer coisa afiada. Nem sei o que era. Acho que devo ter desmaiado.

- É espantoso que não tenhas esvaziado a bexiga quando desmaiaste - disse o médico.

Por esta altura eu estava deitada de barriga para baixo, a segurar a cara no ar, longe da mesa de observações para não esborratar a maquilhagem, e a falar enquanto o médico olhava para a parte de trás da minha cabeça. Mas quando o Dr. Caranguejo fez este último comentário, olhei por cima do ombro para Mameha o melhor que pude. Felizmente, ela pensava mais depressa do que eu, porque disse:

- O que Sayuri quer dizer é que perdeu o equilíbrio quando se tentou por de pé a partir da posição de cócoras.

- Muito bem - disse o médico. - O corte foi feito por um objecto muito afiado. Talvez tenhas caído sobre um bocado de vidro ou uma tira de metal.

- Sim, eu senti que era muito afiado - disse eu - afiado como uma faca!

O Dr. Caranguejo não disse mais nada, mas lavou o corte como se estivesse a tentar ver até onde me podia fazer doer mais, e depois voltou a usar o líquido malcheiroso para remover o sangue que se tinha coagulado pela perna abaixo. Por fim ele disse-me que o corte não precisaria de nada mais do que uma pomada e uma ligadura, e deu-me instruções sobre como tratar dele durante os dias seguintes. Com isto, baixou-me o vestido e guardou os óculos como se tivesse medo de os quebrar se os manuseasse mais energicamente.



- Lamento imenso que tenhas estragado um quimono tão bonito - disse. - Mas sem dúvida que estou contente por ter tido a oportunidade de te conhecer. Mameha-san sabe que ando sempre interessado em caras novas.

- Oh, não, o prazer foi todo meu, Sr. Doutor - disse eu.

- Talvez eu te veja em breve uma noite destas na casa de chá Ichiriki.

- Para dizer a verdade, Sr. Doutor - disse Mameha - Sayuri é uma espécie de... propriedade particular, como tenho a certeza que pode imaginar. Já possuí mais admiradores do que consegue satisfazer, por isso tenho-a mantido afastada da Ichiriki o mais que posso. Talvez o possamos visitar antes na casa de chá Shirae?

- Sim, eu próprio preferiria isso - disse o Dr. Caranguejo.

E depois passou outra vez pelo ritual completo da mudança de óculos para que pudesse olhar para o pequeno livro que tirou da algibeira.

- Eu estarei lá... vejamos... a duas noites de hoje. Espero vê-las. Mameha assegurou-lhe que passaríamos por lá, e depois partimos.

No riquexó de regresso a casa, Mameha disse-me que me tinha portado muito bem.

- Mas Mameha-san, eu não fiz nada!

- Oh? Então como é que justificas o que nós vimos na testa do médico?

- Eu não vi nada mais que a mesa de madeira diante do meu nariz.

- Digamos apenas que enquanto o médico te estava a limpar o sangue da perna, tinha a testa perlada de suor como se estivéssemos no pino do Verão. Mas nem sequer estava calor na sala, pois não?

- Não me pareceu.

- Bom, então! - disse Mameha.

Na verdade acho que eu não percebia bem de que é que ela estava a falar - ou exactamente qual tinha sido a intenção dela em me levar a conhecer o médico, o que era o mesmo. Mas não podia muito bem perguntar, porque ela já tinha deixado claro que não me ia contar os seus planos. Depois, no momento em que o condutor do riquexó nos estava a puxar através da ponte da Avenida Shijo de regresso a Gion mais uma vez, Mameha interrompeu-se a meio de uma história.

- Sabes, os teus olhos ficam verdadeiramente extraordinários e encantadores com esse quimono, Sayuri. Os escarlates e os amarelos... fazem-nos brilhar quase como prata! Oh, Céus, nem posso acreditar que não pensei nisto mais cedo. Condutor! - chamou ela. - Já fomos longe demais. Pare aqui se faz favor.

- Disse-me Gion Tominaga-cho, minha senhora. Não posso baixar os paus aqui no meio de uma ponte.

- Podes deixar-nos sair aqui, ou acabar de atravessar a ponte e trazer-nos de volta por ela outra vez. E francamente, não vejo necessidade disso.

O condutor baixou os paus exactamente onde estávamos, e Mameha e eu saímos. Um número de ciclistas tocaram as campainhas irritados enquanto passavam, mas Mameha não parecia minimamente incomodada. Calculo que estava tão segura do seu lugar no mundo, que não conseguia imaginar que alguém pudesse ficar aborrecido por um assunto tão menor como o facto de estar a bloquear o trânsito. Levou o tempo que era preciso, pegando numa moeda após outra da sua bolsa de seda até ter pago o preço correcto, e depois levou-me de volta pela ponte na direcção de onde tínhamos vindo.

- Vamos ao atelier de Uchida Kosaburo - anunciou-me. - É um artista maravilhoso, e vai ficar agradado com os teus olhos, tenho a certeza. Às vezes ele fica um bocadinho... distraído, pode-se dizer. E o atelier está sempre numa confusão. Pode demorar um bocado até que repare nos teus olhos, mas mantem-nos virados para onde ele os possá ver.

Segui Mameha por ruas laterais até que chegámos a uma pequena ruela. No fim tinha um brilhante portão Shinto, em tamanho miniatura, entalado entre duas casas. Para lá do portão, passámos entre vários pequenos pavilhões até um lance de escadas de pedra que nos conduzia entre árvores de brilhantes cores outonais. O ar que bafejava do pequeno túnel extremamente húmido dos degraus soprava frio como água, por isso parecia-me que estava a entrar num mundo completamente diferente. Ouvi um som de chapinhar que me lembrava a maré a lamber a praia, mas acabou por se revelar ser um homem de costas viradas para nós, a varrer a água do degrau superior com uma vassoura cujas cerdas tinham a cor do chocolate.

- Então, Uchida-san! - disse Mameha. - Não tem uma criada para fazer as limpezas por si?

No topo, o homem ergueu-se em plena luz do Sol, de maneira que quando se virou para nos espreitar, duvido que tenha visto mais alguma coisa que algumas sombras sob as árvores. Podia vê-lo bem, porém, e tinha um aspecto muito peculiar. Num dos cantos da boca tinha uma verruga enorme como um resto de comida, e as sobrancelhas eram tão espessas que pareciam lagartas que lhe tivessem descido do cabelo e parado ali para dormir. Tudo nele estava desarrumado, não apenas o cabelo grisalho, mas o quimono, que parecia que tinha dormido com ele na noite anterior.

- Quem é? - perguntou ele.

- Uchida-san! Depois destes anos todos ainda não reconhece a minha voz?

- Se está a tentar fazer-me zangar, quem quer que seja, já começou bem. Não estou com disposição para interrupções! Atiro-lhe com a vassoura se não me diz quem é.

Uchida-san parecia tão zangado que eu não ficaria surpreendida se ele tivesse arrancado com uma dentada a verruga ao canto da boca e no-la cuspiisse em cima. Mas Mameha continuou a subir as escadas, e eu seguia - embora com o cuidado de ficar mesmo atrás dela, pelo que seria ela a primeira a ser atacada pela vassoura.

- É assim que recebe as visitas, Uchida-san? - disse Mameha a ficar visível à luz.

Uchida franziu os olhos para ela.

- Então é você. Porque é que não pode dizer quem é como toda a gente? Vá, pegue nesta vassoura e varra os degraus. Ninguém entra na minha casa sem eu primeiro acender o incenso. Morreu outro dos meus ratos, e o lugar cheira que nem um caixão.

Mameha parecia divertida com isto e esperou até que Uchida partisse antes de encostar a vassoura a uma árvore.

- Já alguma vez tiveste um furúnculo? - perguntou-me num murmúrio. - Quando o trabalho de Uchida lhe corre mal, fica com esta disposição terrível. Temos que o fazer explodir, tal como lancetar um furúnculo, a fim de que acalme de novo. Se não se lhe dá alguma coisa para o fazer ficar zangado, começa a beber e ainda fica pior.

- Ele tem ratinhos como animais de estimação? - murmurei eu. - Ele disse que lhe tinha morrido outro dos ratos.

- Céus, não. Ele deixa os paus de tinta à vista, e os ratos vêm e comem-nos e depois morrem envenenados. Dei-lhe uma caixa para ele guardar as tintas, mas não a usa.

No momento em que a porta de Uchida deslizou parcialmente aberta - porque ele tinha-lhe dado

um empurrão e regressado para dentro, Mameha e eu descalçámos os sapatos. O interior era uma sala única e grande, no estilo das de uma quinta. Podia ver o incenso a arder num canto afastado, mas ainda não tinha dado resultado, porque o cheiro a rato morto atacou-me com tanta força como se alguém me tivesse enfiado barro pelo nariz acima. A sala estava ainda mais desarrumada do que a de Hatsumomo no seu pior. Por todo o lado se viam pincéis longos, alguns partidos ou mordidos, e grandes painéis de madeira com desenhos meio começados a preto e branco. No meio de tudo isto, um futon por fazer com manchas de tinta nos lençóis. Calculei que Uchida estivesse também ele coberto de manchas de tinta, e quando me virei para olhar, disse-me:

- Para onde é que estas a olhar?

- Uchida-san, posso apresentar-lhe a minha irmãzinha, Sayuri - disse Mameha. - Veio comigo o caminho todo desde Gion para ter a honra de o conhecer.

O caminho todo desde Gion não era na verdade muito longe; mas de qualquer maneira, ajoelhei-me nos tapetes e executei o ritual da vénia e do pedido do favor de Uchida, embora estivesse convencida de que ele não tinha ouvido uma palavra do que Mameha lhe dissera.

- Estava a ter um bom dia até à hora do almoço - disse - e depois veja o que aconteceu!

Uchida atravessou a sala e levantou um painel de madeira. Pregado nele com alfinetes havia um esboço de uma mulher de costas, olhando para um lado e segurando uma sombrinha - excepto que, evidentemente, um gato tinha pisado tinta e andado a passear por cima dele, deixando as marcas das suas patas perfeitamente claras. O gato propriamente dito estava enrolado a dormir no momento, sobre uma pilha de roupas sujas.

- Eu trouxe-o para aqui por causa dos ratos, e veja! - continuou ele. - Agora estou com vontade de o deitar fora.

- Oh, mas as pegadas das patas são amorosas - disse Mameha. - Acho que valorizam a pintura. Que achas Sayuri?

Eu não estava com vontade de dizer nada, porque Uchida parecia ter ficado muito perturbado com o comentário de Mameha. Mas num momento compreendi que ela estava a tentar «lancetar o furúnculo», como havia dito. Por isso recorri à minha voz mais entusiástica e disse:

- Até fico surpreendida por as pegadas das patas serem tão atraentes! Acho que o gato é capaz de ser também um pouco artista.

- Já percebi porque é que não gosta dele - disse Mameha. - Tem inveja do talento dele.

- Inveja, eu? - disse Uchida. - O gato não é artista nenhum. Se é alguma coisa é um demónio!

- Desculpe-me, Uchida-san - respondeu Mameha. - É como quiser. Mas diga-me, está a pensar deitar fora essa pintura? Porque se estiver, teria muito gosto em ficar com ela. Não ia ficar adorável no meu apartamento, Sayuri?

Quando Uchida ouviu isto, arrancou a pintura da madeira e disse:

- Gosta dela, não gosta? Muito bem, então dou-lhe dois presentes dela! - E depois rasgou-a em duas e deu-lhas dizendo: - Aqui está uma! E aqui está a outra! Agora saia!

- Gostava tanto que não tivesse feito isso - disse Mameha. - Acho que era a coisa mais bonita que alguma vez produziu.

- Rua!

- Oh, Uchida-san, não posso mesmo! Não seria sua amiga se não lhe arrumasse a casa um

bocadinho antes de me ir embora.

A isto, o próprio Uchida saiu intempestivamente para a rua, deixando a porta escancarada atrás de si. Observámo-lo a dar um pontapé na vassoura que Mameha deixara encostada à árvore, escorregar e quase cair quando se lançou escadas abaixo. Passámos a meia hora seguinte a arrumar o atelier, até que Uchida regressou com muito melhor disposição, tal como Mameha tinha predito. Ele ainda não estava o que eu poderia chamar de alegre; e de facto, tinha o hábito de chuchar constantemente na verruga ao canto da boca, o que lhe dava o ar de estar preocupado. Acho que se sentia embaraçado por causa do seu comportamento anterior, porque nunca olhava directamente para nenhuma de nós. Em breve se tornou evidente que nunca iria reparar de todo nos meus olhos, por isso Mameha disse-lhe:

- Não acha que Sayuri é uma coisinha muito bonita? Já se deu ao trabalho de sequer olhar para ela?

Foi um acto de desespero, pensei, mas Uchida só pestanejou em direcção a mim, como se limpasse uma migalha de cima da mesa. Mameha parecia muito desapontada. A luz da tarde estava a começar a desaparecer, por isso levantámo-nos as duas para partir. Ela fez uma vénia muito abreviada ao despedir-se. Quando saímos, não pude deixar de parar um momento para olhar o pôr-do-sol, que pintava o céu para lá dos montes distantes em ferrugens e rosas tão espantosos como o quimono mais bonito - ainda mais bonito, porque independentemente da magnificência de um quimono, as nossas mãos nunca ficam laranja brilhante com a sua luz. Mas naquele pôr-do-sol, as minhas mãos pareciam ter sido mergulhadas numa qualquer espécie de iridiscência. Levantei-as e fiquei a olhar para elas por um bocado.

- Mameha-san, olhe - disse-lhe, mas ela pensou que eu estava a falar do pôr-do-sol e virou-se para ele com indiferença. Uchida estava de pé, gelado à entrada com uma expressão de concentração na cara, com uma mão a pentear um tufo do seu cabelo grisalho. Mas não estava a olhar para o pôr-do-sol. Estava a olhar para mim.

Se alguma vez viram a famosa pintura a tinta de Uchida Kosaburo sobre uma jovem num quimono, de pé, em estado de êxtase e com os olhos a brilhar... bom, desde o primeiro minuto que insistia que a ideia lhe veio por causa do que viu naquela tarde. Na verdade nunca acreditei nele. Não consigo imaginar que uma pintura tão bela pudesse realmente ter sido baseada apenas numa rapariga a olhar feita tonta para as suas mãos ao pôr-do-sol.

\*

Aquele mês extraordinário em que pela primeira vez reencontrei o Director - e conheci Nobu, e o Dr. Caranguejo, e Uchida Kosaburo - fez-me sentir como um pequeno grilo que por fim consegue escapar da sua gaiola de vime. Pela primeira vez em imenso tempo podia ir para a cama à noite acreditando que nem sempre ficaria a passar tão despercebida em Gion como uma gota de chá entornada num tapete. Ainda não conseguira entender qual era o plano de Mameha, ou como me iria conduzir ao sucesso como gueixa, ou se o sucesso como gueixa alguma vez me iria conduzir ao Director. Mas todas as noites ficava deitada no meu futon com o lenço dele comprimido de encontro à cara, revivendo uma e outra vez o encontro com ele. Eu era como a campainha de um templo que continua a ressoar muito depois de ter sido tocada.

Algumas semanas passaram sem uma palavra de nenhum dos homens, e Mameha e eu começámos a ficar preocupadas. Mas por fim, uma manhã, um secretário da Companhia Eléctrica Iwamura telefonou para a casa de chá Ichiriki a pedir a minha companhia para aquela noite. Mameha estava encantada com as notícias, porque esperava que o convite viesse de Nobu. Eu também estava encantada; esperava que viesse do Director. Mais tarde nesse dia, na presença de Hatsumomo, disse à Tia que iria entreter Nobu e

pedi-lhe para me ajudar a escolher um conjunto de quimono. Para minha surpresa, Hatsumomo veio connosco para dar uma opinião. Tenho a certeza de que, se um estranho nos visse, teria imaginado que éramos os membros de uma família unida. Hatsumomo não troçou, nem fez comentários sarcásticos nem uma única vez, e de facto até ajudou. Penso que a Tia se sentia tão espantada quanto eu. Acabámos por escolher um quimono em tons de verde pó, com um padrão de folhas em prata e cinabre, e um obi cinzento com fios dourados. Hatsumomo prometeu passar por lá a fim de nos ver, Nobu e eu juntos.

Nessa noite ajoelhei no átrio de entrada da Ichiriki sentindo que toda a minha vida me conduzira até este momento. Fiquei a escutar os sons dos risos abafados, imaginando que uma das vozes pertencia ao Director; e quando abri a porta e o vi ali à cabeceira da mesa, e Nobu de costas para mim... bom, estava tão cativada pelo sorriso do Director - embora fosse apenas o resíduo do riso de um momento antes - que eu tive que me controlar para não lhe sorrir de volta. Primeiro cumprimentei Mameha, e depois as outras poucas gueixas na sala, e por fim os seis ou sete homens. Quando me levantei, fui direita a Nobu, como Mameha esperava que eu fizesse. Porém, devo ter-me ajoelhado mais perto dele do que esperava, porque imediatamente bateu com a taça de saqué na mesa em jeito de aborrecimento, e desviou-se colocando-se a alguma distância de mim. Pedi desculpa, mas não me ligou nenhuma, e Mameha limitou-se a franzir as sobrancelhas. Passei o resto da noite a sentir-me deslocada. Mais tarde, quando saíamos juntas, Mameha disse-me:

- Nobu-san aborrece-se com facilidade. Vê se tens mais cuidado em não o irritar no futuro.

- Desculpe, Minha Senhora. Aparentemente não gosta tanto de mim como pensava...

- Oh, ele gosta de ti. Se não gostasse da tua companhia, tinhas abandonado a festa a chorar. Às vezes o temperamento dele parece tão delicado como um saco de gravilha, mas é um homem bondoso à sua maneira, vais descobrir isso.

Fui convidada de novo para a casa de chá Ichiriki nessa semana pela Companhia Eléctrica Iwamura, e muitas outras vezes nas semanas que se seguiram - e nem sempre com Mameha. Ela avisou-me para não ficar muito tempo com medo de me fazer parecer pouco popular; por isso, depois de uma hora ou coisa assim, eu sempre fazia a vénia e despedia-me como se fosse a caminho de outra festa. Muitas vezes, quando me estava a vestir para aquelas festas, Hatsumomo insinuava que poderia passar por lá, mas nunca o fazia. Então, numa tarde, quando eu não estava à espera, ela informou-me que nessa noite tinha algum tempo livre e que iria de certeza.

Um pouco nervosa, como podem imaginar; mas as coisas pareceram-me ainda pior quando cheguei à casa de chá Ichiriki e descobri que Nobu não estava lá. Era a festa mais pequena a que até então tinha ido em Gion, com apenas mais duas outras gueixas e quatro homens. E se Hatsumomo chegasse e me descobrisse a entreter o Director sem Nobu? Não tinha ainda decidido o que fazer, quando subitamente a porta deslizou abrindo-se, com um surto de ansiedade, vi Hatsumomo ali de joelhos no átrio de entrada.

O meu único recurso, resolvi, seria agir como se estivesse aborrecida, como se não me pudesse interessar a companhia de mais ninguém além de Nobu. Talvez isto tivesse sido o suficiente para me salvar naquela noite; mas por sorte, em qualquer caso, Nobu chegou uns minutos depois. No momento em que ele entrou na sala, o sorriso adorável de Hatsumomo cresceu até os lábios se lhe tornarem tão opulentos e cheios como gotas de sangue em pérolas na borda de uma ferida. Nobu acomodou-se à mesa e depois, imediatamente, Hatsumomo sugeriu -me numa maneira quase maternal que fosse e lhe servisse o saqué. Fui colocar-me ao lado dele e tentei mostrar todos os sinais de uma rapariga encantada. Sempre que ele ria, por exemplo, eu pestanejava em direcção a ele como se não conseguisse resistir. Hatsumomo estava deliciada e observava-nos tão abertamente que nem sequer parecia ter consciência de ter os olhos

dos homens todos sobre si - ou, o que era mais provável, estaria simplesmente habituada a receber tantas atenções. Estava cativantemente bela naquela noite, como sempre; o homem novo ao fim da mesa fazia pouco mais do que fumar cigarros e observá-la. Até o Director, que se sentava com os dedos graciosamente drapejados à volta de uma taça de saqué, lhe lançava olhares de vez em quando. Tive que me perguntar se os homens ficavam tão cegos perante a beleza que se sentiriam privilegiados por viverem a sua vida com um verdadeiro demónio, desde que se tratasse de um belíssimo demónio. Veio-me à cabeça a imagem súbita do Director a subir os degraus da entrada formal da nossa okiya, tarde numa noite para se encontrar com Hatsumomo, segurando uma fedora na mão e sorrindo-me enquanto começava a desabotoar-lhe o sobretudo. Não pensava que ele estivesse assim verdadeiramente tão encantado com a beleza dela de modo a ignorar os traços de crueldade que se mostrassem. Mas uma coisa era certa: se Hatsumomo alguma vez entendesse os meus sentimentos para com ele, poderia muito bem tentar seduzi-lo, se por mais nenhum outro motivo, apenas para me causar sofrimento.

Subitamente pareceu-me urgente que Hatsumomo abandonasse a festa. Eu sabia que ela estava ali para observar o «romance em desenvolvimento», como o tinha dito; por isso decidi-me a moscar-incó que ela tinha ali vindo para observar. Comecei por tocar o meu pescoço e o cabelo com a ponta dos dedos uma série de vezes, a fim de parecer preocupada com a minha aparência. Quando inadvertidamente os meus dedos roçaram um dos meus ornamentos de cabelo, tive uma ideia. Esperei até que alguém dissesse uma piada, e depois enquanto me ria e ajustava o meu cabelo, inclinei-me na direcção de Nobu. Ajustar o cabelo era uma coisa estranha de fazer, admito-o, dado que estava encerado no lugar e praticamente não precisava de cuidados. Mas o meu objectivo era deslocar um dos meus ornamentos de cabelo, uma cascata de flores de açafão amarelo e laranja, em seda - e deixá-la cair no colo de Nobu. Quando o tentei, o espigão de madeira segurando o ornamento no meu cabelo estava enterrado mais fundo do que eu calculara; mas consegui por fim fazê-lo saltar, e foi bater no peito de Nobu e caiu no tatami entre as suas pernas cruzadas. Quase todos o notaram, e ninguém sabia exactamente o que fazer. Eu planeava recuperá-lo do colo dele com um embaraço infantil, mas não podia ir buscar-lho entre as pernas.

Nobu pegou nele ele próprio, e virou-o vagarosamente sobre o eixo.

- Vai buscar a jovem criada que me recebeu - disse. - Diz-lhe que quero o embrulho que trouxe. - Eu fiz como Nobu me tinha mandado e regresssei à sala para encontrar toda a gente à espera. Ele ainda estava a segurar o meu ornamento de cabelo pelo eixo, de maneira que as flores dançavam para debaixo da mesa, e não fez qualquer esforço para me retirar o embrulho quando lho quis entregar.

- Eu ia dar-to mais tarde, quando saíesses. Mas parece que vou ter que to entregar agora - disse, e acenou em direcção ao embrulho de uma forma que sugeria que eu o deveria abrir. Senti-me muito embaraçada por ter toda a gente a observar, mas desembulhei o papel e abri a pequena caixa de madeira dentro dele para descobrir um pente sublimemente ornamentado sobre uma cama de cetim. O pente, com a forma de semicírculo, era de um vermelho berrante adornado com flores coloridas.

- É uma antiguidade que encontrei há alguns dias - disse Nobu.

O Director, que estava a olhar melancolicamente para o ornamento na sua caixa sobre a mesa, mexeu os lábios, e depois disse com uma estranha espécie de tristeza:

- Vejam lá, Nobu-san, não fazia ideia que fosses tão sentimental.

Hatsumomo levantou-se da mesa; pensei que tinha conseguido ver-me livre dela, mas para minha surpresa veio de volta e ajoelhou-se junto a mim. Eu não sabia bem como interpretar isto, até que ela removeu o pente da caixa e cuidadosamente mo inseriu no cabelo exactamente na base do grande carrapito tipo almofada. Esticou a mão, e Nobu deu-lhe o ornamento com as flores de açafão dançantes,

que ela me recolocou no cabelo tão cuidadosamente como uma mãe a tratar de um bebé. Eu agradeci-lhe com uma pequena vénia.

- Ela não é uma criatura encantadora? - disse, falando directamente para Nobu. E depois deixou escapar um suspiro muito teatral, como sé estes pequenos momentos tivessem sido o mais romântico que ela experimentara, e abandonou a festa como eu ansiara que abandonasse.

\* \* \*

É do conhecimento geral que os homens podem ser tão diferentes uns dos outros como os arbustos que florescem em diferentes épocas do ano. Porque embora Nobu e o Director parecessem estar interessados em mim decorridas algumas semanas sobre o torneio de Sumo, vários meses passaram e continuávamos sem ter notícia do Dr. Caranguejo ou Uchida. Mameha tinha sido muito clara quanto a termos que esperar até que tivéssemos notícias, em vez de descobrirmos algum pretexto para entrar em contacto com eles de novo, mas com o tempo, já não conseguia aguentar a expectativa e uma tarde foi visitar Uchida.

Acontece que, pouco depois de o termos visitado, o gato dele tinha sido mordido por um texugo e morrera em poucos dias, de infecção. Como resultado, Uchida tinha caído noutra crise de bebida. Mameha visitou-o alguns dias de enfiada para o animar. Por fim, quando a disposição dele parecia já ter passado a fase pior, vestiu-me com um quimono azul-gelo com fitas multicolores bordadas na bainha - apenas com um toque ocidentalizado na maquilhagem para «acentuar os ângulos» como ela dizia - e mandou-me ter com ele levando como presente um gatinho cor de pérola que lhe havia custado não sei quanto dinheiro. Achei que o gatinho era adorável, mas Uchida não lhe deu muita atenção e, em vez disso, ficava a olhar para mim com os olhos franzidos, virando a cabeça deste lado e daquele. Uns dias mais tarde, chegaram notícias de que queria que eu lhe fosse servir de modelo no atelier. Mameha avisou-me para não lhe falar uma palavra, e mandou-me com a criada Tatsumi a servir de pau-de-cabeleira, que passou a tarde a abanar a cabeça e dormirar num canto com correntes de ar, enquanto Uchida me fazia mudar de um lado para outro, misturando freneticamente as tintas e pintando um pouco em papel de arroz antes de me fazer de novo mudar de posição.

Se alguma vez andarem pelo Japão e virem os vários trabalhos de Uchida produzidos enquanto lhe servi de modelo durante esse Inverno e nos anos que se seguiram - tais como uma das suas únicas telas a óleo que sobreviveram, pendurada na sala da administração do Banco Sumitomo, em Osaca - podem imaginar que foi uma experiência encantadora ter posado para ele. Mas, na verdade, nada podia ter sido mais aborrecido. Grande parte do tempo eu fazia pouco mais do que sentar-me em posições desconfortáveis durante uma hora ou mais. Lembro-me de ter sede quase sempre, porque Uchida nem uma vez me ofereceu qualquer coisa para beber. Mesmo quando decidi levar o meu próprio chá num jarro selado, ele movia-o para o outro lado da sala a fim de que não o distraísse. Seguindo as instruções de Mameha, tentei nunca dizer uma palavra, mesmo numa tarde gelada no meio de Fevereiro, quando provavelmente deveria ter dito qualquer coisa, e não disse. Uchida tinha-se vindo sentar exactamente diante de mim a olhar-me fixamente para os olhos, a chuchar na verruga ao canto da boca. Tinha uma mão cheia de paus de tinta e alguma água que não parava de gelar à superfície, mas por mais que desfizesse a tinta em combinações variadas de azul e cinzento, nunca estava satisfeito com a cor e deitava-a lá fora na neve. Durante o curso da tarde enquanto os olhos dele me iam perfurando, mostrava-se cada vez mais e mais zangado até que por fim me mandou embora. Fiquei sem ter notícias dele por mais de duas semanas, e mais tarde descobri que tinha caído noutra crise de bebida, e Mameha culpava-me por tê-la deixado acontecer.

\* \* \*

Da primeira vez que encontramos o Dr. Caranguejo, este tinha prometido ver-nos, a Mameha e a mim, na casa de chá Shirae; e no entanto, seis semanas depois, ainda não tínhamos recebido nem uma palavra dele. A preocupação de Mameha crescia com o passar das semanas. Eu ainda não sabia nada do plano dela para apanhar Hatsumomo em desequilíbrio, a não ser que era como um portão a balançar em duas dobradiças, uma das quais era Nobu e a outra o Dr. Caranguejo. O que ela andava a preparar com Uchida, não podia dizer, mas parecia-me que era um esquema diferente - seguramente não estava no centro dos seus planos.

Por fim, em finais de Fevereiro, Mameha encontrou o Dr. Caranguejo na casa de chá Ichiriki e soube que ele andava ocupado com a abertura de um novo hospital em Osaca. Agora, que a maior parte do trabalho já estava feito, esperava poder renovar a relação comigo na casa de chá Shirae na semana seguinte. Devem recordar-se que Mameha tinha proclamado que eu seria inundada de convites se mostrasse a cara na Ichiriki; foi por isto que o Dr. Caranguejo me pediu para me encontrar com ele antes na Shirae. Claro que o verdadeiro motivo de Mameha era ficar livre de Hatsumomo; e no entanto, enquanto me preparava para me encontrar com o médico outra vez, não conseguia deixar de me sentir incomodada que Hatsumomo de qualquer maneira nos pudesse descobrir. Mas, no momento em que vi a Shirae quase rebentei a rir, porque era seguramente um lugar que Hatsumomo daria uma grande volta para evitar. Fazia-me pensar num pequeno botão enrugado numa árvore em flor. Gion continuara a ser uma comunidade atarefada mesmo durante os últimos anos da Depressão, mas a casa de chá Shirae, que para começar nunca chegara a ser importante, tinha apenas murchado ainda mais. A única razão para um homem tão rico como o Dr. Caranguejo patronizar um tal lugar, era que ele nem sempre fora tão rico. Durante os seus primeiros anos a Shirae seria provavelmente o melhor que ele podia frequentar. E lá porque por fim a Ichiriki o recebera, não queria dizer que estivesse livre para cortar os laços com a Shirae. Quando um homem toma uma amante, não se vira para se divorciar da mulher.

Nessa noite, na Shirae, eu servia saqué enquanto Mameha contava uma história, e durante todo o tempo o Dr. Caranguejo ficava sentado com os seus ombros a espetar tanto que às vezes batia numa de nós com eles e virava-se para acenar numa desculpa. Era um homem calado, como descobri; passava a maior parte do tempo a olhar para baixo, para a mesa, através dos seus oculoziños redondos, e de vez em quando enfiava bocados de sashimi por debaixo do bigode de uma maneira que me fazia pensar num rapaz a esconder qualquer coisa debaixo de uma tapete. Quando por fim nessa noite nos viemos embora, pensei que tínhamos falhado e não voltaríamos a vê-lo muito mais vezes - porque normalmente um homem que se tivesse divertido tão pouco não se daria ao trabalho de regressar a Gion. Mas, como se veio a confirmar, tivemos notícias do Dr. Caranguejo na semana seguinte, e quase todas as semanas depois durante os outros meses.

As coisas corriam suavemente com o médico, até uma tarde, a meio de Março em que fiz uma coisa idiota e quase arruinei completamente todo o cuidadoso planeamento de Mameha. Tenho a certeza de que muitas jovens estragaram os seus prospectos da vida por se recusarem a fazer qualquer coisa que se esperara delas, ou por se comportarem mal relativamente a um homem importante, ou qualquer coisa no género; mas o erro que eu fiz foi tão trivial que nem sequer me apercebera de que tinha feito alguma coisa.

Aconteceu na okiya durante o decorrer de cerca de um minuto, não muito depois do almoço num dia frio enquanto eu estava ajoelhada na passagem de madeira com o meu shamisen. Hatsumomo passara por ali a caminho da casa de banho. Se eu tivesse estado com sapatos, teria ido para o corredor de terra batida para sair do caminho dela. Mas dadas as circunstâncias, não podia fazer mais do que lutar para me levantar com os joelhos gelados, com os braços e as pernas quase congelados. Se tivesse sido mais rápida, Hatsumomo provavelmente não se teria dado ao trabalho de me falar. Mas, naquele momento,



enquanto eu me tentava por de pé, ela disse:

- O Embaixador da Alemanha vem até à cidade, mas a Abóbora não está livre para o ir entreter. Porque é que não pedes a Mameha para tomares tu o lugar da Abóbora?

Depois disto ela lançou uma gargalhada, como se a ideia de eu poder fazer uma coisa daquelas fosse tão ridícula como servir um prato de cascas de bolota ao Imperador.

O Embaixador da Alemanha estava a causar quase um sururu em Gion na altura. Durante este período, em 1935, um novo governo tinha recentemente tomado o poder na Alemanha; e embora eu nunca tivesse entendido muito de política, sei que o Japão se estava a distanciar dos Estados Unidos durante esses anos, e se mostrava ansioso para causar boa impressão ao novo Embaixador da Alemanha. Toda a gente em Gion se perguntava a quem seria dada a honra de o entreter durante a sua próxima visita.

Quando Hatsumomo me falou, deveria ter baixado a cabeça com vergonha e dado um grande espectáculo a lamentar a miséria da minha vida comparada com a da Abóbora. Mas como aconteceu que eu tinha estado a magicar sobre quanto os meus prospectos pareciam ter melhorado, e como Mameha e eu tínhamos conseguido manter escondido de Hatsumomo o plano dela - qualquer que ele fosse, o meu primeiro instinto quando Hatsumomo falou foi sorrir, mas em vez disso mantive a cara como uma máscara, e senti-me contente comigo própria por não ter revelado nada. Hatsumomo lançou-me um olhar estranho; deveria ter-me apercebido logo na altura de que qualquer coisa lhe havia passado na cabeça. Afastei-me rapidamente para o lado, e ela passou por mim. E foi o fim de tudo, pelo que me dizia respeito.

Depois, alguns dias mais tarde Mameha e eu fomos à casa de chá Shirae para nos encontrarmos com o Dr. Caranguejo mais uma vez. Mas quando fizémos a porta rolar para a abrir, descobrimos a Abóbora a enfiar os pés nos sapatos para se ir embora. Fiquei tão surpreendida por vê-la, que me perguntei que raio a podia ter trazido aqui. Então Hatsumomo saiu também para o átrio, e claro que percebi: de alguma maneira, Hatsumomo tinha-nos suplantado em esperteza.

- Boa noite, Mameha-san - disse Hatsumomo. - E vejam quem está consigo! E a aprendiz de quem o médico costumava gostar tanto.

Tenho a certeza que Mameha se sentiu tão chocada quanto eu, mas não o mostrou.

- Vejam lá, Hatsumomo - disse ela. - Quase nem a reconhecia... mas meu Deus, como está a envelhecer bem! - Hatsumomo não era de facto velha; tinha apenas vinte e oito anos ou vinte e nove. Acho que Mameha estava apenas à procura de qualquer coisa maldosa para dizer.

- Calculo que esteja a caminho para visitar o médico - disse Hatsumomo. - Um homem tão interessante! Só espero que continue ainda contente por vos ver. Bom, adeus. - Hatsumomo parecia feliz enquanto se afastava, mas à luz da avenida podia ver um ar de tristeza na cara da Abóbora.

Mameha e eu descalçámos os sapatos sem dizer uma palavra; nenhuma de nós sabia o que dizer. Naquela noite a atmosfera sombria da Shirae parecia tão espessa como água num lago. O ar cheirava a maquilhagem azeda; o estuque húmido pelava-se nos cantos das salas. Teria dado tudo para fazer meia volta e partir.

Quando fizémos a porta deslizar para a abrir a partir do átrio, descobrimos a patroa a fazer companhia ao Dr. Caranguejo. Normalmente ela ficava alguns minutos mesmo depois de termos chegado, provavelmente para cobrar ao médico o seu próprio tempo. Mas nesta noite ela desculpou-se no momento em que entrámos, e nem sequer nos olhou quando passámos. O Dr. Caranguejo estava sentado de costas para nós, por isso ignorou-se a formalidade das vénias e fomos logo juntar-nos a ele na mesa.

- Parece cansado, Sr. Doutor - disse Mameha. - Como está esta noite?

O Dr. Caranguejo não falou. Apenas girava o copo de cerveja sobre a mesa para passar o tempo - apesar de ser um homem eficiente e nunca perder um momento se pudesse.

- Sim, estou bastante cansado - disse por fim. - Não me sinto com muita vontade de falar.

E com isso, bebeu o resto da cerveja e levantou-se para partir. Mameha e eu trocámos olhares. Quando o Dr. Caranguejo chegou à porta da sala, virou-se para nós e disse:

- Seguramente que não aprecio quando as pessoas em quem confiei se revelam como tendo-me enganado.

Depois saiu sem fechar a porta.

Mameha e eu estávamos demasiado espantadas para falar. Com o tempo, ela levantou-se e fechou a porta. De volta à mesa, alisou o quimono e depois franziu os olhos com cólera e disse-me:

- Muito bem, Sayuri. O que é que disseste exactamente a Hatsumomo?

- Mameha-san, depois deste trabalho todo? Juro-lhe que nunca faria nada para arruinar as minhas próprias hipóteses.

- O médico certamente que parece ter-te posto de lado como se não fosses melhor que um saco vazio. Tenho a certeza de que há uma razão... mas não o saberemos enquanto não descobirmos o que é que Hatsumomo lhe disse esta noite.

- E como é que poderemos fazer isso?

- A Abóbora estava aqui na sala. Tens que ir ter com ela e perguntar-lhe.

Eu não tinha bem a certeza de que a Abóbora me falasse, mas disse que ia tentar, e Mameha pareceu satisfeita com isto. Ela levantou-se e estava a preparar-se para sair, mas eu fiquei onde estava até que ela se virou para ver o que me estaria a demorar.

- Mameha-san, posso fazer uma pergunta? - disse. - Agora Hatsumomo sabe que eu tenho passado tempo com o médico, e provavelmente compreende os motivos. O Dr. Caranguejo certamente sabe porquê. A Senhora sabe porquê. Até a Abóbora pode saber por quê! Eu sou a única que não sabe porquê. Não quer ser suficientemente amável e explicar-me quais são os seus planos para mim?

Mameha lançou-me um olhar como se sentisse muito triste por eu ter feito esta pergunta. Durante um longo momento olhou para todos os lados menos para mim, mas por fim deixou sair um suspiro e ajoelhou-se de novo à mesa para me explicar o que eu queria saber.

- Sabes muito bem - começou, - que Uchida-san olha para ti com os olhos de um artista. Mas o médico está interessado noutra coisa, e Nobu também. Sabes o que se quer dizer quando se fala na «enguia sem lar»?

Não fazia ideia do que é que ela estava a falar, e disse-lho.

- Os homens tem uma espécie de... bom, de uma «enguia» neles - disse ela. - As mulheres não a têm. Mas os homens têm. Está situada...

- Acho que sei de que é que está a falar - disse - mas não sabia que se chamava enguia.

- Não é de facto uma enguia - disse Mameha. - Mas fingir que é uma enguia torna as coisas muito mais fáceis de compreender. Por isso pensemos nisso desta maneira. Eis a coisa: esta enguia passa a sua vida inteira a tentar encontrar um lar, e o que é que pensas que as mulheres têm dentro de si? Cavernas, onde as enguias gostam de viver. Esta caverna é de onde vem o sangue todos os meses quando as «nuvens passam sobre a lua», como dizemos às vezes.

Eu já era suficientemente crescida para compreender o que Mameha queria dizer com a passagem das nuvens sobre a lua, porque já o andava a experimentar há alguns anos. Da primeira vez, não teria ficado mais em pânico se tivesse espirrado e descoberto bocados do cérebro no lenço de assoar. Tivera verdadeiramente medo de que pudesse estar a morrer, até que a Tia me descobriu a lavar um trapo ensanguentado e me explicou que o sangrar fazia parte do facto de se ser mulher.

- Podes não saber o seguinte acerca das enguias - continuou Mameha - mas funcionam de maneira territorial. Quando descobrem uma caverna de que gostam, meneiam-se à roda lá dentro por um bocado para ter a certeza de que..., bom, calculo que para terem a certeza de que é uma caverna simpática. E quando se decidem que é confortável, marcam a caverna como seu território... cuspiendo. Compreendes?

Se Mameha me tivesse dito simplesmente o que ela me estava a tentar dizer, tenho a certeza de que teria ficado chocada, mas pelo menos teria tido maior facilidade em compreender aquilo tudo. Anos mais tarde descobri que as coisas tinham sido explicadas a Mameha exactamente da mesma maneira pela sua irmã mais velha.

- E eis aqui a parte que te pode parecer mais estranha - continuou Mameha, como se o que ela até ali me contara não tivesse parecido. - Os homens na verdade gostam de fazer isso. De facto, gostam mesmo muito. Até há homens que fazem pouco mais nas suas vidas para além de andarem em busca de diferentes cavernas para nelas deixarem viver as suas enguias. A caverna de uma mulher é particularmente especial para um homem quando nenhuma outra enguia ainda lá esteve antes. Compreendes? Chamamos a isto mizuage.

- Chamamos mizuage a quê?

- À primeira vez que a caverna de uma mulher é explorada pela enguia de um homem. E a isso que chamamos mizuage.

Bom, mizu quer dizer «água» e age significa «levantar» e «colocar em»; de modo que o termo mizuage soa como se pudesse ter qualquer coisa a ver com levantar água ou colocar qualquer coisa na água. Se tivermos três gueixas numa sala, todas terão ideias diferentes sobre a origem do termo. Agora que Mameha tinha acabado as suas explicações, só me sentia ainda mais confusa, embora tentasse fingir que tudo aquilo pelo menos fazia um pouco de sentido.

- Suponho que podes adivinhar porque é que o médico gosta de se divertir aqui por Gion - continuou Mameha. - Ganha muito dinheiro com o seu hospital. Tirando o que precisa para sustentar a família, gasta o resto na perseguição de mizuage. Pode interessar-te saber, Sayuri-san, que tu és exactamente o tipo de rapariga de quem ele gosta mais. Sei isto muito bem, porque eu própria fui uma delas.

Como o soube mais tarde, um ano ou dois antes de eu ter chegado a Gion, o Dr. Caranguejo tinha pago uma soma recorde pela mizuage de Mameha - talvez 7000 ou 8000 ienes. Isto pode não soar como sendo muito, mas na altura era uma importância que até alguém como a Mãe - cujo único pensamento era sobre dinheiro e como ganhar mais dinheiro-poderiam ter visto apenas uma ou duas vezes na vida. A mizuage de Mameha tinha sido tão cara em parte por causa da sua fama; mas havia outra razão, como ela me explicou nessa tarde. Dois homens muito ricos tinham apostado um contra o outro para serem os patronos da sua mizuage. Um era o Dr. Caranguejo. O outro, um homem de negócios chamado Fujikado. Normalmente, os homens não competiam desta maneira em Gion; conheciam-se todos uns aos outros e preferiam chegar a acordo sobre estas coisas. Mas Fujikado vivia no outro lado do país e só vinha a Gion ocasionalmente. Não se preocupava se ofendia o Dr. Caranguejo. E o Dr. Caranguejo, que proclamava ter algum sangue aristocrático dentro de si, odiava novos ricos como Fujikado - apesar de, na verdade, para a maioria ser ele próprio também um arrivista.

No torneio de Sumo, quando Mameha reparou que Nobu parecia interessado em mim, pensou imediatamente como era parecido com Fujikado - arrivista e, para um homem como o Dr. Caranguejo, repulsivo. Com Hatsumomo a perseguir-me por ali como uma dona de casa atrás de uma barata, era certo que não me iria tornar famosa como Mameha se tornara nem acabar com uma mizuage tão cara como a dela em resultado disso. Mas se estes dois homens me achassem suficientemente atraente, podiam começar uma guerra de apostas que me poderia pôr na mesma posição para pagar as minhas dívidas do que se eu tivesse sido uma aprendiz popular desde o início. Era isso o que Mameha tinha querido dizer com «apanhar Hatsumomo desprevenida». Hatsumomo estava deliciada por Nobu me achar atraente; o que ela não se tinha apercebido era que a minha popularidade junto de Nobu muito provavelmente iria fazer subir o preço da minha mizuage.

Claramente tínhamos tido que reclamar as afeições do Dr. Caranguejo. Sem ele, Nobu poderia oferecer o que quisesse pela minha mizuage - isto é, se ele se revelasse como tendo algum interesse no assunto. Eu não estava muito certa de que tivesse, mas Mameha assegurou-me que um homem não cultiva uma relação com uma aprendiz de gueixa de quinze anos a não ser que tenha a mizuage em mente.

- Podes apostar que não é pela tua conversa que ele se sente atraído - disse-me ela.

Tentei fingir que não me sentia ferida com isto.

\*

Olhando para trás, posso ver agora que esta conversa com Mameha marcou uma mudança na minha perspectiva do mundo. Anteriormente eu não sabia nada de mizuage; era ainda uma rapariga ingénua com pouca compreensão das coisas. Mas depois podia começar a perceber o que é que um homem como o Dr. Caranguejo queria em troca de todo o dinheiro e tempo que gastava em Gion. Assim que se sabe este tipo de coisas, nunca mais se pode deixar de o saber. E já não era capaz de pensar nele exactamente da mesma maneira.

De regresso à okiya tarde nessa noite, esperei no meu quarto que Hatsumomo e a Abóbora subissem as escadas. Já passava uma hora ou mais da meia-noite quando o fizeram. Podia dizer à Abóbora que estava cansada de ouvir a maneira como as mãos dela batiam nos degraus - porque às vezes subia as escadas íngremes de gatas como um cão. Antes de fechar a porta do quarto delas, Hatsumomo chamou uma das criadas e pediu uma cerveja.

- Não, espera um minuto - disse. - Traz duas. Quero que a Abóbora beba comigo.

- Por favor, Hatsumomo-san - ouvi a Abóbora. - Antes preferia beber cuspo.

- Vais ler em voz alta para mim enquanto eu bebo a minha, portanto também podes bem beber uma. Além disso, odeio quando as pessoas estão sóbrias de mais. É doentio.

Depois a criada desceu as escadas. Quando regressou um bocadinho mais tarde, ouvi os copos a tilintar na bandeja que trazia.

Durante um longo espaço de tempo sentei-me com a orelha colada à porta do meu quarto, a ouvir a voz da Abóbora enquanto lia um artigo sobre um novo actor de Kabuki. Por fim, Hatsumomo, tropeçou no átrio e fez deslizar a porta da casa de banho do andar superior.

- Abóbora! - ouvi-a dizer. - Não te apetece uma taça de aletria?

- Não minha senhora.

- Vai ver se consegues encontrar o vendedor de aletria. E traz alguma para ti para que me possas acompanhar.

A Abóbora suspirou e foi direita às escadas, mas eu tinha que esperar que Hatsumomo

regressasse ao quarto dela antes de rastejar para a seguir. Poderia não ter conseguido apanhar a Abóbora. Mas como ela estava tão exausta, não seria capaz de fazer muito mais do que vaguear mais ou menos à velocidade com que a lama escorre lentamente monte abaixo, e com o mesmo objectivo. Quando por fim a encontrei, pareceu alarmada por me ver e perguntou-me qual era o problema.

- Não há problema nenhum - disse, - a não ser... que eu preciso desesperadamente da tua ajuda.

- Oh, Chyio-chan - disse-me (acho que era a única pessoa que ainda me chamava assim) - Não tenho tempo! Estou a tentar encontrar a aletria para Hatsumomo, e ela vai fazer-me comer um bocado também. Receio que acabe por lha vomitar em cima.

- Minha pobre Abóbora - disse eu. - Pareces gelo quando começa a derreter. - A cara dela estava a ficar pendurada de cansaço, e o peso de todas as roupas parecia poderem puxá-la a direito para o chão. Disse-lhe para se ir embora e se sentar, que eu ia procurar-lhe a aletria e lha trazia. Estava tão cansada que nem sequer protestou, mas passou-me simplesmente o dinheiro e sentou-se num banco junto ao ribeiro de Shirakawa.

Demorei algum tempo a descobrir um vendedor, mas por fim regresssei trazendo duas taças de aletria fumegante. A Abóbora dormia profundamente com a cabeça para trás e a boca aberta como se estivesse à espera de apanhar gotas de chuva. Eram cerca das duas da manhã, e poucas pessoas andavam ainda por ali. Um grupo de homens parecia pensar que a Abóbora era a coisa mais divertida que tinham visto nas últimas semanas - e confesso que era estranho ver uma aprendiz com toda a sua parafernália a rressonar num banco.

Quando pousei as taças junto dela e a acordei o mais delicadamente que sabia, disse-lhe:

- Abóbora, quero tanto pedir-te um favor... mas desconfio que não vais gostar muito quando souberes o que é.

- Não faz mal - disse. - Já nada consegue fazer-me feliz.

- Hoje mais cedo estiveste na sala quando Hatsumomo falou com o médico. Receio que todo o meu futuro possa ser afectado por essa conversa. Hatsumomo deve ter-lhe dito alguma coisa sobre mim que não é verdade, porque agora o médico já não me quer ver mais.

Por mais que eu odiasse Hatsumomo - por mais que quisesse saber o que tinha acontecido naquela noite - senti-me imediatamente arrependida por ter tocado no assunto à Abóbora. Ela parecia ter ficado em tal estado de sofrimento que o ligeiro abraço que lhe dei provou ser demasiado. Imediatamente várias lágrimas vieram entornar-se sobre as suas enormes bochechas, como se as tivesse estado a encher com elas durante anos.

- Eu não sabia, Chiyo-chan! - disse, a remexer no obi em busca de um lenço. - Não fazia ideia!

- Queres dizer, do que Hatsumomo ia fazer? Mas como é que alguém poderia ter sabido?

- Não é isso. Eu não sabia que alguém podia ser tão mau! Não compreendo... Ela faz coisas sem motivo nenhum a não ser ferir as pessoas. E o pior é que pensa que eu a admiro e quero ser igual a ela.

Mas eu odeio-a! Nunca antes odiei tanto alguém!

Por esta altura, o lenço amarelo da pobre Abóbora estava esborratado com a maquilhagem branca. Se antes parecia um cubo de gelo a começar a derreter, agora era uma poça.

- Abóbora, por favor, escuta-me - disse. - Eu não te pediria isto se tivesse outra alternativa. Mas não quero voltar a ser uma criada por toda a minha vida, e é isso o que vai acontecer se Hatsumomo ganhar. Ela não vai parar enquanto não me tiver debaixo do pé como uma barata. A sério, ela esborracha-me se não me ajudares a escapulir!

A Abóbora achou que isto era engraçado, e começámos as duas a rir. Enquanto ela estava entalada entre o riso e as lágrimas, peguei-lhe no lenço e tentei alisar-lhe a maquilhagem na cara. Senti-me tão comovida, que os meus olhos também se encheram de lágrimas, e acabámos as duas abraçadas.

- Oh, Abóbora, a tua maquilhagem está numa lástima - disse-lhe depois.

- Não faz mal - disse-me ela. - Direi a Hatsumomo que um bêbado veio ter comigo na rua e me passou um lenço pela cara toda, e que eu não podia fazer nada quanto a isso porque estava a carregar com duas taças de aletria.

Não pensei que ela fosse dizer mais qualquer coisa, mas por fim suspirou profundamente.

- Eu quero ajudar-te Chiyo - disse - mas já estou na rua há muito tempo. Hatsumomo vai vir à minha procura se não me despacho. Se nos encontra juntas...

- Eu só tenho que te fazer umas perguntas, Abóbora. Diz-me só, como é que a Hatsumomo descobriu que eu tenho andado a entreter o médico na casa de chá Shirae?

- Oh, isso - disse a Abóbora. - Ela tentou irritar-te há uns dias com o Embaixador Alemão, mas parece que tu não ligaste importância ao que ela disse. Ficaste tão calma que ela achou que tu e Mameha deviam ter algum esquema montado a andar. Por isso, foi ter com Awajiumi ao Registo e perguntou em que casas de chá é que tens andado a facturar. Quando ouviu que a Shirae era uma delas, ficou assim com aquela expressão na cara dela, e começámos a ir lá logo naquela noite à procura do médico. Fomos duas vezes e só à terceira é que o encontramos.

Muito poucos homens de importância patronizavam a Shirae. Foi por isso que Hatsumomo pensou logo no Dr. Caranguejo. Como eu começava a perceber agora, era conhecido em Gion como um «especialista em mizuage». No momento em que Hatsumomo pensou nele, provavelmente percebeu logo qual era o plano de Mameha.

- O que é que ela lhe disse esta noite? Quando nós visitámos o médico depois de vocês terem saído, ele nem sequer nos queria falar.

- Bom - disse a Abóbora - eles tagarelaram durante um bocado, e então Hatsumomo fingiu que algo lhe tinha recordado uma história. E ela começou: «Há uma jovem aprendiz chamada Sayuri, que vive na minha okiya...». Quando o médico ouviu o teu nome... digo-te, sentou-se como se uma abelha lhe tivesse picado. E disse, «Conhece-la?». Por isso Hatsumomo disse-lhe: «Bom, claro que a conheço, Sr. Doutor. Não vive ela na minha okiya?». Depois disto ela disse mais qualquer coisa de que eu não me recordo, e depois: «Eu não devia falar acerca de Sayuri porque... bom, de facto, estou a encobrir um grande segredo sobre ela».

Fiquei gelada quando ouvi isto. Tinha a certeza de que Hatsumomo tinha pensado em algo verdadeiramente horrroso.

- Abóbora, que segredo é esse?

- Bom, agora não tenho bem a certeza - disse a Abóbora. - Não me parecia grande coisa. Hatsumomo disse-lhe que havia um jovem que vivia perto da okiya e que a Mãe tinha uma política muito severa contra namorados. Hatsumomo disse que tu e esse rapaz gostavam muito um do outro, e que ela não se importava de te encobrir porque achava que a Mãe era demasiado severa. Disse que até vos deixava aos dois passar algum tempo juntos a sós no quarto dela quando a Mãe não estava. Depois disse uma coisa qualquer como: «Oh, mas... Sr. Doutor, de facto não lhe devia ter dito! E se depois de tudo chega aos ouvidos da Mãe, depois do trabalhão que tive para guardar os segredos de Sayuri!». Mas o médico disse que ficava grato pelo que Hatsumomo lhe acabara de dizer, e que seguramente o guardaria apenas para si.

Podia imaginar o quanto Hatsumomo se devia ter divertido com o seu pequeno espectáculo. Perguntei à Abóbora se havia algo mais, mas ela disse que não.

Agradei-lhe muitas vezes por me ter ajudado, e disse-lhe como lamentava que tivesse tido que passar estes últimos anos como escrava de Hatsumomo.

- Calculo que algum bem me veio daqui - disse a Abóbora. - Há apenas alguns dias, a Mãe decidiu adoptar-me. Por isso o meu sonho de ter um lugar para viver o resto da minha vida pode tornar-se realidade.

Fiquei quase doente quando ouvi estas palavras, mesmo enquanto lhe dizia como me sentia feliz por ela. E verdade que me sentia feliz pela Abóbora; mas também sabia que era uma parte importante do plano de Mameha que a Mãe me adoptasse em vez dela.

\* \* \*

No dia seguinte, no apartamento dela, contei a Mameha o que tinha sabido. No instante em que ouviu a história sobre o namorado, começou a abanar a cabeça de indignação. Eu já tinha percebido, mas ela explicou-me que Hatsumomo tinha encontrado uma maneira muito inteligente de enfiar na cabeça do Dr. Caranguejo a ideia de que a minha «caverna» já tinha sido explorada pela «enguia» de outro, por assim dizer.

Mameha ficou ainda mais aborrecida quando soube da proximidade da adopção da Abóbora.

- O que eu desconfio - disse ela - é que temos apenas alguns poucos meses antes que a adopção ocorra. O que quer dizer que chegou a hora da tua mizuage, Sayuri, quer tu estejas pronta para ela ou não.

\* \* \*

Nessa mesma semana, Mameha foi até uma pastelaria e, em meu nome, encomendou uma espécie de bolo de arroz doce a que chamamos ekubo, que é a palavra japonesa para covinha no rosto. Chamamos-lhes ekubo porque têm uma covinha no topo com um pequenino círculo vermelho no centro; algumas pessoas acham-nos muito sugestivos. Sempre achei que pareciam almofadinhas, suavemente amolgadas, como se uma mulher tivesse dormido sobre elas, e deixasse o centro sujo de batom, talvez porque estivesse demasiado cansada para o retirar antes de ir para a cama. De qualquer maneira, quando uma aprendiz de gueixa se torna disponível para a mizuage, ela presenteia os homens que a patrocinam com caixas destes ekubo. A maioria das aprendizas oferecem-nos a pelo menos uma dúzia de homens, talvez muitos mais; mas para mim haveria apenas Nobu e o Médico - se tivéssemos sorte. Senti-me triste, de alguma maneira, por não os poder dar ao Director; mas por outro lado, a coisa toda parecia-me tão desagradável que não tinha assim muita pena por ele ficar de fora.

Presentear os ekubo a Nobu foi fácil. A patroa da Ichiriki tratou de fazer com que chegasse um bocadinho mais cedo numa das noites, e Mameha e eu encontrámo-nos com ele numa salinha com vista para o pátio. Eu agradei-lhe todas as amabilidades - porque tinha sido extremamente bondoso para comigo nos últimos seis meses, não apenas por me convocar com frequência para entreter nas festas mesmo quando o Director estava ausente, mas por me ter dado uma série de prendas além do pente ornamental na noite em que Hatsumomo aparecera. Depois de lhe agradecer, peguei na caixa de ekubo, embrulhada em papel cru e atada com um cordel rude, a seguir fiz-lhe uma vénia e empurrei-a através da mesa. Ele aceitou-a, e Mameha e eu agradecemos-lhe mais umas vezes por toda a sua bondade, fazendo vénias sem fim até que comecei a sentir-me tonta. A pequena cerimónia foi breve, e Nobu levou a sua caixa na mão quando saiu da sala. Mais tarde, quando estava a entreter na festa dele, não lhe fez qualquer referência. De facto, acho que o encontro o deixou um pouco incomodado.

Com o Dr. Caranguejo, claro, foi outra coisa. Mameha teve que começar por andar pelas

principais casas de chá em Gion a pedir às patroas que a avisassem se o médico aparecesse. Esperámos algumas noites até que nos chegou a notícia de que ele tinha aparecido numa casa de chá chamada Yashino, como convidado de outro homem. Corri para o apartamento de Mameha para mudar de roupa e depois parti para a Yashino com a caixa de ekubo embrulhada num quadrado de seda.

A Yashino era uma casa de chá relativamente recente, construída num estilo completamente ocidental. As salas eram elegantes à sua maneira, com vigas mestras de madeira escura, etc.; mas em vez de tapetes de tatami e mesas rodeadas por almofadas, a sala para onde entrei naquela noite tinha um chão de madeira, com um tapete persa escuro, uma mesa de café, e umas poucas de cadeiras excessivamente estofadas. Tenho que admitir que nunca me ocorreu sentar-me numa das cadeiras. Em vez disso, ajoelhei-me no tapete para esperar por Mameha, embora o chão fosse terrivelmente duro para os meus joelhos. Estava ainda naquela posição meia hora mais tarde quando ela chegou.

- O que é que estás aí a fazer? - perguntou-me. - Isto não é uma sala em estilo japonês. Senta-te numa daquelas cadeiras e tenta parecer que estás à vontade.

Fiz como Mameha mandou. Mas quando ela se sentou em frente de mim, tinha o ar menos à vontade possível, se calhar tanto como eu.

O médico, segundo constava, encontrava-se numa festa na sala ao lado. Segundo parecia, Mameha já tinha estado a entretê-lo durante algum tempo. «Estive a deitar-lhe litros de cerveja, para que ele tenha que ir à casa de banho» disse-me. «Quando for, apanho-o no átrio e peço-lhe para vir aqui. Deves dar-lhe os ekubo imediatamente. Não sei como irá reagir, mas será a única oportunidade que temos para desfazer o mal que Hatsumomo já fez.»

Mameha saiu, e fiquei à espera ali na cadeira durante imenso tempo. Tinha calor e estava nervosa, e preocupada que a minha transpiração fizesse com que a maquilhagem me transformasse numa porcaria de aspecto tão amarrotado como um futon depois de terem dormido nele. Procurei qualquer coisa que me distraísse; mas o melhor que podia fazer era levantar-me de tempos a tempos para dar uma olhadela à minha cara no espelho pendurado no átrio de entrada.

Por fim ouvi vozes, depois uma batidela na porta, e Mameha abriu-a de par em par.

- Dê-nos um momento, Sr. Doutor, se faz favor - disse ela.

Podia ver o Dr. Caranguejo na escuridão do átrio de entrada, com um ar tão duro como os velhos retratos que se vêem nas salas dos bancos. Estava a espreitar-me por cima dos óculos. Eu não sabia ao certo o que fazer; normalmente teria recorrido a uma vénia nos tapetes, por isso avancei e ajoelhei-me no tapete para fazer a vénia da mesma maneira, embora nem sequer estivesse certa se Mameha iria ficar zangada comigo por fazê-lo ou não. Não me pareceu que o médico tivesse sequer olhado para mim.

- Preferia regressar à festa - disse a Mameha. - Desculpem-me por favor.

- Sayuri trouxe uma coisa para si, Sr. Doutor - disse Mameha. - É apenas um minuto, se não se importa.

Fez o gesto para que ele entrasse na sala e verificou se ficou confortavelmente sentado numa das cadeiras estofadas. Depois disto, acho que se tinha esquecido do que me tinha dito antes, porque nos ajoelhámos as duas no tapete, cada uma de nós junto a cada um dos joelhos do Dr. Caranguejo. Tenho a certeza de que o médico se sentiu imponente por ter duas mulheres com vestidos tão ornamentados assim ajoelhadas a seus pés.

- Lamento não o ter visto durante tantos dias - disse-lhe eu. - E o tempo já está a começar a ficar quente. Pareceu-me até que já tinha passado uma estação inteira!



O médico não respondeu, mas limitou-se a devolver-me outra espreitadela.

- Por favor, Sr. Doutor, aceite estes ekubo - disse eu, e depois de fazer uma vénia, coloquei o pacote numa mesa lateral junto da mão dele. Ele pôs as mãos sobre o colo como que a dizer que nem em sonhos tinha a intenção de lhes pegar.

- Porque é que me estás a dar isto?

Mameha interrompeu.

- Lamento, Sr. Doutor. Eu levei Sayuri a acreditar que poderia ficar contente por receber ekubo da parte dela. Espero não me ter enganado?

- Está enganada. Talvez não conheça esta rapariga tão bem como pensa. Tenho-a em grande consideração, Mameha-san, mas é marca de pouca reflexão da sua parte recomendar-ma a mim.

- Lamento, Sr. Doutor - disse ela. - Não fazia ideia que eram esses os seus sentimentos. Estava convencida que gostava de Sayuri.

- Muito bem. Agora que tudo está claro, eu quero regressar à festa.

- Mas posso fazer-lhe uma pergunta? Sayuri ofendeu-o de alguma maneira? As coisas pareceram mudar de uma maneira tão inesperada.

- Seguramente que sim. Como lhe disse, fico ofendido pelas pessoas que me enganam.

- Sayuri-san, que vergonhoso da tua parte andares assim a enganar o Sr. Doutor! - disse-me Mameha. - Deves-lhe ter dito alguma coisa que sabias que não era verdade. O que foi?

- Não sei! - disse eu tão inocentemente quanto podia. - A não ser há algumas semanas quando sugeri que o tempo estava a ficar mais quente e na verdade não estava muito...

Quando eu disse isto Mameha olhou para mim com um ar que me deu a entender que não tinha gostado muito.

- Isto é entre vocês as duas - disse o médico. - Não é preocupação minha. Por favor, desculpem-me.

- Mas, Sr. Doutor, antes de se ir embora - disse Mameha - não poderia haver algum mal entendido? Sayuri é uma rapariga honesta e nunca enganaria ninguém premeditadamente. Menos ainda alguém que foi tão bondoso para com ela.

- Sugiro que lhe pergunte sobre o rapaz da vizinhança - disse o médico.

Fiquei muito aliviada por ele ter enfim tocado no assunto. Era um homem tão reservado, que não me teria surpreendido que se tivesse recusado sequer abordá-lo.

- Então é esse o problema! - disse-lhe Mameha. - Deve ter estado a falar com Hatsumomo.

- Não sei o que é que isso interessa - disse ele.

- Ela tem andado a espalhar essa história por toda a Gion. É completamente falsa! Desde que deram a Sayuri um papel importante no palco na peça Danças da Velha Capital que Hatsumomo anda a gastar todas as suas energias a tentar desgraçá-la.

As Danças da Velha Capital eram o maior acontecimento anual em Gion. Abriria dali a seis semanas, no começo de Abril. Todos os papéis nas danças tinham sido atribuídos meses antes, e eu ter-me-ia sentido honrada por ficar com um. Uma professora minha até o tinha sugerido, mas tanto quanto eu sabia, o meu único papel seria na orquestra e de modo nenhum no palco. Mameha tinha insistido nisto para não provocar Hatsumomo.

Quando o médico olhou para mim, fiz o melhor que podia para parecer alguém que estaria a dançar um papel importante e já o soubesse há algum tempo.

- Lamento ter que dizer isto, Sr. Doutor, mas toda a gente sabe que Hatsumomo é mentirosa - continuou Mameha. - É arriscado acreditar em tudo o que ela diz.

- Se Hatsumomo é mentirosa, é agora a primeira vez que tal ouço.

- Ninguém sonharia em dizer-lhe uma coisa dessas - disse Mameha, falando numa voz baixinha como se realmente estivesse com medo de que a ouvissem. - E tantas gueixas são desonestas! Ninguém quer ser o primeiro a fazer acusações. Mas ou eu lhe estou a mentir a si agora, ou Hatsumomo estava a mentir quando lhe contou a história. É uma questão de decidir qual de nós as duas conhece melhor, Sr. Doutor, e em qual de nós as duas confia mais.

- Não vejo porque é que Hatsumomo iria inventar histórias só porque Sayuri tem um papel no palco.

- Seguramente que já conhece a irmãzinha de Hatsumomo, a Abóbora. Hatsumomo esperava que a Abóbora desempenhasse um certo papel, mas parece que em vez dela o deram a Sayuri. E a mim deram-me o papel que Hatsumomo queria para si própria! Mas nada disto é importante, Sr. Doutor. Se a integridade de Sayuri está em dúvida, posso bem compreender que não queira aceitar os ekubo com que ela o presenteou.

O médico ficou um grande bocado sentado ali a olhar para mim. Por fim disse:

- Vou pedir a um dos meus médicos do hospital que a examine.

- Gostaria de ser o mais cooperante possível - respondeu Mameha - mas teria dificuldade em concordar com uma coisa dessas, dado que ainda não aceitou ser o patrono da mizuage de Sayuri. Se a integridade dela está em dúvida... bom, Sayuri irá presentear uma grande quantidade de homens com os seus ekubo. Tenho a certeza de que muitos deles ficarão bem cépticos quanto às histórias que ouvem de Hatsumomo.

Isto pareceu conseguir o efeito que Mameha pretendia. O Dr. Caranguejo ficou sentado em silêncio por um momento. Por fim disse:

- Eu nem sequer sei qual é a coisa adequada a fazer. E a primeira vez que me encontro numa posição assim tão incómoda.

- Por favor, Sr. Doutor, aceite os ekubo, e ponhamos as loucuras de Hatsumomo para trás das costas.

- Já ouvi muitas histórias de raparigas desonestas que marcam o mizuage para a época do mês em que um homem pode ser facilmente enganado. Eu sou um médico, como sabe. Não vai ser fácil defraudar-me.

- Mas ninguém o quer enganar!

Ele continuou sentado por mais um momento, depois levantou-se com os ombros amarrecados para marchar, de cotovelos para a frente, da sala para fora. Eu estava demasiado ocupada a fazer vénias de despedida para poder ver se tinha levado os ekubo consigo; depois de ele e Mameha terem partido, olhei para a mesa e vi que, felizmente, já lá não estavam.

Quando Mameha mencionou o meu papel no palco, achei que acabara de inventar uma história na altura para explicar porque é que Hatsumomo iria mentir sobre mim. Por isso podem imaginar a minha surpresa quando no dia seguinte soube que tinha estado a dizer a verdade. Ou, se não era exactamente a verdade, Mameha sentia-se confiante que viria ser a verdade antes do fim da semana.

Nessa altura, a meados da década de 1930, trabalhavam em Gion provavelmente tantas quanto umas setecentas ou oitocentas gueixas; mas, porque não seriam precisas mais de sessenta em cada Primavera para a produção das Danças da Velha Capital, a competição pelos papéis destruíra muitas amizades ao longo dos anos. Mameha não falara verdade quando dissera que tinha roubado o papel a Hatsumomo; ela era uma das muito poucas gueixas em Gion a quem estava garantido um papel a solo todos os anos. Mas era mesmo verdade que Hatsumomo se desesperara para ver a Abóbora no palco. Não sei onde é que ela arranjou a ideia de que isso seria possível; a Abóbora podia ter ganho o prémio da aprendiz e recebido outras honras além disso, mas nunca fora boa na dança. Porém, alguns dias antes de eu presentear o médico com os ekubo, uma aprendiz de dezassete anos com um papel a solo tinha caído por umas escadas abaixo e aleijado numa perna. A pobre rapariga estava destroçada, mas todas as outras aprendizas em Gion se sentiam felizes por se poderem aproveitar da sua infelicidade e oferecerem-se para a substituir no papel. Foi este papel que, em última instância, me foi atribuído a mim. Eu só tinha quinze anos na altura, e nunca antes tinha dançado em palco - o que quer dizer que não estava preparada para isso. Mas tinha passado muitas noites na okiya, em vez de andar de festa em festa como a maioria das aprendizas, e a Tia muitas vezes tocava o shamisen de maneira a que eu pudesse praticar a dança. Foi por isso que eu já fora promovida ao nível onze com a idade de quinze anos, embora provavelmente não possuísse mais talento como bailarina do que qualquer outra. Se Mameha não tivesse estado tão determinada em me esconder dos olhos do público por causa de Hatsumomo, até poderia ter tido um papel nas danças sazonais no ano anterior.

Este papel fora-me dado a meio de Março, pelo que só tinha um mês para o ensaiar. Felizmente, a minha professora de dança ajudava-me imenso, e muitas vezes trabalhava comigo em particular durante as tardes. A Mãe não descobriu o que tinha acontecido - seguramente que não seria Hatsumomo quem lho iria contar - senão vários dias depois, quando ouviu o boato durante um jogo de Mah-jong. Ela regressou a okiya e perguntou se era verdade que o papel me tinha sido dado. Depois de lhe ter dito que sim, foi-se embora com aquele seu ar baralhado que poderia ter exibido se lhe dissessem que o seu cão Taku lhe tinha feito as somas das contas por ela.

Claro que Hatsumomo estava furiosa, mas Mameha não se preocupava com isso. Tinha chegado a hora, como ela dizia, de correr com Hatsumomo para fora do ringue.

\*

Num dia, à tardinha, mais ou menos uma semana mais tarde, Mameha veio ter comigo durante um intervalo nos ensaios, muito excitada com qualquer coisa. Parecia que o Barão, no dia anterior, lhe tinha mencionado que iria dar uma festa durante o fim-de-semana seguinte em honra de um certo fabricante de quimonos chamado Arashino. O Barão era proprietário de uma das mais conhecidas colecções de quimonos em todo o Japão. A maior parte das suas peças eram antiguidades, mas de vez em quando comprava um trabalho de grande qualidade feito por um artista vivo. A decisão dele de comprar uma peça da autoria de Arashino tinha-o levado a dar uma festa.

- Achei que tinha reconhecido o nome de Arashino - disse-me Mameha - mas quando o Barão o mencionou pela primeira vez não o conseguia identificar. É um dos amigos mais chegados de Nobu! Não estás a ver as possibilidades? Não tinha pensado nisso até hoje, mas vou tentar convencer o Barão a convidar tanto a Nobu como o Médico para a sua festazinha. É quase certo que os dois se vão detestar um ao outro. Quando começar o leilão pela tua mizuage, podes ter a certeza de que nenhum ficará sentado a ver, sabendo que o prémio pode ser levado pelo outro.

Eu estava a sentir-me muito cansada, mas por causa de Mameha bati as palmas de excitação e disse como lhe estava grata por ter arranjado um plano tão engenhoso. E tenho a certeza de que era um plano engenhoso; mas a verdadeira prova da inteligência dela era o facto de ter a certeza de que não teria

dificuldade em convencer o Barão a convidar aqueles dois homens para a sua festa. Claramente que estariam ambos dispostos a ir - no caso de Nobu, porque o Barão era um dos investidores da Companhia Eléctrica Iwamura, embora na altura eu não o soubesse; e no caso do Dr. Caranguejo porque... bom, porque o Médico se considerava em parte um aristocrata, apesar de provavelmente só ter um antepassado obscuro com algum sangue azul, e entenderia ser seu dever estar presente em qualquer acontecimento para que o Barão o convidasse. Mas quanto ao facto de o Barão concordar em convidar qualquer dos dois, já não sei. Não gostava de Nobu; muito poucos homens gostavam. Quanto ao Dr. Caranguejo, o Barão nunca o tinha visto antes e poderia muito bem ser o mesmo que convidar uma pessoa qualquer que encontrasse na rua.

Mas Mameha tinha poderes de persuasão extraordinários, como eu já sabia. A festa foi combinada, e ela convenceu a minha instrutora de dança a libertar-me dos ensaios no sábado seguinte a fim de que eu pudesse estar presente. O acontecimento era para começar durante a tarde e continuar pelo jantar - embora Mameha e eu devêssemos chegar quando a festa já estivesse a meio. Por isso eram já três da tarde quando por fim entrámos num riquexó e nos dirigimos para a propriedade do Barão, localizada na base dos montes a noroeste da cidade. Era a minha primeira visita a um local assim tão luxuoso, e fiquei quase esmagada com o que vi; porque se pensarem na preocupação com os pormenores que é preciso ter em mente durante a fabricação de um quimono, bom, esse mesmo tipo de atenção tinha sido usada na arquitectura e tratamento de toda a propriedade em que o Barão vivia. A casa principal era do tempo do avô dele, mas os jardins, que me impressionaram como se fossem um gigantesco brocado de texturas, tinham sido arquitectados e mandados fazer pelo pai dele. Aparentemente a casa e os jardins nunca se adaptaram bem até que o irmão mais velho do Barão - no ano anterior a ser assassinado - tinha mudado a localização do lago, e também criado um jardim de musgo, com pedras para passar por ele, conduzindo ao pequeno pavilhão de observação da Lua num dos lados da casa. Cisnes negros deslizavam sobre o lago com um porte tão orgulhoso que me faziam sentir envergonhada por ser uma criatura tão desajeitada enquanto ser humano.

Era suposto que começássemos a preparar a cerimónia do chá a que os homens se juntariam quando estivessem prontos; por isso, fiquei muito confusa quando entrámos pelo portão principal e nos dirigimos não a um vulgar pavilhão de chá, mas direito à beira do lago e entrámos num pequeno barco. O barco era do tamanho de uma pequena sala. Grande parte dele estava ocupada com assentos de madeira ao longo dos lados, mas numa das pontas tinha um pavilhão em miniatura com a sua própria protecção a servir de tecto a uma plataforma de tatami. De facto, tinha paredes de verdade com persianas de papel abertas para arejar, e exactamente no centro havia uma cavidade de madeira quadrada cheia com areia, que servia de braseiro onde Mameha acendeu os briquetes de carvão para aquecer a água numa graciosa chaleira de ferro. Enquanto o fazia, eu tentei mostrar-me útil organizando os utensílios para a cerimónia. Estava já a sentir-me bastante nervosa, quando Mameha se virou para mim depois de ter posto a chaleira ao lume e me disse:

- És uma rapariga esperta, Sayuri. Não preciso de te dizer o que pode acontecer ao teu futuro se o Dr. Caranguejo ou Nobu perderem o interesse por ti. Não deves deixar que nenhum deles pense que estás a dar atenção demais ao outro. Mas claro que uma certa quantidade de ciúmes não faz mal a ninguém. Tenho a certeza que consegues tratar disso.

Eu não tinha tanta certeza assim, mas teria seguramente que tentar.

Passou uma meia hora antes que o Barão e os seus dez convidados saíssem da casa para passear, parando de vez em quando para admirar a vista da encosta a partir de várias perspectivas. Quando entraram no barco, o Barão guiou-nos para o meio do lago com um pau. Mameha fez o chá, e eu entreguei as taças a cada um dos convidados.

Depois demos um passeio pelo jardim com os homens, e em breve chegámos a uma plataforma de madeira suspensa sobre a água, onde várias criadas com quimonos iguais estavam a arranjar as almofadas para os homens se sentarem e a colocarem frascos de saqué quente em bandejas. Eu fiz questão de me ajoelhar ao lado do Dr. Caranguejo, e estava ainda a tentar pensar em qualquer coisa para lhe dizer quando, para minha surpresa, o Médico se virou primeiro para mim:

- A ferida na tua coxa já sarou convenientemente? - perguntou-me.

Aquilo fora durante o mês de Março, como devem saber, e tinha cortado a perna lá em Novembro. Nos meses de intervalo tinha visto o Dr. Caranguejo mais vezes do que podia contar; por isso não fazia ideia porque é que ele tinha esperado até àquele momento para me interrogar sobre o assunto, e diante de tanta gente. Felizmente, acho que ninguém ouviu, por isso mantive a voz baixa quando respondi:

- Muito obrigada, Sr. Doutor. Com a sua ajuda ficou completamente curada.

- Espero que o ferimento não tenha deixado uma cicatriz muito grande - disse ele.

- Oh, não, de facto ficou só um altinho.

Eu poderia ter terminado a conversa ali mesmo deitando-lhe mais saqué, ou talvez mudando de assunto; mas acontece que reparei que ele estava a fazer festas num dos polegares com os dedos da outra mão.

O médico era do tipo de homem para quem um único movimento nunca era desperdiçado. Se estava assim a afagar o polegar enquanto pensava na minha perna... bom, decidi que seria idiota da minha parte mudar de assunto.

- Nem sequer é bem uma cicatriz - continuei. - Às vezes quando estou no banho, passo o meu dedo por cima dela, e... na verdade é apenas uma greta pequenina. Assim deste tamanho.

Esfreguei um dos nós dos dedos com o indicador e ergui-o para o médico fazer o mesmo. Ele levantou a mão; mas depois hesitou. Vi os olhos saltarem-lhe em direcção aos meus. Num instante retirou a mão e em vez disso experimentou o seu próprio nó do dedo.

- Um golpe desse tipo deveria ter curado sem problemas - disse-me ele.

- Talvez não seja tão grande como eu disse. Apesar de tudo a minha perna é muito... bom, sensível, sabe. Até uma gota de chuva a cair sobre ela me faz estremecer!

Não tenho intenções de provar que isto fazia qualquer sentido. Um alto não poderia parecer maior só pelo facto de a minha perna ser muito sensível; e de qualquer maneira, quando tinha sido a última vez que eu sentira uma gota de chuva na minha perna? Mas agora, que percebia porque é que o Dr. Caranguejo andava de facto interessado em mim, calculo que estava meio-agoniada e meio fascinada, enquanto tentava imaginar o que se passaria na cabeça dele. De qualquer modo, o médico limpou a garganta e inclinou-se para mim.

- E... tens praticado?

- Praticado?

- Arranjaste o ferimento quando perdeste o equilíbrio quando estavas... bom, sabes o que quero dizer. Não quererias que isso acontecesse outra vez. Por isso calculo que tenhas praticado. Mas como é que se pratica uma coisa dessas?

Depois disto, inclinou-se para trás e fechou os olhos. Era-me evidente que esperava ouvir uma resposta mais longa do que apenas uma ou duas palavras.

- Bom, deve achar que sou muito tonta, mas todas as noites... - comecei eu; e depois tive que

pensar durante um bocado. O silêncio arrastou-se, mas o médico não abria os olhos. Parecia-me um passarinho bebé ali à espera do bico da mãe. - Todas as noites - continuei eu - imediatamente antes de entrar no banho, pratico a equilibrar-me numa grande variedade de posições. Às vezes fico a tremer do ar frio contra a minha pele nua; mas passo cinco ou dez minutos assim.

O médico limpou a garganta, o que eu tomei por um bom sinal.

- Primeiro tento equilibrar-me num pé, e depois no outro. Mas o problema é que...

Até este ponto, o Barão no lado oposto da plataforma, tinha estado a falar com os outros convidados; mas entretanto já tinha acabado a sua história. As palavras seguintes saíram tão claras como se eu estivesse num podium e as anunciasse.

- ... quando estou sem roupas nenhuma vestidas...

Pus uma mão diante da boca, mas antes que pudesse pensar no que fazer, o Barão falou.

- Meu Deus! - disse ele. - O que quer que vocês os dois estejam aí a falar, seguramente que soa a muito mais interessante do que aquilo que nós temos estado a dizer!

Os homens riram-se quando ouviram isto. Depois o Médico foi suficientemente bondoso para oferecer uma explicação.

- Sayuri-san veio visitar-me no ano passado por causa de um ferimento numa perna - disse. - Fê-lo quando caiu. Em resultado, começou a praticar equilíbrio.

- E tem andado a praticar arduamente - acrescentou Mameha. - Aquelas vestimentas são mais incómodas do que podem imaginar.

- Então ela que as dispa! - disse um dos homens, embora, claro, fosse apenas uma piada e toda a gente se risse.

- Sim, concordo! - disse o Barão. - Em primeiro lugar nunca compreendi porque é que as mulheres se preocupam em usar um quimono. Nada é mais belo do que uma mulher sem uma única peça de roupa no corpo.

- Isso não é verdade quando o quimono é feito aqui pelo meu bom amigo Arashino - disse Nobu.

- Nem sequer os quimonos de Arashino são mais belos do que aquilo que cobrem - disse o Barão, e tentou pôr a taça de saqué sobre a plataforma, embora acabasse a entorná-la. Não estava completamente embriagado; embora seguramente estivesse muito mais avançado na bebida do que eu alguma vez o imaginara. - Não me levem a mal - continuou. - Acho que os vestidos de Arashino são adoráveis. De outro modo não estaria aqui sentado ao meu lado, estaria? Mas se me perguntassem se preferia olhar para um quimono ou para uma mulher nua... bom!

- Ninguém está a perguntar - disse Nobu. - Eu próprio estou interessado em ouvir que tipo de trabalho é que Arashino tem andado a fazer ultimamente.

Mas Arashino não teve oportunidade de responder, porque o Barão, que estava a tomar um último golinho de saqué, quase se engasgou com a pressa de o interromper.

- Hummm... esperem um minuto - disse. - Não é verdade que qualquer homem nesta terra gosta de ver uma mulher nua? Quero dizer, é isso o que está a dizer, Nobu, que as formas de uma mulher nua não lhe interessam?

- Não era isso o que eu estava a dizer - disse Nobu. - O que eu queria dizer é que acho que chegou o momento de quirmos Arashino explicar-nos exactamente que tipo de trabalho tem andado a fazer ultimamente.

- Oh, sim, certamente que também estou interessado - disse o Barão. - Mas sabem, acho fascinante que por mais diferentes que nós os homens sejamos, por dentro somos todos exactamente iguais. Não pode fingir que está acima disso, Nobu-san. Nós sabemos a verdade, não sabemos? Não há aqui um único homem que não pagasse uma soma elevada de dinheiro só pela oportunidade de observar Sayuri a tomar banho. Eh? Esta é uma das minhas fantasias particulares, admito. Agora vamos! Não finjam que não sentem da mesma maneira do que eu.

- A pobre da Sayuri é apenas uma aprendiz - disse Mameha. - Talvez a devêssemos poupar a estas conversas.

- Claro que não! - disse o Barão. - Quanto mais depressa ela vir o mundo como ele realmente é, tanto melhor. Muitos homens agem como se não andassem atrás das mulheres só pela oportunidade de entrar debaixo de todas aquelas vestimentas, mas ouve-me bem, Sayuri; só há um tipo de homem! E enquanto estamos a falar deste assunto, eis aqui uma coisa para não te esqueceres: todos os homens sentados aqui, em qualquer momento desta tarde, já pensaram em quanto prazer teriam em ver-te nua. O que achas disso?

Eu estava sentada com as mãos no colo, de olhos baixos a fixar a plataforma de madeira e a tentar parecer recatada. Tinha de responder de alguma maneira ao que o Barão falara, particularmente dado que toda a gente ficara completamente silenciosa; mas antes que pudesse pensar no que dizer, Nobu fez uma coisa muito bondosa. Pousou a sua taça de saqué sobre a plataforma e levantou-se para se despedir.

- Lamento, Barão, mas não sei o caminho para a casa de banho - disse. Claro que isto era a minha deixa para o acompanhar.

Eu não sabia melhor que Nobu o caminho para a casa de banho, mas não ia perder a oportunidade de me afastar daquele grupo. Assim que me levantei, uma criada ofereceu-se para me mostrar o caminho, e levou-nos à volta do lago, com Nobu a seguir atrás de mim.

Já na casa, descemos um longo corredor de madeira dourada com janelas num dos lados. No outro lado, brilhantemente iluminadas pela luz do Sol, exibiam-se mostruários com tampo de vidro. Estava a preparar-me para conduzir Nobu até ao fundo, mas ele parou numa caixa que continha espadas antigas. Parecia estar a olhar para a exposição, mas a maior parte do tempo tamborilava com os dedos sobre a caixa e assoprava ar pelo nariz de vez em quando, porque ainda estava muito zangado. Eu sentia-me igualmente perturbada pelo que tinha acontecido. Mas também lhe estava grata por me ter salvo, e não sabia bem como lho dizer. Na caixa seguinte - que exibia uma colecção de pequenas estatuetas netsuke esculpidas em marfim - perguntei-lhe se gostava de antiguidades.

- Antiguidades como o Barão? Seguramente que não.

O Barão não era um homem particularmente velho - de facto, era muito mais novo do que Nobu. Mas eu sabia o que ele queria dizer; ele pensava no Barão como uma relíquia dos tempos feudais.

- Desculpe - disse - eu estava a pensar nas antiguidades aqui das caixas.

- Quando olho para as espadas ali, fazem-me pensar no Barão. Quando olho para as netsuke aqui, elas fazem-me pensar no Barão. Ele tem sido um investidor da nossa Companhia, e tenho uma grande dívida para com ele. Mas não gosto de perder o meu tempo a pensar nele quando não tem que ser. Isto responde à tua pergunta?

Fiz-lhe uma vénia em resposta, e ele desapareceu pelo átrio abaixo em grandes passadas até à casa de banho, tão rapidamente que eu não consegui chegar primeiro à porta para lha abrir.

Mais tarde, quando regressámos à beira da água, fiquei contente por ver que o grupo estava a começar a separar-se. Só alguns poucos dos homens ficariam para o jantar. Mameha e eu acompanhámos

os outros pelo caminho acima até ao portão principal, onde os seus condutores os esperavam no outro lado da rua. Fizemos uma vénia em despedida ao último homem, e virei-me para dar com um dos criados do Barão pronto para nos conduzir para o interior da casa.

Mameha e eu passámos a hora seguinte nos quartos dos criados, comendo um jantar óptimo que incluía tal\* no usugiri - fatias de sargo finas como papel, distribuídas em forma de leque sobre um prato de cerâmica em forma de folha, e servidas com molho ponzu. Seguramente que me teria divertido se Mameha não estivesse tão mal disposta. Só comeu uma ou duas dentadas do sargo e ficou sentada a olhar o crepúsculo pela janela. Qualquer coisa na expressão dela me fez pensar que gostaria de ter regressado ao lago e sentar-se ali, a morder o lábio, talvez, e a espreitar irada o céu a escurecer.

Reunimo-nos ao Barão e seus convidados já a meio do jantar deles, naquilo que o Barão chamava a «sala de banquetes pequena». De facto, a sala de banquetes pequena teria podido acomodar vinte ou vinte e cinco pessoas; e agora que o grupo tinha diminuído de número, só ficaram o Sr. Arashino, Nobu, e o Dr. Caranguejo. Quando nós entrámos, estavam a comer em silêncio total. O Barão estava tão embriagado que os olhos pareciam ter-se-lhe derretido em lama dentro das órbitas.

No momento em que Mameha ia começar uma conversa, o Dr. Caranguejo passou um guardanapo duas vezes por cima do bigode e pediu licença para ir à casa de banho. Eu conduzi-o pelo mesmo corredor que Nobu e eu tínhamos visitado antes. Agora que a noite chegara, mal se podiam ver os objectos porque as luzes de cima reflectiam-se nos vidros dos mostruários. Mas o Dr. Caranguejo parou junto à caixa que continha as espadas e moveu a cabeça por ali até as conseguir ver.

- Parece que conheces bem o caminho aqui pela casa do Barão - disse ele.

- Oh, não, Sr. Doutor, quase me perco num lugar tão grande. O único motivo por que consigo saber o caminho é porque conduzi Nobu-san por este corredor hoje de tarde.

- Tenho a certeza que ele o percorreu a correr - disse o médico. - Um homem como Nobu tem pouca sensibilidade para apreciar os objectos nestas caixas.

Não sabia o que responder a isto, mas o médico olhou para mim argutamente.

- Tu não conheces muito do mundo - continuou - mas com o tempo aprenderás a ter cuidado com pessoas com a arrogância de aceitarem um convite de um homem como o Barão, e depois lhe falarem rudemente na sua própria casa como Nobu o fez esta tarde.

Fiz uma vénia a isto, e quando ficou claro que o Dr. Caranguejo não tinha mais nada a dizer, conduzi-o pelo corredor fora até à casa de banho.

No momento em que regressámos à sala de banquetes pequena, os homens já estavam a conversar, graças às artes calmantes de Mameha, que agora se sentava para trás a distribuir saqué. Ela dizia com frequência que por vezes o papel de uma gueixa era apenas mexer a sopa. Se alguma vez repararam, o mico pousa como uma nuvem no fundo da taça, mas mistura-se rapidamente com algumas batidelas dos pauzinhos, era isto o que ela queria dizer.

Em breve a conversa se virou para o assunto dos quimonos, e fomos todos para baixo, ao museu que o Barão tinha na cave. Ao longo das paredes havia enormes painéis que se abriam para revelar quimonos suspensos em varões com rodízios. O Barão sentava-se num banco no meio da sala com os cotovelos sobre os joelhos - ainda de olhos turvos - e não falou uma palavra enquanto Mameha nos guiou a mostrar a colecção. O vestido mais espectacular, concordámos todos, era um desenhado para imitar a paisagem da cidade de Kobe, que está situada na encosta de um monte íngreme a cair para o oceano. O desenho começava nos ombros com o céu azul e nuvens, os joelhos representavam a encosta; abaixo disso, o vestido alongava-se para trás numa grande cauda mostrando o azul esverdeado do mar semeado



de belas ondas douradas e pequenos barquinhos.

- Mameha - disse o Barão. - Acho que devias usar esse na minha festa de observação das cerejeiras em flor em Hakone na próxima semana. Ia ser um espectáculo, não ia?

- Decerto que gostaria muito - respondeu Mameha. - Mas como já disse no outro dia, receio não poder ir à festa este ano.

Podia ver que o Barão tinha ficado desagradado, porque as sobrancelhas dele se aproximaram como duas janelas a serem fechadas.

- O que queres dizer com isso? Quem é que marcou um compromisso contigo que não possas desmarcar?

- Nada me agradaria mais do que estar presente, Barão. Mas exactamente neste ano receio que não seja possível. Tenho uma marcação de uma consulta médica que colide com a festa.

- Uma consulta médica? Que raio é que isso significa? Estes médicos mudam vezes sem fim. Muda-a amanhã, e vem à minha festa na próxima semana como sempre vieste.

- Peço imensa desculpa - disse Mameha - mas com o consentimento do Barão, marquei uma consulta há algumas semanas e não vou poder mudá-la.

- Não me lembro de te ter dado nenhuma autorização! De qualquer maneira, não é como se precisasses de fazer um aborto, ou coisa assim...

Seguiu-se um longo silêncio embaraçoso. Mameha limitou-se a ajustar as mangas enquanto o resto de nós ficávamos tão calados que o único som era o da respiração asmática do Sr. Arashino. Reparei que Nobu, que não tinha estado a dar grande atenção, se virou para observar como reagiria o Barão.

- Bom - disse o Barão por fim. - Calculo que me esqueci, agora que tu o referes... Nós seguramente não podemos ter pequenos barõezinhos a correr por aí, não achas? Mas de facto, Mameha, não sei porque é que não me recordaste disto em privado...

- Lamento, Barão.

- De qualquer maneira, se não puderes vir a Hakone, bom, não podes e pronto! Mas o resto de vocês? É uma bela festa na minha propriedade de Hakone no próximo fim-de-semana. Deviam vir todos! Eu dou a festa todos os anos no culminar dos botões em flor das cerejeiras.

Tanto o médico como Arashino não podiam ir. Nobu não respondeu; mas quando o Barão insistiu com ele, disse:

- Barão, sinceramente acha que eu iria fazer o caminho todo até Hakone só para ver as cerejeiras em flor?

- Oh, os botões em flor são apenas um pretexto para dar uma festa - disse o Barão. - De qualquer maneira, não interessa. Vamos ter lá esse vosso Director. Ele vem todos os anos. - Fiquei surpreendida por me sentir corar à menção do Director, porque eu tinha estado a pensar nele de vez em quando toda a tarde. Senti por um momento como se o meu segredo tivesse sido revelado.

- Aborrece-me que nenhum de vocês venha - continuou o Barão. - Estávamos a ter uma noite tão agradável até Mameha ter começado a falar de coisas que deveria ter mantido privadas. Bom, Mameha, eu tenho o castigo apropriado para ti. Já não estás mais convidada para a minha festa neste ano. Mais ainda. Quero que mandes Sayuri em teu lugar.

Eu achei que o Barão estava a brincar; mas devo confessar, que pensei logo como seria fantástico passear com o Director pelos campos de uma propriedade magnífica, sem Nobu, ou o Dr. Caranguejo, e

nem sequer Mameha por perto.

- É uma ótima ideia, Barão - disse Mameha - mas infelizmente Sayuri está ocupada com os ensaios.

- Disparate - disse o Barão. - Fico à espera de a ver lá. Porque é que tens que me desafiar de cada vez que te peço alguma coisa?

Ele parecia de facto zangado; e infelizmente, por estar tão bêbado, uma grande quantidade de saliva escorria-lhe da boca. Tentou limpá-la com as costas da mão, mas acabou por espalhá-la nos longos pêlos negros da sua barba.

- Não há uma única coisa que te peça que tu não recuses? - continuou. - Quero ver Sayuri em Hakone. Podias ter respondido apenas «Sim, Barão» e acabar com o assunto.

- Sim, Barão.

- Ótimo - disse o Barão. Inclinou-se de novo no seu banquinho, e tirou um lenço do bolso para limpar a cara.

Eu estava com muita pena de Mameha. Mas seria uma falsa afirmação dizer que não me sentia mais do que excitada com a hipótese de ir à festa do Barão. De cada vez que pensava no assunto, no riquexó a caminho de Gion, acho que as orelhas me ficavam vermelhas. Estava cheia de medo que Mameha desse por isso, mas ela limitava-se a olhar para o lado e não disse uma palavra até ao final da viagem, quando se virou para mim e disse:

- Sayuri, tens que ter muito cuidado em Hakone.

- Sim Minha Senhora, vou ter - respondi.

- Não te esqueças de que uma aprendiz à beira de ter a sua mizuage é como um prato servido à mesa. Nenhum homem quererá comê-lo se lhe chega a mais pequena sugestão de que outro homem já lhe deu uma dentada.

Nem conseguia olhá-la de frente quando ela acabou de dizer isto. Sabia perfeitamente que se estava a referir ao Barão.

\*

Por esta altura da minha vida nem sequer sabia onde era Hakone - embora depressa descobrisse que era a Leste do Japão, a uma distância considerável de Quioto. Mas durante o resto da semana andei com a mais agradável sensação de importância, lembrando-me de que um homem tão proeminente quanto Barão me tinha convidado para viajar de Quioto para ir a uma festa. De facto, tinha dificuldade em evitar que a minha excitação se mostrasse quando por fim ocupei o meu lugar num bonito compartimento de segunda classe - com o Sr. Itchoda, o vestidor de Mameha, sentado do lado da coxa para desencorajar quem quer que fosse a meter conversa comigo. Eu fingia passar o tempo a ler uma revista, mas de facto, limitava-me a virar as páginas porque, em vez disso, entretinha-me a observar pelo canto do olho as pessoas que passavam pelo corredor abaixo, que abrandavam para olhar para mim. Dei comigo a gostar das atenções; mas quando chegámos a Shizuoka, pouco depois do meio-dia e fiquei à espera do comboio para Hakone, de repente podia sentir qualquer coisa de desagradável a crescer dentro de mim. Tinha passado o dia a mantê-la velada da minha consciência, mas agora via na minha mente com demasiada clareza a imagem de mim própria noutra tempo, de pé noutra plataforma, a fazer outra viagem de comboio - desta vez com o Sr. Bekku - no dia em que a minha irmã e eu tínhamos sido tiradas da nossa casa. Tenho vergonha de admitir o esforço que tive de fazer durante os anos para me impedir de pensar em Satsu, e no meu pai e na minha mãe, e na nossa casinha bêbeda nos rochedos acima do mar. Tinha sido

como uma criança com a cabeça enfiada num saco. Tudo o que eu andara a ver dia após dia era Gion, e tanto assim que tinha chegado a pensar que Gion era tudo, e que a única coisa que importava no mundo era Gion. Mas agora que estava fora de Quioto, podia ver que para a maioria das pessoas a vida não tinha mesmo nada que ver com Gion; e claro que não conseguia deixar de pensar na outra vida que uma vez tinha levado. A tristeza é uma coisa muito especial de tão indefesos que ficamos diante dela. É como uma janela que se abre apenas quando lhe apetece. A sala fica fria, e não podemos fazer mais nada do que tremer. Mas abre-se um bocadinho menos de cada vez; e um dia perguntamo-nos o que é que lhe aconteceu.

Tarde na manhã seguinte, foram-me buscar à pequena estalagem com vista para o Monte Fuji, e levaram-me num dos carros do Barão para a sua casa de Veranil por entre bosques adoráveis à beira de um lago. Quando entrámos num caminho circular e eu descí trajando o aparato todo de uma aprendiz de gueixa de Quioto, muitos dos convidados do Barão se viraram para olhar para mim. Por entre eles, vislumbrei um número de mulheres, algumas em quimono e outras usando vestidos à ocidental. Por fim apercebi-me que eram na maioria gueixas de Tóquio - porque estávamos a poucas horas de comboio de Tóquio. Então apareceu o próprio Barão, vindo de um dos caminhos dos bosques de um passeio com vários outros homens.

- Bom, era disto que estávamos à espera! - disse ele. - Esta coisinha linda é Sayuri, de Gion, que provavelmente um dia virá a ser a «Grande Sayuri de Gion». Nunca voltarão a encontrar olhos como os dela, garanto-vos. E esperem só até ver a maneira como ela se move... Convidei-te para vires aqui, Sayuri, para que todos os homens tenham uma oportunidade de te ver; por isso tens uma tarefa importante. Tens que andar por aqui em volta, dentro da casa, junto ao lago, através dos bosques, por todo o lado! Agora vai, e começa a trabalhar!

Comecei a passear à volta da propriedade como o Barão me ordenara, para além das cerejeiras pesadas com os seus botões, fazendo vénias aqui e ali aos convidados e tentando não tornar demasiado óbvia a minha busca pelo Director. Avancei pouco no caminho, porque a cada dois passos um homem ou outro me fazia parar e dizia: «Céus! Uma aprendiz de gueixa de Quioto!» e depois pegava na máquina fotográfica e pedia a alguém para nos tirar uma fotografia juntos, ou então acompanhar-me até ao lago, ou até ao pequeno pavilhão de observar a Lua, ou outro sítio qualquer, de modo a que os seus amigos me pudessem ver - tal como poderia ter feito com alguma criatura pré-histórica que houvesse sido apanhada numa rede. Mameha tinha-me avisado que toda a gente iria ficar fascinada com o meu aparecimento; porque não há nada como uma aprendiz de gueixa de Gion. É verdade que nos melhores bairros de gueixas em Tóquio, tais como Shimbashi e Akasaka, uma rapariga tem de dominar as artes se espera fazer o seu debute. Mas muitas das gueixas de Tóquio na altura eram de sensibilidade muito moderna, e era por isso que a maioria andava vestida à ocidental a passear na propriedade do Barão.

A festa do Barão parecia continuar sem fim. Pelo meio da tarde eu já tinha praticamente desistido de encontrar o Director. Entrei na casa para procurar um sítio para descansar, mas no momento exacto em que pus o pé no átrio de entrada, senti-me ficar paralizada. Ali estava ele, a sair de uma sala de tatami a conversar com outro homem. Despediram-se um do outro, e depois o Director virou-se para mim.

- Sayuri! - disse. - Então como é que o Barão te pescou para vires até aqui desde Quioto? Nem sequer sabia que o conhecias.

Sabia que tinha que desviar os olhos do Director, mas era como tirar pregos da parede. Quando por fim o consegui, fiz-lhe uma vénia e disse:

- Mameha enviou-me em lugar dela própria. Estou muito feliz por ter a honra de encontrar o Director.

- Sim, e eu também estou feliz por te ver; podes dar-me a tua opinião acerca de uma coisa. Anda cá e vê o presente que comprei para o Barão. Estou tentado a ir-me embora sem lho deixar.

Segui-o até uma sala de tatami, sentindo-me como um papagaio de papel a ser puxado por um fio. Aqui estava eu, em Hakone, longe de tudo que alguma vez conhecera, a passar alguns momentos com o homem em quem pensava mais constantemente do que qualquer outra pessoa, e surpreendia-me pensar isto. Enquanto ele andava à minha frente tive de admirar a maneira como se movia tão facilmente dentro do seu fato de lã à ocidental. Podia ver o volume da barriga das pernas, e até o buraco das costas como uma fenda onde as raízes de uma árvore se dividem. Ele pegou em qualquer coisa de cima da mesa e mostrou-ma. A princípio pensei que era um bloco ornamental em ouro, mas revelou-se ser uma caixa de cosméticos antiga para o Barão. Esta, como o Director me disse, era feita por um artista do período Edo que se chamava Arara Gonroku. Era uma caixa em forma de almofada lacada a ouro, com suaves imagens pretas de grous a voar e coelhos a saltar. Quando a pôs nas minhas mãos, foi tão perturbante que tive que sustentar a respiração enquanto olhava para ela.

- Achas que o Barão vai gostar? - perguntou-me. - Encontrei-a na semana passada, e lembrei-me logo dele, mas...

- Sr. Director, como é que alguma vez pode imaginar que o Barão não se sentiria agradado?

- Oh, aquele homem tem colecções de tudo. Provavelmente vai achar que isto é de terceira categoria.

Assegurei ao Director que nunca ninguém poderia pensar tal coisa; e quando lhe devolvi a caixa, embrulhou-a de novo num pano de seda e fez um gesto em direcção à porta para que eu o acompanhasse. No átrio de entrada ajudei-o a retirar os sapatos. Enquanto lhe conduzia os pés com a ponta dos dedos, dei comigo a imaginar que tínhamos passado a tarde juntos e que uma longa noite nos esperava. Este pensamento transportou-me para um tal estado, que não sei quanto tempo passou antes que desse conta de mim outra vez. O Director não mostrava sinais de impaciência, mas senti-me terrivelmente consciente de mim enquanto tentava enfiar os meus pés nos meus okobo e acabei a demorar muito mais do que deveria.

Ele levou-me por um caminho em direcção ao lago, onde encontrámos o Barão sentado num tapete debaixo de uma cerejeira com três gueixas de Tóquio. Levantaram-se todos, embora o Barão tivesse alguma dificuldade em o fazer. Tinha manchas vermelhas pela cara toda por causa da bebida, por isso parecia que alguém lhe tinha dado pancadas com um pau vezes sem conta.

- Director! - disse o Barão. - Estou tão contente que tenha vindo à minha festa. Gosto sempre de o ter aqui, sabe disso? Essa sua corporação parece não parar de crescer, não é? Sayuri já lhe disse que Nobu veio à minha festa em Quioto na semana passada?

- Já ouvi tudo de Nobu, que tenho a certeza foi sempre igual a si mesmo.

- Pode ter a certeza que foi - disse o Barão. - Um homenzinho estranho, não é?

Não sei em que é que o Barão estava a pensar, porque ele próprio era mais pequeno que Nobu. O Director não pareceu gostar deste comentário, e apertou os olhos.

- Quero dizer - começou o Barão, mas o Director interrompeu-o.

- Vim para lhe agradecer e me despedir, mas primeiro tenho uma coisa para lhe dar. - E aqui passou-lhe a caixa de cosméticos. O Barão estava demasiado bêbado para desatar a seda à volta dela, mas entregou-a a uma das gueixas que o fez por ele.

- Mas que coisa maravilhosa! - disse o Barão. - Não acham todos? Vejam. Sei lá, até podia ser mais adorável que essa criatura requintada de pé aí ao seu lado, Director. Conhece a Sayuri? Se não,

deixe que lha apresente.

- Oh, já somos velhos conhecidos, Sayuri e eu - disse o Director.

- Muito velhos, Director? O suficiente para eu ter inveja de si? - O Barão riu-se da sua própria piada, mas mais ninguém o fez. - De qualquer maneira, esta oferta generosa recorda-me que também tenho qualquer coisa para ti, Sayuri. Mas não ta posso dar enquanto estas outras gueixas não se forem embora, porque também vão querer uma para elas. Por isso, vais ter que ficar por aqui até todos já se terem ido embora para casa.

- O Barão é muito generoso - disse eu - mas de facto não me quero tornar maçadora.

- Vejo que aprendeste muito bem com Mameha como dizer que não a tudo. Mas encontra-te comigo no átrio de entrada depois de os meus convidados terem partido. Podia persuadi-la por mim, Director, enquanto ela o acompanha até ao seu carro.

Se o Barão não estivesse tão embriagado, tenho a certeza que lhe ocorreria ser ele próprio a acompanhar o Director. Mas os dois homens despediram-se, e eu segui o Director de regresso à casa. Enquanto o motorista lhe segurava a porta do carro, fiz uma vénia e agradeci-lhe por toda a sua bondade. Ele estava para entrar no carro, mas parou.

- Sayuri - começou ele, e depois parecia inseguro quanto ao modo como continuar. - O que é que Mameha te disse acerca do Barão?

- Não muito, Senhor. Ou, pelo menos... bom, eu não tenho a certeza do que é que o Director quer dizer.

- A Mameha é uma boa irmã mais velha para ti? Ela diz-te as coisas todas que tu precisas de saber?

- Oh, sim, Sr. Director. A Mameha tem-me ajudado mais do que eu poderia contar.

- Bom - disse - eu ficaria alerta se fosse a ti, quando um homem como o Barão decide que tem qualquer coisa para te dar.

Eu não conseguia pensar como responder a isto, por isso disse qualquer coisa sobre o Barão ter sido suficientemente bondoso para sequer pensar em mim.

- Sim, muito bondoso, tenho a certeza. Mas tem cuidado contigo - disse, olhando-me intensamente por um momento, e depois entrou no carro.

Passei a hora seguinte a passear por entre os restantes convidados, lembrando-me sem parar das coisas que o Director me tinha dito durante o nosso encontro. Em vez de me sentir preocupada com o aviso que ele me fizera, sentia-me extasiada por ter falado comigo durante tanto tempo. De facto, não havia qualquer espaço na minha mente para pensar no encontro com o Barão, até que por fim me descobri sozinha no átrio de entrada à luz desvaneceste da tardinha. Tomei a liberdade de me ir ajoelhar na sala de tatami próxima, onde fiquei a olhar para os campos através de uma janela com vidros.

Dez ou quinze minutos passaram; por fim o Barão entrou no átrio com grandes passadas. Senti-me a ficar agoniada com preocupação no momento em que o vi, porque não usava nada mais do que um robe de algodão. Tinha uma toalha numa das mãos, que esfregava de encontro aos longos pêlos pretos na sua cara que era suposto serem uma barba. Claramente, tinha acabado de sair do banho. Levantei-me e fiz-lhe uma vénia.

- Sayuri, sabes que tonto sou! - disse-me. - Bebi demais. - Esta parte era decerto verdade. - Esqueci-me de que estavas à minha espera! Espero que me perdoes quando vires o que guardei para ti.

O Barão foi pelo átrio fora para o interior da casa, contando que eu o seguisse. Mas eu fiquei onde estava, pensando no que Mameha me tinha dito, que uma aprendiz a ponto de ter a sua mizuage era como um prato servido numa mesa.

O Barão parou.

- Vem comigo! - disse-me ele.

- Oh, Barão. Na verdade não devo. Permita-me que espere aqui.

- Tenho uma coisa que gostava de te dar. Vem até aos meus aposentos e sentas-te lá um minuto, e não sejas uma rapariga tonta!

- Mas, Barão - respondi -, não posso deixar de ser uma rapariga tonta, porque é isso que eu sou!

- Amanhã regressas aos olhos observadores de Mameha, eh? Mas aqui não tens ninguém para te vigiar.

Se eu tivesse tido o mínimo bom senso naquele momento, teria agradecido ao Barão por me ter convidado para a sua bela festa e ter-lhe-ia dito como lamentava ter que me tornar pesada por lhe pedir o uso do carro para me levar de regresso à estalagem. Mas tudo tinha uma tal qualidade de sonho... Acho que tinha entrado em estado de choque. Tudo o que sabia ao certo era o medo que sentia.

- Vem comigo enquanto me visto - disse o Barão. - Bebeste muito saqué esta tarde?

Passou um longo momento. Eu estava muito consciente de que a minha cara se sentia como se não tivesse qualquer expressão, mas me estivesse apenas pendurada na cabeça.

- Não, senhor - consegui dizer por fim.

- Calculei que não beberias. Vou dar-te tanto quanto quiseres. Anda daí.

- Barão - disse eu -, por favor, estão à minha espera na estalagem.

- À tua espera? Quem é que está à tua espera?

Não respondi a isto.

- Já perguntei, quem está à tua espera? Não sei porque é que tens de te comportar desta maneira. Tenho uma coisa para te dar. Preferes que eu ta vá buscar e traga aqui?

- Lamento muito - disse eu.

O Barão ficou espedado a olhar para mim.

- Espera aqui - disse por fim, e foi a andar até ao interior da casa. Um curto momento depois emergiu trazendo uma coisa chata, embrulhada em papel de linho. Não tive de olhar de perto para perceber que era um quimono.

- Vá, toma - disse-me - dado que insistes em ser uma rapariga tonta, eu fui buscar o teu presente. Sentas-te melhor assim?

Disse ao Barão mais uma vez que lamentava muito.

- Vi quanto admiraste este vestido no outro dia. Gostaria que o tivesses - disse ele.

O Barão colocou o embrulho em cima da mesa e desatou os fios para o abrir. Pensei que o quimono seria o que mostrava a paisagem de Kobe; e para dizer a verdade, sentia-me tão preocupada quanto esperançosa, porque não fazia ideia do que faria com uma coisa tão magnífica, ou como iria explicar a Mameha que o Barão mo tinha dado. Mas o que vi em vez dele, quando o Barão abriu o embrulho, foi um magnífico tecido escuro com fios lacados e bordado em prata. Ele pegou no vestido e

ergueu-o pelos ombros. Era um quimono que pertencia a um museu - feito por volta de 1860, como me disse o Barão, para a sobrinha do último Shogun, Tokugawa Yoshinobu. O padrão do vestido era de pássaros de prata a voar contra um céu noturno, com uma paisagem misteriosa de árvores escuras e pedras a erguerem-se da bainha.

- Tens que vir comigo e experimentá-lo - disse-me. - Vá, agora não sejas uma rapariga tonta! Tenho muita experiência em atar o obi com as minhas próprias mãos. Ponho-te de volta no teu quimono de maneira que ninguém dê por nada.

Teria alegremente trocado o vestido que o Barão me estava a oferecer por alguma maneira de me escapular daquela situação. Mas ele era um homem com tanta autoridade que nem mesmo Mameha lhe podia desobedecer. Se ela não tinha maneira para lhe recusar os seus desejos, como poderia eu fazê-lo? Podia sentir que ele estava a perder a paciência; os Céus sabem que ele tinha sido bondoso nos meses antes da minha iniciação, permitindo-me que o servisse enquanto almoçava e permitindo que Mameha me levasse à festa na sua propriedade de Quioto. E aqui estava ele sendo mais uma vez bondoso, oferecendo-me um quimono extraordinário.

Calculo que por fim cheguei à conclusão de que não tinha alternativa senão obedecer-lhe e pagar as consequências, quaisquer que elas fossem. Baixei os olhos para os tapetes com vergonha; e neste estado de vergonha e meio de sonho em que me tinha andado a sentir até ali, tomei consciência de o Barão me ter pegado na mão e guiado pelos corredores até aos fundos da casa. Um criado entrou no átrio a dado momento, mas fez uma vénia e recuou no instante em que nos viu. O Barão não disse uma palavra, mas foi-me conduzindo até que chegámos a uma espaçosa sala de tatami, com uma parede forrada de espelhos. Era a sua sala de vestir. Ao longo da parede oposta, havia armários com as portas todas fechadas.

As mãos tremiam-me de medo, mas se o Barão deu por isso não fez comentários. Ficou diante de mim em frente aos espelhos e levantou a minha mão até aos lábios dele; pensei que a ia beijar, mas limitou-se a segurar-me as costas das mãos de encontro às cerdas da sua cara e fez uma coisa que achei estranha; ergueu-me a manga acima do pulso e inspirou o cheiro da minha pele. A barba dele fez-me cócegas no braço, mas de alguma maneira não o sentia. Parecia que não estava a sentir coisa alguma; era como se estivesse enterrada debaixo de camadas de medo, e confusão, e terror... E então o Barão acordou-me do meu estado de choque passando para trás de mim e esticando os braços à volta do meu peito para desatar o meu obijime. Isto era o cordão que segurava o meu obi no lugar.

Experimentei um momento de pânico, agora que sabia que o Barão tencionava mesmo despir-me. Tentei dizer qualquer coisa, mas a minha boca moveu-se de uma maneira tão desastrada que não conseguia controlar; e de qualquer maneira, o Barão apenas fazia barulhos para me sossegar. Continuei a tentar impedi-lo com as mãos, mas ele empurrou-mas e por fim consegui retirar-me o obijime. Depois disto deu um passo atrás e lutou durante um grande bocado de tempo com o nó do obi entre as minhas espáduas. Eu implorava-lhe para não mo tirar - embora a minha garganta estivesse tão seca que das várias vezes em que tentei falar não saía nada - mas ele não me ouvia e em breve começou a desatar o longo obi, enrolando e desenrolando os braços à volta da minha cintura. Vi o lenço do Director desalojar-se do tecido e flutuar até ao chão. Num instante o Barão deixou o obi cair numa pilha sobre o solo, e depois desatou-me o datejime - o cinto por baixo dele. Senti a sensação agonizante do quimono se me soltar de volta da cintura. Tentei mantê-lo fechado com os braços, mas o Barão afastou-mos. Eu já não suportava mais olhar para o espelho. A última coisa de que me recordo antes de fechar os olhos foi o pesado vestido ser erguido de cima dos meus ombros com um roçar de tecido.

O Barão parecia ter terminado o que se propusera fazer; ou, pelo menos, não avançou mais por uns momentos. Senti-lhe as mãos na cintura, a acariciar-me o tecido da combinação. Quando por fim abri

os olhos de novo, ainda estava atrás de mim, inspirando o perfume do meu cabelo e do meu pescoço. Tinha os olhos fixos no espelho - fixos, parecia-me, no cinto que me mantinha a combinação fechada. De cada vez que os dedos dele se moviam, eu tentava com o poder da minha mente mantê-los afastados, mas logo de seguida recomeçavam a rastejar como aranhas através do meu umbigo, e momentos depois tinham-se embaraçado no cinto e começaram a puxar. Tentei obrigá-lo a parar várias vezes, mas o Barão afastava-me as mãos como tinha feito antes. Por fim o cinto desatou-se; o Barão deixou-o escorregar dos dedos até cair no chão. Eu tinha as pernas a tremer, e a sala não me parecia mais do que um borrão no momento em que ele pegou nas bainhas da minha combinação e começou a abri-la. Não consegui impedir-me de lhe agarrar nas mãos mais uma vez.

- Não estejas tão preocupada, Sayuri! - sussurrou-me o Barão. - Por amor de Deus, não te vou fazer nada que não devesse. Só quero olhar-te, não compreendes? Não há nada de mal nisso. Qualquer homem faria o mesmo.

Uma cerda brilhante da cara dele fez-me cócegas na orelha enquanto me dizia isto, pelo que tive que virar a cara para um dos lados. Penso que o deve ter interpretado como uma espécie de consentimento, porque agora as mãos dele começaram a mover-se com maior urgência. Ele abriu-me a roupa. Eu senti-lhe os dedos nas minhas costelas, quase a fazerem-me cócegas enquanto lutava para desatar as fitas que me mantinham a combinação fechada. Um instante depois tinha-o conseguido. Eu não conseguia suportar o pensamento do que o Barão poderia estar a ver; de modo que, apesar de ter a cara virada, forcei os olhos a espreitarem para o espelho. A minha combinação estava aberta, expondo uma longa tira de pele pelo centro do meu peito abaixo.

Entretanto, as mãos do Barão tinham-se mudado para as minhas ancas, onde se atarefavam no meu koshimaki. No princípio daquele dia, quando tinha enrolado o koshimaki várias vezes em torno de mim, tinha-o apertado mais à cintura do que provavelmente seria preciso. O Barão estava a ter problemas para descobrir a bainha, mas depois de vários puxões libertou o tecido, de maneira que com um esticão longo conseguiu retirá-lo a todo o comprimento de debaixo da minha combinação. Enquanto a seda me deslizava sobre a pele, ouvi um barulho a sair-me da garganta, uma coisa parecida com um soluço. As minhas mãos tentaram agarrar o koshimaki, mas o Barão retirou-o do meu alcance e deitou-o para o chão. Depois, tão lentamente como uma homem poderia destapar uma criança adormecida, abriu-me a combinação num gesto lento e com a respiração suspensa, como se estivesse a descobrir qualquer coisa magnífica. Senti um ardor na garganta que me dizia que estava na eminência de chorar; mas não conseguia suportar o pensamento de que o Barão estivesse a ver a minha nudez e a ver-me chorar ao mesmo tempo. Aguentei as lágrimas nem sei como, mesmo à beira das pálpebras, e observei tão intensamente o espelho que por um grande bocado senti como se o tempo tivesse parado. Certamente que nunca me tinha visto assim tão completamente nua. Era verdade que ainda usava as meias abotoadas nos pés; mas sentia-me mais exposta agora com as bainhas do meu vestido assim abertas de par em par do que alguma vez me sentira mesmo numa casa de banhos quando completamente despida. Observei os olhos do Barão a deterem-se aqui e ali no meu reflexo no espelho. Primeiro ainda me abriu mais a roupa para me observar o contorno da cintura. Depois baixou os olhos para a escuridão que florescera em mim durante os anos desde que viera para Quioto. Os olhos ficaram-lhe ali um longo bocado; mas depois ergueram-se lentamente, passando por cima do meu estômago, ao longo das costelas, para os dois círculos cor de ameixa - primeiro de um lado, depois do outro. Depois o Barão retirou uma das mãos, de modo que a minha combinação pousou sobre mim num dos lados. O que ele fazia com essa mão, não posso dizer, mas não voltei a vê-la. A dada altura senti um momento de pânico quando vi um ombro nu sair-lhe do roupão. Não sei o que ele estava a fazer - e mesmo que provavelmente pudesse agora calcular com acuidade, prefiro nem sequer pensar nisso. Tudo o que sei é que me tornei muito consciente da respiração dele a aquecer-me o pescoço. Depois disso, não vi nada mais. O espelho tornou-se um borrão de prata; eu já



não conseguia mais sustar as lágrimas.

A dada altura a respiração do Barão acalmou outra vez. Eu tinha a pele quente e quase húmida de medo, de modo que quando me libertou a combinação por fim e a deixou cair, senti o sopro de ar contra o meu flanco quase como uma brisa. Em breve estava sozinha na sala; o Barão tinha saído sem eu sequer me aperceber disso. Agora que se tinha ido embora, apressei-me a vestir-me com tal desespero que enquanto me ajoelhava no chão para apanhar as minhas roupas, não parava de ver na minha mente a imagem de uma criança esfomeada a esgravatar para apanhar restos de comida.

Vesti-me a seguir o melhor que pude, com as mãos a tremer. Mas até que recebesse ajuda, não podia ir mais longe do que fechar a combinação e apertá-la com o cinto. Esperei diante do espelho, olhando com alguma preocupação para a maquilhagem esborratada na minha cara. Estava preparada para esperar ali uma hora inteira se fosse preciso. Mas apenas alguns minutos passaram antes que o Barão regressasse com o cinto do roupão bem apertado à volta da sua barriga gorducha. Ajudou-me a vestir o quimono sem uma palavra, e apertou-mo com o datejime tal como o Sr. Itchoda teria feito. Quando ele segurava já o meu grande e longo obi nos braços, medindo-o em laçadas enquanto se preparava para o atar em torno de mim, comecei a experimentar um sentimento terrível. A princípio não conseguia perceber o que era; mas fez o seu caminho até mim tal como uma nódoa é absorvida por um pano, e em breve percebi. Era o sentimento de que tinha feito uma coisa terrivelmente errada. Não queria chorar diante do Barão, mas não o podia evitar - e de qualquer maneira, ele não tinha olhado para mim nos olhos desde que regressara do quarto. Tentei imaginar que eu era apenas uma casa debaixo de chuva com a água a lavar a minha fachada. Mas o Barão deve ter visto, porque deixou a sala e regressou um momento depois com um lenço com o monograma dele bordado. Mandou que eu o guardasse, mas depois de o ter usado, deixei-lho ali em cima de uma mesa.

Em breve me conduziu até à frente da casa e foi-se embora sem dizer uma palavra. Logo a seguir veio um criado, trazendo o quimono antigo embrulhado de novo em papel de linho. Ofereceu-mo com uma vénia e depois acompanhou-me até ao automóvel do Barão. Chorei em silêncio no assento traseiro do carro o caminho todo até à estalagem, mas o condutor fingiu não dar por isso. Eu já não estava a chorar pelo que me tinha acontecido a mim. Tinha em mente uma coisa muito mais terrível - nomeadamente, o que iria acontecer quando o Sr. Itchoda visse a minha maquilhagem esborratada, e depois me ajudasse a despir e visse o nó mal dado no meu obi, e depois abrisse o embrulho e visse o presente caríssimo que eu tinha recebido. Antes de sair do carro limpei a cara com o lenço do Director, mas pouco me adiantou. O Sr. Itchoda lançou-me uma olhadela e depois coçou o queixo como se tivesse compreendido tudo o que me acontecera. Enquanto estava a desatar-me o obi no quarto de cima, ele disse: - O Barão despiu-te?

- Lamento muito - disse eu.

- Ele despiu-te e ficou a olhar para ti no espelho. Mas não gozou contigo. Ele não te tocou, nem se deitou em cima de ti, pois não? - Não, senhor.

- Então está tudo bem. - disse o Sr. Itchoda, olhando em frente a direito. Nem mais uma palavra passou entre nós.

\*

Não direi que as minhas emoções já se tinham acalmado no momento em que o comboio chegou à estação de Quioto na manhã seguinte. Apesar de tudo, quando se deixa cair uma pedra num lago, a água continua a tremer mesmo depois de a pedra ter tocado no fundo. Mas quando descí as escadas de madeira que nos faziam abandonar a plataforma, com o Sr. Itchoda um passo atrás de mim, tive um outro choque que por um momento me fez esquecer tudo o resto.

Ali num caixilho com um vidro estava o cartaz para as Danças da Velha Capital daquela época, e parei para lhe dar uma olhadela. Faltavam apenas duas semanas para o acontecimento. O cartaz tinha sido distribuído apenas no dia anterior, provavelmente enquanto eu andava a passear à volta da propriedade do Barão à espera de encontrar o Director. A dança tem um tema diferente todos os anos, tal como «Cores das Quatro Estações em Quioto», ou «Lugares Famosos dos Contos do Heike». Este ano o tema era «A Luz Brilhante do Sol da Manhã». O cartaz, que evidentemente era desenhado por Uchida Kosaburo - que tinha criado praticamente todos os cartazes desde 1919 - mostrava uma aprendiz de gueixa com um adorável quimono laranja e verde, de pé sobre uma ponte de madeira arqueada. Eu estava exausta depois da minha longa viagem e tinha dormido mal no comboio; por isso fiquei ali por um bocado diante do cartaz numa espécie de encantamento, a absorver os belos verdes e dourados do fundo antes de dar atenção à rapariga de quimono. Ela olhava directamente para a luz brilhante do Sol a nascer, e os olhos dela eram de um espantoso azul acinzentado. Tive que me agarrar ao corrimão para me segurar. Era eu a rapariga que Uchida tinha desenhado naquela ponte!

No caminho de regresso da Estação dos comboios, o Sr. Itchoda apontou-me todos os cartazes por que passámos, e até pediu ao condutor do riquexó para sair do caminho a fim de que pudéssemos ver uma parede cheia deles no velho edifício dos Armazéns Daimaru. Vendo-me a mim ali por toda a cidade, desta maneira, não era assim tão excitante como eu poderia imaginar; eu continuava a pensar na pobre rapariga ali do cartaz de pé diante de um espelho enquanto o obi dela era desatado por um homem mais velho. De qualquer maneira, esperava ouvir todo o tipo de cumprimentos no decurso dos dias seguintes, mas em breve iria aprender que uma honra como esta nunca chega sem o seu preço. A partir do momento em que Mameha conseguira que eu tivesse um papel nas danças sazonais, tinha ouvido um sem número de comentários desagradáveis a meu respeito. Depois do cartaz, as coisas só pioraram. Na manhã seguinte, por exemplo, uma jovem aprendiz que até fora amigável na semana anterior agora desviara a cara quando lhe fiz uma vénia para a cumprimentar.

Quanto a Mameha, fui visitá-la no apartamento dela, onde estava a convalescer, e descobri que se sentia tão orgulhosa como se tivesse sido ela própria a figura do cartaz. Decerto que não estava contente por eu ter feito a viagem até Hakone, mas parecia tão devotada ao meu êxito como sempre - estranhamente, talvez ainda mais. Durante um momento fiquei preocupada que ela pudesse pensar que o meu encontro horrível com o Barão fosse uma espécie de traição a ela. Calculava que o Sr. Itchoda lhe devia ter contado tudo... mas se o fez, ela nunca levantou o assunto entre nós. E eu também não.

Duas semanas mais tarde estrearam as danças. Naquele primeiro dia, no camarim do Teatro Kaburenjo, senti-me quase afogada de excitação, porque Mameha me tinha dito que o Director e Nobu estariam entre o público. Enquanto punha a maquilhagem, enfiei o lenço do Director dentro da minha combinação, contra a minha pele nua. Tinha o cabelo colado à cabeça com uma tira de seda por causa das cabeleiras que ia usar, e quando me vi ao espelho sem a moldura familiar do cabelo cercando-me a cara, descobri ângulos nos meus maxilares e à volta dos olhos que nunca tinha visto antes. Pode parecer estranho, mas quando me apercebi que a forma da minha própria cara era uma surpresa para mim, tive a inspiração súbita de que nada na vida é assim tão simples como podemos pensar.

Uma hora mais tarde estava de pé junto com as outras aprendizas nos bastidores do teatro, pronta para a dança de abertura. Usávamos quimonos idênticos em tons de amarelo e vermelho, com obi laranja e ouro - de maneira que parecíamos, cada uma de nós, imagens tremeluzentes da luz solar. Quando a música começou, com aquele primeiro rebato dos tambores e o vibrar de todos os shamisen, e dançámos todas juntas como um cordão de pérolas - os braços estendidos, os leques abertos nas mãos - nunca antes me tinha sentido tanto como parte de qualquer coisa.

Depois da peça de abertura, corri escadas acima para mudar de quimono. A dança em que deveria

aparecer como executante a solo chamava-se «O Sol Matinal sobre as Ondas», era sobre uma jovem que vai nadar de manhã no mar e se apaixona por um golfinho encantado. O meu fato era um magnífico quimono cor-de-rosa com um desenho de água em cinzento, e eu segurava fitas azuis para simbolizar a ondulação da maré atrás de mim. O príncipe golfinho encantado era representado por uma gueixa chamada Umiyo; além disso, havia papéis para gueixas a representarem o vento, o Sol, e borrifos de água - bem como algumas aprendizas com quimonos antracite e azul nos fundos do palco, a representar os golfinhos que chamavam o seu príncipe para regressar para eles.

A minha mudança de roupa ocorreu tão depressa que dei comigo a sobrem-me alguns minutos para poder espreitar para o público. Segui o som de batidas de tambor ocasionais até um corredor estreito e escuro que corria por detrás de um dos dois poços da orquestra nos lados do teatro. Algumas outras aprendizas e gueixas estavam já ali a espreitar através de fendas esculpidas nas portas de correr. Juntei-me a elas e consegui descobrir o Director e Nobu sentados juntos - embora me parecesse que o Director tinha dado a Nobu o melhor lugar. Nobu olhava intensamente para o palco, mas fiquei surpreendida por ver que o Director parecia estar a adormecer. Pela música percebi que era o começo da dança de Mameha, e fui para o fim do corredor onde as fendas das portas ofereciam uma perspectiva do palco.

Fiquei a ver Mameha apenas alguns minutos; e no entanto, a impressão que a dança dela me causou nunca mais foi apagada. A maioria das danças da Escola Inoue contam uma história de um tipo ou outro, e a história desta dança - chamada «Um Cortesão Regressa para a sua Mulher» - baseava-se num poema chinês sobre um cortesão que tem um longo caso com uma senhora no palácio Imperial. Uma noite, a mulher do cortesão esconde-se nos arredores do palácio para descobrir onde é que o seu marido tem andado a gastar o tempo. Por fim, pela aurora, a partir dos arbustos ela observa o marido a abandonar a amante - mas por esta altura ela já adoeceu por causa do frio terrível que apanhou e morre pouco depois.

Para as nossas danças de Primavera, o local da história tinha sido mudado para o Japão em vez da China; mas para além disso, o conto era o mesmo. Mameha fazia o papel da mulher que morre de frio e de coração partido, enquanto a gueixa Kanako fazia o papel do marido, o cortesão. Observei a dança a partir do momento em que o cortesão se despede da amante. O cenário era já inspiradamente belo, com a suave luz da aurora e o ritmo lento da música do shamisen como o bater de um coração como pano de fundo. O cortesão desempenhou uma dança adorável de agradecimento à sua amante pela maravilhosa noite que tinham passado juntos, e depois deslocou-se em direcção à luz do Sol nascente para recolher para ela o seu calor. Era neste momento que Mameha começava a dançar o seu lamento de uma tristeza terrível, escondida num dos lados do palco, longe da vista do marido e da amante. Quer fosse a beleza da dança de Mameha ou da história, não sei dizer; mas dei comigo a experimentar um tal sofrimento enquanto a observava, que senti como se eu própria fosse a vítima daquela traição terrível. No final da dança, o Sol enchia o palco. Mameha atravessou-o em direcção a um bosque para dançar a sua simples cena de morte. Não vos sei dizer o que aconteceu depois disto. Estava demasiado emocionada para continuar a espreitar; e, de qualquer maneira, tinha que regressar aos bastidores para me preparar para a minha própria entrada.

Enquanto esperava nos bastidores, tive a sensação estranha de que o peso do edifício todo se tinha abatido sobre mim - porque, claro, a tristeza sempre me pareceu ser uma coisa estranhamente pesada. Uma boa bailarina usa muitas vezes as suas meias abotoadas um número abaixo, para que possa sentir com os pés as tábuas do palco. Mas enquanto esperava ali de pé a tentar descobrir dentro de mim a força para actuar, tinha a impressão de ter um peso tão grande sobre mim que sentia não apenas as tábuas do palco, mas até as fibras das próprias meias. Por fim ouvi a música dos tambores e dos shamisen, e o barulho de sacudidela das roupas enquanto as outras bailarinas se moviam ligeiramente passando por

mim para o palco; mas torna-se-me muito difícil recordar o que quer que seja depois disso. Tenho a certeza de que levantei os braços com o meu leque fechado e os joelhos dobrados - porque era esta a posição em que eu fazia a minha entrada. Não ouvi qualquer referência posterior a ter perdido a deixa, mas tudo o que recordo claramente é ter observado os meus próprios braços com espanto, pela certeza e adequação com que se moviam. Tinha praticado esta dança um sem número de vezes; calculo que tenha sido o suficiente. Porque embora a minha mente se tivesse fechado por completo, executei o meu papel sem qualquer dificuldade ou nervosismo.

Em cada uma das actuações, pelo resto do mês, preparei-me assim para a minha entrada, concentrando-me em «O Cortesão Regressa para a sua Mulher», até que pudesse sentir a tristeza acumulando-se sobre mim. Nós, seres humanos, temos uma maneira notável de nos habituarmos às coisas; mas quando eu imaginava Mameha a dançar o seu lento lamento, escondida dos olhos do seu marido e da amante, não conseguia mais impedir-me de sentir aquela tristeza tanto quanto vos seria impossível deixar de cheirar uma maçã que tivesse sido cortada ao meio numa mesa à vossa frente.

\* \* \*

Um dia, durante a semana final das actuações, Mameha e eu ficámos até mais tarde no camarim a falar com outra gueixa. Quando deixámos o teatro não esperávamos encontrar ninguém lá fora - e de facto, a multidão já se tinha ido embora. Mas quando chegámos à rua, um motorista de uniforme saiu de um carro e abriu-nos a porta traseira. Mameha e eu estávamos prestes a continuar o nosso caminho sem o ver, quando Nobu surgiu.

- Vejam, Nobu-san - disse Mameha - Estava a começar a ficar preocupada que já não estivesse mais interessado na companhia de Sayuri! Em cada um dos dias deste último mês estivemos à espera de ter notícias suas...

-E quem lhe diz que tem o direito de se queixar por estar à espera? Eu estou aqui fora do teatro há mais de uma hora.

- Acabou de ver as danças outra vez? - disse Mameha. - Sayuri já se está a tornar numa estrela.

- Eu não acabei de fazer nada - disse Nobu. - Já saí do teatro há mais de uma hora. Passou tempo suficiente para me deixar fazer um telefonema e enviar o meu motorista à baixa da cidade para me ir buscar uma coisa.

Nobu deu uma pancada na janela do carro com a sua única mão, e assustou tanto o pobre do motorista que lhe caiu o boné. O condutor baixou a janela e deu a Nobu um saco de compras pequenino à maneira ocidental, feito do que parecia ser papel de prata. Nobu virou-se para mim, e eu fiz-lhe uma vénia profunda e disse-lhe como estava contente por nos termos voltado a encontrar.

- És uma dançarina cheia de talento, Sayuri. Eu não dou presentes por acaso - disse, embora eu não ache que isto fosse de todo verdade. - Provavelmente é por isso que Mameha e outras em Gion não gostam tanto de mim como de outros homens.

- Nobu-san! - disse Mameha. - Quem é que alguma vez sequer sugeriu uma coisa dessas!

- Eu sei muitíssimo bem do que é que vocês gueixas gostam. Desde que um homem vos vá dando presentes, aturam todo o tipo de disparates.

Nobu ergueu o pequeno embrulho na mão para que eu lhe pegasse.

- Veja, Nobu-san - disse - que tipo de disparate é que me está a pedir que eu ature? - Claro que falava isto com intenção de que fosse uma piada; mas Nobu não o viu assim.

- Não acabei de te dizer que não sou como os outros homens? - resmungou. - Porque é que vocês

gueixas nunca acreditam no que vos dizem? Se quiseres este embrulho, é melhor pegares nele antes que eu mude de ideias.

Agradei a Nobu e peguei no embrulho, e ele bateu mais uma vez na janela do carro. O condutor deu um salto e saiu para lhe abrir a porta.

Ficámos a fazer uma vénia até que o carro virou na esquina e depois Mameha me conduziu de volta ao jardim do Teatro Kaburenjo, onde nos sentámos num banco de pedra com vista para o lago das carpas e espreitámos para o saco que Nobu me tinha dado. Continha apenas uma caixa pequenina, embrulhada em papel dourado gravado com o nome de uma joalharia famosa e atado com uma fita vermelha. Abri-o para descobrir uma única jóia, um rubi tão grande como o caroço de um pêssigo. Era como uma gota de sangue gigantesca a reluzir à luz do Sol por cima do lago. Quando o revirei nos meus dedos, o brilho saltava de uma face para outra. Podia sentir no peito cada um dos saltos.

- Posso ver como estás fascinada - disse Mameha - e fico muito contente por ti. Mas não o gozes de mais. Vais ter outras jóias na tua vida, Sayuri, montes delas, acho eu. Mas nunca vais voltar a ter esta oportunidade outra vez. Leva este rubi para a okiya, e entrega-o à Mãe.

Ver esta jóia maravilhosa, e a luz que emitia a pintar de rosa a minha mão, e a pensar na Mãe com os seus olhos amarelos de doença e as pálpebras cor de carne... bom, parecia-me que dar-lhe esta jóia seria como vestir um texugo de seda. Mas claro, eu tinha que obedecer a Mameha.

- Quando lho deres - continuou - deves ser particularmente doce e dizeres-lhe: «Mãe, eu de facto não tenho necessidade de ter uma jóia como esta e ficaria honrada se a aceitasse. Causei-lhe tantos problemas durante os anos.» Mas não digas mais nada, ou ela vai pensar que estás a ser sarcástica.

Quando mais tarde me sentei no meu quarto, a moer um pau de tinta para escrever uma nota de agradecimento a Nobu, a minha disposição ficou cada vez mais negra. Se Mameha ela própria me tivesse pedido o rubi, eu ter-lho-ia dado alegremente... mas dá-lo à Mãe! Estava a começar a gostar de Nobu, e tinha pena que esta sua prenda tão cara fosse parar a uma mulher daquelas. E sabia perfeitamente que se o rubi tivesse vindo do Director, eu não teria sido capaz de todo de o dar. De qualquer maneira, acabei de escrever a nota e fui até ao quarto da Mãe para falar com ela. Estava sentada à meia-luz, a fazer festas no cão e a fumar.

- O que é que queres? - disse-me. - Ia agora pedir um bule de chá.

- Desculpe incomodá-la, Mãe. Esta tarde quando Mameha e eu deixámos o teatro, o Presidente Nobu Toshikazu estava à minha espera...

- A espera de Mameha-san queres tu dizer.

- Não sei, Mãe. Mas ele deu-me uma prenda. E uma coisa muito bonita, mas eu não sei que uso lhe dar.

Queria dizer que iria ficar honrada se ela a aceitasse, mas a Mãe não me estava a ouvir. Pousou o cachimbo em cima da mesa e tirou-me a caixa da mão antes que eu pudesse sequer oferecer-lha. Tentei outra vez explicar-lhe as coisas, mas ela limitou-se a virar a caixa para despejar o rubi nos seus dedos oleosos.

- O que é isto? - perguntou

- É a prenda que o Presidente Nobu me deu. Nobu Toshikazu, da Companhia Eléctrica Iwamura.

- Achas que não sei quem é Nobu Toshikazu?

Levantou-se da mesa para ir até à janela, onde afastou a persiana de papel e levantou o rubi diante da luz solar da tardinha. Estava a fazer o que eu tinha feito na rua, a revirar a pedra e a ver o

brilho a saltar de faceta em faceta. Por fim fechou outra vez a janela e regressou.

- Deves ter percebido mal. Ele não te pediu para o entregares a Mameha?

- Bom, Mameha estava comigo nessa altura.

Podia ver que a mente da Mãe parecia um cruzamento engarrafado. Pousou o rubi sobre a mesa e começou a dar passas no cachimbo. Via cada nuvenzinha de fumo como um pensamento confuso a ser libertado no ar. Por fim ela disse-me:

- Então, Nobu Toshikazu anda interessado em ti, é isso?

- Tenho sido honrada pela atenção dele já há algum tempo.

Com isto, ela pousou o cachimbo sobre a mesa, como que a dizer que a conversa iria ficar muito mais séria.

- Não te tenho observado tão de perto quanto devia - disse. - Se tiveste alguns namorados, agora é a altura de me contares.

- Nunca tive um único namorado, Mãe.

Não sei se acreditou no que eu disse ou não, mas mandou-me embora na mesma. Eu ainda não lhe tinha dado definitivamente o rubi, como Mameha me tinha instruído para o fazer. Estava a pensar na maneira de pegar no assunto. Mas quando olhei para a mesa onde a pedra pousava de lado, deve ter pensado que eu lho ia pedir de volta. Não tive tempo para dizer mais nada antes que ela esticasse o braço e a mão dela o devorasse.

\* \* \*

Por fim aconteceu, numa tarde apenas uns dias depois. Mameha veio à okiya e levou-me para a sala de recepções para me informar que o leilão pela minha mizuage tinha começado. Ela recebera uma mensagem da patroa da Ichiriki naquela manhã mesmo.

- Não podia ter ficado mais desapontada com a data - disse Mameha - porque tenho que partir para Tóquio esta tarde. Mas tu não vais precisar de mim. Vais saber se o leilão está a ficar alto porque vão começar a acontecer coisas.

- Não entendo - disse eu. - Que tipo de coisas?

- Todo o tipo de coisas - respondeu-me, e depois foi-se embora sem sequer tomar uma chávena de chá.

Esteve ausente durante três dias. A princípio o coração saltava-me de cada vez que ouvia uma das criadas aproximar-se. Mas passaram dois dias sem quaisquer notícias. Depois, no terceiro dia, a Tia veio ter comigo ao átrio para me dizer que a Mãe me queria ver lá em cima.

Tinha acabado de pôr o pé no primeiro degrau quando ouvi uma porta deslizar a abrir-se, e logo a seguir a Abóbora sair a correr. Descia como água entornada de um balde, tão depressa que os pés mal lhe tocavam nos degraus, e a meio caminho torceu um dedo no corrimão. Deve ter doído, porque deixou sair um grito e parou em baixo para o agarrar.

- Onde está Hatsumomo? - perguntou, claramente em sofrimento. - Tenho que a encontrar!

- Parece-me que já te feriste que chegue -disse a Tia.-Tens que ir à procura de Hatsumomo a fim de que ela te possa ferir ainda mais?

A Abóbora parecia terrivelmente preocupada, e não era apenas por causa do dedo; mas quando lhe perguntei o que é que se passava, limitou-se a correr para a entrada e partiu.

A Mãe estava sentada à mesa quando entrei no quarto dela. Começou por encher o cachimbo com tabaco, mas em breve mudou de ideias e pô-lo de lado. No topo das prateleiras a segurar os livros de contabilidade estava um belo relógio de estilo europeu dentro de uma redoma de vidro. A Mãe olhava para ele de vez em quando, mas passaram alguns longos minutos e continuava sem me dizer nada. Por fim eu falei.

- Desculpe incomodá-la, Mãe, mas disseram-me que me queria ver.

- O médico está atrasado. Vamos esperar por ele.

Imaginei que se estaria a referir ao Dr. Caranguejo, que ele viria à okiya para falar dos arranjos sobre a minha mizuage. Eu não esperara uma coisa assim, e comecei a sentir um tremor no umbigo. A Mãe passava o tempo a dar palmadinhas em Taku, que em breve ficou cansado das atenções dela e começou a lançar pequenos rosnidos.

Por fim ouvi as criadas a cumprimentarem alguém no átrio de entrada principal, e a Mãe desceu as escadas. Quando regressou uns minutos mais tarde não acompanhava Dr. Caranguejo nenhum, mas um homem muito mais novo com cabelo prateado macio, trazendo uma mala de couro.

- É esta a rapariga - disse-lhe a Mãe.

Fiz uma vénia ao jovem médico, que me retribuiu.

- Minha Senhora - disse ele à Mãe -, onde é que poderemos...?

A Mãe respondeu-lhe que aquela sala em que estávamos servia perfeitamente. Pelo modo como fechou a porta, eu sabia que qualquer coisa de desagradável estava na eminência de acontecer. Começou por me desatar o obi e dobrá-lo sobre a mesa. Depois retirou-me o quimono dos ombros e pendurou-o num cabide no canto. Eu ficara com a minha combinação amarela parecendo tão calma quanto possível, mas um instante depois a Mãe começou a desatar o cinto que a mantinha fechada. Não consegui impedir-me de pôr os meus braços no caminho dela - embora ela mos tivesse afastado exactamente da mesma maneira que o Barão o tinha feito, o que me fez ficar agoniada. Depois de ter removido a faixa da cintura, enfiou-me a mão por dentro e retirou-me o koshimaki - mais uma vez, tal como tinha acontecido em Hakone. Não gostei daquilo nem um bocadinho, mas em vez de me abrir a combinação como tinha feito o Barão, ela deu-lhe de novo uma volta em torno de mim e disse-me para me deitar no tapete.

O médico ajoelhou-se a meus pés e, depois de pedir desculpa, abriu-me a combinação para me expor as pernas. Mameha tinha-me contado umas coisas acerca da mizuage, mas parecia-me que estava na eminência de aprender algo mais. Teria o leilão terminado, e este jovem médico sido o vencedor? E o que acontecera ao Dr. Caranguejo e a Nobu? Até me passou pela cabeça que a Mãe pudesse estar intencionalmente a sabotar os planos de Mameha. O jovem médico ajustou-me as pernas e com a mão alcançou-me fundo entre elas, uma mão que eu tinha reparado ser tão macia e graciosa como a do Director. Senti-me tão humilhada e exposta que tive que cobrir a cara. Queria juntar as pernas, mas estava com medo que qualquer coisa que tornasse a tarefa dele mais difícil só fosse prolongar o encontro. Por isso deixei-me ficar com os olhos fechados com força, a sustentar a respiração. Sentia-me como o pequeno Taku se deve ter sentido quando se engasgou com uma agulha, e a Tia lhe mantinha os maxilares abertos enquanto a Mãe lhe enfiava os dedos pela garganta abaixo. A dado momento achava que o médico tinha as duas mãos entre as minhas pernas; mas por fim lá as retirou, e fechou-me a combinação. Quando abri os olhos, vi-o a limpar as mãos num pano.

- A rapariga está intacta - disse ele.

- Ótimo, isso são boas notícias! - respondeu a Mãe. - E irá fazer muito sangue?

- Não vai haver sangue nenhum. Eu apenas a observei visualmente.

- Não, eu quero dizer durante a mizuage.

- Não lho poderia dizer. A quantidade usual, segundo creio.

Quando o jovem médico de cabelo prateado se despediu, a Mãe ajudou-me a vestir e mandou-me sentar à mesa. Depois, sem qualquer aviso, agarrou-me no lóbulo da orelha e puxou-o com tanta força que me fez gritar. Manteve-me segura assim, com a minha cabeça junto à dela, enquanto dizia:

- Tu és uma mercadoria muito cara, rapariguinha. Eu subvalorizei-te. Tenho sorte por não ter acontecido nada. Mas podes ter a certeza de que te vou observar muito mais de perto no futuro. O que um homem quiser de ti, vai ter que pagar muito caro para o ter. Estás a seguir-me?

- Sim, Minha Senhora! - disse eu. Claro que teria dito que sim a qualquer coisa, considerando a força com que me estava a puxar a orelha.

- Se deres de graça a um homem aquilo por que ele tem que pagar, estarás a trair esta okiya. Tu ficarás a dever dinheiro, e eu vou tirar-to. E não estou apenas a falar disto! - Aqui a Mãe fez um ruído estranho com a mão livre - esfregando os dedos de encontro à palma da mão para fazer um som de espremer.

- Os homens vão pagar por isso - continuou. - Mas vão pagar também apenas para falar contigo. Se eu te descubro a esgueirares-te para te ires encontrar com um homem, mesmo que seja apenas para uma conversinha... - E aqui acabou o pensamento dando-me outro puxão afiado no lóbulo da orelha antes de o soltar.

Tive que fazer um esforço para conseguir controlar a respiração. Quando achei que já era capaz de falar de novo, disse: «Mãe... não fiz nada que a pudesse fazer zangar-se comigo!»

- Ainda não, não fizeste. E se fores uma rapariga sensata, nunca o farás.

Tentei ir-me embora, mas a Mãe mandou-me ficar. Bateu o cachimbo para o esvaziar, embora já estivesse vazio; e depois de o ter enchido e acendido, disse:

- Tomei uma decisão. A tua situação aqui na okiya está na eminência de mudar.

Fiquei alarmada com isto e comecei a dizer qualquer coisa, mas a Mãe fez-me parar.

- Tu e eu vamos fazer uma cerimónia na próxima semana. Apesar de tudo, vais ser minha filha tal como se tivesses nascido de mim. Tomei a decisão de te adoptar. Um dia esta okiya será tua.

Eu não conseguia pensar no que dizer, e não me lembro de muito do que aconteceu a seguir. A Mãe continuou a falar, a dizer-me que como filha da okiya a dada altura me mudaria para o quarto grande que era ocupado por Hatsumomo e pela Abóbora, que juntas iriam partilhar o quarto mais pequeno onde até agora eu tinha vivido. Eu ouvia apenas com metade da minha mente, até que lentamente me comecei a aperceber de que, enquanto filha da Mãe, não voltaria a ter que lutar debaixo da tirania de Hatsumomo. Tinha sido este o plano de Mameha desde o princípio, e no entanto eu nunca acreditara verdadeiramente que se pudesse vir a concretizar. A Mãe continuou a fazer-me o sermão. Eu olhei-lhe para o lábio pendurado, olhos amarelados. Ela poderia ter sido uma mulher odiosa, mas enquanto filha desta mulher odiosa, eu estaria numa prateleira bem longe do alcance de Hatsumomo.

No meio de tudo isto, a porta abriu-se e a própria Hatsumomo apareceu ali na entrada.

- O que é que queres? - perguntou-lhe a Mãe. - Estou ocupada.

- Sai - disse-me ela. - Quero falar com a Mãe.

- Se queres falar comigo - disse a Mãe - podes pedir a Sayuri para ser amável e sair se não se importa.



- Sayuri sê amável e se não te importas sai - disse Hatsumomo sarcasticamente.

E então, pela primeira vez na minha vida, retorqui-lhe sem o medo de que me viesse a castigar por isso.

- Sairei se a Mãe quiser que eu saia. - disse-lhe.

- Mãe, pode ser suficientemente amável para fazer a Menina Estupidazinha deixar-nos a sós? - disse Hatsumomo.

- Deixa de ser impertinente! - disse-lhe a Mãe. - Entra e diz-me o que queres.

Hatsumomo não gostou disto, mas apesar de tudo entrou e sentou-se à mesa. Estava a meio caminho entre mim e a Mãe, mas ainda tão perto que eu conseguia cheirar-lhe o perfume.

- A pobre da Abóbora acabou de vir ter comigo a correr, muito perturbada - começou ela. - Prometi-lhe que vinha falar consigo. Ela disse-me uma coisa muito estranha. Ela disse: «Oh, Hatsumomo! A Mãe mudou de ideias!» Mas eu disse-lhe que tinha dúvidas de que fosse verdade.

- Não sei a que é que ela se estava a referir. Tenho a certeza de que não mudei de ideias relativamente a nada recentemente.

- Foi exactamente isso que eu lhe disse, que a Mãe nunca voltaria atrás com a sua palavra. Mas tenho a certeza de que ela se sentiria muito melhor se fosse a Mãe a dizer-lho pessoalmente.

- Dizer-lhe o quê?

- Que não mudou de ideias quanto a adoptá-la.

- E o que é que lhe deu essa ideia? Em primeiro lugar eu nunca tive a menor intenção de a adoptar.

Causou-me uma dor terrível ouvir isto, porque não podia deixar de pensar na maneira como a Abóbora se precipitara escadas abaixo tão perturbada... e não era de espantar, porque mais ninguém poderia dizer o que lhe iria acontecer na vida. Hatsumomo tinha começado a usar aquele sorriso que a fazia parecer como uma valiosa peça de porcelana, mas as palavras da Mãe bateram-lhe como pedras. Ela olhou para mim com ódio.

- Então é verdade! Está a planear adoptá-la a ela. Não se lembra, Mãe, quando disse que ia adoptar a Abóbora? Até me pediu para ser eu a dar-lhe a notícia!

- O que quer que tu tenhas dito à Abóbora, não é nada da minha conta. Além disso, não tens conduzido a aprendizagem da Abóbora tão bem como eu esperava. Estava a ir muito bem ao princípio, mas ultimamente...

- A Mãe prometeu-me - disse Hatsumomo num tom que me assustou.

- Não sejas ridícula! Sabes que tenho estado de olho em Sayuri há anos. Porque é que iria mudar de ideias e adoptar a Abóbora?

Eu sabia perfeitamente que a Mãe estava a mentir. Entretanto resolveu ir tão longe que se virou para mim e disse isto:

- Sayuri-san, quando é que foi a primeira vez que referi a possibilidade de te adoptar? Há um ano, talvez?

Se alguma vez viram uma Mãe gata a ensinar as crias a caçar - a maneira como pega num rato indefeso e o rasga ao meio - bom, eu senti-me como se a Mãe me estivesse a oferecer a oportunidade de aprender como me poderia tornar exactamente igual a ela. Tudo o que tinha de fazer era mentir como ela

mentia e dizer: «Oh, sim Mãe, falou-me do assunto muitas vezes!» Isto seria o meu primeiro passo para um dia me tornar eu própria numa mulher velha de olhos amarelos, a viver num quarto sombrio com os meus livros de contabilidade. Não podia tomar o lado da Mãe, da mesma maneira que não podia seguir o de Hatsumomo. Mantive os olhos no tapete de modo a que não tivesse de ver nenhuma delas, e disse que não me lembrava.

A cara de Hatsumomo estava manchada de vermelho pela cólera. Ela levantou-se e foi até à porta, mas a Mãe fê-la parar.

- Dentro de uma semana Sayuri será a minha filha - disse ela. - Daqui até lá, tens que aprender a tratá-la com respeito. Quando fores para baixo, pede a uma das criadas para trazer chá para mim e para Sayuri.

Hatsumomo fez uma pequena vénia, e depois foi-se embora.

- Mãe - disse eu -, lamento muito ter sido a causa de tantos problemas. Tenho a certeza de que Hatsumomo está muito enganada quanto a possíveis planos que tivesse para com a Abóbora, mas... posso fazer-lhe uma pergunta? Não seria possível adoptar-me a mim e à Abóbora ao mesmo tempo?

- Oh, então agora já sabes umas coisas de negócios, é? - respondeu-me. - Estás a tentar ensinar-me como devo gerir a okiya?

Uns minutos mais tarde, chegou uma criada trazendo uma bandeja com um bule de chá e uma taça - não duas, mas uma única taça. A Mãe pareceu não se importar. Eu enchi-lhe a taça com chá e ela bebeu, olhando-me fixamente com os seus olhos debruados a vermelho.

\*

Quando Mameha regressou à cidade no dia seguinte e soube que a Mãe tinha decidido adoptar-me, não me pareceu ter ficado tão feliz como eu esperara. Acenou com a cabeça e pareceu-me satisfeita, sem dúvida; mas não sorriu. Perguntei-lhe se as coisas não tinham corrido exactamente como ela planeava.

- Oh, não, o leilão entre o Dr. Caranguejo e Nobu correu exactamente como eu tinha calculado - disse-me ela - e o número final constitui uma soma considerável. No momento em que o soube, tive a certeza de que a Sra. Nitta te ia adoptar. Não poderia estar mais satisfeita.

Isto foi o que ela disse. Mas a verdade, como acabei por vir a perceber por partes ao longo dos anos, era algo de completamente diferente. Devido a uma coisa, o leilão não tinha sido de modo algum um concurso entre o Dr. Caranguejo e Nobu. Tinha acabado por ser uma luta entre o Dr. Caranguejo e o Barão. Não consigo imaginar como Mameha se deve ter sentido relativamente a isso; mas tenho a certeza de que justifica porque é que ela de repente se passou a mostrar tão fria comigo durante um breve tempo, e porque é que ela guardou para si a história do que de facto aconteceu.

Não pretendo sugerir que Nobu nunca tivesse estado envolvido. Ele apostou de uma maneira quase agressiva pela minha mizuage, mas apenas durante os primeiros dias, até o número ultrapassar os 8000 ienes. Quando acabou por desistir, provavelmente não era por a licitação ter subido alto de mais. Mameha sabia desde o início que Nobu podia apostar contra qualquer um, se o quisesse. O problema, que Mameha não previra, era que Nobu não tinha mais do que um vago interesse pela minha mizuage. Só um certo tipo de homem gasta o seu tempo e dinheiro em busca da mizuage, e descobriu-se que Nobu não era um deles. Alguns meses antes, como se devem recordar, Mameha tinha sugerido que nenhum homem cultivaria uma relação com uma aprendiz de quinze anos a não ser que estivesse interessado na mizuage dela. Isto foi durante a mesma discussão em que ela me disse, «Podes apostar que não é na tua conversa que ele está interessado». Ela poderia ter razão quanto à minha conversa, não sei; mas o que quer que em

mim atraísse Nobu também não seria a minha mizuage.

Quanto ao Dr. Caranguejo, era um homem que provavelmente teria escolhido o suicídio à maneira antiga antes de deixar que alguém como Nobu lhe roubasse uma mizuage. Claro que não estava de facto a apostar contra Nobu após os primeiros dias, mas não o sabia, e a patroa da Ichiriki tomou a decisão de não lho revelar. Ela queria que o preço subisse tão alto quanto possível. Por isso, quando falava com ele ao telefone dizia coisas como: «Oh, Sr. Doutor, acabei de receber uma palavra de Osaca e chegou uma oferta de cinco mil ienes». Provavelmente ela tinha recebido uma palavra de Osaca - embora pudesse ter sido da irmã dela, porque a patroa nunca gostava de dizer mentiras directas. Mas quando mencionava Osaca e uma oferta na mesma conversa, naturalmente o Dr. Caranguejo assumia que a oferta vinha de Nobu, mesmo que na verdade viesse do Barão.

Quanto ao Barão, sabia perfeitamente que o seu adversário era o médico, mas não se importava. Ele queria a mizuage para si próprio e fazia beicinho como um rapaz pequeno quando pensava que poderia não a vir a ganhar. Algum tempo depois, uma gueixa contou-me uma conversa que tivera com ele por volta desta altura. «Já ouviste o que está a acontecer?» disse-lhe o Barão. «Estou a tentar conseguir uma mizuage, mas um certo médico irritante não pára de se meter no meu caminho. Só um único homem pode ser o explorador de uma região por descobrir, e eu quero ser esse homem! Mas o que devo fazer? Este médico idiota não parece compreender que os números que atira para o ar representam dinheiro de verdade!».

À medida que o leilão ia subindo, o Barão começou a falar em desistir. Mas o número já tinha chegado tão perto de um novo recorde que a patroa da Ichiriki decidiu levar as coisas um bocadinho mais longe enganando o Barão, exactamente da mesma maneira que tinha enganado o médico. Ao telefone, disse-lhe que o «outro cavalheiro» tinha feito uma oferta muito alta, e depois acrescentou: «No entanto, muitas pessoas acreditam que é o tipo de cavalheiro que não irá mais longe.» Tenho a certeza de que deve ter havido pessoas que acreditavam numa coisa assim acerca do médico, mas a própria patroa não era uma delas. Ela sabia que quando o Barão fizesse a sua última oferta, qualquer que ela fosse, o médico a iria cobrir.

No fim, o Dr. Caranguejo concordou em pagar 11 500 ienes pela minha mizuage. Até àquela altura, isto foi o preço mais alto alguma vez pago por uma mizuage em Gion, e possivelmente em qualquer outro bairro de gueixas no Japão. Não se esqueçam que naquele tempo, uma hora com uma gueixa custava cerca de 4 ienes, e um quimono extravagante podia vender-se por 1500 ienes. Por isso, pode não parecer muito, mas é muito mais do que, digamos, um trabalhador poderia ter ganho durante um ano inteiro.

Tenho de confessar que não percebo muito de finanças. A maioria das gueixas orgulham-se por nunca trazerem dinheiro consigo, e estão habituadas a mandar debitar as coisas onde quer que vão. Mesmo agora, na cidade de Nova Iorque, vivo da mesma maneira. Compró nas lojas que me conhecem de vista, onde os empregados são suficientemente amáveis para tomar nota das coisas de que eu preciso. Quando a conta chega no fim do mês, tenho uma assistente encantadora que as paga por mim. Por isso, como vêem, não poderia dizer-vos de modo algum quanto dinheiro gasto, ou quanto custa um frasco de perfume a mais que uma revista. Por tal devo ser uma das últimas pessoas no mundo indicadas para tentar explicar o que quer que seja no que diz respeito ao dinheiro. No entanto, quero transmitir-vos uma coisa que um grande amigo uma vez me disse - o qual, tenho a certeza, sabia do que estava a falar, porque foi Ministro das Finanças no Japão durante algum tempo durante os anos de 1960. Dinheiro corrente, disse ele, às vezes vale menos num ano do que valia no ano anterior, e por causa disto, a mizuage de Mameha em 1929 teria de facto sido mais cara do que a minha em 1935, mesmo que a minha tivesse sido de 11 500 ienes e a de Mameha mais próxima dos 7000 ou 8000 ienes.

Claro que nada disto importava então, na altura em que a minha mizuage foi vendida. No que diz respeito a toda a gente envolvida eu tinha estabelecido um novo recorde, que se manteve até 1951, quando Katsumiyo apareceu - a qual, na minha opinião foi uma das maiores gueixas do século XX. Porém, ainda de acordo com o meu amigo, o Ministro das Finanças, o verdadeiro recorde manteve-se o de Mameha até aos anos de 1960. Mas quer o verdadeiro recorde me pertencesse a mim, ou a Katsumiyo, ou a Mameha - ou até mesmo a Mamemitsu, por volta de 1890 - podem bem imaginar que as mãozinhas gorduchas da Mãe começaram a formigar quando ouviu falar sobre uma quantidade de dinheiro recorde.

Não será preciso dizer que foi por causa disto que ela me adoptou. O preço da minha mizuage era mais do que suficiente para pagar todas as minhas dívidas à okiya. Se a Mãe não me tivesse adoptado, algum desse dinheiro teria caído nas minhas mãos - e podem imaginar como a Mãe se teria sentido quanto ao assunto. Quando me tornei filha da okiya, as minhas dívidas tinham deixado de existir porque a okiya as absorvera todas. Mas também todos os meus lucros iam para a okiya, não apenas então, na altura da minha mizuage, mas para sempre depois disso.

A adopção teve lugar na semana seguinte. O meu nome próprio já tinha sido mudado para Sayuri; agora mudou também o meu nome de família. Lá na minha casinha bêbeda, nos rochedos sobre o mar, tinha-me chamado Sakamoto Chiyo. Agora o meu nome era Nitta Sayuri.

\* \* \*

De todos os momentos importantes na vida de uma gueixa, a mizuage seguramente coloca-se como o mais alto de todos. A minha ocorreu nos princípios de Julho de 1935, quando tinha quinze anos de idade. Começou uma tarde quando o Dr. Caranguejo e eu bebemos saque numa cerimónia que nos uniu. O motivo para esta cerimónia é que, embora a mizuage em si se acabasse depressa, o Dr. Caranguejo iria continuar a ser o meu patrono de mizuage até ao fim da sua vida - não que isso lhe desse privilégios especiais, sabem. A cerimónia era realizada na casa de chá Ichiriki, na presença da Mãe, da Tia e de Mameha. A patroa da Ichiriki também assistia, bem como o Sr. Bekku, o meu vestidor - porque o vestidor está sempre envolvido em cerimónias deste tipo, representando os interesses da gueixa. Eu vestia o fato mais formal que alguma vez as aprendizas usam, um quimono preto, com cinco cristas e uma combinação vermelha, que é a cor dos novos começos. Mameha tinha-me instruído para me comportar muito seriamente, como se não tivesse qualquer espécie de sentido de humor. Considerando o meu nervosismo, achei que era fácil parecer severa enquanto caminhava ao longo do corredor da casa de chá Ichiriki, com a cauda do meu quimono a embrulhar-se-me nos pés.

Depois da cerimónia fomos todos a um restaurante chamado Kitcho para jantar. Isto também era um acontecimento solene, e eu falei pouco e comi ainda menos. Sentado ali para jantar, o Dr. Caranguejo já tinha provavelmente começado a pensar no momento que viria a seguir, e no entanto nunca tinha visto um homem que parecesse mais aborrecido. Mantive os olhos baixos durante toda a refeição com o objectivo de parecer inocente, mas de cada vez que lançava uma olhadela na direcção dele, descobria-o a espreitar através dos seus óculos como um homem numa reunião de negócios.

Quando o jantar acabou, o Sr. Bekku acompanhou-me no riquexó a uma bela estalagem nos jardins do Templo de Nanzen-ji. Ele já lá tinha ido antes naquele dia para preparar as minhas roupas num quarto adjacente. Ajudou-me a despir o quimono e a mudar para um menos formal, com um obi que não precisava de chumaços no nó - uma vez que os chumaços iriam dificultar a tarefa ao médico. Atou o nó de uma maneira que pudesse ser facilmente desfeito. Depois de estar completamente vestida, senti-me tão nervosa que o Sr. Bekku teve que me ajudar a regressar ao meu quarto e colocar-me junto à porta para esperar pela chegada do médico. Quando me deixou ali, senti uma horrível sensação de terror, como se estivesse na eminência de fazer uma operação para me removerem os rins, ou o fígado, ou qualquer coisa parecida. Em breve chegou o Dr. Caranguejo e pediu que lhe encomendasse saqué enquanto tomava um

banho na casa de banho ao lado do quarto. Acho que ele estava à espera que eu o ajudasse a despir-se, porque olhou para mim de uma maneira estranha. Mas sentia as minhas mãos tão frias e desajeitadas, que creio que não teria sido capaz de o fazer. Regressou uns minutos mais tarde usando um roupão e abriu as portas para o jardim, onde nos sentámos numa pequena varanda de madeira, a bebericar saqué e a ouvir o som dos grilos e do pequeno ribeiro abaixo de nós. Eu entornei saqué no meu quimono, mas o médico não reparou. Para dizer a verdade, não parecia reparar em muita coisa, a não ser num peixe que saltou no lago próximo, e que me mostrou como se eu nunca tivesse visto uma coisa assim. Enquanto ali estávamos, veio uma criada que fez os nossos dois futon um ao lado do outro.

Por fim o médico deixou-me na varanda e entrou. Eu mudei de posição para ficar de maneira a que o pudesse observar pelo canto do olho. Retirou duas toalhas brancas da sua mala e colocou-as sobre a mesa, arranjando-as assim e assado até ficarem tal como queria. Fez o mesmo com as almofadas de um dos futon, e depois voltou e ficou à porta até que eu me levantei da posição de joelhos e o segui.

Enquanto estava ainda de pé, ele retirou-me o obi e disse-me para me por à vontade num dos futon. Tudo me parecia tão estanho e assustador, que não me poderia por à vontade fizesse o que fizesse. Mas deitei-me de costas e usei uma almofada cheia de feijões para me levantar o pescoço. O médico abriu-me a combinação e demorou imenso tempo a libertar cada um dos acessórios por debaixo dela, passo a passo, esfregando as mãos sobre as minhas pernas, o que penso era suposto ajudar-me a descontraír. Isto continuou durante muito tempo, mas por fim ele foi buscar as duas toalhas brancas que tinha tirado da mala antes. Disse-me para levantar as ancas e depois estendeu-as por baixo de mim.

- Isto é para absorver o sangue - disse-me ele.

Claro que uma mizuage muitas vezes envolve uma certa quantidade de sangue, mas ninguém me tinha explicado claramente porquê. Tenho a certeza de que deveria ter ficado calada ou mesmo agradecido ao médico a consideração de ter colocado as toalhas, mas em vez disso saiu-me:

- Mas que sangue? - A minha voz chiava um bocadinho quando o disse, porque tinha a garganta muito seca. O Dr. Caranguejo começou a explicar-me como o «hímen» - embora eu não soubesse o que isso poderia ser - muitas vezes sangrava ao ser rasgado... e isto, aquilo, e aqueloutro... eu acho que fiquei tão angustiada a ouvir aquilo tudo que me ergui um bocadinho do futon, porque o médico pousou-me a mão sobre o ombro e delicadamente empurrou-me para baixo.

Tenho a certeza que este tipo de conversa teria sido o suficiente para extinguir o apetite de alguns homens por aquilo que estariam à beira de fazer; mas o médico não era dessa espécie de homem. Quando acabou a sua explicação, disse-me:

- Esta é a segunda vez que tenho a oportunidade de recolher uma amostra do teu sangue. Posso mostrar-te?

Reparei que ele tinha vindo não apenas com a mala com as coisas que precisava para a noite, mas também com uma pequena caixa de madeira. O médico foi ao roupeiro buscar o porta-chaves ao bolso das calças e destrancou a caixa. Trouxe-a para o pé de mim e ela abriu-se ao meio, transformando-se numa espécie de mostruário duplo. Em ambos os lados tinha prateleiras com pequenos frasquinhos de vidro, todos fechados com rolhas e mantidos nos lugar por fitas. Ao longo da prateleira de baixo havia alguns instrumentos, como tesouras e pinças; mas o resto da caixa estava atafalhada com estes frascos de vidro, talvez tantos quanto quarenta ou cinquenta deles. Tirando alguns ainda vazios na prateleira superior, todos tinham qualquer coisa lá dentro, mas eu não fazia ideia do que era. Só quando o médico trouxe o candeeiro da mesa é que fui capaz de ver rótulos brancos ao longo do topo de cada frasco, marcados com os nomes de várias gueixas. Vi o nome de Mameha ali, bem como também o da grande Mamekichi. Vi um grande número de outros nomes familiares, incluindo o de Korin, a amiga de

Hatsumomo.

- Este - disse o médico enquanto pegava num dos frascos - é teu.

Tinha escrito mal o meu nome, com um caractere diferente para o «ri» de Sayuri. Mas dentro do frasco estava uma coisa enrugada que achei que parecia um bocado de ameixa em conserva, embora fosse mais castanho do que avermelhado. O médico removeu a tampa e pegou nas pinças para o retirar.

- Isto é um bocadinho de algodão que foi mergulhado no teu sangue - disse - daquela vez em que te cortaste na perna, lembras-te? Normalmente não guardo o sangue dos meus doentes, mas fiquei... muito impressionado contigo. Depois de recolher esta amostra, decidi que seria o patrono da tua mizuage. Acho que vais concordar que fará um espécime pouco vulgar numa colecção, possuir não apenas uma amostra do teu sangue recolhida na tua mizuage, mas também uma amostra de uma laceração na tua perna alguns meses antes.

Escondi o meu nojo enquanto o médico me continuava a mostrar vários outros frascos, incluindo o de Mameha. O dela não continha um bocado de algodão, mas um pequeno pedaço de tecido branco que estava manchado da cor da ferrugem e tinha ficado bastante duro. O Dr. Caranguejo parecia achar todas estas amostras fascinantes, mas pela minha parte... bom, apontei a cara na direcção delas a fim de parecer educada, mas quando o médico não estava a observar eu olhava para outro lado.

Por fim ele lá fechou a sua caixa e pô-la de parte tirando os óculos, dobrando-os e pondo-os sobre a mesa próxima. Eu temia que o momento tivesse chegado, e de facto, o Dr. Caranguejo afastou-me as pernas e acomodou-se de joelhos entre elas. Acho que o meu coração estava a bater à velocidade do de um rato. Quando o médico desapertou o cinto do roupão, eu fechei os olhos e levantei uma mão para tapar a boca, mas pensei melhor e no último momento, para evitar causar má impressão, deixei antes a mão ficar junto da minha cabeça.

As mãos do médico investigaram por ali durante um bocado, fazendo-me sentir muito desconfortável, da mesma maneira que o jovem médico de cabeça prateada o fizera umas semanas antes. Depois baixou-se até que o corpo dele ficou colocado exactamente por cima do meu. Eu usei toda a força da minha mente a trabalhar para fazer uma espécie de barreira mental entre mim e o médico, mas não foi o suficiente para me impedir de lhe sentir a «enguia», como Mameha lhe poderia ter chamado, a bater contra a parte de dentro das minhas coxas. O candeeiro ainda estava aceso, e eu procurei nas sombras do tecto por qualquer coisa que me distraísse, porque agora sentia o médico a empurrar com tanta força que a minha cabeça deslocava a almofada. Não conseguia imaginar o que devia fazer com as minhas mãos, por isso agarrei a almofada com elas, e fechei os olhos com mais força. Em breve havia uma grande dose de actividade a decorrer por cima de mim, e eu podia também sentir todo o tipo de movimentos dentro de mim. Deve ter havido uma grande quantidade de sangue, porque o ar tinha um desagradável cheiro metálico. Eu não parava de me obrigar a recordar quanto o médico tinha pago por este privilégio; e lembro-me de, a dado momento, ter esperado que ele se estivesse a divertir mais do que eu. Eu não sentia mais prazer ali do que se alguém tivesse esfregado uma lima vezes sem conta contra os interiores das minhas coxas até me fazer sangrar.

Por fim, a enguia sem lar marcou o seu território, calculo eu, e o médico deixou-se cair pesadamente sobre mim, húmido de suor. Eu não estava a gostar nada de estar assim tão perto dele, por isso fingi ter problemas a respirar com a esperança de que ele tirasse o peso de cima de mim. Durante um bocado enorme ele não se mexeu, mas depois, de repente pôs-se de joelhos e ficou outra vez muito profissional. Eu não o observava, mas do canto do olho não me conseguia impedir de ver que se tinha limpo usando uma das toalhas que estavam debaixo de mim. Atou o cordão do robe, e depois pôs os óculos, não reparando numa pequena mancha de sangue na beira de uma das lentes, e começou a limpar-

me entre as pernas usando toalhas e compressas de algodão, tal como se tivéssemos regressado a uma das salas de tratamento no hospital. O pior da minha indisposição por esta altura já tinha passado, e tenho de admitir que estava quase fascinada ali deitada, mesmo com as pernas assim abertas de maneira tão reveladora, enquanto o observava a abrir a caixinha de madeira e retirar a tesoura. Ele cortou um bocado do tecido da toalha ensanguentada debaixo de mim e enfiou-o, junto com o algodão que usara, no frasco de vidro com o meu nome mal escrito. Depois fez uma vénia formal e disse: «Muito obrigado.» Eu não podia lá muito bem retribuir a vénia assim deitada, mas não fez diferença, porque o médico levantou-se imediatamente e foi para a casa de banho outra vez.

Eu não me tinha apercebido disso, mas tinha estado a respirar muito rapidamente por causa do nervoso. Agora que tudo tinha acabado e já conseguia respirar normalmente, provavelmente parecia como se estivesse no meio de uma operação, mas senti um alívio tão grande que acabou num sorriso. Qualquer coisa sobre a experiência toda parecia-me tão completamente ridícula; quanto mais pensava no assunto, mais divertida parecia, e em breve estava a rir. Não podia fazer barulho porque o médico estava na sala ao lado. Mas pensar que a evolução de todo o meu futuro tinha sido alterada por isto? Eu imaginava a patroa da Ichiriki a fazer telefonemas a Nobu e ao Barão enquanto decorria o leilão, todo o dinheiro que tinha sido gasto, e todo o trabalho. Como não seria estranho se tivesse sido com Nobu, dado que estava a começar a pensar nele como um amigo. E nem sequer queria imaginar como é que poderia ter sido com o Barão.

Enquanto o médico estava ainda no banho, bati à porta do quarto do Sr. Bekku. Uma criada apressou-se a mudar os lençóis da cama, e o Sr. Bekku veio para me ajudar a vestir um roupão de dormir. Mais tarde, depois de o médico ter adormecido, levantei-me de novo e tomei um banho silenciosamente. Mameha tinha-me instruído para ficar acordada a noite toda, para o caso de o médico também acordar e precisar de alguma coisa. Mas embora eu tentasse não adormecer, não fui capaz de não dormir. Lá me arranjei para acordar de manhã a tempo para me tornar apresentável antes que o médico me visse.

Depois do pequeno almoço, acompanhei o Dr. Caranguejo até à porta principal da estalagem, e ajudei-o a calçar os sapatos. No momento imediatamente antes de se ir embora, agradeceu-me pela noite e deu-me um pequeno embrulho. Não conseguia decidir-me se poderia ser uma jóia como a que Nobu me tinha dado ou alguns fragmentos da toalha ensanguentada da noite anterior! Mas quando arranjei coragem para o abrir já de volta ao quarto, revelou-se ser um embrulho de ervas chinesas. Não sabia o que fazer com elas até que perguntei ao Sr. Bekku, que me disse que devia fazer chá uma vez por dia com aquelas ervas para desencorajar a gravidez. «Tem cuidado com elas, porque são muito caras» disse ele. «Mas não tenhas cuidado de mais. Mesmo assim, ainda são mais baratas do que um aborto.»

\* \* \*

É estranho e muito difícil de explicar, mas o mundo parecia-me diferente depois da mizuage. A Abóbora, que ainda não tivera a dela, parecia-me agora de alguma maneira inexperiente e infantil, embora fosse mais velha. A Mãe e a Tia, bem como Hatsumomo e Mameha, tinham todas passado por ela, era evidente, mas provavelmente eu estava muito mais consciente do que elas estavam de ter tido esta coisa peculiar em comum com elas. Depois da mizuage uma aprendiz usa o cabelo num novo penteado, e com uma fita de seda vermelha lisa na base do carrapito, em vez de uma estampada. Eu estava a ficar tão consciente de quais eram as aprendizas que tinham fitas vermelhas e quais as que usavam as de padrões variados que dificilmente parecia reparar em qualquer outra coisa quando andava na rua, ou nos átrios da pequena escola. Tinha um novo respeito por aquelas que já haviam passado pela mizuage, e sentia-me muito mais vivida do que as que não tinham.

Tenho a certeza de que todas as aprendizas se sentem mudadas pela experiência da mizuage muito da mesma maneira que eu me senti. Mas para mim não era apenas uma questão de ver o mundo

diferentemente. A minha vida do dia-a-dia tinha mudado também, por causa da nova perspectiva que a Mãe tinha sobre mim. Ela era o tipo de pessoa, tenho a certeza que perceberam isso, que só reparava nas coisas se tivessem uma etiqueta com o preço. Quando ela ia pela rua abaixo, a mente dela provavelmente ia a trabalhar que nem um ábaco: «Olha, lá vai a pequena Yukiyo cuja estupidez custou à pobre da irmã mais velha quase cem ienes no ano passado! E ali vem Ichimitsu, que deve estar muito contente com os pagamentos que o seu novo danna anda a fazer.» Se a Mãe tivesse que andar ao longo do ribeiro de Shirakawa num belo dia de Primavera, quando quase se pode ver a beleza dos rebentos das cerejeiras a pingar na água, provavelmente nem sequer repararia em nada disso - a não ser... não sei... que ela tivesse algum plano para arranjar dinheiro com a venda das árvores ou qualquer coisa no género.

Antes da minha mizuage, não creio que fizesse qualquer diferença à Mãe que Hatsumomo me andasse a arranjar problemas em Gion. Mas agora que eu tinha em mim uma etiqueta com um preço alto, ela acabou com os problemas arranjados por Hatsumomo sem eu sequer ter que lho pedir. Não sei como é que o fez. Provavelmente limitou-se a dizer: «Hatsumomo, se o teu comportamento causar problemas a Sayuri e custar dinheiro a esta okiya, serás tu a pagã-lo!». Desde o momento em que a minha mãe tinha adoecido, a minha vida tinha de facto ficado difícil; mas agora, por algum tempo, as coisas haviam-se tornado notavelmente pouco complicadas. Não quero dizer que nunca me sentisse cansada, ou desapontada; de facto, sentia-me cansada a maior parte do tempo. Não se pode dizer que a vida em Gion seja descontraída para as mulheres que ali angariam o seu sustento. Mas era seguramente um grande alívio estar livre das ameaças de Hatsumomo. Também dentro da okiya a vida se tornara quase agradável. Como filha adoptiva, eu comia quando queria. Escolhia primeiro o meu quimono em vez de ter que esperar que a Abóbora escolhesse o dela - e no momento em que eu fazia a minha escolha, a Tia punha-se a trabalhar, subindo as bainhas para a medida adequada, e aplicando o colarinho na minha combinação, antes de sequer tocar no de Hatsumomo. Não me importava quando Hatsumomo olhava para mim com ressentimento e ódio por causa do tratamento especial que eu agora recebia. Mas quando a Abóbora passava por mim na okiya com uma expressão preocupada, e desviava os olhos dos meus mesmo quando estávamos cara a cara, causava-me um sofrimento terrível. Sempre tivera a impressão de que a nossa amizade teria crescido se as circunstâncias não se tivessem interposto entre nós. Mas já não tinha mais essa ideia.

\* \* \*

Com a minha mizuage atrás de mim, o Dr. Caranguejo desapareceu quase completamente da minha vida. Digo «quase» porque embora Mameha e eu não fôssemos mais à casa de chá Shirae para o entreter, ocasionalmente cruzava-me com ele nas festas de Gion. Quanto ao Barão, por outro lado, nunca mais o voltei a ver. Ainda não sabia o papel que ele tinha desempenhado a fazer subir o preço de licitação da minha mizuage, mas agora a olhar para trás, posso compreender porque é que Mameha pode ter querido manter-nos afastados. Provavelmente eu ter-me-ia sentido completamente desconfortável junto do Barão, tal como Mameha se teria sentido tendo-me por ali. De qualquer modo, não posso fingir que tinha saudades de algum destes homens.



Mas havia um homem que eu andava muito ansiosa para voltar a encontrar, e tenho a certeza de que não preciso de vos dizer que estou a falar do Director. Ele não tinha desempenhado papel algum no plano de Mameha, por isso não esperava que a minha relação com ele mudasse ou viesse a terminar apenas porque a minha mizuage tinha acabado. No entanto, tenho que admitir que me senti muito aliviada algumas semanas depois por saber que a Companhia Eléctrica Iwamura tinha telefonado a requisitar a minha presença mais uma vez. Quando cheguei naquela noite, tanto o Director quanto Nobu estavam lá. No passado teria seguramente ido sentar-me junto de Nobu; mas agora que a Mãe me tinha adoptado, já não era mais obrigada a pensar nele como o meu salvador. Como aconteceu, estava vazio um lugar ao lado do Director, e foi com um sentimento de excitação resolvi ir ocupá-lo. O Director foi muito cordial quando lhe deitei o saque, e agradeceu-me levantando a taça antes de beber; mas durante toda a noite nunca olhou para mim. Enquanto Nobu, sempre que eu olhava na direcção dele, me fixava esbugalhado como se eu fosse a única pessoa presente na sala de quem ele tinha consciência. Era certo que eu sabia bem o que era ansiar por alguém, por isso, antes que a noite acabasse, fiz questão de ir passar algum tempo junto dele. E tive o cuidado de nunca mais o ignorar outra vez depois disto.

Um mês ou mais passou, e depois, uma noite, durante uma festa, por acaso mencionei a Nobu que Mameha tinha arranjado as coisas para eu aparecer num festival em Hiroshima. Não tinha a certeza de que ele estivesse a ouvir quando lho disse, mas no dia seguinte quando regressei à okiya depois das minhas lições, descobri no meu quarto um novo baú de viagem em madeira que ele me tinha enviado como prenda. O baú era ainda mais elegante do que o que eu tinha pedido emprestado à Tia para ir a Hakone à festa do Barão. Senti-me terrivelmente envergonhada por ter pensado que podia simplesmente descartar-me de Nobu, agora que ele já não era mais fundamental para qualquer plano que Mameha pudesse ter feito. Escrevi-lhe uma nota de agradecimento, e disse-lhe que esperava poder exprimir-lhe a minha gratidão pessoalmente quando o visse na semana seguinte, numa grande festa que a Companhia Eléctrica Iwamura já tinha planeada há alguns meses.

Mas uma coisa peculiar aconteceu. Um pouco antes da festa, recebi uma mensagem informando-me que a minha presença afinal já não era precisa. Yokoyama, que trabalhava ao telefone na nossa okiya, ficou com a impressão de que a festa tinha sido cancelada. O que aconteceu foi que eu tive que ir à Ichiriki nessa noite para outra festa. No momento em que me estava a ajoelhar no átrio para entrar, vi a porta de uma grande sala de banquetes ao fundo abrir-se, e sair uma gueixa chamada Katsue. Antes que ela fechasse a porta, ouvi o que tive a certeza ser o som do riso do Director vindo de lá de dentro. Fiquei muito confusa com isto, por isso levantei-me e fui tentar apanhar Katsue antes que ela abandonasse a casa de chá.

- Desculpa estar a incomodar-te - disse eu - mas acabaste de sair da festa dada pela Companhia Eléctrica Iwamura?

- Sim, está muito animada. Devem estar lá umas vinte e cinco gueixas e uns cinquenta homens...

- E... o Director Iwamura e Nobu-san estão lá os dois? - perguntei-lhe.

- Nobu não está. Aparentemente foi para casa doente esta manhã. Ele irá ter muita pena de a ter perdido. Mas o Director sim; porque é que perguntas?

Murmurei uma coisa qualquer - nem me lembro do que era - e ela foi-se embora.

Até àquele momento andara convencida de que o Director gostava tanto da minha companhia quanto Nobu. Agora tinha que me perguntar se não passara tudo de uma ilusão, e se Nobu era o único que gostava mesmo de mim.

Mameha podia já ter ganho a aposta que tinha feito com a Mãe, mas ela ainda tinha um grande investimento no meu futuro. Por isso, durante uns poucos de anos, trabalhou para tornar a minha cara familiar aos seus melhores clientes, e também às gueixas de Gion. Estávamos ainda a emergir da Depressão nessa altura; os banquetes formais não eram tão vulgares como Mameha teria gostado que fossem. Mas levou-me a muitas reuniões informais, não apenas a festas em casas de chá, mas excursões de natação, circuitos de visita à cidade, peças de Kabuki, e por aí fora. Durante o calor do Verão, quando toda a gente se sentia mais descontraída, estes encontros casuais eram muitas vezes bem divertidos, mesmo para aquelas de nós supostamente a trabalhar duro para entreter. Por exemplo, um grupo de homens às vezes decidia ir navegar para um canal ao longo do rio Kamo, a bebericar saqué e a deixar os pés molharem-se na água. Eu era muito nova para me associar à patuscada, e muitas vezes acabava com o trabalho de lascar gelo para fazer cones de gelado, mas apesar de tudo era uma mudança agradável.

Algumas noites, ricos homens de negócios ou aristocratas davam festas de gueixas apenas para si próprios. Passavam a noite a dançar e cantar, e a beber com as gueixas, muitas vezes até bem depois da meia-noite. Lembro-me de numa dessas ocasiões, a mulher do nosso anfitrião se ter postado à porta a entregar envelopes contendo uma generosa gorjeta quando nos fomos embora. Deu dois deles a Mameha, e pediu-lhe o favor de dar o segundo à gueixa Tomizuru, que tinha «ido para casa mais cedo com uma dor de cabeça», como ela disse. De facto, ela sabia tão bem quanto nós que Tomizuru era a amante do seu marido, e tinha ido com ele para outra parte da casa para lhe fazer companhia durante a noite.

Muitas das festas encantadoras de Gion eram frequentadas por artistas famosos, escritores, e actores de Kabuki, e às vezes eram acontecimentos muito excitantes. Mas lamento dizer-vos que a maioria das festas de gueixas eram coisas muito mais mundanas. O anfitrião era muito provavelmente o chefe de divisão de uma pequena companhia, e o convidado de honra um dos seus fornecedores, ou talvez um dos seus empregados que ele acabara de promover, ou qualquer coisa nesta linha. Quase sempre, alguma gueixa bem intencionada advertia-me de que enquanto aprendiz, a minha responsabilidade - além de tentar parecer bonita - era ficar sentada em silêncio e ouvir as conversas com a esperança de um dia me vir a tornar eu própria uma conversadora inteligente. Bom, a maioria das conversas que ouvia naquelas festas não me impressionavam como sendo nem muito nem pouco inteligentes. Um homem podia virar-se para a gueixa ao lado dele e dizer: «O tempo de facto está invulgarmente quente, não acha?» E a gueixa responderia qualquer coisa do género: «Oh, sim, muito quente!» Então começaria a jogar um jogo de bebidas com ele, ou tentaria por os homens todos a cantar, e em breve o homem que falara com ela ficava demasiado bêbado para sequer se lembrar se estava ou não a divertir-se tanto como esperara. Pela minha parte, sempre considerei isto um desperdício terrível. Se um homem veio a Gion só com o objectivo de passar um bocado descontraído, e acaba envolvido num jogo infantil tal como «daqui me perguntaram, daqui me responderam» ... bom, do meu ponto de vista haveria feito melhor se tivesse ficado em casa e brincasse com os seus próprios filhos ou netos - os quais, apesar de tudo, deveriam ser bem mais espertos que esta pobre e aborrecida gueixa junto à qual ele tivera a infelicidade de se sentar.

De vez em quando, porém, eu tinha o privilégio de ouvir uma gueixa realmente inteligente, e Mameha era decerto uma delas. Aprendi muito com as conversas dela. Por exemplo, se um homem lhe dizia: «Tempo quente, não acha?» tinha uma dúzia de respostas prontas. Se ele fosse velho e lúbrico, ela poderia dizer-lhe: «Quente? Talvez seja só o efeito em si por estar junto de tantas mulheres bonitas!». Ou se fosse um jovem e arrogante homem de negócios que não soubesse qual era o seu lugar, ela podia apanhá-lo desprevenido dizendo: «Aqui está você sentado com meia dúzia das melhores gueixas de Gion e a única coisa em que consegue pensar como tema de conversa é o tempo». Uma vez, em que aconteceu eu estar a observá-la, Mameha ajoelhou-se junto de um homem muito novo que não deveria ter mais de dezanove ou vinte anos; provavelmente ele não teria vindo a festa de gueixas nenhuma se o pai dele não fosse o anfitrião. Claro que não sabia o que dizer, ou como se comportar junto de uma gueixa, e tenho a

certeza de que se sentia nervoso; mas virou-se corajosamente para Mameha e disse-lhe:

- Está quente, não está?

Ela baixou a voz e respondeu-lhe assim:

- Veja, com certeza que tem razão em dizer que está quente. Devia ter-me visto quando saí do banho hoje de manhã! Normalmente, quando estou completamente nua, sinto-me muito fresca e descontraída. Mas esta manhã, havia pequenas pérolas de suor a cobrirem-me a pele pelo corpo todo abaixo - ao longo das minhas coxas, e no meu estômago, e... bom outros sítios também.

Quando o pobre do rapaz pousou a taça de saqué sobre a mesa, tinha os dedos a tremer. Tenho a certeza de que nunca mais se esqueceu daquela festa de gueixas para o resto da sua vida.

Se me perguntarem porque é que a maioria daquelas festas eram tão aborrecidas, acho que provavelmente era por causa de dois motivos. O primeiro, lá porque uma jovem é vendida pela sua família e educada desde tenra idade para se tornar uma gueixa não quer dizer que acabe por se tornar esperta, ou ter alguma coisa de interessante para dizer. E segundo, o mesmo se passa com os homens. Só porque um homem ganhou dinheiro suficiente para vir até Gion gastá-lo como lhe apetecer, não significa que seja uma companhia divertida. De facto, a maioria dos homens estão habituados a ser tratados com grande respeito. O sentarem-se encostados para trás, com as mãos nos joelhos e grandes rugas na cara é o máximo de trabalho que pensam ter no que respeita a serem entretidos. Uma vez, fiquei a ouvir Mameha gastar a noite toda a contar histórias a um homem que nem sequer olhava na direcção dela, mas se limitava a olhar para os outros na sala enquanto ela falava. Curiosamente, era apenas isto que ele queria, e perguntava sempre por Mameha quando vinha à cidade.

Depois de mais dois anos de festas e saídas - o tempo todo continuando com os meus estudos e participando em exhibições de dança sempre que podia - fiz a mudança de aprendiz de gueixa para gueixa. Isto foi no Verão de 1938, quando tinha dezoito anos. Nós chamamos a esta mudança a «troca de colarinho», porque uma aprendiz usa um colarinho vermelho enquanto uma gueixa usa um branco.

Embora se pudessem ver uma aprendiz e uma gueixa lado a lado, os colarinhos eram a última coisa em que reparariam. A aprendiz, com o seu quimono elaborado, de mangas compridas e obi pendente, provavelmente far-vos-ia pensar numa boneca japonesa, enquanto a gueixa pareceria mais simples, talvez, mas também mais mulher.

O dia em que troquei de colarinho foi um dos mais felizes na vida da Mãe; ou, pelo menos, comportou-se como estando mais contente do que alguma vez eu a vira. Na altura não o compreendi bem, mas torna-se-me agora completamente claro o que ela estava a pensar. Sabem que, uma gueixa, ao contrário de uma aprendiz, fica disponível para um homem para mais do que apenas servir-lhe o chá, desde que as condições sejam apropriadas. Dado a minha relação com Mameha e a minha popularidade em Gion, o meu estatuto era tal que a Mãe tinha muitos motivos para estar excitada - excitação sendo, no caso dela, apenas outra palavra para dizer dinheiro.

Desde que me mudei para Nova Iorque aprendi o que a palavra «gueixa» significa, de facto, para a maioria dos ocidentais. De tempos a tempos, nalgumas festas elegantes, fui apresentada a uma ou outra jovem com vestidos e jóias esplêndidas. Quando ela descobre que eu em tempos já fui gueixa em Quioto, forma na boca uma espécie de sorriso, embora os cantos não se levantem exactamente como deviam. Fica sem saber o que dizer! E então o peso da conversa recai sobre o homem ou a mulher que nos apresentou - porque de facto nunca aprendi muito inglês, mesmo depois destes anos todos. Claro que, por essa altura nem vale a pena sequer tentar, porque aquela mulher está a pensar: «Meu Deus... Estou a falar com uma prostituta...» Um instante mais tarde descobre-se salva pelo seu acompanhante, um homem rico com mais uns vinte ou trinta anos do que ela. Bom, muitas vezes dou comigo a perguntar-me porque é que ela não

conseguir perceber quanto temos de facto em comum. Ela é uma mulher sustentada, sabem, e no meu tempo, eu também o era.

Tenho a certeza de que há imensas coisas que eu não sei sobre estas mulheres jovens nos seus vestidos esplêndidos, mas muitas vezes tenho a impressão de que, sem os seus maridos ou namorados ricos, muitas delas estariam a lutar para se governarem e poderiam não ter a mesma orgulhosa opinião sobre si próprias. É claro que o mesmo se passa com uma gueixa de primeira classe. Fica muito bem a uma gueixa poder andar de festa em festa e ser popular junto de muitos homens; mas uma gueixa que deseje tornar-se numa estrela fica completamente dependente do facto de ter um *danna*. Até Mameha, que se tornou famosa por si própria devido a uma campanha de publicidade, em breve teria perdido o seu estatuto e sido apenas mais uma gueixa se o Barão não lhe tivesse pago as despesas para lhe promover a carreira.

Não mais do que três semanas depois de eu ter trocado de colarinho, a Mãe veio ter comigo um dia enquanto eu estava a comer um almoço rápido na sala de recepções, e sentou-se do outro lado da mesa durante um grande bocado a dar passas no seu cachimbo. Eu tinha estado a ler uma revista, mas parei por delicadeza - embora a princípio a Mãe não parecesse ter muita coisa para me dizer. Passado um bocado, pousou o cachimbo e disse:

- Não devias comer essas conservas amarelas. Vão fazer-te apodrecer os dentes. Olha o que fizeram aos meus.

Nunca me tinha ocorrido que a Mãe acreditasse que os seus dentes manchados tinham alguma coisa a ver com comer conservas. Quando acabou de me dar uma boa perspectiva da sua boca, pegou no cachimbo outra vez e inspirou mais uma fumaça.

- A Tia adora conservas amarelas, Minha Senhora - disse eu - e os dentes dela estão bons.

- A quem interessa se os dentes da Tia estão bons ou não? Ela não faz dinheiro por ter uma boquinha bonita. Diz à cozinheira para não tas dar a ti. De qualquer maneira, não vim aqui para falar contigo de conservas. Vim para te dizer que por esta altura no próximo mês vais ter um *danna*.

- Um *danna*? Mas, Mãe, só tenho dezoito anos...

- Hatsumomo só teve um *danna* quando chegou aos vinte. É claro que, não durou muito... Devias estar muito contente.

- Oh, estou muito contente. Mas não vai ser preciso muito do meu tempo para fazer feliz um *danna*? Mameha acha que eu devia estabelecer primeiro a minha reputação, só por alguns anos.

- Mameha! O que é que ela percebe de negócios? Da próxima vez que eu quiser saber quando é que tenho que dar uns risinhos numa festa então vou-lhe perguntar.

Hoje em dia, as raparigas novas, mesmo no Japão, estão habituadas a saltar da mesa e gritar com as mães, mas no meu tempo fazíamos uma vénia e dizíamos: «Sim, Minha Senhora» e pedíamos desculpa por ter causado problemas; e foi exactamente assim que eu reagi.

- Deixa comigo as decisões de negócios - continuou a Mãe. - Só um louco iria ignorar a oferta como a que Nobu Toshikazu fez.

O coração quase me parou quando ouvi isto. Calculo que seria óbvio que Nobu se iria propor um dia como meu *danna*. Apesar de tudo, ele tinha feito uma oferta pela minha *mizuage* alguns anos antes, e desde então seguramente pedira a minha companhia com maior frequência do que qualquer outro homem. Não posso pretender que não tinha pensado nesta possibilidade; mas isso não quer dizer que alguma vez acreditasse que seria esse o curso que a minha vida iria de facto tomar. No dia em que encontrei Nobu

pela primeira vez no torneio de Sumo, a leitura do meu almanaque tinha sido: «Um equilíbrio entre o bom e mau pode abrir as portas ao destino.» Quase todos os dias desde então pensava nisto de uma maneira ou de outra. Bom e mau... bom, era Mameha e Hatsumomo; era a minha adopção pela Mãe e a mizuage que a tinha provocado; e claro era o Director e Nobu. Não pretendo sugerir que não gostava de Nobu. Pelo contrário. Mas tornar-me amante dele ter-me-ia fechado a vida ao Director para sempre.

A Mãe deve ter reparado em qualquer coisa do choque que senti ao ouvir as palavras dela - ou, em qualquer caso, não ficou satisfeita com a minha reacção. Mas antes que ela pudesse recompor-se, ouvimos um barulho no átrio de entrada do lado de fora, como se alguém estivesse a suprimir uma tosse, e num instante Hatsumomo entrou pela porta aberta. Segurava uma taça de arroz, o que era muito mal educado da parte dela - nunca deveria ter-se levantado da mesa com ela na mão. Quando acabou de engolir, deixou sair uma gargalhada.

- Mãe - disse. - Está a tentar fazer com que eu me engasgue? - Aparentemente estivera a ouvir a nossa conversa enquanto comia o seu almoço. - Então a famosa Sayuri vai ter Nobu Toshikazu como seu dannu - continuou ela. - Mas que querido!

- Se vieste até aqui para dizer qualquer coisa de útil, di-lo - retorquiu-lhe a Mãe.

- Sim, vim - disse gravemente Hatsumomo, e então entrou e ajoelhou-se à mesa. - Sayuri-san, podes não te aperceber disso, mas uma das coisas que acontece entre uma gueixa e o seu dannu pode levar a que uma gueixa acabe grávida, compreendes? E um homem ficará muito aborrecido se a sua amante der vida ao filho de outro homem. No teu caso, tens de ser especialmente cuidadosa, porque Nobu saberá de imediato, se acontecer que a criança tenha dois braços como o resto de nós, que não pode ser sua!

Hatsumomo achou que a sua piadinha tinha sido muito engraçada.

- Talvez tu devesse cortar um dos teus braços, Hatsumomo - disse a Mãe - se isso te fizer ter tanto sucesso como fez a Nobu Toshikazu.

- E talvez também ajudasse, se a minha cara fosse parecida com a dele! - disse ela, sorrindo, e pegou na sua taça de arroz para que pudéssemos ver o que estava lá dentro. Ela estava a comer arroz misturado com feijões azuis adzuki e, de uma maneira nojenta, parecia pele com bolhas.

À medida que a tarde passava comecei a sentir-me tonta, com um estranho zumbido na cabeça, e em breve fiz o caminho até ao apartamento de Mameha para falar com ela. Sentei-me ali à mesa, a beberricar o meu chá de cevada gelado - porque estávamos no pino do Verão - e a tentar não lhe mostrar como me sentia. Chegar ao Director tinha sido a única esperança que me tinha motivado durante todo o meu treino. Se a minha vida não ia ser nada mais do que Nobu, e recitais de dança, e noite após noite em Gion, eu não conseguia pensar porque é que tinha lutado tanto.

Mameha já esperara um bom bocado para perceber porque é que eu lá tinha ido, mas quando pousei o meu copo de chá sobre a mesa, tive medo que a minha voz se partisse se tentasse falar. Levei mais uns instantes para me recompor, e por fim engoli e pude dizer:

- A Mãe diz-me que dentro de um mês é provável que eu tenha um dannu.

- Sim, eu sei. E o dannu vai ser Nobu Toshikazu.

Nesta fase eu estava a concentrar-me com tanta força para me impedir de chorar, que já não conseguia articular palavra.

- Nobu-san é um bom homem - disse ela - e gosta muito de ti.

- Sim, mas, Mameha-san... Não sei como o dizer... não era nada disto que eu imaginava!

- O que queres dizer com isso? Nobu-san sempre te tratou com bondade.

- Mas, Mameha-san, eu não quero bondade!

- Não? Eu pensava que todos queríamos bondade. Talvez o que tu queiras dizer é que queres mais qualquer coisa além da bondade. E isso é algo que não estás em posição de pedir.

Claro que Mameha tinha toda a razão. Quando ouvi estas palavras, as lágrimas simplesmente rebentaram-me através da frágil parede que as segurava, e com um terrível sentimento de vergonha, pousei a cabeça sobre a mesa e deixei que se esgotassem. Só depois de me ter recomposto é que Mameha voltou a falar.

- O que é que esperavas, Sayuri?

- Mais alguma coisa além disto!

- Compreendo que possas achar que é difícil olhar para Nobu, talvez. Mas...

- Mameha-san, não é isso. Nobu-san é um bom homem, como diz. Mas acontece que...

- Acontece que querias que o teu destino fosse como o de Shizue. Não é?

Shizue, embora não fosse uma gueixa particularmente popular, era considerada por toda a gente em Gion a mais feliz das mulheres. Durante trinta anos tinha sido a amante de um farmacêutico. Ele não era um homem rico, e ela não era uma beleza; mas podiam ter procurado por toda a Quioto e não teriam encontrado duas pessoas que gostassem tanto da companhia uma da outra como eles. Como de costume, Mameha tinha chegado mais perto da verdade do que eu gostaria de admitir.

- Tu tens dezoito anos, Sayuri - continuou ela. - Nem tu nem eu podemos saber qual é o teu destino. Podes nunca vir a sabê-lo! O destino nem sempre é como uma festa ao fim da noite. Às vezes não é mais do que lutar a vida toda dia após dia.

- Mas, Mameha-san, é tão cruel!

- Sim, é cruel - disse ela. - Mas nenhuma de nós pode fugir ao destino.

- Por favor, não é uma questão de escapar ao meu destino, ou qualquer coisa desse género. Nobu-san é um bom homem, como disse. Eu sei que não devia sentir mais do que gratidão pelo interesse dele, mas... há tantas coisas com que eu sonhei.

- E tens medo que uma vez que Nobu te tenha tocado, depois disso elas nunca se possam realizar? Na verdade, Sayuri, o que é que pensaste que seria a vida como gueixa? Nós não nos tornamos gueixas para que as nossas vidas sejam agradáveis. Tornamo-nos gueixas porque não temos outra alternativa.

- Oh, Mameha-san... por favor... tenho sido assim tão tonta por manter vivas as minhas esperanças de que talvez um dia...

- As raparigas novas têm esperanças pelas coisas mais tontas, Sayuri. As esperanças são como os ornamentos do cabelo. As raparigas gostam de usar muitos ao mesmo tempo. Quando ficam velhas, parecem tontas usando até apenas um.

Eu estava determinada a não perder outra vez o controle dos meus sentimentos. Consegui aguentar todas as minhas lágrimas excepto as poucas que saíam de mim como resina de uma árvore.

- Mameha-san - disse eu -, experimenta... sentimentos fortes pelo Barão?

- O Barão tem sido um bom dannu para mim.

- Sim, claro que isso é verdade, mas tem sentimentos para com ele enquanto homem? Quero dizer, algumas gueixas têm sentimentos para com os seus dannu não têm?

- A relação do Barão comigo é conveniente para ele, e muito benéfica para mim. Se os nossos acordos estivessem tingidos de paixão.., bom, a paixão pode rapidamente deslizar para o ciúme, até mesmo para o ódio. Seguramente que não me posso dar ao luxo de ter um homem poderoso zangado comigo. Há anos que ando a lutar para esculpir um lugar para mim em Gion, mas se um homem poderoso decidir destruir-me, bom, ele fá-lo-á! Se queres ter êxito, Sayuri, tens que ter a certeza de que os sentimentos dos homens estão sempre sob o teu controle. O Barão pode ser difícil de aturar às vezes, mas tem muito dinheiro, e não tem medo de o gastar. E não quer ter filhos, graças aos Céus. Nobu irá certamente ser um desafio para ti. Ele sabe demasiado bem o que quer. Não me surpreenderia se ele esperasse mais de ti do que o Barão espera de mim.

- Mas, Mameha-san, e os seus próprios sentimentos? Quero dizer, nunca houve assim um homem...

Queria perguntar-lhe se alguma vez tinha havido um homem que acordasse nela sentimentos apaixonados. Mas podia ver que a irritação dela comigo, se até ali fora apenas um botão, agora tinha florescido completamente. Ela levantou-se com as mãos no colo; creio que estava à beira de me dar um raspanete, mas pedi imediatamente desculpa pela minha indelicadeza, e ela sentou-se outra vez.

- Tu e Nobu têm um en, Sayuri, e não lhe podes escapar - disse ela.

Eu sabia até mesmo naquela altura que ela tinha razão. Um en é um laço kármico que dura uma vida inteira. Hoje em dia muitas pessoas parecem acreditar que as suas vidas são inteiramente uma questão de escolhas; mas, no meu tempo, nós víamo-nos como peças de barro que guardam para sempre as impressões digitais de todas as pessoas que as tocaram. O toque de Nobu tinha feito uma impressão mais profunda em mim que a maioria das outras. Ninguém me podia dizer se ele seria o meu último destino, mas eu tinha sempre sentido o en entre nós. Algures na paisagem da minha vida, Nobu estaria sempre presente. Mas poderia isso na verdade querer dizer que de todas as lições que eu tinha aprendido, a mais difícil estaria ainda diante de mim? Teria eu realmente que pegar em cada uma das minhas esperanças e guardá-las onde ninguém nunca mais as voltasse a ver de novo, onde nem sequer eu as poderia voltar a ver?

- Regressa à okiya, Sayuri - disse-me Mameha. - Prepara-te para a noite que te espera. Não há nada como o trabalho para ajudar a ultrapassar um desapontamento.

Olhei para ela, para cima, com a intenção de fazer um último apelo, mas quando lhe vi a expressão do rosto, pensei melhor. Não posso dizer em que estaria a pensar; mas parecia-me que espreitava o nada com a sua cara de um oval perfeito enrugada junto ao canto dos olhos e da boca pela tensão. E depois deixou sair um suspiro profundo, e ficou a olhar para a taça de chá com o que eu achei ser um olhar de amargura.

\* \* \*

Uma mulher a viver numa casa grandiosa pode orgulhar-se de todas as suas belas coisas; mas no momento em que ouve o crepitar do fogo decide muito rapidamente quais são as poucas que mais valor têm para si. Nos dias a seguir a Mameha e eu termos falado, certamente que eu tinha a sensação de que a minha vida se estava a incendiar à minha volta; e no entanto, quando lutei para encontrar apenas uma única coisa que fosse ainda importante para mim depois de Nobu se ter tornado o meu danna, lamento dizer que falhei. Uma noite, quando eu estava ajoelhada a uma mesa na casa de chá Ichiriki, tentando não pensar demasiado nos meus sentimentos de infelicidade, veio-me a imagem súbita de uma criança perdida nos bosques cobertos de neve; e quando olhei para cima, para os homens de cabeça branca que estava a entreter, e eles ali à minha volta pareciam-se todos tanto com árvores com a copa coberta de neve que, por um instante de horror, eu senti que podia ser o único ser vivo em todo o mundo.

As únicas festas em que conseguia convencer-me de que a minha vida poderia ainda ter um

objectivo, embora pequeno, eram aquelas aonde iam os militares. Já em 1938 nos tínhamos todas habituado aos relatórios diários sobre a guerra na Manchúria; éramos recordadas todos os dias das nossas tropas além-mar por coisas como a chamada caixa do almoço Sol Nascente - que era uma ameixa de conserva no meio de uma caixa de arroz, parecendo a bandeira japonesa. Durante várias gerações, os oficiais do exército e da marinha tinham vindo até Gion para se descontraírem. Mas agora começavam a contar-nos, com olhos cheios de água depois da sua sétima ou oitava taça de saqué, que nada os animava tanto quanto as suas visitas a Gion. Provavelmente isto era o tipo de coisas que os oficiais dizem às mulheres com quem falam. Mas a ideia de que eu - que não era mais do que uma jovem rapariga da beira-mar - pudesse verdadeiramente andar a contribuir com algo de importante para a nação... Não vou pretender que estas festas contribuíssem de alguma maneira para diminuir o meu sofrimento; mas ajudavam a lembrar-me de como esse meu sofrimento era realmente egoísta.

Passaram algumas semanas, e então numa noite, num átrio da Ichiriki, Mameha sugeriu que tinha chegado o momento de cobrar a aposta que tinha feito com a Mãe. Tenho a certeza de que se recordarão que as duas tinham apostado quanto às minhas dívidas estarem pagas antes de eu fazer vinte anos. Como aconteceu, claro, elas já tinham sido pagas embora eu tivesse apenas dezoito anos. «Agora que trocaste de colarinho» disse-me Mameha. «Não vejo qualquer motivo para esperar mais»

Isto foi o que ela disse, mas acho que a verdade era mais complicado. Mameha sabia que a Mãe odiava pagar dívidas, e odiaria ainda mais quando a parada em jogo subisse mais ainda. Os meus vencimentos subiriam consideravelmente depois de eu ter arranjado um danná; era certo que a Mãe se tornaria ainda mais protectora do investimento. Tenho a certeza de que Mameha achou melhor cobrar o que lhe era devido o mais depressa possível, e preocupar-se com os ganhos futuros.

Vários dias depois, fui convocada lá abaixo à sala de recepções da nossa okiya para descobrir Mameha e a Mãe uma de cada lado da mesa, conversando sobre o tempo veranil. Ao lado de Mameha estava uma mulher grisalha chamada Sra. Okada, a quem eu tinha encontrado várias vezes. Era a patroa da okiya onde Mameha vivera antes, e ainda tomava conta da contabilidade de Mameha em troca de uma percentagem dos ganhos dela. Eu nunca a tinha visto com um ar tão sério, a espreitar para a mesa sem qualquer interesse na conversa.

- Aqui está ela! - disse-me a Mãe. - Amavelmente a tua irmã mais velha veio visitar-nos, e trouxe com ela a Sra. Okada. Decerto que lhes deves a cortesia de te juntares a nós.

A Sra. Okada falou, com os olhos ainda em cima da toalha.

- Sra. Nitta, como Mameha deve ter referido ao telefone, isto é mais uma visita de negócios que social. Não há necessidade de que Sayuri se junte a nós. Tenho a certeza de que ela tem outras coisas para fazer.

- Não vou permitir que ela mostre falta de respeito para convosco - respondeu a Mãe. - Juntar-se-á a nós à mesa durante os poucos minutos em que aqui estiverem.

Por isso acomodei-me ao lado da Mãe, e a criada entrou para servir o chá. Depois Mameha disse:

- Deve estar muito orgulhosa, Sra. Nitta, por a sua filha estar a ter tanto sucesso. As fortunas dela ultrapassaram as expectativas! Não acha?

- Bom, e agora, quais serão as suas expectativas, Mameha? - disse a Mãe. Depois disto cerrou os dentes e deu uma das suas gargalhadas peculiares, olhando para cada uma de nós à vez, para se assegurar de que tínhamos apreciado a sua esperteza. Ninguém se riu com ela, e a Sra. Okada limitou-se a ajustar os óculos e a pigarrear. Por fim a Mãe acrescentou: - Quanto às minhas próprias expectativas,



seguramente não diria que Sayuri as ultrapassou.

- Quando primeiro discutimos as hipóteses dela, há um número de anos atrás - disse Mameha - fiquei com a impressão de que não a tinha em grande conta. Até estava relutante em aceitar que eu a treinasse.

- Não tinha a certeza de que seria seguro pôr o futuro de Sayuri nas mãos de alguém exterior à okiya, se me perdoa - disse a Mãe. - Nós temos a nossa Hatsumomo, como sabem.

- Oh, vá lá, Sra. Nitta! - disse Mameha com uma gargalhada. - Hatsumomo teria mais depressa estrangulado a pobre rapariga do que treinado!

- Admito que Hatsumomo pode ser difícil. Mas quando se descobre uma rapariga como Sayuri com alguma coisa de diferente, é preciso estar-se segura para se tomarem as decisões certas nas alturas certas, tal como o contrato que nós, a Mameha e eu fizemos. Calculo que tenha vindo aqui hoje para liquidar a sua conta?

- A Sra. Okada tem sido muito amável e tomado nota dos números - respondeu Mameha. - Eu ficaria grata se lhes desse uma olhadela.

A Sra. Okada endireitou os óculos e retirou um livro de contabilidade de um saco que tinha junto aos joelhos. Mameha e eu ficámos sentadas em silêncio enquanto ela o abria sobre a mesa e explicava as suas colunas de números à Mãe.

- Estes são os números relativamente aos ganhos de Sayuri durante o último ano - interrompeu a Mãe. - Meu Deus, só gostaria de termos sido tão afortunadas como parecem pensar! São ainda mais elevados do que o total dos ganhos da nossa okiya toda.

- Sim, os números são impressionantes - disse a Sra. Okada - mas creio que estão correctos. Mantive uma escrita muito acurada através das informações do Registo de Gion.

A Mãe cerrou os dentes e riu-se a isto, calculo porque tenha ficado embaraçada por ter sido apanhada a mentir.

- Talvez eu não tenha verificado as contas tão cuidadosamente quanto deveria - disse ela.

Dez ou quinze minutos depois as duas mulheres ficaram de acordo quanto a um número representando o total dos meus ganhos desde a minha iniciação. A Sra. Okada pegou num pequeno ábaco que trazia na mala e fez alguns cálculos, escrevendo números numa página em branco do livro de contabilidade. Por fim ela registou um número final e sublinhou-o.

- Pronto, aqui está, é este o valor que Mameha tem direito a receber.

- Considerando o modo como ela tem sido útil a Sayuri - disse a Mãe - tenho a certeza que Mameha-san merece ainda mais. Infelizmente, de acordo com o que combinámos, Mameha tinha concordado em receber metade do que uma gueixa na posição dela poderia normalmente cobrar, até que Sayuri tivesse pago todas as suas dívidas. Agora que as dívidas estão pagas, é evidente que Mameha terá direito à outra metade, de modo a receber o valor na totalidade.

- O que eu entendi é que Mameha concordou em receber metade dos honorários - disse a Sra. Okada - mas, em última instância, deveria ser paga pelo dobro. Foi por isso que ela concordou em correr o risco. Se Sayuri tivesse falhado no pagamento das suas dívidas, Mameha não teria recebido mais do que metade dos honorários. Mas Sayuri pagou, e Mameha tem direito ao dobro.

- De facto, Sra. Okada, como pode ter imaginado que eu concordasse com tais termos? - disse a Mãe. - Toda a gente em Gion sabe como eu sou cuidadosa com o dinheiro. É de facto verdade que Mameha foi muito útil à nossa Sayuri. Mas não posso de modo algum pagar o dobro, mas gostaria de

propor oferecer uns dez por cento adicionais. Se me permitem que o diga, parece-me generoso, considerando que a nossa okiya não está de modo algum numa posição que lhe permita esbanjar dinheiro por aí descuidadamente.

A palavra de uma mulher na posição da Mãe, deveria ter sido garantia suficiente - e com outra mulher qualquer excepto a Mãe, seguramente que teria sido. Mas agora que ela se tinha decidido a mentir... bom, ficámos todas sentadas em silêncio durante um longo momento. Por fim a Sra. Okada disse:

-Sra. Nitta, está a colocar-me numa posição muito difícil. Eu recordo-me muito claramente do que Mameha me disse.

- Claro que recorda - disse a Mãe. - Mameha tem a memória dela da conversa, e eu tenho a minha. O que precisamos aqui é de um terceiro elemento, e felizmente, temo-lo aqui connosco. Sayuri podia ser apenas uma rapariguinha na altura, mas tem boa cabeça para números.

- Tenho a certeza de que a memória dela é excelente - notou a Sra. Okada. - Mas dificilmente se poderá dizer que não tem um interesse pessoal no assunto. Apesar de tudo, ela é a filha da okiya.

- Sim, de facto é - disse Mameha; e esta foi a primeira vez em que ela falou durante um grande bocado. - Mas ela também é uma rapariga honesta. Estou preparada para aceitar a resposta dela, desde que a Sra. Nitta também a aceite.

- Claro que aceito - disse a Mãe, e pousou o cachimbo. - Bom, Sayuri, então qual é a resposta?

Se me tivessem dado a escolher entre escorregar do telhado para partir o braço outra vez da mesma maneira que o tinha feito quando era miúda, ou ficar ali sentada naquela sala até dar uma resposta à pergunta que me estavam a fazer, seguramente que teria corrido pelas escadas acima e trepado pelo escadote até ao telhado. De todas as mulheres em Gion, Mameha e a Mãe eram as mais influentes na minha vida, e era evidente para mim que ia fazer uma delas ficar zangada comigo. Na minha cabeça eu não tinha dúvidas sobre a verdade; mas por outro lado, tinha que continuar a viver na okiya com a Mãe. Claro que Mameha tinha feito mais por mim que qualquer outra pessoa em Gion. Dificilmente poderia tomar o lado da Mãe contra ela.

- Então? - disse-me a Mãe.

- Segundo me recordo, Mameha aceitou receber apenas metade dos honorários. Mas a Mãe concordou em pagar-lhe o dobro no fim. Lamento, mas é assim que me recordo.

Houve uma pausa, e depois a Mãe disse:

- Bom, já não sou tão nova como era. Já não é a primeira vez que a minha memória me prega uma partida.

- Todos nós temos esse tipo de problemas de tempos a tempos - respondeu a Sra. Okada. - Agora, Sra. Nitta, que conversa era essa de oferecer a Mameha uns dez por cento adicionais? Calculo que se referia a dez por cento sobre o dobro que originalmente tinha combinado pagar-lhe.

- Era bom que eu estivesse em posição de fazer uma coisa dessas - disse a Mãe.

- Mas acabou de os oferecer há apenas um momento. Seguramente que não mudou de ideias assim tão depressa?

A Sra. Okada já não estava mais a olhar para a toalha, mas fixava directamente a Mãe. Após um longo momento, disse:

- Calculo que teremos que ficar assim. De qualquer maneira, já fiz o suficiente para um dia. Porque é que não nos encontramos noutra altura para discutir o número final?

A Mãe estava com uma expressão severa na cara, mas fez uma pequena vénia acenando o consentimento e agradeceu às duas por terem vindo.

- Tenho a certeza de que deve estar muito contente - disse a Sra. Okada, enquanto guardava o ábaco e o livro de contabilidade - que Sayuri em breve venha a tomar um dannu. E apenas aos dezoito anos de idade! Tão nova para dar um passo tão grande.

- Mameha teria feito bem em ter tomado ela própria um dannu nessa idade - respondeu a Mãe.

- Aos dezoito anos é um bocado cedo para a maioria das raparigas - disse Mameha - mas tenho a certeza de que a Sra. Nitta tomou a decisão certa no caso de Sayuri.

A Mãe ficou a dar umas passas no cachimbo durante alguns momentos, espreitando para Mameha por cima da mesa.

- O conselho que lhe dou, Mameha-san - disse ela - é que se limite a ensinar Sayuri sobre a maneira mais bonita de revirar os olhos. Quando toca a decisões de negócios, pode deixá-las comigo.

- Nunca teria a presunção de discutir negócios consigo, Sra. Nitta. Estou convencida que tomou essa decisão com a melhor das intenções... Mas, posso perguntar-lhe? É verdade que a oferta mais generosa veio de Nobu Toshikazu?

- A oferta dele foi a única. Calculo que isso a torna a mais generosa.

- A única oferta? Mas que pena... Os acordos são tão mais favoráveis quando há vários homens a competir. Não acha?

- Como digo, Mameha-san, pode deixar as decisões de negócios comigo. Tenho em mente um plano muito simples para conseguir condições favoráveis com Nobu Toshikazu.

- Se não se importa - disse Mameha - estou ansiosa por ouvi-lo.

A Mãe pousou o cachimbo sobre a mesa. Pensei que ia repreender Mameha, mas de facto ela disse:

- Sim, gostaria de lho contar, agora que o refere. Talvez me possa ajudar. Tenho andado a pensar que Nobu Toshikazu será mais generoso se descobrir que um aquecedor da Companhia Eléctrica Iwamura matou a nossa Avó. Não acha?

- Oh, eu percebo muito pouco de negócios, Sra. Nitta.

- Talvez Mameha ou Sayuri o pudessem deixar cair a meio de uma conversa da próxima vez que estiverem com ele. Deixá-lo saber o golpe terrível que foi. Calculo que ele nos queira compensar por isso.

- Sim, acho que é capaz de ser uma boa ideia - disse Mameha.

- Porém, é desanimador... Tinha a impressão que outro homem tinha mostrado interesse em Sayuri.

- Cem ienes são cem ienes, vindos de um homem ou de outro.

- Isso seria verdade na maioria dos casos - disse Mameha - mas o homem em quem eu estava a pensar era o general Tottori Junnosuke...

Nesta altura da conversa, perdi o rasto ao que as duas estavam a dizer; porque eu tinha começado a aperceber-me de que Mameha estava a fazer um esforço para me salvar de Nobu. Decerto que não esperava uma coisa daquelas. Não conseguia imaginar se ela tinha mudado de ideias quanto a ajudar-me, ou se me estava a agradecer por eu ter tomado o lado dela contra a Mãe... Claro que era possível que não estivesse de facto sequer a tentar ajudar-me, mas tivesse qualquer outra intenção. A minha mente

continuou a perseguir estes pensamentos até que senti que a Mãe me estava a bater no braço com a haste do cachimbo dela.

- Então? - disse ela.

- Minha Senhora?

- Perguntei-te se conheces o General.

- Já o encontrei algumas vezes, Mãe - disse eu. - Vem muitas vezes a Gion.

Não sei porque é que dei esta resposta. A verdade é que eu tinha encontrado o General mais do que algumas vezes. Vinha a festas em Gion todas as semanas, embora sempre como convidado de outro qualquer. Era assim um bocado para o pequeno - de facto, mais pequeno que eu. Mas não era o tipo de pessoa que se pudesse ignorar, da mesma maneira que não se pode ignorar uma metralhadora. Movia-se de uma maneira muito brusca e estava sempre a dar passas num cigarro atrás do outro, de maneira que farrapos de fumo flutuavam no ar à volta dele como as nuvens por cima de um comboio atrasando-se sobre os trilhos. Uma noite, um pouco embriagado, fora quando o General tinha ficado a falar comigo pelo período mais longo sobre todas as patentes do exército e achou muito engraçado que eu estivesse sempre a baralhá-las. A patente do próprio general Tottori era sho-jo, que significa «pequeno general» - isto quer dizer, o mais baixo dos generais - e rapariga tonta como eu era, tive a impressão de que não era muito alto. Ele poderia ter minimizado a importância da sua patente por modéstia, e eu não podia fazer mais nada senão acreditar nele.

Entretanto, Mameha contava à Mãe que o General tinha acabado de ser promovido. Ficara encarregado de uma coisa chamada «abastecimento militar» - embora como Mameha o continuasse a explicar, o trabalho parecesse pouco mais que o de uma dona-de-casa indo ao mercado. Se o exército tinha falta de almofadas para carimbos, por exemplo, o trabalho do General era garantir que fossem entregues as almofadas para carimbos que eram precisas, e a um preço muito favorável.

- Com este seu novo trabalho - disse Mameha - o General está agora em posição de pela primeira vez tomar uma amante. E tenho quase a certeza que se mostrou muito interessado em Sayuri.

- Porque é que me interessaria a mim se ele se mostrou interessado em Sayuri ou não? - Disse a Mãe. - Estes militares nunca tomam conta de uma gueixa da mesma maneira que um aristocrata ou um homem de negócios o faz.

- Isso pode ser verdade, Sra. Nitta. Mas penso que vai achar que a nova posição do General Tottori pode ser de grande utilidade para a okiya.

- Disparate! Eu não preciso de ajuda para tomar conta da okiya. Tudo o que eu preciso é uma renda fixa e generosa, e isso é uma coisa que um militar não pode dar-me.

- Nós aqui em Gion temos tido sorte até agora - disse Mameha. - Mas as faltas vão afectar-nos, se a guerra continuar.

-Tenho a certeza que sim, se a guerra continuasse - disse a Mãe. - Esta guerra vai acabar dentro de seis meses.

- E quando acabar, os militares ficarão numa posição mais forte do que nunca. Sra. Nitta, por favor não se esqueça de que o General Tottori é o homem que supervisiona todos os recursos do exército. Ninguém no Japão está em melhor posição para a prover de tudo o que puder desejar, quer a guerra continue ou não. Ele aprova todos os artigos que passam por todos os portos do Japão.

Como mais tarde soube, o que Mameha tinha dito acerca do General Tottori não era completamente verdade. Ele estava apenas encarregado de uma das cinco áreas administrativas. Mas era

hierarquicamente superior aos homens que supervisionavam as outras regiões, por isso também poderia bem ser considerado seu chefe. Em qualquer caso, deviam ter visto como a Mãe se comportou depois de Mameha ter dito isto. Podia quase ver-se a cabeça dela a trabalhar enquanto pensava na possibilidade de ter o apoio de um homem na posição do General Tottori. Lançou um olhar ao bule de chá, e eu conseguia imaginá-la a pensar: «Bom, não tenho tido qualquer trabalho em arranjar chá; ainda não... embora o preço tenha subido...». E então, provavelmente sem mesmo se aperceber do que estava a fazer, pôs uma mão dentro do obi e apertou a sua saca de tabaco em seda para ver quanto lhe restava ainda.

\* \* \*

A Mãe passou a semana seguinte a passear por Gion e fazendo telefonemas uns atrás dos outros para saber o mais que podia sobre o General Tottori. Estava tão absorvida com esta tarefa que às vezes quando eu falava com ela, parecia não me ouvir. Acho que andava tão ocupada com os seus pensamentos, que a mente dela era como um comboio a puxar carruagens demais.

Durante este período continuei a ver Nobu sempre que ele vinha a Gion, e fiz o melhor que podia para me comportar como se nada tivesse mudado. Provavelmente ele teria esperado que eu fosse a amante dele por meados de julho. Seguramente que eu o esperava; mas mesmo quando o mês chegou ao fim, as negociações dele pareciam não estar a conduzir a lado algum. Várias vezes durante as semanas seguintes dei com ele a olhar para mim confuso. E então, uma noite ele cumprimentou a patroa da casa de chá Ichiriki da maneira mais breve que alguma vez vira, passando por ela sem sequer fazer um aceno de cabeça. A patroa tinha sempre considerado Nobu como um cliente e lançou-me um olhar que a mostrava ao mesmo tempo surpreendida e preocupada. Quando me juntei à festa que Nobu estava a dar, não podia deixar de reparar nos sinais de cólera - um músculo que lhe tremia no maxilar, e uma certa brusquidão com que atirava com o saqué para dentro da boca. Não posso dizer que o culpava por se sentir como sentia. Pensei que ele me devia achar sem coração, por ter retribuído as suas muitas amabilidades com negligência. Eu caí num momento de depressão a pensar estes pensamentos, até que o som de uma taça de saqué pousada com um «tic» me acordou deles. Quando levantei a cabeça, Nobu estava a observar-me. Os convidados todos à volta dele estavam a rir e a divertir-se, e ali estava ele sentado com os olhos fixos em mim, tão perdido nos seus pensamentos como eu estivera nos meus. Éramos como dois pontos molhados no meio do carvão ardente.

\*

Durante o mês de Setembro desse ano, enquanto eu ainda tinha dezoito anos, o general Tottori e eu bebemos saqué juntos numa cerimónia na casa de chá Ichiriki. Era o mesmo ritual que eu antes executara com Mameha quando se tornou a minha irmã mais velha, e depois com o Dr. Caranguejo imediatamente antes da minha mizuage. Nas semanas seguintes, toda a gente felicitou a Mãe por ter feito uma aliança tão favorável.

Nessa mesma noite, depois da cerimónia, de acordo com as instruções do General fui para uma pequena estalagem a noroeste de Quioto chamada Suruya, que tinha apenas três quartos. Por esta altura eu já estava tão habituada a ambientes luxuosos que a pobreza da Suruya me surpreendeu. O quarto cheirava a bolor, e os tatami estavam tão inchados e ensopados que pareciam suspirar quando eu os pisava. O estuque tinha-se esboroadado para o chão num canto. Podia ouvir um velho a ler alto um artigo de uma revista no quarto ao lado. Quanto mais tempo ali estava ajoelhada, mais deslocada me sentia, por isso foi um verdadeiro alívio quando o General chegou por fim - mesmo apesar de ele não ter feito nada mais, depois de eu o ter cumprimentado, do que ligar o rádio e sentar-se a beber cerveja.

Passado um bocado ele desceu para ir tomar um banho. Quando regressou ao quarto, tirou logo o roupão e andou por ali completamente nu a esfregar o cabelo com uma toalha, com a sua barriguinha

redonda a espetar-se por baixo do peito, e uma grande mancha de pelo por baixo dela. Nunca antes tinha visto um homem nu, e achei o rabo pendurado do General quase cómico. Mas quando se virou para mim devo admitir que os meus olhos se dirigiram imediatamente para onde... bom, onde a sua «enguia» deveria ter estado. Havia uma coisa a abanar por ali, mas só quando o General se deitou de costas e me disse para tirar as minhas roupas é que começou a vir à superfície. Era uma jóia de homem, mas completamente sem vergonha quanto a dizer-me o eu que tinha que fazer. Eu receara ter tido que descobrir alguma maneira de lhe dar prazer, mas o que aconteceu foi que tudo se resumiu a seguir ordens. Naqueles três anos desde a minha mizuage, tinha-me esquecido do terror puro que sentira quando o médico por fim se baixara para entrar em mim. Recordava-me dele agora, mas o estranho era que agora já não sentia tanto terror como antes, apenas uma espécie de vaga repugnância. O General deixou o rádio ligado - e as luzes também, como se quisesse ter a certeza que eu via claramente a porcaria no quarto, sem esquecer a mancha de água no tecto.

A medida que os meses passavam, esta repugnância desapareceu, e os meus encontros com o General tornaram-se nada mais do que uma desagradável rotina bissemanal. As vezes perguntava-me como é que seria com o Director; e para dizer a verdade, receava um pouco que pudesse ser desagradável, tal como fora com o médico e com o General. Depois uma coisa aconteceu para me fazer ver o assunto de maneira diferente. Por esta altura, um homem chamado Yasuda Akira, que tinha aparecido em todas as revistas por causa do êxito de uma nova luz para bicicleta que ele tinha desenhado, começou a vir a Gion regularmente. Ainda não era recebido na Ichiriki e era provável que, em qualquer caso, não tivesse dinheiro para tal, mas passava três ou quatro noites por semana numa casa de chá pequenina chamada Tatematsu, na secção Tominagacho de Gion, não muito longe da nossa okiya. Encontrei-o pela primeira vez num banquete, uma noite durante a Primavera de 1939, quando eu tinha dezanove anos. Era tão mais novo que os homens à volta dele - provavelmente com não mais que trinta anos - que reparei logo nele assim que entrei na sala. Tinha o mesmo tipo de dignidade que o Director. Achei-o muito atraente, ali sentado com as mangas da camisa arregaçadas e o casaco atrás dele sobre os tapetes. Durante um momento observei um homem de idade ali próximo, que levantava os pauzinhos com um bocadinho de tofu grelhado e com a boca já o mais aberta que podia; deu-me a impressão de uma porta a ser aberta a fim de que uma tartaruga pudesse atravessá-la lentamente. Por contraste, fez-me ficar quase fraca ao ver a maneira como Yasuda-san, com o seu braço gracioso e escultural, pôs um bocado de carne grelhada na boca com os lábios sensualmente afastados.

Abri caminho por entre o círculo de homens, e quando cheguei junto dele e me apresentei, ele disse:

- Espero que me perdoe.
- Lhe perdoe? Porquê, o que é que fez? - perguntei-lhe.
- Fui muito indelicado - respondeu ele. - Não fui capaz de desviar os olhos de si a noite toda.

Num impulso meti a mão no obi à procura do meu porta cartões de brocado que guardava ali, e discretamente retirei um cartão, que lhe entreguei. As gueixas trazem sempre cartões com o nome tal como os homens de negócios usam os seus. O meu era muito pequenino, metade do tamanho de um cartão de visita normal, impresso em papel de arroz grosso com apenas as palavras «Gion» e «Sayuri». Era Primavera, por isso eu trazia cartões decorados com um borrifado colorido de botões de flores de ameixa no fundo. Yasuda admirou-o por um momento antes de o guardar na algibeira da camisa. Eu tive a sensação de que nenhuma das palavras que pudéssemos dizer seriam tão eloquentes como esta simples interacção, por isso fiz-lhe uma vénia e continuei para o homem seguinte.

A partir desse dia, Yasuda-san começou a convidar-me para a casa de chá Tatematsu todas as

semanas para o entreter. Eu nunca era capaz de ir em tantas ocasiões quantas ele queria. Mas cerca de três meses depois de nos termos encontrado pela primeira vez, numa tarde ele trouxe-me um quimono como prenda. Senti-me muito lisonjeada, mesmo se na verdade não fosse um vestido muito sofisticado - tecido com seda de má qualidade e com cores algo excessivas, e com um padrão comum de flores e borboletas. Ele queria que eu o usasse em breve numa noite, e prometi-lhe que o faria. Mas quando regresssei com ele à okiya nessa noite, a Mãe viu-me a levar o pacote escadas acima e tirou-mo para dar uma olhadela. Escarneceu quando viu o vestido, e disse que não me queria ver numa coisa tão pouco atraente. Logo no dia seguinte, vendeu-o.

Quando descobri o que ela tinha feito, disse-lhe tão audaciosamente quanto ousava que o vestido me tinha sido dado a mim como prenda, e não à okiya, e que não estava certo que ela o tivesse vendido.

- Com certeza que era o teu vestido - disse ela. - Mas tu és filha da okiya. O que pertence à okiya pertence-te a ti, e o contrário também vale.

Fiquei tão zangada com a Mãe depois disto que nem conseguia obrigar-me a olhar para ela. Quanto a Yasuda-san, que queria ver o vestido em mim, disse-lhe que por causa das cores, e dos motivos de flores e borboletas, só o poderia usar logo no início da Primavera, e dado que já estávamos no Verão, ainda teria que passar um ano antes que ele me pudesse ver com ele. Não me pareceu ficar muito aborrecido com isto.

- O que é um ano? - disse, olhando para mim com olhos penetrantes. Esperaria muito mais, dependendo do que estivesse à espera.

Estávamos sozinhos na sala, e Yasuda-san pousou o seu copo de cerveja sobre a mesa de uma maneira que me fez corar. Procurou a minha mão, e eu deixei-o pegar-me nela esperando que a quisesse segurar entre as suas antes de a abandonar outra vez. Mas para minha surpresa, levou-a rapidamente aos lábios e começou a beijar a parte de dentro do meu pulso apaixonadamente, de uma maneira que eu podia senti-lo tão longe quanto os joelhos. Penso em mim como uma mulher obediente; até esta altura, no geral, eu tinha feito as coisas que me mandavam a Mãe, ou Mameha, ou até Hatsumomo quando não tinha alternativa; mas sentia uma tal combinação de cólera contra a Mãe e desejo por Yasuda-san que me resolvi naquele mesmo momento fazer exactamente aquilo que a Mãe me ordenara explicitamente para nunca fazer. Pedi-lhe para se encontrar comigo naquela mesma casa de chá à meia-noite, e deixei-o ali sozinho.

Um pouco antes da meia-noite regresssei e falei com uma jovem criada. Prometi-lhe uma soma de dinheiro indecente se ela conseguisse que ninguém nos perturbasse, a Yasuda-san e a mim, numa das salas do andar de cima durante meia hora. Eu já lá estava, à espera no escuro, quando a criada fez deslizar a porta e Yasuda-san entrou. Ele deixou cair a sua fedora sobre o tapete e obrigou-me a pôr-me de pé antes ainda de a porta se fechar.

Comprimir o meu corpo de encontro ao dele deu-me uma tal satisfação, que foi como uma boa refeição depois de um longo período de fome. Por maior que fosse a força com que ele se comprimia contra mim, eu comprimia-me ainda com mais. De alguma maneira não me chocou ver como experientemente as mãos dele se enfiavam pelas pregas da minha roupa para descobrir a minha pele. Não vou fingir que não vivi nenhum dos momentos desastrados a que estava habituada com o General, mas o certo é que não reparei neles da mesma maneira. Os meus encontros com o General recordavam-me de uma altura em criança, quando lutava por trepar a uma árvore para apanhar uma certa folha no topo. Era tudo uma questão de movimentos cuidadosos, suportando o desconforto até que por fim atingia o meu objectivo. Mas com Yasuda-san sentia-me como uma criança a correr livremente por um monte abaixo. Algum tempo depois, quando estávamos deitados exaustos os dois juntos sobre os tapetes, afastei a fralda

da camisa dele para o lado e pus-lhe a minha mão sobre o estômago para lhe sentir a respiração.

Nunca na minha vida tinha estado tão perto de outro ser humano, embora não tivéssemos dito uma palavra.

Foi só então que eu compreendi: era uma coisa ficar estendida quieta no futon à espera do médico ou do General. Seria uma coisa completamente diferente com o Director.

\* \* \*

A vida do dia-a-dia de muitas gueixas muda dramaticamente depois de arranjam um danná; mas no meu caso, quase não havia diferenças nenhuma. Ainda dava as voltas por Gion à noite tal como o fizera durante os últimos anos. De tempos a tempos, durante as tardes, ia em excursões, incluindo algumas muito peculiares, tais como acompanhar um homem de visita ao seu irmão no hospital. Mas quanto às mudanças que eu esperara - os recitais de dança importantes pagos pelo meu danná, prendas luxuosas dadas por ele, até um dia ou dois pagos de tempo de lazer - bom, nenhuma destas coisas aconteceu. Era exactamente como a Mãe dissera. Os militares não tomam conta de uma gueixa da mesma maneira que os homens de negócios ou os aristocratas o fazem.

O general pode ter trazido muito poucas mudanças à minha vida, mas era decerto verdade que a sua aliança com a okiya era valiosíssima, pelo menos do ponto de vista da Mãe. Ele cobria muitas das minhas despesas tal como um danná normalmente faz - incluindo os custos das minhas lições, a taxa do meu registo anual, as despesas médicas, e... oh, nem sei mais o quê - talvez as minhas meias. Mas mais importante ainda, a sua nova posição como director do abastecimento militar era tudo o que Mameha tinha sugerido, por isso fazia por nós coisas que nenhum outro danná poderia ter feito. Por exemplo, a Tia ficou doente em Março de 1939. Estávamos terrivelmente preocupadas com ela, e os médicos não ajudaram; mas depois de um telefonema ao general, um médico importante do hospital militar da Guarda de Kamigyo visitou-nos e forneceu à Tia um pacote de remédios que a curou. Por isso, embora o general não me tivesse enviado a Tóquio para recitais de dança, ou presenteado com pedras preciosas, ninguém poderia sugerir que a nossa okiya não prosperava com ele. Enviava carregamentos regulares de chá e açúcar, bem como chocolates, que estavam a rarear até em Gion. E claro, a Mãe tinha estado bem enganada quanto à guerra acabar em seis meses. Não o conseguíamos acreditar na altura, mas ainda nem sequer tínhamos começado a ver o princípio dos anos negros.

\* \* \*

Durante aquele Outono em que o General se tornou o meu danná,

Nobu deixou de me convidar para as festas em que tantas vezes eu o entretera. Em breve me apercebi de que tinha mesmo deixado com

pletamente de visitar a Ichiriki. Não conseguia pensar em nenhum motivo para ele fazer isto, a não ser que fosse para me evitar. Com um suspiro, a patroa da Ichiriki concordou que eu provavelmente tinha razão. Pelo Ano Novo escrevi uma carta a Nobu, como o fiz a todos os meus patronos, mas ele não respondeu. É fácil para mim agora olhar para trás e dizer casualmente quantos meses passaram; mas na altura, vivia angustiada. Sentia que tinha feito mal a um homem que me tinha tratado bondosamente - um homem em quem eu tinha chegado a pensar como amigo. O que era mais, sem o patronato de Nobu, eu já não era convidada para as festas da Companhia Eléctrica Iwamura, o que queria dizer que também não tinha hipóteses de me encontrar com o Director.

Claro que o Director ainda vinha regularmente à Ichiriki embora

Nobu não viesse. Vi-o uma noite calmamente a apresentar um associado mais jovem, a fazer gestos com uma caneta de tinta permanente para dar mais ênfase, e não ousei perturbá-lo para o



cumprimentar. Noutra noite, uma jovem aprendiz de ar preocupado chamada Naotsu, com uma desastrosa falta de jeito, estava a acompanhá-lo à casa de banho quando ele me avistou. Ele deixou Naotsu ali de pé para se aproximar e falar comigo. Trocámos as amabilidades do costume. Pensei que tinha visto, no seu sorriso ligeiro, o tipo de orgulho disfarçado que os homens muitas vezes parecem sentir quando olham para os seus próprios filhos. Antes que ele continuasse o seu caminho, eu disse-lhe:

- Director, se houver alguma noite em que a presença de uma gueixa ou duas possa ajudar...

Isto era um bocado ousado da minha parte, mas para meu alívio o Director não ficou ofendido.

- É uma ótima ideia, Sayuri - disse ele. - Eu pergunto por ti.

Mas as semanas passaram e ele não perguntava.

Uma noite, em fins de Março entrei numa festa muito animada dada pelo Governador da Prefeitura de Quioto numa casa de chá chamada Shunju. O Director estava lá, na ponta dos perdedores de um jogo de bebidas, parecendo exausto em mangas de camisa e com o nó da gravata meio desapertado. Na verdade, o Governador tinha perdido a maioria das rodadas, como vim a saber, mas aguentava melhor o saqué que o Director.

- Estou tão contente que estejas aqui, Sayuri - disse-me ele. - Tens que me ajudar. Estou com problemas.

Ver a pele macia da cara dele com manchas vermelhas, e os braços a sobressaírem das mangas arregaçadas, pensei logo em Yasuda-san naquela noite na casa de chá Tatematsu. Por um breve instante tive a sensação que naquela sala tudo se tinha desvanecido menos o Director e eu, e que no seu estado de ligeira embriaguez eu poderia inclinar-me para ele até que os braços dele me abraçassem, e pôr os meus lábios sobre os dele. Até tive um vislumbre de embaraço com receio de ter sido tão óbvia nos meus pensamentos que o Director os pudesse ter percebido... mas se assim foi, ele parecia considerar-me na mesma. Para o ajudar, tudo o que eu podia fazer era conspirar com outra gueixa para tornar mais lento o ritmo do jogo. O Director pareceu-me grato por isso, e quando tudo acabou, sentou-se e falou comigo durante um grande bocado, a beber copos de água para ficar sóbrio. Por fim pegou num lenço da algibeira, idêntico ao que eu tinha enfiado dentro do meu obi, e limpou a testa com ele, e depois alisou para trás o cabelo rijo antes de me dizer:

- Quando foi a última vez que falaste com o teu velho amigo Nobu?

- Já não falo há algum tempo, Director - disse eu. - Para dizer a verdade, tenho a impressão que Nobu-san pode estar zangado comigo.

O Director estava a olhar para baixo, para o lenço enquanto o voltava a dobrar.

- A amizade é uma coisa preciosa, Sayuri - disse ele. - Não a devemos deitar fora.

\* \* \*

Pensei muitas vezes nesta conversa durante as semanas que se seguiram. Então um dia, em finais de Abril, estava a fazer a maquilhagem para uma exibição das Danças da Velha Capital quando uma jovem aprendiz que eu mal conhecia veio falar comigo. Pousei o meu pincel de maquilhagem, esperando que ela me viesse pedir um favor - porque a nossa okiya ainda estava bem abastecida com coisas que outros em Gion tinham aprendido a viver sem elas. Mas em vez disso ela disse:

- Lamento imenso interrompê-la, Sayuri-san, mas o meu nome é Takazuru. Pensei que talvez me pudesse ajudar. Sei que houve uma altura em que era muito amiga de Nobu-san...

Depois de meses e meses a perguntar-me por ele, e a sentir-me terrivelmente envergonhada pelo que tinha feito, ouvir apenas o nome de Nobu quando menos o esperava foi como abrir as persianas de

protecção contra a tempestade e sentir a primeira brisa de ar.

- Devemos ajudar-nos uns aos outros sempre que podemos, Takazuru - disse eu. - E se há algum problema com Nobu-san, estou particularmente interessada. Espero que ele esteja bem.

- Sim, está bem, Minha Senhora, ou pelo menos acho que sim. Ele vem à casa de chá Awazumi, a Leste de Gion. Conhece-a?

- Oh, sim, conheço-a - disse eu. - Mas não fazia ideia de que Nobu-san lá fosse.

- Sim, Minha Senhora, e muitas vezes - disse-me Takazuru. - Mas... posso fazer-lhe uma pergunta, Sayuri-san? Conheceu-o durante muito tempo, e... bem, Nobu-san é um homem bondoso, não é?

- Takazuru-san, porque é que mo perguntas? Se tens passado tempo com ele, de certeza que já sabes se ele é bondoso ou não!

- Tenho a certeza que devo parecer tonta. Mas estou tão confusa! Ele pergunta por mim de cada vez que vem a Gion, e a minha irmã mais velha diz-me que ele como patrono é do melhor que uma rapariga poderia desejar. Mas agora está zangado comigo porque eu já chorei diante dele várias vezes. Sei que não o devia ter feito, mas nem sequer posso prometer que não o farei outra vez.

- Ele tem sido cruel para ti, é isso?

Em forma de resposta, a pobre Takazuru apertou os lábios que lhe tremiam, e num instante as lágrimas começaram a fazer-lhe um lago à beira das pálpebras, tanto que os seus olhinhos redondos pareciam olhar para cima para mim a partir de duas pocinhas.

- Às vezes Nobu-san não sabe como soa rude - disse-lhe eu. - Mas ele deve gostar de ti, Takazuru-san. De outro modo, porque perguntaria por ti?

- Eu acho que ele só pergunta por mim porque eu sou alguém com quem ele pode ser mau - disse ela. - Uma vez ele disse-me que o meu cabelo cheirava a limpo, mas depois disse-me que mudança agradável que isso não era.

- É estranho que o vejas tantas vezes - disse. - Eu há meses que ando a ver se o encontro.

- Oh, por favor, não, Sayuri-san! Ele já me diz como nada em mim é sequer tão bom como em si. Se ele a vir a si outra vez, ainda vai pensar pior de mim. Sei que não a devia incomodar com os meus problemas, Minha Senhora, mas... eu pensei que talvez soubesse de alguma coisa que eu pudesse fazer para lhe agradar. Ele gosta de conversas estimulantes, mas eu nunca sei o que dizer. Toda a gente me diz que não sou uma rapariga lá muito esperta.

As pessoas em Quioto são treinadas para dizer coisas assim; mas impressionou-me que esta pobre rapariga pudesse estar a dizer-me a verdade. Não me teria surpreendido se Nobu a considerasse como nada mais do que a árvore onde o tigre pode afiar as garras. Eu não conseguia pensar em nada que a ajudasse, por isso no fim sugeri que ela lesse um livro acerca de algum acontecimento histórico que Nobu pudesse achar interessante, e lhe contasse a história um bocadinho de cada vez quando se encontrassem. Eu própria já tinha feito este tipo de coisa de vez em quando - porque há homens que não gostavam de nada mais do que sentarem-se recostados com os olhos aguados e semi-cerrados, e ficarem a ouvir o som da voz de uma mulher. Não tinha bem a certeza de que pudesse funcionar com Nobu, mas Takazuru pareceu-me ficar muito grata pela ideia.

Agora que eu sabia onde encontrar Nobu, estava determinada a ir lá vê-lo. Sentia-me terrivelmente arrependida por tê-lo feito ficar zangado comigo; e claro, sem ele poderia nunca mais voltar a ver o Director. Seguramente que não queria causar sofrimento a Nobu, mas pensei que talvez se

me encontrasse com ele puderia descobrir alguma maneira de reatar a nossa amizade. O problema era que eu não podia aparecer na Awazumi sem ser convidada, porque não tinha qualquer relação formal com aquela casa de chá. Por isso, no fim decidi começar a passear diante dela à noite sempre que podia, com a esperança de tropeçar em Nobu a caminho dela. Eu conhecia suficientemente bem os hábitos dele para fazer um cálculo bastante correcto quanto às horas a que poderia chegar.

Durante oito ou nove semanas mantive este plano. Então, por fim, uma noite dei com ele a sair da parte de trás de uma limusina na ruela escura à minha frente. Sabia que era ele por causa da manga vazia do casaco que, presa com um alfinete ao ombro, lhe dava uma silhueta inconfundível. O condutor estava a entregar-lhe a pasta quando me aproximei. Parei à luz de uma lanterna ali na ruela, e deixei sair um pequeno arquejo que poderia soar como deleite. Nobu olhou na minha direcção tal como eu esperara.

- Bem, bem - disse ele. - Até nos esquecemos de como uma gueixa pode parecer tão bonita. - Ele falou num tom de voz tão casual, que tive de me perguntar se ele tinha percebido que era eu.

- Veja, Senhor, fala que até parece o meu velho amigo Nobu-san - disse eu. - Mas não deve ser ele, porque tenho a impressão que desapareceu completamente de Gion!

O condutor fechou a porta, e ficámos ali em silêncio até que o carro se afastou.

- Estou tão aliviada - disse - por ver Nobu-san de novo por fim! E que sorte a minha que ele estivesse nas sombras em vez de estar à luz.

- Às vezes não faço a menor ideia de que é que estás a falar,

Sayuri. Deves ter aprendido isso com Mameha. Ou talvez o ensinem a todas as gueixas.

- Com Nobu-san de pé nas sombras, fico incapaz de ver a expressão zangada da sua cara.

- Percebo - disse ele. - Então pensas que estou zangado contigo? - Que mais posso pensar, quando um velho amigo desaparece durante tantos meses? Calculo que me vai dizer que tem andado demasiado ocupado para ir à Ichiriki.

- Porque é que dizes isso como se não pudesse ser verdade?

- Porque acontece que eu sei que tem vindo a Gion muitas vezes. Mas não se preocupe em perguntar-me como é que eu sei. Não lhe vou dizer a não ser que queira vir dar um passeio comigo.

- Está bem - disse Nobu. - Dado que a noite está agradável... - Oh, Nobu-san, não diga isso. Gostaria muito mais que tivesse dito: «Dado que tropecei numa velha amiga que não vejo há tanto tempo, não consigo pensar em mais nada que gostasse tanto de fazer do que ir dar um passeio com ela.»

- Eu vou dar um passeio contigo - disse ele. - Podes pensar o que quiseses quanto às minhas razões para o fazer.

Fiz uma pequena vénia de assentimento a isto, e arrancámos juntos pela ruela abaixo em direcção ao Parque de Maruyama.

- Se Nobu-san quer que eu acredite que não está zangado - disse eu - devia comportar-se de uma maneira mais amigável, em vez de agir como uma pantera que não é alimentada há meses. Não me espanta que a pobre da Takazuru ande tão aterrorizada consigo... - Então foi ela que falou contigo, não? - disse Nobu. - Bom, se ela não fosse uma rapariga tão irritante...

- Se não gosta dela, porque é que pergunta por ela de cada vez que vem a Gion?

- Eu nunca perguntei por ela, nem uma vez! É a irmã mais velha que não pára de a empurrar para mim. Já é aborrecido que baste teres-me recordado dela. Agora vais aproveitar-te do facto de teres tropeçado em mim esta noite para me tentares envergonhar obrigando-me a gostar dela!

- Na verdade, Nobu-san, eu não «tropecei» em si de maneira nenhuma. Tenho andado a passear por aquela ruela há semanas só para ver se o encontro.

Isto pareceu dar a Nobu-san algo em que pensar, porque ele continuou a andar em silêncio por uns momentos. Por fim disse:

- Não deveria estar surpreendido. Tu és a pessoa mais tortuosa que conheço.

- Nobu-san! Que mais podia eu fazer? - disse eu. - Pensei que tinha desaparecido completamente. Poderia nem sequer saber onde o encontrar, se Takazuru não viesse ter comigo lavada em lágrimas para me contar como a tem tratado tão mal.

- Bom, calculo que sou capaz de ter sido duro com ela. Mas ela não é tão inteligente quanto tu, nem tão bonita, o que vai dar ao mesmo. E se tens pensado que eu estou zangado contigo, tens toda a razão.

- Posso perguntar-lhe o que fiz eu para fazer zangar tanto um velho amigo?

Aqui Nobu parou e virou-se para mim com uma expressão terrivelmente triste nos olhos. Eu senti um carinho crescer em mim que só conheci por muitos poucos homens na minha vida. Estava a pensar em como tinha tido tantas saudades dele, e quão profundamente o tinha ferido. Mas embora me sinta envergonhada de o admitir, os meus sentimentos de carinho estavam tingidos por piedade.

- Depois de uma quantidade considerável de esforço - disse ele - descobri a identidade do teu danna.

- Se Nobu-san mo tivesse perguntado, eu teria ficado muito contente por lha dizer.

- Não acredito em ti. Vocês as gueixas são o grupo de pessoas que mais ficam com a boca fechada. Perguntei à volta de Gion sobre o teu danna, e uma após outra todas fingiram não saber. Eu nunca teria descoberto, se não tivesse pedido a Michizono para me vir entreter uma noite, só nós os dois.

Michizono, que teria uns cinquenta anos na altura, era uma espécie de lenda em Gion. Não era uma mulher bela, mas às vezes conseguia até pôr Nobu com boa disposição apenas pela maneira como lhe franzia o nariz quando fazia a vénia de cumprimento.

- Fi-la jogar jogos de bebida comigo - continuou ele - e eu ganhei e ganhei até que a pobre Michizono ficou bastante embriagada. Poderia ter-lhe perguntado qualquer coisa e ela ter-me-ia dito tudo.

- Mas que trabalho! - disse eu.

- Disparate. Ela foi uma companhia muito agradável. Não havia nada parecido com trabalho no assunto. Mas deverei dizer-te uma coisa? Agora perdi o respeito por ti, agora que sei que o teu danna é um homenzinho de uniforme a quem ninguém admira.

- Nobu-san fala como se eu tivesse alguma hipótese de escolher quem é o meu danna. A única escolha que eu alguma vez posso fazer é qual o quimono que vou usar. E mesmo assim...

- Sabes porque é que esse homem tem um trabalho de secretária? E porque ninguém confia nele para coisas de importância. Eu entendo muito bem o exército, Sayuri. Até os seus próprios superiores não lhe encontram qualquer utilidade. Bem podias ter feito uma aliança com um pedinte! De facto, em tempos gostei muito de ti, mas...

- Em tempos? Nobu-san já não gosta de mim?

- Não gosto de tontos.

- Mas que coisa tão fria para dizer! Está a tentar fazer-me chorar? Oh, Nobu-san! Sou uma tonta

porque o meu danna é um homem que não pode admirar?

- Vocês as gueixas! Nunca existiu grupo de pessoas mais irritantes. Andam por aí a consultar os vossos almanaques, e a dizer: «Oh, hoje não posso caminhar em direcção ao oriente, porque o meu horóscopo diz que dá azar!». Mas depois, quando se trata de um assunto afectando as vossas vidas todas, limitam-se a olhar para o outro lado.

- É menos uma questão de olhar para o outro lado, do que fechar os nossos olhos perante o que não podemos impedir que aconteça.

- Ai, é assim? Bom, eu soube umas coisas da minha conversa com Mikhizono naquela noite em que a embebedei. Tu és a filha da okiya, Sayuri. Não podes fingir que não tens poder. É teu dever usar a influência que tens, a não ser que queiras andar à deriva pela vida como um peixe de barriga para cima no rio.

- Gostaria de poder acreditar que a vida é de facto qualquer coisa mais do que um ribeiro, que nos leva consigo de barriga para cima.

- Muito bem, se é um ribeiro, ainda és livre de estar nesta ou naquela parte dele, não és? A água continuará a dividir-se vezes sem conta. Se tropeçares, e te virares, e lutares, e usares todo o tipo de oportunidades que possas ter...

- Oh, isso é muito bonito, tenho a certeza, quando temos as oportunidades.

- Tu encontrá-las-ias em todo o lado, se alguma vez te tivesses preocupado em olhar! No meu caso, mesmo quando não tenho nada mais que, não sei, o caroço chupado de um pêsego, ou qualquer coisa do género, eu não o desperdiço. Quando é tempo de o deitar fora, tentarei ter a certeza certa de o atirar a alguém de quem não gosto!

- Nobu-san, está a aconselhar-me a atirar caroços de pêsego?

- Não brinques com isto; sabes perfeitamente bem o que estou a dizer. Nós somos muito parecidos, Sayuri. Eu sei que me chamam o «Sr. Lagarto» e tudo o mais, e aqui estás tu, a criatura mais bela de Gion. Mas naquela primeira vez de todas em que te vi, no torneio de Sumo há anos, que idade tinhas, catorze?, eu podia ver que rapariga cheia de expedientes tu eras já naquela altura.

- Sempre achei que Nobu-san acredita que eu sou mais merecedora do que sou de facto.

- Talvez tenhas razão. Pensei que tinhas mais qualquer coisa, Sayuri. Mas acontece que nem sequer compreendes onde está o teu destino. Ligar a tua fortuna a um homem como o General! Eu teria tomado conta de ti convenientemente, sabes. Fico tão furioso de pensar nisso! Quando este General sair da tua vida, não te vai deixar nada pelo qual o recordes. É assim que pretendes gastar a tua juventude? Uma mulher que age como uma tonta é uma tonta, não achas?

Se esfregarmos muitas vezes um tecido, em breve irá ficar no fio; e as palavras de Nobu já se tinham esfregado tanto contra mim, que eu já não conseguia mais manter aquela superfície finamente lacada por detrás da qual Mameha me tinha aconselhado que me escondesse. Senti que tinha sorte por estar de pé na sombra, porque tinha a certeza de que Nobu ainda pensaria pior de mim se visse o sofrimento que eu estava a sentir. Mas calculo que o meu silêncio me deve ter traído; porque com a sua única mão ele agarrou-me no ombro e virou-me apenas um bocadinho, até que a luz caiu sobre a minha cara. E quando ele me olhou nos olhos, deixou sair um longo suspiro que a princípio souou como desapontamento.

- Porque é que me pareces sempre tão mais velha, Sayuri? - disse ele depois de um momento. - Às vezes esqueço-me de que és ainda uma rapariga. Agora vais-me dizer que fui duro de mais contigo.

- Não posso esperar que Nobu-san devesse agir como outra pessoa qualquer senão Nobu-san.

- Eu reajo muito mal ao desapontamento, Sayuri. Devias saber isso. Quer tu me tenhas falhado porque eras demasiado nova, ou porque não és a mulher que eu pensava... em qualquer dos casos falhaste-me, não foi?

- Por favor, Nobu-san, assusta-me ouvi-lo dizer-me estas coisas. Não sei se alguma vez poderei viver a minha vida pelos padrões que usa para me julgar...

- E que padrões são esses, de facto? Eu espero que passes pela vida de olhos abertos! Se mantiveres em vista o teu destino, cada momento na vida torna-se uma oportunidade para te aproximares mais dele. Eu não esperaria este tipo de consciência da parte de uma rapariga tonta como Takazuru, mas...

- Mas Nobu-san não me tem estado a chamar tonta a noite toda?

- Sabes melhor do que dar-me ouvidos quando estou zangado.

- Então Nobu-san já não está zangado. Então será que ele me virá visitar à casa de chá Ichiriki? Ou convidar-me para o visitar? De facto, nem sequer estou com pressa esta noite. Até podia ir agora, se Nobu-san me convidasse.

Por esta altura já tínhamos dado a volta ao quarteirão, e estávamos diante da entrada da casa de chá.

- Não te vou convidar - disse ele, fazendo a porta deslizar para a abrir.

Não pude impedir de deixar sair um grande suspiro quando ouvi isto; e chamo-lhe grande suspiro porque continha muitos pequenos suspiros dentro dele - um suspiro de desapontamento, um de frustração, um de tristeza... e não sei mais o quê.

- Oh, Nobu-san - disse eu - às vezes é tão difícil para mim compreendê-lo.

- Sou um homem muito fácil de compreender, Sayuri - disse ele. - Não gosto de ter a acenar diante de mim as coisas que não posso ter.

Antes que houvesse hipótese de lhe responder, ele entrou na casa de chá e fechou a porta atrás de si.

\*

Durante o Verão desse ano de 1939, andava tão atarefada com compromissos, encontros ocasionais com o General, exposições de dança e coisas no género, que de manhã, quando tentava levantar-me do futon, muitas vezes me sentia como um balde cheio de pregos. Normalmente, pelo meio da tarde conseguia esquecer-me do meu cansaço, mas muitas vezes me perguntava quanto é que andaria a ganhar com todo aquele esforço. Porém, nunca esperei realmente chegar a descobri-lo, por isso fiquei bastante atrapalhada quando, uma tarde, a Mãe me chamou ao quarto dela e me disse que nos últimos meses eu tinha ganho mais sozinha do que Hatsumomo e a Abóbora juntas.

- O que quer dizer - disse ela - que chegou o momento de trocades de quarto com elas.

Não fiquei assim tão feliz por ouvir isto como poderão imaginar. Hatsumomo e eu tínhamos conseguido viver lado a lado durante estes últimos anos mantendo-nos afastadas uma da outra. Mas eu considerava-a como um tigre adormecido, e não derrotado. Seguramente que Hatsumomo não iria entender o plano da Mãe como uma «troca de quartos»; iria sentir que o seu quarto lhe fora tirado.

Quando vi Mameha naquela noite, contei-lhe o que a Mãe me tinha dito, e mencionei os meus medos de que o fogo no interior de Hatsumomo pudesse acender-se outra vez.

- Ah, bom, isso é ótimo - disse Mameha. - Essa mulher não ficará derrotada de uma vez por todas enquanto não virmos sangue. E ainda não o vimos. Vamos dar-lhe uma oportunidade e ver que tipo de problemas é que ela vai arranjar para si própria desta vez.

Cedo na manhã seguinte, a Tia subiu ao andar de cima da okiya para estabelecer as regras para fazermos a mudança dos nossos pertences.

Ela começou por me levar ao quarto de Hatsumomo e anunciar que agora um determinado canto me pertencia; eu poderia pôr ali o que quisesse, e ninguém mais lhe poderia tocar. Depois levou Hatsumomo e a Abóbora ao meu quarto mais pequeno e determinou-lhes um espaço similar para as duas. Depois de termos trocado todos os nossos bens, a mudança ficaria completa.

Eu comecei a tarefa nessa mesma tarde, carregando com as minhas coisas através do átrio. Gostaria de dizer que tinha acumulado uma colecção de belos objectos como Mameha provavelmente já o teria feito com a minha idade; mas a disposição do país havia mudado muito. Cosméticos e permanentes tinham recentemente sido banidos como um luxo pelo Governo Militar - embora, claro que algumas de nós em Gion, enquanto brinquedos dos homens no poder, ainda fizéssemos mais ou menos o que queríamos. De se darem prendas luxuosas, porém, quase não se ouvia falar, por isso durante os anos eu não tinha acumulado nada mais do que alguns rolos, pedras de tinta, e taças, bem como uma colecção de fotos estereoscópicas de paisagens famosas, com um adorável visor feito de prata de lei que o actor de Kabuki Onoe Yoegoro XVII me tinha dado. De qualquer maneira, carregava comigo estas coisas através do átrio - junto com a minha maquilhagem, roupa interior, livros e revistas - e empilhei-as no canto do quarto. Mas tão tarde quanto a noite seguinte, Hatsumomo e a Abóbora ainda não tinham começado a tirar as respectivas coisas. No regresso das minhas aulas na tarde do terceiro dia, decidi que se os frascos e cremes de Hatsumomo ainda estivessem acumulados na cómoda de maquilhagem, iria pedir à Tia que me ajudasse.

Quando alcancei o topo das escadas, fiquei surpreendida por ver tanto a minha porta quanto a de Hatsumomo escancaradas. Um frasco de creme branco estava partido no chão do átrio. Parecia faltar qualquer coisa, e quando entrei no meu quarto, vi o que era. Hatsumomo estava sentada na minha mesinha a bebericar do que parecia ser um pequeno copo de água - e a ler um livro de apontamentos que me pertencia!

Pretende-se que as gueixas sejam discretas relativamente aos homens que conhecem; por isso podem ficar confusos ao ouvirem que alguns anos antes, enquanto ainda era uma aprendiz, numa tarde eu tinha ido a uma papelaria e comprado um lindíssimo livro com páginas em branco para tentar começar a fazer um diário com a minha vida. Não era suficientemente tonta para escrever o tipo de coisas que se espera que uma gueixa nunca revele. Escrevia apenas sobre os meus sentimentos e emoções. Tinha algumas coisas a dizer relativamente a um homem em particular, e tinha-lhe dado um nome de código. Por isso, por exemplo, referia-me a Nobu como o «Sr. Tsu», porque às vezes ele fazia um pequeno som trocista com a boca que soava como «Tsu!». E referia-me ao Director como «Sr. Haa», porque numa dada ocasião ele tinha feito uma inspiração profunda e deixado o ar sair devagarinho de uma maneira que soava como «Haa», e eu tinha-o imaginado a acordar a meu lado enquanto o dizia - por isso, claro, me causou uma impressão profunda. Mas nunca, nem por um momento, imaginara que alguém viesse a ler as coisas que eu tinha escrito.

- Olá, Sayuri, estou tão contente por te ver! - disse Hatsumomo. - Tenho estado à tua espera para te dizer como tenho estado a gostar de ler o teu diário. Algumas das entradas são muito interessantes... e de facto, o teu estilo de escrita é encantador! Não estou lá muito impressionada com a tua caligrafia, mas...

- Por acaso reparaste na coisa interessante que escrevi na primeira página?

- Não me parece. Vejamos... «Privado». Bom, aqui está um bom exemplo do que eu estava a dizer relativamente à tua caligrafia.

- Hatsumomo, faz favor põe o livro sobre a mesa e sai do meu quarto.

- Realmente! Estou chocada contigo, Sayuri. Só estou a tentar ajudar! Escuta só por um momento e verás. Por exemplo: porque é que escolheste para Nobu Toshikazu o nome de «Sr. Tsu»? Não se lhe adequa de maneira nenhuma. Acho que lhe devias ter chamado «Sr. Bolha» ou talvez «Sr. Um-Braço». Não concordas? Podes mudá-lo, se quiseres, e nem sequer precisas de dizer que fui eu quem te deu a ideia.

- Não sei do que é que estás a falar, Hatsumomo. Não escrevi nada acerca de Nobu.

Hatsumomo suspirou, como se estivesse a dizer-me como eu era uma mentirosa tão inepta, e depois começou a folhear o meu diário.

- Se não era sobre Nobu que estavas a escrever, quero que me digas qual o nome do homem a que te estás a referir aqui. Vejamos... ah, aqui está: «às vezes vejo a cara do Sr. Tsu a florescer com cólera quando uma gueixa o fixa por muito tempo. Mas pela minha parte, posso olhar para ele o tempo que quiser, e ele parece ficar agradado com isso. Creio que a amizade dele por mim cresce do sentimento que tem de que não acho o aspecto da sua pele e a falta do braço estranhos e assustadores como acontece com tantas raparigas.» Portanto calculo que o que me estás a dizer é que conheces mais alguém que se parece exactamente com Nobu. Acho que devias apresentá-los um ao outro! Pensa no que não devem ter em comum!

Por esta altura, eu já estava a sentir-me muito agoniada no coração - não consigo encontrar uma maneira melhor de o descrever. Porque uma coisa é dar com os nossos segredos subitamente expostos, mas quando esse desvendamento resulta da nossa própria tontice... bom, se eu estava preparada para amaldiçoar alguém, era a mim própria por ter conservado o diário, e por tê-lo guardado ali onde Hatsumomo o pudesse encontrar. Um lojista que deixa as janelas abertas dificilmente poderá ficar zangado com a tempestade por lhe estragar as mercadorias.

Fui até à mesa para tirar o diário a Hatsumomo, mas ela apertou-o de encontro ao peito e levantou-se. Com a outra mão apanhou o copo com o que eu pensei que era água. Agora que estava perto dela podia sentir o cheiro do saqué. Não era de todo água. Ela estava bêbeda.

- Sayuri, claro que queres o teu diário de volta, e claro que eu to vou dar - disse ela. Mas caminhava em direcção à porta enquanto o dizia. - O problema é que, ainda não acabei de o ler. Por isso levo-o de volta para o meu quarto... a não ser que preferisses antes entregá-lo à Mãe. Tenho a certeza de que vai ficar muito contente com as passagens em que te referes a ela.

Já tinha mencionado mais cedo que um frasco de creme estava partido no chão do átrio de entrada. Era assim que Hatsumomo fazia as coisas, uma lixarada e nem sequer se dando ao trabalho de mandar chamar as criadas. Mas agora, quando ela deixava o meu quarto, teve o que merecia. Provavelmente havia-se esquecido do frasco porque estava embriagada; de qualquer maneira, pôs o pé mesmo em cima dos cacos e deixou sair um guincho. Vi-a olhar para o pé por um momento e arquejar, mas depois continuou o seu caminho.

Senti-me entrar em pânico quando a vi ir para o quarto. Pensei ir ter com ela e lutar arrancando-lhe o livro das mãos... mas depois recordei-me da inspiração de Mameha durante o torneio de Sumo. Correr atrás de Hatsumomo era a coisa óbvia. Faria melhor em aguardar até que ela começasse a descontrair-se, pensando que tinha ganho, e retirar-lhe o diário quando menos o esperasse. Isto parecia-



me uma boa ideia... até um pouco depois quando me veio a imagem dela a escondê-lo num local onde eu nunca o viesse a encontrar.

Entretanto ela já tinha fechado a porta. Fiquei de pé cá fora e comecei a dizer baixinho:

- Hatsumomo-san, peço desculpa se parecia zangada. Posso entrar?

- Não, não podes - dizia ela.

De qualquer maneira, fiz deslizar a porta aberta. O quarto estava numa desarrumação terrível, porque Hatsumomo tinha largado coisas por todo o lado no seu esforço de mudança. O diário ficara sobre a mesa, enquanto Hatsumomo segurava uma toalha contra o pé. Não fazia ideia de como a poderia distrair, mas asseguro que não tinha intenção de sair daquele quarto sem o diário.

Ela poderia ter a personalidade de um rato de água, mas Hatsumomo não era tonta. Se estivesse sóbria, eu nem sequer teria tentado vencer-lhe a esperteza exactamente naquela altura. Mas, considerando o estado dela naquele momento... olhei pelo chão em volta, para as pilhas de roupa interior, frascos de perfume, e todas as outras coisas que ela tinha espalhado desarrumadas por ali. A porta do armário estava aberta, e o pequeno cofre onde guardava as suas jóias estava com a tampa escancarada; peças espalhavam-se pelos tapetes como se antes ela tivesse estado a beber e a experimentá-las. E então um objecto chamou-me a atenção tão claramente como uma única estrela a brilhar num céu negro.

Era um velho alfinete de obi com uma esmeralda, exactamente aquele que Hatsumomo me acusara de ter roubado anos antes, numa noite em que a tinha encontrado mais ao namorado no quarto das criadas. Nunca esperara voltar a vê-lo. Fui directamente até ao armário e baixei-me para o apanhar do meio das jóias por ali.

- Mas que ideia maravilhosa! - disse Hatsumomo. - Vai, rouba-me uma das minhas jóias. Francamente dava-me mais jeito ter o dinheiro que vais ter que me pagar.

- Fico tão contente por não te importares! - disse-lhe. - Mas quanto dinheiro é que eu vou ter que pagar por esta?

Quando disse estas palavras, fui até ela e ergui-lhe o alfinete diante do nariz. O sorriso radiante que usara até ali esfumou-se, tal como a escuridão se esvai de um vale quando o Sol brilha sobre ele. Naquele momento, enquanto Hatsumomo ficava ali sentada em estado de choque, eu simplesmente baixei-me para a mesa e com a outra mão retirei o diário.

Não fazia ideia de como Hatsumomo acabaria por reagir, mas saí porta fora e fechei-a atrás de mim. Pensei ir directamente ter com a Mãe para lhe mostrar o que tinha encontrado, mas claro que, não poderia muito bem ir até ela com o diário nas mãos. Tão rapidamente quanto pude, abri a porta do armário onde se guardavam os quimonos daquela estação e enfiei o diário numa prateleira entre dois quimonos embrulhados em papel. Não levei mais do que alguns segundos; mas durante todo o tempo as minhas costas ressoavam com a sensação de que a qualquer momento Hatsumomo poderia abrir a porta e dar comigo. Depois de ter fechado outra vez o armário, corri para o meu quarto e comecei a abrir e fechar as gavetas da minha cómoda de maquilhagem para dar a Hatsumomo a ideia de que tinha escondido ali o diário.

Quando voltei para o átrio, ela estava a observar-me da entrada do quarto dela, com um pequeno sorriso como se achasse aquela situação toda muito divertida. Eu tentei parecer preocupada - o que não era muito difícil - e levei comigo o alfinete até ao quarto da Mãe para o colocar sobre a mesa diante dela. Ela pôs de parte a revista que estava a ler e ergueu-o para o admirar.

- É uma peça muito bonita - disse - mas não vai longe no mercado negro hoje em dia. Ninguém dá muito dinheiro por jóias como esta.

- Tenho a certeza de que Hatsumomo vai pagar bem caro por ela, Mãe - disse eu. - Lembra-se do alfinete que supostamente eu lhe roubei há anos, o que foi acrescentado às minhas dívidas? É este.

Acabei de o descobrir no chão junto à caixa de jóias dela.

- Sabe - disse Hatsumomo, que tinha acabado de entrar no quarto e agora estava de pé atrás de mim. - Acho que Sayuri tem razão. É de facto o alfinete que perdi! Ou, pelo menos, parece-se com ele. Nunca pensei voltar a vê-lo outra vez!

- Sim, é muito difícil encontrar coisas quando estás bêbeda o tempo todo - disse-lhe. - Se ao menos tivesses procurado melhor na tua caixa de jóias.

A Mãe pousou o alfinete sobre a mesa e continuou a olhar ameaçadoramente para Hatsumomo.

- Encontrei-o no quarto dela - disse Hatsumomo. - Tinha-o escondido na cómoda de maquilhagem dela.

- E porque é que andavas a bisbilhotar na cómoda de maquilhagem dela? - disse a Mãe.

- Eu não queria ter que lhe dizer isto, Mãe, mas Sayuri esqueceu-se de uma coisa em cima da mesa, e eu estava a tentar esconder-lho por ela. Sei que lho devia ter trazido a si imediatamente, mas... ela tem andado a escrever um diário, sabe. Mostrou-mo no ano passado. Escreveu algumas coisas muito incriminatórias sobre alguns homens, e... na verdade, também há algumas passagens acerca de si, Mãe.

Pensei em dizer que não era verdade; mas nada disso importava em qualquer caso. Hatsumomo estava metida num sarilho e nada do que ela pudesse dizer mudaria essa situação. Dez anos antes, quando fora a principal provedora da okiya, provavelmente ela podia ter-me acusado de tudo o que quisesse. Poderia ter clamado que eu lhe comera os tapetes dos tatami no quarto, e a Mãe ter-me-ia debitado o preço de uns novos. Mas agora, por fim, a estação tinha mudado; a brilhante carreira de Hatsumomo estava a morrer no ramo, enquanto a minha tinha começado a florescer. Eu era a filha da okiya e a sua gueixa principal. Acho que a Mãe nem sequer estava preocupada em saber onde estava a verdade.

- Não há diário nenhum, Mãe - disse eu. - Hatsumomo está a inventar.

- Ai estou? - disse Hatsumomo. - Então vou ali e já o encontro, e enquanto a Mãe o estiver a ler, podes dizer-lhe como é que eu o inventei.

Hatsumomo foi para o meu quarto, com a Mãe atrás dela. O chão do átrio estava uma lixeira. Hatsumomo não apenas tinha partido um frasco pisando-o, mas tinha deixado rastos de creme e sangue por todo o átrio superior - e pior ainda, sobre os tapetes dos tatami no seu próprio quarto, no quarto da Mãe, e agora também no meu. Estava ajoelhada diante da minha cómoda de maquilhagem quando espreitei, fechando as gavetas muito devagar e com um aspecto de relativamente derrotada.

- De que diário é que Hatsumomo está a falar? - perguntou-me a Mãe.

- Se há algum diário, tenho a certeza de que Hatsumomo o encontrará - disse eu.

Com isto, Hatsumomo pôs as mãos no colo e deu uma gargalhadinha como se aquilo tudo fosse uma espécie de jogo, em que ela tivesse sido inteligentemente derrotada.

- Hatsumomo - disse-lhe a Mãe. - Vais pagar a Sayuri pelo alfinete que a acusaste de roubar. Mais ainda, não vou aceitar que os tatami desta okiya sejam conspurcados com sangue. Vão ser substituídos, e às tuas custas. Este foi um dia que te saiu muito caro, e ainda pouco passa do meio-dia. Queres que suspenda a soma do total, no caso de ainda não teres acabado completamente?

Não sei se Hatsumomo ouviu o que a Mãe disse. Estava demasiado ocupada a olhar-me ameaçadoramente, e com uma expressão na cara que eu não estava habituada a ver.

Se me pedissem, quando eu era ainda uma jovem mulher, que vos dissesse qual tinha sido o ponto de viragem na minha relação com Hatsumomo, eu teria dito que fora a minha mizuage. Mas embora seja muito verdade que a minha mizuage me tenha posto numa prateleira alta na qual Hatsumomo não mais me podia chegar, ela e eu podíamos bem ter continuado a viver lado a lado até sermos velhas, se nada mais tivesse acontecido entre nós. É por isto que o verdadeiro ponto de viragem, como de aí para cá o passei a entender, ocorreu no dia em que Hatsumomo leu o meu diário, e eu descobri o alfinete de obi que ela me tinha acusado de roubar.

A fim de explicar porque é que é assim, deixem-me contar-vos uma coisa que o Almirante Yamamoto Isoroku disse uma vez durante uma noite na casa de chá Ichiriki. Não posso fingir que tivesse uma grande confiança com o Almirante - que normalmente é descrito como o pai da Marinha Imperial japonesa - mas tive o privilégio de estar presente em festas com ele em várias ocasiões. Era um homem pequeno; mas não se esqueçam que um pau de dinamite também é pequeno. As festas ficavam sempre mais barulhentas depois de o Almirante chegar. Nessa noite, ele e outro homem estavam na última rodada de um jogo de bebidas, e tinham concordado que quem perdesse ia à farmácia mais próxima comprar um preservativo - sabem, era apenas pelo embaraço da situação, e não por outro motivo qualquer. Claro que o Almirante acabou por ganhar, e toda a gente rebentou em vivas e aplausos.

- Foi uma boa coisa, não ter perdido, Almirante - disse um dos assistentes dele. - Pense no pobre do farmacêutico a levantar os olhos e dar com o Almirante Yamamoto Isoroku no outro lado do balcão!

Toda a gente achou que isto era muito engraçado, mas o Almirante respondeu que não tinha tido qualquer dúvida de que ia ganhar.

- Oh, vá lá! - disse uma das gueixas. - Toda a gente perde de vez em quando, até o Sr., Almirante!

- Calculo que seja verdade que toda a gente perca de vez em quando - disse ele. - Mas eu, nunca.

Alguns dos presentes podem ter achado que isto era uma resposta arrogante, mas eu não era um deles. O Almirante parece-me antes o tipo de homem que estava de facto habituado a ganhar. Por fim alguém lhe perguntou qual era o segredo do êxito dele.

- Eu nunca procuro derrotar o homem que estou a combater - explicou ele. - Eu procuro derrotar a confiança que ele tem em si próprio. Uma mente perturbada pela dúvida não se pode concentrar no curso em direcção à vitória. Dois homens são iguais, verdadeiramente iguais, só quando ambos têm uma autoconfiança igual.

Acho que não o percebi na altura, mas depois de Hatsumomo e eu termos discutido por causa do meu diário, a mente dela - como o Almirante o teria dito - começou a ser perturbada pela dúvida. Ela sabia que em circunstância alguma a Mãe iria agora mais alguma vez tomar o lado dela contra mim; e por causa disso, ficou como um tecido tirado do seu armário quente e pendurado lá fora onde o tempo duro lentamente o consumirá.

Se Mameha me estivesse a ouvir a explicar estas coisas desta maneira, seguramente que levantaria a voz para dizer quanto discordava. A visão que ela tinha de Hatsumomo era muito diferente da minha. Acreditava que Hatsumomo era uma mulher com tendências para a autodestruição, e tudo o que precisávamos fazer era seduzi-la para seguir um caminho que em quaisquer circunstâncias ela própria acabaria por entrar. Talvez Mameha tivesse razão, não sei. E verdade que nos anos a seguir à minha mizuage Hatsumomo gradualmente começara a sofrer de uma espécie qualquer de doença do carácter - se tal coisa existe. Tinha perdido todo o controle sobre a bebida, por exemplo, e também sobre os seus ataques de crueldade. Até a vida dela se começar a esfrangalhar, ela tinha sempre usado a crueldade com um objectivo, tal como um samurai saca da espada - não para esfaquear ao calhas, apenas para atacar os inimigos. Mas por esta altura da vida dela, Hatsumomo parecia ter perdido a noção de quem eram os seus

inimigos, e às vezes atacava até a Abóbora. De tempos a tempos, em festas, chegava a fazer comentários insultuosos aos homens que estava a entreter. E outra coisa: já não era tão bela como fora. A pele estava a ficar com um aspecto ceroso e as feições inchadas. Ou talvez apenas eu a estivesse a ver dessa maneira. Uma árvore pode parecer mais bela do que nunca; mas depois começamos a reparar nos insectos que a infestam, e as pontas dos ramos que estão secas da doença, até o próprio tronco perde alguma da sua magnitude.

Toda a gente sabe que um tigre ferido é um animal perigoso; e por este motivo, Mameha insistiu que seguíssemos Hatsumomo à volta de Gion durante as noites das semanas seguintes. Em parte, Mameha queria mantê-la debaixo de olho, porque nenhuma de nós teria ficado surpreendida se ela fosse à procura de Nobu e lhe falasse sobre o conteúdo do meu diário, ou sobre os meus sentimentos secretos sobre o Sr. Haa, a quem Nobu poderia ter reconhecido como sendo o Director. Mas mais importante, Mameha queria tornar a vida de Hatsumomo ainda mais difícil para ela a suportar.

- Quando se quer partir uma tábua - disse Mameha - rachá-la ao meio é apenas o primeiro passo. O sucesso só chega quando, depois de a dobrarmos para baixo e para cima com toda a nossa força, se parte em duas metades.

Por isso, todas as noites, excepto quando ela tinha um compromisso a que não podia faltar, Mameha vinha até à nossa okiya ao lusco-fusco e esperava para sair porta fora atrás de Hatsumomo. Mameha e eu nem sempre conseguíamos ficar juntas, mas normalmente pelo menos uma de nós conseguia segui-la de compromisso em compromisso durante uma parte da noite. Na primeira noite em que fizemos isto, Hatsumomo fingiu achá-lo divertido. Mas, pelo final da quarta noite ela já estava a olhar-nos através de olhos franzidos e irados, e tinha dificuldade em comportar-se alegremente junto dos homens que tinha que entreter. Depois, no início da semana seguinte, subitamente ela deu meia-volta numa ruela e veio direita a nós.

- Agora vejamos - disse ela. - Os cães seguem os donos. E vocês as duas seguem-me por aí, a cheirar e a cheirar. Por isso calculo que querem ser tratadas como cães! Deverei mostrar-vos o que faço com os cães de que não gosto?

E com isto, levantou a mão para bater em Mameha na cabeça de lado. Eu gritei, o que deve ter feito Hatsumomo parar para pensar no que ia fazer. Ficou a olhar para mim durante um momento com os olhos a arder antes de o fogo se lhes extinguir e se ir embora. Toda a gente na ruela tinha reparado no que tinha acontecido, e algumas pessoas aproximaram-se para ver se Mameha estava bem. Ela assegurou-lhes que estava bem, e depois disse tristemente:

- Pobre Hatsumomo! Deve ser mesmo o que o médico disse. De facto parece estar a ficar louca.

Claro que não havia qualquer médico, mas as palavras de Mameha tiveram o efeito que ela esperava. Porque em breve, um boato se tinha espalhado por toda a Gion a dizer que um médico tinha declarado Hatsumomo mentalmente instável.

Durante anos Hatsumomo tinha sido muito próxima do famoso actor de Kabuki Bando Shojiro VI. Shojiro era o que nós chamamos de onna-gata, o que significa que ele representava sempre papéis de mulheres. Uma vez, numa entrevista dada a uma revista, disse que Hatsumomo era a mulher mais bela que ele alguma vez tinha visto, e que muitas vezes, no palco, lhe imitava os gestos para fazer com que ele próprio parecesse mais encantador. Por isso podem bem calcular que sempre que Shojiro estava na cidade, Hatsumomo o ia visitar.

Uma tarde soube que Shojiro iria aparecer numa festa, nessa noite, numa casa de chá no bairro de gueixas de Pontocho, no outro lado do rio frente a Gion. Ouvi esta notícia enquanto preparava uma cerimónia do chá para um grupo de oficiais da Marinha em dispensa. Depois corri para a okiya, mas

Hatsumomo já se tinha vestido e esgueirado. Estava agora a fazer o que eu uma vez já fizera, a sair mais cedo para que ninguém a seguisse. Fiquei muito ansiosa para explicar a Mameha o que tinha sabido, por isso fui directa ao apartamento dela. Infelizmente, a criada disse-me que ela tinha saído meia-hora mais cedo para ir «prestar culto». Eu sabia exactamente o que é que isto significava: Mameha tinha ido ao pequeno templo mesmo no extremo oriental de Gion para rezar diante de três pequenas estátuas de jizo que ela tinha pago para que fossem ali erigidas. Um jizo, sabem, honra a alma de uma criança que morreu; no caso de Mameha, eram pelos três filhos de que ela abortara a pedido do Barão. Noutras circunstâncias eu poderia ter ido à procura dela, mas decerto não deveria perturbá-la num momento tão privado; além disso, ela poderia até nem querer sequer que eu soubesse que lá tinha ido. Em vez disso, sentei-me no apartamento dela e permiti que Tatsumi me servisse o chá enquanto esperava. Por fim, com um ar um pouco fantasmagórico em torno de si, Mameha regressou a casa. A princípio eu não queria tocar no assunto, e por isso, durante algum tempo, conversámos sobre o próximo Festival das Idades, em que Mameha estava calendarizada para personificar a Dama Murasaki Shikibu, autora do Conto de Genji. Por fim, Mameha olhou para mim com um sorriso por cima da chávena de chá preto - Tatsumi tinha estado a torrar as folhas quando eu chegara - e contei-lhe o que tinha descoberto durante a tarde.

- Mas que perfeito! - disse ela. - Hatsumomo vai descontrair-se, e pensar que está livre de nós. Com toda a atenção que seguramente Shojiro lhe dispensará na festa, ela pode sentir-se renovada. Então tu e eu entraremos à deriva como uma espécie qualquer de cheiro horrível vindo da ruela, e arruinar-lhe-emos completamente a noite.

Considerando a maneira cruel como Hatsumomo me havia tratado durante anos, e o quanto a odiava, tenho a certeza de que devo ter ficado em êxtase com este plano. Mas de alguma maneira, o conspirar para causar sofrimento a Hatsumomo não me dava o prazer que eu tinha imaginado. Não conseguia deixar de me recordar de uma manhã quando, ainda criança, andava a nadar no lago junto da nossa casinha bêbeda e de repente senti uma queimadura terrível no ombro. Uma vespa tinha-me aferroado e lutava para se libertar da minha pele. Eu estava demasiado ocupada a gritar para pensar no que fazer, mas um dos rapazes puxou-a do meu ombro e ficou a segurar nela pelas asas sobre uma pedra, junto à qual todos nos reunimos para decidir exactamente como a assassinar. Fiquei cheia de dores por causa da vespa, e seguramente que não sentia qualquer bondade em relação a ela. Mas deu-me no peito uma terrível sensação de fraqueza saber que aquela pequenina criatura a lutar ali não podia fazer nada para se salvar da morte que estava apenas a instantes. Sentia o mesmo tipo de piedade em relação a Hatsumomo. Durante as noites, quando a seguíamos por Gion até que ela regressasse à okiya apenas para se ver livre de nós, sentia quase como se a estivéssemos a torturar.

De qualquer maneira, por volta das nove horas naquela noite, atravessámos o rio para o bairro de Pontocho. Ao contrário de Gion, que se espalha por muitos quarteirões, Pontocho é apenas uma rua direita que se estende ao longo da margem do rio. As pessoas chamam-lhe «cama de enguia» por causa da forma. O ar do Outono estava um pouco frio naquela noite, mas mesmo assim a festa de Shojiro era no exterior, numa varanda de madeira assente sobre estacas acima da água. Ninguém nos ligou muito quando entrámos pelas portas de vidro. A varanda estava lindamente iluminada com lanternas de papel, e o rio reluzia em ouro com as luzes do restaurante na margem oposta. Toda a gente dava atenção a Shojiro, que estava a meio de uma história que contava na sua voz cantante; mas deviam ter visto como a expressão de Hatsumomo se azedou quando reparou em nós. Eu não conseguia deixar de me recordar de uma pêra tocada que segurara na mão no dia anterior, porque por entre as caras alegres, a expressão de Hatsumomo era como uma nódoa negra terrível.

Mameha foi-se ajoelhar junto de um homem mesmo ao lado de Hatsumomo, o que eu considerei muito ousado da parte dela. Eu ajoelhei-me mais para o outro lado da varanda, junto a um velho de ar

aristocrático que calhou ser o tocador de troto Tachibana Zensaku, cujos velhos discos riscados ainda possuo. Tachibana era cego, descobri-o nessa noite. Independentemente dos motivos que ali me tinham levado, teria ficado contente por passar a noite apenas a conversar com ele, dado ser um homem tão fascinante e amoroso. Mas mal tínhamos começado a falar quando subitamente toda a gente rebentou a rir.

Shojiro era um mimo notável. Esguio como um ramo de salgueiro, de dedos elegantes e gestos lentos, com uma cara muito comprida que conseguia mover das maneiras mais extraordinárias, e poderia até ter enganado um grupo de macacos fazendo-os pensar que seria um deles. Naquela altura estava a imitar a gueixa a seu lado, uma mulher nos seus cinquenta anos. Com os seus gestos efeminados - os lábios a fazer beicinho, a maneira de revirar os olhos - conseguia ficar tão parecido com ela que eu não sabia se havia de me rir ou apenas ficar sentada com a mão sobre a boca de espanto. Já tinha visto Shojiro sobre o palco, mas isto era algo de muito melhor.

Tachibana inclinou-se em direcção a mim e murmurou:

- O que é que ele está a fazer?

- Está a imitar uma gueixa mais velha que está ao lado dele.

- Ah! - disse Tachibana - então deve ser Ichiwari. - E deu-me umas palmadinhas com as costas da mão para ter a certeza de que tinha a minha atenção. - O director do Teatro Minamiza - disse ele, e esticou o dedo pequenino por baixo da mesa onde mais ninguém o podia ver. Sabem que, no Japão, esticar o dedo pequenino significa «namorado» ou «namorada». Tachibana estava a dizer-me que a gueixa mais velha, a que se chamava Ichiwari, era a amante do director do Teatro. E de facto o director também ali estava, a rir-se mais alto que todos os outros.

Um momento mais tarde, ainda no meio da imitação, Shojiro ficou com um dos dedos entalado no nariz. Com isto, toda a gente deixou sair uma gargalhada, tão alto que podia sentir a varanda a tremer. Eu não o sabia na altura, mas meter o dedo no nariz era um dos hábitos bem conhecidos de Ichiwari. Ela ficou vermelha que nem um pimentão quando viu isto, e levantou uma manga do quimono diante da cara, e Shojiro, que já havia bebido uma boa quantidade de saqué, imitou-a também então. As pessoas riram-se com delicadeza, mas só Hatsumomo parecia achar aquilo verdadeiramente divertido, porque nessa altura Shojiro estava a começar a cruzar a fronteira em direcção à crueldade. Por fim, o director do Teatro disse:

- Vá, vá, Shojiro-san, guarde alguma energia para o seu espectáculo de amanhã! De qualquer maneira, não sabe que está sentado ao lado de uma das maiores dançarinas de Gion? Proponho que lhe peçamos uma exibição.

Claro que o Director estava a falar de Mameha.

- Pelos Céus, não. Não me apetece ver ninguém dançar agora - disse Shojiro.

Como vim a perceber ao longo dos anos, preferia ser ele próprio o centro das atenções. - Além disso, eu estava a divertir-me.

\*

- Shojiro-san, não devemos perder uma oportunidade de ver a famosa Mameha - disse o Director, falando agora sem qualquer vestígio de humor. Algumas gueixas também falaram, e por fim Shojiro foi persuadido a pedir-lhe que dançasse, o que fez amuado como um rapazinho. Eu já podia ver Hatsumomo com uma expressão de desagrado. Ela deitou mais saqué a Shojiro, e ele deitou-lhe mais a ela. Trocaram um longo olhar como a dizer que lhes tinham estragado a festa.

Passaram alguns minutos enquanto uma criada foi enviada para ir buscar um shamisen, e uma

gueixa o afinou e se preparou para tocar. Então Mameha ocupou o seu lugar contra a cortina de fundo da casa de chá e executou uma série de peças curtas. Quase toda a gente teria concordado que Mameha era uma mulher adorável, mas poucas pessoas a teriam achado mais bela que Hatsumomo; por isso, não posso dizer exactamente o que é que despertou a atenção de Shojiro. Talvez tenha sido o saqué que bebeu, ou a dança extraordinária de Mameha - porque o próprio Shojiro também era um bailarino. O que quer que fosse, pela altura em que Mameha regressou e se veio juntar a nós à mesa, Shojiro parecia já muito interessado nela e pediu-lhe que se fosse sentar ao lado dele. Quando ela o fez, deitou-lhe saqué numa taça, e virou as costas a Hatsumomo como se esta fosse apenas mais uma aprendiz em adoração.

Bom, a boca de Hatsumomo endureceu, e os olhos apertaram-se para metade do tamanho. Quanto a Mameha, nunca a vi namorar com ninguém mais deliberadamente do que o fez com Shojiro. A voz dela ficou mais alta e doce, os olhos roçagavam-no indo do peito para a cara e vice-versa. De tempos a tempos ela passava a ponta dos dedos sobre a base da garganta, como se se sentisse autoconsciente quanto às manchas coradas que ali apareciam. Não havia de facto quaisquer rosetas, mas ela encenava-o de maneira tão convincente, que não o saberiam a não ser que fossem olhar bem de perto. Depois uma das gueixas perguntou a Shojiro se tinha tido notícias de Bajiru-san.

- Bajiru-san - disse Shojiro na sua maneira mais dramática - abandonou-me!

Eu não fazia ideia de quem é que Shojiro estava a falar, mas Tachibana, o velho tocador de koto foi amável o suficiente para me explicar num sussurro que «Bajiru-san» era o actor inglês Basil Rathbone - embora eu nunca tivesse ouvido falar dele na altura. Shojiro tinha feito uma viagem a Londres alguns anos antes e encenado ali uma exibição de Kabuki. O actor Basil Rathbone tinha-a admirado tanto que, com a ajuda de um intérprete, os dois acabaram por desenvolver uma espécie de amizade. Shojiro poderia ter prodigado atenção a mulheres como Hatsumomo ou Mameha, mas dava-se o caso de ele ser homossexual; e desde a sua viagem a Inglaterra tinha-se tornado numa piada corrente o facto de o seu coração estar destinado a ser partido porque Bajiru-san não se interessava por homens.

- Fico triste - disse calmamente uma das gueixas - por testemunhar a morte de um romance.

Toda a gente se riu à excepção de Hatsumomo, que continuava a olhar ameaçadoramente para Shojiro.

- A diferença entre mim e Bajiru-san é esta. Eu mostro-vos - disse Shojiro; e com isto levantou-se e pediu a Mameha para se lhe juntar. Ele conduziu-a para um lado da sala, onde havia um pouco mais de espaço.

- Quando eu faço o meu trabalho, eu pareço assim - disse ele. E saracoteou-se de um lado ao outro da sala, abanando o leque com um pulso muito fluido, deixando a cabeça rolar para trás e para diante como uma bola numa serra. - Enquanto quando Bajiru-san faz o trabalho dele, ele parece assim. - Aqui agarrou em Mameha, e deveriam ter visto a expressão espantada na cara dela quando a inclinou até ao chão no que parecia ser um abraço apaixonado, e lhe plantou beijos pela cara toda. Toda a gente na sala saudou e aplaudiu. Toda a gente, à excepção de Hatsumomo, quero dizer.

- O que é que ele está a fazer? - Perguntou-me baixinho Tachibana. Eu achava que mais ninguém o tinha ouvido, mas antes que eu pudesse responder, Hatsumomo gritou:

- Ele está a fazer um tonto de si próprio! É isso o que ele está a fazer.

- Oh, Hatsumomo-san - disse Shojiro - estás com ciúmes, não estás?

- Claro que está! - disse Mameha. - Agora têm que nos mostrar como é que vocês os dois fazem as pazes. Vá lá, Shojiro-san. Não seja tímido! Tem que lhe dar a ela exactamente os mesmos beijos que me deu a mim! E justo! E da mesma maneira.

Shojiro não teve facilidade em fazer aquilo, mas em breve tinha conseguido pôr Hatsumomo de pé. Depois, com a multidão atrás de si, enlaçou-a com os braços e inclinou-a para trás. Mas após um instante apenas, ele deu um safanão para se endireitar com um grito, e agarrou no lábio. Hatsumomo tinha-lhe mordido; não o suficiente para o fazer sangrar, mas o suficiente para o assustar. Ela ficou de pé, os olhos franzidos de cólera e os dentes à mostra; e depois fez recuar a mão e deu-lhe uma bofetada. Penso que a pontaria dela devia ser má por causa de todo o saqué que tinha bebido, porque lhe bateu no lado da cabeça em vez de ser na cara.

- O que é que aconteceu? - perguntou-me Tachibana. As palavras dele na sala silenciosa soaram tão claras como se alguém tivesse tocado uma campainha. Não respondi, mas quando ouviu Shojiro gemer e a respiração acelerada de Hatsumomo, tenho a certeza de que compreendeu.

- Hatsumomo-san, por favor - disse Mameha falando numa voz tão calma que soava completamente deslocada - faça-me um favor a mim... tente ficar calma.

Não sei se as palavras de Mameha tiveram o efeito preciso que ela pretendia, ou se a mente de Hatsumomo já se fragmentara. Mas Hatsumomo atirou-se a Shojiro e começou a bater-lhe em todo o lado. Eu acho que de facto, de uma maneira qualquer, ela era louca. Não era apenas o facto de a mente dela se ter fracturado; o próprio momento parecia desconectado de tudo o resto. O director do Teatro levantou-se da mesa e acorreu para a controlar. Discretamente, no meio de tudo isto, Mameha saiu e regressou um momento mais tarde com a patroa da casa de chá. Nessa altura o director do Teatro já estava a segurar Hatsumomo por detrás. Eu pensei que a crise tinha acabado, mas então Shojiro gritou contra Hatsumomo tão alto, que o ouvimos ecoar nos edifícios do outro lado do rio em Gion.

- Monstro! - gritou ele. - Mordeste-me!

Não sei o que cada um de nós teria feito sem o pensamento calmo da patroa. Ela falou a Shojiro numa voz apaziguadora, enquanto ao mesmo tempo fazia sinal ao director do Teatro para levar Hatsumomo para fora. Soube-o mais tarde, ele não se limitou a levá-la para o interior da casa de chá; levou-a escadas abaixo até à entrada principal e atirou com ela para a rua.

Hatsumomo não voltou para a okiya em toda essa noite. Quando regressou no dia seguinte, cheirava como se tivesse vomitado, e tinha o cabelo em desalinho. Foi imediatamente chamada ao quarto da Mãe, e aí passou um grande bocado.

Alguns dias mais tarde, Hatsumomo deixou a okiya usando um simples vestido de algodão que a Mãe lhe tinha dado, e com o cabelo como eu nunca antes lho vira, caído numa massa sobre os ombros. Levava uma mala com os seus pertences e jóias, e não disse adeus a nenhuma de nós, limitando-se a sair para a rua. E de facto, Mameha achava que muito provavelmente a Mãe já andaria há anos a tentar ver-se livre de Hatsumomo. Quer isto fosse verdade ou não, tenho a certeza de que a Mãe ficou contente por ter menos bocas para alimentar, dado que Hatsumomo já não ganhava agora o que antes ganhara, e nunca tinha sido tão difícil arranjar comida.

Se Hatsumomo não tivesse sido famosa pela sua maldade, alguma outra okiya a poderia ter querido aceitar, mesmo depois do que ela tinha feito a Shojiro. Mas ela era como uma chaleira que até num dia bom pode ainda queimar a mão de quem a usa. Toda a gente em Gion entendia isto acerca dela.

Não sei ao certo o que veio a acontecer a Hatsumomo. Alguns anos depois da guerra, ouvi dizer que se sustentava como prostituta no distrito de Miyagawa-cho. Não deveria ter ficado lá durante muito tempo, porque na noite em que o soube, um homem que estava na festa jurou que se Hatsumomo fosse uma prostituta, ele iria procurá-la e montar-lhe-ia um negócio por conta própria. E foi mesmo à procura dela, mas não a encontrou em lado algum. Com os anos, provavelmente terá conseguido embriagar-se até à morte. E decerto que não teria sido a primeira gueixa a fazê-lo.



Da mesma maneira que um homem pode ir ficando habituado a uma perna doente, todas nós nos tínhamos ido acostumando a ter Hatsumomo na nossa okiya. Acho que não percebíamos bem todos os modos pelos quais a sua presença nos perturbara senão até muito depois de ela ter partido, quando as coisas de que não nos tínhamos apercebido começaram lentamente a sarar. Mesmo quando Hatsumomo não andara a fazer mais do que a dormir no seu quarto, as criadas sabiam que ela estava em casa, e que durante o dia as iria maltratar. Tinham vivido com o tipo de tensão que se sente quando se anda por cima de um lago gelado cuja superfície se pode quebrar a qualquer momento. E quanto à Abóbora, acho que ela tinha acabado por se tornar dependente da sua irmã mais velha e se sentia estranhamente perdida sem ela.

Eu já me tinha tornado o investimento principal da okiya, mas até mesmo eu tinha tido dificuldade para mandar todos os hábitos peculiares que se tinham enraizado por causa de Hatsumomo. De cada vez que um homem olhava para mim de uma maneira estranha, dava comigo a perguntar-me se teria ouvido alguma coisa maldosa a meu respeito dito por ela, mesmo muito depois de ela se ter ido embora. Sempre que eu subia as escadas para o segundo andar da okiya, ainda mantinha os olhos baixos com medo que Hatsumomo estivesse ali no patamar, ansiosa à espera de alguém para maltratar. Não vos posso contar quantas vezes eu cheguei ao último degrau e olhei subitamente para cima com a consciência de que não havia Hatsumomo nenhuma, e nunca mais voltaria a haver. Eu sabia que ela se tinha ido embora, e no entanto o próprio vazio do átrio parecia sugerir alguma coisa da presença dela. Mesmo agora, que sou uma mulher mais velha, às vezes levanto a cobertura de brocado sobre o espelho da minha cómoda de maquilhagem, e tenho ainda o breve vislumbre do pensamento de que a posso encontrar ali no espelho, a troçar de mim.

\*

No Japão referimo-nos aos anos a partir da Depressão até depois da Segunda Grande Guerra como kurotani - o vale da sombra, quando tanta gente vivia como crianças cujas cabeças tinham escorregado por debaixo das ondas. Como é o caso muitas vezes, nós em Gion não sofremos assim tanto como outros. Enquanto a maioria dos japoneses viveu no vale da sombra durante toda a década de 1930, por exemplo, em Gion ainda andávamos aquecidos por um pouco de sol. E tenho a certeza de que não preciso de vos dizer porquê; as mulheres que eram amantes de ministros do governo e comandantes navais são os recipientes de uma enorme boa fortuna, e passam essa boa fortuna aos outros. Poderiam dizer que Gion era como um lago no topo elevado de uma montanha, alimentado por ricos ribeiros de água primaveril. Entrava mais água nalguns pontos que noutros, mas fazia subir igualmente o nível da água no lago todo.

Por causa do general Tottori, a nossa okiya era um dos pontos por onde entrava a rica água dos ribeiros. As coisas ficaram piores e piores à nossa volta durante o curso de vários anos; e no entanto, muito depois de ter começado o racionamento de víveres, continuávamos a receber fornecimentos regulares de coisas para comer, chá, linhos, e até alguns luxos como cosméticos e chocolate. Poderíamos ter guardado esses produtos para nós e vivido atrás de portas fechadas, mas Gion não é esse tipo de lugar. A Mãe passava muito daquilo adiante e considerava-o bem gasto, não porque fosse uma mulher generosa, claro, mas porque nós éramos todas como aranhas acumuladas juntas na mesma teia. De tempos a tempos as pessoas vinham pedir ajuda, e tínhamos prazer em dá-la sempre que podíamos. A certa altura, durante o Outono de 1941, por exemplo, a polícia militar descobriu uma criada com uma caixa contendo provavelmente dez vezes mais cupões de racionamento do que a sua okiya era suposto ter. A patroa dela enviou-no-la para que a escondêssemos, até que as coisas pudessem ser arrançadas para a enviar para o campo - era evidente que cada okiya em Gion entesourava cupões; usualmente, quanto melhor a okiya, mais tinha. A criada foi-nos enviada a nós em vez de a outra qualquer, porque o general

Tottori tinha dado ordens à polícia militar para nos deixar em paz. Por isso, como vêm, mesmo dentro daquele laguinho de montanha que era Gion, éramos os peixes a nadar na água mais quente de todas.

\* \* \*

Enquanto a sombra continuava a estender-se por todo o Japão, lá veio por fim um tempo em que cada pontinho de luz em que até então nos tínhamos conseguido manter subitamente se apagou. Aconteceu num único momento, no princípio de uma tarde apenas algumas semanas antes do dia de Ano Novo, em Dezembro de 1942. Estava eu a tomar o meu pequeno almoço - ou pelo menos a primeira refeição do dia, porque tinha andado atarefada a ajudar a limpar a okiya em preparativos para o novo ano - quando uma voz de homem chamou da nossa entrada. Pensei que estava apenas a fazer uma entrega, por isso continuei a comer, mas um momento depois a criada interrompeu-me para me dizer que um polícia militar tinha vindo à procura da Mãe.

- Um polícia militar? - disse eu. - Diz-lhe que a Mãe saiu.

- Sim, eu disse, Minha Senhora. Em vez dela ele quer falar consigo.

Quando cheguei ao átrio da entrada principal, descobri o polícia a descalçar as botas no degrau. Provavelmente a maioria das pessoas ter-se-ia sentido aliviada apenas por verificar que a pistola dele ainda estava fechada dentro do coldre de couro, mas como digo, a nossa okiya tinha vivido de maneira diferente até àquele momento. Normalmente, um polícia teria sido mais apologético ainda do que a maioria dos visitantes, dado que a sua presença nos iria alarmar. Mas vê-lo ali atrapalhado com as botas... bom, esta era a sua maneira de dizer que pretendia entrar quer o convidássemos ou não.

Eu fiz-lhe uma vénia e cumprimentei-o, mas ele não fez nada mais do que lançar-me um vislumbre como quem iria tratar de mim mais tarde. Por fim puxou as meias para cima e o boné para baixo, entrou no átrio principal de entrada e disse que queria ver a nossa horta. Assim de repente, sem palavras de desculpa por nos perturbar. Sabem que, por esta altura, quase toda a gente em Quioto, e provavelmente no resto do país, tinha convertido os seus jardins decorativos em hortas - ou seja, toda a gente excepto pessoas como nós. O general Tottori fornecia-nos com comida suficiente de maneira que não tínhamos que lavar o nosso jardim, e em vez disso éramos capazes de gozar o musgo e os rebentos de ervas, e o pequeno carvalho no canto. Dado que era Inverno, esperava que o polícia viesse apenas olhar para os pontos do chão gelado onde a vegetação havia morrido há tempo, e imaginasse que tínhamos plantado abóboras e batatas doces por entre as plantas decorativas. Por isso, depois de o ter conduzido ao pátio, não disse uma palavra; observei-o apenas a ajoelhar-se e a mexer na terra com os dedos. Calculo que queria sentir se o solo tinha ou não sido cavado para plantação.

Estava tão desesperada para dizer qualquer coisa que despejei a primeira frase que me veio à cabeça.

- Não acha que a neve em pó sobre o chão nos faz pensar na espuma do oceano? - Não me respondeu, mas limitou-se a pôr-se de pé em toda a sua altura e perguntou-me que legumes tínhamos plantado.

- Oficial - disse eu -, lamento imenso, mas a verdade é que ainda não tivemos uma oportunidade de plantar quaisquer legumes que fosse. E agora que o chão está tão duro e frio...

- Então a associação dos vossos vizinhos tinha razão acerca de vocês! - disse, tirando o boné.

Retirou da algibeira uma tira de papel e começou a ler uma longa lista de faltas que a nossa okiya tinha cometido. Nem sequer me lembro de todas - entesourar materiais de algodão, não ter entregue artigos em metal ou borracha necessários para o esforço de guerra, uso impróprio de cupões de racionamento, todo o tipo de coisas assim. Era verdade que havíamos feito aquelas coisas, tal como

qualquer outra okiya em Gion. O nosso crime, calculo, era que nós gozávamos de melhor fortuna que a maioria, e tínhamos sobrevivido mais tempo e em melhor forma do que todas à excepção de umas muito poucas.

Felizmente para mim, a Mãe regressou exactamente naquele momento. Não parecia nada surpreendida por ter encontrado um polícia militar ali; na verdade, ela comportou-se mais delicadamente para com ele do que eu alguma vez a tinha visto agir relativamente a quem quer que fosse. Levou-o para a nossa sala de recepções e serviu-lhe algum do nosso chá de má proveniência. A porta ficou fechada, mas podia ouvi-los falar durante um grande bocado. A dado momento, quando ela saiu para vir buscar qualquer coisa, puxou-me de lado e disse-me:

- O General Tottori foi levado em prisão preventiva esta manhã. Apressa-te e esconde as nossas melhores coisas, ou amanhã já cá não estarão.

Lá em Yoroido eu costumava nadar nos dias de Primavera frios, e depois deitar-me nas rochas ao lado do lago para absorver o calor do sol. Se a luz solar se desvanecia subitamente por detrás de uma nuvem, como muitas vezes acontecia, o ar frio parecia fechar-se à volta da minha pele como uma folha de metal. No momento em que ouvi da desgraça do General, ali de pé diante do átrio da entrada principal, tive esse mesmo sentimento. Era como se o sol se tivesse desvanecido, possivelmente de vez, e eu estivesse agora condenada a ficar molhada e nua no ar gelado. Uma semana depois da visita do polícia, a nossa okiya tinha sido despojada das coisas que as outras famílias já há muito tinham perdido, tais como armazenamentos de comida, roupas interiores, e por aí fora. Havíamos sido sempre a fonte de abastecimento de pacotes de chá de Mameha; eu acho que ela os tinha andado a usar para comprar favores. Mas agora os suprimentos dela eram melhores que os nossos, e então para compensar foi ela quem se tornou a nossa fonte. Pelo fim do mês, a associação de vizinhos começou a confiscar muitas das nossas cerâmicas e rolos pintados para os vender no que nós chamávamos de «mercado cinzento», que era diferente do mercado negro. O mercado negro era para coisas como combustível, comida, metais, etc. - na maioria artigos racionados ou que era ilegal comerciar. O mercado cinzento era mais inocente; tratava-se, na maioria, de donas de casa a venderem ao desbarato as suas coisas preciosas para arranjar dinheiro. No nosso caso, porém, as nossas coisas eram vendidas mais para nos castigarem do que por qualquer outro motivo, e por isso o dinheiro ia beneficiar outros. A chefe da associação de vizinhos, que era a patroa de uma okiya próxima, lamentava profundamente sempre que tinha que vir buscar as nossas coisas. Mas a polícia militar tinha dado ordens; ninguém podia fazer nada mais senão obedecer.

Se os primeiros anos da guerra tinham sido como uma viagem excitante mar fora, pode dizer-se que por volta de meados de 1943 todos nos apercebemos que as ondas eram pura e simplesmente demasiado grandes para a nossa habilidade. Pensámos que nos íamos afogar todos nós, e a muitos isso aconteceu. Não era só que a vida do dia-a-dia se tinha tornado incrivelmente infeliz; ninguém ousava admiti-lo, mas acho que começávamos todos a andar preocupados com o modo como a guerra iria acabar. Já ninguém se divertia; muitas pessoas pareciam a ré sentir que era pouco patriótico divertir-se. A coisa mais próxima de uma piada que ouvi neste período foi algo que a gueixa Raiha disse uma noite. Durante meses tínhamos andado a ouvir boatos de que o Governo Militar planeava encerrar todos os bairros de gueixas no Japão; ultimamente tínhamos começado a apercebermo-nos que isso iria realmente acontecer. Andávamos todas a perguntarmo-nos o que nos iria acontecer, quando subitamente Raiha falou alto:

- Não podemos perder o nosso tempo a pensar em coisas dessas - disse ela. - Nada é mais negro que o futuro, a não ser talvez o passado.

Podem não achar que tem muita graça; mas naquela noite rimo-nos até que as lágrimas nos rebentaram no canto dos olhos. Um dia em breve os bairros de gueixas iriam de facto fechar. Quando o fizessem, estávamos seguras de que iríamos acabar a trabalhar em fábricas. Para vos dar uma ideia de

como era a vida nas fábricas, deixem-me contar-vos sobre a amiga de Hatsumomo, a Korin.

Durante o Inverno anterior, a catástrofe que toda a gueixa de Gion mais temia tinha de facto acontecido a Korin. Uma criada a preparar o banho na okiya dela tinha tentado queimar jornais para aquecer a água, mas perdera o controle das chamas. Toda a okiya fora destruída, junto com a sua colecção de quimonos. Korin acabou a trabalhar numa fábrica no sul da cidade, a enfiar lentes no equipamento usado para lançar bombas dos aviões. Regressava para visitar Gion de tempos a tempos enquanto os meses passavam, e ficávamos horrorizadas com o quanto ela tinha mudado. Não era só o parecer cada vez mais infeliz; todas tínhamos experimentado a infelicidade, e de alguma maneira estávamos preparadas para ela. Mas ela tinha uma tosse que era já tanto parte dela como uma canção é parte de um pássaro; e a pele andava manchada como se a tivesse imergido em tinta - porque o carvão que as fábricas usavam era de baixa qualidade e cobria tudo de fuligem quando ardia. A pobre Korin era forçada a trabalhar turnos duplos enquanto não era alimentada com mais que uma malga de caldo de carne com alguns fios de aletria uma vez por dia, ou papa de arroz aguada temperada com cascas de batata.

Por isso podem imaginar como estávamos aterrorizadas com as fábricas. Cada dia em que acordávamos para descobrir Gion ainda a funcionar, sentíamo-nos gratas.

Então uma manhã, em janeiro do ano seguinte, estava eu na bicha na loja do arroz sob a neve que caía, a segurar os meus cupões de racionamento, quando o comerciante da loja ao lado deitou a cabeça de fora e gritou para o frio.

- Aconteceu!

Olhámos todos uns para os outros. Eu sentia-me demasiado dormente do frio para me preocupar com o que ele estava a dizer, porque usava apenas um xaile grosso por cima da minha roupa de camponesa; já ninguém andava de quimono durante o dia. Por fim, a gueixa à minha frente limpou a neve das sobancelhas e perguntou-lhe de que é que ele estava a falar.

- A guerra não acabou, acabou? - perguntou ela.

- O governo acabou de anunciar o encerramento dos bairros de gueixas - disse ele. - Vocês todas têm que se apresentar amanhã de manhã no Registo.

Durante um longo momento ficámos a ouvir o som de uma telefonia dentro da loja dele. Depois a porta ribombou ao ser fechada outra vez, e não havia mais nada senão a espécie de silvo da neve a cair. Vi o desespero nas caras das outras gueixas à minha volta e soube num instante que estávamos todas a pensar a mesma coisa: qual dos homens que conhecíamos nos salvaria da vida nas fábricas?

Mesmo apesar de o general Tottori ter sido o meu danna até ao ano anterior, certamente que eu não seria a única gueixa das suas relações. Tinha que ir ter com ele antes que qualquer outra o fizesse. Não estava adequadamente vestida para o tempo, mas pus a ração de cupões de volta na algibeira das minhas calças de camponesa e parti imediatamente para noroeste da cidade. Dizia-se que o General estava a viver na Estalagem Suruya, a mesma em que nos tínhamos encontrado duas vezes por semana durante tantos anos.

Cheguei lá uma hora ou pouco mais tarde, a arder com o frio, e salpicada de neve por todo o lado. Mas quando cumprimentei a patroa, ela lançou-me um longo olhar antes de fazer uma vénia a pedir desculpa e dizer que não fazia ideia de quem eu era.

- Sou eu, senhora... Sayuri! Vim para falar com o General.

- Sayuri-san... Céus! Nunca pensei que a veria parecida com a mulher de um camponês.

Levou-me imediatamente para dentro, mas não me queria apresentar ao General antes de me ter levado para cima e vestido com um dos quimonos dela. Até me pôs um bocadinho de maquilhagem que tinha escondida, para que o General me reconhecesse quando me visse.

Quando entrei no quarto dele, o general Tottori sentava-se à mesa a ouvir um drama na rádio. O robe de algodão estava pendurado aberto, expondo-lhe o peito ossudo e os pelos finos grisalhos. Podia ver que as tribulações dele durante o ano anterior tinham sido muito maiores que as minhas. Apesar de tudo, havia sido acusado de crimes terríveis - negligência, incompetência, abuso de poder, e por aí fora; algumas pessoas consideravam que tinha tido sorte por ter escapado a ser preso. Um artigo numa revista até o responsabilizara pelas derrotas da Marinha Imperial no sul do Pacífico, dizendo que tinha falhado no embarque de abastecimentos. Porém, há homens que suportam o infortúnio melhor que outros; e com um olhar ao General podia ver que o peso do último ano o tinha comprimido até que os ossos se lhe tornaram quebradiços, e a própria cara lhe tinha ficado a parecer um pouco deformada. No passado, cheirara sempre a conservas azedas. Agora, enquanto eu fazia uma vénia profunda sobre os tapetes, tinha um cheiro a azedo diferente.

- Está com muito bom aspecto, General - disse, embora isto fosse evidentemente uma mentira. - É um prazer voltar a vê-lo de novo!

O General desligou o rádio. - Não és a primeira a vir até mim - disse-me. - Não há nada que eu possa fazer para te ajudar, Sayuri.

- Mas eu vim cá tão depressa! Não consigo imaginar como alguém possa ter chegado cá antes de mim!

- Desde a semana passada que quase todas as gueixas que eu conheço me vieram visitar, mas já não tenho amigos no poder. De qualquer maneira, não sei porque é que uma gueixa com o teu estatuto deveria vir ter comigo. Há tantos homens influentes que gostam de ti.

- Gostarem de mim e ter amigos verdadeiros desejosos de ajudar são duas coisas diferentes - disse eu.

- Sim, pois são. De qualquer modo, que tipo de ajuda é que me ias pedir?

- Qualquer tipo de ajuda, General. Não falamos de outra coisa em Gion nestes dias, senão de como seria infeliz a vida numa fábrica.

- A vida será infeliz para as que têm sorte. O resto nem sequer vai ver o fim da guerra.

- Não compreendo.

- Em breve as bombas vão cair - disse o General. - Podes ter a certeza de que as fábricas levarão mais do que a sua conta. Se queres estar viva quando esta guerra acabar, é melhor procurares alguém que te possa aconchegar num lugar seguro. Lamento, mas não sou eu esse homem. Eu já gastei até à exaustão toda a influência que tinha.

O General perguntou-me pela saúde da Mãe e da Tia, e em breve me despediu. Eu soube apenas muito mais tarde o que ele queria dizer quanto a ter gasto a sua influência até à exaustão. A proprietária da Suruya tinha uma filha pequena; o General tinha arranjado maneira de a enviar para uma terra no Norte do Japão.

No caminho de regresso à okiya, percebi que tinha chegado a hora de agir; mas não conseguia pensar no que fazer. Até a simples tarefa de controlar o meu pânico à distância de um braço parecia mais do que eu poderia ser capaz de fazer. Passei pelo apartamento onde Mameha vivia agora - porque a relação dela com o Barão tinha terminado há uns meses, e tinha-se mudado para um espaço muito mais

pequeno. Pensei que talvez soubesse qual o curso de acção, mas de facto, estava quase tanto em pânico quanto eu.

- O Barão não irá fazer nada para me ajudar - disse, pálida de preocupação. - Tenho sido incapaz de contactar os outros homens que tenho em mente. O melhor que tens a fazer é pensar em alguém, Sayuri, e ir falar com ele o mais depressa possível.

Por esta altura, eu já estava sem contactar Nobu há mais de quatro anos; mas sabia que podia aproximar-me dele imediatamente. Quanto ao Director... bom, eu teria agarrado qualquer desculpa apenas para falar com ele, mas nunca lhe teria podido pedir um favor. Por mais calorosamente que me tivesse tratado nos átrios, não era convidada para as festas dele, mesmo quando o eram gueixas inferiores. Sentia-me ferida por isto, mas o que podia fazer? De qualquer maneira, mesmo que o Director me tivesse querido ajudar, as suas desavenças com o Governo Militar ultimamente tinham vindo nos jornais. Ele tinha demasiados sarilhos dele próprio.

Por isso passei o resto da tarde de casa de chá em casa de chá debaixo de um frio terrível, perguntando por um certo número de homens que já não via há semanas ou mesmo meses. Nenhuma das patroas sabia onde os poderia encontrar.

Nessa noite, a Ichiriki estava muito ocupada com festas de despedida. Era fascinante ver como cada gueixa reagia de modo diferente às notícias. A algumas parecia que os seus espíritos lhes tinham sido assassinados no interior; outras ficavam como estátuas do Buda - calmas e adoráveis, mas pintadas de mais com uma camada de tristeza. Não posso dizer qual era o meu próprio aspecto, mas a minha mente funcionava como um ábaco. Estava tão ocupada a fazer esquemas e intrigas - a pensar de que homem me iria aproximar, e como o iria fazer - que mal ouvi a criada dizer-me que chamavam por mim noutra sala. Imaginei que um grupo de homens quisesse a minha companhia; mas ela levou-me pelas escadas até ao segundo andar, e ao longo de um corredor até mesmo aos fundos da casa de chá. Abriu a porta de uma pequena sala de tatami em que eu nunca antes entrara. E ali à mesa, só com um copo de cerveja, estava sentado Nobu.

Antes que pudesse sequer fazer-lhe uma vénia, ou falar uma palavra, ele disse:

- Sayuri-san, desapontaste-me!

- Meu Deus! Há quatro anos que não tenho a honra da sua companhia, Nobu-san, e agora num instante já o desapontei. O que é que eu fiz de mal assim tão depressa?

- Eu tinha feito uma pequena aposta comigo próprio como a tua boca ia ficar aberta quando me visses.

- A verdade é que estou tão surpreendida que nem me consigo mexer!

- Entra e deixa a criada fechar a porta. Mas primeiro diz-lhe para trazer outro copo e outra cerveja. Há uma coisa a que tu e eu temos de beber.

Fiz como Nobu me mandava, e então ajoelhei-me ao fundo da mesa, com um canto entre nós. Podia sentir os olhos de Nobu sobre a minha cara quase como se me estivesse a tocar. Corei como se pode corar sob o calor do Sol, porque me esquecera de como é lisonjeiro sentirmo-nos admiradas.

- Vejo ângulos na tua cara que nunca antes tinha visto - disse-me. - Não me digas que tens passado fome como toda a gente. Nunca esperaria uma coisa dessas de ti.

- O próprio Nobu-san também parece um pouco mais magro.

- Eu tenho imensa comida para comer, não tenho é tempo para comê-la.

- Estou contente que pelo menos tenha continuado ocupado.

- É a coisa mais estranha que alguma vez ouvi. Quando vês um homem que se conservou vivo por ter andado a enganar as balas, sentes-te contente por ele, por ter alguma coisa com que ocupar o tempo?

- Espero que Nobu-san não queira dizer que está verdadeiramente a recear perder a vida...

- Não há ninguém lá fora à espera para me assassinar, se é isso que queres dizer. Mas se a Companhia Eléctrica Iwamura é a minha vida, então sim, ando seguramente com medo de a perder. Agora diz-me, o que é que aconteceu àquele teu danna?

- Suponho que o General andará a passar tão bem como qualquer de nós. É muito amável em perguntar.

- Oh, eu não pergunto por amabilidade nenhuma.

- Muito poucas pessoas lhe desejam bem nestes dias. Mas para mudarmos de assunto, Nobu-san, deverei supor que tem vindo aqui à Ichiriki, noite após noite, mas mantendo-se escondido de mim usando esta estranha sala num andar superior?

- É uma sala estranha, não é? Acho que é a única aqui na casa de chá que tem vista para o jardim. Dá para a rua, se abrires aquelas persianas de papel.

- Nobu-san conhece bem a sala.

- Nem por isso. É a primeira vez que a uso.

Fiz uma careta quando ele disse isto, para mostrar que não acreditava.

- Podes pensar o que quiseses, Sayuri, mas é verdade que nunca estive nesta sala antes. Acho que é um quarto de dormir para hóspedes que ficam durante a noite quando à patroa lhe aparecem alguns. Ela foi muito amável em me ter deixado usar hoje quando lhe expliquei porque é que cá tinha vindo.

- Mas que misterioso... então tinha intenções quando veio. E eu chegarei a descobrir quais são?

- Oiço a criada a chegar com a nossa cerveja - disse Nobu. - Vais descobrir depois de ela se ir embora.

A porta deslizou a abrir-se, e a criada colocou a cerveja sobre a mesa. A cerveja era um artigo raro durante este período, por isso foi quase um espectáculo observar o líquido dourado a subir no copo. Depois de a criada sair, erguemos os copos e Nobu disse:

- Vim aqui para fazer um brinde ao teu danna.

Pousei o meu copo quando ouvi isto.

- Tenho que lhe dizer, Nobu-san, que há poucas coisas que possamos encontrar acerca das quais possamos ficar felizes. Mas levar-me-ia semanas só para tentar imaginar porque poderia querer beber em honra do meu danna.

- Deveria ter sido mais claro. Eis à loucura do teu danna! Há quatro anos eu disse-te que ele era um homem indigno, e ele provou que eu estava correcto. Não achas?

- A verdade é que... ele já não é o meu danna.

- Exactamente o que eu queria dizer! E mesmo que fosse, não poderia fazer o que quer que seja para te ajudar, poderia? Sei que Gion vai fechar, e toda a gente está em pânico com isso. Recebi uma chamada no meu escritório hoje de uma certa gueixa... não a vou nomear... mas podes imaginar? Ela perguntou-me se eu lhe poderia arranjar um emprego na Companhia Eléctrica Iwamura.

- Se não se importa que lhe pergunte, o que é que lhe respondeu?

- Eu não tenho empregos para ninguém, quase nem para mim próprio. Até o Director pode em

breve estar desempregado, e acabar na prisão se não começa a fazer como manda o Governo. Ele convenceu-os de que não temos os meios para fabricar baionetas e invólucros de balas, mas agora eles querem que façamos os projectos e passemos a construir aviões de guerra! Quero dizer, sinceramente, aviões de guerra? Nós fabricamos aparelhos eléctricos! As vezes pergunto-me o que é que esta gente anda a pensar.

- Nobu-san devia falar mais baixo.

- E quem me vai ouvir? Aquele teu General?

- Falando do General - disse -, eu fui vê-lo hoje para lhe pedir ajuda.

- Tiveste sorte de ele ainda estar vivo para te receber.

- Tem estado doente?

- Doente não. Mas ele vai conseguir matar-se um destes dias, se arranjar coragem para isso.

- Por favor, Nobu-san.

- Ele não te ajudou, pois não?

- Não. Disse que já tinha gasto todo o tipo de influência que tinha.

- Isso não lhe deve ter levado muito tempo. Porque é que ele não guardou a pouca influência que lhe restava para ti?

- Já não o vejo há mais de um ano...

- Tu não me vês há mais de quatro anos. E eu guardei a minha melhor influência para ti. Porque é que não vieste ter comigo antes?

- Mas eu tenho andado a imaginar que andava zangado comigo todos estes anos. Olhe para si, Nobu-san, como é que eu podia ir ter consigo?

- Como é que não podias? Eu posso salvar-te das fábricas. Eu tenho acesso ao porto perfeito. E acredita em mim, é perfeito, tal como um ninho para um pássaro. E tu és a única pessoa a quem o darei, Sayuri. E eu nem sequer a ti to darei, enquanto não tiveres feito aqui no chão uma vénia profunda diante de mim e admitires como estiveste errada pelo que aconteceu há quatro anos atrás. Podes estar certa de que estou zangado contigo! Ainda podemos morrer os dois antes de nos voltarmos a ver. Eu posso ter perdido a única hipótese que tinha. E não chega o facto de me teres posto de parte: tu gastaste os anos mais florescentes da tua vida com um tonto, um homem que nem sequer vai pagar as dívidas que tem para com o seu país, e menos ainda para contigo. E continua a viver como se não tivesse feito nada de errado!

Podem imaginar como eu já me estava a sentir por esta altura; porque Nobu era um homem que podia atirar as palavras como pedras. Não eram apenas as palavras em si, ou o seu significado, mas a maneira como as dizia. A princípio eu estava determinada a não chorar, independentemente do que ele dissesse; mas em breve me ocorreu que chorar talvez fosse exactamente a coisa que Nobu queria de mim. E pareceu-me tão fácil, como deixar uma folha de papel cair-me dos dedos. Cada lágrima que me escorregou pela cara abaixo eu chorei por um motivo diferente. E parecia haver tanta coisa para carpir! Chorei por Nobu, e por mim; chorei por me perguntar o que nos iria acontecer a todos. Até chorei pelo general Tottori, e por Korin, que se tinha tornado tão cinzenta e tão vazia com a vida da fábrica. E depois fiz o que Nobu me exigia. Afastei-me da mesa para arranjar espaço, e fiz uma vénia profunda até ao chão.

- Perdoe-me pela minha loucura - disse eu.

- Oh, levanta-te dos tapetes. Já fico satisfeito se me disseres que não voltas a fazer o mesmo erro outra vez.



- Não voltarei.

- Cada momento que passaste com aquele homem foi perdido! Foi exactamente isso que eu te disse que ia acontecer, não foi? Talvez tenhas aprendido o suficiente por agora para seguires o teu destino no futuro.

- Eu seguirei o meu destino, Nobu-san. Não há nada mais que eu queira da vida.

- Fico contente por ouvir isso. E aonde é que te leva o teu destino?

- Ao homem que dirige a Companhia Eléctrica Iwamura - disse eu. Claro que estava a pensar no Director.

- E leva mesmo - disse Nobu. - Agora vamos beber as nossas cervejas juntos.

Molhei os lábios - porque estava demasiado confusa e perturbada para ter sede. Depois Nobu falou-me do ninho que me tinha posto de parte. Era a casa do seu bom amigo Arashino Isamu, o fabricante de quimonos. Não sei se se recordam dele, mas tinha sido convidado de honra na festa dada na propriedade do Barão anos atrás, na qual Nobu e o Dr. Caranguejo estiveram presentes. A casa do Sr. Arashino, que era também a sua oficina, era nas margens dos baixios do Kamo, pelo rio acima a cerca de cinco quilómetros de Gion. Até há alguns anos antes, ele, a mulher e a filha tinham feito quimonos ao belo estilo de Yuzen pelo qual ele se tornara famoso. Porém, ultimamente, todos os fabricantes de quimonos tinham sido postos a trabalhar a coser pára-quadras - porque apesar de tudo estavam habituados a trabalhar com a seda. Era um trabalho que eu podia aprender depressa, disse Nobu, e a família Arashino estava desejosa de me acolher. O próprio Nobu trataria dos papéis necessários com as autoridades. Escreveu o endereço da casa do Sr. Arashino num pedaço e papel e deu-mo.

Disse a Nobu um sem número de vezes como lhe estava grata. De cada vez que eu lho dizia, ele ficava mais contente consigo próprio. No momento em que eu ia sugerir que déssemos um passeio pela neve acabada de cair, lançou um olhar ao relógio e deu um último gole na cerveja.

- Sayuri - disse-me -, não sei quando nos voltaremos a ver ou como será o mundo quando voltarmos. Podemos ter visto os dois coisas muito horrorosas. Mas eu pensarei em ti de cada vez que for preciso recordar que há beleza e bondade no mundo!

- Nobu-san! Talvez devesse ter sido poeta!

- Sabes perfeitamente bem que não há nada de poético acerca de mim.

- Essas suas palavras encantadoras querem dizer que se vai embora? Esperava que pudéssemos dar um passeio juntos.

- Está demasiado frio. Mas podes acompanhar-me à porta, e despedimo-nos lá.

Segui Nobu pelas escadas abaixo e acocorei-me na entrada da casa de chá para o ajudar a calçar os sapatos. Depois enfiei os meus pés nos altos geta de madeira que usava por causa da neve, e levei Nobu até à rua. Anos antes um carro estaria ali à espera dele, mas hoje em dia só os oficiais do governo tinham carro, porque quase ninguém conseguia arranjar gasolina para os fazer andar. Sugeri acompanhá-lo até ao eléctrico.

- Não quero a tua companhia por agora - disse Nobu. - Estou a caminho de um encontro com o nosso distribuidor em Quioto. Já tenho demasiadas coisas em que pensar no momento.

- Devo dizer, Nobu-san, que gostei muito mais das suas palavras de despedida na sala lá de cima.

- Nesse caso, fica lá da próxima vez.

Eu fiz a vénia e despedi-me de Nobu. A maioria dos homens provavelmente ter-se-ia virado para

olhar por cima do ombro em qualquer momento; mas Nobu limitou-se a caminhar penosamente através da neve até à esquina, e depois virou para a avenida Shijo e desapareceu. Na minha mão eu tinha o pedaço de papel que ele me tinha dado, com a morada do Sr. Arashino escrita nele. Apercebi-me de que o estava a apertar tanto nos dedos que, se fosse possível esmagá-lo, tenho a certeza de que o teria feito. Não conseguia pensar porque é que me sentia tão nervosa e com medo. Mas depois de ficar um bocado a olhar para a neve ainda a cair à minha volta, olhei para as pegadas profundas deixadas por Nobu conduzindo à esquina e tive a impressão de que já sabia o que me estava a preocupar. Quando é que eu voltaria a ver Nobu alguma vez? Ou o Director? Ou, nestes termos, a própria Gion? Já uma vez antes, quando criança, tinha sido arrancada da minha casa. Suponho que era a memória desses anos horríveis que me fazia sentir tão só.

\*

Poderão pensar que, dado eu ser uma jovem gueixa com êxito e uma grande quantidade de admiradores, mesmo que Nobu não se tivesse proposto, alguém mais poderia ter aparecido para me salvar. Mas uma gueixa com problemas é muito diferente de uma jóia caída na rua, a quem qualquer um se pode sentir feliz por apanhar. Cada uma das centenas de gueixas de Gion lutava para encontrar um ninho para fugir à Guerra naquelas semanas finais, e só algumas poucas tiveram sorte suficiente para arranjam um. Por isso, como vêem, cada dia em que eu vivia com a família Arashino, sentia-me mais e mais em dívida para com Nobu.

Descobri quão verdadeiramente afortunada tinha sido durante a Primavera do ano seguinte, quando soube que a gueixa Raiha tinha sido morta no bombardeamento de Tóquio. Fora Raiha quem nos fizera rir ao dizer que nada era tão negro quanto o futuro, a não ser o passado. Ela e a sua mãe tinham sido gueixas proeminentes, e o pai era membro de uma famosa família de mercadores; para todas nós em Gion, ninguém nos parecera ter mais hipóteses de sobreviver à guerra do que Raiha. Na altura da sua morte, aparentemente estava a ler um livro a um dos seus jovens sobrinhos na propriedade do pai, na zona Denenchofu de Tóquio, e tenho a certeza que se sentia ali tão segura quanto se sentira em Quioto. Estranhamente, o mesmo raid aéreo que matara Raiha também matou o lutador de Sumo Miyagiyama. Ambos tinham vivido com um conforto relativo. E no entanto, a Abóbora, que me tinha parecido tão perdida, conseguiu sobreviver à guerra, embora a fábrica de lentes em que ela tinha estado a trabalhar nos subúrbios de Osaca tivesse sido bombardeada cinco ou seis vezes. Aprendi naquele ano que nada é tão imprevisível como quem irá ou não sobreviver a uma guerra. Mameha sobreviveu, trabalhando num pequeno hospital na Prefeitura de Fukui, como auxiliar de enfermagem; mas a criada dela, Tatsumi, foi morta pela terrível bomba que caiu em Nagasaki, e o vestidor, o Sr. Itchoda, morreu de ataque de coração durante um exercício de ensaio de ataque aéreo. Por outro lado, o Sr. Bekku trabalhou numa base naval em Osaca, e no entanto conseguiu, sobreviver de alguma forma. O mesmo aconteceu ao general Tottori, que residiu na estalagem de Suruya até à sua morte a meados da década de 1950, e também o Barão - embora lamente dizer que nos primeiros anos da ocupação dos Aliados, o Barão se tenha afogado no seu esplêndido lago depois de o título e muitos dos seus investimentos lhe terem sido retirados. Acho que não teria sido capaz de enfrentar um mundo em que não mais fosse livre de agir de acordo com todos os seus caprichos.

Quanto à Mãe, nunca houve um momento de dúvida na minha mente em que ela iria sobreviver. Com a sua extraordinária e desenvolvida habilidade para beneficiar com o sofrimentos dos outros, entrou tão naturalmente a trabalhar no mercado cinzento que era como se o tivesse feito sempre durante toda a sua vida; passou a Guerra a ficar cada vez mais rica, em vez de mais pobre, a comprar e vender as heranças familiares dos outros. Sempre que o Sr. Arashino vendia um quimono da sua colecção a fim de arranjar dinheiro, pedia-me para entrar em contacto com a Mãe a fim de que depois ela lho pudesse

recuperar. Sabem que, muitos dos quimonos vendidos em Quioto lhe passavam pelas mãos. O Sr. Arashino esperava provavelmente que a Mãe renunciasse aos seus lucros e lhe guardasse os quimonos durante alguns anos até que ele os pudesse comprar de volta; mas ela nunca pareceu ser capaz de os encontrar - ou, pelo menos, era isso o que dizia.

\* \* \*

Os Arashino trataram-me com grande bondade durante os anos que vivi em casa deles. Durante o dia, trabalhava junto com eles a coser pára-quebras. À noite dormia ao lado da filha e do neto, em futon espalhados no chão da oficina. Tínhamos tão pouco carvão que queimávamos folhas comprimidas para nos aquecermos - ou jornais e revistas; tudo o que podíamos encontrar. Claro que a comida se tornara ainda mais escassa; não podem imaginar algumas das coisas que aprendemos a comer, tal como cascas de feijão de soja, normalmente dadas aos animais, e uma coisa horrível chamada nukapan, feita com farelo de arroz frito com farinha de trigo. Parecia couro velho e ressequido, embora tenha a certeza de que o couro saberia melhor. Muito raramente tínhamos pequenas quantidades de batata, ou batata doce; carne de baleia seca; salsichas de foca; e às vezes sardinhas, que nós japoneses nunca tínhamos considerado como sendo mais que fertilizante. Fiquei tão magra durante esses anos que ninguém me teria reconhecido nas ruas de Gion. Algumas vezes, o neto de Arashino, Juntaro, chorava com fome - e era quando o Sr. Arashino se decidia a vender um quimono da sua colecção. Isto era o que nós japoneses chamávamos a «vida de cebola» - tirar uma camada de cada vez a chorar o tempo todo.

Uma noite, na Primavera de 1944, depois de estar a viver com a família Arashino há não mais que três ou quatro meses, testemunhámos o nosso primeiro ataque aéreo. As estrelas estavam tão brilhantes que podíamos ver as silhuetas dos bombardeiros enquanto zumbiam por cima das nossas cabeças, e também as estrelas cadentes - como nos pareciam - que voavam a partir da terra e explodiam perto deles. Tínhamos medo de vir a ouvir o terrível barulho do assobio, e observar Quioto a rebentar em chamas em toda a nossa volta; e se o tivesse, as nossas vidas teriam acabado ali mesmo, quer tivéssemos morrido ou não - porque Quioto é tão delicada como a asa de uma traça; se tivesse sido esmagada, nunca conseguiria ter-se recuperado como Osaca e Tóquio, e tantas outras cidades foram capazes de o fazer. Mas os bombardeiros limitaram-se a passar por cima de nós, não apenas naquela noite, mas todas as noites. Em muitas delas observámos a Lua a ficar vermelha por causa dos fogos em Osaca, e às vezes víamos as cinzas a flutuar pelo ar como folhas a cair - mesmo aqui em Quioto, a cinquenta quilómetros de distância. Podem bem imaginar como eu andava terrivelmente preocupada com o Director e Nobu, cuja Companhia tinha a sede em Osaca, onde ambos também tinham os seus lares, para lá da casa em Quioto. Perguntava-me, ainda, o que teria acontecido à minha irmã, Satsu, onde quer que andasse. Não acho que estivesse completamente consciente disso, mas desde a semana em que ela fugira, havia uma crença amortalhada algures no fundo da minha alma de que os cursos das nossas vidas um dia nos iriam juntar outra vez. Pensei que talvez ela me pudesse enviar uma carta ao cuidado da okiya Nitta, ou então regressar a Quioto à minha procura. Então, uma tarde, quando eu tinha levado o pequeno Juntaro para dar um passeio junto ao rio, a apanhar pedras da beira da água e atirá-las de volta, ocorreu-me que Satsu nunca regressaria a Quioto para me procurar. Agora que eu própria estava a viver uma vida de pobreza, podia ver que viajar para alguma cidade distante, qualquer que fosse o motivo, estava fora de questão. E, em qualquer caso, mesmo que ela viesse, Satsu e eu provavelmente nem nos iríamos reconhecer uma à outra na rua. Quanto à minha fantasia de que ela me pudesse escrever uma carta... bom, eu sentia-me outra vez como uma rapariga tonta; será que eu tinha demorado estes anos todos para compreender que Satsu não tinha maneira de saber o nome da okiya Nitta? Ela não me poderia escrever mesmo que quisesse - a não ser que entrasse em contacto com o Sr. Tanaka, e nunca iria fazer uma coisa dessas. Enquanto o pequeno Juntaro continuava a atirar pedras ao rio, acocorei-me ao lado dele e borrifei a cara com água com uma mão, sorrindo para ele o tempo todo, e fingindo que o tinha feito para me refrescar. O meu pequeno

truque deve ter resultado, porque Juntaro parecia não fazer ideia de que alguma coisa se passava.

A adversidade é como um vento forte. Não quero apenas dizer que nos afasta de lugares a onde poderíamos ter ido noutras circunstâncias. Também nos arranca todas as coisas à excepção das que não nos podem ser arrancadas, de modo que depois nos vemos como realmente somos, e não apenas como poderíamos ter gostado de ter sido. A filha do Sr. Arashino, por exemplo, sofreu a morte do marido durante a guerra, e depois dedicou-se a duas coisas: tratar do seu rapazinho e coser pára-quadras para os soldados. Parecia não viver para mais nada. Quando começou a ficar cada vez mais magra, sabíamos para onde ia cada grama dela. Pelo fim da guerra, agarrava-se àquela criança como se fosse a beira do rochedo que a impedia de se esmagar nas rochas em baixo.

Porque eu já tinha passado pela adversidade antes, o que aprendi acerca de mim própria foi como uma recordação de alguma coisa que eu já soubera mas que entretanto quase esquecera - nomeadamente, que por debaixo das roupas elegantes, e o dançar exímio, e a conversa inteligente, a minha vida não era nada complexa, mas simples como uma pedra a cair para o chão. Todos os meus objectivos, em tudo, durante os últimos dez anos, se resumiam a tentar conquistar a afeição do Director. Dia após dia eu observava a água rápida dos baixios do rio Kama a correr por debaixo da oficina; às vezes atirava-lhe uma pétala, ou um bocadinho de palha, sabendo que seria levada por todo o caminho até Osaca antes de desaguar no mar. Imaginava que talvez o Director, sentado à sua secretária, pudesse olhar pela janela numa tarde e ver aquela pétala ou aquela palhinha, e talvez pensar em mim. Mas em breve comecei a ter uma ideia perturbadora. O Director poderia vê-las, talvez, embora eu duvidasse que sim; mas mesmo que isso acontecesse, e ele se encostasse para trás na sua cadeira a pensar na centena de coisas que a pétala lhe poderia trazer à mente, eu poderia não ser uma delas. Tinha sido bondoso comigo muitas vezes, era verdade; mas era um homem bondoso. Nunca dera o mínimo sinal de ter reconhecido que era eu a repariga a quem ele tinha confortado, ou de que eu gostava dele, ou pensava nele.

Um dia cheguei a uma conclusão, ainda mais dolorosa de algumas maneiras do que a compreensão súbita de que seria pouco provável que Satsu e eu nos voltássemos a reunir. Tinha passado a noite da véspera a alimentar um pensamento perturbador, imaginando pela primeira vez o que poderia acontecer se chegasse ao fim da minha vida e o Director continuasse sem nunca reparar especialmente em mim. Na manhã seguinte fui verificar cuidadosamente o meu almanaque com a esperança de encontrar algum sinal de que a minha vida não seria vivida sem objectivo. Estava a sentir-me tão rejeitada que até o Sr. Arashino pareceu dar por isso, e mandou-me fazer um recado para comprar agulhas para coser no armazém de artigos secos a trinta minutos de distância. No caminho de regresso, a passear ao longo da berma da estrada com o Sol a pôr-se, quase fui atropelada por um camião militar. Foi o mais próximo que estive de vir a morrer. Só na manhã seguinte é que reparei que o meu almanaque me tinha avisado contra viajar na direcção do Rato, precisamente aquela em que se encontrava o armazém de secos; tinha procurado apenas sinais sobre o Director, e não reparara no resto. A partir desta experiência compreendi o perigo de me concentrar apenas naquilo que não está ali. E se eu chegasse ao fim da minha vida e me apercesse de que tinha gastado todo e cada dia à procura de um homem que nunca viria para mim? Que tristeza insuportável não seria, aperceber-me de que nunca tinha de facto tomado o gosto das coisas que comera, ou visto os lugares em que estivera, porque não tinha pensado em nada mais do que o Director, mesmo quando a minha vida me ia fugindo. Porém, e se eu desviasse os meus pensamentos dele, que vida teria? Seria como uma bailarina a praticar desde a juventude para uma exibição que nunca viria a dar.

\* \* \*

A guerra terminou para nós em Agosto de 1945. Quase toda a gente que viveu no Japão durante esse tempo vos dirá que foi o momento mais sombrio numa longa noite de escuridão. O país não estava simplesmente derrotado, estava destruído - e não digo por causa de todas as bombas, por mais horríveis

que fossem. Quando um país perde uma guerra e um exército invasor entra nele, sentimo-nos como se nós próprios tivéssemos sido conduzidos ao terreno de execuções para ajoelhar, mãos amarradas, e esperar que a espada caia. Durante o período de um ano ou mais, nunca ouvi uma única vez o som do riso - a não ser que fosse o do pequeno Juntaro, que não entendia o que se passava. E quando Juntaro se ria, o avô acenava com uma mão para o mandar calar. Observei muitas vezes que os homens e as mulheres que foram crianças durante estes anos têm uma certa seriedade em torno de si; havia muito poucos risos nas suas infâncias.

Pela Primavera de 1946, tínhamos todos acabado por reconhecer que sobreviveríamos ao ordálio da derrota. Havia até aqueles que acreditavam que um dia o Japão se renovaria. Todas as histórias sobre soldados americanos invasores a violar e matar se tinham revelado inexatas; e de facto, gradualmente, acabámos por nos aperceber de que, no geral os americanos eram muito bondosos. Um dia, um grupo deles veio passear para aquela área nos seus camiões. Fiquei a observá-los com as outras mulheres da vizinhança. Durante os meus anos em Gion tinha aprendido a considerar-me como a habitante de um mundo especial que me separava das outras mulheres; e de facto, sentia-me tão isolada nestes últimos anos que muito raramente me questionara sobre como viviam elas - mesmo as esposas dos homens a quem eu entretivera. Porém ali estava eu, com um par de calças rotas, com o cabelo como cordas pendurado costas abaixo. Há vários dias que não tomava banho, porque não tínhamos combustível para aquecer a água para mais que umas tantas vezes durante cada semana. Aos olhos dos soldados americanos que passaram por nós, não lhes parecia em nada diferente das mulheres à minha volta, e quando pensei nisto, quem poderia dizer que eu era de facto diferente? Se já não temos folhas, nem casca, nem raízes, poderemos continuar a chamar-nos árvores? «Sou uma camponesa» disse para comigo, «e não mais uma gueixa». Era uma sensação assustadora olhar para as minhas mãos e ver-lhes a rudeza. Para desviar a mente dos meus receios, centrei de novo a atenção nos camiões de soldados que passavam. Não eram estes os mesmos soldados americanos a quem tínhamos sido ensinados a odiar, que tinham bombardeado as nossas cidades com armas tão horripilantes? Agora passavam pela nossa vizinhança, atirando rebuçados às crianças.

Cerca de um ano depois da rendição, o Sr. Arashino tinha sido encorajado a voltar a fazer quimanos. Eu não sabia nada de quimonos, a não ser como os usar, por isso tinha-me sido dada a tarefa de passar os meus dias na cave do anexo da oficina, a tomar conta das cubas de tinta enquanto ferviam. Era um trabalho horroroso, em parte porque não conseguíamos comprar outro combustível sem ser tadon, que é uma espécie de pó de carvão unido por alcatrão; não podem imaginar o cheirete quando arde. Com o tempo, a mulher do Sr. Arashino ensinou-me como apanhar as folhas adequadas, os ramos e as cascas para fazer eu própria as tintas, o que pode soar como uma espécie de promoção. E poderia ter sido, a não ser que um dos materiais - nunca descobri qual - tinha o estranho efeito de me decapar a pele. As minhas mãos delicadas de dançarina, que antes tratara com os cremes mais requintados, começavam agora a pelar tal a casca fina como papel de uma cebola, e ficavam todas manchadas da cor de uma nódoa negra. Durante este tempo - impelida talvez pela minha própria solidão - acabei envolvida num breve romance com um jovem fabricante de tatami chamado Inoue. Achava que ele era quase bonito, com as sobrancelhas macias como manchas na sua pele delicada e uma macieza perfeita nos lábios. Algumas noites intervaladas no decurso de várias semanas, escapulia-me para o anexo para o deixar entrar. Não me apercebi do aspecto horrendo das minhas mãos senão uma noite, quando o fogo sob as cubas queimava tão brilhante que nos podíamos ver um ao outro. Depois de Inoue ter vislumbrado as minhas mãos, proibiu-me de lhe tocar com elas.

Para dar algum alívio à minha pele, o Sr. Arashino distribui-me a tarefa de apanhar ervas-da-fortuna durante o Verão. As ervas-da-fortuna são umas flores cujo suco é usado para pintar as sedas antes de serem protegidas com amido e depois tingidas. Têm tendência para crescer à volta das margens de

lagoas e lagos durante a estação chuvosa. Achei quecolhê-las soava como um trabalho agradável, por isso, numa manhã de julho, parti com a minha mochila, pronta para gozar o dia fresco e seco; mas em breve descobri que as ervas-da-fortuna são flores diabolicamente espertas. Tanto quanto podia dizer, tinham alistado como aliados todos os insectos do oeste do Japão. Sempre que eu arrancava uma mão-cheia de flores, era atacada por divisões de carraças e mosquitos; e para tornar as coisas piores, uma vez pisei uma rãzinha horrorosa. Então, depois de ter andado uma semana infelicíssima a apanhar flores, passei ao que eu achava que seria uma tarefa mais fácil, a de as espremer numa prensa para lhes extrair os sucos. Mas se nunca cheiraram o suco de uma erva-da-fortuna... bom, no fim da semana já me dava por muito feliz por regressar outra vez às tintas a ferver.

Trabalhei muito duro durante esses anos. Mas cada noite, quando ia para a cama, pensava em Gion. Todos os bairros de gueixas do Japão tinham começado a reabrir alguns meses depois da rendição; mas eu não tinha liberdade de partir enquanto a Mãe não me mandasse chamar. Ela estava a ter uma boa vida, a vender quimonos, obras de arte e espadas japonesas aos soldados americanos. Por isso, entretanto, ela e a Tia iam-se mantendo na pequena quinta a oeste de Quioto onde tinham aberto uma loja, enquanto eu continuava a viver e trabalhar com a família Arashino.

Considerando que Gion era apenas a alguns quilómetros de distância, podem pensar que ia lá de visita muitas vezes. Porém, naqueles quase cinco anos em que vivi fora de Gion, só lá fui uma vez. Foi uma tarde durante a Primavera, cerca de um ano depois do fim da guerra, quando regressava do Hospital da Prefeitura de Kamigyo, onde tinha ido buscar um remédio para o pequeno Juntaro. Dei um passeio ao longo da avenida Kawaramachi até tão longe quanto Shijo e atravessei a ponte dali para Gion. Fiquei chocada por ver famílias inteiras amontoadas ali na pobreza ao longo da margem do rio.

Em Gion reconheci um certo número de gueixas, embora claro que elas não me tivessem reconhecido; e não lhes falei uma palavra, esperando por uma vez poder olhar tudo como o faria um forasteiro. Na verdade, porém, quase não conseguia ver Gion de todo enquanto a atravessava a passear; em vez disso, via apenas os fantasmas das minhas memórias. Quando andava ao longo das margens do ribeiro de Shirakawa, pensei nas muitas tardes que Mameha e eu tínhamos passado a passear por ali. Junto estava o banco em que a Abóbora e eu nos havíamos sentado com duas taças de aletria na noite em que lhe pedira ajuda. Não muito longe, era a ruela onde Nobu me tinha castigado por ter tomado o General como meu danna. Dali andei por um meio quarteirão na avenida Shijo onde tinha feito o jovem entregador deixar cair as caixas do almoço que levava. Em todos estes pontos, sentia que estava de pé num palco muitas horas depois de a dança ter terminado, quando o silêncio pousa tão pesadamente sobre o teatro vazio como um cobertor de neve. Fui até à nossa okiya e fiquei a olhar com saudades para o pesado cadeado de ferro na porta. Quando estava fechada lá dentro, queria sair. Agora a vida tinha mudado tanto que, descobrindo-me fechada cá fora, eu queria estar lá dentro outra vez. E no entanto já era uma mulher adulta - livre, se eu o quisesse, para sair de Gion naquele mesmo momento e nunca mais voltar.

Numa tarde de Novembro muito fria, três anos depois do fim da guerra, estava eu a aquecer as mãos sobre as cubas de tinta no anexo, quando a Sra. Arashino desceu para me dizer que alguém me queria falar. Podia dizer pela expressão dela que o visitante não era apenas uma das outras mulheres da vizinhança. Mas podem imaginar a minha surpresa quando alcancei o topo das escadas e vi Nobu. Estava sentado na oficina com o Sr. Arashino, com uma taça vazia na mão, como se estivesse ali a conversar já há algum tempo. O Sr. Arashino levantou-se quando me viu.

- Tenho uns trabalhos na sala ao lado, Nobu-san - disse ele. - Podem ficar aqui e conversar. Estou encantado por nos ter vindo visitar.

- Não se engane, Arashino - respondeu Nobu. - Foi a Sayuri a quem eu vim visitar.

Achei que aquilo era uma coisa rude da parte de Nobu, e sem graça nenhuma; mas o Sr. Arashino riu-se quando a ouviu e rolou a porta até se fechar atrás de si.

- Pensei que o mundo todo tinha mudado - disse. - Mas não deve ser assim, porque Nobu-san continua exactamente na mesma.

- Eu nunca mudo - respondeu ele. - Mas não vim até aqui para conversar. Quero saber o que é que se passa contigo.

- Não se passa nada. Será que Nobu-san não tem recebido as minhas cartas?

- As tuas cartas parecem todas poemas! Nunca falas de outras coisas senão da água bela e a gotejar ou outras parvoíces assim.

- Oh, Nobu-san, nunca mais vou perder tempo a escrever-lhe nem mais uma carta!

- Até preferia que não o fizesses, se é assim que vão continuar a ser. Porque é que não consegues dizer-me simplesmente as coisas que eu quero saber, tais como quando é que regressas a Gion? Todos os meses tenho telefonado para a Ichiriki a perguntar por ti, e a patroa dá-me sempre uma desculpa qualquer. Pensei que te ia encontrar mal com alguma doença horrível. Acho que estás mais magricela do que eras, mas pareces-me de boa saúde. O que é que te está a fazer demorar tanto?

- De facto até penso em Gion todos os dias.

- A tua amiga Mameha já regressou há um ano ou mais. Até Michi zono, velha como está, apareceu no dia em que reabriram. Mas ninguém foi capaz de me dizer porque é que Sayuri ainda não regressou.

- Para dizer a verdade, a decisão não depende de mim. Tenho estado à espera que a Mãe reabra a okiya. Estou tão ansiosa para regressar a Gion quanto Nobu-san para me ver lá.

- Então telefona a essa tua Mãe e diz-lhe que já é tempo. Tenho sido muito paciente nos últimos seis meses. Não percebeste o que eu te estava a dizer nas minhas cartas?

- Quando dizia que me queria de volta a Gion, pensei que significava que esperava ver-me ali em breve.

- Se eu digo que te quero ver de volta em Gion, o que eu quero dizer é que faças as malas e regresses a Gion. De qualquer maneira não percebo porque é que tens que esperar por essa tua Mãe! Se até agora ela não teve o bom senso de regressar, é uma tonta.

- Poucas pessoas terão alguma coisa de bom a dizer acerca dela, mas posso garantir-lhe que não é tonta nenhuma. Nobu-san podia até vir a admirá-la se a conhecesse. Está a viver muito bem a vender recordações aos soldados americanos.

- Os soldados não vão ficar cá para sempre. Diz-lhe que o teu bom amigo Nobu te quer de volta em Gion. - Com isto, pegou num pequeno embrulho com a sua mão única e atirou-o para o tapete a meu lado. Não disse uma palavra a seguir, mas limitou-se a bebericar o chá e olhar para mim.

- O que é que Nobu-san me está a atirar?

- E uma prenda que te trouxe. Abre-a.

- Se Nobu-san me está a dar uma prenda, primeiro tenho que lhe dar eu a minha prenda.

Fui até ao canto da sala, onde estava o baú com as minhas coisas, e descobri um leque que há muito tempo que tinha decidido dar a Nobu. Um leque pode parecer uma prenda simples para o homem que me tinha salvo da vida nas fábricas. Mas para uma gueixa, os leques que usamos nas danças são

como objectos sagrados - e este não era apenas um leque vulgar de bailarina, mas exactamente aquele que a minha professora me havia dado quando eu tinha atingido o grau de ficho na Escola Inoue de Dança. Nunca antes ouvi contar que alguma gueixa se tivesse separado de tal coisa - era por esse mesmo motivo que resolvera dar-lho a ele. Embrulhei o leque num quadrado de algodão e regressei para lho presentear. Ele estava confuso quando o abriu, como eu calculava que ficaria. Fiz o melhor que pude para lhe explicar porque é que eu queria que ficasse com ele.

- É muito amável da tua parte - disse ele - mas não sou digno de uma prenda destas. Oferece-a a alguém que aprecie mais a dança do que eu.

- Não o daria a mais ninguém. É uma parte de mim, e dei-o a Nobu-san.

- Nesse caso, fico muito grato, e cuidarei bem dele. Agora abre o embrulho que te trouxe.

Embrulhado em papel e atado com um fio, aconchegado em camadas de jornal, havia uma pedra do tamanho de um punho. Tenho a certeza de que estava pelo menos tão confusa por receber uma pedra quanto Nobu deve ter ficado com o leque que eu lhe dera. Quando olhei mais de perto, vi que não era pedra nenhuma, mas um bocado de cimento.

- Tens na tua mão um bocado das ruínas da minha fábrica em Osaca - disse-me Nobu. - Duas das nossas quatro fábricas foram destruídas. Há o risco de que a nossa Companhia possa não vir a sobreviver durante os próximos anos. Por isso, como vês, se me deste um pouco de ti com aquele leque, acho que também acabei de te dar um bocado de mim.

- Se é um bocado de Nobu-san, então vou acarinhá-lo.

- Não to dei para o acarinhares. É um bocado de cimento! Quero que me ajudes a transformá-lo numa bela jóia para tu o usares.

- Se Nobu-san sabe como fazer uma coisa dessas, então diga-me e ficaremos os dois ricos!

- Tenho uma tarefa para ti em Gion. Se funcionar como eu espero, a nossa Companhia poderá pôr-se de pé dentro de um ano ou menos. Quando eu te pedir esse pedaço de cimento, e o substituir por uma jóia verdadeira, terá então chegado o tempo para que eu me torne no teu dança.

Senti a minha pele fria como vidro quando ouvi aquilo; mas não dei sinais disso.

- Mas que misterioso, Nobu-san. Uma tarefa que eu possa levar a cabo, que possa ser útil à Companhia Eléctrica Iwamura?

- É uma tarefa horrível. Não te vou mentir. Durante os dois últimos anos antes que Gion encerrasse, havia um homem chamado Sato que costumava ir a festas como convidado do Governador da Prefeitura. Quero que regreses a fim de que o entretendas.

Tive que me rir quando ouvi isto.

-Mas como é que essa tarefa pode ser tão horrível assim? Por mais que Nobu-san o deteste, tenho a certeza que já tive que entreter piores.

- Se te recordas dele, saberás exactamente como é horrível a tarefa. O homem é irritante e comporta-se como um porco. Diz-me que sempre se sentou do outro lado da mesa a fim de poder olhar bem para ti. Tu és a única coisa de que ele fala - quando fala, quer dizer; porque na maior parte das vezes limita-se a ficar para ali sentado. Talvez tu o tivesses visto ser referido nas revistas de informação no mês passado; acabou de ser nomeado Ministro das Finanças.

- Meu Deus! - disse eu. - Ele deve ser muito capaz.

- Oh! Há pelo menos uns quinze homens ou mais que poderiam receber esse título. Ele é muito



capaz é de deitar saqué para dentro da boca; foi a única coisa que alguma vez o vi fazer. É uma tragédia que o futuro de uma grande companhia como a nossa deva ser afectado por um homem como esse! É uma altura terrível para se estar vivo, Sayuri.

- Nobu-san! Não devia dizer uma coisa dessas!

- E porque raio não? Ninguém me vai ouvir.

- Não é uma questão de quem o está a ouvir. E a sua atitude! Não devia pensar dessa maneira.

- E porque não? A Companhia nunca esteve em pior estado. Durante todo o tempo da guerra o Director conseguiu resistir a fazer o que o Governo lhe mandava. Na altura em que por fim acedeu em colaborar, a guerra estava quase a terminar, e nada do que alguma vez fizemos para eles, nem uma única coisa, foi levada para batalha. Mas terá isso evitado que os americanos classificassem a Eléctrica Iwamura como uma zaibatsu tal como a Mitsubishi? É ridículo. Comparada com a Mitsubishi, éramos como um pardal a observar um leão. E há ainda pior: se não os conseguirmos convencer, a Companhia Eléctrica Iwamura será confiscada, e os seus bens vendidos para pagar as reparações de guerra! Há duas semanas teria dito que isto já era suficientemente mau, mas agora eles nomearam este tipo Saro para fazer as recomendações sobre o nosso caso. Aqueles americanos pensam que foram espertos por terem nomeado um japonês. Bom, eu antes preferiria ter visto um cão ficar com o cargo do que este homem. - Subitamente Nobu interrompeu-se. - Que raio é que se passa com as tuas mãos?

Desde que viera do meu anexo, tinha mantido as mãos escondidas o melhor que podia. Evidentemente que Nobu de alguma maneira as tinha vislumbrado.

- O Sr. Arashino foi suficientemente amável para me dar o trabalho de fazer as tintas.

- Esperemos que ele saiba como remover essas manchas - disse Nobu. - Não podes voltar para Gion assim.

- Nobu-san, as minhas mãos são o menor dos meus problemas. Não tenho a certeza de poder alguma vez voltar a Gion. Vou fazer os possíveis para convencer a Mãe, mas na verdade, a decisão não depende de mim. De qualquer maneira, tenho a certeza que haverá outras gueixas que lhe poderão ser úteis...

- Não há outras gueixas! Ouve-me bem, eu levei o Ministro das Finanças Saro a uma casa de chá noutra dia com uma meia dúzia de pessoas. Durante uma hora não disse uma palavra, e depois finalmente limpou a garganta e disse, «Esta não é a Ichiriki.» Por isso eu disse-lhe, «Não, não é. Acertou em cheio!» Ele grunhiu como um porco, e depois disse, «Sayuri recebe na Ichiriki.» Por isso eu disse-lhe, «Não, Sr. Ministro, se ela estivesse sequer em Gion, ela teria vindo directamente para aqui para nos entreter. Mas como lhe disse - ela não está em Gion!» Então ele pegou na taça de saqué...

- Espero que tenha sido mais delicado com ele do que isso - disse eu.

- Claro que não fui! Consigo suportar a companhia dele durante meia hora. Depois disso deixo de ser responsável pelas coisas que digo. E exactamente por isso que te quero lá! E não me digas de novo que a decisão não depende de ti. Deves-me isso, e sabe-lo perfeitamente. De qualquer maneira, a verdade é que... Eu próprio gostava de ter a oportunidade de passar algum tempo contigo...

- E eu gostaria de passar algum tempo com Nobu-san.

- Mas não venhas cheia de ilusões quando regressares.

- Depois dos últimos anos, tenho a certeza que não me sobraram nenhuma. Mas Nobu-san estará a pensar nalguma coisa em particular?

- Não esperes que eu me venha a tornar no teu danna dentro de um mês, é isso que quero dizer.

Até a Eléctrica Iwamura ter recuperado, não estou em posição de fazer uma oferta dessas. Tenho andado muito preocupado com as perspectivas da Companhia. Mas para te dizer a verdade, Sayuri, sinto-me melhor relativamente ao futuro depois de te ter visto outra vez.

- Nobu-san! Mas que amável!

- Não sejas ridícula, não estou a tentar lisonjear-te. O' teu destino e o meu estão entrelaçados. Mas eu nunca serei o teu danna se a Eléctrica Iwamura não recuperar. Talvez a recuperação, tal como o nosso encontro em primeiro lugar tenha apenas e simplesmente que ser.

Durante os anos finais da guerra, eu tinha deixado de imaginar o que era e não era suposto ser. E muitas vezes tinha dito às mulheres na vizinhança que eu não tinha a certeza se alguma vez voltaria a Gion - mas a verdade é que sempre soubera que voltaria. O meu destino, qualquer que ele fosse, esperava-me lá. De qualquer modo, nestes anos eu tinha aprendido a suspender toda a água na minha personalidade transformando-a em gelo, como poderiam dizer. Só com o parar do fluxo natural dos meus pensamentos desta maneira podia suportar a espera. Ouvir agora Nobu referir-se ao meu destino... bom, senti que ele tinha quebrado o gelo dentro de mim e acordado os meus desejos mais uma vez.

- Nobu-san - disse - se é importante causar uma boa impressão ao Ministro Sato, talvez devesse pedir ao Director para estar lá também quando o convidas.

- O Director é um homem ocupado.

- Mas seguramente, se o Ministro é importante para o futuro da Companhia...

- Tu preocupa-te com chegares lá. E eu preocupar-me-ei com o que é melhor para a Companhia. Ficarei muito desapontado se não estiveres de volta em Gion pelo fim do mês.

Nobu levantou-se para partir, porque tinha de estar em Osaca antes do anoitecer. Acompanhei-o até à entrada para o ajudar a vestir o casaco e calçar os sapatos, e pôr-lhe a fedora na cabeça. Quando ter-minei, ficou ali a olhar para mim um grande bocado. Pensei que estava quase a dizer que me achava muito bela - porque era este tipo de comentários que fazia às vezes depois de ficar assim a olhar para mim sem qualquer motivo.

-M eu Deus, Sayuri, pareces uma camponesa! - disse. E tinha um ar carrancudo na cara quando se virou.

\*

Naquela mesma noite, enquanto os Arashino dormiam, escrevi à Mãe à luz do tandon a arder por debaixo das cubas no anexo. Quer a minha carta tivesse o efeito desejado, ou quer a Mãe estivesse já a preparar-se para reabrir a okiya, não sei; mas uma semana mais tarde a voz de uma mulher velha chamou à porta dos Arashino, e eu fi-la deslizar para descobrir a Tia diante de mim. As faces tinham-se-lhe encovado nos sítios em que perdera dentes, e o tom doente acinzentado da pele fez-me pensar num bocado de sashimi deixado sobre um prato durante a noite. Mas podia ver que era ainda uma mulher forte; trazia um saco de carvão numa das mãos, e na outra coisas para comer, para agradecer aos Arashino a sua bondade para comigo.

No dia seguinte eu disse um adeus choroso e regresssei a Gion, onde a Mãe, a Tia, e eu própria nos dedicámos à tarefa de pôr as coisas em ordem. Quando dei uma volta pela okiya para ver como estava, passou-me pela cabeça o pensamento de que a própria casa se vingava em nós pelos anos de abandono. Tivemos que passar quatro ou cinco dias só com um dos problemas piores: limpar o pó que pousava pesado como escumilha sobre as talhas de madeira; pescar os restos de ratos mortos do poço; limpar o quarto da Mãe, no primeiro andar, onde os pássaros tinham rompido os tapetes dos tatami e usado as palhas para fazerem ninhos na alcova. Para minha surpresa, a Mãe trabalhava tão duro como

qualquer outra de nós, em parte porque só podíamos pagar a uma cozinheira e uma criada adulta, embora também tivéssemos uma rapariguinha chamada Etsuko. Era a filha do homem em cuja quinta a Mãe e a Tia tinham estado a viver. Como para me lembrar de quantos anos tinham passado desde que eu viera para Quioto pela primeira vez como uma rapariguinha de nove anos, Etsuko tinha também nove anos. Parecia olhar-me com o mesmo medo que eu antes sentira em relação a Hatsumomo, apesar de eu lhe sorrir sempre que podia. Era tão alta e magra como uma vassoura, com um cabelo comprido que arrastava atrás de si enquanto corria por ali. E a cara era estreita como um grão de arroz, pelo que não me conseguia impedir de pensar que um dia também ela seria atirada para o caldeirão tal como eu fora, e sairia a flutuar branca e deliciosa, para ser consumida.

Quando a okiya ficou de novo habitável, eu resolvi começar a fazer umas visitas em Gion. Principiei por Mameha, que vivia agora num apartamento de uma única sala sobre uma farmácia próximo do Templo de Gion; desde o seu regresso, um ano antes, que ela não tinha danna que lhe pagasse uma coisa mais espaçosa. Primeiro ficou surpreendida quando me viu - por causa da maneira como tinha os maxilares salientes, disse ela. A verdade era que eu me sentia igualmente surpreendida ao vê-la. O belo rosto oval não tinha mudado, mas o pescoço parecia cheio de tendões e demasiado velho para ela. A coisa mais estranha era que ela às vezes ficava com a boca enrugada como a de uma velha, porque os dentes, embora não lhes conseguisse notar qualquer diferença, lhe tinham ficado quase soltos numa dada altura durante a guerra e ainda lhe faziam doer.

Falámos durante muito tempo, e então perguntei-lhe se ela achava que as Danças da Velha Capital seriam retomadas na Primavera seguinte. Há uma série de anos que não se faziam exhibições.

- Oh, e porque não? - disse ela. - O Tema pode ser a «Dança no Ribeiro»! - Se alguma vez visitaram umas termas de água quente ou qualquer local semelhante, e foram entretidos por mulheres mascaradas de gueixas que são na verdade prostitutas, poderiam entender a piadinha de Mameha. Uma mulher que faz uma «Dança no Ribeiro» na verdade está a fazer uma espécie de strip-tease. Finge estar a entrar em águas cada vez mais profundas, à medida que vai avançando, levanta o quimono para não o molhar, até que por fim os homens vêm aquilo por que ficaram à espera, e começam a dar vivas e a brindar uns aos outros com saqué.

- Com todos os soldados americanos que andam por Gion nestes dias - continuou ela - o inglês poderá levar-te mais longe que a dança. De qualquer maneira, o Teatro Kaburenjo foi transformado num kyabarei.

Nunca tinha ouvido esta palavra antes, que vinha do inglês cabaret, mas depressa aprendi o que queria dizer. Mesmo enquanto vivia com a família Arashino, tinha ouvido histórias dos soldados americanos e das suas festas barulhentas. Porém, mesmo assim fiquei chocada quando pus o pé na entrada de uma casa de chá nesse dia mais tarde e descobri - em vez da usual fila de sapatos de homens na base das escadas - uma confusão de botas do exército, cada uma a parecer-me tão grande quanto o fora o cãozinho da Mãe, Taku. Dentro do átrio de entrada principal, a primeira coisa que vi foi um americano em roupa interior a espremer-se entre a prateleira de uma alcova enquanto duas gueixas, ambas a rirem-se, tentavam puxá-lo para fora. Quando olhei para os pelos escuros nos braços e peito, e até nas costas, tive a sensação de nunca ter visto uma coisa tão animalesca. Aparentemente tinha perdido a roupa num jogo de bebidas e estava a tentar esconder-se, mas em breve deixou que as mulheres o tirassem dali pelos braços, e o conduzissem de volta pelo átrio e por uma porta. Ouve vivas e assobios quando ele entrou.

Cerca de uma semana depois do meu regresso, estava por fim pronta para fazer a minha primeira reparição como gueixa. Passei o dia a correr do cabeleireiro para o adivinho; a pôr as mãos de molho para remover as últimas manchas; e a correr por Gion toda para tentar encontrar os produtos de maquilhagem de que necessitava. Naquela altura, que já me estava a aproximar dos trinta, não se

esperaria mais que eu usasse a maquilhagem branca a não ser em ocasiões especiais. Mas passei uma meia hora diante da minha cómoda de maquilhagem a experimentar usar tons diferentes de pó de arroz ocidental para esconder a magreza. Quando o Sr. Bekku me veio vestir, a pequena Etsuko ficou ali a olhar-me tal como eu uma vez ficara a observar Hatsumomo; e foi o espanto nos olhos dela, mais do que tudo o que eu vi enquanto olhava para o espelho, que me convenceu que eu parecia outra vez verdadeiramente uma gueixa.

Quando por fim saí nessa noite, toda a Gion estava coberta por um manto de uma neve belíssima, tão em pó que o vento mais suave limpava os telhados. Eu usava um xaile de quimono e uma sombrinha lacada, por isso tenho a certeza de que estava tão irreconhecível como no dia em que visitei Gion parecendo uma camponesa. E só reconheci metade das gueixas que me cruzaram no caminho. Era fácil distinguir aqueles que tinham vivido em Gion antes da guerra, porque faziam uma pequena vénia de cortesia quando passavam, mesmo que parecessem não me ter reconhecido. Os outros não se preocupavam com mais do que um pequeno aceno.

Por ver soldados por aqui e ali nas ruas, receava o que poderia encontrar quando chegasse à Ichiriki. Mas de facto, a entrada estava pavimentada com os sapatos pretos usados pelos oficiais; e estranhamente, a casa de chá parecia bem mais silenciosa do que nos meus dias de aprendiz. Nobu ainda não tinha chegado - ou pelo menos eu ainda não vira sinal dele - mas fui conduzida directamente para uma das salas grandes no rés-do-chão e disseram-me que em breve ele lá iria ter comigo. Normalmente teria esperado nos aposentos das criadas por cima do átrio de entrada, onde poderia aquecer as mãos e bebericar uma chávena de chá; nenhuma gueixa gosta que um homem a encontre a não fazer nada. Mas não me importava de esperar por Nobu - e além disso, considerava ser um privilégio gastar alguns minutos sozinha numa sala daquelas. Tinha ficado esfomeada de beleza nos últimos cinco anos, e esta era uma divisão que vos teria espantado com o seu requinte. As paredes estavam cobertas com uma seda amarelo pálido cuja textura dava uma certa presença, e me fazia sentir contida por ela tal como um ovo se sente seguro pela sua casca.

Esperava que Nobu viesse sozinho, mas quando por fim o ouvi no átrio de entrada, tornou-se-me evidente que tinha trazido consigo o Ministro Saro. Não me importava que Nobu me encontrasse à espera dele, como já disse; mas achei que seria desastroso dar ao Ministro motivos para pensar que eu não seria popular. Por isso esgueirei-me rapidamente por uma das portas laterais para uma sala vazia. Tal como aconteceu, isto deu-me a oportunidade de ouvir Nobu a estrebuchar para ser amável.

- Não é uma bela sala, Ministro? - dizia ele. Ouvi um pequeno grunhido em resposta. - Reservei-a especialmente para si. Aquela pintura no estilo Zen é de facto qualquer coisa, não acha? - Depois, após um longo silêncio, Nobu acrescentou: - Sim, está uma bela noite. Oh, já lhe perguntei se já provou a marca de saqué especial da casa de chá Ichiriki?

As coisas continuaram nestes preparos, com Nobu provavelmente a sentir-se tão confortável quanto um elefante a tentar comportar-se como uma borboleta. Quando por fim eu fui para o átrio e fiz deslizar a porta da sala, Nobu parecia muito aliviado por me ver.

Só consegui dar a primeira boa olhada ao Ministro depois de me ter apresentado e me ter ajoelhado à mesa. Ele não me parecia de modo algum familiar, apesar das proclamações de ter passado horas a olhar para mim. Não sei como fui capaz de o esquecer, porque tinha um aspecto muito particular; nunca vi ninguém que tivesse tanta dificuldade apenas para arrastar a cara de um lado para o outro. Mantinha o queixo enfiado no externo como se quase não conseguisse suportar a cabeça, e tinha um maxilar inferior tão estranho, a espetar-se de tal maneira que parecia que assoprava a respiração directamente pelo nariz acima. Depois de me ter feito um pequeno aceno e ter dito o nome, demorou imenso tempo até que eu ouvisse alguns sons emitidos por ele além dos grunhidos, porque um grunhido

parecia ser a maneira dele de responder a quase tudo.

Fiz o melhor que pude para meter conversa até que a criada nos salvou chegando com uma bandeja de saqué. Enchi a taça do Ministro e fiquei surpreendida por vê-lo despejar o saqué directamente no maxilar inferior da mesma maneira que poderia tê-lo deitado por um cano abaixo. Fechou a boca por um momento e depois abriu-a outra vez, e o saqué tinha desaparecido, sem nenhum dos sinais habituais que as pessoas fazem quando engolem. Eu não tinha bem a certeza se ele o tinha engolido sequer, até que me estendeu a taça vazia.

As coisas continuaram assim durante uns quinze minutos ou mais, enquanto eu tentava pôr o Ministro à vontade contando-lhe histórias e dizendo piadas, e fazendo-lhe algumas perguntas. Mas em breve comecei a pensar que talvez não existisse uma coisa como «o Ministro à vontade». Nunca me deu uma resposta com mais do que uma única palavra. Sugeri que fizéssemos um jogo de bebidas; até lhe perguntei se gostava de cantar. A troca mais longa que tivemos na nossa primeira meia hora foi quando o Ministro me perguntou se eu era dançarina.

- Claro que sou. O Sr. Ministro gostaria que lhe dançasse uma peça curta?

- Não - respondeu. E pôs fim ao assunto.

O Ministro poderia não gostar de estabelecer contacto visual com as pessoas, mas seguramente que adorava estudar a comida, como descobri depois de uma criada ter chegado com o jantar para os dois homens. Antes de pôr alguma coisa na boca, segurava-a com os pauzinhos e ficava a olhar para ela, virando-a de um lado e de outro. E se não a reconhecia, perguntava-me o que era.

- É um bocado de inhame cozido em molho de soja e açúcar - disse-lhe enquanto ele erguia qualquer coisa laranja. De facto, não fazia a mínima ideia se era inhame, ou uma fatia de fígado de baleia, ou o que quer que fosse, mas não achava que o Ministro quisesse ouvir isso. Mais tarde, quando ele ergueu um bocado de bife marinado e me perguntou o que era, resolvi trocar dele um bocadinho.

- Oh, isso é uma tira de couro marinado - disse-lhe. - É uma especialidade aqui da casa! E feito da pele de elefantes. Por isso calculo que devia ter dito «couro de elefante».

- Couro de elefante?

- Vá lá, Sr. Ministro, sabe que estou a brincar consigo! E um bocado de carne. Porque é que observa tão de perto a sua comida? Achou que viria aqui e lhe dariam cão a comer ou outra coisa assim?

- Eu já comi cão, sabes - disse-me ele.

- Isso é muito interessante. Mas esta noite aqui não temos cão nenhum. Por isso faz favor não olhe mais para os seus pauzinhos.

Muito em breve começámos com um jogo. Nobu odiava jogos de bebida, mas ficou calado depois de eu lhe ter feito uma careta. Podemos ter deixado o Ministro perder com mais frequência do que deveríamos, porque mais tarde, enquanto tentávamos explicar-lhe as regras de um outro jogo de bebidas que ele nunca jogara, os olhos andavam-lhe tão erráticos como rolhas de cortiça a flutuar nas ondas. De repente, levantou-se e dirigiu-se a um dos cantos da sala.

- Vá lá, Sr. Ministro - disse-lhe Nobu - onde é que está a pensar mesmo que vai?

A reacção do Ministro foi deixar sair um arrote, o que eu achei ser uma resposta muito bem dada porque era evidente que estava na eminência de vomitar. Nobu e eu acorremos para o ajudar, mas ele já tinha enfiado a mão em gancho sobre a boca. Se ele fosse um vulcão, por esta altura já estaria a deitar fumo, por isso não tivemos alternativa senão abrir as portas de vidro para o jardim e deixá-lo vomitar para ali para cima da neve.

Podem ficar chocados só com a ideia de um homem a vomitar para um daqueles preciosos jardins decorativos, mas o Ministro seguramente que não era o primeiro. Nós, as gueixas, tentamos ajudar um homem pelo átrio fora até à casa de banho, mas às vezes não conseguimos fazê-lo. Se informamos uma das criadas que um dos homens acabou de visitar o jardim, elas sabem todas exactamente o que queremos dizer e vêm imediatamente com os seus instrumentos de limpeza.

Nobu e eu fizemos o melhor que pudemos para manter o Ministro ajoelhado na ombreira com a cabeça suspensa sobre a neve. Mas apesar dos nossos esforços, logo de seguida mergulhou de cabeça. Fiz o melhor que pude para o virar de lado, para que ao menos aterrassse em neve que ainda não fora vomitada. Mas o Ministro era tão volumoso quanto uma grossa peça de carne. Tudo o que consegui de facto foi virá-lo de lado enquanto caía.

Nobu e eu não podíamos fazer mais nada do que olharmos um para o outro consternados com a visão do Ministro deitado perfeitamente imóvel na neve funda, como um ramo que tivesse caído de uma árvore.

- Ena, Nobu-san - disse eu. - Não sabia que o seu convidado ia ser tão divertido.

- Eu acho que o matámos. E se me pergatares, acho que o merecia. Mas que homem irritante!

- É assim que se comporta com os seus honoráveis convidados? Tem que o levar para a rua e fazê-lo andar um bocado para o acordar. O frio irá fazer-lhe bem.

- Está deitado na neve. Não é frio que baste?

- Nobu-san! - disse-lhe. E calculo que isto fosse o bastante de reprimenda, porque Nobu soltou um suspiro e saiu para o jardim, de pés calçados com meias, para dar início à tarefa de trazer o Ministro de regresso à consciência. Enquanto se ocupava com isto, fui à procura de uma criada que pudesse ajudar, porque não imaginava como é que Nobu iria conseguir trazer o Ministro de volta para a casa de chá só com um braço.

A seguir fui buscar umas meias secas para os dois homens, e avisei uma criada para ir limpar o jardim depois de sairmos.

Quando regresssei à sala, Nobu e o Ministro já estavam à mesa outra vez. Podem imaginar o aspecto que o Ministro tinha - e como cheirava. Tive que lhe pelar as meias molhadas dos pés com as minhas próprias mãos, mas mantive-me à distância enquanto o fazia. Assim que acabei, ele caiu que nem uma pedra sobre os tapetes e um momento depois estava inconsciente outra vez.

- Acha que ele nos pode ouvir? - murmurei para Nobu.

- Eu acho que ele não nos ouve nem quando está consciente - disse Nobu. - Já alguma vez encontraste um maior tolo na tua vida?

- Nobu-san, baixinho! - murmurei. - Acha que ele se divertiu esta noite? Quero dizer, era este o tipo de noite que tinha em mente?

- Não é uma questão do que eu tinha em mente, mas do que ele tinha em mente.

- Espero que isso não queira dizer que vamos ter de fazer a mesma coisa outra vez na próxima semana.

- Se o Ministro estiver contente com a esta noite, eu estou contente com esta noite.

- Nobu-san, francamente! De certeza que não ficou contente. Estava com um ar infeliz como nunca antes lho tinha visto. E tendo em conta o estado do Ministro, acho que podemos presumir que também ele não está a passar a melhor noite da sua vida...

- Não podes presumir nada, no que diz respeito ao Ministro.

- Tenho a certeza que nos vamos divertir mais se tornarmos a atmosfera mais... festiva de alguma maneira. Não concorda?

- Traz mais algumas gueixas, se achares que pode ajudar - disse Nobu. - Nós voltaremos no próximo fim de semana. Convida aquela tua irmã mais velha.

- Mameha seguramente que é esperta, mas o Ministro é muito cansativo de entreter. Precisamos de uma gueixa que faça, não sei, muito barulho! Distraia toda a gente. Sabe, agora que penso nisso... parece-me que precisamos também de outro convidado, e não apenas de outra gueixa.

- Não vejo qualquer motivo para isso.

- Se o Ministro estiver ocupado a beber e a deitar-me olhadelas de soslaio, e o senhor estiver ocupado a ficar cada vez mais aborrecido com ele, não vamos conseguir ter uma noite festiva - disse eu. - Para lhe dizer a verdade, Nobu-san, talvez devesse trazer consigo o Director da próxima vez.

Podem perguntar-se se eu não estaria a noite toda a fazer cálculos para chegar a este ponto. É decerto verdade que quando do regresso a Gion, eu tinha desejado mais do que tudo descobrir uma maneira de passar algum tempo com o Director. Nem era assim de espantar que ansiasse pela oportunidade de me sentar na mesma sala com ele outra vez, inclinar-me e murmurar-lhe um comentário qualquer a fim de lhe poder inspirar de novo o cheiro da pele. Se esse tipo de momentos fossem o único prazer que a vida me oferecesse, eu teria ficado melhor se excluísse essa única brilhante fonte de luz para que os meus olhos se comesçassem a habituar à escuridão. Talvez fosse verdade, como agora parecia, que a minha vida se estava a encaminhar em direcção a Nobu. Eu não era assim tão tonta que pudesse imaginar que podia mudar o curso do meu destino. Mas também não podia abandonar os últimos vestígios de esperança.

- Considerarei a hipótese de trazer o Director - respondeu Nobu. - O Ministro fica muito impressionado com ele. Mas não sei, Sayuri. Já te disse uma vez. Ele é um homem ocupado.

O Ministro estremeceu nos tapetes como se alguém o tivesse picado, e depois lá conseguiu erguer-se até que ficou outra vez sentado à mesa. Nobu estava tão agoniado com a visão da roupa dele que me mandou ir buscar uma criada com uma toalha húmida. Depois de a criada ter limpo o casaco do Ministro e nos ter deixado a sós outra vez, Nobu disse:

- Bom, Ministro, com certeza que esta foi uma noite maravilhosa! Da próxima vez ainda nos vamos divertir mais, porque em vez de vomitar só sobre mim, poderá também vomitar por cima do Director, e talvez por cima de mais uma gueixa ou duas.

Fiquei muito contente por ouvir Nobu mencionar o Director, mas não ousei reagir.

- Eu gosto desta gueixa - disse o Ministro. - Não quero outra.

- O nome dela é Sayuri, e é melhor chamar-lhe assim, ou ela não concordará em voltar. Agora, Ministro, levante-se. Chegou a hora de o levarmos a casa.

Acompanhei-os até ao átrio de entrada, onde os ajudei a vestir os casacos e calçar os sapatos e fiquei a observar os dois a caminharem pela neve. O Ministro estava a ter tantas dificuldades, que teria marchado portão adentro se Nobu não o tivesse agarrado pelo ombro para o conduzir.

Mais tarde, nessa mesma noite, fui com Mameha a uma festa cheia de oficiais americanos. Na altura em que chegámos, o tradutor deles já não tinha utilidade para ninguém porque o tinham feito beber demais; mas os oficiais todos reconheceram Mameha. Fiquei um pouco surpreendida quando começaram a cantar em surdina e a acenar com os braços, fazendo-lhe sinais de que a queriam ver dançar. Esperei

que ficássemos sentados em silêncio a observá-la, mas no momento em que ela principiou, vários dos oficiais se levantaram e começaram a pavonear-se por ali a par dela. Se me dissessem que aquilo teria acontecido, poderia ter-me sentido um pouco insegura antes de ver; mas ao testemunhá-lo... bom, rebentei a rir e diverti-me mais do que o tinha feito durante muito tempo. Acabámos a jogar um jogo em que Mameha e eu tocámos o shamisen por turnos, enquanto os oficiais americanos dançavam em volta da mesa. Sempre que a música parava, eles tinham de correr para os seus lugares. O último a sentar-se bebia uma taça de saqué de uma assentada.

A meio da festa, comentei com Mameha como era estranho ver toda a gente a divertir-se tanto sem falar a mesma língua - considerando que tinha estado numa festa com Nobu e um japonês antes naquela noite, e que tínhamos passado um tempo horrível. Fez-me algumas perguntas sobre a festa.

- Três pessoas podem de facto ser de menos - disse-me depois de eu lhe ter contado - particularmente se uma delas for Nobu mal disposto.

- Eu sugeri-lhe que da próxima vez trouxesse o Director. E também precisamos de outra gueixa, não acha? Alguém barulhento e divertido.

- Sim - disse Mameha -, talvez eu passe por lá...

A princípio fiquei confusa por ouvi-la dizer isto. Porque de facto, ninguém no mundo teria descrito Mameha com «barulhenta e divertida». Ia repetir-lhe outra vez o que queria dizer, quando de repente ela pareceu reconhecer o nosso mal entendido e disse:

- Sim, estou interessada em passar por lá... mas calculo que se queres alguém barulhento e divertido, devias falar com a tua velha amiga Abóbora.

Desde que regressara a Gion que tinha encontrado recordações da Abóbora por todo o lado. De facto, no exacto momento em que pusera o pé na okiya pela primeira vez, recordara-me dela ali no átrio de entrada principal no dia em que Gion tinha fechado, quando me tinha feito uma rígida vénia de despedida do tipo a que era obrigada diante da filha adoptiva. Eu tinha continuado a pensar nela vezes sem fim durante toda essa semana enquanto fazíamos as limpezas. A dado momento, enquanto ajudava a criada a limpar o pó dos entalhes de madeira, imaginei a Abóbora na passagem ali diante de mim, a praticar no seu shamisen. Aquele espaço vazio parecia conter dentro de si uma tristeza terrível. Tinham passado assim tantos anos desde que fôramos rapariguinhas as duas? Calculo que poderia ter esquecido tudo facilmente, mas nunca tinha aprendido a aceitar o desapontamento de a nossa amizade ter acabado. Eu culpava a rivalidade terrível que Hatsumomo nos tinha imposto. A minha adopção fora o golpe final, claro, mas mesmo assim eu não conseguia deixar de me considerar em parte responsável. A Abóbora tinha-me mostrado apenas bondade. Eu poderia descobrir uma maneira qualquer de lhe agradecer por isso.

Estranhamente, não tinha pensado em aproximar-me da Abóbora até Mameha o ter sugerido. Não tenho dúvidas que o nosso primeiro encontro iria ser desajeitado, mas fiquei a pensar no assunto o resto daquela noite e decidi que talvez a Abóbora apreciasse ser apresentada a um círculo mais elegante, para mudar das festas dos soldados. Claro que também tinha outro motivo. Agora que tantos anos tinham passado, talvez pudéssemos começar a remendar a nossa amizade.

Não sabia quase nada das circunstâncias em que se encontrava a Abóbora, a não ser que tinha regressado a Gion, por isso fui falar com a Tia, que havia recebido uma carta dela alguns anos antes. Acabei por descobrir que, na carta, a Abóbora tinha implorado para ser recebida de novo na okiya quando reabrisse, dizendo que de outra maneira nunca iria encontrar um lugar para si. A Tia poderia ter vontade de a aceitar, mas a Mãe tinha recusado com base no argumento de que a Abóbora era um mau investimento.



- Ela está a viver numa pequena okiya triste lá para a secção Hanami-cho - disse-me a Tia. - Mas não a tragas aqui para uma visita. A Mãe não vai querer vê-la. Em qualquer caso, acho que é idiota sequer falares com ela.

- Tenho que admitir - disse eu - que nunca me senti bem com o que aconteceu entre a Abóbora e eu...

- Não aconteceu nada entre vocês. A Abóbora falhou e tu tiveste êxito. De qualquer modo, ela tem andado a governar-se muito bem. Ouvi dizer que os americanos não se cansam dela. Ela é rude, sabes, da maneira adequada a eles.

Nessa mesma tarde atravessei a Avenida Shijo para a secção Hanami-cho de Gion, e descobri a pequena okiya triste de que a Tia me tinha falado. Se se lembram da amiga de Hatsumomo, Korin, e da maneira como a okiya dela tinha ardido durante os anos mais negros da guerra... bom, esse incêndio também tinha afectado a okiya ao lado, e era aqui que a Abóbora estava agora a viver. As paredes exteriores exibiam-se todas chamuscadas de um lado, e parte do telhado de tijoleira, que também tinha ardido, fora rudemente remendado com pedaços de madeira. Calculo que em zonas de Tóquio ou de Osaca pudesse ter sido o edifício mais intacto da vizinhança; mas ficava no meio de Quioto.

Uma jovem criada conduziu-me para uma sala de recepções que cheirava a cinza fria, e regressou mais tarde para me servir um copo de chá fraco. Esperei um grande bocado antes que a Abóbora viesse por fim e fizesse deslizar a porta. Dificilmente a conseguia ver no escuro átrio exterior, mas saber apenas que ela estava ali fez-me sentir um tal calor, que me levantei da mesa para me aproximar e a abraçar. Ela deu alguns passos pela sala dentro e depois ajoelhou-se e fez uma vénia tão formal como se eu tivesse sido a Mãe. Fiquei surpreendida por isto, e parei no sítio em que estava.

- Francamente, Abóbora... sou só eu! - disse eu.

Ela nem sequer me queria olhar, e manteve os olhos nos tapetes como uma criada à espera de ordens. Senti-me muito desapontada e regressei ao meu lugar junto à mesa.

Quando nos tínhamos visto pela última vez nos últimos anos da guerra, a cara da Abóbora era ainda redonda e cheia tal como na nossa infância, mas com um olhar mais triste. Ela tinha mudado muito desde então. Eu não o sabia na altura, mas depois de a fábrica de lentes onde ela trabalhava ter fechado, a Abóbora tinha andado mais de dois anos em Osaca a trabalhar como prostituta. A boca dela parecia ter encolhido de tamanho - talvez porque a mantivesse apertada, não sei. E embora conservasse a mesma cara larga, as faces pesadas haviam emagrecido, deixando-a com uma elegância magra que me surpreendia. Não quero sugerir que a Abóbora se tivesse tornado uma beleza para rivalizar com Hatsumomo ou qualquer coisa do género, mas a cara dela tinha uma feminilidade que nunca antes lá estivera.

- Tenho a certeza de que os anos têm sido difíceis, Abóbora - disse-lhe - mas estás com um aspecto belíssimo.

A Abóbora não respondeu a isto. Limitou-se a inclinar ligeiramente a cabeça para indicar que me tinha ouvido. Congratulei-a pela popularidade e tentei fazer-lhe perguntas sobre a vida dela desde a guerra, mas continuava tão sem expressão que eu começava a sentir-me arrependida de ter vindo.

Por fim, depois de um silêncio incómodo, ela falou.

- Vieste aqui apenas para conversar, Sayuri? Porque eu não tenho nada para dizer que te possa interessar.

- A verdade é que - disse eu - eu vi Nobu Toshikazu recentemente, e... o facto é que ele vai trazer um certo homem a Gion de vez em quando. Pensei que pudesses ser amável e aceitar ajudar-nos a entretê-

lo.

- Mas claro que, agora que me viste, mudaste de ideias.

- Claro que não - disse eu. - Não sei porque dizer isso. Nobu Toshikazu e o Director, Iwamura Ken, quero dizer... o Director Iwamura, apreciariam imenso a tua companhia. É tão simples quanto isto.

Durante um momento a Abóbora ficou apenas ajoelhada em silêncio, a fixar os tapetes.

- Eu deixei de acreditar que qualquer coisa na vida seja «tão simples como isso» - disse ela por fim. «Sei que pensas que sou estúpida...

- Abóbora!

- ... mas acho que provavelmente terás qualquer outro motivo que não me vais querer dizer.

A Abóbora fez uma pequena vénia, que eu achei muito enigmática. Ou era uma desculpa pelo que acabara de dizer, ou talvez estivesse a despedir-se para sair.

- Acho que de facto tenho outro motivo - disse-lhe eu. - Para dizer a verdade, tinha esperado que talvez depois destes anos todos, talvez tu e eu pudéssemos ser amigas, como o fomos uma vez. Sobrevivemos a tantas coisas juntas... incluindo Hatsumomo! Parece-me apenas natural que nos voltemos a dar.

A Abóbora não disse nada.

- O Director Iwamura e Nobu vão entreter o Ministro de novo no próximo sábado na casa de chá Ichiriki - disse-lhe. - Se te juntares a nós, ficaremos muito contentes por te ver lá.

Tinha-lhe trazido um pacote de chá como prenda, e neste momento retirei-o do seu pano de seda e coloquei-o sobre a mesa. Quando me levantei, tentei pensar em qualquer coisa de bondoso para lhe dizer antes de sair, mas ela parecia tão confusa que achei melhor sair apenas.

\*

Durante os cinco anos ou mais desde a última vez que vira o Director, de tempos a tempos tinha lido nos jornais notícias sobre as dificuldades que ele sofrera - não apenas sobre as discordâncias com o governo militar nos anos finais da guerra, mas sobre a sua luta de aí para cá para impedir que as autoridades da Ocupação lhe confiscassem a Companhia. Não me teria surpreendido que todas estas vicissitudes o tivessem envelhecido um bom bocado. Uma fotografia dele no jornal Yomiuri mostrava-o com um aspecto tenso à volta dos olhos por causa das preocupações, como o vizinho do Sr. Arashino que costumava espreitar tantas vezes para o céu, à procura de bombardeiros. De qualquer modo, à medida que o fim-de-semana se aproximava eu tinha que recordar a mim própria que Nobu ainda não se decidira se traria ou não o Director. Não podia fazer mais nada senão esperar.

Sábado de manhã acordei cedo e fiz deslizar o paravento de papel por cima da minha janela para observar uma chuva fina a cair contra o vidro. Na pequena ruela em baixo, uma jovem criada tinha acabado de se levantar depois de ter escorregado nas pedras cobertas de gelo. Estava um dia cinzento, horrível, e eu fiquei até com medo de ler o meu almanaque. Pelo meio-dia a temperatura ainda tinha descido mais, e podia ver a minha respiração enquanto comia o almoço na sala de recepções, com o ruído da chuva gelada a bater de encontro à janela. Uma série de festas para aquela noite foram canceladas porque as ruas estavam demasiado perigosas e, ao crepúsculo, a Tia telefonou para a Ichiriki para confirmar se a festa da Companhia Eléctrica Iwamura se mantinha. A patroa disse-nos que as linhas de telefone para Osaka estavam cortadas, e não podia ter a certeza. Por isso tomei banho e vesti-me, e fui a pé até à Ichiriki pelo braço do Sr. Bekku, que usava um par de galochas de borracha que tinha pedido emprestadas ao irmão mais novo, um vestidor no bairro de Pontocho.

A Ichiriki estava num caos quando cheguei. Um cano tinha rebentado nos aposentos das criadas, e elas andavam tão atarefadas, que não consegui que nem uma sequer me desse atenção. Desci sozinha pelo átrio em direcção à sala onde entretivera Nobu e o Ministro na semana anterior. Não esperava de facto que lá estivesse alguém, considerando que tanto Nobu quanto o Director provavelmente teriam de fazer o longo caminho de Osaca até ali - e até Mameha tinha estado fora da cidade e poderia muito bem ter tido dificuldades para regressar. Antes de fazer a porta deslizar, ajoelhei-me um momento com os olhos fechados e uma mão sobre o estômago para me acalmar os nervos. Ocorreu-me imediatamente que o átrio estava demasiado silencioso. Não podia ouvir nem sequer um murmúrio vindo do interior da sala. Com uma terrível sensação de desapontamento apercebi-me de que a sala deveria estar vazia. Estava à beira de me levantar para me ir embora quando decidi abrir a porta por causa das dúvidas; e quando o fiz, ali à mesa, segurando uma revista com as duas mãos, estava sentado o Director, a olhar para mim por cima dos óculos de ler. Fiquei tão surpreendida por vê-lo, que nem era capaz de falar. Por fim lá consegui dizer-lhe:

- Meu Deus, Director! Quem é que o deixou ficar aqui sozinho? A patroa vai ficar muito aborrecida.

- Foi ela quem me abandonou - disse-me, e fechou a revista com um estalo. - Tenho estado a pensar o que lhe poderá ter acontecido.

- Mas nem sequer tem nada para beber. Deixe que lhe traga um pouco de saqué.

- Foi exactamente isso o que a patroa me disse. A este ritmo tu nunca irás regressar, e eu terei que continuar a ler esta revista a noite toda. Preferia antes ter a tua companhia. - E aqui retirou os óculos, e enquanto os arrumava no bolso, lançou-me um longo olhar com os olhos semicerrados.

A sala espaçosa com as suas pálidas paredes de seda amarela começou a parecer-me muito pequena quando me levantei para me juntar ao Director, porque não acho que existisse alguma sala suficientemente grande para conter tudo o que eu estava a sentir. Vê-lo outra vez depois de tanto tempo acordou alguma coisa desesperada dentro de mim. Fiquei surpreendida por dar comigo a sentir-me triste, em vez de alegre, como teria imaginado. As vezes preocupara-me que o Director pudesse ter entrado de cabeça na meia-idade durante a guerra tal como acontecera à Tia. Mesmo do outro lado da sala, tinha reparado que os cantos dos olhos estavam enrugados mais aguçadamente do que me recordava deles. Também a pele à volta da boca tinha começado a descair, embora me parecesse que lhe dava uma espécie de dignidade aos maxilares fortes. Olhei-o de soslaio enquanto me ajoelhava à mesa, e descobri que ele ainda me observava sem expressão. Ia quase a iniciar a conversa, mas ele falou primeiro:

- Ainda és uma bela mulher, Sayuri.

- Então, Director - retorqui-lhe -, nunca mais vou acreditar numa palavra que disser. Tive de passar uma meia hora a fazer a maquilhagem esta noite para esconder as covas da minha cara.

- Tenho a certeza que sofreste piores vicissitudes durante os últimos anos do que perder um pouco de peso. Sei o que eu passei.

- Director, se não se importa que eu o diga... ouvi um pouco da parte de Nobu-san sobre as dificuldades que a sua companhia está a enfrentar...

- Sim, bom, não precisamos de falar nisso. Às vezes conseguimos ultrapassar as adversidades apenas com imaginarmos o que o mundo poderia ser se os nossos sonhos alguma vez se tornassem realidade.

Ele deu um sorriso triste que eu achei tão belo, que me perdi em contemplação dos perfeitos crescentes que faziam os lábios dele.

- Há aqui uma oportunidade para ti, de usares os teus encantos e mudares de assunto - disse ele.

Nem sequer tinha começado a responder quando a porta se abriu e Mameha entrou, com a Abóbora logo atrás dela. Fiquei surpreendida por ver a Abóbora; não tinha esperado que viesse. Quanto a Mameha, ela tinha evidentemente acabado de regressar de Nagoya, e viera a correr para a Ichiriki, pensando que estaria terrivelmente atrasada.

A primeira coisa que perguntou - depois de cumprimentar o Director e lhe agradecer por algo que ele lhe tinha feito na semana anterior - foi porque é que Nobu e o Ministro não estavam presentes.

O Director admitiu que também se fazia a si mesmo essa pergunta.

- Mas que dia estranho o de hoje - disse Mameha, falando quase para si própria. - O comboio ficou parado ali mesmo à entrada da estação de Quioto durante uma hora, e não podíamos sair. Por fim, dois jovens saltaram pela janela. Acho que um deles se deve ter aleijado.

E depois quando por fim consegui chegar à Ichiriki há uns momentos, parecia não haver ninguém aqui. A pobre da Abóbora andava perdida a passear pelos átrios! Já conhece a Abóbora, não conhece, Director?

Na verdade eu não tinha olhado bem para a Abóbora senão agora, mas ela trajava um extraordinário quimono cinzento antracite, se meado de bolas douradas brilhantes que se percebia serem pirilampos bordados, tendo como cenário de fundo a imagem de montanhas e água à luz da Lua. Nem o meu nem o de Mameha se lhe podiam comparar. O Director pareceu achar o vestido tão espantoso quanto eu, porque lhe pediu que se levantasse e desse uma volta para ele o ver. Ela ficou de pé muito modestamente e deu uma volta.

- Calculei que não poderia pôr o pé num local como a Ichiriki com um quimono do género dos que normalmente uso - disse ela. - A maioria dos que existem na minha okiya não são muito bonitos, embora os americanos não pareçam poder dar pelas diferenças.

- Se não tivesses sido tão franca connosco, Abóbora - disse Mameha - podíamos ter pensado que este era o teu estilo usual.

- Está a brincar comigo? Nunca usei um vestido assim tão belo em toda a minha vida. Pedi-o emprestado na okiya mais abaixo lá na rua. Nem imaginam o que elas esperam que eu lhes pague por ele, mas como nunca virei a ter dinheiro que chegue, não faz diferença nenhuma, ou faz?

Podia ver que o Director estava divertido - porque nenhuma gueixa alguma vez falaria diante de um homem de uma coisa tão grosseira quanto o preço de um quimono. Mameha virou-se para dizer qualquer coisa ao Director, mas a Abóbora interrompeu-a:

- Achei que ia vir aqui hoje um tipo importante qualquer.

- Talvez estivesses a pensar no Director - disse Mameha - não achas que ele é «um tipo importante»?

- Ele sabe se é um tipo importante ou não, não precisa de mim para lho dizer.

O Director olhou para Mameha e ergueu as sobrancelhas em surpresa fingida:

- De qualquer maneira, Sayuri falou-me num outro tipo qualquer - continuou a Abóbora.

- Saro Noritaka, Abóbora - disse o Director. - Ele é o novo Ministro das Finanças.

- Oh, eu conheço esse tipo, o Saro. Tem mesmo o aspecto de um porco grande.

Todos nós rimos com isto.

- Francamente, Abóbora - disse Mameha - as coisas que te saem da boca!

Exactamente naquele momento a porta abriu-se, e Nobu e o Ministro entraram, ambos vermelhos a brilhar do frio. Por detrás deles vinha uma criada a trazer uma travessa com saque e aperitivos. Nobu ficou de pé, a abraçar-se com o seu único braço e a bater com os pés, mas o Ministro limitou-se a arrancar ultrapassando-o em direcção à mesa. Ele grunhiu para a Abóbora e deu um esticão à cabeça para um lado, dizendo-lhe que se afastasse a fim de que ele se pudesse espremer e ficar ao meu lado. As apresentações foram feitas, e então a Abóbora disse: «Hé, Ministro, aposto que não se lembra de mim, mas eu sei muita coisa a seu respeito.»

O Ministro despejou para a boca de uma vez o copo de saqué que eu acabara de lhe encher, e olhou para a Abóbora com o que tomei por ser um olhar carrancudo.

- O que é que sabes? - disse Mameha. - Conta-nos qualquer coisa.

- Sei que o Ministro tem uma irmã mais nova que é casada com o Director da Câmara de Quioto - disse a Abóbora. - E sei que estudou karaté e que uma vez partiu a mão.

O Ministro pareceu ficar um bocado surpreendido, o que me dizia que aquelas coisas deviam ser verdade.

- E ainda, Ministro, conheço uma rapariga sua conhecida - continuou a Abóbora. - Nao Itsuko. Trabalhámos juntas na fábrica à saída de Osaca. Sabe o que é que ela me disse? Disse que vocês os dois fizeram «sabe o quê» umas duas vezes juntos.

Eu estava com medo de que o Ministro ficasse zangado, mas em vez disso a expressão dele suavizou-se até que comecei a ver o que me senti certa que seria até um brilhozinho de orgulho.

- Era uma rapariga engraçada, muito engraçada, aquela Itsuko - disse ele, olhando para Nobu com um sorriso de conquistador.

- Então, Ministro - retorquiu Nobu -, nunca imaginaria que tinha assim tanto sucesso com as senhoras. - As palavras dele soavam muito sinceras, mas eu podia ver o mal disfarçado ar de nojo na cara dele. Os olhos do Director passaram sobre os meus; parecia estar a achar aquele encontro muito divertido.

Um momento mais tarde a porta abriu-se e entraram três criadas trazendo os jantares para os homens. Eu estava com um bocado de fome e tive que desviar os olhos da visão do creme de pasteleiro com nozes de gingko, servido em belas taças verde-pálido. Nobu deve ter reparado como eu estava esfomeada, porque insistiu que eu o provasse. Depois o Director ofereceu um bocadinho a Mameha, e também à Abóbora que recusaram.

- Não tocaria nesse peixe nem por nada - disse a Abóbora. - Nem sequer quero olhar para ele.

- O que é que tem de mal? - perguntou Mameha. - Se eu vos disser, ainda se vão rir de mim. - Conta-nos, Abóbora - disse Nobu.

- Porque é que vos haveria de contar? É uma história muito, muito longa, e de qualquer maneira ninguém vai acreditar nela.

- Grande mentira! - disse eu.

Na verdade, eu não estava mesmo a chamar mentirosa à Abóbora. Muito antes do fecho de Gion, costumávamos jogar a um jogo chamado «grande mentira», em que cada pessoa tinha de contar duas histórias, e só uma delas era verdade. Depois os outros jogadores tentavam adivinhar qual era qual; os que não adivinhavam correctamente tinham que beber um copo de saqué de uma assentada.

- Eu não estou a jogar - disse a Abóbora.

- Então conta lá a história do peixe - disse Mameha -, e não tens que contar uma segunda.

A Abóbora não pareceu ficar muito contente com isto; mas depois de Mameha e eu ter-mos ficado a olhar para ela com um ar ameaçador, começou.

- Oh, está bem. É assim. Eu nasci em Sapporo, e havia lá um velho pescador que um dia apanhou um peixe com um aspecto muito esquisito, que era capaz de falar.

Mameha e eu olhámos uma para a outra e desmanchámo-nos a rir.

- Riam se quiserem - disse a Abóbora - mas é completamente verdade.

- Vá lá, continua, Abóbora. Estamos a ouvir - disse o Director.

- Bom, o que aconteceu foi que o pescador pousou o peixe para o amanhar, e ele começou a fazer barulhos que parecia mesmo uma pessoa a falar, só que o pescador não o conseguia perceber. Foi chamar um grupo de outros pescadores para ver, e ficaram todos a ouvir durante um bocado. Muito em breve o peixe estava quase morto por ter estado fora da água tanto tempo, por isso decidiram avançar e matá-lo. Mas naquele exacto momento um homem velho rompeu entre a multidão e disse que conseguia compreender perfeitamente todas as palavras que o peixe dizia, porque o peixe estava a falar russo.

Rebentámos todos a rir, e até o Ministro deu alguns grunhidos. Quando acalmámos, a Abóbora disse:

- Eu sabia que não iam acreditar, mas é absolutamente verdade.

- Gostava de saber o que é que o peixe estava a dizer - disse o Director.

- Estava quase morto, por isso era uma espécie de... murmúrio. E quando o velho se inclinou e encostou o ouvido aos lábios do peixe...

- Os peixes não têm lábios! - disse eu.

- Está bem, para... o que quer que chamem a essas coisas dos peixes - continuou a Abóbora. - Para os cantos da boca. E então o peixe disse: «Diz-lhes que avancem e me amanhem. Já não tenho mais nenhum motivo para viver. O peixe que morreu ali ao lado há pouco era a minha mulher.»

- Então os peixes casam-se! - disse Mameha. - Têm maridos e mulheres!

- Isto foi antes da guerra - disse eu. - Depois da guerra não têm dinheiro para se casarem. Limitam-se a nadar por ali à procura de trabalho.

- Isto aconteceu muito antes da guerra - disse a Abóbora. - Muito, muito antes da guerra. Antes até de a minha mãe ter nascido.

- Então como é que sabes que é verdade? - perguntou Nobu. - Com certeza que não foi o peixe que to disse.

- O peixe morreu ali mesmo naquela altura! Como é que ele me poderia dizer se eu ainda não tinha nascido? Além disso, eu não falo russo.

- Está bem, Abóbora - disse eu -, então acreditas que o peixe do Director também é um peixe que fala?

- Não disse isso. Mas parece-se exactamente com aquele peixe que falava. Não o comeria nem que estivesse a morrer à fome.

- Se ainda não tinhas nascido - disse o Director - e nem a tua mãe tinha nascido, como é que sabes qual era o aspecto do peixe?

- Vocês sabem qual é o aspecto do Primeiro Ministro, não sabem? - disse ela. - Mas alguma vez o encontraram? Se calhar, até já encontraram. Deixem-me arranjar um exemplo melhor. Sabem qual é o aspecto do Imperador, mas nunca tiveram a honra de o encontrar!

- O Director já teve essa honra, Abóbora - disse Nobu.

- Sabem o que eu quero dizer. Toda a gente sabe qual é o aspecto do Imperador. É isso o que estou a tentar explicar.

- Há retratos do Imperador - disse Nobu. - Não podes ter visto um retrato do peixe.

- O peixe é famoso no local em que cresci. A minha mãe contou-me tudo sobre o assunto, e eu estou a contar-vos parece-se exactamente com essa coisa aí mesmo na mesa.

- Graças a Deus que existem pessoas como tu, Abóbora - disse o Director. - Fazes com que o resto de nós pareçamos completamente aborrecidos.

- Bom, esta é a minha história. E não vou contar mais nenhuma. Se o resto de vocês quer jogar à «grande mentira», qualquer um pode começar.

- Eu começo - disse Mameha. - Eis aqui a minha primeira história. Quando eu tinha mais ou menos seis anos de idade, saí uma manhã para ir buscar água ao poço na nossa okiya, e ouvi o som de um homem a pigarrear e a tossir. Vinha de dentro do poço. Eu acordei a patroa, e ela saiu para ouvir. Quando apontámos uma lanterna para dentro do poço, não vimos lá ninguém, mas continuámos a ouvi-lo até depois de o Sol ter nascido. Então os sons pararam e nunca mais os voltámos a ouvir.

- A outra história é a verdadeira - disse Nobu - e nem sequer ainda a ouvi.

- Tem de ouvir as duas - continuou Mameha. - Eis aqui a segunda. Um dia eu fui com várias gueixas a Osaca para entreter na casa de Akita Masaichi. - Era um famoso homem de negócios que tinha feito uma fortuna antes da guerra. - Depois de termos cantado e bebido durante horas, Akita-san deixou-se adormecer sobre os tapetes, e uma das outras gueixas fez-nos esgueirar para outra sala e abriu uma grande cómoda cheia com todos os tipos de pornografia. Havia gravuras em madeira pornográficas, incluindo algumas de Hiroshige...

- Hiroshige nunca fez gravuras pornográficas - disse a Abóbora.

- Fez sim, Abóbora - disse o Director. - Já vi algumas delas.

- Eu também - disse Mameha - tinha fotografias de todo o tipo de gordos homens e mulheres europeus, e algumas bobinas de filmes.

- Eu conhecia bem Akita Masaichi - disse o Director. - Ele nunca poderia ter uma colecção de pornografia. A outra história é a verdadeira.

- Então, francamente, Director - disse Nobu. - Acredita numa história sobre a voz de um homem a sair de um poço?

- Eu não tenho que acreditar nela. Tudo o que interessa é saber se Mameha acredita que é verdade ou não.

A Abóbora e o Director votaram pelo homem no poço. O Ministro e Nobu votaram pela da pornografia. Quanto a mim, já tinha ouvido as duas antes e sabia que a do homem no poço era a verdadeira. O Ministro bebeu o seu copo de uma assentada sem protestar; mas Nobu resmungou o tempo todo, por isso fizémo-lo ser o seguinte.

- Eu não vou jogar este jogo - disse.

- Vai ter que jogar, ou então tem que beber um copo de saqué de uma assentada em cada rodada - disse-lhe Mameha.

- Está bem. Querem duas histórias, eu conto-vos duas histórias - resmungou. - Aqui vai a primeira. Eu tenho um cãozinho branco chamado Kubo. Uma noite cheguei a casa e o pelo de Kubo estava completamente azul.

- Acredito - disse a Abóbora. - Provavelmente foi raptado por uma espécie qualquer de demónio.

Pela cara de Nobu via-se que nem sequer conseguia imaginar que a Abóbora estivesse a falar a sério.

- No dia seguinte aconteceu outra vez - continuou ele hesitantemente -, só que desta vez o pelo de Kubo estava vermelho berrante.

- Demónios sem dúvidas - disse a Abóbora. - Os demónios adoram o vermelho. É a cor do sangue.

Nobu começou a ficar positivamente zangado quando ouviu isto.

- Eis aqui a minha segunda história. Na semana passada fui para o escritório de manhã tão cedo que o meu secretário ainda não tinha chegado. Muito bem, então qual é a verdadeira?

Claro que todos nós escolhemos a do secretário, à excepção da Abóbora, que foi obrigada a beber um copo de saqué de uma vez. E não quero dizer uma taça; quero dizer mesmo um copo. Foi o Ministro quem lho deitou, acrescentando-lhe gota a gota depois de o copo já estar cheio, até que já fazia volume por cima da borda. A Abóbora teve que lhe dar um golinho antes de poder pegar no copo. Fiquei preocupada só por observá-la, porque tinha uma baixa capacidade de tolerância ao álcool.

- Não posso acreditar que a história do cão não seja verdadeira - disse depois de ter acabado de beber o copo. E logo naquela altura me pareceu que podia ouvir as palavras dela a arrastar um bocadinho. - Como é que consegui inventar uma coisa daquelas?

- Como é que eu a conseguia inventar? A questão é, como é que pudeste acreditar nela? Os cães não ficam azuis. Nem vermelhos. E não há demónios.

A seguir era a minha vez.

- A minha primeira história é a seguinte. Uma noite, há alguns anos, o actor de Kabuki Yoegoro ficou muito embriagado e disse-me que sempre me achara muito bela.

- Esta não é verdade - disse a Abóbora. - Eu conheço Yoegoro.

- Tenho a certeza de que conheces. Mas no entanto, ele disse-me que me achava muito bela, e desde aquela noite que me vai mandando cartas de vez em quando. No canto de cada carta ele cola um pequeno cabelo preto encaracolado.

O Director riu-se com isto, mas Nobu endireitou-se, parecendo muito zangado, e disse:

- Francamente, estes actores de Kabuki. Que pessoas irritantes!

- Não entendo. O que é que queres dizer com essa do cabelo preto encaracolado? - disse a Abóbora; mas podia-se ver pela cara dela que tinha percebido a resposta logo de seguida.

Ficaram todos calados, à espera da minha segunda história. Tinha a ideia na cabeça desde que tínhamos começado a jogar o jogo, embora estivesse nervosa quanto a contá-la, e com muitas dúvidas quanto a se seria a coisa correcta a fazer.

- Uma vez, quando eu era criança - comecei eu - houve um dia em que estava muito triste, e fui



para as margens do ribeiro Shirakawa e comecei a chorar...

Enquanto começava a contar a história, sentia-me como se estivesse a esticar o braço por cima da mesa para tocar o Director na mão. Porque me parecia que mais ninguém na sala veria qualquer coisa de invulgar no que eu contava, enquanto o Director compreenderia esta história tão privada - ou, pelo menos, eu esperava que compreendesse. Sentia-me como se estivesse a ter com ele uma conversa tão íntima como nunca tivéramos; e também podia sentir-me a começar a corar enquanto falava. Imediatamente antes de continuar, olhei para cima esperando ver o Director a fixar-me com um ar interrogador. Em vez disso, parecia não estar a prestar-me qualquer atenção. De repente, senti-me tão inútil, como uma rapariga a fazer pose para a multidão enquanto se passeia, apenas para descobrir que a rua está vazia.

Tenho a certeza de que por esta altura já toda a gente na sala começara a ficar cansada de esperar por mim, porque Mameha disse:

- Então? Continua. - A Abóbora também murmurou qualquer coisa, mas não a conseguia entender.

- Vou contar outra história - disse eu. - Lembram-se da gueixa Okaichi? Ela morreu num acidente durante a guerra. Muitos anos antes, ela e eu conversávamos um dia, e ela disse-me que sempre tivera medo de que uma caixa de madeira lhe caísse em cima da cabeça e a matasse. E foi exactamente assim que ela morreu. Uma grade cheia de sucata de metal caiu de uma prateleira.

Estivera tão preocupada que até este momento não me apercebera de que nenhuma das minhas histórias era verdadeira. Ambas eram parcialmente verdadeiras; mas de qualquer maneira não me preocupava muito, porque a maior parte das pessoas faziam batota a jogar este jogo. Por isso esperei até que o Director tivesse escolhido uma história - que era aquela acerca de Yoegoro e o cabelo encaracolado - e considere-a correcta. A Abóbora e o Ministro tiveram que beber copos de saqué de uma assentada.

Depois disto, era a vez do Director.

- Eu não sou lá muito bom neste tipo de jogos - disse ele. -

Não como vocês, gueixas, que gostam tanto de mentir.

- Director! - disse Mameha, mas claro que ela estava só a brincar. - Eu estou preocupado com a Abóbora, por isso vou fazer isto simples. Se ela tem que beber outro copo de saqué, não sei se se aguenta.

Era verdade que a Abóbora estava a ter problemas para focar os olhos. Eu até achava que ela já nem sequer estava a ouvir o Director até ele dizer o nome dela.

- Ouve apenas com atenção, Abóbora. Eis aqui a minha primeira história. Esta noite eu vim a uma festa na casa de chá Ichiriki. E aqui está a segunda. Há alguns anos um peixe entrou-me pelo escritório adentro, não, esqueçam isso. Tu até podes acreditar num peixe que anda. Vejamos antes esta. Há vários dias, abri a minha secretária, e um homenzinho em uniforme saltou da gaveta e começou a cantar e a dançar. Muito bem, agora qual das duas é verdadeira?

- Não deve estar à espera que eu acredite que um homenzinho lhe saltou da gaveta - disse a Abóbora.

- Basta escolheres uma das histórias. Qual é a verdadeira?

- A outra. Já não me lembro qual era.

- Deveríamos obrigá-lo a beber um copo de saqué de uma assentada por causa disto - disse Mameha.

Quando a Abóbora ouviu as palavras «de uma assentada» deve ter assumido que tinha feito qualquer coisa de errado, porque a única coisa que vimos a seguir, era que ela tinha bebido mais meio copo de saqué, e estava com mau aspecto. O Director foi o primeiro a dar por isso, e tirou-lho imediatamente da mão.

- Tu não és um algeroz, Abóbora - disse o Director. Ela olhava-o com um olhar fixo tão vazio que lhe perguntou se ela o podia ouvir.

- Vá lá, Abóbora - disse o Director. - Eu vou levar-te a casa. Ou arrastar-te, se tiver que ser.

Mameha ofereceu-se para ajudar, e os dois juntos conduziram a Abóbora para fora da sala, deixando Nobu e o Ministro sentados à mesa comigo.

- Bom, Ministro - disse Nobu por fim -, então como foi a sua noite?

Eu acho que o Ministro estava tão bêbado quanto a Abóbora; mas ele murmurou que a noite tinha sido muito agradável.

- Muito agradável, de facto - acrescentou ele, acenando com a cabeça um par de vezes. Depois disto, ele apresentou-me o copo de saqué para que eu lho enchesse, mas Nobu retirou-lho da mão.

\*

Durante todo aquele Inverno e pela Primavera seguinte, Nobu continuou a trazer o Ministro a Gion uma ou mesmo duas vezes cada semana. Considerando a quantidade de tempo que os dois passavam juntos durante estes meses, poderiam pensar que por fim eventualmente o Ministro se teria apercebido de que Nobu sentia por ele o que um picador sente por um bloco de gelo; mas se o fez, nunca mostrou o menor sinal disso. Para dizer a verdade, o Ministro parecia nunca dar muito por nada, a não ser se eu me tinha ajoelhado ao lado dele, e se a sua taça de saqué estava ou não cheia. Esta devoção tornava-me a vida difícil às vezes; quando prestava demasiada atenção ao Ministro, Nobu ficava mal-humorado, e o lado da cara dele que tinha menos cicatrizes avermelhava-se de cólera. Era por isto que a presença do Director, de Mameha e da Abóbora me era tão valiosa. Eles desempenhavam o papel que a palha cumpre numa grade de transporte.

Claro que eu estimava a presença do Director por outro motivo também. Vi-o mais vezes durante estes meses do que nunca antes o vira, e com o tempo vim a aperceber-me de que a imagem dele na minha mente, sempre que me deitava no meu futon à noite, não era o que ele parecia, não exactamente. Por exemplo, tinha sempre imaginado que as pálpebras dele eram macias quase sem pestanas nenhuma; mas de facto eram debruadas por cílios densos e suaves como pequenas escovas. E a boca dele era muito mais expressiva do que eu alguma vez me apercebera - tão expressiva, de facto, que muitas vezes só muito dificilmente conseguia esconder os seus sentimentos. Quando qualquer coisa o divertia mas não o queria mostrar, podia apesar de tudo aperceber-me de que a boca dele ficava a tremer nos cantos. Ou quando se perdia em pensamentos - talvez a remoer qualquer problema que tivera durante o dia - às vezes ficava a dar voltas e voltas a uma taça de saqué na mão, e tinha na boca um rictus profundo que lhe fazia rugas pelo lado todo da cara. Sempre que se deixava ficar neste estado, eu considerava-me livre para o olhar desavergonhadamente. Qualquer coisa na maneira como franzia a testa, e os respectivos sulcos profundos, passei a achar de uma beleza indescritível. Parecia mostrar-me como ele pensava nas coisas tão completamente, e como era tão levado a sério no mundo. Uma noite, enquanto Mameha contava uma longa história, deixei-me ir, tão absorta a mirar o Director que, quando por fim voltei a mim outra vez, apercebi-me de que qualquer pessoa que me observasse não teria tido quaisquer dúvidas sobre o que eu andara a fazer. Felizmente que o Ministro estava demasiado obtuso com a bebida para se ter apercebido; quanto a Nobu, mastigava um bocado de qualquer coisa e investigava no prato com os pauzinhos, sem dar atenção nem a Mameha, nem a mim. A Abóbora, porém, parecia ter ficado a observar-me o tempo todo. Quando olhei para ela, tinha um sorriso que eu não sabia bem como interpretar.

\* \* \*

Uma noite, pelo fim de Fevereiro, a Abóbora ficou de cama com gripe e por tal impossibilitada de se nos juntar na Ichiriki. O Director também se atrasou naquela noite, por isso Mameha e eu passámos uma hora a entreter Nobu e o Ministro sozinhas. Por fim decidimos executar uma dança, mais para nosso benefício do que deles. Nobu não era um grande aficionado, e o Ministro não se interessava mesmo nada. Não era a nossa primeira escolha como maneira de passar o tempo, mas não conseguíamos pensar em nada melhor.

Primeiro Mameha executou algumas peças breves enquanto eu a acompanhava no shamisen. Depois trocámos de lugar. No momento em que eu ia tomar a pose para a minha primeira dança - o torso inclinado de maneira a que o leque me tocasse no chão, e o outro braço esticado para o lado - a porta deslizou aberta e entrou o Director. Demos-lhe as boas-vindas e esperámos que se sentasse à mesa. Eu estava encantada que ele tivesse chegado, porque embora soubesse que já me havia visto no palco, decerto que nunca me tinha visto a dançar num ambiente tão íntimo como aquele. A princípio eu tivera a intenção de dançar uma peça pequena chamada «Folhas de Outono Tremeluzentes», mas entretanto mudei de ideias e pedi a Mameha para tocar «Chuva Cruel» em vez da outra. A história por detrás de «Chuva Cruel» é a de uma jovem mulher que fica muito comovida quando o seu amante despe o casaco do quimono para a cobrir com ele durante uma tempestade de chuva, porque sabe que ele é um espírito encantado cujo corpo desaparecerá se se molhar. As minhas professoras tinham-me muitas vezes louvado pela maneira como eu exprimia o sentimento de tristeza da mulher; e durante a parte em que tinha de me deixar cair lentamente de joelhos, muito raramente permitia que as pernas me tremessem como acontecia com a maioria das bailarinas. Provavelmente já falei disto, mas nas danças da Escola Inoue a expressão facial é tão importante quanto o movimento dos braços ou das pernas. Por isso, embora tivesse gostado de lançar algumas olhadelas ao Director enquanto dançava, tinha de manter os olhos colocados em posição correcta o tempo todo e nunca o consegui fazer. Em vez disso, para ajudar a dar sentimento à minha dança, concentrei-me na coisa mais triste em que podia pensar, que era imaginar que o meu danna estava ali na sala comigo - não o Director, mas antes Nobu. No momento em que formulei este

pensamento, tudo à minha volta pareceu descair pesadamente em direcção à terra. Lá fora no jardim, as abas do telhado deixavam cair a chuva como gotas de vidro pesado. Até os próprios tapetes pareciam pressionar o chão para o fundo. Recordo-me de pensar que dançava não para exprimir o sofrimento de uma jovem mulher que perdeu o seu amante sobrenatural, mas a dor que eu própria iria sentir quando a minha vida me fosse enfim roubada da única coisa que eu mais profundamente queria. Dei comigo a pensar, também, em Satsu; dancei a amargura da nossa separação eterna. Quando cheguei ao fim sentia-me quase esmagada pelo sofrimento; mas seguramente que não estava preparada para o que vi quando me virei para olhar para o Director.

Ele estava sentado no canto da mesa mais próximo de maneira que, como aconteceu, ninguém senão eu própria o podia ver. Primeiro pensei que a sua expressão era de surpresa, porque tinha os olhos muito abertos. Mas da mesma maneira que a boca dele às vezes tremia quando tentava não sorrir, agora podia vê-la a tremer debaixo da tensão de uma emoção diferente. Não podia ter a certeza, mas deu-me a impressão de que tinha os olhos pesados com lágrimas. Olhava na direcção da porta, a fingir esfregar o lado do nariz a fim de que pudesse passar um dedo no canto do olho; e endireitou as sobrancelhas como se fossem elas a fonte da sua perturbação. Estava tão chocada por ver o Director a sofrer que por um instante fiquei quase desorientada. Fiz o meu caminho até à mesa, e Mameha e Nobu começaram a falar. Um momento depois o Director interrompeu.

- Onde está a Abóbora esta noite?

- Oh, está doente, Director - disse Mameha.

- O que queres dizer com isso? Nem sequer vai vir hoje?

- Não, não vem - disse Mameha. - E até é bom considerando que tem gripe.

Mameha regressou à conversa. Vi o Director lançar uma olhadela ao relógio de pulso e depois, com a voz ainda insegura, disse:

- Mameha, vais ter que me desculpar. Eu próprio não me estou a sentir muito bem esta noite.

Nobu disse qualquer coisa de engraçado no momento em que o Director fechava a porta atrás de si, e todos riram. Mas eu estava a pensar uma coisa que me assustava. Na minha dança, tentara exprimir o sofrimento da ausência. Seguramente que me tinha entristecido a mim própria a fazê-lo, mas também tinha entristecido o Director; seria possível que ele tivesse estado a pensar na Abóbora - que, apesar de tudo, estava ausente?

Não conseguia imaginá-lo à beira das lágrimas por causa da doença da Abóbora, ou qualquer coisa parecida, mas talvez eu tivesse acordado alguns sentimentos mais obscuros e complicados. Tudo o que sabia era que quando a minha dança acabou, o Director perguntou pela Abóbora; e partiu quando soube que ela estava doente. Não conseguia obrigar-me acreditar. Se eu tivesse feito a descoberta de que o Director tivesse desenvolvido alguns sentimentos por Mameha, não teria ficado surpreendida. Mas a Abóbora? Como é que o Director poderia desejar alguém tão... bom, tão pouco refinado?

Podem pensar que qualquer mulher com bom senso deveria ter desistido das suas esperanças nesta altura. E durante algum tempo fui ao adivinho todos os dias, e lia o meu almanaque ainda mais cuidadosamente do que o costume, procurando um sinal qualquer que me dissesse se deveria ou não submeter-me ao meu destino inevitável. Claro que nós, japoneses, estávamos a viver uma década de esperanças esmagadas. Não teria achado que era surpreendente que as minhas tivessem murchado como as de tantas outras pessoas. Mas por outro lado, muitas acreditavam que o próprio país um dia se iria levantar de novo; e todos sabíamos que uma coisa dessas nunca poderia acontecer se nos resignássemos a viver para sempre sobre o cascalho. De cada vez que lia um relato no jornal de uma lojinha qualquer que

tinha feito, digamos, peças para bicicletas antes da guerra, e que agora regressara ao trabalho quase como se a guerra nunca tivesse acontecido, tinha que me dizer que, se o nosso país todo pudesse emergir do seu próprio vale de sombras, decerto que haveria esperanças de eu poder emergir do meu.

A começarem naquele mês de Março e a continuarem por toda a Primavera, Mameha e eu estávamos ocupadas com as Danças da Velha Capital, que iam ser encenadas de novo pela primeira vez desde que Gion fechara nos anos finais da guerra. Por acaso, Nobu e o Director ficaram também mais ocupados durante aqueles meses e só trouxeram o Ministro a Gion por duas vezes. Então, um dia, durante a primeira semana de Junho, disseram-me que tinha sido requisitada a minha presença ao início da noite na casa de chá Ichiriki pela Companhia Eléctrica Iwamura. Tinha um compromisso marcado há semanas a que não poderia faltar facilmente, por isso, no momento em que por fim fiz deslizar a porta para me reunir à festa, ia com meia hora de atraso. Para minha surpresa, em vez do grupo do costume à volta da mesa, dei apenas com Nobu e o Ministro.

Podia ver de imediato que Nobu estava zangado. Claro, imaginei eu, está zangado comigo por tê-lo feito passar tanto tempo sozinho com o Ministro - embora para dizer a verdade, os dois homens não estivessem a «passar tempo juntos» mais do que um esquilo passa com os insectos que vivem na mesma árvore que ele. Nobu tamborilava com os dedos sobre o tampo da mesa, com uma expressão muito zangada, enquanto o Ministro estava de pé junto à janela a olhar para o jardim.

- Muito bem, Ministro - disse Nobu, depois de eu me ter instalado à mesa. - Já chega de estar a ver os autocarros a crescer. Será que temos que passar a noite aqui sentados à sua espera?

O Ministro ficou surpreendido e fez uma pequena vénia em desculpa antes de avançar para tomar o seu lugar numa almofada que eu lhe tinha preparado. Normalmente eu tinha dificuldade em pensar no que lhe dizer, mas esta noite a minha tarefa fora facilitada dado que já não o via há muito tempo.

- Ministro - disse eu - já não gosta de mim!

- Hem? - disse o Ministro, que já tinha conseguido arrumar as feições a fim de que exibissem a surpresa.

- Não me tem vindo ver há mais de um mês! E por causa de Nobu-san não ter sido suficientemente amável, e não o ter trazido a Gion tantas vezes quantas devia?

- Nobu-san não é pouco amável - disse o Ministro. E fez várias inspirações pelo nariz acima antes de acrescentar: -já lhe pedi coisas demais.

- A mantê-lo afastado durante um mês? De certeza que é pouco amável. Temos tanta coisa para pôr em dia.

- Sim - disse Nobu -, principalmente muitas bebidas.

- Meu Deus, mas Nobu-san está rabugento esta noite. Ele tem estado assim a noite toda? E onde é que estão o Director, e Mameha, e a Abóbora? Não vêm ter connosco?

- O Director esta noite não está livre - disse Nobu. - As outras não sei onde estão. Esse problema é teu, e não meu.

Um momento depois entraram duas criadas trazendo as bandejas com os jantares para os homens. Fiz o melhor que pude para lhes fazer companhia enquanto comiam - o que quer dizer que tentei durante um bocado fazer Nobu falar; mas ele não estava com disposição para conversas; e depois tentei fazer o Ministro falar, mas claro que teria sido mais fácil conseguir arrancar uma palavra ou duas ao vairão grelhado no prato dele. Por isso, passado um bocado desisti e passei a tagarelar sobre o que me vinha à cabeça, até que me comecei a sentir como uma velhinha a falar com os seus dois cães. Durante todo este

tempo ia-lhes servindo aos dois o saque tão liberalmente quanto podia. Nobu não bebeu muito, mas o Ministro estendia o copo de cada vez com gratidão. Exactamente no momento em que o Ministro ia começar a assumir aquele olhar vidrado, Nobu, como um homem que tivesse acabado de acordar, subitamente pousou com força o copo sobre a mesa, limpou a boca com o guardanapo e disse:

- Muito bem, Ministro, já chega para uma noite. São horas de ir para casa.

- Nobu-san! - disse-lhe. - Tenho a impressão que o seu convidado acabou agora mesmo de começar a divertir-se.

- Ele já se divertiu demais. Vamos mandá-lo cedo para casa por uma vez, por amor de Deus. Vamos, então Ministro! A sua mulher vai ficar agradecida.

- Não sou casado - disse o Ministro. Mas entretanto já estava a puxar as meias para cima e a preparar-se para se levantar.

Conduzi Nobu e o Ministro pelo átrio até à entrada, e ajudei o Ministro a calçar os sapatos. Os táxis ainda eram raros por causa do racionamento de gasolina, mas a criada chamou um riquexó e ajudou o Ministro a entrar nele. Na altura reparei que se estava a comportar de uma maneira estranha, mas nesta noite apontou os olhos aos joelhos e nem sequer disse adeus. Nobu ficou no átrio, a espreitar a noite como se estivesse a ver as nuvens a juntar-se, embora de facto o céu estivesse limpo. Depois de o Ministro ter partido, disse-lhe:

- Nobu-san, em nome dos céus o que é que se passa entre vocês os dois?

Ele lançou-me um olhar de desprezo e regressou ao interior da casa de chá. Descobri-o na sala, a bater com a taça de saqué vazia sobre a mesa com a sua única mão. Pensei que queria saqué, mas ele ignorou-me quando lho perguntei - e de qualquer maneira descobri que a garrafa também estava vazia. Esperei um longo momento, pensando que ele tinha qualquer coisa para me dizer, mas por fim resolvi falar.

- Olhe para si, Nobu-san. Têm uma ruga entre os olhos tão funda como a valeta da rua.

Ele deixou que os músculos à volta dos olhos se descontraíssem um pouco, a fim de que a ruga parecesse ter-se dissolvido.

- Já não sou tão novo como fui, sabes - disse-me ele.

- E o que é que isso quer dizer?

- Quer dizer que há algumas rugas que se tornaram feições permanentes, e não se vão embora só por tu dizeres que deveriam ir.

- Há rugas boas, e rugas más, Nobu-san. Nunca se esqueça disto.

- Tu própria também já não és tão nova quanto foste, sabes.

- Agora inclinou-se antes para me insultar! Está com uma disposição ainda pior do que eu temia. Porque é que não há álcool aqui? Precisa de uma bebida.

- Não te estou a insultar. Estou a constatar um facto.

- Há rugas boas, e rugas más, e há factos bons e factos maus - disse eu. - Aos factos maus é melhor evitá-los.

Descobri uma criada e pedi-lhe para trazer uma bandeja com uísque e água, bem como lula seca para aperitivo - porque me apercebi de que Nobu não tinha comido muito do seu jantar. Quando a travessa chegou, deitei whisky num copo, enchi-o com água e pu-lo diante dele.

- Aqui está - disse-lhe - agora finja que é remédio e bêba-o. - Ele deu um golinho; mas muito pequeno. - Tudo - disse eu.

- Eu bêbo-o ao meu próprio ritmo.

- Quando um médico manda o doente tomar um remédio, o doente toma o remédio. Vá, agora beba tudo!

Nobu esvaziou o copo, mas não olhou para mim enquanto o fazia. Depois deitei-lhe mais e ordenei-lhe que bebesse de novo.

- Tu não és um médico! - disse-me ele. - Eu bebo ao meu próprio ritmo.

- Vá, vá, Nobu-san. De cada vez que abre a boca, ainda arranja mais sarilhos. Quanto pior estiver o doente, maior a quantidade de remédio.

- Não o faço. Odeio beber sozinho.

- Está bem, eu bebo consigo - disse. Pus uns cubos de gelo num copo e apresentei-o a Nobu para que mo enchesse. Ele estava a fazer um sorrisinho quando me tirou o copo, seguramente o primeiro sorriso que fizera em toda a noite, e muito cuidadosamente despejou o dobro do whisky que eu havia deitado no copo dele, e por cima deitou um borrifo de água. Eu peguei no copo dele, despejei o conteúdo numa taça no centro da mesa, e depois enchi-o com a mesma quantidade de whisky que ele pusera no meu, além de mais um pouco como castigo.

Enquanto esvaziávamos os nossos copos, eu não me pude deixar de fazer uma careta; acho tão agradável beber whisky como lambar água da chuva de uma valeta. Calculo que fazer estas caretas foi o melhor dos remédios, porque depois Nobu parecia muito menos embirrento. Quando consegui recuperar a respiração, disse:

- Não sei que bicho lhe mordeu esta noite. Ou ao Ministro, que é o mesmo.

- Nem me fales desse homem! Estava a começar a esquecê-lo, e agora lembras-te-me. Sabes o que é que ele me disse há pouco?

- Nobu-san - disse - é da minha responsabilidade alegrá-lo, quer queira mais whisky ou não. Tem observado o Ministro a ficar bêbedo noite após noite. Agora é a sua vez de se embebedar.

Nobu lançou-me outro olhar desagradável, mas pegou no copo como um homem a começar o caminho para o cadafalso das execuções, e olhou para ele durante um longo bocado antes de o beber todo. Pousou-o sobre a mesa e depois esfregou os olhos com as costas da mão como se estivesse a tentar que ficassem mais claros.

- Sayuri - disse-me. - Tenho que te contar uma coisa. Vais saber disto mais cedo ou mais tarde. Na semana passada o Ministro e eu tivemos uma conversa com a patroa da Ichiriki. Fizemos uma investigação quanto às possibilidades de o Ministro vir a ser o teu danna.

- O Ministro? - disse eu. - Nobu-san, não compreendo, é isso que deseja que venha a acontecer?

- Claro que não. Mas o Ministro tem-nos ajudado incomensuravelmente, e eu não tinha alternativa. As autoridades da Ocupação preparavam-se para tomar a sua decisão final contra a Companhia Eléctrica Iwamura, sabes. A Companhia teria sido confiscada. Calculo que o Director e eu teríamos que ir aprender a fazer cimento, porque nunca mais nos seria permitido trabalhar nos negócios outra vez. No entanto, o Ministro fê-los reabrir o nosso caso, e conseguiu persuadi-los de que estavam a lidar connosco de uma maneira demasiado severa. O que é a verdade, sabes.

- No entanto, Nobu-san continua a chamar todo o tipo de nomes ao Ministro - disse eu. - Parece-

me que...

- Ele merece ser chamado de todos os nomes em que consigo pensar! Não gosto do homem, Sayuri. Não me faz gostar mais dele saber que estou em dívida para com ele.

- Estou a ver - disse. - Portanto eu era para ser dada ao Ministro porque...

- Ninguém estava a tentar dar-te ao Ministro. De qualquer maneira, ele nunca poderia pagar por ti o suficiente para vir a ser o teu dannu. Levei-o a crer que a Companhia Eléctrica Iwamura estaria disposta a pagar - o que claro não estaríamos. Eu já sabia qual era a resposta ou não teria feito a pergunta. O Ministro ficou terrivelmente desapontado, sabes. Por um instante quase que fiquei com pena dele.

Não havia nada de engraçado no que Nobu dissera. E no entanto, eu não conseguia impedir-me de rir, porque de repente veio-me à cabeça a imagem do Ministro como meu dannu, a inclinar-se para mim, cada vez mais perto, com o maxilar de baixo a espetar-se, até que subitamente a respiração dele fosse assoprada pelo meu nariz acima.

- Oh, então achas isto engraçado, achas? - disse-me Nobu.

- Francamente, Nobu-san... Desculpe, mas imaginar o Ministro...

- Eu não quero imaginar o Ministro! Já é mau que baste ter estado sentado ali ao lado dele, a falar com a patroa da Ichiriki.

Arranjei outro whisky com água para Nobu, e ele arranjou um para mim. Era a última coisa que eu queria; a sala já me estava a parecer enevoada. Mas Nobu levantou o copo, e não tive alternativa senão beber com ele. Depois limpou a boca com o guardanapo e disse: - É um tempo terrível para se estar vivo, Sayuri.

- Nobu-san, pensei que estávamos a beber para nos alegrarmos.

- É verdade que já nos conhecemos há muito tempo, Sayuri. Talvez... quinze anos! Está certo? - disse ele. - Não, não respondas. Quero dizer-te uma coisa, e tu vais ficar aí sentada e escutá-la. Há muito tempo que ando a querer dizer-te isto, e agora chegou o momento. Espero que estejas a ouvir, porque só o vou dizer uma vez. Eis a coisa: eu não gosto muito de gueixas; provavelmente já sabes isso. Mas senti sempre que tu, Sayuri, não és exactamente como as outras.

Esperei um momento para que Nobu continuasse, mas não o fez.

- Era isso o que Nobu-san me queria dizer? - perguntei.

- Bom, isso não sugere que eu deveria ter feito todo o tipo de coisas por ti? Por exemplo... ah! Por exemplo, eu deveria ter-te comprado jóias.

- Já me comprou jóias. De facto, foi sempre amável de mais. Para mim, quero dizer; é certo que não é amável para toda a gente.

- Bom, deveria ter-te comprado mais. De qualquer maneira, não é disso que estou a falar. Estou a ter dificuldades em me exprimir. O que eu estou a tentar dizer é que acabei por perceber o tonto que sou. Riste-te mais cedo com a ideia de ter o Ministro como dannu. Mas olha para mim: um homem de um braço só, com uma pele como, o que é que eles me chamam, o lagarto?

- Oh, Nobu-san, nunca deve falar de si dessa maneira...

- Chegou a altura. Estou à espera há anos. Tive que esperar durante todo aquele teu disparate com o General. De cada vez que o imaginava contigo... bom, nem sequer quero pensar nisso. E a própria ideia deste parvo do Ministro! Já te contei o que me disse esta noite? Isto é o pior de tudo. Depois de ter



descoberto que não ia ser o teu danna, ficou aqui sentado um grande bocado como um monte de lixo, e por fim disse: «Eu pensei que me tinha dito que eu podia ser o danna de Sayuri.» Bom, eu não tinha dito uma coisa daquelas! «Fizemos o melhor que pudemos, Ministro, e não funcionou» respondi-lhe. Então ele disse: «Podia ao menos consegui-lo para uma vez?» e perguntei: «Conseguir uma vez o quê? Para ser o danna de Sayuri só uma vez? Quer dizer, uma noite?» E depois ele assentiu com a cabeça! Bom, eu disse: «Oiça-me bem, Ministro! Já foi mau que chegasse ter de ir falar com a patroa da casa de chá a propor um homem como o senhor para danna de uma mulher como Sayuri. Só o fiz porque sabia que não ia acontecer. Mas se pensa...»

- Não disse isso!

- Claro que disse. Disse: «Mas se pensa que iria tentar que estivesse sequer um quarto de um segundo sozinho com ela... Porque é que a haveria de ter? E de qualquer maneira, ela não é minha para eu lha dar, pois não? Pensar que eu iria falar com ela e pedir-lhe uma coisa dessas!»

- Nobu-san, espero que o Ministro não tenha levado isso muito a mal, considerando o que ele fez pela Eléctrica Iwamura.

- Espera aí um momento. Não quero que venhas a pensar que sou ingrato. O Ministro ajudou-nos porque era o trabalho dele ajudar-nos. Tratei-o bem nestes últimos meses, e não vou parar agora. Mas isso não quer dizer que eu tenha de desistir daquilo por que tenho esperado mais de dez anos, e dar-lho a ele! E se eu tivesse vindo falar contigo como ele queria? Tu terias dito: «Está bem, Nobu-san, faço-o por si»?

- Por favor... Como é que eu posso responder a uma pergunta dessas?

- Facilmente. Diz-me apenas que tu nunca terias feito uma coisa daquelas.

- Mas, Nobu-san, eu tenho uma tal dívida para consigo... Se me pedisse um favor, nunca o poderia recusar com ligeireza.

- Bom, esta é nova! Mudaste, Sayuri, ou houve sempre uma parte de ti que eu não conhecia?

- Já pensei muitas vezes que Nobu-san me tem numa consideração demasiado elevada...

- Eu não me engano a julgar as pessoas. Se tu não és a mulher que eu penso que és, então este não é o mundo que eu pensava que era. Queres-me dizer que podias considerar dar-te a um homem como o Ministro? Não achas que há o certo e o errado neste mundo, e o bem e o mal? Ou passaste demasiado tempo da tua vida em Gion?

- Meu Deus, Nobu-san... há anos que não o via tão encolerizado...

Isto seria exactamente o que eu não devia ter dito, porque de repente a cara de Nobu brilhou de cólera. Pegou no copo com a sua única mão e bateu com ele com tanta força que se partiu, despejando os cubos de gelo sobre a mesa. Nobu virou a mão para ver uma linha de sangue cruzando-lhe a palma.

- Oh, Nobu-san!

- Responde-me!

- Neste momento nem sequer consigo pensar na pergunta... por favor, tenho que lhe ir buscar qualquer coisa para a mão...

- Entregar-te-ias do Ministro independentemente de quem to pedisse? Se és uma mulher capaz de fazer uma coisa dessas, quero que saias desta sala e nunca mais me voltes a falar!

Eu não conseguia compreender como é que a noite tinha dado esta reviravolta; mas era perfeitamente claro para mim que só podia dar uma resposta. Estava desesperada para ir buscar um pano

para a mão de Nobu - o sangue já lhe escorria para a mesa - mas ele estava a olhar para mim com tal ferocidade que não ousei mover-me.

- Eu nunca faria uma coisa dessas - disse.

Pensei que isto o iria acalmar, mas durante um longo e assustador momento continuou a fixar-me. Por fim deixou sair a respiração.

- Da próxima vez fala antes que eu tenha que me cortar para obter uma resposta.

Corri para fora da sala à procura da patroa. Ela veio com várias criadas e uma taça de água e toalhas. Nobu não a deixou chamar um médico. Para dizer a verdade, o golpe não era tão feio como eu receara. Depois de a patroa ter saído, estranhamente Nobu ficou em silêncio.

Tentei iniciar uma conversa, mas ele não se mostrava interessado.

- Primeiro, não o consigo acalmar - disse eu por fim - e agora não consigo que fale. Não sei se deva fazê-lo beber mais, ou se o problema é a bebida.

- Já bebemos o suficiente, Sayuri. Chegou o momento de ires e trazeres de volta aquela pedra.

- Qual pedra?

- A que te dei no Outono passado. O bocado de cimento da fábrica. Vai e trá-lo.

Senti a pele tornar-se em gelo quando ouvi isto - porque sabia perfeitamente bem o que é que ele estava a dizer. Tinha chegado o momento de Nobu se propor como meu danná.

- Oh, sinceramente, já bebi demais. Nem sei se conseguirei andar! - disse-lhe. - Talvez Nobu-san me deixe trazê-la da próxima vez que nos virmos?

- Vais buscá-la esta noite. Porque é que pensas que fiquei depois de o Ministro se ter ido embora? Vai buscá-la enquanto eu espero aqui por ti.

Pensei mandar uma criada buscar a pedra para mim; mas sabia que nunca lhe poderia dizer onde a encontrar. Por isso, com alguma dificuldade fiz o meu caminho pelo átrio abaixo, enfiei os pés nos sapatos, e chapinhei por ali fora - como me pareceu, naquele estado de embriaguez - através das ruas de Gion.

Quando cheguei à okiya, fui até a o meu quarto e tirei da prateleira do meu armário o bocado de cimento embrulhado num quadrado de seda. Desembrulhei-o e deixei a seda no chão, embora não saiba bem porquê. Quando ia a sair, a Tia - que me deve ter ouvido a tropeçar e subiu para ver o que se passava - veio ter comigo ao átrio do andar de cima e perguntou-me porque é que eu levava uma pedra na mão.

- Vou levá-la a Nobu-san, Tia - respondi-lhe. - Por favor, impeça-me de ir!

- Estás bêbeda, Sayuri. O que é que te deu esta noite?

- Eu tenho que lha devolver. E... oh, vai ser o fim da minha vida se o fizer. Por favor, impeça-me de ir...

- Embriagada e a soluçar. Estás pior que a Hatsumomo! Não podes voltar para lá neste estado.

- Por favor, então telefone-me para a Ichiriki. E eles que digam a Nobu que eu não voltarei lá. Telefona?

- Porque é que Nobu-san está à tua espera para lhe entregares uma pedra?

- Não posso explicar. Não posso...

- Não faz diferença. Se ele está à tua espera, vais ter que ir - disse-me ela, e levou-me pelo braço de volta para o quarto, onde me secou a cara com um pano e retocou a maquilhagem à luz da lanterna eléctrica. Eu estava mole enquanto o fazia e teve de me segurar o queixo na mão para impedir que a minha cabeça rolasse. Ficou tão impaciente que por fim me agarrou na cabeça com as duas mãos e tornou claro que queria que ficasse quieta.

- Espero nunca mais te voltar a ver comportares-te assim, Sayuri. Deus sabe o que te deu.

- Sou uma tonta, Tia.

- Decerto que estás a ser uma tonta esta noite - disse ela. - A Mãe vai ficar muito zangada se fizeste alguma coisa para destruir a afeição de Nobu-san por ti.

- Ainda não fiz - disse eu. - Mas se conseguir pensar nalguma coisa que...

- Isso não são maneiras de falar - ralhou-me a Tia. E não disse mais uma palavra enquanto não acabou de me retocar a maquilhagem.

Eu fiz o caminho de regresso à casa de chá Ichiriki, segurando aquela pedra pesada com as duas mãos. Não sei se era realmente pesada, ou se os meus braços estavam simplesmente pesados com demasiada bebida. Mas pela altura em que me reuni de novo com Nobu na sala, achei que tinha gasto toda a minha energia. Se ele falasse comigo para me tornar sua amante, não tinha lá bem a certeza se seria capaz de reprimir os meus sentimentos.

Pus a pedra sobre a mesa. Nobu pegou nela com os dedos e segurou-a na toalha amarrada em torno da mão.

- Espero não te ter prometido uma jóia deste tamanho - disse-me. - Não tenho assim tanto dinheiro. Mas há coisas que agora são possíveis e que antes não eram.

Fiz uma vénia e tentei não parecer perturbada. Nobu não precisava de me explicar o que queria dizer com aquilo.

\*

Exactamente naquela noite enquanto estava deitada no meu futon com o quarto a andar à roda, resolvi ser como o pescador que hora atrás de hora apanha o peixe com a sua rede. Sempre que pensamentos sobre o Director subiam à tona vindos de dentro de mim, eu pescava-os cá para fora, e pescava-os outra vez, e outra, até não sobrares nenhuns. Teria sido um sistema inteligente, sem dúvida, se eu o tivesse conseguido fazer funcionar. Mas quando tinha nem que fosse um único pensamento sobre ele, nunca o conseguia apanhar antes que fugisse a correr, e me levasse exactamente para o local de onde tinha banido os meus pensamentos. Muitas vezes me obriguei a parar e dizia-me a mim própria: Não penses no Director, pensa antes em Nobu. E muito deliberadamente, imaginava-me a encontrar-me com Nobu algures em Quioto. Mas nesse momento qualquer coisa corria sempre mal. O local que eu fantasiava podia ter sido onde muitas vezes imaginara encontrar-me com o Director, por exemplo... e então, num instante, ficava mais uma vez perdida em pensamentos sobre o Director.

Andei assim nisto durante semanas, a tentar reconstruir-me. Às vezes, quando por um momento ficava livre dos pensamentos sobre o Director, começava a sentir como se um poço se tivesse aberto dentro de mim. Não tinha apetite, nem quando a pequena Etsuko vinha à noite trazer-me uma taça de caldo de carne. As poucas vezes em que consegui concentrar-me claramente em Nobu, fiquei tão entorpecida que me parecia não sentir absolutamente nada.

Enquanto fazia a minha maquilhagem, tinha a cara pendurada como um quimono num cabide. A Tia disse-me que eu parecia um fantasma. Ia a festas e a banquetes como era costume, mas ficava sentada

em silêncio com as mãos sobre o colo. Sabia que Nobu estava na eminência de se propor como meu danna, por isso ficava todos os dias à espera que as notícias chegassem até mim. Mas as semanas arrastavam-se sem uma palavra.

Então, numa tarde quente em finais de junho, quase um mês depois de eu ter devolvido a pedra, a Mãe trouxe um jornal enquanto eu almoçava, e abriu-o para me mostrar um artigo intitulado «A Companhia Eléctrica Iwamura Conseguir Financiamento do Banco Mitsubishi». Esperava descobrir todo o tipo de referências a Nobu e ao Ministro, e certamente ao Director; mas a maior parte do artigo dava uma grande quantidade de informação de que nem sequer me consigo lembrar. Dizia que a designação da Eléctrica Iwamura tinha sido mudada pelas autoridades da Ocupação Aliada de... não me recordo - uma Classe Qualquer Coisa para Classe Outra Coisa Qualquer. O que queria dizer, como continuava o artigo a explicar, que a companhia já não estava sob restrições de contratos, pedidos de empréstimo, e por aí fora. Seguiam-se vários parágrafos, tudo sobre taxas de juro e linhas de crédito; e depois, por fim, sobre um grande empréstimo concedido no dia anterior pelo Banco Mitsubishi. Era um artigo difícil de ler, cheio de números e termos de economia e negócios. Quando terminei, olhei para a Mãe, ajoelhada do outro lado da mesa.

- A fortuna da Eléctrica Iwamura mudou completamente - disse-me ela. - Porque é que não me falaste disto?

- Mãe, se eu nem sequer entendi muito bem o que acabei de ler.

- Não me espanta que tenhamos tido tantas notícias de Nobu Toshikazu nestes últimos dias. Como deves saber, ele propôs-se como teu danna. Eu estava a pensar recusá-lo. Quem quer um homem com um futuro incerto? Agora posso ver porque parecias tão ausente nestas últimas semanas! Bom, já podes descontraí-te. Está enfim a acontecer. Todos sabemos como tens sido amiga de Nobu nestes últimos anos.

Continuei a olhar fixamente a mesa tal como uma filha bem educada. Mas tenho a certeza de que usava uma expressão pintada na cara; porque logo de seguida a Mãe continuou:

- Não podes estar assim apática quando Nobu te quiser na cama dele. Talvez a tua saúde não esteja como devia. Vou mandar-te ao médico assim que regressares de Amami.

A única Amami de que alguma vez ouvira falar era uma pequena ilha não muito longe de Okinawa e não me passava pela cabeça que fosse esse o lugar de que ela falava. Mas, de facto, como a Mãe me continuava a contar, a patroa da Ichiriki tinha recebido um telefonema naquela mesma manhã da Eléctrica Iwamura relacionado com uma viagem até à ilha de Amami no fim de semana seguinte. Eu tinha sido convidada para ir, junto com Mameha e a Abóbora, e também outra gueixa cujo nome a Mãe não se conseguia lembrar. Partiríamos na sexta-feira seguinte à tarde.

- Mas, Mãe... não faz sentido - disse eu. - Uma viagem de fim-de-semana tão longe quanto Amami? Só a viagem de barco vai demorar um dia.

- Nada disso. A Eléctrica Iwamura arranjou as coisas para que vocês viajem até lá de avião.

Num instante esqueci-me das minhas preocupações relativamente a Nobu, e sentei-me direita como se alguém me tivesse espetado um alfinete.

- Mãe! - disse-lhe. - Eu não posso andar de avião.

- Se estiveres sentada num, e a coisa levantar voo, não vais poder fazer nada! - respondeu. Deve ter achado que a sua gracinha tinha muita piada porque deu um daqueles seus risos arquejantes.

Com a gasolina tão parca, era impossível que fosse um avião, decidi, por isso resolvi não me

preocupar - e isto funcionou bem comigo até ao dia seguinte, quando falei com a patroa da Ichiriki. Parecia que vários oficiais americanos na ilha de Okinawa viajavam por ar para Osaca várias semanas por mês. Normalmente, o avião voava para casa vazio e regressava uns dias mais tarde para os apanhar. A Eléctrica Iwamura tinha arranjado as coisas de maneira a que o nosso grupo embarcasse na viagem de regresso. Íamos para Amami apenas porque o avião vazio estava disponível; de outra maneira, provavelmente teríamos ido a caminho de umas termas de água quente, e sem recear nada pelas nossas vidas. A última coisa que a patroa me disse foi:

- Fico agradecida que sejas tu e não eu a ter de voar naquela coisa.

Quando chegou a manhã de sexta-feira, partimos para Osaca de comboio. Para além do Sr. Bekku, que vinha connosco até ao aeroporto para nos ajudar com as malas, o pequeno grupo era constituído por Mameha, a Abóbora e eu, bem como uma gueixa mais velha chamada Shizue. Shizue era mais do bairro de Pontocho do que de Gion, usava uns óculos pouco atraentes e tinha o cabelo grisalho que a fazia parecer ainda mais velha do que de facto era. O que era pior, o queixo dela tinha uma cova no meio, como dois seios. Shizue parecia considerar o resto de nós como um cedro a olhar lá de cima as ervas daninhas que lhe crescem por baixo. A maior parte do tempo ficou a espreitar pela janela do comboio; mas, de vez em quando, abria o fecho da sua mala de mão cor de laranja e vermelha para retirar um rebuçado, e olhava para nós como quem não podia imaginar porque é que tínhamos de a aborrecer com a nossa presença.

Da estação de Osaca viajámos para o aeroporto num pequeno autocarro não muito maior do que um automóvel, que era alimentado a carvão e estava muito sujo. Por fim, após uma hora ou mais, descemos junto de um avião prateado com duas grandes hélices nas asas. Não fiquei nada confiante por ver a pequena rodinha em que descansava a cauda; e quando entrámos lá para dentro, a coxia inclinava-se para o fundo de maneira tão dramática que tive a certeza de que o avião estava partido.

Os homens já estavam a bordo, sentados nos lugares do fundo e a falar de negócios. Para além do Director e de Nobu, estava ali o Ministro, bem como um homem de idade que, como mais tarde soube, era o director regional do Banco Mitsubishi. Sentado ao lado dele ia um outro homem dos seus trinta anos com um queixo idêntico ao de Shizue, e também óculos tão grossos quanto os dela. Como vim a saber, Shizue era a amante de longa data do director do Banco, e este homem era o filho deles.

Sentámo-nos viradas para a frente do avião e deixámos os homens entregues às suas conversas aborrecidas. Em breve ouvi um ruído de tosse e o avião começou a tremer... e quando olhei pela janela, a hélice gigante a meu lado tinha começado a girar. Momentos depois aquelas lâminas rodopiavam como espadas a centímetros da minha cara, fazendo o mais desesperado som sussurrante. Tive a certeza de que avançariam até cortar o lado do avião e partir-me ao meio. Mameha tinha-me posto num lugar junto à janela pensando que a vista me poderia acalmar assim que levantássemos voo, mas agora que ela via o que a hélice estava a fazer, recusou-se a trocar de lugar comigo. O barulho dos motores piorou, e o avião passou a atirar-se para a frente, virando aqui e ali. Por fim o barulho atingiu o máximo do volume aterrorizador que conseguia, e o corredor endireitou-se. Após mais alguns momentos, ouvimos um baque surdo e começou a levantar-se do solo. Só quando o chão estava lá em baixo distante de nós alguém por fim me disse que a viagem era de setecentos quilómetros e levaria perto de quatro horas. Quando ouvi isto, receio que os olhos me tenham ficado vidrados com lágrimas, e todos se começaram a rir de mim.

Puxei as cortinas sobre a janela e tentei acalmar-me lendo uma revista. Um bom bocado depois, após Mameha ter adormecido na cadeira a meu lado, levantei os olhos para ver Nobu de pé na coxia.

- Sayuri, estás bem? - perguntou-me falando baixinho para não acordar Mameha.

- Acho que Nobu-san nunca me fez uma pergunta dessas antes - disse eu. - Deve estar com óptima

disposição.

- O futuro nunca me pareceu tão promissor.

Mameha mexeu-se com o som da nossa conversa, por isso Nobu não disse mais nada, e em vez disso continuou pelo corredor fora em direcção à casa de banho. Imediatamente antes de abrir a porta, lançou um olhar para trás, para onde os outros homens estavam sentados. Por um instante observei-o de um ângulo em que raramente o vira, que lhe dava um olhar de concentração feroz. Quando o olhar dele chicoteou na minha direcção, receei que pudesse apanhar algum vislumbre de que eu me sentia tão preocupada com o meu futuro quanto ele se sentia seguro em relação ao seu. Como me parecia tão estranho, quando pensava nisso, que Nobu me compreendesse tão pouco. Claro que uma gueixa que espera compreensão por parte do seu danná é como um rato a pedir simpatia à cobra. E de qualquer maneira, como poderia Nobu possivelmente entender alguma coisa a meu respeito, quando me tinha visto apenas como uma gueixa, a manter o meu verdadeiro eu cuidadosamente escondido? O Director era o único homem a quem eu entretivera como Sayuri, a gueixa, e que também me conhecera como Chiyo - embora fosse estranho pensar nisto desta maneira, porque nunca antes me apercebera de tal. O que teria feito Nobu se tivesse sido ele a encontrar-me naquele dia junto ao ribeiro Shirakawa? Seguramente teria continuado a andar... e como teria tudo sido muito mais fácil para mim se tivesse. Não teria passado as minhas noites a ansiar pelo Director. Não teria passado em lojas de cosméticos de tempos a tempos, para cheirar o perfume de talco no ar e recordar-me da pele dele. Não me teria esforçado para imaginar a presença dele a meu lado em algum lugar imaginário. Se me perguntassem para que é que eu queria estas coisas, teria respondido: Porque é que um diospiro maduro tem um sabor delicioso? Porque é que a madeira cheira a fumo quando arde?

Mas ali estava eu outra vez, como uma rapariguinha a tentar apanhar ratos com as mãos. Porque é que eu não conseguia deixar de pensar no Director?

Tenho a certeza de que a minha angústia se me devia exhibir claramente na cara quando a porta da casa de banho se abriu alguns momentos mais tarde, e a luz me bateu em cima de repente. Não poderia suportar que Nobu me visse naquele estado, por isso encostei a cabeça à janela, a fingir que dormia. Depois de ele ter passado por mim, abri os olhos de novo. Descobri que a posição da minha cabeça tinha feito com que a cortina se abrisse, pelo que estava a olhar para fora do avião pela primeira vez desde a tentativa breve após termos descolado da pista. Espalhada em baixo havia uma vasta paisagem de um oceano azul-água, misturado com o mesmo verde-jade de um certo ornamento de cabelo que Mameha às vezes usava. Nunca tinha imaginado o mar com manchas de verde. A partir dos rochedos em Yoroido, tinha-me sempre parecido da cor da ardósia. Aqui o mar estendia-se a todo o comprimento até uma linha única onde começava o céu. Esta vista não era de maneira nenhuma assustadora, mas de uma beleza indizível. Até o disco desfocado da hélice era belo à sua maneira, e a asa de prata tinha uma espécie de magnificência, e estava decorada com aqueles símbolos que os aviões americanos trazem. Como era estranho vê-los ali, tendo em conta o mundo há apenas cinco anos. Tínhamos lutado numa guerra brutal como inimigos; e agora? Tínhamos abandonado o nosso passado; isto era uma coisa que eu entendia muito bem, porque eu própria já o tinha feito uma vez. Se ao menos eu conseguisse encontrar uma maneira de abandonar o meu futuro...

E então veio-me à cabeça uma imagem assustadora: vi-me a cortar o laço do destino que me ligava a Nobu, e a vê-lo cair de toda aquela altura até ao oceano lá em baixo.

Não quero dizer que isto fosse só uma ideia, ou alguma forma de sonho acordado. Quero dizer que compreendi imediatamente como o fazer. Claro que eu não ia de facto atirar com Nobu ao mar, mas formara-se a compreensão, tão clara como se uma janela se tivesse aberto na minha cabeça, da única coisa que poderia fazer para acabar com a relação dele comigo para sempre. Eu não queria perder a

amizade dele; mas nos meus esforços para chegar ao Director, Nobu era um obstáculo que eu não sabia como contornar. Porém eu poderia provocá-lo até que ele fosse consumido pelas chamas da sua própria cólera; o próprio Nobu me tinha explicado como o fazer, no momento imediatamente anterior a cortar a mão naquela noite na casa de chá Ichiriki, há algumas semanas. Se eu era do tipo de mulher que se podia entregar ao Ministro, disse ele, queria que eu abandonasse a sala naquele mesmo momento e que nunca mais lhe falasse.

O sentimento que me invadiu enquanto pensava nisto... foi como uma febre a rebentar. Senti-me a suar pelo corpo todo. Fiquei agradecida por Mameha continuar a dormir ao meu lado; tenho a certeza de que ela se perguntaria o que é que se passava, se me visse com falta de ar, a limpar a testa com a ponta dos dedos. Esta ideia que tinha vindo ter comigo, podia eu de facto fazer uma coisa daquelas? Não quero dizer o acto de seduzir o Ministro; sabia perfeitamente bem que podia fazer isso. Seria como ir ao médico para levar uma injeção.

Viraria a cara para o lado por um momento, e teria acabado num instante. Mas seria eu capaz de fazer uma coisa destas a Nobu? Que maneira horrível de retribuir a bondade dele. Comparado com os tipos de homens que tantas gueixas tinham aturado através dos anos, Nobu provavelmente era um *danna* muito desejável. Mas poderia eu suportar viver uma vida em que as minhas esperanças tivessem sido extinguidas para sempre? Durante semanas tinha trabalhado para me convencer que sobreviveria a isso; mas poderia realmente? Pensei que talvez estivesse a compreender como é que Hatsumomo atingira a sua crueldade amarga, e a Avó a sua mesquinhez. Até a Abóbora, que mal chegara aos trinta, há muitos anos que usava já uma expressão de desapontamento. A única coisa que me tinha protegido disso fora a esperança; e agora, para sustentar as minhas esperanças, iria eu cometer um acto horrendo? Não estou a falar de seduzir o Ministro; estou a falar em trair a confiança de Nobu.

Durante o resto do voo lutei com estes pensamentos. Nunca me teria imaginado a fazer esquemas desta maneira, mas com o tempo comecei a calcular os passos envolvidos tal como num tabuleiro de jogo: levaria o Ministro para um canto na estalagem - não, na estalagem não, noutra lugar qualquer - e levaria Nobu a tropeçar em nós... ou talvez fosse o suficiente que ele o ouvisse de outra pessoa qualquer? Podem imaginar como me sentia exausta no final da viagem. Mesmo enquanto saíamos do avião, devia ter ainda um ar muito preocupado, porque Mameha não parava de me garantir que o voo tinha terminado e eu estava a salvo por fim.

Chegámos à nossa estalagem cerca de uma hora antes do pôr-do-sol. Os outros admiraram o quarto em que ficaríamos todos, mas eu sentia-me tão agitada que só conseguia fingir estar a admirá-lo. Era tão espaçoso como a sala maior na casa de chá Ichiriki, e com mobílias maravilhosas ao estilo japonês, com tapetes de tatami e a madeira a brilhar. Uma longa parede era inteiramente feita de portas de vidro, para lá das quais se viam extraordinárias plantas tropicais - algumas com folhas quase tão grandes como um homem. Uma passagem coberta conduzia pelo meio das folhas abaixo até às margens de um regato.

Depois de a bagagem ter sido arrumada, estávamos todos mais que prontos para um banho. A estalagem tinha providenciado biombos, que abrimos no meio da sala para ter alguma privacidade. Mudámo-nos para os roupões de algodão e fizemos o caminho ao longo de uma série de passagens cobertas, conduzindo pelo meio da densa folhagem até uma luxuosa piscina de água quente na outra extremidade da estalagem. As entradas para os homens e para as mulheres eram protegidas por tabiques, e havia áreas de tijoleira separadas para as lavagens. Mas uma vez que estivéssemos imersos na água escura das termas e nos movimentássemos para lá dos limites das partições, os homens e as mulheres podiam encontrar-se na água. O director do Banco não parava de fazer piadas às minhas custas e de Mameha, dizendo que queria que uma de nós fosse buscar uma certa pedra, ou ramo, ou qualquer coisa do

género, aos bosques à beira das termas - a piada sendo, claro, que nos queria ver nuas. Durante todo este tempo, o filho dele estava absorvido numa conversa com a Abóbora; e não nos levou muito tempo a perceber porquê. Os seios dela, que eram bastante grandes, não paravam de flutuar e expor-se à superfície enquanto ela continuava a tagarelar sem dar por nada.

Talvez vos pareça estranho porque é que todos tomávamos banho juntos, homens e mulheres, e planeávamos dormir juntos no mesmo quarto depois nessa noite. Mas na realidade, as gueixas fazem este tipo de coisas o tempo todo com os seus melhores clientes - ou pelo menos faziam-na naquela época. Uma gueixa sozinha que dê valor à sua reputação, decerto que nunca será apanhada a sós com um homem que não seja o seu danna. Mas tomar banho inocentemente com um grupo como este, com a água sombria a encobrir-nos... é um assunto completamente diferente. E quanto a dormir em grupo, até temos uma palavra em japonês para definir isso - zakone, «dormir à peixe». Imaginem uma mão-cheia de cavalas atiradas juntas para um cesto, calculo que seja isso que significa.

Tomar banho com um grupo como este era inocente, como digo. Mas isso não quer dizer que uma mão nunca se perdesse por onde não devia, e este pensamento estava muito na minha mente enquanto andava ali de molho nas termas de água quente. Se Nobu fosse o tipo de homem que gostasse de provocar, poderia ter vindo à deriva direito a mim; e então, depois de termos conversado um bocado, poderia subitamente ter-me agarrado pela anca, ou... bom, quase qualquer parte, para dizer a verdade. O passo seguinte adequado teria sido um gritinho da minha parte e uma risada de Nobu, e ficaria tudo por ali. Mas Nobu não era o tipo de homem que gostasse de provocar. Ele tinha estado imerso no banho durante um grande bocado, a conversar com o Director, mas entretanto sentara-se numa pedra só com as pernas dentro de água, e uma pequena toalha molhada enrolada à volta das ancas; não estava a prestar atenção ao resto de nós, mas distraído a esfregar o coto do braço e a espreitar para a água. Entretanto o Sol já se tinha posto, e a luz desaparecido quase totalmente na noite; mas Nobu estava sentado debaixo da luz lançada por uma lanterna de papel. Nunca o tinha visto tão exposto antes. As cicatrizes que eu pensava serem as piores de um lado da cara dele, eram igualmente horríveis no ombro ferido - embora o outro ombro fosse muito belo e macio como um ovo. E agora pensar que eu estava a considerar traí-lo... Ele iria achar que eu o tinha feito apenas por uma razão, e nunca compreenderia a verdade. Eu não podia suportar a ideia de ferir Nobu ou de destruir a consideração que ele tinha por mim. Não tinha bem a certeza se seria capaz de ir avante com aquilo.

\* \* \*

Depois do pequeno almoço na manhã seguinte, fomos todos dar um passeio pela floresta tropical até aos rochedos sobre o mar ali perto, onde o ribeiro, vindo da nossa estalagem, por uma pitoresca queda de água, desaguava no oceano. Ficámos ali muito tempo a admirar a vista; e quando já estávamos todos preparados para nos irmos embora, o Director não conseguia arrancar-se dali. Na viagem de regresso caminhei ao lado de Nobu, que continuava feliz como nunca o tinha visto. Depois demos uma volta pela ilha na parte de trás de um camião militar com bancos, e vimos bananas e ananases a crescerem nas árvores, e pássaros maravilhosos. A partir do cimo das montanhas, o mar parecia um cobertor enrugado turquesa com manchas de azul-escuro.

Nessa tarde vagueámos pelas ruas sujas da aldeiazinha, e dentro em pouco chegámos diante de um velho edifício de madeira que parecia um armazém, com um telhado inclinado em colmo. Acabámos a dar a volta até às traseiras, onde Nobu subiu alguns degraus de pedra para abrir uma porta na esquina do edifício, e a luz do Sol bateu em cheio através de um palco empoeirado construído com pranchas de madeira. Era evidente que em tempos tinha sido um armazém, mas agora era o teatro da aldeia. Quando entrei ali pela primeira vez não dei grande atenção àquilo. Mas depois de a porta se ter fechado com um estrondo e termos regressado de novo à rua, comecei a sentir a mesma impressão da febre a subir; porque



na minha mente tinha a imagem de mim própria ali deitada no chão que apodrecia com o Ministro, enquanto a porta chiava ao abrir-se e o Sol tombava sobre nós. Não tínhamos um sítio para nos escondermos; seria impossível que Nobu não nos visse. De muitas maneiras tenho a certeza de que era exactamente o lugar que eu tinha esperado descobrir. Mas eu não estava a pensar nestas coisas; não estava sequer a pensar de todo, mas antes a lutar para tentar pôr alguma espécie de ordem nas minhas ideias. Sentia-as como arroz a cair de uma saca rota.

Enquanto caminhávamos monte acima em direcção à nossa estalagem, tive que me deixar ficar para trás para tirar meu lenço da manga. Era certo que fazia ali muito calor naquela estrada, com o sol da tarde a brilhar de chofre sobre as nossas caras. Não era eu a única a suar. Mas Nobu voltou para trás a perguntar-me se estava bem. Como eu não consegui responder-lhe imediatamente, esperei que achasse que era do esforço de subir o monte.

- Tens estado com mau parecer todo o fim de semana, Sayuri. Talvez devesse ter ficado em Quioto.

- Mas quando é que poderia eu ter visto esta bela ilha?

- Tenho a certeza que nunca estiveste assim tão longe de casa. Estamos tão longe de Quioto como Hokkaido.

Os outros já tinham dado a curva à frente. Sobre o ombro de Nobu podia ver os beirais da estalagem espetarem-se acima das folhas. Queria responder-lhe, mas dei comigo consumida com os mesmos pensamentos que me tinham perturbado no avião, que Nobu não me compreendia de todo. Quioto não era o meu lar; não no sentido que Nobu lhe parecia atribuir, do local onde eu tinha sido criada, um lugar de onde nunca me tinha desviado. E nesse instante, enquanto me esforçava para olhar para ele sob o Sol quente, resolvi-me que iria fazer aquela coisa que tinha temido. Trairia Nobu, mesmo estando ele ali a olhar para mim com bondade. Guardei o lenço com as mãos a tremer, e continuámos monte acima sem dizer uma palavra.

Quando chegámos ao quarto, o Director e Mameha já se tinham sentado à mesa para iniciar um jogo de Go contra o director do Banco, com Shizue e o filho como espectadores. As portas de vidro ao longo da parede do fundo estavam abertas; o Ministro apoiava-se num cotovelo a olhar para o exterior, a pelar a casca de um pequeno bocado de cana que tinha trazido consigo. Eu estava com um medo desesperado que Nobu comesse alguma conversa comigo de que eu não me pudesse escapular, mas na verdade, foi directamente até à mesa e começou a falar com Mameha. Ainda não fazia ideia de como iria atrair o Ministro para vir comigo até ao teatro, e menos ainda de como me arranjaría para que Nobu nos encontrasse por lá. Talvez a Abóbora levasse Nobu a dar um passeio se eu lhe pedisse? Sentia que não podia pedir uma coisa daquelas a Mameha, mas a Abóbora e eu tínhamos sido raparigas juntas; e embora eu não lhe chame bruta, como a Tia lhe chamou, a Abóbora tinha uma certa rudeza na personalidade e ficaria menos chocada com o que eu estava a planear. Teria de lhe dar a indicação correcta para levar Nobu ao velho teatro; eles não iriam dar connosco ali por puro acidente. Durante algum tempo fiquei ajoelhada com o olhar perdido nas folhas iluminadas pelo Sol e desejando que pudesse apreciar aquela belíssima tarde tropical. Continuava a perguntar a mim própria se estaria na plena posse das minhas faculdades mentais para considerar aquele plano; mas quaisquer que fossem os maus pressentimentos que então pudesse ter experimentado, não eram suficientemente fortes para me impedirem de avançar com aquilo. Era evidente que nada iria acontecer enquanto eu não conseguisse arrastar o Ministro para um canto, e não me podia dar ao luxo de chamar as atenções sobre mim quando o fizesse. Um pouco antes ele tinha pedido a uma criada que lhe trouxesse qualquer coisa para comer, e agora estava sentado com as pernas à volta de uma bandeja, a despejar cerveja pela boca abaixo e a deixar cair lá dentro tripas de lula salgadas com os pauzinhos. Isto pode parecer uma ideia nojenta para um prato, mas posso garantir-

vos que podem encontrar tripas de lula salgadas em bares e restaurantes por aqui e ali no Japão. Era um dos pratos favoritos do meu pai, mas eu nunca fui capaz de as provar.

- Ministro - disse-lhe eu baixinho - gostaria que lhe arranjasse qualquer coisa mais apetitoso?

- Não - respondeu ele - não estou com fome. - Tenho de admitir que isto me trouxe à cabeça a pergunta de porque é que, então, ele estaria a comer. Por esta altura, Mameha e Nobu já tinham saído pela porta dos fundos a conversar, e os outros, incluindo a Abóbora, continuavam reunidos à volta do tabuleiro de Go sobre a mesa. Aparentemente o Director acabara de fazer um disparate, e estavam a rir-se. Parecia-me que a oportunidade tinha chegado.

- Se está a comer apenas por aborrecimento, Ministro - disse eu - porque não vamos os dois explorar a estalagem? Tenho estado ansiosa por vê-la e ainda não tivemos tempo.

Não fiquei à espera que ele respondesse, mas levantei-me e saí da sala. Fiquei aliviada quando ele saiu para o átrio um instante mais tarde para se me juntar. Caminhámos em silêncio pelo corredor abaixo até que chegámos a uma esquina onde se podia ver que não vinha ninguém de qualquer das direcções.

- MinMinistro, desculpe-me - disse-lhe - mas... não podíamos ir dar um passeio até à aldeia juntos?

Pareceu-me ficar muito confuso com isto.

- Temos uma hora ou mais ainda livres esta tarde – continuei eu - e recordo-me de uma coisa que gostava muito de ver outra vez. Depois de uma longa pausa, o Ministro disse: - Primeiro tenho que ir à casa de banho.

- Sim, está bem - disse-lhe eu. - Vá à casa de banho; e quando acabar, espere aqui mesmo por mim e vamos dar um passeio juntos. Não saia daqui enquanto eu não o vier buscar.

O Ministro pareceu concordar com isto e continuou corredor acima. Eu regresssei ao quarto. E sentia-me tão estupefacta – naquele momento que estava mesmo a pôr o meu plano em prática – que quando pousei a mão na porta para a fazer deslizar, quase não conseguia sentir os dedos a tocar o que quer que fosse.

A Abóbora já não estava à mesa. Remexia na mala de viagem à procura de qualquer coisa. A princípio, quando quis falar, não saiu nada. Tive de limpar a garganta e tentar outra vez.

- Desculpa-me, Abóbora - disse eu. - Só um momento do teu tempo...

Ela não pareceu muito ansiosa para parar o que estava a fazer, mas deixou o baú desarrumado e veio comigo até ao átrio. Levei-a uma certa distância pelo corredor abaixo, e depois virei-me para ela e disse-lhe:

- Abóbora, preciso de te pedir um favor.

Esperei que me dissesse que ficaria feliz por ajudar, mas ela limitou-se a ficar ali a olhar para mim.

- Espero que não te importes que eu te peça... - Pede - disse ela.

- O Ministro e eu estamos a preparar-nos para irmos dar um passeio. Vou levá-lo até ao velho teatro e...

- Porquê?

- A fim de que ele e eu possamos estar a sós.

- O Ministro? - perguntou incrédula a Abóbora.

- Noutra altura explico-te, mas aqui está o que eu quero que tu faças. Quero que leves o Nobu até lá e... Abóbora, isto vai-te soar muito estranho. Quero que nos descubras.

- O que é que queres dizer com «descobrir-te»?

- Quero que descubras uma maneira de levar Nobu até lá e que abras a porta das traseiras que vimos há bocado, para que... ele nos veja.

- Ah.

Enquanto estava a explicar isto, a Abóbora tinha reparado no Ministro à espera noutra passagem coberta através da folhagem. Agora olhava de novo para mim.

- O que é que estás a tramar, Sayuri? - disse ela.

- Não tenho tempo para to explicar agora. Mas é terrivelmente importante, Abóbora. Na verdade, todo o meu futuro está nas tuas mãos. Garante-me só que não vai mais ninguém senão tu e Nobu - não o Director, por amor de Deus, ou outra pessoa qualquer. Eu retribuo-te da maneira que tu quiseses.

Ela ficou a olhar para mim durante um grande bocado.

- Então chegou a hora de outro favor da Abóbora, não é? - disse ela.

Não tive bem a certeza do que é que ela queria dizer com isto, mas em vez de mo explicar, foi-se embora.

Eu não sabia ao certo se a Abóbora tinha ou não concordado em ajudar-me. Mas tudo o que podia fazer nesta altura era ir ao médico para levar a minha injeção, por assim dizer, e esperar que ela e Nobu aparecessem. Juntei-me ao Ministro no corredor e partimos pelo monte abaixo.

À medida que caminhámos passando a curva da estrada e deixando para trás de nós a estalagem, eu não conseguia impedir-me de pensar no dia em que Mameha me tinha feito um corte na perna e levado para me apresentar ao Dr. Caranguejo. Nessa tarde, eu tinha-me sentido a correr uma espécie qualquer de perigo que não conseguia entender completamente, e sentia-me agora de uma maneira muito semelhante. Tinha a cara quente do Sol da tarde como se tivesse estado muito perto do hibachi; e quando olhei para o Ministro, o suor escorria-lhe das têmporas pelo pescoço abaixo. Se tudo corresse bem, em breve estaria a encostar a mim aquele pescoço... e com este pensamento retirei o leque do obi, e abanei-o até que o braço me ficou cansado, a tentar arrefecer-me tanto a mim quanto a ele. Durante todo este tempo, mantive um fluxo de conversa, até alguns minutos mais tarde, quando fizemos uma paragem diante do velho teatro com o seu telhado de colmo. O Ministro parecia confuso. Pigarreou e olhou para o céu.

- Não quer entrar comigo por um momento, Ministro?

Parecia não saber como interpretar isto, mas quando eu comecei a andar pelo carreiro contornando o edifício, atabalhoou-se atrás de mim. Hesitou apenas um momento antes de entrar. Se tivesse frequentado Gion toda a sua vida, teria certamente compreendido qual era a minha ideia - porque uma gueixa que engoda um homem a acompanhá-la até um local isolado seguramente que está a arriscar a sua reputação, e uma gueixa de primeira classe nunca faria uma coisa dessas por acaso. Mas o Ministro limitou-se a ficar dentro do teatro, na mancha de Sol, como se à espera de um autocarro. Eu sentia as mãos a tremer tanto quando dobrei o leque e o guardei outra vez no obi, que já não tinha bem a certeza se conseguiria levar o meu plano até ao fim. O simples acto de fechar a porta roubou-me todas as forças; e depois ficámos de pé na luz sombria filtrada pelos beirais. Ainda assim, o Ministro continuava inerte, com a cara apontada para um monte de tapetes de palha no canto do palco.

- Ministro... - disse eu.

A minha voz ecoou tanto no pequeno átrio, que depois falei mais baixinho.

- Soube que teve uma conversa com a patroa da Ichiriki a meu respeito. Não é verdade?

Ele respirou fundo, mas acabou a não dizer nada.

- Ministro, se não se importa - disse-lhe -, gostaria de lhe contar uma história sobre uma gueixa chamada Kazuyo. Ela já não está em Gion, mas houve uma altura em que eu a conheci bem. Um homem muito importante - assim parecido consigo, Ministro - encontrou Kazuyo uma noite e gostou tanto da companhia dela que regressou a Gion todas as noites para a ver. Depois de meses disto, pediu para ser o danna de Kazuyo, mas a patroa da casa de chá pediu desculpa e disse que não seria possível. O homem ficou muito desapontado; mas então, uma tarde, Kazuyo levou-o a um lugar isolado onde podiam estar sós. Um lugar qualquer muito parecido com este teatro vazio. E ela explicou-lhe que... embora ele não pudesse vir a ser o danna dela...

No momento em que disse estas palavras, a cara do Ministro mudou como um vale quando as nuvens se vão embora e o Sol corre através dele. Deu um passo desajeitado em direcção a mim. Imediatamente o coração começou a bater-me como tambores nos ouvidos. Não conseguia impedir-me de desviar os olhos dele e fechei-os. Quando os abri de novo, o Ministro tinha-se aproximado tanto que estávamos quase a tocar-nos, e então eu senti a carnalidade húmida da cara dele de encontro à minha. Lentamente aproximou o corpo do meu até que ficaram encostados com força. Pegou-me nos braços, provavelmente para me puxar para baixo sobre as tábuas, mas fi-lo parar.

- O palco tem muito pó - disse-lhe - tem que trazer um tapete daquele monte.

- Vamos para ali - disse o Ministro.

Se nos tivéssemos deitado sobre os tapetes no canto, Nobu não nos veria à luz do Sol quando abrisse a porta.

- Não, não devemos - disse eu. - Por favor, traga um tapete para aqui.

O Ministro fez como eu pedia, e depois ficou com os braços pendurados a olhar para mim. Até àquele momento eu tinha imaginado que alguma coisa nos viria interromper; mas agora apercebia-me de que nada o faria. O tempo tornara-se demasiado lento. Os meus pés pareciam-me os de outra pessoa quando saíram dos meus zorilacados para cima do tapete.

Quase imediatamente, o Ministro atirou com os sapatos e encostava-se contra mim, com os braços à minha volta a tentar desfazer o nó do cordão que atava o obi. Eu não sabia em que é que ele estava a pensar, porque era certo que não estava preparada para despir o quimono. Tentei alcançá-lo atrás para o fazer parar. Quando me tinha vestido naquela manhã, ainda não me tinha bem decidido; mas a fim de estar preparada para eventualidades, muito deliberadamente tinha vestido uma combinação cinzenta de que não gostava muito - pensando que poderia ficar manchada antes do fim do dia - e um quimono de escumilha de seda lavanda e azul, bem como um resistente obi prateado. Quanto à roupa interior, encolhera o meu koshimaki - a faixa das ancas - enrolando-a na cintura, a fim de que, se apesar de tudo eu decidisse seduzir o Ministro, ele não tivesse trabalho a tentar encontrar o caminho pelo meio dela. Entretanto, quando lhe retirei os braços de volta de mim, lançou-me um olhar confuso. Acho que acreditou que o estava a fazer parar, e pareceu-me muito aliviado quando me deitei no tapete. Não era um tatami, mas uma simples folha de palha tecida; podia sentir o chão duro por debaixo dela. Com uma mão dobrei para cima o meu quimono e a combinação de um lado, de modo que a minha perna ficasse exposta até ao joelho. O Ministro ainda estava completamente vestido, mas deitou-se sobre mim imediatamente, comprimindo tanto o nó do meu obi contra as costas, que tive de levantar uma anca para ficar confortável. Também tinha a cabeça virada para o lado, porque estava a usar o cabelo num penteado chamado

tsubushi shimada com um carrapito dramático com caracóis para trás, que teria ficado arruinado se lhe pusesse algum peso em cima. Era com certeza uma posição pouco confortável, mas o meu desconforto não era nada em comparação com o constrangimento e a ansiedade que sentia. Subitamente perguntei-me se teria andado a pensar mesmo com clareza quando me coloquei nesta situação perigosa. O Ministro ergueu-se sobre um braço e começou a remechar no interior da bainha do meu quimono com a mão, arranhando-me as coxas com as unhas. Sem pensar no que estava a fazer, levei as mãos aos ombros dele para o empurrar... mas então imaginei Nobu como meu danna, e a vida que iria viver sem esperança; e retirei as mãos e pousei-as de novo sobre o tapete. Os dedos do Ministro contorciam-se cada vez mais fundo ao longo do interior da minha coxa; era impossível não os sentir. Tentei entei distrair-me concentrando-me na porta. Talvez se abrisse já, antes que o Ministro avançasse mais; mas nesse momento ouvi o tinir do cinto dele, e depois o fecho das calças, e um momento mais tarde forçava a entrada em mim. De alguma maneira senti-me como uma rapariguinha de quinze anos de novo, porque a sensação era tão estranhamente reminescente do Dr. Caranguejo. Até me ouvi gemer. O Ministro estava a apoiar-se no cotovelo, com a cara por cima da minha. Só o conseguia ver através de um canto do olho. Quando observado assim tão de perto, com o maxilar protuberante na minha direcção, parecia-se mais com um animal do que com um ser humano. E isto nem sequer era o pior; porque com o maxilar a ressaltar para fora, o lábio inferior do Ministro ficava como uma taça em que a saliva se começou a acumular fazendo uma poça. Não sei se tinham sido as tripas de lula que ele comera, mas a saliva tinha uma espécie de viscosidade acinzentada, que me fazia pensar nos resíduos deixados na tábua de cortar depois de os peixes terem sido amanhados.

Quando me vestira naquela manhã, tinha enfiado várias folhas de um papel de arroz muito absorvente na parte de trás do meu obi. Não estava à espera de precisar delas senão depois, quando o Ministro necessitasse de se limpar - quer dizer, se eu me decidisse a avançar com aquilo. Agora parecia-me que eu iria precisar de uma folha muito mais cedo, para limpar a cara quando a saliva dele comesse a entornar-se sobre mim. Porém, com tanto do peso dele sobre as minhas ancas, não conseguia enfiar a mão na parte de trás do meu obi. Deixei sair vários pequenos arquejos enquanto o tentava, e receio que o Ministro os tenha tomado por excitação - ou em qualquer caso, ele ficou ainda mais enérgico, e agora a poça de saliva no lábio estava a ser agitada com ondas de choque tão violentas que mal conseguia acreditar que se conservasse junta em vez de se entornar num ribeiro. Tudo o que eu podia fazer era fechar os olhos com força e esperar. Sentia-me tão enjoada como se tivesse estado deitada no fundo de um barquinho, atirado de um lado para o outro pelas ondas, e com a cabeça a bater de lado, e a bater, e a bater. Então, de repente, o Ministro fez um barulho de grunhido, e ficou muito quieto durante um bocado, e ao mesmo tempo senti a saliva dele a cair-me na cara.

Tentei mais uma vez alcançar o papel de arroz no meu obi, mas agora tinha o Ministro deitado em colapso sobre mim, respirando com tanta dificuldade como se tivesse acabado uma corrida. Estava na eminência de lhe dar um empurrão quando ouvi um som de arranhadelas no exterior. Os meus sentimentos de nojo tinham gritado tão alto dentro de mim, que quase haviam afogado tudo o resto. Mas agora que me lembrava de Nobu, podia sentir outra vez o coração a bater com força. Ouvi outra arranhadela; era o som de alguém nos degraus de pedra. O Ministro parecia não fazer ideia do que estava na iminência de lhe acontecer. Levantou a cabeça e apontou-a na direcção da porta apenas com o mais vago interesse, como se esperasse apenas ver ali um pássaro. E então a porta chiou a abrir-se e a luz do Sol inundou-nos. Tive de olhar de soslaio, mas consegui aperceber-me de duas figuras. Ali estava a Abóbora; ela tinha vindo ao teatro tal como eu esperara que viesse. Mas o homem que espreitava do lado dela não era nada Nobu. Eu não tinha ideia porque é que ela o tinha feito, mas a Abóbora tinha antes trazido o Director.

Mal me consigo recordar de alguma coisa do que aconteceu depois de aquela porta se ter aberto - porque acho que o sangue me fugiu todo, pois fiquei com tanto frio e tão apática. Sei que o Ministro saiu de cima de mim, ou talvez eu o tenha empurrado. Lembro-me de chorar e ter perguntado se ele também tinha visto a mesma coisa que eu, se fora de facto o Director ali de pé na ombreira. Eu não fora capaz de perceber nada da expressão do Director, com o Sol do fim da tarde por detrás dele; e no entanto quando a porta se fechou outra vez, não podia deixar de imaginar que tinha visto na cara dele parte do choque que eu própria estava a sentir. Eu não sabia se o choque estava mesmo ali - e duvidava que estivesse. Mas quando sentimos dor, até as árvores floridas nos parecem carregadas de sofrimento; e exactamente da mesma maneira, depois de ter visto ali o Director... bom, eu teria encontrado a minha própria dor reflectida em tudo para que olhasse.

Se considerarem que tinha levado o Ministro para aquele teatro vazio com o objectivo de me pôr a mim própria em perigo - a fim de que a faca viesse cair com força sobre o cepo, por assim dizer - tenho a certeza de que compreendem que pelo meio da preocupação, e do medo, e do nojo que quase me esmagou, eu também tivesse estado a sentir uma certa excitação. No instante imediatamente antes de a porta se abrir, eu podia quase ver a minha vida a expandir-se tal como um rio cujas águas tivessem começado a encher; porque nunca antes eu tinha dado um passo tão drástico para mudar o curso do meu próprio futuro. Era como uma criança em bicos de pés à beira de um precipício sobre o mar. E no entanto, de algum modo, nunca tinha imaginado que pudesse vir uma grande onda desabar sobre mim ali, e lavar tudo consigo.

Quando o caos dos sentimentos amansou, e lentamente fui tomando consciência de mim própria outra vez, Mameha estava ajoelhada sobre mim. Fiquei confusa por descobrir que já não me encontrava no velho teatro, mas antes a olhar para cima a partir do chão de tatami de uma pequena sala escura na estalagem..Não me lembro de nada quanto a ter saído do teatro, mas devo tê-lo feito de alguma maneira. Mais tarde, Mameha disse-me que eu tinha ido ter com o proprietário e lhe pedira um local sossegado para descansar; ele apercebeu-se de que eu não me estava a sentir muito bem, e logo a seguir fora chamar Mameha.

Felizmente, Mameha parecia disposta a acreditar que eu estava mesmo doente, e deixou-me ficar ali. Mais tarde, enquanto eu vagueava em direcção ao quarto meia aturdida e com um terrível sentimento de pavor, vi a Abóbora sair da passagem coberta à minha frente; mas em vez de se apressar para me vir pedir desculpa como eu esperava que ela fizesse, virou os olhos em direcção a mim, focando-me lentamente como uma cobra que tivesse descoberto um rato.

- Abóbora - disse eu -, eu tinha-te pedido para trazeres Nobu, não o Director, não compreendo...
- Sim, deve-te ser muito difícil compreender, Sayuri, quando a vida não te corre perfeitamente!
- Perfeitamente? Não podia ter acontecido nada de pior... não percebeste o que eu te pedi?
- Tu pensas mesmo que eu sou muito estúpida! - disse ela.

Estava espantada, e fiquei um grande bocado em silêncio.

- Eu achava que tu eras minha amiga - disse eu por fim.
- Eu também achava que tu eras minha amiga, dantes. Mas isso foi há muito tempo.
- Falas como se eu tivesse feito qualquer coisa para te ferir, Abóbora, mas...

- Não, tu nunca farias uma coisa dessas, não é? Não a perfeita Menina Nitta Sayuri! Calculo que não é importante que tenhas tomado o meu lugar como filha da okiya? Lembras-te disso, Sayuri? Depois de eu me ter virado do avesso para te ajudar com aquele médico - qualquer que fosse o nome dele. Depois de eu me ter arriscado a fazer Hatsumomo ficar furiosa por te ter ajudado! E depois viraste tudo

de pernas para o ar e roubaste-me o que era meu. Tenho andado a magicar todos estes meses porque raio me trouxeste para esta reuniãozinha com o Ministro. Lamento que não te tenha sido tão fácil aproveitares-te de mim desta vez...

- Mas Abóbora - interrompi eu -, não poderias apenas ter-te recusado a ajudar-me? Porque é que tiveste de levar o Director?

Ela ergueu-se em toda a sua altura.

- Eu sei perfeitamente quais são os teus sentimentos em relação a ele - disse-me. - Sempre que ninguém está a ver, os teus olhos ficam todos pendurados nele como pêlo num cão.

Estava tão zangada que tinha mordido o lábio; podia ver-lhe uma mancha de batom nos dentes. Tinha-se predisposto a ferir-me, apercebi-me agora, da pior maneira que pudesse.

- Tu tiraste-me uma coisa há muito tempo, Sayuri. Como é que te sentes agora? - disse ela. Tinha as narinas dilatadas, a cara consumida pela cólera como um ramo a arder. Era como se o espírito de Hatsumomo tivesse andado a viver enclausurado dentro dela todos estes anos, e por fim se tivesse libertado.

\* \* \*

Durante o resto daquela noite, não me lembro de nada senão de um borrão de acontecimentos, e de como eu receava tanto cada momento que me esperava. Enquanto os outros se sentavam em roda a beber e a rir, tudo o que eu conseguia fazer era fingir que ria. Devo ter passado a noite inteira muito corada, porque de tempos a tempos Mameha tocava-me no pescoço para saber se estava com febre. Tinha-me sentado tão distante do Director quanto podia, a fim de que os nossos olhos nunca tivessem que se encontrar; e consegui fazê-lo durante toda a noite sem o confrontar. Mas mais tarde, quando nos estávamos todos a preparar para dormir, saí para o átrio no momento em que ele vinha a entrar no quarto. Deveria ter-me desviado do caminho, mas sentia-me tão envergonhada, que em vez disso fiz uma pequena vénia e apressei-me a ultrapassá-lo, sem fazer qualquer esforço para esconder a minha infelicidade.

Foi uma noite de tormento, e só me recordo de uma coisa acerca dela. A dada altura, depois de toda a gente já estar a dormir, fui passear; saí da estalagem e vagueei por ali e acabei nos rochedos, a olhar a escuridão com o som da água a rugir abaixo de mim. O trovejar do oceano era como um lamento amargo. Parecia-me descobrir debaixo de tudo uma camada de crueldade que nunca soubera que estava ali - como se as árvores e o vento, e até as rochas em que eu estava de pé, fossem todos aliados da minha velha inimiga de infância, Hatsumomo. O uivo do vento e o abanar das árvores pareciam troçar de mim. Seria possível que o ribeiro da minha vida tivesse sido dividido para sempre? Retirei o lenço do Director da minha manga, porque o tinha levado comigo para a cama naquela noite para me confortar mais uma vez. Sequei a cara com ele, e segurei-o ao vento. Estava na eminência de o deixar dançar a caminho da escuridão, quando pensei nas pequenas tabuinhas mortuárias que o Sr. Tanaka me tinha enviado tantos anos antes. Devemos sempre conservar qualquer coisa para nos recordar aqueles que nos deixaram. As tabuinhas mortuárias lá na okiya eram tudo o que me restava da minha infância. O lenço do Director seria o que restava do resto da minha vida.

De regresso a Quioto, fui arrastada numa corrente de actividade durante os dias seguintes. Não tinha alternativa senão pôr a minha maquilhagem como habitualmente, e cumprir com os compromissos nas casas de chá como se nada tivesse mudado no mundo. Não parava de me recordar a mim própria do que Mameha uma vez me dissera, que não havia nada como o trabalho para ultrapassar um desapontamento; mas o meu trabalho não me parecia ajudar de maneira nenhuma. De cada vez que ia à casa de chá Ichiriki, era recordada de que um dia, em breve, Nobu me convocaria para lá ir e dizer-me que as condições tinham por fim sido acordadas. Considerando o quão atarefado ele tinha andado nos

últimos meses, não esperava ter notícias tão depressa - dentro de uma semana ou duas, talvez. Mas na quarta-feira de manhã, três dias depois do nosso regresso de Amami, recebi a informação de que a Eléctrica Iwamura tinha telefonado para a Ichiriki a pedir a minha presença para aquela noite.

Vesti-me ao fim da tardinha com um quimono amarelo de escumilha de seda com uma combinação verde e um obi em azul profundo entretecido com fios dourados. A Tia assegurou-me que estava adorável, mas quando me vi ao espelho, tinha o aspecto de uma mulher derrotada. Seguramente que no passado vivera momentos em que me sentia desagradada com o meu aspecto antes de sair da okiya; mas a maior parte das vezes lá me arranjava para descobrir pelo menos um aspecto positivo que poderia usar no decorrer da noite. Por exemplo, uma certa combinação cor de diospiro, fazia sempre realçar-me o azul dos olhos, em vez do cinzento, por mais cansada que me sentisse. Mas esta noite a minha cara parecia completamente vazia por debaixo dos maxilares - embora tivesse posto maquilhagem ocidental, como normalmente fazia - e até o meu penteado me parecia torto. Não era capaz de pensar em mais nada que melhorasse o meu aspecto, senão pedir ao Sr. Bekku para me atar o obi outra vez só mais um dedo acima, para retirar algum do meu ar deprimido.

O meu primeiro compromisso era um banquete dado por um coronel americano em honra do novo Presidente da Câmara de Quioto. Iria decorrer na antiga propriedade da família Sumitomo, que era agora o quartel-general da sétima divisão do exército americano. Fiquei surpreendida por ver que tantas das belas pedras do jardim se encontravam pintadas de branco, e sinais em inglês - que evidentemente eu não conseguia ler - estavam pregados às árvores por aqui e ali. Depois da festa ter terminado, fiz o meu caminho até à Ichiriki e fui conduzida ao primeiro andar por uma criada, para a mesma salinha estranha em que Nobu se tinha encontrado comigo na noite em que Gion fora fechado. Tinha sido exactamente neste lugar que eu fora informada sobre o porto que ele tinha encontrado para me manter a salvo da guerra; parecia-me completamente apropriado que nos devêssemos encontrar naquela mesma sala para celebrar o facto de ele se tornar no meu danna - embora para mim fosse tudo menos uma celebração. Ajoelhei-me a um lado da mesa, de maneira a que Nobu se sentasse de frente para a alcova. Tive o cuidado de me posicionar de maneira a que ele pudesse servir-me o saqué com o seu único braço, sem ter a mesa no caminho; de certeza que me iria querer servir um copo depois de me informar que os acordos tinham sido finalizados. Iria ser uma bela noite para Nobu. Eu iria fazer o melhor que pudesse para não lha estragar.

Com a iluminação fraca e a sombra avermelhada das paredes cor de chá, o ambiente estava bastante agradável. Eu tinha-me esquecido do aroma muito particular daquela sala - uma combinação de pó com o do óleo usado para polir as madeiras - mas agora que o voltava a cheirar, dei comigo a recordar-me pormenores sobre aquela noite com Nobu anos antes que de outra maneira não poderia ter trazido à mente. Ele tinha buracos nas suas duas meias, lembrava-me; através de um deles saía um dedo grande do pé elegante e com as unhas bem cortadas. Seria verdade que só tinham passado cinco anos e meio desde aquela noite? Parecia-me que uma geração inteira chegara e partira; tantas das pessoas que eu antes conhecera estavam agora mortas. Foi para levar esta vida que eu tinha regressado a Gion? Era exactamente como Mameha uma vez me dissera: não nos tornamos gueixas porque queremos que as nossas vidas sejam felizes; tornamo-nos gueixas porque não temos alternativa. Se a minha mãe não tivesse morrido, eu poderia ter sido eu própria mulher e mãe à beira-mar, pensando em Quioto como um lugar longínquo para onde eram enviados os peixes - e teria a minha vida de facto sido muito pior? Nobu tinha-me dito uma vez: «Eu sou um homem muito fácil de compreender, Sayuri. Não gosto que acenem diante de mim com as coisas que eu não posso ter.» Talvez eu também fosse assim; toda a minha vida em Gion, eu imaginara o Director diante de mim, e agora não o podia ter.

Depois de dez ou quinze minutos a esperar por Nobu, comecei a perguntar-me se ele viria mesmo.



Eu sabia que não o devia fazer, mas pousei a cabeça sobre a mesa para descansar, porque tinha dormido pouco nas últimas noites. Não adormeci, mas devaneei durante um momento para longe desta minha sensação de completa infelicidade. Pensei ouvir o som de batida de tambores à distância, e um silvo como água de uma torneira, e depois senti a mão do Director a tocar-me no ombro. Sabia que era a mão do Director porque quando levantei a cabeça da mesa para ver quem me tinha tocado, ele estava ali. O tamborilar tinham sido os passos dele; o silvo a porta a rolar na calha. E agora ele estava ali, de pé diante de mim, com uma criada atrás dele para o servir. Fiz uma vénia e pedi desculpa por ter adormecido. Sentia-me tão confusa que, por um momento, duvidei se estaria mesmo acordada; mas não era um sonho. O Director estava sentado exactamente na almofada em que eu esperara que Nobu se sentasse, porém Nobu não estava visível em lado algum. Enquanto a criada colocava o saqué sobre a mesa, um pensamento horrível começou a dominar-me a mente. Teria o Director vindo para me dizer que Nobu tinha tido um acidente, ou que qualquer outra coisa horrível lhe tinha acontecido? Se não fosse assim, porque é que Nobu não tinha ele vindo em pessoa? Estava na eminência de perguntar ao Director quando a patroa da Ichiriki espreitou para a sala.

- Viva, Director - disse ela - já não o víamos há semanas!

A patroa era sempre agradável diante dos convidados, mas eu podia dizer pela tensão na voz dela que estava preocupada com outra coisa qualquer. Provavelmente andava a questionar-se sobre Nobu, tal como eu. Enquanto eu servia o saqué ao Director, a patroa veio e ajoelhou-se à mesa. Travou-lhe a mão antes de ele dar um golo na sua taça, e inclinou-se em direcção a ele para cheirar os vapores.

- Francamente, Director, nunca compreendi porque é que prefere este saqué aos outros - disse ela. - Abrimos um esta tarde, o melhor que tivemos em muitos anos. Tenho a certeza de que Nobu-san o apreciará quando chegar.

- Tenho a certeza que sim - disse o Director. - Nobu gosta de coisas boas. Mas esta noite ele não vem.

Fiquei alarmada ao ouvir isto; mas mantive os olhos sobre a mesa. Podia ver que a patroa também estava surpreendida, pela maneira como mudou de assunto tão rapidamente.

- Ah, bom - disse ela - de qualquer maneira, não acha que a nossa Sayuri está maravilhosa esta noite!

- Então, senhora, quando é que Sayuri não esteve maravilhosa? - disse o Director. - O que me recorda... deixe-me mostrar-lhe uma coisa que eu comprei.

O Director pôs sobre a mesa um pequeno pacote embrulhado em seda azul; eu não tinha reparado que o trazia na mão quando entrou na sala. Desatou-o e retirou um rolo, pequeno e grosso, que começou a desenrolar. Estava estalado pela idade, e mostrava - em miniatura - cenas muito coloridas da Corte Imperial. Se alguma vez viram este tipo de pergaminhos, sabem que se podem desenrolar através de uma sala e observar todo o espaço da Corte Imperial, desde os portões numa ponta até ao palácio na outra. O Director sentava-se com ele diante de si, desenrolando-o de um lado e enrolando-o do outro - passando as cenas das festas com bebidas, e aristocratas a jogar à bola com os quimonos apertados por entre as pernas - até que chegou a uma jovem mulher com o seu belo vestido de doze camadas, ajoelhada no chão de madeira do lado de fora da câmara do Imperador.

- Então o que acham disto?

- É um rolo e tanto - disse a patroa. - Onde é que o Director o arranjou?

- Oh, comprei-o há anos. Mas olhem para esta mulher aqui. Foi por causa dela que eu o comprei. Não repararam em nada de especial nela?

A patroa espreitou, depois o Director virou-o para eu o ver. A imagem da mulher, embora não maior do que uma moeda grande, estava pintada com requintes de pormenor. A princípio não reparei, mas os olhos dela eram claros... e quando olhei mais de perto vi que eram azul-acinzentados. Fizeram-me pensar imediatamente nas obras que Uchida pintara usando-me como modelo. Corei e murmurei qualquer coisa sobre como o rolo era belo. A patroa também o admirou durante um bocado, e depois disse:

- Bom, deixo-os aos dois. Vou mandar cá acima um pouco daquele saqué novo gelado de que falei. A não ser que ache que o deva guardar para a próxima vez que Nobu-san cá vier?

- Não se incomode - disse-lhe. - Nós arranjamo-nos com o saqué que temos aqui.

- Nobu-san está... está bem, não está?

- Oh, sim - disse o Director. - Muito bem.

Fiquei aliviada por ouvir isto; mas ao mesmo tempo senti-me a começar a ficar agoniada de vergonha. Se o Director não tinha vindo para me dar notícias acerca de Nobu, tinha vindo por outro motivo qualquer - provavelmente para me dar uma descompostura pelo que eu tinha feito. Nestes poucos dias desde o meu regresso a Quioto, tentara não imaginar o que ele poderia ter visto: o Ministro com as calças abaixo, eu com as pernas nuas espetadas fora do quimono em desordem..

Quando a patroa abandonou a sala, o som da porta a fechar-se atrás dela foi como uma espada a ser retirada da bainha.

- Deixe-me dizer-lhe, Director - comecei com tanta firmeza quanto possível -, que o meu comportamento em Amami...

- Eu sei o que estás a pensar, Sayuri. Mas eu não vim aqui para te pedir que me apresentasses desculpas. Fica em silêncio um momento. Quero contar-te uma coisa que aconteceu há alguns anos.

- Director, eu sinto-me tão confusa - consegui dizer. - Por favor, desculpe-me, mas...

- Ouve só. Muito em breve vais entender porque ta conto a ti. Lembras-te de um restaurante chamado Tsumiyo? Fechou lá pelo fim da Depressão, mas... bom, não interessa; eras muito nova na altura. De qualquer maneira, um dia há bastantes anos - dezoito anos para ser exacto - fui lá almoçar com vários dos meus sócios. íamos acompanhados por uma certa gueixa de nome Izuko, do bairro de Pontocho.

Reconheci imediatamente o nome de Izuko.

- Era a favorita de toda a gente naqueles tempos - continuou o Director. - Acontece que tínhamos acabado o nosso almoço um pouco cedo, por isso sugeri que déssemos um passeio pelo ribeiro de Shirakawa a caminho do teatro.

Nesta altura, eu tinha retirado o lenço do Director do meu obi; e agora, silenciosamente, estendi-o sobre a mesa e alisei-o de maneira que o monograma dele ficasse claramente visível. Com os anos, o lenço tinha apanhado uma mancha num canto, e o linho tinha amarelado; mas o Director pareceu reconhecê-lo imediatamente. As palavras arrastaram-se-lhe e ele pegou-lhe.

- Onde é que arranjaste isto?

- Director - respondi-lhe -, todos estes anos me tenho perguntado se sabia que era eu a rapariguinha com quem tinha falado. Deu-me o seu lenço nessa mesma tarde, a caminho para ver a peça Shibaraku. Também me deu uma moeda...

- Queres dizer... mesmo quando eras aprendiz, sabias que era eu o homem que tinha falado contigo?

- Eu reconheci-o Director, no momento em que o vi de novo, no torneio de Sumo. Para lhe dizer a verdade, estou espantada é que se tenha lembrado de mim.

- Bom, talvez devesse olhar para ti no espelho um dia destes, Sayuri. Particularmente quando os teus olhos estão húmidos por teres chorado, porque se tornam... Não consigo explicar. Senti que estava a ver através deles. Sabes, passo tanto tempo sentado diante de homens que nunca me estão a dizer a verdade toda; e ali estava uma rapariga que nunca me vira antes, e no entanto disposta a deixar-me ver através dela.

E então o Director interrompeu-se.

- Nunca te perguntaste porque é que Mameha se tornou a tua irmã mais velha?

- Mameha? - disse. - Não compreendo. O que é que Mameha tem a ver com isso?

- Não sabes mesmo?

- Sei o quê, Director?

- Sayuri, fui eu quem pedi a Mameha para te tomar sob a protecção dela. Falei-lhe de uma rapariguinha lindíssima que tinha encontrado, com inesperados olhos cinzentos, e pedi-lhe que ela te ajudasse se alguma vez te viesse a encontrar em Gion. Disse-lhe que lhe cobria as despesas, se fosse necessário. E ela encontrou-te, logo uns meses depois. Por aquilo que me tem contado ao longo dos anos, por certo nunca terias conseguido chegar a gueixa sem a ajuda dela.

É quase impossível descrever o efeito que as palavras do Director tiveram sobre mim. Eu quase tomara por certo que a missão de Mameha fora pessoal - livrar-se a ela própria e a Gion de Hatsumomo. Agora que compreendia os seus verdadeiros motivos, que eu tinha ficado sob a tutela dela por causa do Director... bom, sentia que tinha de rever todos os comentários que ela sempre me fora fazendo e interrogar-me sobre o verdadeiro sentido por detrás de tudo. E não era apenas Mameha que subitamente se tinha transformado a meus olhos; até eu me parecia a mim própria uma mulher diferente. Quando o meu olhar caiu sobre as minhas mãos no meu colo, vi-as como mãos que o Director tinha feito. Senti-me cheia de alegria, e assustada, e grata, tudo ao mesmo tempo. Afastei-me da mesa para fazer uma vénia e exprimir-lhe a minha gratidão; mas antes ainda que o pudesse fazer, tinha que lhe dizer:

- Director, perdoe-me, mas desejava tanto que há alguns anos me pudesse ter contado... tudo isto. Nem consigo dizer quanto não teria significado para mim.

- Há um motivo porque nunca pude, Sayuri, e pelo qual tinha de insistir para que Mameha também não to contasse. Tem a ver com Nobu.

Ao ouvir mencionar o nome de Nobu, todos os sentimentos se escoaram de mim - porque tive a noção súbita de que compreendia para onde é que o Director se estivera a encaminhar o tempo todo.

- Director - disse-lhe -, eu sei que fui indigna da sua bondade. No fim-de-semana passado, quando eu...

- Tenho a confessar, Sayuri - interrompeu-me ele -, que o que aconteceu em Amami não me sai da cabeça.

Sentia o Director a olhar para mim; não poderia de maneira alguma retribuir o olhar.

- Há uma coisa que quero discutir contigo - continuou ele. - Tenho andado o dia todo a pensar como é que a poderei abordar. Não deixo de pensar numa coisa que aconteceu há muitos anos. Tenho a certeza que deveria haver uma maneira melhor de me explicar, mas... espero que compreendas o que eu vou tentar dizer.

Aqui ele despiu o casaco e dobrou-o pousando-o no tapete a seu lado. Podia sentir-lhe o cheiro da goma na camisa, o que me fez pensar nas visitas do general na Estalagem Suruya, e no quarto que muitas vezes cheirava a engomado.

- Ao princípio, quando a Eléctrica Iwamura era ainda uma jovem companhia - começou o Director - conheci um homem chamado Ikeda, que trabalhava para um dos nossos fornecedores no outro lado da cidade. Era um génio a resolver problemas de ligações. Às vezes, quando tínhamos dificuldades com uma instalação, pedíamo-lo emprestado por um dia, e ele endireitava-nos tudo. Então, uma tarde, quando eu ia a correr para casa depois do trabalho, aconteceu que dei com ele na farmácia. Disse-me que se estava a sentir muito descontraído porque tinha abandonado o emprego. Quando lhe perguntei porque é que o tinha feito, ele disse: «Chegou a altura de desistir. Por isso desisti!» Bom, contratei-o ali mesmo naquele momento. Depois passaram algumas semanas e perguntei-lhe de novo: «Ikeda-san, porque é que deixou o seu emprego do outro lado da cidade?» Ele disse-me: «Sr. Iwamura, há anos que eu queria vir trabalhar para a sua companhia. Mas nunca me tinha pedido. Chamava-me sempre quando tinha um problema, mas nunca me pediu para vir trabalhar para si. Então um dia eu apercebi-me de que nunca me iria convidar, porque não queria contratar-me à revelia de um dos seus fornecedores e pôr em perigo as suas relações de negócios. Só se eu deixasse primeiro o meu emprego teria então a oportunidade de me contratar. Por isso despedi-me.

Sabia que o Director estava à espera que eu reagisse; mas não ousei falar.

- Bom, agora tenho estado a pensar - continuou ele - que talvez o teu encontro com o Ministro fosse como Ikeda a despedir-se do emprego. E vou dizer-te porque é que esta ideia não me sai da cabeça. Foi qualquer coisa que a Abóbora disse depois de me ter levado até ao teatro. Fiquei extremamente zangado com ela, e exigi que me explicasse porque é que o tinha feito. Durante imenso tempo ela nem sequer falava. Depois disse-me uma coisa que a princípio não fazia sentido. Ela disse-me que tu lhe tinhas pedido para lá levar Nobu.

- Director, por favor - comecei insegura -, cometi um erro tão terrível...

- Antes que digas mais qualquer coisa, eu só quero saber porque é que fizeste aquilo. Talvez tivesses pensado que estavas a fazer à Eléctrica Iwamura qualquer espécie de... favor. Não sei. Ou talvez devesses ao Ministro alguma coisa de que eu não tenha conhecimento.

Devo ter feito um pequeno aceno com a cabeça, porque o Director parou imediatamente de falar.

- Estou profundamente envergonhada, Director - lá consegui por fim dizer -, mas... os meus motivos foram puramente pessoais.

Após um longo momento ele suspirou e ergueu para mim a taça de saqué. Eu servi-o, com a sensação que as minhas mãos eram as de outra pessoa, e depois ele atirou com o saqué para a boca, e guardou-o um momento antes de engolir. Vê-lo com a boca momentaneamente cheia fez-me pensar em mim como uma taça vazia inchada de vergonha.

- Muito bem, Sayuri - disse. - Vou dizer-te exactamente porque é que estou a perguntar. Será impossível para ti sequer perceberes porque é que vim até aqui esta noite, ou porque é que te tratei como o fiz durante os anos, se não perceberes a natureza da minha relação com Nobu. Acredita, tenho mais consciência do que ninguém de como ele pode ser difícil às vezes. Mas é um génio; tem mais valor para mim do que uma equipe de homens juntos.

Eu não conseguia pensar no que fazer ou falar, por isso, com as mãos a tremer peguei na garrafa para servir mais saqué ao Director. Tomei como um péssimo sinal o facto de ele não ter erguido a taça.

- Um dia, quando eu só te conhecia ainda há pouco tempo - continuou ele - Nobu trouxe-te como

presente um pente, e deu-to diante de toda a gente na festa. Eu não me apercebera da intensidade da afeição que ele sentia por ti senão naquele momento. Tenho a certeza de que houve outros sinais antes, mas de alguma maneira devem ter-me passado despercebidos. E quando me apercebi de como ele se sentia, a maneira como ele olhava para ti nessa noite... bom, eu soube num momento que não lhe poderia nunca roubar a coisa que ele tão evidentemente queria. Em nada diminuí a minha preocupação com o teu bem-estar. De facto, à medida que os anos iam passando, tornava-se cada vez mais difícil para mim ouvir desprendi damente enquanto Nobu fala de ti.

Aqui o Director fez uma pausa e disse:

- Sayuri, estás a escutar-me?

- Sim, Director, claro.

- Não há motivo para que soubesses isto, mas tenho uma grande dívida para com Nobu. É verdade que sou o fundador da Companhia, e o patrão. Mas quando a Eléctrica Iwamura ainda era muito jovem, tivemos um problema terrível com dinheiro corrente e quase íamos fechando o negócio. Eu não estava muito disposto a perder o controle da companhia, e não dava ouvidos a Nobu quando insistia para que trouxéssemos investidores. No fim ele ganhou, apesar de isso ter causado uma brecha entre nós durante algum tempo; propôs demitir-se e eu quase aceitei. Mas claro que ele tinha toda a razão, e eu estava errado. Eu teria perdido a Companhia sem ele. Como é que se paga a um homem por uma coisa como esta? Sabes porque é que sou chamado de Director e não de Presidente? É porque eu abdiquei do título para que Nobu ficasse com ele - embora ele tivesse tentado recusar. Foi por isso que decidi, no momento em que me dei conta da afeição dele por ti, que manteria o meu interesse por ti escondido a fim de que Nobu te pudesse ter. A vida tem sido cruel para ele, Sayuri. Tem recebido pouca bondade.

Em todos os meus anos como gueixa, nunca tinha sido capaz de me convencer nem sequer por um momento de que o Director nutria algum sentimento especial por mim. E agora saber que ele me destinava a Nobu...

- Eu nunca pretendi dar-te tão pouca atenção - continuou ele. - Mas seguramente que compreendes que se ele apanhasse a mais leve insinuação quanto aos meus sentimentos, teria desistido de ti num instante.

Desde rapariguinha que sonhara que um dia o Director me iria dizer que gostava de mim; e no entanto nunca acreditara mesmo que viesse a acontecer. Seguramente que não tinha imaginado que me pudesse dizer o que eu queria ouvir, e também que Nobu era o meu destino. Talvez que o objectivo que eu procurava na vida me escapasse; mas pelo menos durante este único momento estava dentro das minhas possibilidades sentar-me na sala com o Director e dizer-lhe como os meus sentimentos eram profundos.

- Por favor, perdoe-me pelo que lhe vou dizer - consegui por fim começar.

Tentei continuar, mas de alguma maneira a minha garganta decidiu engolir - embora eu não imagine o que estaria a engolir, a não ser que fosse um pequeno nó de emoção que eu empurrara, porque na minha cara não havia espaço para mais.

- Tenho grande afeição por Nobu, mas o que eu fiz em Amami... - Aqui tive que aguentar uma queimadura na minha garganta durante um grande bocado antes de poder falar outra vez. - O que eu fiz em Amami, fi-lo por causa dos meus sentimentos por si, Director. Cada passo que dei na minha vida desde criança em Gion, dei-o com a esperança de me aproximar de si.

Quando disse estas palavras, todo o calor do meu corpo pareceu acumular-se-me na cara. Senti que podia flutuar no ar, tal como um bocado de cinza em cima do fogo, a não ser que me concentrasse em

qualquer coisa na sala. Tentei descobrir uma borradela no tampo da mesa, mas também a mesa se estava a vidrar e desaparecer da minha visão.

- Olha para mim, Sayuri.

Queria fazer como o Director mandava, mas não conseguia.

- Que estranho - continuou ele baixinho quase para si próprio -, que a mesma mulher que olhou para mim tão francamente nos olhos quando era rapariga, há muitos anos atrás, não o consiga fazer agora.

Talvez devesse ser uma tarefa simples levantar os olhos e olhar o Director; porém, de alguma maneira, não poderia ter-me sentido mais nervosa se estivesse sozinha num palco com Quioto toda a olhar. Estávamos sentados a um canto da mesa, tão juntos que quando por fim limpei os olhos e os levantei para encontrar os dele, podia ver-lhe os aros escuros à roda das íris.

Interroguei-me se não deveria desviar os olhos e fazer uma pequena vénia, e depois oferecer-me para lhe servir mais uma taça de saqué... mas nenhum gesto seria suficiente para quebrar a tensão. Enquanto pensava estes pensamentos, o Director afastou a garrafa de saqué e a taça, e depois esticou a mão e agarrou no colarinho do meu vestido para me puxar em direcção a si. Num momento as nossas caras ficaram tão perto, que eu podia sentir o calor da pele dele. Eu lutava ainda para compreender o que me estava a acontecer - e o que eu deveria dizer ou fazer. E então o Director puxou-me mais ainda e beijou-me.

Podem ficar surpreendidos por ouvir que esta foi a primeira vez na minha vida que alguém me havia mesmo beijado de verdade. O General Tottori tinha às vezes comprimido os lábios dele contra os meus quando era o meu danna; mas então fora completamente desapaixonado. Na altura costumava perguntar-me se ele simplesmente não precisaria de um sítio para descansar a cara. Até Yasuda Akira - o homem que me comprara um quimono, e a quem eu tinha seduzido uma noite na casa de chá Tatematsu - deve ter-me beijado uma dúzia de vezes no pescoço e na cara, mas na verdade nunca tocara nos meus lábios com os dele. Por isso podem imaginar que este beijo, o primeiro verdadeiro da minha vida, me parecia mais íntimo do que tudo o que eu experimentara. Tinha a sensação de que estava a tomar qualquer coisa do Director, e que ele me estava a dar qualquer coisa, qualquer coisa mais privada do que alguém alguma vez antes me dera. Tinha um gosto muito surpreendente, tão peculiar como o de qualquer fruto ou doce, e quando o provei, os ombros abateram-se-me e o estômago subiu; porque, por uma razão qualquer, trazia-me à cabeça uma dúzia de cenas diferentes que eu não conseguia pensar porquê me haveria de lembrar delas. Pensei na cabeça de vapor quando a cozinheira levantava a tampa da panela do arroz na cozinha da nossa okiya. Vi na minha mente uma imagem da pequena ruela que era a passagem principal pelo meio de Pontocho, como a tinha visto uma vez atafalhada de pessoas que tinham ido cumprimentar Kichisaburo depois da sua última exibição, no dia em que se retirara do teatro Kabuki. Tenho a certeza de que devo ter pensado numa centena de outras coisas, porque era como se todos os limites na minha mente se tivessem quebrado e as minhas memórias andassem a correr por ali em liberdade. Mas então o Director inclinou-se para trás, longe de mim outra vez, com uma das mãos sobre o meu pescoço. Ele estava tão perto, que podia ver a humidade a brilhar-lhe no lábio, e ainda cheirar o beijo que acabáramos de dar.

- Director - disse eu -, porquê?

- Porquê o quê?

- Porquê... tudo? Porque é que me beijou? Acabou de falar de mim como uma prenda para Nobu-san.

- Nobu-san desistiu de ti, Sayuri. Não lhe estou a roubar nada.

Na confusão dos meus sentimentos, não conseguia entender bem o que é que ele queria dizer.

- Quando te vi lá com o Ministro, tinhas uma expressão nos teus olhos igual à que eu tinha visto tantos anos atrás junto ao ribeiro de Shirakawa - disse-me ele. - Parecias tão desesperada, como se te pudesses afogar se ninguém te salvasse. Depois de a Abóbora me ter dito que tu pretendias que aquele encontro fosse para os olhos de Nobu, eu resolvi contar-lhe a ele o que tinha visto. E quando ele reagiu de uma maneira tão encolerizada... bom, se não te podia perdoar pelo que tinhas feito, ficou claro para mim que ele não era na verdade o teu destino.

Uma tarde há muito tempo, quando eu ainda era criança em Yoroido, um rapazinho chamado Gisuke trepou a uma árvore piara saltar para o lago; a água não era suficientemente profunda. Mas quando lhe dissemos para não saltar, ele ficou com medo de descer por causa das rochas por debaixo da árvore. Corri para a aldeia à procura do pai dele, o Sr. Yamashita, que veio a subir o monte com tanta calma, que eu me perguntava se ele sabia bem o perigo que o filho dele estava a correr. Ele postou-se debaixo da árvore exactamente no momento em que o rapaz - sem saber da presença do pai - perdeu o apoio e caiu. O Sr. Yamashita apanhou-o nos braços e pousou-o no chão. Todos nós gritámos de prazer, e saltámos por ali à beira do lago enquanto Gisuke ficou de pé a pestanejar muito depressa, com pequenas lágrimas de surpresa a juntarem-se-lhe nas pestanas.

Agora sabia exactamente como é que Gisuke se deve ter sentido. Eu tinha estado a mergulhar em direcção às rochas, e o Director tinha dado um passo para me apanhar. Estava tão inundada de alívio, que nem sequer conseguia limpar as lágrimas que me corriam dos cantos dos olhos. A forma dele era uma mancha diante de mim, mas eu podia vê-la chegar-se mais perto, e num momento ele tinha-me agarrado nos braços como se eu fosse um lençol. Os lábios dele foram a direito para o pequeno triângulo de carne onde as bainhas do meu quimono se juntam na garganta. E quando senti a respiração dele no meu pescoço, e a sensação de urgência com a qual ele quase me consumia, não podia deixar de pensar num momento anos antes, quando havia entrado na cozinha da okiya e descobri uma das criadas inclinada sobre o lava loiça, a tentar esconder a pêra madura que segurava contra a boca, os sucos a escorrer-lhe pelo pescoço. Tivera um tal anseio por ela, disse-me, e pediu-me para não dizer à Mãe.

\*

Agora, quase quarenta anos mais tarde, sento-me aqui a olhar para aquela noite com o Director como o momento em que todas as vozes lamentosas dentro de mim se silenciaram. Desde o dia em que deixara Yoroido, não tinha feito mais nada senão preocupar-me que cada volta da roda da minha vida me viesse trazer ainda mais um obstáculo ao meu caminho; e claro que era a preocupação e a luta que sempre fizera a vida tão vividamente real para mim. Quando lutamos ribeiro acima contra uma corrente subterrânea de rochas, cada sítio para apoiar o pé adquire uma espécie de urgência.

Mas a vida adoçou-se tornando-se algo de muito mais agradável depois de o Director se ter tornado o meu danna. Comecei a sentir-me como uma árvore cujas raízes se tivessem enfim enterrado no solo rico e húmido por baixo da superfície. Nunca antes tivera ocasião de pensar em mim como mais afortunada do que as outras, e porém agora era-o. Embora deva dizer, que vivi nesse estado de satisfação durante um bom bocado antes de por fim ser capaz de olhar para trás e admitir como a minha vida antes tinha sido desolada. Tenho a certeza de que nunca poderia ter contado a minha história de outra maneira; não acho que qualquer de nós possa falar francamente sobre a dor senão quando já não a estamos a sofrer mais.

Numa tarde, quando o Director e eu bebíamos saqué juntos numa cerimónia na casa de chá Ichiriki, uma coisa estranha aconteceu. Não sei porquê, mas quando dei o golo na mais pequena das três taças que usávamos, deixei o saqué lavar-me a língua, e uma única gota dele saltou-me pelo canto da

boca. Estava a usar um quimono preto de cinco cristas, com um dragão bordado a ouro e vermelho a circundar a bainha até às minhas coxas, até que parava junto aos fios de seda grossos dos dentes do dragão. Tenho a certeza de que a maioria das gueixas teriam achado que era mau presságio eu ter entornado o saqué; mas para mim, aquela gotinha de líquido que tinha escorrido de mim como uma lágrima parecia quase contar a história da minha vida. Caíra pelo espaço vazio sem qualquer controle sobre o seu destino; rolou por um caminho de seda; e de alguma maneira acabou a descansar ali entre os dentes daquele dragão. Pensei nas pétalas que tinha atirado nos baixios do rio Kamo no exterior da fábrica do Sr. Arashino, imaginando que poderiam encontrar o caminho até ao Director. Parecia-me que, de alguma maneira, talvez o tivessem encontrado.

\* \* \*

Nas esperanças tontas que me tinham sido tão caras desde rapariguinha, havia sempre imaginado que a minha vida seria perfeita se alguma vez me viesse a tornar na amante do Director. É um pensamento infantil, porém eu carregara-o comigo mesmo quando adulta. Devia ter sabido melhor quantas vezes já não tinha eu encontrado a lição dolorosa de que, embora possamos desejar que a farpa nos seja tirada da nossa carne, deixa uma marca que não sara? Ao banir Nobu para sempre da minha vida, não fora apenas a amizade dele que perdera; acabei também a banir-me de Gion.

O motivo é tão simples, que devia ter sabido antes que iria acontecer. Um homem que ganhou um prémio cobiçado pelo seu amigo enfrenta uma escolha difícil: ou tem de esconder o prémio de maneira a que o amigo nunca o veja - se puder - ou deixar que a amizade sofra o dano. Fora exactamente este o problema que se tinha levantado entre mim e a Abóbora: a nossa amizade nunca se recuperara da minha adopção. Por isso, embora as negociações do Director com a Mãe para se tornar no meu danna se arrastassem durante vários meses, no fim ficou combinado que eu deixaria de trabalhar como gueixa. Decerto que eu não era a primeira gueixa a abandonar Gion; além das que fugiam, algumas casavam-se e partiam como esposas; outras retiravam-se para montarem casas de chá ou okiya suas. No meu caso, porém, estava apanhada numa armadilha peculiar a meio termo. O Director queria-me fora de Gion para me manter longe da vista de Nobu, mas seguramente que não ia casar comigo; já era casado.

Provavelmente a solução perfeita, e a que o Director propunha, teria sido estabelecer-me com a minha própria casa de chá ou estalagem - uma que Nobu nunca iria visitar. Mas a Mãe mostrava-se pouco interessada em deixar-me sair da okiya; sabem que ela não teria recebido lucros nenhuns da minha relação com o Director se eu tivesse deixado de ser um membro da família Nitta. Foi por isso que, no fim, o Director concordou em pagar à okiya uma soma muito considerável todos os meses na condição de a Mãe permitir que eu pusesse fim à minha carreira. Continuei a viver na okiya, tal como o tinha feito durante tantos anos; mas já não ia mais à pequena escola nas manhãs, nem fazia a volta por Gion para apresentar cumprimentos em ocasiões especiais; e claro que deixara de entreter durante as noites.

Dado que me tinha proposto tornar-me uma gueixa apenas para ganhar a afeição do Director, provavelmente não deveria ter tido qualquer sensação de perda ao retirar-me de Gion. Mas, com o correr dos anos tinha desenvolvido muitas amizades preciosas, não apenas com outras gueixas, mas com muitos dos homens que viera a conhecer. Eu não era banida da companhia das outras mulheres só porque tinha deixado de entreter; mas aquelas que fazem a vida em Gion têm pouco tempo para convívios. Muitas vezes me sentia invejosa quando via duas gueixas a correr para o seu compromisso seguinte, rindo juntas sobre o que tinha acabado de acontecer no anterior. Não lhes invejava a incerteza da sua existência; mas invejava-lhes aquela sensação de promessa de que bem me podia lembrar, de que o resto da noite poderia ainda esconder algum prazer malicioso.

Porém via Mameha com frequência. Tomávamos chá juntas pelo menos várias vezes por semana. Considerando tudo o que ela tinha feito por mim desde criança - e o papel especial que desempenhara na



minha vida em nome do Director - podem imaginar quanto me sentia em dívida para com ela. Um dia, numa loja, encontrei uma pintura sobre seda do século XVIII mostrando uma mulher a ensinar caligrafia a uma menina. A professora tinha um requintado rosto oval e olhava para a aluna com tanta benevolência, que me fez pensar imediatamente em Mameha, e comprei-a para lha dar de prenda. Na tarde chuvosa em que ela a pendurou na parede do seu pobre apartamento, dei comigo a escutar o tráfego que silvava pela Avenida Higashi-oji. Não conseguia deixar de me lembrar, com um terrível sentimento de perda, do elegante apartamento que ela tivera anos antes, e do som encantador que se ouvia daquelas janelas, a água a correr sobre a cascata à altura do joelho no ribeiro de Shirakawa. Então a própria Gion me parecera como uma requintada peça de tecido antigo; mas muito tinha mudado. Agora o apartamento de Mameha, de um só quarto, tinha tapetes da cor de chá azedo e cheirava a poções de ervas da farmácia chinesa em baixo - e tanto, que os quimonos dela às vezes lançavam eflúvios de odores medicinais.

Depois de ela ter pendurado na parede a pintura sobre seda e a ter admirado por um bocado, regressou à mesa. Sentava-se com as mãos à volta da chávena fumegante, espreitando para dentro dela como se esperasse encontrar ali as palavras que procurava. Fiquei surpreendida por ver os tendões das mãos dela a mostrarem-se já por causa da idade. Por fim, com um toque de tristeza, ela disse:

- É tão curioso, o que o futuro nos traz. Tens de ter cuidado, Sayuri, nunca esperes demais.

Tenho quase a certeza de que ela estava certa. Teria tido uma vida mais fácil ao longo dos anos seguintes se não tivesse continuado a acreditar que Nobu um dia me perdoaria. Por fim tive de desistir de perguntar a Mameha se ele tinha perguntado por mim; fazia-me sofrer imenso vê-la dar um suspiro e lançar-me um olhar longo e triste, como a dizer que lamentava que eu não soubesse melhor do que esperar uma coisa dessas.

Na Primavera do ano a seguir a me ter tornado sua amante, o Director comprou uma casa luxuosa a noroeste de Quioto e chamou-lhe Eishin-an - «Retiro da Verdadeira Prosperidade». Era destinado aos convidados da Companhia, mas de facto o Director fazia mais uso dela do que qualquer outra pessoa. Era aqui que ele e eu nos encontrávamos para passar as noites juntos, três ou quatro vezes por semana, às vezes mais. Nos seus dias mais atarefados chegava tão tarde que só queria mergulhar num banho quente enquanto eu falava com ele, e depois caía a dormir. Mas a maior parte das noites chegava pelo pôr-do-sol, ou logo a seguir, e comia o seu jantar enquanto tagarelávamos e observávamos os criados a acender as lanternas no jardim.

Normalmente, quando chegava cedo, o Director falava-me do dia de trabalho. Podia contar-me os problemas com um novo produto, ou sobre um acidente de trânsito envolvendo um carregamento de peças, ou outra coisa no género. Claro que eu estava feliz por ficar sentada a ouvir, mas compreendia muito bem que o Director não me contava estas coisas por querer que eu tomasse conhecimento delas. Estava a limpá-las da mente, tal como a despejar água de um balde. Por isso eu ouvia com atenção não as palavras dele, mas o tom da voz; porque da mesma maneira que o som sobe quando o balde está a ficar vazio, podia ouvir a voz do Director a adoçar-se enquanto ele falava. Quando chegava o momento certo, eu mudava de assunto, e em breve começávamos a falar de outras coisas menos sérias do que negócios, sobre tudo o resto tudo o resto em vez disso, tal como o que lhe tinha acontecido nessa manhã a caminho do trabalho; ou qualquer coisa sobre o filme que podíamos ter visto algumas noites antes ali na Eishin-an; ou talvez eu lhe contasse uma história engraçada que pudesse ter ouvido de Mameha, que nalgumas noites vinha juntar-se-nos ali. De qualquer maneira, este processo simples de primeiro esvaziar a mente do Director e depois descontraí-lo com conversas divertidas tinha o mesmo efeito que a água numa toalha que ficou rija de secar ao sol. Quando ele chegava no início eu lavava-lhe as mãos com um toalhete quente, e os dedos estavam rígidos, como ramos pesados. Depois de termos conversado durante algum tempo, curvavam-se com tanta graciosidade como se ele estivesse a dormir.

Eu esperava que isto fosse a minha vida, entreter o Director às noites e ocupar-me durante as horas do dia o melhor que pudesse. Mas no Outono de 1952, acompanhei o Director na sua segunda viagem aos Estados Unidos. Ele já lá tinha ido no Inverno anterior, e nenhuma outra experiência da sua vida alguma vez lhe causara uma impressão semelhante; disse que pela primeira vez entendia o sentido verdadeiro da prosperidade. A maior parte dos japoneses por essa altura tinham electricidade só durante algumas horas, por exemplo, mas as luzes das cidades americanas ardiam noite e dia. E enquanto nós, em Quioto, nos sentíamos orgulhosos de que o chão das nossas novas estações de comboio fossem construídos em cimento em vez da madeira fora de moda, o chão das estações de comboio dos americanos era feito de mármore sólido. Até mesmo nas pequenas cidades americanas, os cinemas eram tão grandes como o nosso Teatro Nacional, disse o Director, e as casas de banho públicas em todo o lado estavam imaculadamente limpas. O que o surpreendia mais de tudo era que cada família nos Estados Unidos possuísse um frigorífico, que podia ser adquirido com o salário ganho por um trabalhador médio apenas num mês. No Japão, um trabalhador precisava do salário de quinze meses para comprar tal coisa; poucas famílias lhe podiam chegar.

Depois, o Director permitiu que eu o acompanhasse na sua segunda viagem à América. Viajei sozinha de comboio para Tóquio, e dali voámos juntos num avião destinado ao Havai, onde passámos uns dias inesquecíveis. O Director comprou-me um fato de banho - o primeiro que eu tive - e sentei-me a usá-lo na praia com o cabelo penteado caído pelos ombros como qualquer outra mulher à minha volta. O Havai recordava-me estranhamente Amami; preocupava-me que o mesmo pensamento ocorresse ao Director, mas se tal aconteceu, ele não falou do assunto. Do Havai continuámos até Los Angeles e por fim para Nova Iorque. Eu não conhecia nada dos Estados Unidos a não ser o que tinha visto em filmes; acho que não acreditava muito que os grandes edifícios da cidade de Nova Iorque existissem mesmo. E quando por fim me instalei no meu quarto no Hotel Waldorf-Astoria, e olhei pela janela para os prédios como montanhas à minha volta e as ruas lisas e limpas em baixo, tive a sensação de que estava a ver um mundo em que tudo era possível. Confesso que esperara sentir-me como um bebé que foi retirado à mãe; porque nunca antes tinha saído do Japão, e não conseguia imaginar que um cenário tão estrangeiro como a cidade de Nova Iorque me fizesse sentir mais do que terror. Talvez fosse o entusiasmo do Director que me ajudou a abordar a minha visita aqui com tanta boa vontade. Ele tinha ficado num quarto à parte, que usava na maior parte do tempo para negócios; mas todas as noites vinha para ficar comigo na suite que tinha reservado. Muitas vezes acordei naquela cama estranha e me virava para o ver ali no escuro, sentado numa cadeira junto à janela segurando a cortina transparente arredada, a fixar Park Avenue em baixo. Uma vez, passava das duas da manhã, levou-me pela mão e puxou-me até à janela para ver um jovem par vestido como se tivesse vindo de um baile, a beijar-se debaixo do candeeiro da rua na esquina.

Durante os três anos seguintes viajei mais duas vezes com o Director até aos Estados Unidos. Enquanto ele tratava dos negócios durante o dia, a minha criada e eu visitávamos museus e restaurantes - e até um ballet que eu achei arrebatador. Estranhamente, um dos poucos restaurantes japoneses que fomos capazes de encontrar em Nova Iorque estava agora sob a gerência de um chefe que eu conhecera bem em Gion antes da guerra. Uma tarde, durante o almoço, dei comigo na sua sala privada das traseiras, a entreter um número de homens que eu não via há anos - o vice-Presidente da Companhia de Telefones e Telégrafo Nippon; o novo Consul-Geral japonês que antes tinha sido presidente da câmara em Kobe; um professor de ciência política da Universidade de Quioto. Era quase como estar outra vez de volta a Gion.

\* \* \*

No Verão de 1956, o Director - que tinha duas filhas da mulher, mas nenhum filho - arranjou casamento para a sua filha mais velha com um homem chamado Nishioka Minoru. A intenção do Director

era que o Sr. Nishioka tomasse o nome de família Iwamura e se tornasse seu herdeiro; mas no último momento, o Sr. Nishioka mudou de ideias, e informou o Director que não tencionava ir para a frente com o matrimónio. Era um jovem muito temperamental, mas segundo a avaliação do Director, brilhante. Durante uma semana ou mais o Director ficou aborrecido, e embirrava com os criados e comigo sem a menor provocação. Nunca o tinha visto assim tão perturbado por outra coisa qualquer.

Nunca me contaram porque é que Nishioka Minoru mudou de ideias; mas não tinham de contar. Durante o Verão anterior, o fundador de uma das maiores companhias de seguros do Japão tinha demitido o seu próprio filho do cargo de Presidente, e em vez disso entregou a companhia a um homem muito mais novo - seu filho ilegítimo e de uma gueixa de Tóquio. Tinha causado um grande escândalo na altura. Coisas deste tipo já haviam acontecido antes no Japão, mas normalmente numa escala muito mais pequena, em lojas de quimonos ou de doces familiares - negócios desse tipo. O director da companhia de seguros descreveu o seu primogénito nos jornais como «um jovem esforçado cujos talentos infelizmente não se podem comparar com...» e aqui nomeou o seu filho ilegítimo, sem sequer dar qualquer pista quanto ao relacionamento entre eles. Mas não fazia diferença que ele tivesse dado uma pista ou não; muito em breve toda a gente ficou a saber a verdade.

Agora, se quisessem imaginar que Nishioka Minoru, depois de já ter concordado em se tornar o herdeiro do Director, tivesse descoberto qualquer novo pedaço de informação - tal como a de que recentemente o Director se tinha tornado pai de um filho ilegítimo... bom, tenho a certeza de que, nesse caso, a relutância dele em ir para a frente com o casamento poderia parecer bastante compreensiva. Era do conhecimento geral que o Director lamentava não ter tido um filho, e que estava profundamente agarrado às suas duas filhas. Haveria alguma razão para não acreditar que ele não se viesse a tornar igualmente agarrado a um filho ilegítimo - o bastante, talvez, para mudar de ideias antes de morrer e acabar por lhe dar a ele a companhia que tinha criado? Quanto à questão de se eu tinha ou não de facto dado à luz um filho do Director... se eu tivesse, seguramente que ficaria relutante em falar demasiado nele, com medo de que a sua identidade se pudesse tornar conhecida publicamente. Não seria do melhor interesse de ninguém que uma coisa dessas acontecesse. O melhor caminho, segundo acho, é eu não dizer absolutamente nada; tenho a certeza de que compreenderão.

Uma semana ou mais depois da mudança de ideias de Nishioka Minoru, eu decidi tocar num assunto muito delicado com o Director. Estávamos na Eishin-an, sentados cá fora, depois de jantar, na varanda que dava para o jardim de musgo. O Director estava de mau-humor, e não tinha dito uma palavra desde antes de o jantar começar a ser servido.

- Eu já referi ao Danna-sama - comecei eu - que ultimamente tenho andado com a mais estranha das impressões?

Lancei-lhe uma olhadela, mas não podia ver qualquer sinal de que estivesse a ouvir.

- Não deixo de pensar na casa de chá Ichiriki - continuei -, e na verdade, estou a começar a reconhecer que tenho saudades de ir trabalhar.

O Director limitou-se a comer uma colherada do gelado, e depois pousou outra vez a colher sobre o prato.

- Claro que eu nunca mais posso voltar a trabalhar em Gion; sei isso perfeitamente. No entanto, tenho-me perguntado, Danna-sama... não haveria espaço para uma pequena casa de chá na cidade de Nova Iorque?

- Não sei de que é que estás a falar - disse ele. - Não há motivo que justifique queres sair do Japão.

- Os homens de negócios e os políticos japoneses estão a começar a aparecer em Nova Iorque nestes dias, são tão vulgares como tartarugas a saltar para um lago - disse eu. - A maior parte deles são homens que já conheço há anos. É verdade que deixar o Japão seria uma mudança abrupta. Mas, considerando que o Danna-sama irá a partir de agora passar cada vez mais tempo nos Estados Unidos... - eu sabia que istd; era verdade, porque ele já me contara sobre o seu plano de abrir ali uma sucursal da sua Companhia.

- Não estou com disposição para isto, Sayuri - começou ele. Acho que tinha intenção de acrescentar mais qualquer coisa, mas eu continuei como se não o tivesse ouvido.

- Dizem que uma criança criada entre duas culturas muitas vezes passa tempos difíceis - disse. - Por isso, naturalmente, para uma mãe que se desloca com o seu filho para um local como os Estados Unidos, provavelmente seria mais sábio torná-lo na sua residência permanente.

- Sayuri...

- O que quer dizer - continuei eu -, que uma mulher que fizesse tal escolha, era muito provável que de modo algum voltasse a trazer o seu filho de regresso para o Japão.

Por esta altura, o Director já devia ter percebido o que eu estava a sugerir - que eu retirasse do Japão o único obstáculo no caminho de Nishioka Minoru para ser adoptado como seu herdeiro. Ficou com uma expressão espantada durante um instante. E então, provavelmente enquanto a imagem de eu o abandonar tomava forma na sua mente, o seu humor rabugento pareceu quebrar-se como um ovo, e do canto do olho correu-lhe uma única lágrima, que ele despediu a pestanejar tão suavemente como se afastasse uma mosca.

Em Agosto desse mesmo ano mudei-me para Nova Iorque para instalar a minha própria pequena casa de chá para os homens de negócios e políticos japoneses em viagem pelos Estados Unidos. Claro que a Mãe tentou garantir que qualquer negócio que eu iniciasse nos Estados Unidos seria uma extensão da okiya Nitta, mas o Director recusou considerar qualquer combinação desse tipo. A Mãe tinha poder sobre mim enquanto eu ficasse em Gion; mas eu quebrava os meus laços com ela ao ir-me embora. O Director enviou dois dos seus contabilistas para assegurar que a Mãe me dava até ao último iene a que eu tinha direito.

\* \* \*

Não posso fingir que não senti medo há tantos anos, quando a porta do meu apartamento aqui nas Torres Waldorf se fechou atrás de mim pela primeira vez. Mas Nova Iorque é uma cidade excitante. Dentro em pouco começava a senti-la como o meu lar pelo menos tanto quanto Gion alguma vez o fora. De facto, se olhar para trás, as memórias das muitas e longas semanas que passei aqui com o Director fizeram a minha vida nos Estados Unidos de algumas maneiras muito mais rica do que era no Japão. A minha pequena casa de chá, no segundo andar de um velho clube à saída da Quinta Avenida, teve um êxito modesto logo do início; um número de gueixas tinham vindo de Gion para trabalhar comigo ali, e até mesmo Mameha às vezes me faz visitas. Hoje em dia eu só lá vou quando grandes amigos ou velhos conhecidos vêm à cidade. Em vez disso, passo o meu tempo numa variedade de outras coisas. De manhã muitas vezes me reúno com um grupo de escritores e artistas japoneses da área para estudar temas que nos interessam - tais como poesia, música ou, durante uma sessão longa de um mês, a história da cidade de Nova Iorque. Almoço com uma amiga quase todos os dias. E às tardes ajoelho-me diante da minha cómoda de maquilhagem para me preparar para uma festa ou outra - às vezes aqui mesmo no meu apartamento. Quando lhe levanto a cobertura de brocado do espelho, não posso deixar de recordar o cheiro leitoso do creme branco que tantas vezes usei em Gion. Desejava ardentemente poder lá voltar em visita; mas por outro lado, acho que ficaria perturbada por ver todas as mudanças. Quando amigos trazem

fotografias das suas viagens a Quioto, muitas vezes penso que Gion emagreceu como um jardim mal cuidado, a ser cada vez mais dominado pelas ervas daninhas. Depois da morte de Mãe há já um número de anos, por exemplo, a okiya Nitta foi deitada a baixo e substituída por um pequeno edifício de cimento abrigando uma livraria no rés-do-chão e dois apartamentos por cima.

Oitocentas gueixas trabalhavam em Gion quando lá cheguei pela primeira vez. Agora o número é menor que sessenta, e com apenas uma mão-cheia de aprendizas, e diminui ainda mais a cada dia - porque é claro que o correr da mudança nunca abranda, mesmo quando nos convencemos a nós próprios de que o fará. Na sua última visita a Nova Iorque, o Director e eu demos um passeio por Central Park. Aconteceu estarmos a falar do passado; e quando chegámos a um caminho por entre pinheiros, o Director parou subitamente. Tinha-me falado muitas vezes sobre os pinheiros que debruavam a rua de Osaca onde ele nascera; eu sabia enquanto o observava que se estava a recordar deles. Ficou ali com as suas duas mãos frágeis sobre a bengala e os olhos fechados, e inspirou profundamente o aroma do passado.

- Às vezes - suspirou - penso que as coisas de que me recordo são mais reais que as coisas que vejo.

Quando era uma mulherzinha acreditava que a paixão seguramente devia desaparecer com a idade, tal como um copo deixado num quarto gradualmente deixa evaporar o seu conteúdo ao ar. Mas quando o Director e eu regressámos ao meu apartamento, devorámo-nos um ao outro com tanto desejo e necessidade que depois me senti esvaziada de todas as coisas que o Director me tinha tirado, e no entanto cheia com tudo o que eu lhe tirara a ele. Adormeci profundamente e sonhei que estava num banquete de volta em Gion, a falar com um homem de idade que me explicava que a sua mulher, de quem ele gostava muito, não estava de facto morta porque o prazer do tempo que haviam passado juntos continuava a viver dentro dele. Enquanto ele dizia estas palavras, bebi de uma taça a sopa mais extraordinária que alguma vez provara; cada pequeno golo era uma espécie de êxtase. Comecei a sentir que todas as pessoas que eu conhecera que tinham morrido ou que me tinham deixado não tinham de facto partido, mas continuavam a viver dentro de mim da mesma maneira que a mulher daquele homem vivia dentro dele.

Senti como se estivesse a bebê-las todas - a minha irmã, Satsu, que tinha fugido e me tinha abandonado tão jovem; o meu pai e a minha mãe; o Sr. Tanaka, com a sua perversa visão da bondade; Nobu, que nunca me pôde perdoar; até o Director. A sopa estava cheia com tudo aquilo de que eu alguma vez gostara na minha vida; e enquanto a bebia, este homem dizia as suas palavras directamente ao meu coração. Acordei com lágrimas a correrem-me pelas têmporas, e peguei na mão do Director, temendo que nunca mais pudesse ser capaz de vir a viver sem ele quando morresse e me deixasse. Porque ele já estava tão frágil naquela altura, mesmo ali no sono, que eu não era capaz de deixar de pensar na minha mãe lá em Yoroido. E no entanto, quando a morte dele ocorreu alguns meses depois, compreendi que me tinha deixado no fim da sua longa vida tão naturalmente como as folhas caem das árvores.

Não vos posso dizer o que é que nos guia na vida; mas quanto a mim, eu sentia-me relativamente ao Director tal como uma pedra deve cair em direcção à terra. Quando cortei o lábio e encontrei o Sr. Tanaka, quando a minha mãe morreu e eu fui cruelmente vendida, era tudo como um ribeiro que cai sobre rochedos antes de poder alcançar o oceano. Mesmo agora que ele partiu ainda o tenho comigo, na riqueza das minhas memórias. Vivi a minha vida outra vez apenas para vo-la contar.

É verdade que algumas vezes quando atravesso Park Avenue fico surpreendida com a sensação peculiar de como são exóticas as minhas vizinhanças. Os táxis amarelos que passam a varrer-me, tocando as suas buzinas; as mulheres com as suas pastas, que têm uma expressão tão perplexa ao ver uma pequena velha japonesa de pé na esquina com um quimono vestido. Mas na verdade, ter-me-ia Yoroido parecido muito menos exótico se eu lá regressasse? Enquanto rapariga acreditava que a minha vida nunca teria sido uma luta se o Sr. Tanaka não me tivesse levado da minha casinha bêbeda. Mas agora sei que o nosso

mundo não é mais permanente do que uma onda a erguer-se no oceano. E quaisquer que sejam as nossas lutas e triunfos, como quer que os possamos sofrer, muito rapidamente se dissolvem todos numa aguada, como a tinta de pintar no papel.

## Agradecimentos

Embora a personagem de Sayuri e a sua história sejam completamente inventadas, os factos históricos da vida quotidiana de uma gueixa nas décadas de 1930 e 1940 não o são. No decurso da minha extensa investigação fiquei em dívida para com uma pessoa mais do que todas as outras. Mineko Iwasaki, uma das principais gueixas de Gion nas décadas de 1960 e 1970, abriu-me a sua casa em Quioto durante Maio de 1992, e corrigiu-me todas as más interpretações sobre a vida de uma gueixa - embora todas as pessoas que eu conheci que viveram em Quioto, ou que ainda aí vivem, me tivessem dito para nunca esperar tal candura. Enquanto recordava o meu japonês no avião, estava preocupado que Mineko, a quem eu ainda não tinha encontrado, pudesse falar comigo durante uma hora sobre o tempo e lhe chamasse uma entrevista. Em vez disso, levou-me a dar uma volta pelo interior de Gion e, junto com o seu marido, Jin, e as suas irmãs Yaetchiyo e a falecida Kuniko, responderam pacientemente a todas as minhas perguntas sobre os rituais da vida de uma gueixa com todos os pormenores íntimos. Ela tornou-se, e continua a ser, uma boa amiga. Tenho as mais gratas recordações da viagem que a sua família fez para nos visitar em Boston, e a sensação de outro mundo que a minha mulher e eu sentíamos enquanto víamos jogos de ténis na televisão na nossa sala com a nossa nova amiga, uma japonesa nos seus quarenta anos, que também havia sido uma das últimas gueixas treinadas segundo a tradição antiga.

Para Mineko, obrigado por tudo.

Fui apresentado a Mineko pela Sra. Reiko Nagura, amiga de longa data; uma mulher da geração da minha mãe, ferozmente inteligente, que fala japonês, inglês e alemão com igual fluência. Ganhou um prémio por um conto que escreveu em inglês enquanto se formava em Barnard, apenas algumas semanas antes de vir para os Estados Unidos para estudar, e em breve se tornou uma amiga da minha avó para toda a vida. A afeição entre a família dela e a minha vai agora na quarta geração. A sua casa tem sido um porto regular nas minhas visitas a Tóquio; devo-lhe mais do que posso exprimir. Junto com todas as outras bondades que ela me tem feito, leu o meu manuscrito em vários estágios e ofereceu-me um grande número de sugestões valiosas.

Durante os anos em que trabalhei neste romance, a minha mulher, Trudy, providenciou mais ajuda e apoio do que eu teria o direito de esperar. Para além da sua paciência infinita, da disponibilidade para largar tudo e ler quando eu precisava do olhar dela, a sua franqueza e consideração extremas, deram-me a maior das dádivas: constância e compreensão.

Robin Desser, da Knopf, é o tipo de editor por que cada escritor anseia: apaixonado, perspicaz, comprometido e sempre pronto a ajudar - e além disso, muito divertido.

Pelo seu calor, franqueza, profissionalismo, e encanto, não há ninguém como Leigh Feldman. Tenho imensa sorte em tê-la como agente.

Helen Bartlett, sabe tudo o que fez para me ajudar desde o início. Muito obrigado a si, e a Denise Stewart.

Estou muito grato à minha boa amiga Sara Laschever, pela leitura cuidadosa do manuscrito, o seu envolvimento generoso, e a quantidade de sugestões e ideias.

Teruko Craig foi muito amável em passar horas a falar comigo sobre a sua vida como aluna em Quioto durante a guerra. Também fico grato a Liza Dalby, a única mulher americana a ter-se tornado uma gueixa, e ao seu livro *Gueixa*, um estudo antropológico da cultura da gueixa, que também conta as suas experiências no bairro de Pontocho; generosamente, emprestou-me um número de livros muito úteis em japonês e inglês da sua colecção pessoal.

Agradeço também a Kiharu Nakamura, que escreveu sobre as suas experiências como gueixa no

bairro Shimbashi de Tóquio, e bondosamente passou uma noite a falar comigo no decurso da minha investigação.

Também estou grato, pela perspicácia cuidadosa e preocupação empática a meu irmão Stephen.

Robert Singer, curador de arte japonesa no County Museum of Art de Los Angeles, deu-se a um trabalho considerável enquanto estive em Quioto para me mostrar em primeira mão como antes viviam os aristocratas.

Bowen Dees, a quem conheci num avião, deixou-me ler o seu manuscrito inédito sobre as suas experiências no Japão durante a Ocupação Aliada.

Também estou grato a Allan Palmer por me ter dado o benefício do seu extenso conhecimento sobre a cerimónia do chá e superstições japonesas.

John Rosenfield ensinou-me história de arte japonesa como mais ninguém pode, e fez uma Universidade tão gigantesca quanto Harvard parecer uma pequena faculdade. Agradeço-lhe os conselhos indispensáveis em todo o percurso.

Estou profundamente em dívida para com Barry Minsky, pelo papel valioso que desempenhou enquanto trabalhei para trazer à luz este romance.

Em adição, pelas suas amabilidades, demasiado numerosas para contar, agradeço a David Kuhn, Merry White, Kazumi Aoki, Yasu Ikuma, Megumi Nakatani, David Sand, Yoshio Imakita, Mameve Medwed, a falecida Celia Millward, Camilla Trinchieri, Barbara Shapiro, Steve Weisman, Yoshikata Tsukamoto, Carol Janeway da Knopf, Lynn Pleshette, Denise Rusoff, David Schwab, Alison Tolman, Lidia Yagoda, Len Rosen, e Diane Fader.



## **Sobre o autor**

Arthur Golden nasceu e foi criado em Chattanooga, no Tennessee. Formou-se em Harvard em 1978 em História da Arte, especializando-se em arte japonesa. Em 1980 fez um Mestrado em Artes - História japonesa, na Universidade de Colúmbia, onde também aprendeu chinês-mandarim. Depois de um Verão na Universidade de Pequim, foi trabalhar para uma revista em Tóquio. Em 1988 fez um Mestrado em Artes - Inglês, pela Universidade de Boston. Viveu e trabalhou no Japão, e desde essa altura tem ensinado escrita criativa e literatura na área de Boston. Vive em Brookline, Massachusetts, com a mulher e os filhos.

# Table of Contents

[Rosto](#)

[Nota introdutória](#)

[Memórias de uma gueixa](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)